

ANAIIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 81

1961



DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO — 1964

OS MANUSCRITOS
DO BOTÂNICO FREIRE ALEMÃO

CATÁLOGO E TRANSCRIÇÃO



Francisco FREIRE ALEMÃO de Caneiros, Campô Grande,
zona rural do Rio de Janeiro, 23 jul. 1797 / 11. nov. 1874.

ANAIIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 81

1 9 6 1

OS MANUSCRITOS
DO BOTÂNICO FREIRE ALEMÃO

Catálogo e Transcrição

por

Teófilo Damasceno

e

Waldir da Cunha

INTRODUÇÃO

O botânico Freire Alemão	
Centes e terras do Mandauá	9
Do faim à medicina	13
O crescimento da planta	15
Fastígio	19
Das coisas tristes	23
Expedição ao Ceará	25
Cantos a Martins	27
O ramo tombado	31
Advertência	37

CATALOGO

Documentos biográficos	41
Correspondência ativa	47
Correspondência passiva	64
Correspondência alheia	82
Miscelâneas científicas	86
Monografias e comunicações	87
Estudos botânicos	93
Papeis da expedição ao Ceará	
1. Diários	94
2. Notas e informações	95
3. Notas documentais	99
4. Desenhos	101
Notas várias e documentos interessantes	103
Trabalhos de autoria alheia	108

TRANSCRIÇÕES

Correspondência ativa	115
Monografias e communicações	
[Madeiras do Brasil]	159
Descrição botânica da planta chamada vulgarmente <i>gôlo</i> em português; e na lingua indigena <i>gigoga</i>	174
Tentativa duma historia das florestas da Provincia do Rio de Janeiro	177
Apointamentos [sôbre a conservação e corte das madeiras de construção naval]	179
Relação de algumas árvores que floresceram de 1848 a 1849	187
Lagunivosa; <i>Zollernia maculata</i> (esp. nova)	195
Papéis da expedição ao Ceará	
Notas sobre Fortaleza e Paracatuba	195
Viagem à Fazenda da Manguba	235
Viagem a Mucuripe	239
Céreas, culturas e madeiras da região de Paracatuba	241
Apanha do café. Povoamento de Pacatuba	245
Viagem a Vila Velha e Barra do Ceará	249
Inverno do Ceará	253
Passeio a Jacaré	255
Ascentão à Serra da Aracatuba	258
Viagem ao Rio Baú	262
Subida ao Jarobá	267
Passeio ao Cumbe	270
Visita ao Cumbe	273
Paisagem e costumes do sertão	279
Pássaros no Vale do Jaguaribe, de Aracati até Icó	281
Notas sobre a cidade de Icó	283
Visita ao Engenho Formoso. O corte do Boqueirão	291
A agricultura na freguesia de Lavras	295
Subida a Serra do Araripe	298
Descrição da cidade do Crato	300
Cultura do arroz. Praga de medos	301
O inverno no Cariri	306
Chuvvas no Ceará	308
Conceitos populares a respeito de tesouros e riquezas do país	311
Sentimento da gente do Ceará a respeito da Comissão	315
Indole e costume dos indigenas	314
Sentimento dos cearenses para com os estrangeiros	316
Excursão até as matas da Timbaúba, que ficam daqui pouco mais de uma légua	318

Lembrança das plantas que ontam vinhos à beira do caminho vindo de S. Benedito	321
Diversos modos de suspender a rede no Ceará	323
Plantas colhidas no caminho entre o rancho Capêba e a vila de Quatiguaba	325
Notas sobre Vêa Viçosa, antiga Sotavém	327
Notas sobre a localidade de Meruoca	332
Canindé, vila, na ribeira do rio Canindé	335
Notícias sobre o povoamento e o desenvolvimento de Batutiré	338
Povoamento da Serra de Batutiré	343
Introdução do café na Serra de Maranguape	346
Cauna	347

INDICES

Índice do Catálogo	353
" das "Estados Borbônicos"	359
" da "Flora Cearáense"	369

O BOTÂNICO FREIRE ALEMÃO

TERRAS E GENTES DO MENDANÇA

No terceiro quartel do século XVIII, graças a sucessivas incorporações de terras e benfeitorias, delinea-se na freguesia de Campo Grande a Fazenda do Mendança. O Capitão Francisco Caxiano de Oliveira Braga acrescenta possesões de Manuel da Costa Guimarães (1763), Francisco de Araújo de Andrade Santa Maria (1764), João Vaz Pinheiro e Francisco Marcelino Freire (1777). O penúltimo é ainda seu meeiro quando, pouco antes de 1790, o Padre Antônio do Coito da Fonseca torna-se proprietário da vasta região agrícola cujo núcleo fôra o engenho fundado por Luís Vieira de Mendança — este, por sua vez, membro de uma família que possuía amplas áreas do sertão de Guaratiba e adjacências.

No emaranhado notarial de compras, vendas, posses e partilhas de terras nas freguesias rurais do Rio de Janeiro, vamos encontrar entre 1710 e 1720 o nome do Capitão Manuel Freire Alemão de Cisneiros¹. Comprou e vendeu terras no Engenho de Nossa Senhora da Graça (Itajá), mas comprou as submetida na freguesia de Nossa Senhora do Destino de Campo Grande. Em 1711, com 125 braças de testada e 1500 de sertão, a Antônio de Oliveira; em 1717, com outro tanto a João de Oliveira Sampaio, sendo senhor também, no mesmo Guandu-Mirim, duma fazenda e engenho de açúcar com 750 braças de testada por meia légua de sertão, havidos da viúva de Manuel Rodrigues Alvarenga. Essa fazenda, vendeu-a depois a Antônio Furtado de Mendonça, reservando-se 50 braças e as duas outras porções.

1. Em português. Arrumadas terras (engenhos e currais de gado) tomadas em represália a Martin Correia de Sá e Benevides, em princípios do século XVIII. Esse ocorre por segunda vez ao rei, em 20 de novembro de 1713, para que se lhe restituam os bens, como fôra ordenado: "... E porque osus endere se não têm até o presente executado por respeito da suplicação que é um homem poderosissimo, cõgulo e insolente, pede a V. M. ...". ("Cartas Régias, Sumarias". BHd. Nan., S. Mai., II-31, §.1 n.º 21)

Na "Relação" produzida por Monsenhor Piravó (cf. n. 3) surge um Capitão Antônio Freire, que recebe sesmada no Rio Setaú em 1657, e um Antônio Freire que obtém igual concessão em Morubai, em 1724. É provável que se trate de pessoas distintas, aparentada a segunda com o Capitão Manuel Freire.

São essas 200 braças, aumentadas para 325 pelo próprio Manuel Freire ou por seu filho Francisco Marcelino Freire, que, vendidas por este, passam, em 1777, à propriedade de Francisco Cactano de Oliveira Braga.

Não há dúvida que havia na família Freire Alencão uma tendência ao empobrecimento, pois quando o Padre Antônio do Coito da Fousca desenterra-se do Mendanha, João Joaze Alencão, neto do "régulo e insolente" Capitão Manuel Freire, será um simples lavrador naqueles domínios, como de resto já declaradamente o eram seus pais, Francisco Mateolino e Leonor da Câmara, segundo consta da escritura de venda de suas terras².

Foi no Logeio do Rio Grande, propriedade de Pimenta Sampaio, em Jacatapaguá, que o Padre Antônio do Coito da Fousca teve primeiro mente seu sítio. Ali conheceu D. Guilomar, filha de uma sítante das proximidades, ela com trinta anos, pelo menos, e ela orçando quinze.

Da ligação entre ambos nasceram os filhos Manuel Pimenta, Francisco Cactano e Antônio, engendrando-se ainda Feliciano Angélica. O primeiro nasce no Rio Grande e, como revela o próprio nome, tem por padrinho o senhor do engenho, Pimenta Sampaio, o segundo, no Mendanha, antes porém que o Padre Coito ali se radicasse. Segundo consta dos manuscritos de Freire Alencão, sua avó Guilomar fora levada àquela fazenda expressamente para ter esse filho, o qual, batizado por Francisco Cactano de Oliveira Braga, foi deixado em sua casa, onde se criou.

De volta ao sítio do Rio Grande, nasce a terceira filha, Antônio, que, ao chegar à idade do entretimento, já se encontra morando no Mendanha, em terras tomadas a prazo pelo Padre e Francisco Cactano. Isto seria por volta de 1784³. Pouco depois o Padre Coito adquire, em duas etapas, as terras dos mezeiros Francisco Cactano e João Vaz Pinheiro. Dessa época deve datar o engendramento de Feliciano Angélica, futura mãe do botânico Freire Alencão⁴.

Na paisagem agreste do Mendanha, que encheu a infância de Francisco Freire Alencão, ganha a figura do Padre Coito da Fousca traços inapagáveis. Ao seu volta, a sua atividade, ao seu espírito pioneiro voltará sempre a lembrança do naturalista: "... era homem de um gênio arrebatado, e insofrido:

² Cf. Gardi, nº 792.

³ Na *Relação das Sesmarias da Capitania do Rio de Janeiro, Extraída dos Livros de Sesmarias e Registros do Cartório do Tabelião Antônio Teixeira de Carvalho. De 1568 a 1796* (letra de Manoel Barreto de Araújo e publicada na *Revista do I. H. C. B.*, t. LXIII, 1^a parte, consta, à p. 153: "Reverendíssimo Padre Antônio do Coito da Fousca ratificação de várias dadas de terras na freguesia do Rio Grande e obreje entre a dama do Sr. Martin Fernandes e do Capitão Angélica Coelho Cam. em 16 de setembro de 1789".

⁴ Francisco Freire Alencão de Almeiras. Nasceu em 21 de julho de 1797. Quanto ao nascimento de Guilomar e sua conexão gráfica, nenhuma dúvida pode já subsistir à vista da documentação existente.

mas (é esta a opinião em que o senho) leal, franco, e bizarro (cavalleiro) e por isso não era possível viver em paz no meio de gente semibruta, desconfiada, e egoísta".³ "Lavrador inteligente, escogitava, experimentava e adotava os melhores métodos e aparelhos, que nesses tempos aqui se podiam conhecer: de modo que os productos da sua lavoura, primeiro o azeite, depois o café e últimamente o açúcar, eram entre os melhores que apareciam no mercado".⁴ Marcava o entretanto certa instabilidade: após construir máquinas custosas para a produção do azeite, lançou-se ao café e desprezou-as, e logo restringiu ao necessário ao consumo o cultivo do café, quando o atraiu o plantio de canaviais.

Ao ler no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a admirável memória sobre plantas acimatadas no Brasil,⁵ abriu Freire Alencão um parêntese para expressar sua gratidão ao Padre Coito: "Foi meu padrinho de batismo e criou-me em sua casa até o dia de seu falecimento, acontecido em 11 de fevereiro de 1819, cidadão presente e digno de ser lembrado; mas não cabe aqui tudo o que a gratidão e o dever me ordenariam que dissesse a seu respeito".

Era uma grandeza de gerações. Como ele, também a mãe, Felíciana Angélica, tãrã afilhada do Padre, em sua casa vivendo criança e moça, e casando-se no oratório particular da fazenda. O pai, João Freire Alencão de Cisteiros, que dos legados de outra herdeira apenas o apêgo à terra, zelava e administrava a triagem, seca e encaixotamento do açúcar; em troca, deixava o Padre Coito de trabalhar meação da casa que mora.

Originavam a primitiva morada do engenho e nela lhes nasceram dez filhos, pelo menos: cinco homens e cinco mulheres, que iriam, na maior parte, constituir presos ao solo, no duro labor da lavoura. Só Antônio, o primeiro a romper o vínculo da servidão, viverá. Já médico da Santa Casa, fora do chão natal, pois Francisco, também médico, doutorado por Paris, evidenciara, na própria opção que faz pelos estudos botânicos, a força daquele vínculo: será até a morte um homem dos matos e aos seus matos do Mendanha voltará sempre.

Quando da chegada do Padre Coito, era a fazenda "muito bonita: toda a vergem, e parte dos olivais eram pastos, até o rio: tudo o mais eram matas, à exceção das plantações".⁶ Outro não seria seu aspecto, durante a infância de Freire Alencão. O quadro de várzeas e montes, de verdes marizados, o trabalho agrícola, as excursões, a vinda de visitantes, a passagem de tropas que demandavam as Minas Gerais, o solvém de gentes que iam a Santa Cruz, quando lá estava el-rei — tudo isso impressionou a alma sensível do menino Francisco. Num precioso

³ "Memórias sobre o Padre Coito obidas de minha tia Antônia." Cf. *Corol.*, n.º 349.

⁴ "Lista das principais plantas que hoje se acham acimatadas no Brasil." In *Revista de I. H. G. B.*, t. XIX, 1933, pp. 579-578. Cf. *Corol.*, nos 582-602.

⁵ Em sessão solene realizada em 18 de maio de 1836. Cf. *I. G.*

⁶ Cf. n.º 5.

documento que se conserva entre seus manuscritos¹, deixou registradas várias dessas cenas da infância distante, sobressaindo, pela projeção que teria em seu futuro, a descoberta da ciência: "Eu ainda era muito menino quando estêve em Mendanha o Padre Veloso fazendo coleções de Ciências Naturais. Minha tia Antônio tem lembranças fracas d'êle e seus companheiros. Quando eu já tinha alguma inteligência ouvia à gente de casa alguma coisa a êsse respeito, como: que êles apanhavam borboletas e as comprunham entre dois papéis, onde elas ficavam impressas. Eu que então já andava na escola fiz algumas diligências para imprimir borboletas"².

A fixação do ambiente em que transcorreu quase toda sua vida era coisa singular. Através dos anos, indagará, interessado sempre nas minúcias, sobre a terra e a gente do Mendanha. Da tia Antônio, filha do Padre Coito, recolhe as lembranças mais longínquas que lhe pode fornecer a memória da velha: dados sobre a fazenda, sobre o padre desbravador, a história de parentes, as chicanas sobre posses, sobre limites imprecisos — informações que confere com outras tantas de primos, tios e moradores do lugar. Vivendo como sítante em terras que haviam outrora pertencido a ascendentes ou protetores, sentia-as ainda bem suas, ou se sentia bem delas. O espírito curioso e indagador que o caracterizava, fazia-o despendêr dias seguidos na cata de escrituras e velhos papéis notariaes, de cujos apontamentos poderiam ter surgido, se mais fazer houvesse, importantes subsídios para a história da colonização da zona rural carioca.

Naquelas notas autobiográficas deixou também o depoimento sobre os primeiros mestres, figuras de modo geral antipáticas, e a aprendizagem do latim que fazia em casa do Padre Luís Pedreira Duarte. Este, para exímio do recrutamento militar e atendendo a rogos da família, pretendia torná-lo sacerdote. Apresentando resultados satisfatórios no domínio da arte latina, tocou Francisco as primeiras dificuldades, entretanto, na tradução da seleta: "Eu era só, o Padre sem me ajudar, dava-me a seleta marcando a lição e deixava-me, indo dizer a sua missa em Coqueiros (...). Quando voltava para casa ao meio-dia, pedia-me a lição, que eu nunca pude saber. Ele enfurecia-se, ralhava, dizendo que eu não servia para aquilo, que fôsse aprender um ofício, etc. Eu me afli-gia, chorava e maldizia-me"³. Esquivava-se o menino às lições, passando os dias no mato a comer goiabas e a dâ-las ao cavalo, até que se decide a suspender de vez a aprendizagem. Foi talvez seu primeiro gesto de audácia, pelo esforço que, dado o seu temperamento, lhe exigiria. Contava então catorze anos.

¹ "Notícia sobre a minha vida". Cf. *Cartas*, n.º 88. Compreende várias versões. Nota-se baseada Melo Moran Filho para escrever *A vida e o Monte do Bom. Sr. Gonçalves Francisco Freire Alencar Carneiro (pós)* ... Rio de Janeiro, 1874.

² A admiração pelo botânico Frei José Maurício da Conceição Veloso e a remota preferência da infância levaram-no a buscar mais tarde as arduas do naturalista "Portuguez". Cf. *Cartas*, n.º 78).

³ Cf. n.º 9.

Surgindo pelas terras do Mendanha um médico português, Diogo Antônio dos Santos, que ali ficou a ensinar latim ao filho do novo proprietário, dele se aproximou Francisco e mais animoso reconteçou os estudos. Bastante agudeza haveria no mestre para perceber o talento que por trás da timidez escondia o rapaz da roça, porquanto, ordenado padre tempos depois e ministrando latim como professor substituto no Seminário de São José, lembrou-se do aluno perdido nos matos e lhe conseguiu, por intercessão junto ao bispo, matrícula gratuita no estabelecimento.

Era o primeiro ensaio — e na idade já de vinte anos — que lhe surgia de fazer estudos regulares. No Seminário permaneceu, como aluno pobre, de 1817 até 1820, quando lhe é pôsto o dilema: tomar ordens ou interromper o curso. Decide-se pela segunda alternativa.

A ordenação sacerdotal era uma aspiração da família, razão pela qual não se atreve a voltar ao sítio do Mendanha. Dedica-se a dar aulas de latim e primeiras letras a domicílio, do que lhe advém os poucos recursos com que sobrevive na Corte.

Aos vinte e quatro anos de idade, não se lhe percebe um rumo definido. Havia em Freire Alemão um talento singular, uma extraordinária faculdade de observação que, entretanto, não encontravam leito por onde fluir. Queria alguma coisa, mas não seria nada do pouco que no âmbito de seu meio e sua época se oferecia aos espíritos marcados.

A esse tempo, Antônio, o irmão mais velho, lutava contra a pobreza, na busca da carta de cirurgião. Entremeiro do Hospital da Misericórdia, consegue matrícula como aluno interno, levando adiante sua ambição. Repartem, ambos, o pão fraterno, como repartem a pobreza. Pelas mãos de um tentará o outro bater o mesmo caminho, que seria, no caso de Francisco, o da emancipação econômica, mas não o da vocação.

Na "Notícia sobre a minha vida" diz Freire Alemão que nos últimos tempos do seminário lhe viera a idéia de estudar na Europa. Foi ela inclusive estimulada por seu lente de grego, na esperança de assim encaminhá-lo pela via sacerdotal; transformações políticas que entretanto se deram em Lisboa resfriaram-lhe o entusiasmo. A intuição porém permanece alerta. Aos rudimentos de francês trazidos do internato junta os de língua inglesa, satisfatoriamente adquiridos, e os de espanhol. Enquanto isso — corria o ano de 1822 — inicia os estudos de cirurgia.

Por essa época, os estudos médicos, no Rio de Janeiro, deixavam muito a desejar. A Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica, inaugurada em 1808 com a vinda de D. João, destinava-se particularmente a suprir deficiências de cirurgiões empíricos e a preparar, de modo mais sistemático, profissionais para os serviços junto as tropas e no mar. Reestruturada, tempos mais tarde, passou

a exigir longos anos de enduclorla freqüência, ao fim dos quais se outorgava ao aluno a carta de *curugião formado*; por ela se lhe asseguravam certas prioridades, inclusive a de exercer as atribuições específicas do *médico* (tratamento de enfermidades internas) onde não o houvesse. Prioridade relativa, já se vê, porquanto apenas em catejo com sangradores, parteiras, curandeiros e cirurgiões improvisados. As faculdades de *médica*, só a formação na metrópole se assegurava, numa discriminação que perduraria até 1826.

Quando Francisco Freire Alencão obtem sua carta, já a lei do novo império abolira o preceito discriminatório; mas não o seduz de imediato a atividade profissional. A viagem à França continuava a ser um sonho acalentado, malgrado os empecilhos de ordem prática que lhe punha seu estado de pobreza. Essa mesma pobreza viria agora, quando a comprovação e o apoio de parentes e amigos o animavam naquele objetivo, a antepor-lhe outro perigo. Tendo-se valido, durante o curso, da pensão de nove mil e seiscientos réis que se concedia anualmente a doze alunos pobres e distintos, em troca da obrigatoria prestação de serviços na tropa, viu-se em 1827 convocado para acompanhar o imperador na viagem ao Sul do país. É curioso o depoimento que a respeito ele mesmo deixou: "Estava então preparando-me para ir a França estudar; fiquei muito contrariado, e segundo meu gênio, fiz-me esconcedo, e não me apresentei. Estava pois criminoso; peguei-me com João Bandeira de Gouveia, cujas filhas ensinava, o qual me desembaraçou"¹⁴.

Libre do tributo militar, consegue, por interferência do Dr. José Francisco Xavier Sigaud, passagem gratuita num navio de guerra francês. Embarca em outubro de 1828; em fevereiro seguinte chega a Paris.

A medicina éora um acaso na vida de Freire Alencão; mas nem por isso ele a descarta. Nos três anos que passa em Paris obstina-se no estudo, frequentando os cursos de várias ciências científicas em diferentes estabelecimentos. É uma temporada de aperturas financeiras, em que lhe vale a chegada providencial de um velho amigo e condiscipulo: "...foi uma boa ventura para mim, que me achava em grande aperto; com ele jantava todos os dias; ele me adiantava dinheiro para minhas matrículas e me dava mais favores"¹⁵. É também o momento do encontro com sua vocação: em meio às matérias de extrema secura que fazem parte de seus estudos, desvela as aulas de botânica do professor Clarion. Ali se jantavam o pendor para as coisas da natureza e a feição contemplativa que o caracterizava. No exílio a que, em tais condições, lhe deveria saber a vida em Paris, as proteções do mestre lhe despertavam as reminiscências da infância roceira, descedoindo-lhe novamente o mundo agreste do Mendanha.

¹⁴ Cf. n. 9.

¹⁵ Cf. n. 9. O estado do manuscrito não permite uma leitura precisa do nome desse benfício.

Defendida em dezembro de 1831 sua tese sobre a papeira — *Dissertation sur le gôtre* —, Freire Alencão permaneceu em Paris apenas o tempo necessário para receber seu diploma de doutor pela Escola de Medicina. Em seus apontamentos (de época posterior), nenhuma palavra sobre passagens, viagens, diversões: contrangido pela penúria dos recursos financeiros, sua preocupação é voltar o mais breve possível, aliviando de pesado encargo o irmão Antônio, que até o fim o mantivera em Paris. Desembarca na Corte em fevereiro de 1832.

Alterações políticas e culturais haviam tido lugar no país durante a ausência de Freire Alencão. Abdicara o imperador Pedro I, que o doutorando da Universidade de França vira em Paris a andar rumi desenvolver pelas suas trincheiras a Sociedade de Medicina, destinada a incrementar os estudos da especialidade e reacenderam-se os debates em torno da renovação dos estudos médicos, que se consubstanciariam em lei no ano de 1832: por esse instrumento se criavam, no Rio de Janeiro e na Bahia, duas escolas de medicina segundo o modelo francês.

As portas da Sociedade se abrem ao jovem médico, merced de uma dissertação manuscrita sobre o iôdo na cura do bôcio — tema de sua tese de doutoramento —; as da Escola de Medicina, estas as abria a própria lei, que no novo currículo incluía a cadeira de Botânica médica e Princípios elementares de Zoologia. Abertas as inscrições aos concursos do novo estabelecimento, apresentou-se Freire Alencão como pretendente àquela cadeira, por haver "estudado com alguma especialidade este ramo das Ciências Médicas"¹⁴.

Não se conhece a tese defendida pelo candidato; sabe-se apenas que não teve concorrentes¹⁵ e que a 10 de junho de 1832 era nomeado para o lugar, com o ordenado anual de um conto e duzentos mil réis. Tinha ele então trinta e seis anos de idade.

O CRESCIMENTO DA PLANTA

"Eu era de uma timidez infantil, curubescia por qualquer coisa e isso ainda já tinha maturado. Eu tinha disso grande vergonha e desgosto". A confissão é da velhice e refere-se aos tempos da infância¹⁶.

Não era apenas um tímido, mas também modesto, também parco. Veja-se por exemplo o despretenso da referência, no requerimento em que se candidata à cadeira da Escola de Medicina, ao fato de haver estudado "com alguma especialidade" o assunto... É verdade que por ele jamais pudera inte-

¹⁴ Cf. *Catal.*, n.º 6.

¹⁵ Cf. n.º 9.

¹⁶ Cf. n.º 9.

ressar-se antes das aulas de Clarion; mas é também verdade que antes da reforma de 1832 não ligavam os estudos botânicos em nenhum currículo do país. E o mesmo mestre que se declarava aprendiz, só começando a estudar plantas após o concurso, alguns anos mais tarde apresentava-se ante os Brignolli, os Martius, os Saint-Hilaire, pedindo-lhes um juízo a respeito de seus exercícios litográficos...

Em 1834 começa a fazer esboços, reconhecidamente "muito imperfeitos, muito incompletos", de plantas que colhia à volta da cidade. Muitos desses ensaios não chegaram a ser guardados: só a partir de 1839, quando havia já estudado algum tanto de desenho com o Diemer e dispunha de obras botânicas, passou a colecionar os trabalhos¹⁷.

Fruto de paciência e de humildade, as folhas em que rasinhava suas experiências e observações foram somando-se através do tempo. Em 1867, de quando datam as últimas, davam matéria de alentado estudo. Eram milhares de folhas, sabe Deus quantas tantas horas de análise, de cuidados, de consultas e cotêjos. Dezesseite tomos, onde se encontra a história de não poucas espécies arbóreas, ou florais, acompanhada através de anos. A vida de cada espécime emanava calor, pois era sentida num círculo humano e afetivos: o vegetal estava ligado à existência do próprio sábio, ao âmbito de suas relações domésticas. Ao falar d'ele, *Freire Alemão* integra-o no campo de sua vida e deixa escapar uma observação sensível, um pormenor de certa topeira:

"As plantas que se acham aqui estudadas... foram colhidas na madrugada de 15 de maio, indo para o Mendanha, e nos 3 dias do Espírito Santo em que lá estive. Desta viagem me ficou na agradável e saudosa lembrança, devida sem dúvida ao estado de meu espírito então; porque nem há outra razão lhe acho"¹⁸.

"Onem vindo da cidade por moléstia, jantei com o mano João, e vim para Mendanha de tarde. Colhi em canieiro à beira da estrada para cá de Campiinho um ramo da Sapotácea arbustiva? (*Mimusops*); estavam as flores todas abertas, e exalando um cheiro forte e suave. Vi em Afonsos um pé de Jemipapo carregado de frutos. Entrando para o sítio do mano João estava uma mirtácea com frutos; é arbustiva, os frutos são pequenos, e em maduros da cor quase da Jaboticaba. Antes havia visto algumas outras mirtáceas carregadas de flor, são as que tenho desenhado... Voltando da casa do mano colhi, antes de chegar a estrada, ramos com flor duma *Erythroxylum*. E quase ao sair a estrada defronte da cancela da Fazenda dos Afonsos, está a pequena árvore de que Manuel Freire ora estuda os frutos: estes em estando bem maduros são de cor quase negra"¹⁹.

¹⁷ Cf. Catál. n.º 605. A declaração está em I, 4.

¹⁸ "Esp. Botân.", I, 190.

¹⁹ "Esp. Botân.", I, 214.

Veja-se ainda a minúcia posta nas indicações sobre um jequitibá contornário de que estudara um ramo florido. Era um daqueles gigantes das matas que o apaixonamento e que em breve o levaram a dedicar-se quase que exclusivamente às árvores de madeira de lei: o tronco, dezeto palmos de circunferência, com uma altura estimada em oitenta palmos, além de quarenta dados à altura da copa.

Freire Alemão faz da amostra recolhida uma análise exaustiva, que se ameniza pela beleza do desenho aquarelado. E esse estudo, como tantos outros, vem precedido de um toque afetivo que integra o objeto num ambiente humanizado: "Ramo colhido a tiro do jequitibá, que está junto ao Rio Guandu, no Mendanha, sítio que foi de meu pai, e hoje do Chão Joaquim — abaixo do lugar onde foi antigamente o caso de um infante canhoto. Esta árvore assim como outras da mesma espécie se deixaram à beira do rio (hoje existem 3 e há nova) quando se fizeram as derrubadas das matas virgens. Isto foi mais de 60 anos, com o fim de tirar tábuas para as casas de açúcar"²⁰.

O estudo é de 1846. Três anos depois, lançava o botânico, no ato do desenho, a nota de que o espécime não florescera até então; em 1850, dizia ter florescido, e "floresceu" em dezembro de 53; "está florescendo" (janeiro de 56); a mesma nota em novembro de 57; em setembro de 62: "está com flor", e, finalmente, em janeiro de 67: "está com flor"²¹. Durante vinte anos, ao saber das estações, cumpria o jequitibá seu ciclo, e durante vinte anos acompanhava-o o ansioso cuidado do botânico.

Não foi um caso apenas. No porpassar das folhas dos dezessete tomos em que ficaram esses estudos vamos deparando com inúmeros outros. Fazendo de suas observações um novo hábito, incorporando essa atividade à própria vida, fez Freire Alemão de seus rascunhos uma espécie de diário botânico e, por senti-los realmente parte de sua existência, por eles derrama as ondas de calor e afecção de que não escapa uma página sequer. A planta estava no centro do seu interesse, era o objeto permanente de sua contemplação. Por confundir-se assim com sua própria vida, passou também a constituir elemento de interesse e curiosidade de todo o círculo doméstico. Os irmãos, sítantes, da zona rural, quase todos, enviavam-lhe galhos de plantas desconhecidas; os marceiros reservavam-lhe flores e frutos de espécimes em observação, e dos parentes, dos amigos chegavam-lhe florinhas silvestres, abóboras gigantes, excentricidades vegetais as mais diversas. Em 1859 anota numa das folhas de seus "Estudos Botânicos", a respeito da flor da batata inglesa: "Ramo florido, metido a pé n'água em um copo, há já quatro dias, em todas as tardes ao anoi-

²⁰ Ao tempo do Padre Couto da Fonseca. Na sua infância presenciou ainda Freire Alemão algumas dessas derrubadas, conforme depoimento a Saldanha da Gama. Então, as vítimas eram os iricibás, destinados a auletes para o trabalho urbano.

²¹ "Escr. Botânica", IV, 54.

toet fechem as flôres, que no dia seguinte amanhecem abertas. Hoje o quarto dia já não abrem perfeitamente. Esta observação foi feita pela marea Policena, que conserva o ramo em água"²².

Em 1840 iria o acaso ainda uma vez favorecer Freire Alencão. Tendo adoecido subitamente o jovem imperador e não estando presente o médico de plantão, recorreu-se ao mestre, ocasionalmente ocupado em suas aulas da Escola de Medicina. Tal prestação de serviço outorgou-lhe, como de praxe, a distinção de ser nomeado médico da câmara imperial. Outros horizontes se abriam para o humilde camponês que continuava êle sendo.

Cada semana que entrava de serviço era aproveitada, nas largas horas de sossego, para enriquecimento interior. Ora no Paço da cidade, ora na Quinta de São Cristóvão, na Fazenda de Santa Cruz ou no Palacete de Petrópolis, perdia-se no estudo, freqüentando a biblioteca imperial, herborizando pelas redondezas ou fazendo observações meteorológicas.

Havia nêle uma curiosidade singular. Homem simples, conversador rati-vante, agradável-lhe o convívio ameno, por tudo se interessava, anotava tudo. Desses fragmentos de conversas, dessas indagações, desse entregar-se ao fluxo das tertúlias ficaram muitos rascunhos²³, em que se juntam informações sobre assuntos os mais diversos: a entrada clandestina, no país, de obras proibidas; reuniões de conspiradores no tempo do conde de Resende; logtadouros do Rio de Janeiro; artifícios e botânicos; a construção do palacete da Quinta; riquezas vegetais; banditismo; o desembargador Diniz; o marquês de Maricá, etc. Anota fatos curiosos, assiste a derrubadas, inventaria termos de carpintaria, estuda etimologias indígenas, desenha ferrolhos e dobradiças... Tudo lhe interessava; nas suas indagações, valia-se tanto dos contos quanto da gente do povo.

Da viagem que em 1843 faz a Nápoles, como membro da comitiva encarregada de conduzir para o Brasil a futura imperatriz Teresa Cristina, traz apontamentos da jornada, notas sobre cidades e desenhos de túmulos. Não era pois de estranhar que naquele espírito em constante vigília visse o imperador uma natureza afim: a distinção de o haver, com tão curto convívio, es-collido entre os demais para missão assim honrosa, se manifestaria com mais intensidade no correr dos anos. Admiração e afeto marcam o trato desses dois seres. E Freire Alencão quem acompanha as princesas em suas excursões ma-tinais; é êle quem lhes ministra as primeiras lições de botânica. A curiosidade intelectual da imperatriz procura no mestre, a quem oferece orquídeas, suas respostas e respostas é o que lhe pede o imperador na avidez de tudo apreender. Está nos "Estudos Botânicos" o depoimento:

²² "Est. Botân.", III, 36b.

²³ Cf. *ibid.*, IV. Notas órfãs e Documentos interessantes.

"No dia 9 de junho de 1855, pelas 5 horas da tarde S. M. o Imperador quis ir ver um famoso jiquitibá que está nas matas de Andaraí, chácara dos senhores Marques (sua mãe que ainda vive chama-se Luísa?) e com efeito lá foi acompanhado pelo seu camareiro Cabral, o seu guarda-roupa Miranda Rêgo, e eu, que estava de semana: o acompanhou também o senhor Marques (o doutor em Medicina) e o outro mais velho.

Fui chegando ao pé dessa árvore, da qual pendem, ou a que se encostam, a figueira, e outra planta que eu não conheci, reparou S. M. que havia flores nos ramos que eram dessa desconhecida, e me perguntou — que flores são aquelas? Eu, prevenido, e pensando que aquela planta devia ser também da natureza das figueiras (porque seu caule, ou antes raízes, tem toda a semelhança com o das figueiras) respondi que eram folhas e não flores. Mas logo que nos chegamos abaixo da árvore, vimos o chão cobrado de flores magníficas vermelhas, que logo resolvi ser de *ãa Orombacea* [sic], o que muito me admirou, e reparando então para cima reconheci que o que S. M. tinha visto eram estas flores. Colhemos algumas no chão; e mandando-se buscar a casa a espingarda, e com tiros dados 2 por S. M. e dois por mim, tiramos algumas mais frescas. Os ramos desta planta que tinham flores estavam despidos de folhas; alguns porém, mais baixos, ou mais à sombra, estavam vestidos de folhas e não tinham a só flor. São as flores inodoras; carnosas, emarnadas.

Chegando a casa logo as examinei e fiz estes esboços. Mas hoje, 12 de junho estando aqui no Engenho Velho é que as pude examinar mais detalhadamente em o microscópio, um lente; e reconhecer que é *ãa espécie de Eriodendron*, que julgo nova" ²⁴.

Seria prazerosa ao imperador a companhia daquele homem simples, modesto, naturalmente afável, que guardava intactas, no trato cortês, as virtudes de sua origem rural, e que na longa convivência com os grandes e poderosos jamais pleitearia favores nem vantagens nem distinções. Estas, se vieram, foi no silêncio da surpresa e como preito a seu merecimento.

FASTÍCIO

Ao publicar seu primeiro estudo botânico — o da *Drypetes sessiliflora* ²⁵ —, precedeu-o Freire Alencão de palavras bem esclarecedoras da disposição com que se lançava ao desbravamento de um campo tão pouco penetrado como o seu. Havia quatro para cinco anos empenhava-se nos matos com intuito de descobrir árvores que, por sua florescência incerta, ou por sua altura, ou por sua inacessibilidade pudessem ter escapado ao exame dos botânicos estrangei-

²⁴ "Est. Botân.", XII, 136.

²⁵ Cf. *Min. Brasil*, vol. II, n.º 24, 15 out. 1841, p. 377.

ros. Não era pequena a colheita obtida, aliantava, possuindo já em seu herbário muitos exemplares aparentemente novos, segundo as obras de que dispunha e a opinião do Dr. Riebel, botânico prussiano entre nós radicado.

A afirmação deixa claro o propósito do mestre do Mendanha: não se limitava a ser um "professor de Botânica", pretendia ser um "botânico" e carrear para a ciência uma contribuição pessoal, o que se torna mais evidente com a declaração de dois fins: "ouvir sobre elas (as suas descrições) o parecer dos botânicos, e de pôr data ao descobrimento, se éle existir" (isto é, assegurar-se a autoria da identificação de espécimes). Seriam acompanhados os trabalhos de desenhos feitos por éle próprio à vista da planta fresca, compensando-se assim a imperfeição artística pela exatidão dos caracteres e do hábito externo da planta.

Oito anos havia do concurso para a cadeira da Escola de Medicina; por oito anos, muito de acôrdo com sua natureza esquiua e seus hábitos viciados, mostrara-se Freire Alemão apenas como o professor honesto e eficiente; ministrava noções teóricas e exemplificava suas aulas com as plantinhas "recolhidas nos arredores da cidade". Entretanto, de alguns anos para então, começara a meter-se pelas matas virgens, a assistir a derrubadas, a marcar árvores e a destinar-lhes guardiões — matutos do Campo Grande ou mateiros do Bangü.

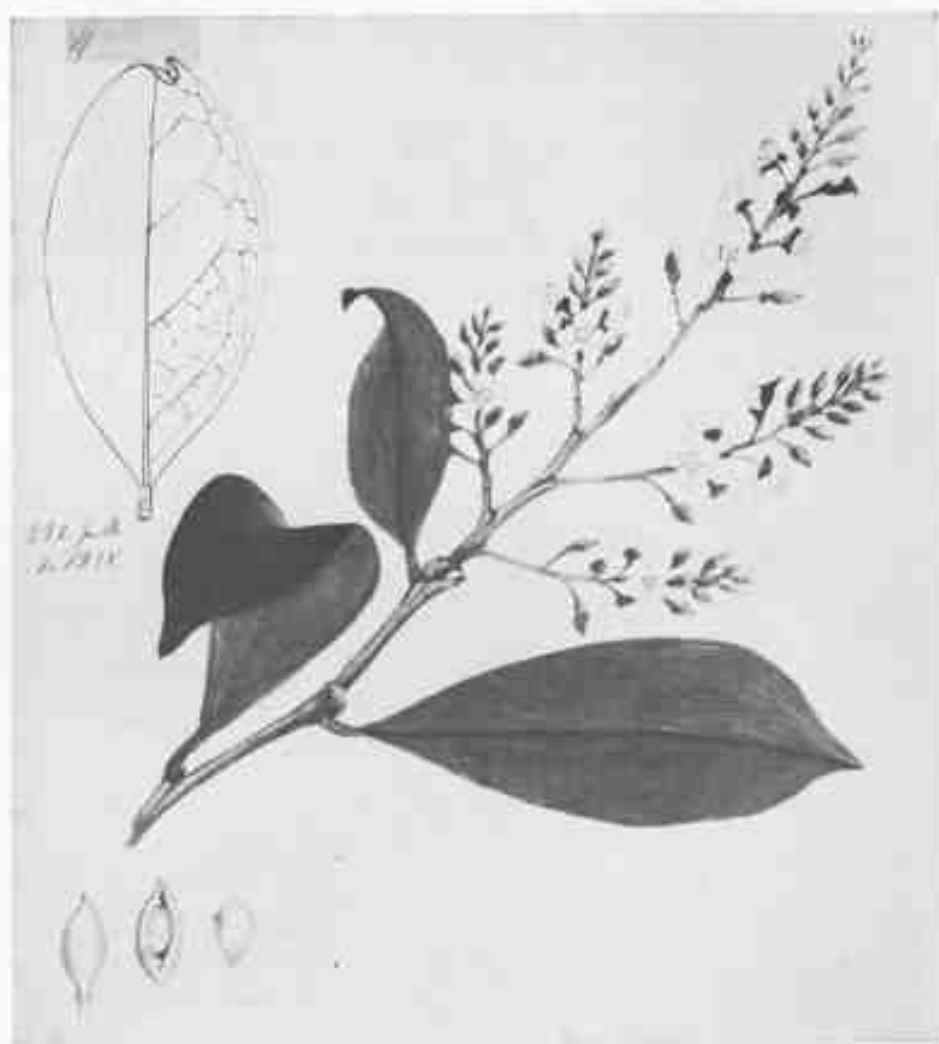
De posse de um razoável número de plantas desconhecidas, pôde então, nos vagares que lhe permitiam o magistério e o atendimento à casa imperial, dedicar-se às "modestas tentativas" de classificação. Na *Minerva Brasileira* publicaria aquêlle primeiro estudo e alguns mais. Isto feito, ouviria "o parecer dos mestres".

A publicação da *Drypetes sessiliflora* inaugura a fase a que se poderia chamar de projeção e que consiste na classificação de plantas novas ou poucas estudadas. Vai de 1844 a 1850. Nesses sete anos, onze espécimes são propostos aos naturalistas europeus, a Martius particularmente, com quem Freire Alemão se corresponde.

Quando em 1865 escreve a Jean Conect, relacionando os seus trabalhos publicados, refere quinze plantas originaes, acrescentando-lhes a *Azorella Pernambuco* de Arruda da Câmara, que divulgara no *Arquivo Médico Brasileiro* em 1846. São portanto mais quatro estudos, apenas, que imprime depois daquele período, devendo-se considerar que três dêles — *Ferreira spectabilis*, *Myrsopernum erythroxylum* e *Soaresia nitida* — têm sua elaboração datada de 1851. Mais afastado — de 1857 — é o derradeiro (*Acanthinaphyllum strepitans*, bainha-de-espada), a que Freire Alemão chamara, em seus borrões, *Hexadenia ferax*²⁴.

A vista dos dezessete tomos de seus "Estudos Botânicos", não deixa de causar estranheza o reduzido número de plantas publicadas, quando se sabe

²⁴ Cf. *Catál.*, n.º 587.



Zollernia mesotaila. O desenho aquarelado, de grande beleza, foi um dos estudos que precederam a descrição da planta em 1858. Acompanha-se de breve nota em latim.

encontrar-se ali uma verdadeira soma botânica, resultante do trabalho diário de cerca de trinta anos. Levou-se em conta, entretanto, o fato de que os meios de divulgação foram sempre difíceis ao sábio do Mendanha; as impressões eram custosas, conseguidas de favor; os desenhos e litografias feitos não raro pelo próprio autor. Ainda assim, não são poucos os estudos praticamente acabados que se encontram naqueles tomos ou em avulsos. De 1849, por exemplo, é um "Estudo de uma Euforbiácea colhida nas margens alagadiças de Itaguaí"²², sem nome vulgar, e de 1859 a descrição da *Zaltemia maritima* (maria-preta), só agora divulgada²³.

Os anos de 1851-53 marcam o ingresso de Freire Alemão num campo mais ambicioso, o das "memórias". Sem abandonar o trabalho rotineiro de observação, estudo e classificação das plantas, ordena o farto material de análise microscópica da organização vegetal. Reunira-o no ano anterior, quando, fugindo à epidemia de febre-amarela, passara alguns meses no Mendanha. Oito memórias, das nove elaboradas, pertencem a esse período; tratam da estrutura dos pelos, dos vasos, do caule, das flores, dos frutos, das folhas, etc. Já em 1847 redigira um "Esboço para uma memória sobre os cactos", também incluída nos "Estudos Botânicos"²⁴.

Dessas memórias, permaneceram inéditas a referente ao caule das *Nictaginas* (4.^a), a que trata das folhas em duas espécies de *Guarea* e na *Citrus decumana* (7.^a) e a que versa a formação do sistema vascular (8.^a). Da sexta memória, jamais publicada, não se tem qualquer idéia, visto não constar dos manuscritos de Freire Alemão. Uma primeira e única memória de natureza carpológica, não datada, ficou também inédita. Era, como as demais, trabalho pioneiro, entre nós²⁵.

O período de 1851-53 assinala por outro lado a preocupação de sistematizar uma série de trabalhos referentes à história das árvores florestais. Ao assunto se afeiçoara desde cedo e ambicionava compor um *Arboretum* ou *Arborarium Fluminense*, como antecipa em carta a Martius²⁶. Vinha de 1847 a importantíssima relação "Madeiras do Brasil", mandada ao amigo; em 1849 escrevera uma primeira "tentativa" sobre o assunto e um estudo a respeito de corte e conservação de madeiras²⁷. A observação paciente da florescência das árvores constitui assunto da também valiosa relação encaminhada ao naturalista alemão em novembro do mesmo ano. Em 1851, afinal, consubstanciando

²² Cf. *Opst. Botân.*, VI, 112.

²³ Cf. *Catál.*, e *Transcr.*, n.º 359.

²⁴ Cf. VII, 38.

²⁵ Cf. *Catál.*, n.º 634.

²⁶ Cf. *Catál.*, e *Transcr.*, n.º 142.

²⁷ Cf. *Catál.*, e *Transcr.*, n.ºs 365, 600 e 602, respectivamente.

o material pertinente, lê na Sociedade Velosiana os "Apontamentos que poderão servir para a história das árvores florestais do Brasil, e particularmente das do Rio de Janeiro", trabalho a que volta no ano seguinte em nova leitura e a que segue uma "Comunicação sobre árvores florestais" ²³.

No ano de 1853 pleiteia e obtém o botânico sua jubilação na Escola de Medicina. O afastamento do magistério significará para ele desvantagem financeira (a tal ponto, que cancelará a subscrição da *Flora Brasiliensis*), mas por outro lado lhe proporcionará o vagar necessário para dedicar-se por inteiro à Botânica. Faz planos, anseia por voltar a seus matos. Já no Mendanha, no sítio da tia Antônia, escolhe um lugar no morro, onde começa a fazer uma casa. Põe-lhe o nome de Porangaba — lugar bonito, ou de boa vista.

É em Porangaba, cercado e a cavalcão de seus matos nativos, que Freire Alemão inicia a terceira fase de seus trabalhos. A jubilação devolvera-o à liberdade da roça, donde só se afasta para cumprir a semana de médico da câmara imperial e assistir às reuniões da Sociedade Velosiana, entidade nascida de sua determinação e a que se dedicava apaixonadamente.

Voltava assim à origem, assentando no chão natal do Mendanha os pés de camponês, que o tempo e a alternância da vida entre o mato e a Corte tornavam já cansados. É talvez a única fase de verdadeira tranqüilidade em sua existência. Nos altos de Porangaba, à sombra de seus ipês, na companhia daquela "tia Antônia" que surge a cada anotação de seus "Estudos Botânicos", cercado da morna ternura de irmãos fiéis ao solo, como que se reintegra no bucólico mundo da infância e reencontra as sombras dos entes mais caros; o pai lavrador, a mãe mal lembrada e, dominando tudo o mais, o Padre Antônio do Couto da Fonseca, desbravador, pioneiro, que dentro em pouco fixaria de forma indelével em páginas de crudição histórica.

Em dezembro de 1852, cometera-lhe o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do que era sócio correspondente desde 1839, o seguinte ponto para desenvolvimento: "Quais são as principais plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?"

Pouco dado talvez aos trabalhos de extensa redação, fôsse pela escassez de tempo, fôsse pela confessada pachorra; voltou mais para a vida da sua Velosiana, já não se valera Freire Alemão da *Revista* do Instituto para a divulgação de obra mais ambiciosa.

A questão, como fôra proposta, pareceria à primeira vista bem simples: mas não deixava de ter sua imprecisão. Aceitando a incumbência de explaná-la, decidiu-se Freire Alemão por lhe restringir os limites, em proveito do aprofundamento. Focou a atenção em três plantas: a cana-de-açúcar, o café e o chá ²⁴.

²³ Cf. *Calêl.*, nos 571, 575 e 577, respectivamente.

²⁴ Cf. *Calêl.*, nos 833-335.

Da consulta à bibliografia histórica, aos documentos inéditos: das indagações, das conjecturas, dos cotejos, em que despendeu três anos, resultou a memória lida no Instituto em 16 de maio de 1856, em presença do Imperador. É um trabalho definitivo, que deleita pela forma castiça, pela elegância de sua arquitetura, mas que sobretudo impressiona pela erudição. A história da introdução dessas plantas no Brasil nada mais há que acrescentar.

DAS COISAS TRISTES

Em 1848 Freire Alemão já falava a Martins de seu projeto de reunir numa associação algumas poucas pessoas interessadas nas ciências naturais. Chamava-lha Sociedade Velosiana, em homenagem ao patriarca dos estudos botânicos no Rio de Janeiro, Frei José Mariano da Conceição Veloso, cujo nome se prendia também às suas mais remotas lembranças da infância no Mendanha. Em 1850 foram vencidas as derradeiras dificuldades, instalando-se definitivamente o grêmio no mês de outubro. O periódico almejado para a Sociedade Velosiana jamais pôde ser publicado, mas nas páginas do *Guahabara* imprimiram-se os mais importantes dos trabalhos lidos em sessões da entidade.

A Velosiana compreendia quatro seções — de mineralogia, de botânica, de zoologia e de língua indígena —, que foram preenchidas com figuras científicas de relevo, como Frederico Leopoldo César Burlamaque, Cândido de Azeredo Coutinho, Custódio Alves Serrão, Vandeeli, Riedel, Serpa Brandão, Guilherme Schuch de Capanema, E. J. da Silva Maia, Descomitiz, Antônio Manuel de Melo e Inácio José Malta, na qualidade de sócios fundadores, além de nomes distintos de fora da Corte: Correia de Lacerda, Saldanha Marinho, Beaupaire Robau, Carlos Engler, Augusto Leverger, etc. A Freire Alemão, como era natural, coube a presidência da Sociedade Velosiana, cabendo a Capanema a secretaria.

Embora de duração efêmera, pôde a Velosiana atingir um de seus objetivos imediatos, que era o de congregar estudiosos e esquivar-lhes o trabalho. De seus membros foi Freire Alemão o mais laborioso, apresentando novas memórias a cada sessão, levantando questões a serem debatidas e prestigiando, por força de seu gênio compreensivo, os tentames de quantos, embora mais jovens ou afastados do centro cultural que era a Corte, viam na existência da instituição uma possibilidade de ressonância para seus exercícios científicos.

Em 1855 a Sociedade Velosiana praticamente deixa de existir. Apesar do esforço de Freire Alemão, rareiam seus colaboradores e o próprio sábio, reconhecendo o fato consumado, retrai-se, esperando melhores dias para tentar dar nova vida à entidade. Virão os anos calmos de Porangaba, e com o sossego do campo, a superação das decepções.

Homem sempre disposto a colaborar com todas as iniciativas em prol das ciências, vemos-lo já em 1856 participando da fundação da Palestra Científica, associação de âmbito mais largo que a da Velosiana, mas nem por isso mais duradoura. A influência de Guilherme Schuch de Capanema, seu mentor, junto ao monarca, possibilita à Palestra um veículo para a divulgação de trabalhos, a recém-criada *Revista Brasileira*. Nela voltará Freire Alemão a apresentar novas descrições de plantas e memórias lidas na antiga Velosiana; nela publicará o único estudo de natureza zoológica que escreveu em toda a vida ³⁵.

A beira dos sessenta anos de idade, haveria o sábio de aspirar à quietude do ocaso. Encheram-se-lhe a vida, de repente, de tristezas: decepções, que sua alma sensível sofria mais acentuadamente, mortes no círculo doméstico, reconhecimento da inviabilidade do labor científico, aperturas financeiras, males do corpo — tudo contribuía para combalir-lhe o ânimo. Nos "Estudos Botânicos" deixou registrado mais de uma vez o que lhe ia na alma; nada mais doloroso, entretanto, do que o episódio da morte da jovem Virgínia (filha adotiva, seguramente) ocorrida em dezembro de 1855. Nas cartas a parentes, nas expressões de consolo destes, nas frases lançadas em meio às descrições botânicas, vê-se bem o que no conhecimento havia de pungente: "Lavado em lágrimas, com o coração oprimido de dor lhes partilho que ontem se entorrou o corpo da nossa infeliz Virgínia..." escreve ele à mana Policena e as sobrinhas; "Minha querida Virgínia sepultou-se ontem pelas 5 horas da tarde. Não sei donde me virá consolo a esta perda!" diz ao mano João. À prima Florinda confidencia: "Esta notícia (a da morte), que escrevo passando de aflições, e com os olhos rasos de lágrimas, entendi que lhe devia logo dar, porque também me ajudaste (sic) a criá-la; e ela que nunca se esqueceu desse benefício lhe há de merecer uma lágrima de saudade". E dias depois, agradecendo ao vigário de Campo Grande manifestações de conforto: "... perda dolorosíssima de um ente que criei em meus braços, e a quem tomei a mais doce afeição..." Em meio às anotações dos "Estudos Botânicos" lançara Freire Alemão em 24 de outubro daquele ano esta frase: "Fago este esboço estando com a minha Virgínia à morte" ³⁶. Páginas adiante, noutras notas de 1 de janeiro de 1856 sobre certa rubiácea, intercalou ele (quanto tempo depois?) palavras ainda emocionadas: "quando eu colhia esta planta tinha o coração envolto em tristeza e os olhos rasos de lágrimas" ³⁷.

Estranho, não obstante, que ao rascunhar a "Notícia sobre a minha vida" silenciasse a respeito do episódio, como estranho — bem mais ainda, talvez —

35 *Maginatus reclusus*. *Rev. Brasil.*, t. I, 1857, p. 211. Os apontamentos haviam sido lidos em sessão da Sociedade Velosiana. Agora esse estudo, de que não ficou manuscrito, só dois outros trabalhos zoológicos se encontram entre os papéis de Freire Alemão: o primeiro, sobre um inseto ("*Est. Botân.*", VI, 1); o segundo, uma aquavéria de ave dos bujos, o sabacó (*id.*, VII, 21).

36 III, 56.

37 III, 56.

que, multiplicando-se nos "Estudos Botânicos" os esclarecimentos sobre lugares, pessoas e situações, nenhuma referência exista que desperte a lembrança do pai, morto por volta de 1856, ou da mãe, que chegara a ver o futuro botânico a preparar-se para a medicina.

Do retiro de Porangaba, onde os desgostos lhe zoldavam a velhice, iria Freire Alemão sair muito breve. Estruturara-se em 1856, nas salas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma expedição científica destinada a devassar o interior do país — o Nordeste especialmente — e para a seção de botânica indicou-se o nome do solitário do Mendanha. No ano seguinte veio-lhe designado para presidente da comissão exploradora, sobre a qual descera o beneplácito do monarca e para a qual se abriram as caixas do Tesouro. Delongas de variada razão demoram a partida dos exploradores, que só ocorre em princípios de 1859. Nesse meio tempo, solicita-o ainda uma vez o apêgo imperial.

Reformara-se na Corte a Escola Central Militar, em cujo currículo se restabelecera a cadeira de Botânica e Zoologia. Nos seus matos de Campo Grande recebe Freire Alemão, em 1858, a designação para a regência da matéria, não lhe valendo escusas nem alegações. Eram de novo os vaivéns, as longas jornadas, as canceiras do ensino. Mas o Ceará está à vista e logo se interrompe esse labor.

EXPEDIÇÃO AO CEARÁ

Atravindo a atenção do mundo científico, as terras americanas constituíam havia já algum tempo objeto de estudo por parte de expedições estrangeiras. No caso do Brasil, não poucas informações atinentes às ciências naturais deviam-se mais ao trabalho de expedições europeias que à empresa nacional. A idéia de se criar uma comissão exploradora integrada por naturalistas brasileiros era, pois, pioneira. A sugestão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro não fôz fôz apoio governamental nem a esse apoio diligência. Em pouco se concretizava a idéia, estruturava-se a expedição, escolhiam-se-lhe os componentes, concediam-se-lhe verbas e aparelhava-se ela com o que de mais moderno havia no instrumental científico da Europa.

Compunham-na cinco seções: a Botânica, a Geológica e Mineralógica, a Zoológica, a Astronômica e Geográfica e a Etnográfica e de Narrativa da Viagem. À frente de cada uma delas, o que de mais expressivo havia entre os nossos homens de ciências: Freire Alemão, Guilherme Schuch de Capanema, Manuel Ferreira Lagos, Giacomo Raja Gabaglia e Antônio Gonçalves Dias. Ao primeiro, já pela idade, já pelo prestígio internacional de que desfrutava, coube a presidência da Comissão. Onze ajudantes e um pintor completavam a relação básica de seus componentes.

O alvo inicial da expedição fôz motivo de demoradas discussões; pensava-se na penetração de províncias interiores através de algum de nossos grandes

rios; prevaleceu no entanto a idéia de se tomar o Ceará como campo experimental e ponto de irradiação. Nessa escolha final, venceu a suposição da existência, na província, de grandes reservas metalíferas, a que a imaginação popular, a lenda bibliográfica ou a observação superficial emprestavam proporções invulgares.

A Comissão Científica deixou o Rio de Janeiro em princípios de 1859: em fevereiro já se achava instalada nas salas do Liceu Cearense, em Fortaleza. Durante dois anos e meio realizou trabalhos que, malgrado as críticas apaixonadas, justificariam as verbas que lhe concederam os orçamentos. Fatores diversos impediram que melhor se aproveitasse não só a experiência como seus frutos, que se dispersaram sem utilidade compensadora: material botânico, mineralógico, zoológico, iconográfico, bibliográfico, etc., teve, em parte, o destino de museus e órgãos próprios, mas extraviou-se em não pequena parcela.

Não cabe aqui o estudo da Comissão Científica⁶⁴; interessa-nos apenas acompanhar o desempenho de Freire Alemão a testa da Seção Botânica.

Desde a chegada a Fortaleza exercita o velho mestre toda a sua capacidade de trabalho. Estuda plantas, faz observações sociológicas, indaga, anota, transcrevendo, pelo seu espírito naturalmente perscrutador, o campo que lhe era reservado. Minucioso, metódico, prossegue em seu hábito de estudar e trabalhar cotidianamente. Graças a essa honestidade profissional, o rendimento da Seção Botânica foi incomparavelmente maior que o das demais.

Sexagenário, não se lhe alteram os métodos de trabalho. Colhida a planta, examina-a, descreve-a e desenhava imediatamente. Dessa disciplina, resulta a soma de seus apontamentos: cerca de setecentos estudos botânicos foram realizados durante a estada no Ceará. Nem sempre espécimes novos: muitos deles repetidos; mas os nove volumes em que se distribuíram, segundo um critério cronológico, esses apontamentos, valem por um diário científico e emulam com os dezesseis tomos dos "Estudos Botânicos" referentes à flora do Rio de Janeiro.

A esses escritos, haveria que juntar a grande quantidade de notas decorrentes de indagações, pesquisas, transcrições, etc., a que, curioso, observador, se entregava sempre Freire Alemão. A conversação era para ele um meio de conhecimento. Por mais despretensiosa que fosse, proporcionava-lhe matéria para reflexão e estudo. Das pessoas com que prava, da gente com que se deparava, recolhe informações de natureza histórica, sociológica, econômica, etc. Anota o preço de mantimentos, a qualidade das águas, as espécies do gado, os conceitos de moral, a índole da população, os fatos políticos, as espécies zoológicas, os costumes indígenas, tudo, em suma. Dessa quantidade de registros que dormiam no ineditismo poderiam surgir ainda subsídios de não pouca valia para a história política e econômica do Ceará.

⁶⁴ Veja-se a propósito o bem documentado trabalho de Ruyter Braga, *História da Comissão Científica de Exploração*. Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

Completando as observações botânicas e de natureza sociológica, conta expressivamente entre os papéis do naturalista o seu diário. Resumindo notas avulsas, ampliando lembretes, lançou ele nessas páginas tudo o que lhe pareceu de interesse: itinerários, contactos, incidentes, depoimentos, etc., sucedendo-se cotidianamente num período de trinta meses, com riqueza de informações e de minúcias pouco encontrada.

Trabalhador não menos incansável, apaixonado também pela Botânica, foi-lhe valioso colaborador no Ceará, como o era antes e o seria por algum tempo depois do regresso à Corte, o sobrinho Doutor Manuel Freire Alencão. Embora morto prematuramente, evidenciou qualidades profissionais invulgarres, interessando-se em particular pelas plantas medicinais. Seus escritos apresentavam inclusive certa elegância de estilo, que nem sempre anda a par do conhecimento científico.

De volta ao Rio de Janeiro, em agosto de 1861, ocupou-se Freire Alencão na discriminação das doze mil plantas secas trazidas do Ceará, publicando pouco depois os estudos a respeito de algumas consideradas novas. Sob o título *Trabalhos da Comissão Científica de Exploração, Seção Botânica*, aparece em 1862 o "1.º folheto", com três descrições e uma monografia do Dr. Manuel Freire Alencão: "Considerações sobre as plantas medicinais da flora cearense". De 1864 é o "2.º folheto", a que se deixou de juntar o artigo sobre plantas medicinais em virtude de, com a morte do jovem Manuel Freire, terem ficado desconexos os respectivos apontamentos. Em 1866 saíria ainda um "3.º folheto", mas circunstâncias políticas impediriam o prosseguimento das publicações.

Em 1862, um volume inicial da série de *Trabalhos da Comissão Científica de Exploração*, com o subtítulo de *Introdução*, reunira ao histórico dos trabalhos desenvolvidos no Ceará os relatórios das Seções Botânica, Geológica e Zoológica. Constituiu, com os três folhetos botânicos, a única documentação do vulto que se imprimiu. Não chegaram sequer, talvez, a ser escritos os relatórios das outras seções. Frustrou-se dessa forma um cometimento pioneiro que, se experimentou a crítica e a incompreensão de alguns, não deixou de contar com o amparo oficial e o estímulo altruístico de Pedro II.

CARTAS A MARTIUS

O primeiro contacto de Freire Alencão com naturalistas estrangeiros data de 1840. Pelo teor da carta que escreve a Giovanni di Brignoli (30 de setembro) vê-se que partira d'este a iniciativa da correspondência. A carta é cerimoniosa, sem informações de maior interesse, da mesma forma que a segunda, escrita em latim no ano seguinte. A viagem à Itália permitiria o encontro com algumas figuras do círculo científico, mas não seriam duradouras as relações posteriores, salvo com Michele Tenore. Somente em 1844, quando

tem em vias de publicação os primeiros estudos litográficos, é que Freire Alemão ativa o intercâmbio, e é pelo maior dos mestres, Carlos Frederico Martius que se inicia realmente a troca de informações. O trazo epistolar com Martius será prolongado, embora lacunoso: estende-se de 1844 a 1867. Foram trocadas vinte e nove cartas, sendo dezessete de Freire Alemão.

Pela primeira carta do brasileiro (20-7-1844), vê-se que também aqui partira do europeu a iniciativa do contacto. Posto que confessando-se hontado com a missão, revela desembaraço, indagando, levantando dúvidas, opinando e reservando-se para posteriores definições. Era já um homem razoavelmente seguro de seu assunto.

Embora pronta a série inicial de estudos, demorava-se na *Mítima Brasileira* a impressão da primeira planta, de forma que foi aquela carta desacompanhada de material litográfico; só com a segunda (20-12-1844) seguitiam as descrições — três²⁰ —, lamentando Freire Alemão que não pudesse mandar também o estudo sobre o pau-perceira (*Geissospermum Velosum*), que sairia poucos dias depois no *Arquivo Médico Brasileiro*²¹.

O pau-perceira despertava o interesse de Martius, já anteriormente pedira informações a respeito, mas Freire Alemão, que via no espécime contradição com a classificação tradicional, protela qualquer resposta, dando a planta como sujeita ainda a estudo. Com efeito, ao publicar sua descrição, afirmava constituir género novo — *Geissospermum* — caracterizando pelo arranjo das sementes. Nem *Tubernaculenta*, como a classificara Veloso, nem *Fallesia*, como a cria Riedel, embora não muito discrepante da primeira.

A consciência de que começava a pisar com firmeza num campo em que pontificavam verdadeiros sábios não altera em Freire Alemão aquela pureza do berço nem as linhas — tão belas — de seu carácter. Ao mestre que da Europa o descobre na humilde do magistério, confessa suas deficiências, revela seu embaraço e pede ajuda. Propõe-se a assinar a *Flora Brasiliensis*, apesar do grande sacrifício que lhe exigirá o alto custo da obra; solicita relação de obras sobre ciências naturais do Brasil, "principalmente de autores brasileiros", das quais Martius esteja disposto a se desfazer; declara humildemente que se via na contingência de desenhar e litografar ele mesmo suas plantas, porquanto lhe pediam vinte e cinco mil-réis pela gravação de cada desenho. Contemplado assim, entendeu-se como verdadeira candura a declaração feita numa carta a Fischer, Director do Jardim Botânico de São Petersburgo, em 1847: "Começo a provar a indizível satisfação de me ver elogiado e estimulado por homens eminentes nas ciências, o que considero como o melhor prêmio de minhas fadigas, e que me impõe o dever de continuar com mais zelo e obstinação"²².

²⁰ *Dryopteris acrostichifolia*, *Pleocoma acuminata* e *Andropogon novibundus*, Cf. n.º 25 e Catál., nos 548 e 549.

²¹ Cf. Catál., n.º 550.

²² Cf. Catál. e *Tratado*, n.º 95.

Na segunda carta a Martius, adianta Freire Alemão duas notícias promissoras: primeira, que, após a consulta aos sábios europeus e a aquisição de mais domínio do assunto pretendia recorrer à proteção imperial para editar uma obra botânica; a segunda, que se encontrava em seu poder preciosa coleção de desenhos de Arruda da Câmara, em cuja divulgação pretendia empenhar-se⁴². Acompanham tais informações notas e desenhos sobre as plantas que se encontravam em ordem imediata de publicação: o pau-perceira e o maririçó (*Pourchon fluminensis*)⁴³. Demorou-se o aprontamento da segunda, que seria publicada em dezembro de 1846, de forma que na terceira carta (22-6-1846), escrita muito à pressa para valer-se de um portador, seguiu apenas o *Geissospermum Vellosii* e a primeira planta de Arruda.

A carta de 13 de maio de 1847 — quarta — é das mais interessantes dessa correspondência, porquanto de seu texto se depreende que Martius discutia superiormente os problemas que lhe pareceriam saltar das classificações de Freire Alemão, como no caso da *Arrudaea fluminensis* e do maririçó — discussão que de resto era igualmente bem sustentada por seu correspondente. Mais valioso, porém, é esse documento pela informação de que junto seguia uma relação de árvores do Brasil⁴⁴, de cujo estudo se ocupava Freire Alemão e que resultara de alguns anos de observações e apontamentos.

Tal atitude, que hoje nos causa estranheza, espelhava bem a simplicidade de alma do naturalista. Não fôra esta a primeira antecipação de estudos inéditos, como vimos; nem seria a última. Dêse despreendimento nasceu a afirmação, da parte de alguns, de que Freire Alemão, tendo contra si o ineditismo de certos trabalhos, era espoliado em suas descobertas, e chegou-se a atribuir a ele próprio palavras de ressentimento em relação a Martius.

Ora, o desabafo, cuja veiculação partiu de seu discípulo e colega José de Saldanha da Gama⁴⁵, parece ter sido mais uma decorrência do entusiasmo do apologista que expressão da verdade. Não se encontra em nenhuma das cartas a Martius — e aqui se transcrevem todas elas —; não se coadunava com o intuito moral de Freire Alemão; não seria justo para com o naturalista da *Flora Brasiliensis*, que sempre teve pelo brasileiro uma afeição realmente profunda. As relações entre os dois sábios iam além do mero intercâmbio científico; havia nesse contacto certo calor humano, Martius queixava-se da ausência de noli-

⁴² Escreveu-o Freire Alemão ao Doutor Manuel Hedebrando Gomes. Cf. *Arch. Mus. Brasil.*, t. II, n.º 7, mar. 1846, p. 146, onde, em nota prévia à publicação da *Arrudaea Peruviana* de Arruda da Câmara, se encontram apontamentos do autor.

⁴³ Cf. *Catál.* n.º 353.

⁴⁴ Cf. *Catál.* e *Transcr.*, n.º 353.

⁴⁵ Cf. "Biografia e apreciação dos trabalhos do benéfico brasileiro Francisco Freire Alemão", in *Revista do I. H. G. B.*, t. XXXVIII, parte 2.ª, 1875, pp. 51-126.

cia, protestando que seus fascículos da *Flora* deviam ser considerados "epístolas impressas"; a mesma queixa fazia nas cartas a outras personalidades, das quais indagava sempre de Freire Alemão, reiterando a adoração que lhe dedicava. Em 11 de abril de 1863, escrevendo ao cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, assim se manifestava: "Este sábio (Freire Alemão), há muitos anos que não me participa notícias suas, mas eu não deixei [de] mandar-lhe minhas *epístolas impressas*, as continuções da *Flora Brasiliensis*. Hei de receber com sumo agrado tanto o relatório da Comissão Científica do Ceará como amostras das plantas por ele descobertas e que deviam entrar na *Flora Brasiliensis* naturalmente sempre com o seu nome"⁴⁶. E em 12 de julho de 1865: "Desejo muito que o célebre Doutor Freire Alemão tenha a bondade de comunicar bem cedo as suas descobertas botânicas no Ceará, para poderem entrar [na] *Flora Brasiliensis* que me ocupa sem interrupção"⁴⁷.

O comportamento de Freire Alemão não decorria, de forma alguma, de animosidade. Choques emocionais, dissabores em sua vida particular, incomprensões na esfera administrativa abalavam-lhe, desde havia algum tempo, o ânimo para o trabalho, como veremos mais adiante. Era de índole confessadamente pachorrenta; devia tudo fazer pelas próprias mãos, daí que protelesse constantemente o atendimento aos pedidos que lhe fazia Martins. Mas a afirmação contida na última carta ao naturalista germânico (11-1-1867) contraria de plano o lendário desabafo: "Eu devo aqui confessar-me penhorado do que Vossa Senhoria tem feito a meu respeito fazendo publicar na sua magnífica *Flora do Brasil*, em meu nome, quanto lhe tenho mandado em manuscrito".

Como se vê, Freire Alemão antecipa a Martins, no correr de vinte anos, estudos botânicos que nem sempre chegaram a ser publicados; o reconhecimento pela honesta atribuição de autoria ocorre não só na derradeira, mas também noutras cartas.

A relação de madeiras do Brasil foi motivo de consultas, discussões e esclarecimentos a partir da sexta carta do brasileiro. O fato de que se hajam alienado do espólio científico de Freire Alemão os autógrafos de Martins elide muitas das questões por ele levantadas a respeito dos espécimes relacionados: somente através das respostas pode-se debruçar de sua importância.

Se a quinta carta (7-12-1847) era apenas pretexto para o envio das duas últimas plantas publicadas no Rio de Janeiro (*Silva navalium* e *Myrocarpus fastigiatus*⁴⁸), essa sexta (30-6-1848) é prenhe de assuntos. Comentários sobre as plantas já publicadas, sobre o oiti, que tanto interessava a Martins, sobre a floraescência das árvores florestais, etc. Pedese notícia sobre a vida e a obra

⁴⁶ Biblioteca Nacional. S. Ms., 1-5,9,61.

⁴⁷ Biblioteca Nacional. S. Ms., 1-5,9,62.

⁴⁸ Cf. *Cartas*, n.ºs 556 e 557, respectivamente.

de Frei Leandro do Sacramento e a etimologia de algumas palavras com vistas a um compêndio de botânica — obra que se inseria nos propósitos de Frei Alemão. Depreende-se ainda do texto que Martius se prontificara a enviar ao amigo uma série de livros científicos alemães. A correspondência deixara de seguir na ocasião prevista, razão por que foi junto com a seguinte — bem curta — (21-9-1848), na qual se menciona o envio de nova descrição impressa — a da *Urucurana* (*Hieronyma alchorneoides*)⁴⁹ — e se dá outra informação significativa: a de que Frei Alemão cogitava reunir alguns poucos que se ocupavam com as ciências naturais e "formar um núcleo, ou começo de uma Sociedade" cujo nome, em homenagem ao autor da *Flora Fluminensis*, seria "Sociedade Velosiana". Reconhecivelmente o mais difícil, mas imprescindível, havia de ser a manutenção de um periódico próprio, a que se chamaria *O Precursor*. Veledades, talvez; mas desejava comunicá-las para que de certo modo se sentisse obrigado à sua execução.

Em novembro de 1849, mais de um ano após a precedente, Frei Alemão escreve uma das cartas mais substanciais: além de duas novas plantas publicadas⁵⁰, seguia uma relação de árvores que haviam florescido naquele ano e no anterior — subsídio de tanta valia quanto o catálogo das madeiras que mandara a Martius em 1847. Comenta diversas plantas, principalmente dentre as estudadas por Frei Veloso e aponta correções tipográficas que se devem fazer na *Flora velosiana*. Notícia desalentadora é a da interrupção do periódico em que publicava seus trabalhos, o *Arquivo Médico*.

Segundo se depreende das missivas imediatas, essa carta não chegou às mãos de Martius. Dois anos depois, à falta de resposta, Frei Alemão torna a escrever (28-11-1851), manifestando sua apreensão, da qual só sairá em julho do ano seguinte, quando, por uma carta do correspondente, terá confirmação do extravio dos papéis. Não só as descrições, como também amostras de ramos secos, flores e frutos diversos, além de um exemplar encadernado da *Flora Fluminensis*, haviam tido fim desconhecido, muito embora houvessem sido entregues aos cuidados da casa Laemmert.

Essa carta de 1851, curta, inquieta, é também um documento bem humano: estando às vésperas da jubilação na Escola de Medicina, e conseqüentemente com seus ordenados muito reduzidos, confessa-se o velho mestre impossibilitado de manter a subscrição "de uma obra tão cara", como a *Flora* de Martius, o que fazia, conforme suas próprias palavras, com bastante pesar "e não sem alguma vergonha".

A décima carta (21-7-1852), da qual se deduz a confirmação, por Martius, do extravio do material botânico, impugna de vez a alegação de ressentimentos no trato entre os dois botânicos. Há nas palavras de Frei Alemão incontestá-

⁴⁹ Cf. Gardl., n.º 539.

⁵⁰ *Myocarpus fruticosus* (Ólco-pardo) e *Ophthalmobolus macrophyllum* (Santa-Luzia).

vel alegria em ver reatada a correspondência: "Agradeço a Vossa Senhoria sumamente a maneira obsequiosa, com que me trata: e fico muito satisfeito com se dissiparem as minhas apreensões e suspeitas de que Vossa Senhoria tivesse alguma razão para suspender a sua correspondência comigo, quando eu não podia descobrir em minha consciência qual seria essa razão". E mais adiante, após transcrever a carta e a relação de árvores, que se haviam perdido: "Daqui a dois ou três meses lhe escreverei devagar; teremos longamente que conversar".

A conversa foi retomada no mesmo ano (22 de fevereiro). Ciente de que a Freire Alemão lhe era impossível continuar com a subscrição da *Flora Brasiliensis*, como constrangidamente lhe confessara, prontificou-se Martius a lhe oferecer daí para diante os fascículos da obra. Fundara-se a Sociedade Velosiana, cujos trabalhos eram provisoriamente publicados no Guanabara; aqui saíra, entre outras coisas, uma relação de árvores de construção, algo mais adiantado que os dois catálogos precedentes¹¹.

Desolando-se pela imperfeição desses apontamentos, Freire Alemão antecipa seu fim: "são por ora preparativos para uma obra definitiva, que se Deus me conservar vida e saúde, pretendo fazer; e que será intitulada — *Arborum et Arboretum Fluminense*; porque aí só me ocuparei das árvores florestais, e da construção". O vinhático amarelo (*Echynasperrum Balthazari*), o oiti (*Sorcerer nitida*) e o tatu (*Pera incharata*) eram as novas descrições que oferecia a Martius e cuja leitura fizera na Sociedade Velosiana.

Contrariamente ao de 52, tão proveitoso para seus trabalhos, o ano de 1853 foi-lhe de esterilidade, segundo declara em novembro desse ano. A quase nenhuma floração das árvores, o desarranjo de sua vida particular, as diligências para a jubilação, etc., influíram nesse pouco rendimento.

Mas não fora assim tão desalentador esse ano. Os trabalhos lidos na Sociedade Velosiana e a publicação de algumas plantas novas contrariariam seu pessimismo.

A declaração deve ser tomada mais como exteriorização melancólica em relação à vida prática: jubilado por essa época, Freire Alemão se deparava com problemas financeiros ponderáveis, que já o haviam levado antecipadamente a suspender a subscrição da *Flora Brasiliensis*. Do ponto de vista científico, 1853 foi ano até bem propício. As memórias então publicadas iria Martius referir-se elogiosamente, como se depreende da carta que em 20 de fevereiro de 1855 lhe escreve Freire Alemão: "Muito folguei que meus ensaios botânicos anatômico-fisiológicos chamassem sobre si alguma atenção dos sábios da Europa: isso nos anima a progredir, e a fazer novos esforços, dos quais não aspiramos a outro prêmio".

A *Hieronyma alchorneoides* volta a ser objeto de reparo por parte de Martius, no que toca à sua inclusão entre as eutorbiáceas, reparo que aliás é

¹¹ Cf. *Cat.*, nos 371 e 373.

aceito por Freire Alemão. A criação de um gênero novo para a planta, entretanto, é sustentada pelo brasileiro, embora submetendo-a ao juízo do mais experimentado.

Uma exposição dos caracteres do fruto e do embrião da *Machara affinis* — arseses da *Flora Brasiliensis* —, que transcrevera de seus borrões, completava as notas científicas de mais importância desta carta. Escrito em fevereiro, só em junho seguiria o autógrafo, por obséquio do barão de Capanema, então de viagem à Europa, conforme se vê do bilhete de 4 de junho.

A preocupação manifestada por Freire Alemão de escrever a Martius pelo menos uma vez por ano nem sempre se concretizou. Para isso contribuía, em parte, a expectativa das respostas; mas no fundo, o que realmente ocasionava a irregularidade da correspondência era a índole preguiçosa, a feição acomodática do brasileiro, pelas quais solta e meja intimitava o clima tropical. Em resposta às notícias de 1855, recebe Freire Alemão, quase ao mesmo tempo, duas cartas de Martius: uma de 1856 e outra de 1857. Só em janeiro de 1859 — quatro anos passados — tornará à correspondência, não sem justificar tão longo mutismo com as atribulações de sua vida particular. Maior que todas era a volta ao magistério, chamado que fora para reger a cátedra de Botânica na Escola Central. Uma novidade, que não deixaria de entusiasmar-lhe, havia por contur a expedição científica em vésperas de partida, cuja finalidade era a exploração de algumas províncias do Nordeste ("uma expedição de aprendizado, e de experiência para habilitar alguns moços a trabalhos ulteriores, e talvez mais importantes").

Mais quatro anos passaram até nova carta. Só a 20 de janeiro de 1863, encerrada já a tão criticada expedição, o botânico retoma a pena para comunicar a Martius os primeiros resultados de seu trabalho no Ceará. Não se fizera ainda o arrançamento metódico das amostras colhidas; mas, à vista da quantidade de espécimes e da delonga que exigiria sua classificação, resolvera ir publicando aquelas plantas que lhe parecessem novas ou mal conhecidas.

Considerando sua idade avançada e as dificuldades materiais com que teria de se defrontar, pressentia Freire Alemão a inexequibilidade da publicação completa dos estudos, mas ficaria para outros o acabamento da empresa.

Em 1862 saíra da tipografia, juntamente com um tomo introdutório, de caráter histórico, o primeiro fascículo sobre a flora cearense. Era este que acompanhava a carta dirigida a Martius. Três plantas apenas — a aroeira, o pirauá e o pau-branco — figuravam no folheto, mas uma extensa e bem feita monografia de Manuel Freire Alemão, sobrinho e discípulo do mestre de Mondanha, reforçava a qualidade da publicação.

Dois fascículos mais se imprimiriam nos anos de 64 e 66, e são esses que vão destinados a Martius pela carta de 14 de janeiro de 1867.

Apresenta-se o sábio alemão a comentar em 53 as plantas do primeiro fascículo; só agora se abalauçava Freire Alemão a debater as considerações que

lhe haviam sido feitas. A classificação das plantas iniciais se fizera um tanto dubitativamente, e as arguições de Martius encontram até certo ponto, como se depreende, assentimento ("dócil me submeto ao juízo dos que sabem mais do que eu").

Carta lúcida, serena, que impressiona pela clareza das idéias, pela nobreza de atitudes, revelando aos setenta anos de idade um homem de corpo inteiro. A humanidade, que o faz submeter-se ao juízo dos mais doutos, fá-lo também retribuir seu reconhecimento pela distinção de ver seus manuscritos honestamente aproveitados na *Flora Brasiliensis* e mais uma vez insiste na manutenção do apego e da amizade com que Lora sempre contemplado. Está no limite de sua capacidade intelectual, no extremo da resistência física. Sem ressentimentos, encerra com esta carta seu contacto com o mundo científico europeu.

O RAMO TOMBADO

Quando volta do Ceará, está Freire Alemão com sessenta e quatro anos de idade. A estada no Nordeste, malgrado as conseqüências físicas, os aborrecimentos, representara para ele algo de animador. Das numerosas notas ali colhidas, vemos formar-se a imagem de um homem bem-humorado, pôsto que discreto, conversador e sensível à graça feminina. O reencontro com o Rio de Janeiro, se lhe traz a alegria do convívio familiar e da casa de Portugalho, traz também a dura realidade do magistério na Escola Central, com as viagens fatigantes e o roubo de tempo ao estudo de suas plantas. Pensa renunciar de vez ao ensino, mas cede a considerações persuasivas.

Em 1862, por incumbência oficial, viaja através de alguns municípios Iluminenses com o objetivo de estudar certa praga que devastava as plantações cafeeiras; em 1865 morre-lhe o sobrinho, em quem via, senão um continuador de seus trabalhos, um confrade de maiores perspectivas. Esse golpe, mais que os dissabores de vária natureza que se lhe deparam, deve tê-lo inclinado ao casamento com a sobrinha Maria Angélica, no ano seguinte: sentindo as sombras que lhe descem ao redor, tomado de ardores físicos, busca nesse enlace o amparo afetivo de cuja falta a índole melancólica e o sentimento de solidão se ressentiriam.

O trabalho na Escola Central, por outro lado, traz-lhe em 1866 contrariedade incontornável, que o faz decidir-se de vez pela demissão. Tendo pleiteado, à vista de seu tempo de serviço, o afastamento e a melhoria de proventos como professor jubilado da Escola de Medicina, vira absurdamente contrariada a pretensão, o que o levou à atitude extrema.

Ainda uma vez manifestou-se a superioridade do imperador, à revelia do qual se teriam passado aqueles fatos. A nomeação para o cargo de diretor do Museu Nacional, que se dá logo após, era uma conseqüência tácita à injustiça que atingira o velho sábio.

São anos tristes os que se seguem. Um provável derrame cerebral inicia a derrocada daquele espírito de tão impressionante lucidez, revelada em toda seu porte ainda recentemente, na carta que dirigira a Martius em janeiro de 1867. Demora-se a maior parte do tempo em Porangaba: dali tenta inútilmente responder a uma carta de Araújo Porto-Alegre; desalinham-se-lhe as frases, foge-lhe da memória até o nome do amigo. Em 1872, escreve a Baillon: "A minha moléstia, que foi uma sorte de apoplexia, me pôs em miserável estado, e muito surdo, muito esquecido, com a cabeça perdida, mal posso escrever em francês". No ano seguinte, preparando-se para esperar no sossego do chão natal o remate de seus dias, despede-se convidadamente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: "Achando-me no ano 76 de minha idade, e afligido de moléstia grave do cérebro, e sem esperança de restabelecimento, é de meu dever, enquanto me resta algum alento, vir agradecer ao Instituto os favores que lhe devo, e dar-lhe o meu triste adeus". Quase ao cabo da vida, a mesma humildade e a estóica resignação que o fazia suportar as dificuldades de ordem material, a pobreza em que nasceu e em que sempre vivera. De tal estado fala com mais veemência a frase lançada ao final da última versão da "Notícia sobre a minha vida": "Eu na idade de 76 anos, passados, doente e cansado, devo retirar-me, e esperar o termo de minha existência". Datou-a de fevereiro de 1874. Em fins desse ano acometeu-o um segundo "ataque de cabeça", que o prostraria de vez na madrugada de 11 de novembro.

DARCY DAMASCENO

ADVERTÊNCIA

A COLEÇÃO

Os papéis de Freire Aleuão incorporaram-se ao patrimônio da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em diferentes épocas. Os "Estudos Botânicos" já figuravam na Exposição de História do Brasil de 1881; de 1913 é o grosso do acervo: correspondência ativa e passiva, documentos biográficos, papéis da expedição ao Ceará, etc. Destino diverso e desconhecido tiveram dois grupos de documentos: os desenhos de cenas de viagens feitos pelo botânico no Ceará e as cartas de naturalistas estrangeiros.

A correspondência ativa compõe-se, salvo nos casos que no *Catálogo* se indicam, de cópias autógrafas; a mantida com botânicos europeus foi transcrita em código pelo Autor, por volta de 1868 (S. Mss., 13,2,15), sendo entrado na Biblioteca Nacional em 1895.

O CATÁLOGO

Em I. *Documentos biográficos*, exceção feita aos n.ºs 23, 33, 47, 49, 53, 60 e 61, são originais todas as peças.

Em II. *Correspondência ativa*, são originais os n.ºs 66, 168, 185 e 203; os demais, cópias autógrafas. Os n.ºs 185 e 203 pertencem à Coleção Gonçalves Dias.

Em III. *Correspondência passiva* e IV. *Correspondência alheia*, são cópias os n.ºs 337, 463, 502, 533 e 540.

São autógrafos todos os docs. dos itens V-IX, à exceção de uns poucos impressos, como adverte o respectivo verbete.

Em X. *Trabalhos de autoria alheia*, são cópias os n.ºs 811, 819, 815, 816, 818-822, 826-829, 832, 833, 835 e 837.

Sob o item VIII. *Papéis da expedição ao Ceará*, agruparam-se apenas os apontamentos originais de Freire Aleuão. Em qualquer dos demais itens, excetuados I, V e VII, ocorrem também documentos relativos à Comissão Científica de Exploração.

Os documentos titulados tiveram respeitada essa característica, que vai asspçada ou em itálico. Fora desse caso, o enunciado do verbete ou os títulos entre colchetes procuraram sempre reflectir o assunto da respectiva peça.

A EDIÇÃO

Actualizou-se a orthographia dos documentos, respeitando-se entretanto os casos de oscilação fonética (ex., sepepira/sipipira; descuberto/descoberto; hervário/herbário; etc.).

Os termos científicos guardam a forma original; palavras ou expressões latinas, de duvidosa grafia, foram igualmente respeitadas.

Em *Transcrições*, elegeram-se peças inéditas: dentre essas, as que apresentavam melhor acabamento redacional, para a parte botânica; para a relativa à expedição ao Ceará, escolheram-se os documentos que, em conjunto, offerecessem a imagem de uma realidade viva.

Da correspondência activa, seleccionaram-se as cartas a Martins e algumas endereçadas a outros naturalistas europeus; dessas, traduziram-se as escritas em francês. Excepcionalmente, reproduziu-se a carta a uma das irmãs, em vista da relação que guarda com as peças referentes ao Ceará.

Nos índices organizados para os dezessete tomos dos "Estudos Botânicos" e para os nove da "Flora Cearense" pretendeu-se registrar todos os nomes — botânicos e vulgares — identificadores das plantas estudadas. A intenção de informar relevará, com a quantidade de registros, a ignorância científica.

As notas de pé-de-página precedidas de asterisco são de Freire Alemão; as numeradas são dos editores.

AS ABBREVIATURAS

De publicações citadas são as seguintes:

<i>Arch. Med. Brasil.</i>	<i>Archivum Medicum Brasileiro</i>
<i>Cat. Exp. Hist. Braz.</i>	<i>Catálogo da Exposição de Historia do Brazil</i>
<i>Min. Brasil.</i>	<i>Minerao Brasileira</i>
<i>Rev. Brazil.</i>	<i>Revista Brasileira</i>
<i>Rev. I.H.G.B.</i>	<i>Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro</i>
<i>Trab. Com. Scient. Expl.</i>	<i>Trabalhos da Comissão Scientífica de Exploração</i>
<i>Trab. Soc. Vel.</i>	<i>Trabalhos da Sociedade Velloziana</i>

São óbvias as demais.

CATÁLOGO

I. DOCUMENTOS BIOGRÁFICOS

- 1 Carta de habilitação em Cirurgia e Medicina, passada em favor de Francisco Freire Alemão de Ciszneiro [sic] pelo barão de Inhomirim, director da Academia Médico-Cirúrgica da Corte. Rio de Janeiro, 26 abr. 1828.
I-28,5,80
- 2 Recibos (2) de pagamentos de taxas relativas a inscrição e frequência dados pela Faculdade de Medicina de Paris em favor de Freire Alemão. Paris, 20 jul. 1831.
I-28,5,81
- 3 Diploma de Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina de Paris expedido pelo conde de Montalivet em favor de Francisco Freire Alemão. Paris, 30 dez. 1831.
I-28,5,32
- 4 Diploma da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em favor de Francisco Freire Alemão, nomeando-o seu membro titular. Rio de Janeiro, 24 maio 1832.
I-28,5,33
- 5 Ofício da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional a Francisco Freire Alemão, participando-lhe a nomeação para membro suplente de seu Conselho. Rio de Janeiro, 30 abr. 1833.
I-28,5,36
- 6 Carta da Regência, nomeando Francisco Freire Alemão lente da cadeira de Botânica Médica e Principios Elementares de Zoologia da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 10 jun. 1833.
I-28,5,36 e 37
- 7 Diploma de membro do Institut Historique expedido em nome de Francisco Freire Alemão. Paris, 25 jul. 1835.
I-20,5,20
- 8 Avaliação dos bens do finado João Freire Alemão. Mendanha, 21 set. 1836.
I-28,6,39
- 9 Diploma da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional em nome de Francisco Freire Alemão, nomeando-o seu sócio efetivo. Rio de Janeiro, 22 dez. 1836.
I-28,5,40

- 10 Offício do Conselho da Sociedade Filomática Fluminense a Francisco Freire Alemão, comunicando-lhe a concessão do título de membro da Sociedade. [Rio de Janeiro] 12 jan. 1839.
I-28,5,41
- 11 Notas (3) de João Manuel Pires & Cia. referentes a fornecimentos de gêneros alimentícios ao Dr. Freire Alemão. Rio de Janeiro, jan. 1839 - dez. 1840.
I-28,5,42
- 12 Ato do marquês de Januário, nomeando Francisco Freire Alemão médico do Imperador. Palácio da Boa Vista, 28 mar. 1840.
I-28,5,43
- 13 Ato do Imperador confirmando a nomeação de Francisco Freire Alemão para médico da Imperial Câmara. Rio de Janeiro, 23 jul. 1840.
I-28,5,44
- 14 Requerimento de Francisco Freire Alemão ao Imperador, solicitando um mês e meio de licença com vencimentos para fazer estudos de botânica fora da Corte. [Rio de Janeiro] 9 set. 1841.
I-28,5,45
- 15 Ato de Cândido José de Araújo Viana, em nome do Imperador, concedendo a Francisco Freire Alemão um mês e meio de licença com vencimentos. Rio de Janeiro, 9 set. 1841.
I-28,5,46
- 16 Diploma da Accademia Delle Scienze da Società Reale Borbonica, conferindo a Francisco Freire Alemão o título de seu sócio correspondente. Nápoles, 15 set. 1841.
I-28,5,47
- 17 Ato de Antônio José de Paiva Guddes de Andrade, da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, para que Francisco Freire Alemão pudesse pagar a jóia referente ao diploma de cavaleiro da Ordem de Cristo. [Rio de Janeiro] 21 mar. 1842.
I-28,5,48
- 18 Ato de Cândido José de Araújo Viana, mandando, em nome do Imperador, que se fizessem a Francisco Freire Alemão as provanças e habilitações para receber o hábito da Ordem de Cristo. Rio de Janeiro, 26 mar. 1842.
I-28,5,49
- 19 Requerimento de Freire Alemão ao Imperador, solicitando uma licença de mês e meio a fim de fora da cidade, poder curar-se de umas febres. Rio de Janeiro, 12 abr. 1843. (Acompanha carta da mesma data a destinatário não mencionado, solicitando urgência no encaminhamento da petição).
I-28,5,54 n.º 1 e 2
- 20 Offício do Ministério e Real Secretaria de Estado da Presidência do Conselho dos Ministros do Reino das Duas Sicílias a Francisco Freire Alemão, participando que lhe fôra conferida a Cruz de Cavaleiro da Real Ordem de Francisco I. Nápoles, 28 maio 1843.
I-28,5,50

- 21 Diploma de membro da Academia Pontaniana expedido em favor de Francisco Freire Alemão, Nápoles, 6 jul. 1843.
I-28,5,51
- 22 Cópia autenticada do decreto de Ferdinando II, Rei das Duas Sicílias, pelo qual Francisco Freire Alemão era nomeado sócio correspondente do Reale Istituto d'Incoraggiamento alle Scienze Naturali. Nápoles, 25 jul. 1843.
I-28,5,52
- 23 Diploma expedido pelo mesmo Instituto em favor de Francisco Freire Alemão, nomeando-o sócio correspondente estrangeiro. Nápoles, 18 set. 1845.
I-28,5,53
- 24 Ato de José Carlos Pereira de Almeida Tôrres, em nome do Imperador, concedendo a Freire Alemão uma licença de três e meio, com os respectivos vencimentos. Rio de Janeiro, 11 abr. 1845.
I-28,5,55
- 25 Ato de Joaquim Marcelino de Brito, em nome do Imperador, concedendo a Freire Alemão uma licença de quinze dias, com os respectivos vencimentos. Rio de Janeiro, 5 agô. 1846.
I-28,5,56
- 26 Nota de pagamento da cota de 20 francos, em nome de Freire Alemão, como membro do Institut Historique de France. Paris, 19 agô. 1846.
I-28,5,57
- 27 Carta da Irmandade de Jerusalém, assinada por Frei Leonardo da Encarnação Santana, Comissário Geral da Terra Santa, recebendo a Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 1 nov. 1846. (Impresso)
I-28,5,58
- 28 Diploma passado pela Academia Filomática do Rio de Janeiro em favor de Francisco Freire Alemão, conferindo-lhe o título de seu membro honorário. Rio de Janeiro, 8 set. 1847.
I-28,5,59
- 29 Diploma de membro da Regia Societas Botanica Ratisbonensis expedido em nome de Francisco Freire Alemão. Ratisbona, 1 jan. 1848.
I-28,5,60
- 30 Diploma de membro honorário do Ginásio Brasileiro expedido em nome de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 14 set. 1850.
I-28,5,61
- 31 Diploma da Sociedade Velosiana do Rio de Janeiro, conferindo a Francisco Freire Alemão o título de seu sócio efetivo. Rio de Janeiro, 11 out. 1850.
I-28,5,62

- 32 Requerimento de Freire Alemão ao Imperador, solicitando jubilação como lente de Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 30 jun. 1853.
I-28,5,63
- 33 "Dr. Francisco Freire Alemão". Artigo publicado em *A Nação* de 27 ago. 1853. (Cópia por letra de Freire Alemão. Ocorre também cópia da carta d'este a um amigo, na qual é feita severa censura ao autor do artigo. 2 set. 1853)
I-28,5,64
- 34 Diploma de membro honorário da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Comércio e Artes da Província de São Paulo expedido em favor de Francisco Freire Alemão. São Paulo, 16 set. 18[53]
I-28,5,65
- 35 Carta de jubilação como lente de Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia expedida por D. Pedro II em favor de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 10 dez. 1853.
I-28,5,66
- 36 Ato do visconde de Paraná, estipulando o ordenado a que faz juz Francisco Freire Alemão como lente jubilado da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Tesouro Nacional, 16 fev. 1854.
I-28,5,67
- 37 Nota de fornecimento de material de construção passada por Joaquim Barbosa de Moraes contra Freire Alemão. Mendanha, 22 jul. 1854.
I-28,5,68
- 38 Título de membro honorário da Academia Imperial das Belas Artes do Rio de Janeiro expedido em favor de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 21 nov. 1855.
I-28,5,69
- 39 Notas de despesas várias de Freire Alemão. [s. l.] dez. 1855.
I-28,5,70
- 40 Notas de despesas diversas de Freire Alemão. [s. l.] 1856-60.
I-28,5,71
- 41 Ato de nomeação de Francisco Freire Alemão para o cargo de presidente da Comissão Científica de Exploração, assinado pelo Imperador. Rio de Janeiro, 7 mar. 1857.
I-28,5,72
- 42 Título de nomeação de Francisco Freire Alemão para o lugar de lente de Botânica e Zoologia da Escola Central, passado por Jerônimo Francisco Coelho. Rio de Janeiro, 20 abr. 1858.
I-28,5,74
- 43 Abaixo-assinado de uma comissão de alunos da aula de Botânica da Escola Central, entregando a Freire Alemão uma lembrança, como prova de reconhecimento e gratidão. Rio de Janeiro, 21 dez. 1858. (Firmado por André Pinto Rebouças, José Correia de Aguiar, José Carneiro da Rocha e Antônio Pereira Rebouças)
I-28,5,75

- 44 Ato de João de Almeida Pereira Filho, em nome do Imperador, concedendo a Freire Alemão, presidente da Comissão Científica de Exploração, dois meses de licença com vencimentos. Rio de Janeiro, 23 maio 1860.
I-28,5,76
- 45 Nota das despesas pagas por Freire Alemão na Tesouraria da Província do Ceará para expedição do título que lhe conferia dois meses de licença. [Ceará] 23 maio 1860.
I-28,5,77
- 46 Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão membro da Directoria do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. Rio de Janeiro, 10 nov. 1862.
I-28,5,78
- 47 Requerimento de Antônio Freire Alemão ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, pedindo a concessão de uma pena d'água para um prédio de sua propriedade. Rio de Janeiro, 19 nov. 1862.
I-28,5,79
- 48 Diploma de membro da confraternidade do Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, expedido em favor de Francisco Freire Alemão por frei Bernardino de Santa Cecília Ribeiro. Rio de Janeiro, 8 maio 1863.
I-28,5,80
- 49 Nota de falecimento do Dr. Manuel Freire Alemão de Cansinos, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 16 maio 1863. (Cópia datilografada)
I-28,5,81
- 50 Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão para o lugar de diretor da Seção de Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 10 fev. 1866.
I-28,5,82
- 51 Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão para o lugar de Diretor do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 10 fev. 1866.
I-28,5,83
- 52 Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão membro do Conselho Fiscal do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. Rio de Janeiro, 7 jan. 1867.
I-28,5,84
- 53 Perição de Francisco Teixeira de Sousa Alves Júnior, advogado de Francisco Freire Alemão, a fim de que fôssam ouvidos os administradores de uma casa bancária falida a respeito de uma dívida de que julgava credor o seu constituinte. Rio de Janeiro, 14 maio 1867. (Acompanha um título de sócio comanditário da mesma casa)
I-28,5,85 n.º 1 e 2
- 54 Notas de despesas diversas de Freire Alemão. [s. l. set. 1869]
I-28,5,86
- 55 Notas de despesas particulares de Freire Alemão. [s. l. 1870]
I-28,5,87

- 56 Caderno de anotações particulares de Freire Alemão. [s. l.] 1872-74.
I-28,5,88
- 57 Offício do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a Francisco Freire Alemão, comunicandolhe que fora elevado à categoria de Sócio Honorário. Rio de Janeiro, 23 jul. 1873. (Assinado por Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e acompanhado por cópias da proposta e do parecer da Comissão que opinara a respeito)
I-28,5,89 n.º 1-3
- 58 "Notícia sobre a minha vida". Autobiografia. Rio de Janeiro. fev. 1874. (Acompanha outra versão intitulada "Apontamentos biográficos")
I 28,5,90 n.º 1 + 2
- 59 Relação dos exames prestados por Freire Alemão na Escola de Medicina de Paris. [s. l. n. d.]
I-28,5,91
- 60 Rascunhos do requerimento em que Freire Alemão pedia que fossem acrescentados ao tempo de serviço que tivera na Escola de Medicina os anos que já trabalhara na Escola Central, a fim de conseguir melhoria nos seus vencimentos de lente jubilado. [s. l. n. d.]
I-28,5,93
- 61 Nota sobre a compra de uma escrava. [s. l. n. d.]
I-28,5,92
- 62 Apontamentos de D. Maria Freire de Vasconcelos sobre a obra de Francisco Alemão e de Manuel Freire Alemão. [s. l. n. d.]
I-28,5,93

II. CORRESPONDENCIA ATIVA

- 63 A [Giovanni di] Brignoli [di Brunhoff] falando do pouco conhecimento que tinham os brasileiros das próprias riquezas naturais e prometendo enviar plantas. [Rio de Janeiro] 30 set. 1840.
13,2,15 n.º 1
- 64 Ao mesmo, dizendo que o Jardim Botânico do Rio de Janeiro não possuía catálogo das próprias coleções e prometendo enviar sementes de plantas. Rio de Janeiro, 4 ago. 1841. (Em latim)
13,2,15 n.º 2
- 65 A destinatário não mencionado, despedindo-se e falando de umas encomendas. [Nápoles] 29 jun. [1843] (Em francês)
I-20,2,45
- 66 A Januário da Cunha Barbosa, remetendo umas brochuras para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Rio de Janeiro] 9 maio 1844. (Original)
I-28,1,1
- 67 A [Ferdinando] de Luca, agradecendo o envio de uma memória sobre trabalhos geográficos. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844. (Em francês)
I-28,1,2
- 68 A Gerardi, agradecendo o envio de uma dissertação sobre a utilidade da Geologia e suas relações com as demais ciências. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844. (Em francês)
I-28,1,3
- 69 A [Renzi] Nannula, enviando o diploma de membro correspondente da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844. (Em francês)
I-28,1,4 n.º 1
- 70 A Pagano, acusando o recebimento de duas memórias: sobre os banhos de mar e o tarricoto. [Rio de Janeiro, 10 maio 1844]
I-28,1,4 n.º 2
- 71 A Semmola, tratando da publicação de nos trabalhos d'este na *Revista Médica*. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844. (Em francês)
I-28,1,5

- 72 A [Ferdinando de Luca] dando conta da entrega, ao Imperador, de livros que lhe eram destinados e falando do extravio de outros. [Rio de Janeiro] 10 maio 1841. (Em francês)
I-28,1,6
- 73 A Vincenzo Sestati, secretário perpétuo do Reale Istituto d'Incoraggiamento, agradecendo a concessão do título de membro correspondente da mesma associação. [Rio de Janeiro] 10 maio 1841. (Em francês)
I-28,1,7
- 74 A [Karl Friedrich Phillip von] Martius, tratando de um opúsculo deste sobre plantas medicinais brasileiras e dando informações sobre várias espécies botânicas. Rio de Janeiro, 20 jul. 1841.
13,2, 15 n.º 3
- 75 A [Filippo] Rizzi, comunicando a eleição deste para membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)
I-28,2,30 n.º 1
- 76 A Costa, comunicando a admissão deste como membro correspondente da Academia Imperial de Medicina. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)
I-28,2,30 n.º 2
- 77 A Mancini, comunicando haver feito entrega ao Imperador de obras que lhe eram oferecidas. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)
I-28,2,31 n.º 3
- 78 A [Ferdinando] de Luca, transmitindo os agradecimentos do Imperador pela oferta de obras que lhe fora feita. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)
I-28,2,34 n.º 1
- 79 A Monticelli, transmitindo os agradecimentos do Imperador pela oferta de obras que lhe fora feita. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)
I-28,2,34 n.º 2
- 80 A [Renzi] Namula, comunicando a eleição deste para membro correspondente da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)
I-28,2,34 n.º 3
- 81 Ao mesmo, comunicando-lhe a nomeação como sócio correspondente da Academia Imperial de Medicina e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)
I-28,2,36 n.º 1
- 82 A Antônio Nacério, agradecendo atenções recebidas quando de sua estada em Nápoles. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)
I-28,2,38 n.º 2
- 83 A Semmola, comunicando a admissão deste como membro correspondente da Academia Imperial de Medicina. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)
I-28,2,40 n.º 1

84 A Samantini, comunicando a admissão d'este como membro correspondente da Academia Imperial de Medicina. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês)

I-28,2,40 n.º 2

85 A António Naderio, agradecendo outra e evocando os dias de camaradagem em Nápoles. [Rio de Janeiro] set. 1845.

I-28,1,8

86 A Martins, enviando descrições de plantas, cuja publicação iniciara em revistas do Rio de Janeiro, e informando sobre algumas espécies botânicas. Rio de Janeiro, 20 dez. 1845.

13,2,15 n.º 5

87 A Michele Tenore, enviando algumas descrições ilustradas de plantas brasileiras. Rio de Janeiro, dez. 1845. (Em francês)

13,2,15 n.º 4

88 A Paulo Barbosa da Silva, falando de umas febres de que fôra acometido. [Rio de Janeiro] 1845.

I-28,1,9

89 A [Martins] enviando alguns trabalhos e declarando que se dedicava a coleccionar madeiras de lei. Rio de Janeiro, 22 jun. 1846.

13,2,15 n.º 6

90 A Achille Richard, enviando a descrição de cinco plantas, que publicara. Rio de Janeiro, 29 jun. 1846. (Em francês)

13,2,15 n.º 7

91 Ao Dr. Rebêlo, pedindo remessa de material botânico do Rio Grande do Sul e dando instruções sobre a preparação de sementes para estudo. [Rio de Janeiro] 18 dez. 1846.

I-28,1,10

92 A Paulo Barbosa da Silva, agradecendo a gentileza de haver estabelecido relações entre o missionista e o director do Jardim Botânico de São Petersburgo. [Rio de Janeiro] 13 maio 1847. (Ocorre outra cópia)

I-28,1,11 n.ºs 1 e 2

93 A T. E. L. Fischer, director do Jardim Botânico de São Petersburgo, tratando de assuntos identitários e descrevendo algumas plantas brasileiras. Rio de Janeiro, 18 maio 1847. (Em francês)

13,2,15 n.º 8

94 A Martins, tratando de várias espécies botânicas, entre as quais o maritiquê e o pau-brasil. Rio de Janeiro, 18 maio 1847. (Ocorre outra cópia em I-28,1,12. Veja-se adiante o n.º 353)

13,2,15 n.º 9

95 Ao mesmo, tratando de espécies botânicas, entre as quais o tapinhoã e o caburétha. [Rio de Janeiro] 7 dez. 1847.

13,2,15 n.º 10

- 96 A Fischer, enviando a descrição de duas espécies de madeiras de lei. [Rio de Janeiro] 7 dez. 1847. (Em francês)
13,2,15 n.º 11
- 97 A Michele Tenore, enviando trabalhos científicos destinados a sociedades italianas. [Rio de Janeiro] 7 dez. 1847. (Em francês)
13,2,15 n.º 12
- 98 A Paulo Barbosa da Silva, enviando notícias do Brasil. [Rio de Janeiro] 10 dez. 1847.
1-28,1,13
- 99 A destinatário ignorado, escusando-se por não poder comparecer à instalação de uma junta revisora de qualificação da paróquia do Engenho Velho. Marapicu, 13 jan. 1848.
1-23,1,14
- 100 A [José] Ribeiro [da Silva] agradecendo a oferta de um opúsculo sobre o cólera-morbo e tratando de assuntos vários. Rio de Janeiro, 30 mar. 1848. (Danificada)
1-28,1,15
- 101 A Martius, descrevendo várias espécies botânicas, entre as quais a *Andradea floribunda* (tapaciriba-amarela) e a *Vicentia acuminata*. [Rio de Janeiro] 30 ago. 1848.
13,2,15 n.º 18
- 102 Ao mesmo, falando de seus projetos de reunir pessoas que se ocupavam com estudos de ciências naturais para formar uma sociedade e publicar um periódico científico. [Rio de Janeiro] 21 set. 1848.
13,2,15 n.º 14
- 103 A José Ribeiro da Silva, referindo-se ao desenvolvimento industrial do Brasil. [Rio de Janeiro] 21 set. 1848.
1-28,1,16
- 104 A Paulo Barbosa da Silva, dando notícias de uma enfermidade do Imperador e tratando de assuntos vários. [Rio de Janeiro] 21 set. 1848.
1-28,1,17
- 105 A destinatário não mencionado, pedindo informações a respeito da depreciação do chá brasileiro, a fim de responder a uma consulta feita à Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. [Rio de Janeiro] 21 set. [1848]
1-28,2,48
- 106 A Gaetano Alberto Soares e Lourenço Vieira de Sousa Meireles, enviando o esboço de um relatório sobre a depreciação do chá brasileiro. [Rio de Janeiro] 26 nov. 1848.
1-28,1,18
- 107 A Antônio Paulino Nogueira, pedindo informações biográficas sobre um suposto parente deste, o naturalista João da Silva Feijó. Engenho Velho, 13 abr. 1849. (Ocorre uma nota junto à data original — "Mendonça, 5 de fevereiro de 1847" — declarando perdida a carta. Foi então escrita a segunda)
1-28,1,19

- 108 Ao mesmo, pedindo notícias a respeito de Pedro Pereira Correia de Sena e a descoberta de quinas. Engenho Velho, 8 jul. 1849.
I-28,1,20
- 109 A Paulo Barbosa da Silva, enviando notícias suas. [Rio de Janeiro] nov. 1849.
I-28,1,31
- 110 A Martius, tratando de assuntos botânicos e enviando alguns trabalhos. Rio de Janeiro, 30 nov. 1849. (Veja-se adiante o n.º 563)
13,2,15 n.º 16
- 111 A Inácio Accioli de Cerqueira e Silva, agradecendo o exemplar de *Memória histórica, etnográfica e política da Província da Bahia*. Rio de Janeiro, 1 dez. 1849.
13,2,15 n.º 15
- 112 A Américo de Urzedo, enviando notas a respeito do ensino médico no Rio de Janeiro antes do estabelecimento das escolas regulares. [s. l. 1849]
I-28,2,42
- 113 A José Ribeiro da Silva, dando conta das cartas que já lhe havia recebido. [Rio de Janeiro] 20 jun. 1850.
I-28,1,23
- 114 Ao mesmo, referindo-se a um pedido que fizera ao marquês de Maceió em favor do amigo. [Rio de Janeiro] 20 nov. 1850.
I-28,1,23
- 115 A Paulo Barbosa da Silva, tratando de assuntos sem importância. [Rio de Janeiro] 13 dez. 1850.
I-28,1,24
- 116 A [Emílio Joaquim da Silva] Maia, referindo-se ao oferecimento dos editores do *Guanabara* para publicarem naquela folha trabalhos científicos. [Rio de Janeiro] 13 jan. 1851.
I-28,1,25
- 117 A destinatário ignorado, encaminhando papéis de uma sua parenta. [Rio de Janeiro] 7 mar. 1851.
I-28,1,26
- 118 A Nicolau Nogueira da Gama, enviando uma lista de madeiras. [Rio de Janeiro] 25 mar. 1851.
I-28,1,27
- 119 A [Florinda Narcisa Paula de Sá Chereu] dando conta de assunto de interesse dela. [Rio de Janeiro] 4 maio 1851.
I-28,1,28
- 120 A mesma, dando notícias da família. [Rio de Janeiro] 30 jun. [1851 (?)]
I-28,2,29
- 121 A mesma, tratando de interesses dela. [Rio de Janeiro] 8 set. 1851.
I-28,1,29

- 122 A destinatário ignorado, intercedendo por assunto de uma sua parenta. [Rio de Janeiro, 1851]
I-28,2,49
- 123 A [Guilherme Schuch de] Capanema, propondo data mais conveniente para uma reunião da Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro] 18 out. 1851.
I-28,1,30
- 124 A Paulo Barbosa [da Silva] tratando de assuntos sem importância. [Rio de Janeiro] 23 nov. 1851.
I-28,1,31
- 125 A Martius, indagando sobre material que havia remetido dois anos antes e comunicando sua jubilação. [Rio de Janeiro] 23 nov. 1851.
13,2,15 n.º 17
- 126 A Augustin de Saint-Hilaire, enviando trabalhos seus a respeito de madeiras de lei. [Rio de Janeiro] 23 nov. 1851.
13,2,15 n.º 18
- 127 A Achille Richard, enviando seus estudos botânicos. [Rio de Janeiro] 24 nov. 1851. (Ocorre a seguinte nota: "Destas 2 cartas, mandadas a St. Hilaire, e a Richard, não tive resposta nem sei se elas foram entregues") (Em francês)
13,2,15 n.º 19
- 128 A [José] Ribeiro [da Silva] enviando várias notícias sobre a cidade do Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro] dez. 1851.
I-28,1,32
- 129 A [Francisco de] Paula Brito, indagando sobre a tiragem do periódico *Guamabara*. [Rio de Janeiro, 1851]
I-28,3,38
- 130 A Paulo Barbosa da Silva, falando de uma epidemia que grassava na cidade. [Rio de Janeiro, 1851 (?)]
I-28,2,41
- 131 A Manuel Felizardo, intercedendo em favor de uma pretensão do tenente Antônio José da Costa. [Rio de Janeiro] 10 mar. 1852.
I-28,1,33
- 132 A [João Manuel] Pereira da Silva, intercedendo em favor do Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa, que pretendia uma vaga na secretaria da Câmara dos Deputados. [Rio de Janeiro] abr. 1852.
I-28,1,34 n.º 1
- 133 A Paulo Cândido, intercedendo em favor do Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa. [Rio de Janeiro, abr. 1852]
I-28,1,34 n.º 2
- 134 Ao Dr. Silveira, comunicando que este fôra nomeado sócio efetivo da Sociedade Velosiana. Rio de Janeiro, 4 maio 1852.
I-28,1,35

- 135 A Martius, recapitulando as cartas que havia remetido ao botânico europeu. [Rio de Janeiro] 21 jul. 1852.
13,2,15 n.º 20
- 136 A Florinda [Narcisa Paula de Sá Chezen] dando notícias familiares. [Rio de Janeiro] 28 jul. 1852.
I-28,1,36
- 137 A [José] Ribeiro [da Silva] dando conta de seu projecto de se aposentar para viver no campo. Rio de Janeiro, 22 nov. 1852.
I-28,1,37
- 138 A Paulo Barbosa da Silva, mostrando-se contente com o restabelecimento da saúde do amigo. Rio de Janeiro, 22 nov. 1852.
I-28,1,38
- 139 A Custódio Alves Serrão, convidando-o a colaborar com a Sociedade Velosiana, que se encontrava em situação difícil. [Rio de Janeiro] 30 nov. 1852.
I-28,1,39
- 140 A Francisco Crispiniano Valdetaro, sugerindo a publicação, por intermédio da Sociedade Velosiana, de parte de um manuscrito de José Bonifácio de Andrada e Silva sobre mineralogia. [Rio de Janeiro] 30 nov. 1852.
I-28,1,40
- 141 A [Florinda Narcisa Paula de Sá Chezen] dando conta do estado de uma pretensão da mesma. Rio de Janeiro, 21 dez. 1852.
I-28,1,41
- 142 A Martius, remetendo alguns trabalhos sobre madeiras de construção e fazendo considerações a respeito de árvores do Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro] 22 dez. 1852.
13,2,15 n.º 21
- 143 A [Domenico] Vandelli, declarando haver recebido e lido dois trabalhos deste. [Rio de Janeiro] 22 mar. 1853.
I-28,1,43
- 144 A [Henrique de] Beurepaire [Rohan] enviando lista de madeiras do Rio de Janeiro e tratando de assuntos correlatos. Rio de Janeiro, 16 maio 1853.
I-28,1,44
- 145 A destinatário ignorado, falando da inviabilidade de se incorporar a Sociedade Velosiana ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Rio de Janeiro] 6 out. 1853.
I-28,1,45
- 146 A José Ribeiro da Silva, mandando novas da cidade. Rio de Janeiro, 20 nov. 1853.
I-28,1,46
- 147 Ao Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, agradecendo uma carta e falando de suas atividades de botânico. Rio de Janeiro, 20 nov. 1853.
(Em francês)
13,2,15 n.º 24

- 148 A Martins, dizendo que o desarranjo de sua vida não permitia maior dedicação aos estudos botânicos no ano de 1853. [Rio de Janeiro] 23 nov. 1853.
13,2,15 n.º 22
- 149 A C. L. Blume, agradecendo um exemplar do 1.º vol do *Museum Botanicum*, e falando da devastação feita pelos insetos em suas coleções de plantas. [Rio de Janeiro] 25 nov. 1853. (Em francês)
13,3,15 n.º 23
- 150 A [Emílio Joaquim da Silva] Maia, devolvendo um manuscrito e o livro de atas da Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro] 14 dez. 1853.
I-28,1,47
- 151 Aos leites e substitutos da Escola de Medicina, despedindo-se por se haver jubilado. [Rio de Janeiro] 18 dez. 1853. (Ocorre uma lista de nomes e respectivos endereços)
I-28,1,48
- 152 A John Miers, pedindo transmitir alguns papéis a George Bentham. [Rio de Janeiro] dez. 1853. (Ocorre a nota de que não recebera resposta, o que muito o constrangera)
13,2,15 n.º 32
- 153 Ao marquês de Abrantes, declarando não mais poder continuar a servir nas comissões da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, em vista da transferência de seu domicílio. Rio de Janeiro, 15 jan. 1854.
I-28,1,49
- 154 A Muniz, pedindo informações sobre a vida do P.º Veloso no convento de Santo Antônio. [s. l.] 20 abr. 1854.
I-28,1,50
- 155 A Luís Jacinto de Carvalho Freitas, desculpando-se por não fazer visitas. [s. l.] 14 jun. 1854.
I-28,1,51
- 156 A Francisco Antônio Marques, encarecendo a necessidade de se não deixar perder o fruto de certa árvore que já estaria florida. Rio de Janeiro, 14 jun. 1854.
I-28,1,52 n.º 1
- 157 Ao mesmo, reiterando o pedido feito anteriormente e acusando o recebimento de fragmentos da flor da mesma árvore. Mendanha, 29 jul. 1854.
I-28,1,52 n.º 2
- 158 A Domingos Lopes, pedindo diligência na edificação de sua casa. [Mendanha] 8 set. 1854.
I-28,1,53
- 159 A Alphonse de Candolle, tratando de assuntos vários. Rio de Janeiro, nov. 1854. (Em francês)
13,2,15 n.º 26
- 160 A José Matos (?) agradecendo os serviços prestados por um escravo deste. [Mendanha] 29 dez. 1854.
I-28,1,54

- 161 A Martius, tratando de assuntos diversos ligados aos estudos botânicos. Rio de Janeiro] 20 fev. 1855.
13,2,15 n.º 25
- 162 A Guilherme Schuch de Capanema] fazendo comentários a certa espécie botânica. Potugalia, 15 mar. 1855.
I-28,1,55
- 163 A Martius, enviando amostras de vegetais do Paraná. Rio de Janeiro, 2 jun. 1855.
13,2,15 n.º 27
- 164 Ao Príncipe Maximiliano [de Wied-Neuwied] falando das castanhas-do-maranhão e das sapucaias, cujas sementes se encontravam à venda. [Rio de Janeiro] 10 jun. 1855. (Em francês)
13,2,15 n.º 28
- 165 A [Antônio Freire Alencão] dando notícias da família. [Mendanha] 17 jul. 1855.
I-28,1,56
- 166 A viscondessa de Seteiba, apresentando pêsames pela morte do visconde. Mendanha, 4 out. 1855.
I-28,1,57
- 167 A [Gregório de Castro Morais e Sousa] barão de Piraguara, desculpendo-se por não poder ir visitá-lo. Mendanha, 30 out. 1855.
I-28,1,58
- 168 A [Antônio Freire Alencão] pedindo lhe enviasse algum dinheiro, em vista da impossibilidade de ir à Corte a receber seus ordenados. Mendanha, 8 dez. [1855] (Original)
I-28,1,59
- 169 A [Gregório de Castro Morais e Sousa] barão de Piraguara, congratulando-se pelo restabelecimento deste. [Mendanha] 10 dez. 1855.
I-28,1,60
- 170 A diversos parentes, comunicando o falecimento de pessoa da casa. [Mendanha] 21 dez. [1855] (4 bilhetes)
I-28,1,62 n.º 1-4
- 171 Ao vigário de Marapicu, agradecendo expressões de conforto por motivo do falecimento de pessoa da família. [Mendanha] 23 dez. 1855.
I-28,1,61 n.º 1
- 172 Ao vigário de Campo Grande, agradecendo manifestações de pêsames pelo falecimento de pessoa da família. [Mendanha] 23 dez. 1855.
I-28,1,61 n.º 2
- 173 Ao P.º Antônio, agradecendo manifestações de conforto pela perda de pessoa da família. [Mendanha] 23 dez. 1855.
I-28,1,61 n.º 3

- 174 A Oliveira Fausto, comunicando a mudança do endereço onde eram entregues os papéis que lhe remetia a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. [s. l.] 19 mar. 1856.
I-28,1,63
- 175 A um primo, referindo-se ao falecimento de uma parenta. [s. l.] 16 abr. 1856.
I-28,1,64
- 176 Aos viscondes de São Salvador de Campos, apresentando pésames pelo falecimento da marquesa de Macció. Mendanha, 13 nov. 1856.
I-28,1,65
- 177 A L. Taizon, enviando amostras de espigas de trigo colhidas em São Gonçalo e sugerindo seu plantio em Campo Grande. Mendanha, 13 de jan. 1857.
I-28,1,66
- 178 A [Emílio Joaquim da Silva] Maia, encarregando a necessidade do comparecimento deste a uma reunião da Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro] 5 jun. 1857.
I-28,1,67
- 179 A destinatário ignorado, noticiando a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II e falando da febre amarela. [Rio de Janeiro] 19 mar. 1858.
I-28,1,68
- 180 Ao diretor da Escola Central, dando conta do trabalho desempenhado na cadeira de Botânica Médica e Zoologia e anunciando sua próxima viagem com a Comissão Científica. [Rio de Janeiro] out. 1858.
I-28,1,69
- 181 A Martius, falando das dificuldades que encontrava para pesquisas, em vista de ter sido chamado novamente ao exercício do magistério. [Rio de Janeiro] 25 jan. 1859.
13,2,15 n.º 29
- 182 A [Alphonse] de Candolle, agradecendo a oferta de algumas memórias e enviando trabalhos seus. [Rio de Janeiro] 25 jan. 1859. (Em francês).
13,2,15 n.º 30
- 183 A uma das irmãs, enviando notícias suas e recomendando-se aos parentes. Fortaleza, 22 jun. [1859]
I-28,1,70
- 184 Ao [Ministro dos Negócios do Império] detalhando os primeiros trabalhos da Seção Botânica da Comissão Científica. Fortaleza, 31 jul. 1859.
I-28,1,70A
- 185 A Antônio Gonçalves Dias, tratando da nomeação de um amanuense para a Seção de Etnografia da Comissão Científica. Aracati, 26 ago. 1859. (Original. Col. Gonçalves Dias)
I-5,2,42
- 186 A irmã Polirena Freire, dando impressões do Ceará. Idé, 20 out. 1859.
I-28,1,70B

- 187 A S. M. Imperial, solicitando exoneração da Comissão Científica, em vista de não poder acompanhar as Seções Botânica e Zoológica nas excursões longínquas por elas planejadas. Pede ainda licença para ir até o Amazonas. Aracati, 11 set. [1859] (Ocorre outro rascunho, de 8 ago. 1859)
I-28,1,71 n.º 1 e 2
- 188 A João Franklin de Lima, esclarecendo mal-entendido a respeito de uma nomeação para a Comissão Científica. Idó, 10 out. 1859. (Ocorre outro rascunho)
I-28,1,72 n.º 1 e 2
- 189 A destinatário ignorado, resignando-se com a negativa de S. M. Imperial em conceder-lhe exoneração da presidência da Comissão Científica, e solicitando dois meses de licença da mesma função. Idó, 20 out. 1859. (Ocorre a nota de que o pedido foi rejeitado em 11 fev. 1860, do Crato, na suposição de extravio da primeira carta)
I-28,1,73
- 190 A João Silveira de Sousa, agradecendo a comunicação de que viajaria para o Maranhão. Idó, 29 out. [1859]
I-28,1,74
- 191 Ao primo [Francisco Alves] fazendo longo relato sobre o Ceará. [Fortaleza, 1859]
I-28,1,74A
- 192 A João de Almeida Pereira Filho, Ministro dos Negócios do Império, detalhando os trabalhos da Seção Botânica da Comissão Científica. Crato, 20 fev. 1860.
I-28,1,74B
- 193 A destinatário ignorado, tratando de um relatório em que havia expressões desairosas à Comissão Científica. Fortaleza, 3 maio 1860.
I-28,1,75
- 194 Ao conselheiro Joaquim Francisco Viana, intercedendo em favor de José Antônio Teixeira, coletor das rondas gerais no município de Lavras, implicado em irregularidades administrativas. [Fortaleza] 23 maio 1860.
I-28,1,76
- 195 A Antônio Gonçalves Dias, tratando de assuntos relativos à Comissão Científica. Fortaleza, 5 set. 1860.
I-28,1,76A
- 196 A Giacomo Raja Gabaglia, tratando de assuntos da Comissão Científica. [Fortaleza, set. 1860]
I-28,2,32
- 197 A Azaredo, apresentando o cadete Miguel Luis da Gama, aluno da Escola Central. [s.l. 1860]
I-28,2,26 n.º 1
- 198 A Miguel Antônio da Silva [Júnior] apresentando o filho de um amigo, que estudava na Escola Central. [s.l. 1860]
I-28,2,26 n.º 2

- 199 A João de Almeida Pereira Filho, expondo as razões da impossibilidade de se pôr logo em prática a nova tabela de vencimentos para a Comissão Científica. Sobral, 10 jan. 1861.
I-28,1,76B
- 200 A [Antônio Freire Alemão] acusando o recebimento de notícias familiares. Sobral, 11 jan. 1861.
I-28,1,77
- 201 A Antônio Joaquim de Oliveira, enviando correspondência para ser remetida ao Rio de Janeiro. Sobral, 12 jan. [1861]
I-28,1,78
- 202 A João de Almeida Pereira Filho, detalhando o itinerário percorrido pela Seção de Botânica da Comissão Científica. Fortaleza, 16 mar. 1861.
I-28,1,79
- 203 A Antônio Gonçalves Dias, tratando das finanças da Comissão Científica e declarando seu propósito de encerrar os trabalhos da Seção de Botânica. Fortaleza, 19 mar. 1861. (Original. Col. Gonçalves)
I-5,3,42
- 204 A João de Almeida Pereira Filho, dando conta dos trabalhos das várias seções da Comissão Científica. Ceará, 13 abr. 1861.
I-28,1,80
- 205 Ao Ministro dos Negócios do Império, declarando-se ciente de disposições administrativas a respeito da Comissão Científica. Ceará, 15 abr. 1861.
I-20,1,81
- 206 A S. M. Imperial, solicitando a concessão de licença, por três meses, a fim de fazer estudos botânicos no Amazonas. Fortaleza, 23 maio 1861.
I-28,1,82
- 207 A [João Franklin de Lima] desculpando-se por não poder ser portador de uma encomenda, em vista da incerteza de sua viagem ao Pará. Fortaleza, 26 maio 1861.
I-28,1,83
- 208 Ao [Ministro dos Negócios do Império] solicitando uma passagem para a esposa de membro da Comissão Científica. Fortaleza, 9 jul. 1861. (Ocorre a nota de que a redação fora bastante alterada)
I-28,1,84
- 209 A Tomás Pompeu [de Sousa Brasil] referindo-se a críticas formuladas contra a Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 31 out. 1861.
I-28,1,85
- 210 A [Frederico Leopoldo César] Burlamaqui, enviando parecer sobre um trabalho d'este. [Rio de Janeiro] 12 nov. 1861.
I-28,1,86
- 211 A José Theodoro de Sousa Ramos, declarando-se ciente da determinação de que fossem encerrados os trabalhos da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 15 nov. 1861.
I-28,1,87

- 212 Ao [Ministro dos Negócios do Império] declarando ser impossível dar contas imediatamente dos trabalhos da Seção Botânica da Comissão Científica. [s. l. 1861 (?)]
I-28,1,88
- 213 A destinatário ignorado, solicitando se determinasse a remessa de exemplares da *Flora Fluminense* ao botânico De Candolle. [s. l. 1861 (?)]
I-28,1,89
- 214 A destinatário ignorado, solicitando providências a respeito de uma caixa com amostras botânicas que fôra deixada na localidade de Sobral. [s. l. 1861 (?)]
I-28,1,90
- 215 A Eusébio de Queirós Coitinho Matoso Câmara, opinando sobre dois compêndios de ciência agrônômica para uso nas escolas primárias. Rio de Janeiro, 8 jan. 1862. (Ocorre outra cópia)
I-28,2,1 n.º 1-2
- 216 A Manuel Felizardo de Sousa e Melo, indagando sobre assunto de sua viagem de inspeção à zona cafeeira da Província do Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro, 7 fev. [1862] (Ocorre a resposta de Sousa e Melo ao pé do documento. Original)]
I-28,2,2
- 217 A Antônio Manuel de Melo, comandante da Escola Central, comunicando ter sido encarregado de uma comissão fora da Corte. Rio de Janeiro, 24 fev. 1862.
I-28,2,3
- 218 A Domingos Machado Homem de Gusmão, dando conta do insucesso que teve em conseguir para o mesmo uma vaga no Museu ou no Instituto Agrícola. [Rio de Janeiro, 24 fev. 1862]
I-28,2,33
- 219 Ao Ministro da Agricultura, comunicando que iria iniciar sua viagem pela Província do Rio de Janeiro, a fim de fazer estudos sobre moléstias que atacava os cafezais. [Rio de Janeiro] 25 fev. [1862]
I-28,2,4
- 220 A Luís Alves Leite de Oliveira Belo, referindo-se a um soldado que fôra designado para acompanhá-lo durante sua viagem de estudo dos cafezais da Província do Rio de Janeiro, Boa Vista e Paraíba, 2-15 mar. 1862.
I-28,2,5
- 221 Ao mesmo, comunicando que dispensara os serviços do soldado que lo acompanhava na inspeção aos cafezais da Província do Rio de Janeiro. São João do Príncipe, 4 abr. 1862.
I-28,2,6
- 222 A Guilherme Schuch de Caparema, solicitando relação de material necessário aos trabalhos da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 26 jul. 1862.
I-28,2,7

- 223 Ao marquês de Olinda, solicitando fôse concedida por mais um ano, ao Dr. Manuel Freire Alemão, a gratificação mensal que percebia como membro da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 26 jul. 1862.
I-20,2,0
- 224 Ao mesmo, submetendo offício da Seção de Mineralogia da Comissão Científica, que plicitava autorização para continuar seus trabalhos no Ceará. Rio de Janeiro, 26 jul. 1862.
I-20,2,9
- 225 Ao mesmo, comunicando que convocara os chefes de seções da Comissão Científica para assistirem à abertura de caixas de instrumentos e material coletado. Rio de Janeiro, 16 set. 1862.
I-20,2,10
- 226 Ao mesmo, referindo-se ao orçamento das despesas de várias seções da Comissão Científica. [Rio de Janeiro, 1862]
I-20,2,37
- 227 A Daniel Hambury, tratando de uma encomenda, que recebera, de amostras de plantas brasileiras. Rio de Janeiro, 5 nov. 1862. (Em francês)
13,2,15 n.º 31
- 228 A [Giacomo Raja Gabaglia] comunicando que na Secretaria dos Negócios do Império se encontravam caixas de instrumentos científicos para serem por elle abertos. [s. l. 1862]
I-20,2,11 n.º 1
- 229 A Francisco Xavier Lopes de Araújo, declinando do convite para participar da Sociedade Cassino Militar em vista de residir fora da Corte. [Mondanha, 1862 (?)]
I-20,2,11 n.º 2
- 230 A John Miers, enviando exemplares do primeiro folheto sobre o resultado de suas pesquisas botânicas no Ceará. [Rio de Janeiro] jan. 1863. (Ocorre a nota de que não fôra recebida resposta)
13,2,15 n.º 33
- 231 A Martius, enviando exemplares do primeiro folheto sobre plantas novas colhidas no Ceará. Rio de Janeiro, 20 jan. 1863.
13,2,15 n.º 34
- 232 A Alphonse de Candolle, enviando um exemplar da *Flora Fluminense* de Velloso e folheto sobre plantas novas colhidas no Ceará. Rio de Janeiro, 20 jan. 1863. (Em francês)
13,2,15 n.º 35
- 233 A José Clemente [Marques], desfazendo o negócio em torno de uma cabra. [s. l.] set. 1864.
I-20,2,13
- 234 A destinatário ignorado, requerendo solução para um pedido de melhoramento de sua jubilação. [s. l.] nov. 1864.
I-20,2,14

- 235 A [Guilherme Schuch de] Capanema, determinando fosse providenciada uma exposição dos trabalhos da Comissão Científica, para se atender a officio do Ministro do Império. [s. l.] 27 mar. 1865.
I-28,2,15
- 236 A [José Feliciano de Castello] desculpando-se por não ter comparecido a uma reunião. [s. l.] 17 set. 1865.
I-28,2,44
- 237 A Jean Goncet, enviando informações autobiográficas para serem inser-
tas na *Histoire Générale*. [Rio de Janeiro] 1865. (Acompanha lista das
memórias que publicava)
13,2,15 n.º 37
- 238 A Michele Tenore, dando conta do seu trabalho de preparação do ma-
terial botânico recolhido pela Comissão Científica. [s. l. 1865 (?)]
I-28,2,16
- 239 A S. M. Imperial, solicitando exoneração do lugar de lente de Botâ-
nica e Zoologia da Escola Central. [s. l.] 26 jan. 1866.
I-28,2,17
- 240 A Jean Goncet, restituindo provas tipográficas da parte que lhe dizia
respeito na *Histoire Générale* e acrescentando uma lista de títulos hono-
ríficos. Rio de Janeiro, 2 jun. 1866. (Em francês)
13,2,15 n.º 38
- 241 A Martins, agradecendo e dissentindo observações d'este sobre seus es-
tudos botânicos. [Rio de Janeiro] 11 jun. 1867.
13,2,15 n.º 39
- 242 A Alphonse de Candolle, enviando novas publicações suas. Rio de Ja-
neiro, 15 jan. 1867. (Em francês)
13,2,15 n.º 40
- 243 A Jean Goncet, dizendo que o exemplar da *Histoire Générale* que este
lhe oferecia poderia ser entregue a qualquer brasileiro de passagem pela
Suíça. Rio de Janeiro, 26 abr. 1867. (Em francês)
13,2,16 n.º 41
- 244 A Joaquim Maria Nascimentos de Azambuja, enviando exemplares de uma
obra em publicação. [s. l.] 2 maio 1867.
I-28,2,18
- 245 A José Joaquim Fernandes Tôrres, comunicando que foram reunidas as
do Museu Nacional as coleções zoológicas pertencentes à Comissão Cien-
tífica. Museu Nacional, 14 jun. 1867.
I-28,2,19 n.º 1
- 246 A John Miers, referindo-se ao envio de trabalhos seus a mestres europeus.
[s. l. 1867 (?)] (Incompleta)
I-28,2,36
- 247 Ao [Presidente da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional] respon-
dendo a um pedido de se franquarem àquella instituição algumas salas
do Museu Nacional. [s. l.] 19 maio 1868.
I-28,2,19 n.º 2

- 248 A Edouard Bureau, agradecendo a oferta de trabalhos científicos. [Rio de Janeiro] 20 set. 1869. (Em francês)
18,2,15 n.º 44
- 249 A Léon Marchand, agradecendo a oferta de algumas memórias botânicas. [Rio de Janeiro] 20 set. 1869. (Em francês)
18,2,15 n.º 45
- 250 A [Ernest-Henri] Bailton, agradecendo umas publicações recebidas. [Rio de Janeiro, 20] set. 1869. (Em francês)
18,2,15 n.º 48
- 251 A [Manuel de Araújo] Porto-Alegre, dando notícias de seu estado de saúde e dizendo-se desalentado para prosseguir em seus trabalhos. Fala na Comissão Científica. [s. l. 1869 (?)]
I-28,2,20
- 252 A [Ernest-Henri] Bailton, enviando algumas espécies de seu herbário, bem como publicações de sua autoria. [Rio de Janeiro] 1 agô. 1870. (Em francês)
18,2,15 n.º 46
- 253 Ao mesmo, desculpando-se pela demora em responder a uma carta, o que attribua a seu precário estado de saúde. [Mendanha (?) 1872] (In-completa)
I-28,2,21
- 254 A destinatário ignorado, prestando informações sobre a *mutabala*. [Mendanha (?) 1872 (?)]
I-20,2,50
- 255 A [Manuel de Araújo] Porto-Alegre, mandando notícias de seu estado de saúde. [Mendanha (?) 1872 (?)]
I 28,2,22
- 256 Ao mesmo, falando da impossibilidade de visitá-lo em vista de seu precário estado de saúde. [Mendanha (?) 1872 (?)]
I-28,2,23
- 257 Ao presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, despedindo-se, por não poder, em vista de seu estado de saúde e avançada idade, continuar a conviver com os antigos colegas. [s. l.] jan. 1873. (Dois rascunhos)
I-28,2,24
- 258 A Paulo Cândido, fazendo severas restrições à obra de Amadeu Moura intitulada *Flora esabana*. [s. l. n. d.]
I-28,2,25 n.º 1
- 259 A Silvério Fernandes de Araújo, criticando a *Flora esabana* de Amadeu Moura. [s. l. n. d.]
I 28,2,25 n.º 2
- 260 A Francisco Baista de Azevedo, intercedendo por uma família cujo filho fôra designado para servir na campanha do Sul. [s. l. n. d.]
I-28,2,27

- 261 Ao [Secretário da Escola de Medicina] tratando de um incidente havido naquie estabelecimento quando da realização de um exame. [s. l. n. d.] (Incompleta)
I-28,2,31
- 262 Ao Sr. Pires, pedindo que visse num almanaque o endereço do Dr. Mourais. [s. l. n. d.]
I-28,2,30
- 263 Ao redator da *Revista Médica*, rebatendo uma questão de zoologia divulgada na imprensa. [s. l. n. d.]
I-28,2,35
- 264 Ao redator de um jornal, rebatendo opiniões expressas por um estudante a respeito de trote na Escola Central Militar. [s. l. n. d.]
I-28,2,43
- 265 A destinatário não mencionado, dizendo a que horas estaria livre de obrigações. [s. l. n. d.]
I-28,2,46
- 266 A destinatário não mencionado, dando informações sobre bibliografia botânica. [s. l. n. d.]
I-28,2,47

III. CORRESPONDÊNCIA PASSIVA

- 257 De primo Augusto, tratando de uma encomenda de cuja entrega fôra incumbido. Mêdanha, 4 maio 1826.
I-28,3,51
- 258 De Manuel do Nascimento Castro e Silva, comunicando, em nome do Conselho da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, que fôra admittido membro da mesma. Rio de Janeiro, 9 fev. 1832. (Impresso)
I-28,2,52
- 259 De Possidônio José Lins, comunicando, em nome da Santa Casa da Misericórdia, que esta concordara em fornecer certo número de enfermos para estudos médicos. [Rio de Janeiro] 20 fev. 1832.
I-28,2,53
- 260 De Manuel Nascimento Castro e Silva, comunicando-lhe a nomeação para membro efetivo do Conselho da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional. Rio de Janeiro, 26 mar. 1832.
I-28,2,54
- 271 De José Martins da Cruz Jobim, pedindo amostras de folhas de erva-mate e de quinas. Rio de Janeiro, 25 jan. 1837.
I-28,2,55
- 272 De Cordovil, pedindo que examinasse uma doente. [s. l.] 19 jan. 1839
I-28,2,56
- 273 De Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, enviando cópia de um aviso. Rio de Janeiro, 8 fev. 1839.
I-28,2,57
- 274 De José Fernandes Rocha, tratando de assuntos particulares. Vila do Patrocínio, 28 abr. 1845.
I-28,2,58
- 275 Do primo Francisco [Alves] relatando um incidente havido entre o primo Augusto e seus escravos. [s. l.] 24 jul. 1845.
I-28,2,59
- 276 Do primo Augusto, pedindo que intercedesse junto ao chefe de polícia para mandar liberar uns escravos. [s. l.] 1845.
I-28,4,51

- 277 De mesmo, comunicando o falecimento de certa pessoa. [s. l. 3 fev. 1847]
5,4,24 n.º 78A
- 278 De Manuel Ferreira Lagos, comunicando-lhe a nomeação para uma comissão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 27 mar. 1847.
I-28,2,60
- 279 De M. J. da Silveira, referindo-se a duas memórias sobre as quais devia dar parecer. [s. l.] 29 abr. 1847.
I-28,2,61
- 280 De José Ribeiro da Silva, enviando um folheto sobre o cólera-morbo e tratando de urbanismo. São Petersburgo, 17 nov. 1847.
I-28,2,62
- 281 De José Feliciano de Castilho, convidando-o a sua casa. Rio de Janeiro, 8 abr. 1848.
I-28,2,63
- 282 De Emílio Joaquim da Silva Maia, solicitando, em nome da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, parecer a respeito da depreciação do chá na Província de São Paulo. Rio de Janeiro, 6 set. 1848.
I-28,2,64
- 283 Do primo Augusto, enviando algumas frutas e uns frangos. [s. l.] 3 out. 1848.
I-28,2,65
- 284 Do cônego Lourenço Vieira de Sousa Meireles, concordando com os termos de um parecer a respeito da depreciação do chá na Província de São Paulo. [s. l. 3 dez. 1848] (Acompanha um aditamento de Caetano Alberto Soares)
I-28,4,73 n.º 1-3
- 285 De José Maria Velho da Silva, perguntando se poderia entrar de serviço naquele dia como médico do Imperador. Paço, 19 maio 1849.
I-28,2,66
- 286 Do mesmo, comunicando que devia entrar de semana como médico do Imperador. Paço, 19 maio 1849.
I-28,2,67
- 287 De Antônia Pereira Freire, comunicando o noivado da filha Cândida. [s. l.] 9 jul. 1849.
I-28,2,68
- 288 De José Francisco Sigaud, dizendo que já se encontrava em condições de entrar de semana como médico do Imperador. [s. l.] 9 ago. 1849.
I-28,2,69
- 289 De Luís Jacinto de Carvalho Freitas, dando informações sobre o louro-prêto. Campo Grande, 26 jan. 1850.
I-28,2,70

- 290 De José Alves da Silva, comunicando o fechamento da Escola de Medicina até depois da Páscoa. [Rio de Janeiro] 15 mar. 1850.
5,4,26 n.º 1
- 291 Do mesmo, comunicando o adiamento dos trabalhos escolares em vista da epidemia de febre amarela. Escola de Medicina, 22 abr. 1850.
5,4,28 n.º 38
- 292 De Florinda Narcisa Paula de Sá Chereu, enviando notícias familiares. Vila de São João do Príncipe, 3 jul. 1850.
I-28,2,71
- 293 De Luis Carlos da Fonseca, comunicando-lhe a nomeação para certa comissão. Rio de Janeiro, 30 agô. 1850.
I-25,2,72
- 294 De A. Ferreira Barros, enviando amostras de vegetais. [s. l.] 1 nov. 1850.
I-26,2,73
- 295 De José Ribeiro da Silva, comunicando sua partida para a Rússia e referindo-se ao conde de Nesselrode. Paris, 31 jan. 1852.
I-28,2,74
- 296 De Paulo Barbosa da Silva mandando e pedindo notícias. Paris, 31 jan. 1852.
I-29,2,75
- 297 De Francisco Martins, enviando amostras de vegetais. Coaxindiba, 6 maio 1852.
I-28,2,76
- 298 De Pedro de Alcântara Lisboa, oferecendo seu microscópio para observações organográficas. [Rio de Janeiro] 6 jul. 1852.
I-28,4,57
- 299 De Francisco Adolfo Varnhagen, fazendo comentários sobre um manuscrito de Baltasar da Silva Lisboa que adquirira em Portugal. Madri, 4 nov. 1852.
I-28,2,76A
- 300 De José de Sousa Correia, convidando, em nome do Colégio de Pedro II, para assistir a certa solenidade. Rio de Janeiro, 28 nov. 1852.
I-28,3,77
- 301 De José Martins da Cruz Jobim, tratando de assunto particular. Petrópolis, 7 mar. 1853.
I-28,3,78
- 302 De José Ribeiro da Silva, fazendo comentários sobre as melhorias que se faziam no Rio de Janeiro. São Petersburgo, 15 abr. 1853.
I-28,3,79
- 303 De Miguel José Tavares, cobrando uma dívida decorrente de fiança. Rio de Janeiro, 26 jan. 1854.
I-28,2,80

- 304 De Luís Carlos da Fonseca, pedindo que se traduzisse uma lista de objetos pedidos pela Princesa de Joinville. Petrópolis, 12 mar. 1854.
I-28,2,81
- 305 De Francisco Antônio Marques, enviando amostras de vegetais. Andaraí, 15 jul. [1854]
I-28,4,69
- 306 De Augusto José, declarando não poder prestar certo serviço. [s. l.] 25 jul. 1854.
I-28,2,82
- 307 De João Barbosa de Moraes, dando licença para praticar o corte de madeiras onde lhe conviesse. Mendanha, 4 ago. 1854.
I-28,2,53
- 308 Da Sociedade Colômbiana, pedindo sua presença na Academia das Belas Artes por ocasião de se instalar aquêle Instituto. Rio de Janeiro, 6 out. 1854. (Sem assinatura)
I-28,2,34
- 309 De Manuel Ferreira Lagos, convidando para tomar parte na fundação da Sociedade Colombiana. Rio de Janeiro, 9 out. 1854.
I-28,2,85
- 310 De Francisco Teixeira da Paixão, pedindo as pedras que sobrassem da construção da casa em Mendanha. [Mendanha, 21 jan. 1855].
I-28,4,74
- 311 De Lopes G. Sobrinho, tratando da venda de madeiras. [s. l.] 28 abr. 1855.
I-28,2,86
- 312 De José Martins da Cruz Jobim, tratando da escala dos médicos de semana ao Imperador. Rio de Janeiro, 19 mar. 1855. (Acompanha rascunho da resposta de Freire Alemão)
I-28,2,37
- 313 Do mesmo, falando sobre troca na escala dos médicos de semana ao Imperador. Rio de Janeiro, 22 mar. 1855.
I-28,2,88
- 314 De José Antônio Pereira Susano, mandando cinco dúzias de tábua. [s. l.] 25 mar. 1855.
I-28,2,89
- 315 De [Pedro] José Arena, mandando informações sobre um doente que deveria sangrar. [Mendanha, out. 1855 (?)]
I-28,4,84
- 316 Do mesmo, falando das melhoras de um doente. Mendanha, 11 out. 1855.
I-28,2,90
- 317 De Vicente José de Castro e Silva, mandando notícias do pai. Rangu, 31 out. 1855.
I-28,3,1

- 318** De Silva, comunicando que fizera entrega de certa carta. [s. l.] 1 nov. 1855.
I-28,3,2
- 319** Da viscondessa de Sepetiba, a propósito da morte de seu marido. Niterói, 3 nov. 1855.
I-28,3,3
- 320** De Antônio Freire Alemão, a propósito da morte de Virginia. Rio de Janeiro, 22 dez. 1855.
I-28,3,4
- 321** Da irmã Luiza Freire, lamentando a morte de Virginia. [s. l. dez. 1855]
I-28,3,5
- 322** De Manuel Freire Alemão, falando da enfermidade de uma parenta. [s. l.] 16 abr. 1856.
I-28,3,6
- 323** De Manoel de Araújo Porto-Alegre, pedindo permissão para deixar guardados no Museu alguns caixotes que mandaria da Europa, falando dos estudos do filho e outros assuntos. Dresden, 6 jul. 1856.
I-28,3,7
- 324** De Amália Guilhermina de Oliveira Coutinho, enviando alguns sapatos para serem entregues à Imperatriz. Niterói, 15 ago. 1856.
I-28,3,8
- 325** De Vicente Torres Homem, pedindo entregar ao portador certa encomenda. [s. l.] 25 maio 1857.
I-28,3,9
- 326** De Isidoro Pamplona Corte-Real, pedindo, da parte da Imperatriz, informações sobre certa planta. Rio de Janeiro, 15 jun. 1857.
I-28,3,10
- 327** De Fortunata Maria Susano, a respeito do transporte de umas madeiras. [s. l.] 9 ago. 1857.
I-28,3,11
- 328** De Policena Freire, comunicando a enfermidade súbita do irmão Antônio. [s. l. ago. 1857]
5,4,25 n.º 84
- 329** De Antônio Nicolau Tolentino e outros, convidando para um baile em homenagem à família imperial. Niterói, 9 set. 1857. (Acompanha o respectivo convite)
I-28,3,12
- 330** De H. Dürer, solicitando o cargo de adjunto na Comissão Científica. Barra Mansa, 17 set. 1857.
I-28,3,13
- 331** De Violante M. Ximenes de Rivar e Velasco, a respeito da resposta a uma carta. [s. l.] jan. 1858.
I-28,3,14

- 332 De Unahelino Alberto de Campo Limpo, solicitando proteção para um estudante. [s. l.] 18 maio 1858.
I-28,3,15
- 333 De J. J. da Cunha, solicitando uma certidão a fim de receber vencimentos. [s. l.] 3 ago. 1853.
I-28,3,16
- 334 De Frederico Leopoldo César Burlamaqui, indagando qual a resposta que daria ao marquês de Abrantes quanto à solicitação de emprego para certa pessoa na Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 21 nov. 1858. (Acompanha carta do marquês de Abrantes)
I-28,3,17 n.º 1 e 2
- 335 De Simão Tadeu Lcal, pedindo por empréstimo certa quantia. [s. l.] 30 dez. 1858.
I-28,3,18
- 336 Da sobrinha Idalina, mandando notícias familiares. [s. l.] 29 fev. 1859.
I-28,3,19
- 337 De Sérgio Teixeira de Macedo, estipulando a quantia destinada a comendias dos chefes de seção e adjuntos da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 19 maio 1859. (Cópia)
I-28,3,19A
- 338 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias familiares. Rio de Janeiro, 23. jun. 1859.
I-28,3,20
- 339 Do mesmo, pedindo que mandasse nova procuração. [s. l.] 6 jul. 1859.
I-28,3,21
- 340 De [Guilherme Schuch de] Capanema, propondo uma colaboração mais estreita entre os membros da Comissão Científica. Fortaleza, 27 jul. 1859.
I-28,3,21A
- 341 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 6 ago. 1859.
I-28,3,22
- 342 De D. J. V. Pacheco, convidando para um almoço. [s. l.] 10 set. 1859.
I-28,3,23
- 343 De João Franklin de Lima, pedindo o aproveitamento do filho como escrivão da Comissão Científica. Ceará, 10 set. 1859.
I-28,3,24
- 344 De autor ignorado, ponderando sobre o pedido de demissão da presidência da Comissão Científica e insistindo para que permanecesse no cargo. Rio de Janeiro, 12 set. 1859. (Incompleta)
I-28,3,25
- 345 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias familiares. [s. l.] 19 set. 1859.
I-28,3,26

- 346** De Antônio Joaquim de Oliveira, prestando contas de despesas da Comissão Científica e referindo-se ao suicídio do Dr. Galvão. Ceará, 26 set. 1859.
I-28,3,27
- 347** De Roberto Correia de Almeida e Silva, a respeito da compra de cavalos para a Comissão Científica. Idé, 4 out. 1859.
I-28,3,28
- 348** De Antônio Joaquim de Oliveira, dando notícias dos membros da Comissão Científica. Ceará, 25 out. 1859.
I-28,3,29
- 349** Do mesmo, dando notícias dos membros da Comissão Científica, Ceará, 11 jan. 1860.
I-28,3,30
- 350** De Giacomo Raja Gabaglia, encaminhando cópia de um relatório da Seção de Astronomia e Geografia da Comissão Científica. São Benedito (Serra Grande), 15 fev. 1860.
I-28,3,30A n.º 1 e 2
- 351** De Antônio Freire Alemão, mandando notícias familiares. [Rio de Janeiro] 21 fev. 1860.
I-28,3,31
- 352** Do mesmo, falando de uma epidemia de febre amarela que grassava na cidade. [Rio de Janeiro] 29 fev. 1860.
I-28,3,32
- 353** De Francisco Luís Gamaleira, pedindo um auxílio. [s. l.] 19 mar. 1860.
I-28,3,33
- 354** De Antônio Joaquim de Oliveira, tratando de despesas da Comissão Científica, Ceará, 5 abr. 1860.
I-28,3,34
- 355** De Antônio Freire Alemão, dando notícias dos comentários que se faziam na Corte a respeito do comportamento dos membros da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 20 abr. 1860.
I-28,3,35
- 356** De Francisco Carlos Lassance Cunha, solicitando uma certidão de prestação de serviços à Comissão Científica. Russas, 26 abr. 1860.
I-28,3,36
- 357** De Antônio Freire Alemão, dando notícias familiares. Rio de Janeiro, 21 maio 1860.
I-28,3,37
- 358** De Francisco Rodrigues Serte, acusando recebimento de uma correspondência. Crato, 12 jun. 1860.
I-28,3,38

- 359 De Joaquim Antônio Guerreiro Lima, sobre um atestado em favor de José dos Reis Carvalho como membro da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 21 jun. 1860.
I-28,3,39
- 360 De Leandro N. M. Ratishona, combinando um encontro. [s. l.] 23 jun. 1860.
I-28,3,40
- 361 De Giacomo Raja Gabaglia, informando sobre os trabalhos da Seção de Astronomia e Geografia da Comissão Científica. Sobral, 20 jul. 1860.
I-28,3,41
- 362 De Antônio Joaquim de Oliveira, remetendo uma correspondência da Comissão Científica. Ceará, 28 jul. 1860.
I-28,3,42
- 363 De Francisco Emílio Soares da Câmara, pedindo que entregasse ao portador certa encomenda. Rio de Janeiro, 7 ago. 1860.
I-28,3,43
- 364 De Alexandrino Cristiano de Oliveira, pedindo sua interferência no sentido de ser nomeado tabelião da Vila de Maranguape. Ceará, 15 ago. 1860.
I-28,3,44
- 365 De Manuel Freire Alemão, enviando amostras de vocetais. [Pacatuba, 10 set. 1860]
I-28,3,46
- 366 De Henrique de Beaurepaire Rohan, congratulando-se pela viagem de Freire Alemão às províncias do Norte. Rio de Janeiro, 21 set. 1860.
I-28,3,48
- 367 De João de Almeida Pereira Filho, remetendo cópia da tabela de vencimentos do pessoal da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 10 out. 1860.
I-28,3,45A
- 368 De Giacomo Raja Gabaglia, falando das dificuldades financeiras por que atravessava a Comissão Científica. Lago Grande, 10 out. 1860.
I-28,3,46
- 369 De Benedito da Silva Garrido, pedindo um atestado de capacidade como boticário. Crato, 16 out. 1860.
I-28,3,47
- 370 De Antônio F. Sucupira, apresentando cumprimentos. Crato, 16 out. 1860.
I-28,3,48
- 371 De Antônio Joaquim de Oliveira, tratando de assuntos relacionados com a Comissão Científica. Ceará, 16 out. 1860.
I-28,3,49
- 372 De [Guilherme Schuch de] Capanema, falando das dificuldades financeiras da Comissão Científica. Fortaleza, 17 out. 1860.
I-28,3,50

- 373 De Antônio Marcelino Nunes, presidente da Província do Ceará, remetendo cópia de determinação do Ministério dos Negócios do Império. Palácio do Governo, 19 out. 1860.
I-28,3,50A
- 374 De Justino Francisco Xavier, indagando sobre a conveniência de se pedir um médico para a localidade, à vista de uma febre que ali grassava. Ipu, 30 out. 1860. (Acompanha descrição clínica de um caso registrado)
I-28,3,51
- 375 De Miguel Antônio da Silva Júnior, informando a respeito de um aluno da Escola Central, por cujos exames se interessara Freire Alemão. Rio de Janeiro, 5 nov. 1860.
I-28,3,52
- 376 De Giacomo Raja Gabaglia, dizendo que tencionava demandar as fronteiras marítimas do Norte. Barra do Camocim, 15 nov. 1860.
I-28,3,53
- 377 De Caetano Alves de Sousa Filgueiras, solicitando, em nome do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, um resumo autobiográfico. [Rio de Janeiro] 20 nov. 1860. (Impresso)
I-28,3,54
- 378 De Fernando Maranhense da Cunha, pedindo-lhe ajuda como médico, em vista de uma febre que grassava na localidade. Viçosa, 27 nov. 1860.
I-28,3,55
- 379 De [João da Silva Martins] Coutinho, pedindo uma guia para receber seus vencimentos pelos serviços prestados na Comissão Científica. Ceará, 12 dez. 1860.
I-28,3,56
- 380 De Vicente Alves Ferreira, pedindo uma esmola. Cadeia de Vila Velha, dez. 1860.
I-28,4,61
- 381 De Giacomo Raja Gabaglia, solicitando pedir ao conselheiro Batista de Oliveira um exemplar do relatório deste sobre a Exposição Universal de Paris. [s. l. 1860]
I-28,5,27
- 382 De José Antônio Teixeira, agradecendo o auxílio recebido na questão do Tesouro. Lavras, 11 jan. 1861.
I-28,5,57
- 383 De Antônio Joaquim de Oliveira, enviando correspondência da Comissão Científica. Ceará, 12 jan. 1861.
I-28,3,58
- 384 De Nicolau Tolentino de Vasconcelos, agradecendo interferência na promoção de seu filho. Fortaleza, 12 jan. 1861.
I-28,3,59
- 385 De Antônio Joaquim de Oliveira, informando que a correspondência da Comissão Científica seguiria no próximo vapor. Ceará, 19 jan. 1861.
I-28,3,60

- 386 De Vicente Alves de P. Pessoa, mandando alguns presentes. Canindé, 4 fev. 1861.
I-28,3,61
- 387 De Antônio Joaquim de Oliveira, remetendo correspondência referente à Comissão Científica. Ceará, 12 fev. 1861.
I-28,3,62
- 388 De [Guilherme Schuch de] Capanema, pedindo licença da Comissão Científica. Sobral, 14 fev. 1861.
I-28,3,63
- 389 De João de Almeida Pereira Filho, tornando sem efeito uma determinação relativa à tabela de vencimentos dos empregados da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 19 fev. 1861. (Cópia por letra de Freire Alemão)
I-28,3,64
- 390 De Antônio Joaquim de Oliveira, enviando papéis da Comissão Científica e dizendo ter alugado uma casa, conforme solicitação. Ceará, 24 fev. 1861.
I-28,3,65
- 391 De Antônio Marcelino Nunes, convidando para a inauguração da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. Fortaleza, 13 mar. 1861.
I-28,3,66
- 392 De [Guilherme Schuch de] Capanema, pedindo notícias dos membros da Comissão Científica e falando sobre sua permanência em Maranguape. Maranguape, 22 mar. 1861.
I-28,3,67
- 393 De A. Pinto de Mendonça, comunicando não poder atender à pretensão de uma pessoa recomendada. [Rio de Janeiro] 17 abr. 1861.
I-28,3,68
- 394 De Giacomo Raja Gabaglia, indagando se o Dr. Gonçalves Dias tivera ciência de certas deliberações a respeito da Seção Etnográfica da Comissão Científica. [s. l.] 21 abr. 1861.
I-28,3,69
- 395 Do mesmo, enviando papéis concernentes à Comissão Científica. Fortaleza, 1 maio 1861.
I-28,3,70
- 396 De Antônio Joaquim de Oliveira, enviando cartas e jornais. Ceará, 3 maio 1861.
I-28,3,71
- 397 De [Manuel Freire Alemão] descrevendo sua viagem de Acarape a Pacatuba. Pacatuba, 6 maio [1861]
I-28,4,42
- 398 De Antônio Joaquim de Oliveira, enviando correspondência da Comissão Científica. Ceará, 9 maio 1861.
I-28,3,72

- 399 De mesmo, solicitando, em nome do Dr. Gonçalves Dias, um atestado, a fim de poder receber sua gratificação. Ceará, 12 maio 1861.
I-28,3,73
- 400 De Manoel Roberto Sobreira, solicitando que participasse de uma conferência médica. Fortaleza, 14 maio 1861.
I-28,3,74
- 401 De Manoel Freire Alemão, referindo-se ao Sr. Simões, como conhecedor de madeiras. [s. l., 15 maio 1861] (Ocorre no mesmo doc. notas de Freire Alemão sobre a vila de Pacatuba)
I-28,4,48
- 402 De Antônio Joaquim de Oliveira, comentando a permanência de Guilherme Schuch de Capanema em Lagoa Funda e o recebimento da chave da casa que alugara. Ceará, 17 maio 1861.
I-28,3,75
- 403 De João Soares Pinto, comunicando não ter recebido o *Correio Moç.* cont'd. Ceará, 20 maio 1861.
I-28,3,76
- 404 De João Franklin de Lima, pedindo para incorporar à sua bagagem um caixote destinado ao Pará. Engenho da Munguba, 25 maio 1861.
I-28,3,77
- 405 De [Guilherme Schuch de] Capanema, indagando sobre a partida da Comissão Científica. Pacatuba, 31 maio 1861.
I-28,3,78
- 406 De Manoel Antônio Duarte de Sousa, presidente da Província do Ceará, convidando para o ato de posse do bispo da diocese local. Palácio do Governo, 6 jun. 1861.
I-28,3,78A
- 407 De Luis Tauraturgo da Gama Machado, solicitando, por conta do aluguel da casa, a quantia de quarenta mil-réis. [Fortaleza] 7 jun. 1861.
I-28,3,79
- 408 De A. Pinto de Mendonça, convidando-o para tomar chá. Fortaleza, 16 jun. 1861.
I-28,3,79A
- 409 De Giacomo Raja Gabaglia, participando seu casamento com D. Maria da Natividade de Albuquerque Barros. Fortaleza, 22 jun. 1861.
I-28,3,80
- 410 De mesmo, indagando a quem devia entregar os objetos da Seção de Astronomia da Comissão Científica. [s. l.] 24 jun. 1861.
I-28,3,81
- 411 De Sinval O. de Miranda, convidando para tratar de negócios da Comissão Científica. [s. l.] 25 jun. 1861.
I-28,3,82

- 412 De Giacomo Raja Gabaglia, enviando relação da cavallada da Seção de Astronomia da Comissão Científica e pedindo passagem para Santos Sousa. Fortaleza, 28 jun. 1861.
I-20,3,83
- 413 De Luís Taunaturgo da Gama Machado, solicitando o pagamento de um aluguel de casa. [Fortaleza] 4 jul. 1861.
I-28,3,84
- 414 De [Guilherme Schuch de] Capanema, informando sobre seu trabalho de campo na Comissão Científica. Ceará, 6 jul. 1861.
I-28,3,85
- 415 De A. A. Santos Júnior, convidando-o para um jantar. [Ceará] 10 jul. 1861.
I-23,3,86
- 416 De Antônio M. Nunes Guimarães, dizendo da impossibilidade de despaçar livre de direitos um caixote de instrumentos da Comissão Científica. [Ceará] 17 jul. 1861.
I-20,3,87
- 417 De Nicolau Tolentino de Vasconcelos, solicitando benevolência, nos exames da Escola Central, para seu filho Bento Luís da Gama. Fortaleza do Cabedelo da Paraíba, 1 ago. 1861.
I-28,3,88
- 418 Do mesmo, solicitando valimento para a promoção do filho Bento Luís da Gama. Ceará, 25 set. 1861.
I-28,3,89
- 419 De Giacomo Raja Gabaglia, tratando da frequência do pessoal lotado na Seção de Astronomia da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 26 set. 1861.
I-28,3,89A
- 420 Do mesmo, tratando de assuntos relativos a seu trabalho na Comissão Científica. Vapor "Paraná", 30 set. 1861.
I-28,3,90
- 421 De Tomás Pompeu de Sousa Brasil, desfazendo mal-entendidos a respeito de conceitos que circulavam na Corte e atingiam certos membros da Comissão Científica. Fortaleza, 30 set. 1861.
I-28,4,1
- 422 De José Antônio da Costa e Silva, participando o contrato de casamento de uma filha. Boa Vista, 17 out. 1861.
I-28,4,2
- 423 De João Franklin de Lima, fazendo referências agradecidas à Comissão Científica. Engenho da Monguba, 17 out. 1861.
I-28,4,3
- 424 De José Benício Nascimentos de Azambuja, pedindo que comparecesse à Secretaria dos Negócios do Império para informar a respeito da liquidação dos vencimentos dos membros da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 26 out. 1861.
I-28,4,4

- 425 De [Guilherme Schuch de] Capanema, enviando original e cópia de certo trabalho. Rio de Janeiro, 15 nov. 1861.
I-28,4,55
- 426 De Frederico Leopoldo César Burlamaqui, aceitando as críticas que fizera Freire Alencão a uma obra destinada às escolas rurais. [Rio de Janeiro] 15 nov. 1861.
I-28,4,5
- 427 De Nuno P. Lodiola Sá, apresentando o padre Francisco João de Azevedo. Recife, 23 nov. 1861.
I-28,4,6
- 428 De José Hedefonso de Sousa Ramos, comunicando a chegada de material pertencente à Comissão Científica. Rio de Janeiro, 10 dez. 1861.
I-28,4,6A
- 429 De Domingos Machado Homem de Gusmão, solicitando um emprêgo no Jardim Botânico. Rio de Janeiro, 16 fev. 1862.
I-28,4,7
- 430 De Cláudio Raja Gabaglia, comunicando que faria parte de uma comissão determinada pelo Ministério da Marinha. Rio de Janeiro, 6 maio 1862.
I-28,4,9
- 431 Do mesmo, fazendo uma prestação de contas. Rio de Janeiro, 6 maio 1862.
I-28,4,9A
- 432 De João Franklin de Lima, referindo-se ao surto de cólera que se registava em sua povoação. Engenho da Munguba, 19 maio 1862.
I-28,4,10
- 433 Do marquês de Olinda, solicitando o envio de novo orçamento da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 18 jun. 1862.
I-28,4,11
- 434 Do mesmo, convidando-o a sua casa. [Rio de Janeiro] 28 jun. 1862.
I-28,4,12
- 435 De [Guilherme Schuch de] Capanema, tratando de despesas que necessitaria fazer com escravções no Ceará. Rio de Janeiro, 28 jun. 1862.
I-28,4,12A
- 436 Do marquês de Olinda, tratando de despesas da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 31 jul. 1862.
I-28,4,12B
- 437 Do mesmo, tratando da redução de despesas da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 1 ago. 1862.
I-28,4,12C
- 438 De José Bonifácio Nascentes de Azambuja, solicitando o levantamento das despesas e o inventário dos objetos da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 4 ago. 1862.
I-28,4,13

- 439 Do marquês de Olinda, autorizando a continuação das escavações encetadas pela Seção de Geologia da Comissão Científica. Rio de Janeiro. 13 ago. 1862.
I-28,4,13A
- 440 Do mesmo, tratando de vencimentos e licença de Antônio Gonçalves Dias e Manuel Ferreira Lagos, como membros da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 22 ago. 1862.
I-28,4,13B
- 441 Do mesmo, determinando providências a respeito de material da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 13 set. 1862.
I-28,4,13C
- 442 De Antônio José Fausto Garriga, informando sobre a reunião do Conselho de Instrução da Escola Central. Rio de Janeiro, 7 out. 1862.
I-28,4,14
- 443 Do mesmo, informando sobre expediente da Escola Central. Rio de Janeiro, 11 out. 1862.
I-28,4,15
- 444 Do marquês de Abrantes, tratando de autorização para despesas com pessoal e material da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 22 out. 1862.
I-28,4,15A
- 445 De João Luis Vieira Cansação de Sinimbu, transmitindo o decreto pelo qual o Imperador nomeara Freire Alemão membro da Diretoria do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. Rio de Janeiro, 29 nov. 1862.
I-28,4,17
- 446 De Antônio José Fausto Garriga, convocando para uma reunião do Conselho de Instrução da Escola Central. Rio de Janeiro, 28 jan. 1863.
I-28,4,18
- 447 De Antônio Joaquim de Oliveira, pedindo sua intercessão para que recebesse atrasados, como empregado da Comissão Científica. Ceará, 28 fev. 1863.
I-28,4,19
- 448 De Tomás Gomes dos Santos, convidando para uma solenidade na Academia das Belas Artes. Rio de Janeiro, 15 mar. 1863. (Carta-circular)
I-28,4,20
- 449 De Antônio José Fausto Garriga, convocando para uma reunião do Conselho de Instrução da Escola Central. Rio de Janeiro, 6 abr. 1863.
I-28,4,21
- 450 De Manuel Ferreira Lagos, tratando de uns apontamentos para o relatório do Ministro dos Negócios do Império. [s. l.] 11 nov. 1863.
I-28,4,22
- 451 De Giacomo Raja Gabaglia, comunicando sua partida para Pernambuco a serviço da Marinha. Rio de Janeiro, 23 jun. 1864.
I-28,4,23

- 452 De Manuel Ferreira Lagos, enviando ofício destinado ao Ministro do Império, acerca da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 10 set. 1864.
I-28,4,24
- 453 De José Clemente Marques, tratando da venda de uma cabra. [Rio de Janeiro, set. 1864]
I-28,4,70
- 454 Do mesmo, tratando da venda de uma cabra. [Rio de Janeiro, set. 1864]
I-28,4,71
- 455 Do Ministro dos Negócios do Império, convidando, de ordem do Imperador, para assistir ao casamento de D. Isabel com o conde D'Eau. Rio de Janeiro, 11 out. 1864. (Impresso sem assinatura)
I-28,4,25
- 456 De Manuel Ferreira Lagos, tratando de assuntos ligados ao trabalho da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 27 out. 1864.
I-28,4,26
- 457 De Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, convidando, em nome do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para participar de uma comissão encarregada de cumprimentar o Imperador. Rio de Janeiro, 21 nov. 1864. (Impresso)
I-28,4,27
- 458 Do Ministro do Império, convidando, de ordem do Imperador, para assistir ao casamento de D. Leopoldina com o Príncipe de Saxo. Rio de Janeiro, 12 dez. 1864. (Impresso sem assinatura)
I-28,4,28
- 459 De Luis Garcia Soares de Bivar, oferecendo uma assinatura de seu jornal *O Recordador*. [Rio de Janeiro] 24 dez. 1864.
I-28,4,29
- 460 De José Feliciano de Castillo, convidando para comparecer ao Gabinete Português de Leitura, onde se trataria de assunto relativo à comemoração do centenário de Bocage. Rio de Janeiro, 8 set. 1865. (Carta circular)
I-28,4,30
- 461 De Agostinho José de Sousa Lima, pedindo informações sobre a espécie botânica *Astrolepsia Gigantea*. Realengo de Campo Grande, 10 set. 1865.
I-28,4,31
- 462 De José Martins da Cruz Jobim, solicitando sua presença numa solenidade de colação de grau na Faculdade de Medicina. Rio de Janeiro, 21 nov. 1865.
I-28,4,32
- 463 De Carlos Berlamáqui, dando conta de providências tomadas no Museu Nacional. Museu Nacional, 31 dez. 1866.
I-28,4,32A
- 464 Dos estudantes da Faculdade de Medicina, convidando para assistir à missa em memória do Dr. Francisco Gabriel da Rocha Freire [s. l.] jun. 1867. (Impresso)
I-28,4,33

- 465 De [Guilherme Schuch de] Capanema, esclarecendo sobre o tempo de que dispunha para ultimar trabalhos da Comissão Científica. [a. l.] 28 set. 1867. (Cópia por letra de Freire Alemão)
I-28,4,34
- 466 De S. Francisco Soares, enviando projeto do regulamento para as exposições e concursos triennais de produtos agrícolas do Município da Corte e Província do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 28 nov. 1867.
I-28,4,35
- 467 Do barão do Bom Retiro, enviando exemplares do regulamento para as exposições e concursos de produtos agrícolas do Rio de Janeiro e referindo-se à fundação de uma revista agrícola. Rio de Janeiro, 28 jun. 1868.
I-28,4,36
- 468 De Ladislau Neto, diretor da Seção de Botânica e Agricultura do Museu Nacional, fazendo considerações a respeito do juízo que sobre o mesmo Museu emitira o cientista L. Agassiz. Museu Nacional, 30 jun. 1868.
I-28,4,37
- 469 De Joaquim Cactano Fernandes Pinheiro, convidando, em nome do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para integrar a deputação que cumprimentaria o Imperador na data da Independência do Brasil. Rio de Janeiro, 1 set. 1870. (Impresso)
I-28,4,38
- 470 De A. M. Mallet, comunicando que se ausentaria da Corte. Rio de Janeiro, 4 abr. 1871.
I-28,4,39
- 471 Dos membros da comissão iniciadora de um monumento aos mortos da batalha do Riachuelo, convidando para participar de uma subcomissão. Rio de Janeiro, 20 set. 1872. (Carta-circular)
I-28,4,40
- 472 De Manuel Freire Alemão, falando do abatimento em que se achava o tio Antônio. [Rio de Janeiro, abr. s. a.]
I-28,4,44
- 473 Do mesmo, pedindo a devolução de certo recibo. [Rio de Janeiro, s. d.]
I-28,4,49
- 474 Da marquesa de Maceió, notificando que a Imperatriz desejava consultá-lo. [Rio de Janeiro, s. d.]
I-28,4,53
- 475 De José Maria Sellar da Silva, informando sobre as diligências no sentido de encontrar um médico que substituisse Freire Alemão no serviço junto ao Imperador. Rio de Janeiro, 8 agô. [s. a.]
I-28,4,79
- 476 Do Dr. [A.] M. Mallet, enviando o tratado do ácido fênico de Jûlio Lemoine. [Rio de Janeiro, s. d.]
5,1,27 n.º 82

- 477 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias familiares. [Rio de Janeiro, s. d.]
I-28,4,41
- 478 De Manuel Freire Alemão, referindo-se a papéis da Comissão Científica. [Rio de Janeiro, s. d.]
I-28,4,46
- 479 Do mesmo, referindo-se aos contratempos sobrevindos durante uma excursão. [s. l. n. d.]
I-28,4,47
- 480 De Antônio Joaquim Batista, pedindo uma esmola para realizar uma procissão. [s. l. n. d.]
I-28,4,53
- 481 De [Guilherme Schuch de] Capanema, enviando um ofício. [s. l.] 29 jun. [s. a.]
I-28,4,57
- 482 De Giacomo Raja Gabaglia, referindo-se à data de uma reunião da Comissão Científica. [Rio de Janeiro, s. d.]
I-28,4,63
- 483 De Antônio Ferreira Lima, pedindo ajuda em certa pretensão. Ceará, 19 mar. [s. a.]
I-28,4,66
- 484 De A. A. Santos Souza, solicitando um atestado de exercício na Comissão Científica. [s. l. n. d.]
I-28,4,77
- 485 Do mesmo, solicitando ajuda para que pudesse receber vencimentos como membro da Comissão Científica. [s. l. n. d.]
I-28,4,78
- 486 Do vigário Luís Antônio Marques da Silva, enviando amostras de uns espinhos com que se faziam rendas na localidade. [s. l. n. d.] (Acompañam as ditas espécies)
I-28,4,80
- 487 De Lourenço C. Valente, solicitando um cavalo emprestado para ir a Pacatuba. [Ceará, s. d.]
I-28,4,83
- 488 De Carlos Frederico dos Santos Xavier de Azevedo, dizendo ter ido visitá-lo [s. l. n. d.] (Cartão)
I-28,4,82
- 489 De Antônio Bezerra, pedindo uma esmola. [s. l.] 6 jun. [s. a.]
I-28,4,84
- 490 Da irmã Maria Freire, marcando um encontro. [s. l. n. d.]
I-28,4,82

- 491 De António Marcelino Nunes Gonçalves, dando pêsames. [s. l. n. d.]
(Cartão)
I-28,4,64
- 492 Do primo Joaquim, queixando-se das dificuldades que encontrava no
tratamento da saúde. [s. l. n. d.]
I-28,4,65
- 493 De [Guilherme Schuch de] Capanema, enviando um ofício. [s. l. n. d.]
I-28,4,56
- 494 Do mesmo, enviando provas de uns trabalhos científicos. [Rio de Ja-
neiro, s. d.]
I-28,4,58
- 495 Do mesmo, convidando para jantar. [s. l. n. d.]
I-28,4,60
- 496 Do mesmo, marcando um encontro. [s. l. n. d.]
I-28,4,25
- 497 De [Manuel Ferreira Lagos (?)] informando que adiará uma sessão da
Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro, s. d.]
I-28,4,81
- 498 De Inácio José Mora,ecendo comentários sobre as atividades da Socie-
dade Velosiana. [Rio de Janeiro, s. d.]
I-28,4,72
- 499 De Tomás [Pompeu de Sousa Brasil] dizendo-se de acordo com o pa-
recer de Freire Alencão sobre uma memória apresentada ao Instituto His-
tórico e Geográfico Brasileiro. [Rio de Janeiro] 2 maio [s. a.]
I-28,4,75
- 500 De Leandro N. M. Ransbona, desculpando-se por não poder visitá-lo
[s. l. n. d.]
I-28,4,76
- 501 De Felizarda Joaquina de Sousa, informando já haver mandado um
rapaz para certo serviço. [s. l. n. d.] (Acompanha um rúno seco)
I-28,4,83

IV. CORRESPONDENCIA ALHEIA

- 502 De Bernardo Pereira de Vasconcelos a Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, propondo que o Hospital dos Lázaros fosse entregue a uma administração permanente. Rio de Janeiro, 30 mar. 1838. (Offício. Cópia)
I-23,4,86
- 503 Do mesmo a Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, tratando de assuntos ligados à Faculdade de Medicina. Paço, 8 fev. 1839. (Offício. Cópia autenticada por Luís Carlos da Fonseca)
I-28,4,87
- 504 De Francisco [Alves] a Freire, dando notícias da família. Marapicu, 22 maio 1846. (O remetente era primo de Freire Alemão, que talvez fosse o destinatário)
I-23,5,22
- 505 De [Basilio Torresão] a destinatário não mencionado, tratando de uma memória botânica. [s. l.] 16 out. 1847. (Assinada por Bazo)
I-28,4,88
- 506 De Ângelo Muniz da Silva Ferraz aos lentes da Faculdade de Medicina da Corte, pedindo, em nome dos membros da Comissão encarregada de organizar a tarifa das alfândegas do Império, parecer sobre normas para tratamento alfandegário de produtos medicinais. Rio de Janeiro, 22 ago. 1850. (Offício. Cópia autenticada por Luís Carlos da Fonseca)
I-28,4,89
- 507 De Inácio José Malta a destinatário não mencionado, oferecendo livros à biblioteca da Sociedade Velosiana. Rio de Janeiro, 25 maio 1851.
I-26,5,1
- 508 De José Antônio a destinatário não mencionado, tratando de assunto sem interesse. [s. l.] 15 set. 1854.
I-28,5,2
- 509 De Manuel Ferreira Lagos, secretário da Palestra Científica, a destinatário não mencionado, tratando de uma sessão que teria lugar naquela sociedade. Rio de Janeiro, 1 jan. 1859.
I-28,5,3

510 De Sérgio Teixeira de Macedo, de ordem do Imperador, às autoridades em geral, determinando fossem concedidas facilidades aos membros da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 25 jan. 1859. (Cópia autenticada por Ovídio da Gama Lobo)

I-28,5,3A

511 De João Silveira de Sousa, presidente da Província do Ceará, às autoridades locais, recomendando fossem prestadas todas as facilidades aos membros da Comissão Científica. Palácio do Governo, 19 jul. 1859.

I-28,5,3B

512 De Manuel José da Silva Rodrigues aos membros da Comissão Científica, pedindo a impressão destes sobre uma representação teatral. Aracati, 14 set. 1859.

I-28,5,4

513 De Manuel Ferreira Lagos a destinatário não mencionado, pedindo o encaminhamento de uma correspondência da Comissão Científica. Crato, 5 abr. 1860.

I-20,5,5

514 De Sinval a Antônio Gonçalves Dias, tratando de correspondência da Comissão Científica. [s. l.] 28 abr. 1860.

I-28,5,24

515 De Antônio Marcelino Nunes, presidente da Província do Ceará, às autoridades locais, determinando fosse permitido aos membros da Comissão Científica o uso de armas. Palácio do Governo, 16 maio 1860.

I-28,5,5A

516 De autor não identificado, encaminhando ao Dr. Manuel [Freire Alemão] um criado cozinheiro. [s. l.] 27 abr. 1861.

I-20,5,21

517 De Manuel Freire Alemão a [Antônio Freire Alemão (?)] referindo-se a seu trabalho na Comissão Científica. Pacatuba, 20 maio 1861]

I-28,4,43

518 Do conde de Bapendi a Lucas Antônio Monteiro de Barros, apresentando Francisco Freire Alemão, encarregado pelo governo imperial de estudar as pragas nos cafés da Província do Rio de Janeiro. Santa Rosa, 10 fev. 1862.

I-20,5,6

519 Do conde de Bapendi a Antônio Leite Pinto, apresentando Francisco Freire Alemão, encarregado pelo governo imperial de estudar as pragas nos cafés da Província do Rio de Janeiro. Santa Rosa, 10 fev. 1862.

I-28,5,7

520 De Luís Alves Leite de Oliveira Belo a Virgulino da Costa Guimarães, solicitando auxílio para Francisco Freire Alemão, em sua estada em Mangaraba, onde estudaria a praga dos cafés. Niterói, 17 fev. 1862.

I-20,5,8

- 521 Do mesmo a Fabiano Pereira Barreto, solicitando ajudasse o Dr. Francisco Freire Alemão, em Resende, onde iria estudar a praga dos cafésais. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,9
- 522 Do mesmo a Manuel Teixeira Júnior, de Cantagalo, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafésais. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,10
- 523 Do mesmo ao barão de Itaguaí, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar em Itaguaí a praga dos cafésais. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,11
- 524 Do mesmo a José Francisco da Silva, de Angra dos Reis, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafésais. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,12
- 525 Do mesmo a Joaquim Marinho de Queirós, de Araruama, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafésais. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,13
- 526 Do mesmo ao barão do Rio Claro, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar em Rio Claro a praga dos cafésais. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,14
- 527 Do mesmo a Francisco de Sousa Brandão, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafésais. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,14A
- 528 Do mesmo a Francisco José Soares, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafésais. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,14B
- 529 Do mesmo a Braz Fernandes Carneiro Viana, solicitando auxílio para o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafésais. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,15
- 530 De Joaquim José de Sousa Breves ao sr. Chaves, apresentando Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafésais do Rio de Janeiro. Fazenda de São Joaquim, 30 mar. 1862. I-28,4,8
- 531 Do mesmo a Joaquim Pinto de Paiva, solicitando auxílio para o Dr. Francisco Freire Alemão, encarregado pelo governo de estudar a praga dos cafésais do Rio de Janeiro. Fazenda de São Joaquim, 30 mar. 1862. I-28,5,16

- 532 De mesmo a José Francisco dos Santos Pessanha, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão. Fazenda de São Joaquim, 30 mar. 1862.
I-28,5,17
- 533 Da Imperial Comissão Científica ao capitão Antônio Joaquim de Oliveira, tratando de gratificação por este pleiteada. Rio de Janeiro, 24 nov. 1868. (2.^a via, sem assinatura)
I-28,5,18
- 534 Da Academia Imperial de Medicina a Maria Cristina Freire Alemão, apresentando condolências por motivo do falecimento do Dr. Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 9 dez. 1871. (Assinada por Moncorvo de Figueiredo e José Zeferino de Menezes Brum)
I-28,6,19
- 535 De E. M. M. a Maria Freire, indagando sobre uma correspondência. [Rio de Janeiro, 23 fev. 1888]
I-28,5,23
- 536 De Maria Freire de Vasconcelos ao Director da Biblioteca Nacional, oferecendo alguns manuscritos do Dr. Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 28 dez. 1947.
I-28,5,20
- 537 De Manuel Freire Alemão a um dos tios, tratando de providências relacionadas com o falecimento de uma parenta. [Rio de Janeiro, 21 abr. s. a.]
I-28,4,50
- 538 De mesmo às irmãs, tratando de umas encomendas. [s. l. n. d.]
I-28,4,85
- 539 De Giacomo Raja Gabaglia ao capitão Antônio Joaquim de Oliveira, tratando de débitos da Comissão Científica para com seus artífices. [s. l. n. d.]
I-28,5,26
- 540 De [Bernardo Pereira de (?)] Vasconcelos a Luis Carlos da Fonseca, dizendo que algo (não declarado) não ia bem, e pedindo a presença deste. [s. l.] 30 jan. [s. a.]
I-28,5,28

V. MISCELÂNEAS CIENTÍFICAS

541	Miscelânea botânica. 1834-69.	1-28,7,1
542	Observações sobre plantas examinadas ao microscópio. 1838-57.	1-28,9,40
543	Observações sobre diversos insetos. 1838-51.	1-28,9,35
544	Apontamentos sobre madeiras do Ioi. 1845-52.	1-28,9,48
545	Súmulas de lições de botânica. 1851-53.	1-28,9,64
546	Desenhos e anotações várias sobre plantas, flores e frutos. [s. d.]	1-28,8,40

VI. MONOGRAFIAS E COMUNICAÇÕES

- 547** *Dissertation sur le goître*. (Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Medicina de Paris em 1831. Edic. em Paris, 1831, 46 ps.)
I-28,6,1
- 548** *Vicentia acuminata* (n. v.: Guazajuba) 30 out. 1844. (Cl. Min. Brasil., v. III, n.º 3, 15 dez. 1844, p. 36)
I-28,6,2
- 549** *Andradia floribunda* [(n. v.: Tapaciriba); 8 jul. 1845. (Impresso. Com 1 grav. e 1 nota manuscrita. Cl. Min. Brasil., 2.ª série, n.º 1, 1.º agô. 1845, p. 91)
I-28,6,3
- 550** *Geissospermum Velloti* (n. v.: Pau-pereira, Pau-forquilha, Pau-de-pente, Camará-de-bilro, Camará-do-mato, Canudo-amargoso, etc.) Rio de Janeiro, 18 nov. 1845. (Impresso. Cl. Arch. Med. Brasil., t. II, n.º 4, dez. 1845, p. 75)
I-28,6,35
- 551** "Exposição de alguns fatos a respeito da desfolha e florescência das árvores, na Província do Rio de Janeiro, acompanhada de considerações gerais". [Dez. 1845]
I-28,6,4
- 552** "Ensaio monográfico das *Dorstenias* (capiás) que nascem nos arredores do Rio de Janeiro". Jan. 1846.
I-28,6,5
- 553** *Pourchon fluminensis* (n. v.: Marivigó ou Barivigó) 24 nov. 1846. (Impresso. Cl. Arch. Med. Brasil., t. III, n.º 4, dez. 1846, p. 73)
I-28,6,6
- 554** "Cousas mais notáveis da *Jatropha curcas* (Pinhões)". 23-29 dez. 1846.
I-28,6,7
- 555** ["Madeiras do Brasil"] (Ocorre a seguinte nota: "Borrão de madeiras do Brasil que mandei ao Dr. Martius em maio de 1817". Veja-se atrás o n.º 94)
6,4,80 n.º 149

- 556 *Silva neesii* (n. v.: *Tapinhoã*) [1847] (Impresso. Com uma nota manuscrita de 18 jun. 1858, declarando que a planta deveria chamar-se *Tapinhoã neesii*, à vista da existência em De Candolle do nome genérico *Silva*. Cf. *Arch. Med. Brasil*, t. III, n.º 12, ag.º 1847, p. 263)
I-28,8,9
- 557 *Myrcarpus fastigiatus* (n. v.: *Caburettu*; *Oleo-pardo*). 28 out. 1847. (Impresso. Cf. *Arch. Med. Brasil*, t. IV, n.º 2, nov. 1847, p. 25)
I-28,8,8
- 558 "Descrição botânica da planta chamada vulgarmente *Gôlfo* em português; e na língua indígena *Gigoga*". Nov. 1847.
5,4,29 n.º 32
- 559 *Hyperonima alchorneoides* (n. v.: *Urucurana*) [1] *Indivíduo feminino*. Abr. 1848. (Cf. *Arch. Med. Brasil*, t. IV, n.º 8, maio 1848, p. 169)
[11] *Indivíduo masculino*, 18 nov. 1850. (Cf. *Rev. Brasil*, t. I.º, 1857, p. 56)
I-28,8,12
- 560 "Tentativa duma história das florestas da Província do Rio de Janeiro". Mendanha, 19 fev. 1849.
5,4,30 n.º 157
- 561 *Ophthaimoblyptum macrophyllum* (n. v.: *Santa-luzia*). Rio de Janeiro, 23 ag.º 1849. (Ocorre também o impresso. Cf. *Guanabara*, t. I.º, 1850, p. 14)
I-28,8,10
- 562 "Apontamentos [sobre a conservação e corte das madeiras de construção naval]" Engenho Velho, 4 out. 1849.
5,4,30 n.º 148
- 563 "Relação de algumas árvores que floresceram de 1848 a 1849". 30 nov. 1849. (Ocorre a seguinte nota: "mandada ao Dr. Martius". Veja-se atrás o n.º 110)
5,4,30 n.º 150
- 564 *Machuerium heteropterum* (n. v.: *Angelim*). Rio de Janeiro, 13 out. 1850. (Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 33)
I-20,8,11
- 565 "Exercícios botânicos. Memória I.ª. Sobre a estrutura e função dos pêlos excretores da nossa urtiga-braba (*Urtica nitida* da *Flora Fluminense*)". 11 dez. 1850. (Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 33)
I-28,8,13
- 566 "Reflexões sobre a estrutura das *Pisônias*". Mendanha, 30 jan. 1851. (Veja-se aliante o n.º 572)
5,4,37 n.º 75
- 567 *Ferreira spectabilis* (n. v.: *Sepéira-amarela*). 9 abr. 1851. (Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 26)
I-28,8,14

568 "Exercícios botânicos. Memória 2.^a. Considerações sobre a estrutura e usos de alguns pêlos, e órgãos análogos". 4 jul. 1851. (Data da leitura na Sociedade Velosiana; a redação seria anterior, pois a Memória 3.^a é de maio do mesmo ano. Cf. *Rev. Brazil.*, t. 1.^o, 1857, p. 371)

I-28,6,16

569 "Exercícios botânicos. Memória 3.^a. Origem, e desenvolvimento dos vasos nos embriões da *Jatropha curcas*, e da *Aleurites triloba*, durante a sua germinação; e algumas considerações daí deduzidas". [1.^a leitura] 9 maio 1851. (Veja-se adiante o n.^o 570)

I-28,6,16 n.^o 1

570 "Exercícios botânicos. Memória 3.^a. Origem e desenvolvimento dos vasos nos embriões da *Jatropha curcas*, e da *Aleurites moluccana*, durante a sua germinação; e algumas considerações daí deduzidas". [2.^a leitura] Rio de Janeiro, 11 maio 1852. (Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 301 e *Col. Exp. Hist. Braz.*, n.^o 11.817)

I-28,6,16 n.^o 2

571 "Apontamentos que poderão servir para a história das árvores florestais do Brasil, e particularmente das do Rio de Janeiro. 1.^a leitura". 18 ago. 1851. (Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 53. Veja-se adiante o n.^o 575)

I-28,6,17

572 "Exercícios botânicos. Memória 4.^a. Sobre a estrutura do caule das Nicotagíneas". 29 ago. 1851. (Redação definitiva. A data é a da leitura na Sociedade Velosiana)

I-28,6,18

573 ["Notícia de algumas plantas"] 20 nov. 1851. (Fragmento. Fala o estudo sobre a *Soaresia nitida* (viti) e as sapucaias. Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 72, e *Rev. Brazil.*, t. 1.^o, 1857, p. 210. *Soaresia nitida* 'viti' ou 'viti-cica')

I-28,6,31

574 "Comentários à parte botânica de Gabriel Soares". 1851. (Ocorre uma nota esclarecedora de que o trabalho, inconcluso, se começara a pedido de Varnhagen)

I-28,6,20

575 "Apontamentos que poderão servir para a história das árvores florestais do Brasil, particularmente das do Rio de Janeiro. 2.^a leitura". [1852] (Trata da etimologia de *pau-brasil*)

I-28,6,19

576 "Estudo de uma orquídea... colhida em um tronco de árvore podre. *Habenaria*". Mendanha, 22 jan. 1852.

5,4,30 n.^o 116

577 "Comunicação [sobre árvores florestais]" 1852. (Trata do vinhático-amarello e do tatu)

I-28,6,22

578 "Será verdade, será possível, que, durante uma seca, um dos sinais de chuva próxima seja o aumento das águas das fontes?" [Jun. 1852 (?)]

I-28,6,23

579 "Exercícios botânicos. Memória 5.^a. Algumas considerações, e fatos novos concernentes à estrutura das flores e frutos da Embaúbeira (*Cecropia peltata*) que devem servir para se completar a história dos caracteres do gênero *Cecropia*". 14 jul. 1852 e 15 jan. 1853. (Cf. *Rev. Brazil.*, t. 3.^o, 1860, p. 8)

I-28,6,24

580 "Exercícios botânicos. Memória 7.^a. Exposição de dois fatos, observados nas folhas de duas espécies de *Guarea*, e nas do *Citrus decumana*, que me pareceram dignos de atenção". 15 set. 1852.

I-28,6,25

581 "Exame comparativo das duas espécies de verbenas: a de Caracas e a nossa". Maio 1853.

I-28,6,26

582 "Exercícios botânicos. Memória 8.^a. Observações microscópicas a respeito da formação do sistema vascular nas plantas fanerógamas". [1853 (?)]

I-28,6,27

583 "Cana de açúcar (*saccharum officinarum*). Planta introduzida no Brasil pouco tempo depois do seu descobrimento". 16 maio 1856. (Cf. "Quais são as principais plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?", in *Rev. do I. H. G. B.*, t. XIX, 1856, ps. 539-78)

I-28,6,28

584 "O catêzeiro (*coffea arabica* Lin.)". 16 maio 1856. (Cf. "Quais são as principais plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?", in *Rev. do I. H. G. B.*, t. XIX, 1856, ps. 539-78)

I-28,6,29

585 "Chá (*thea viridis*). Agô. 1856. (Incompleto. Cf. "Quais são as principais plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?", in *Rev. do I. H. G. B.*, t. XIX, 1856, ps. 539-78)

I-28,6,30

586 ["Exercícios botânicos. Memória 9.^a. Teratologia vegetal. [Exposição de duas formas de monstruosidades observadas no nosso milho comum (*Zea mays*)". Maio 1857] (Cf. *Rev. Brazil.*, t. 3.^o 1860, p. 3. Veja-se adiante o n.^o 589)

I-28,6,31 n.^o 1

587 "Descrição de uma euforbiácea, cujos caracteres parece que a constituem representante de um gênero novo. [*Hixadenia ferox*, n. v.: Baipha-de-espada]" Out. 1857 e 11 jun. 1858. (Cf. *Rev. Brazil.*, t. 1.^o, 1857, p. 368)

I-28,6,32

588 *Zellernia mocitaba* (n. t.: *Mocitaba*, *Mocutaba*, *Jacurutá-mocutaba*, *Maria-préta*). Rio de Janeiro. 11 jun. 1858.

I-28,6,33

589 "Anomalias na inflorescência do milho *Zea mays*". (Aditamento. Cf. *Rev. Brazil.*, t. 3.^o, 1860, p. 6)

I-28,6,31 n.^o 2

- 590 *Myracrodruon urundeuum* (vulgo *Aracêira*). Rio de Janeiro, jun. 1862. (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 1.º folh., 1862, p. 3)
I-28,6,34 n.º 1
- 591 *Pterygota brasiliensis* (vulgo *Piraud*). [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 1.º folh., 1862, p. 7)
I-28,6,34 n.º 2
- 592 *Torresia caerensis*, vulgariter *Camara* in provincia Ceará [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 2.º folh., 1864, p. 17)
I-28,6,34 n.º 3
- 593 *Tipuana auriculata*. Ordinis leguminosarum a Cearaënsibus, vulgo Pau-de-uacô nominata. [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 2.º folh., 1864, p. 21)
I-28,6,34 n.º 4
- 594 [I] *Ribeirea calophylla*. [II] *Ribeirea capitata*. [III] *Ribeirea elliptica*. [IV] *Ribeirea calva*. [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 2.º folh., 1864, ps. 29-36)
I-28,6,34 n.º 5
- 595 *Mimusops elata* (n. v.: *Massaranduba*) [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 45. Ocorre uma cópia no n.º 596)
I-28,6,34 n.º 6
- 596 *Supotacearum Omnium, quae in provincia Ceará, dum cum Expeditione perhustabat, lectae fuerunt descripti auctore Francisco Freire Azevedo*. [I] *Mimusops Elata* vulgariter *Massaranduba* nominata [II] *Mimusops Triflora* vulgo *Massaranduba dos terreiros* in Provincia Ceará. [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, ps. 45 e 50)
5,4,34 n.º 2
- 597 *Lucuma montana* (n. v.: *Enguça-vaca*) [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 53)
I-28,6,34 n.º 7
- 598 *Chrysophyllum glycyphloeum* (n. v.: *Guaranhém*) [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 60)
I-28,6,34 n.º 8
- 599 *Chrysophyllum Cyniciti*, nomen vulgare ignotum. [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 65)
5,4,34 n.º 8A
- 600 *Chrysophyllum Tomentosum*, n. v. *Enquiri* ou *Massaranduba*. [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 69)
5,4,34 n.º 4
- 601 "Memória sobre a Carúncula, da família das euforbiáceas, e sobre um órgão particular que se acha nesta família e em outras, ao qual não se tem dado grande importância". [s. d.]
I-28,6,34

- 602 *Araúja Brotorn.* [s. d.] I-28,6,37
- 603 "Estado de um arbusto de 6 a 7 pés de altura, colhido na Serra dos Tajás do Sul pelo Dr. Ildefonso". [s. d.] I-28,6,38
- 604 "Estudos carpológicos. Memória 1.^a. Sobre o trajeto da matéria secundante, ou fôvula, do estigma até o óvulo". [s. d.] I-28,6,39



Araçá-zinho. Estudo e desenho sãos do Ceará. Pacatuba, 7 maio 1861.

VII. ESTUDOS BOTÂNICOS

805 "Estudos Botânicos". 1884-66. 17 vols. *

5,4,10-34

806 ["Flora Cearense"] 1858-61. 9 vols. *

I-26,5,2-10

* Cf. índice respectivo.

VIII. PAPEIS DA EXPEDIÇÃO AO CEARÁ

I. DIÁRIOS

- 607 ["Notas sobre Fortaleza e Pacatuba"] 30 mar. - 3 ago. 1859. I-28,8,1
- 608 "Viagem de Fortaleza a Aracati". 16-21 ago. 1859. I-28,8,2
- 609 ["Notas sobre a vila de Aracati"] 29 ago. - 14 set. 1859. I-28,8,3
- 610 "Viagem de Aracati ao Crato". 15 set. - 6 out. 1859. I-28,8,4
- 611 ["Viagem de Icó ao Crato"] 4 nov. - 8 dez. 1859. I-28,8,5
- 612 ["Estada no Crato"] 8 dez. 1859 - 29 jan. 1860. I-28,8,6
- 613 "Viagem ao Exu, Jardim e Barbalha pela chapada do Araripe". 30 jan. - 18 fev. 1860. I-28,8,7 n.º 1
- 614 ["Estada no Crato"] 9 fev. - 8 mar. 1860. I-28,8,7 n.º 2
- 615 ["Viagem do Crato a Pacatuba"] 8 mar. - 20 abr. 1860. I-28,8,7 n.º 3
- 616 ["Estada em Fortaleza"] 23 maio - 27 jun. 1860. I-28,8,8
- 617 "Viagem do Ceará ao Rio de Janeiro no vapor *Crangiro do Sul*". 27 jun. - 7 jul. 1860. I-28,8,9
- 618 "Volta do Rio para o Ceará". 24 ago. - 9 set. 1860. I-28,8,10
- 619 "Viagem da Fortaleza até a Serra Grande". 9 out. 1860 - 2 mar. 1861. I-28,8,11

- 620 "Estada em Fortaleza" 3-27 abr. 1861. I-28,8,12
- 621 "Estada em Fortaleza" 27 abr. — 13 jul. 1861. I-28,8,13
- 622 "Viagem do Ceará para o Rio de Janeiro". 13-24 jul. 1861. I-28,8,14

2. NOTAS E INFORMAÇÕES

- 623 "Viagem à fazenda da Munguba (Engenho de São João de Munguba) do Tenente-Coronel João Franklin de Lima". 28 fev. — 4 mar. [1859] I-28,8,15 n.º 1
- 624 "Viagem a Mucuripe em 9 de março [de 1859]" I-28,8,16 n.º 1
- 625 Informações sobre cêrvas, culturas e madeiras da região de Pacatuba, dadas por H[enrique] Gonçalves] da Justa. Pacatuba, 5 e 6 abr. 1859. I-28,8,17
- 626 Notas sobre madeiras de Rio Formoso e a linguagem de Pacatuba. Pacatuba, 8 e 15 abr. 1859. I-28,8,18
- 627 Notas colhidas de vários informantes sobre apanha do café e assuntos diversos. Pacatuba, 16 e 17 abr. 1859. (Ocorre uma nota de 11 maio 1859 sobre o povoamento de Pacatuba) I-28,8,19
- 628 "Viagem à Vila Velha, e Barra do Ceará". 2 maio 1859. I-28,8,16 n.º 2
- 629 "Invernos do Ceará". Fortaleza, 3 maio 1859. (Com uma nota de 30 do mesmo mês) I-28,8,20
- 630 "Passeio a Jacaré, sítio do Sr. Sabóia". 8 maio [1859] I-28,8,15 n.º 2
- 631 "Ascensão à Serra da Aracantha". Pacatuba, 18 maio 1859. I-28,8,21
- 632 Notas sobre a linguagem de Pacatuba. Pacatuba, 13 jun. [1859] I-28,8,22
- 633 "Viagem ao Rio Dau". Pacatuba, 16 jun. 1859. I-28,8,23
- 634 Lista de fazendeiros, autoridades e moradores de Pacatuba. Pacatuba, 16 jun. 1859. I-28,8,24
- 635 "Subida ao Jacobá". Pacatuba, 5 jul. 1859. I-28,8,25

- 636 Notas de conversa com [Manuel] Bezerra sobre os Feitozas, Momões e Pinto Madeira. Fortaleza, 23 jul. 1859.
I-28,8,26
- 637 Informações prestadas por Manuel Bezerra sobre a índole dos trabalhadores do sertão. [Fortaleza, 11 ago. 1859]
I-28,8,27
- 638 "Passeio ao Cumbe". [Fortaleza] 25 ago. [1859]
I-28,8,28
- 639 Notas sobre a história do Ceará extraídas de um ms. do Pó. Francisco Teles de Menezes. Aracati, 30 ago. [1859]
I-28,8,29
- 640 Rascunhos de itinerários. [s. l.] ago. — dez. 1859.
I-28,8,30
- 641 "Visita ao Cumbe". Aracati, 2 set. 1859.
I-28,8,31
- 642 Informações prestadas por Antônio José de Vasconcelos sobre as localidades de Arari, Cruz das Almas e São José. Aracati, 18 set. [1859]
I-28,8,32
- 643 Notas da viagem de Russas a Jaguaribe. 22 set. — 5 out. 1859.
I-28,8,33
- 644 Descrição da paisagem e dos costumes do sertão. Jaguaribemirim, 2 out. 1859.
I-28,8,34
- 645 Notas sobre o gado e as casas do sertão. Jaguaribe[mirim] 2 out. [1859]
I-28,8,35
- 646 Nota sobre a vegetação de entre Catinga de Góis e Icó. [Out. 1859]
I-28,8,36
- 647 "Pássaros no Vale do Jaguaribe, de Aracati até Icó". [13 out. 1859]
I-28,8,37
- 648 Notas sobre a cidade de Icó. Icó, 25 out. 1859.
I-28,8,38
- 649 Relato da visita ao Engenho Formoso e ao corte do Boqueirão. [Icó, 19-21 nov. 1859]
I-28,8,39
- 650 Informações sobre a agricultura na freguesia de Lavras, prestadas por Manuel Antônio de Moraes. Lavras, 26 nov. 1859.
I-28,8,40
- 651 Itinerário de Lavras a Juazeiro. [s. l.] 3-7 dez. [1859]
I-28,8,41
- 652 "Subida à Serra do Araripe". [Crato] 14 dez. 1859.
I-28,8,42

- 653 Notas sobre as vilas de Jardim e Barbalha. [Jardim, 6 jan. 1860]
I-28,8,43
- 654 Descrição da cidade do Crato. [Crato, jan. 1860]
I-28,8,44
- 655 Informações colhidas a respeito das espécies de arroz cultivadas no Crato e das pragas de roedores. Crato, 26 jan. 1860.
I-28,8,45
- 656 "O inverno no Cariri". Crato, 12 fev. 1860.
I-28,8,46
- 657 Itinerário de Morada Nova a Pirangi. [Pirangi] 29 mar. [1860]
I-28,8,47
- 658 Notas sobre o regime de chuvas no Ceará. Fortaleza, 5-12 maio 1860.
I-28,8,48
- 659 "Conceitos populares a respeito de tesouros e riquezas do país". [Fortaleza] 5 maio 1860.
I-28,8,49
- 660 "Sentimento da gente do Ceará a respeito da Comissão". [Fortaleza] 15 maio 1860.
I-28,8,50
- 661 Informações prestadas por [João] Franklin de Lima sobre remanescentes indígenas do Ceará e seus costumes. Fortaleza, 23 maio 1860.
I-28,8,51
- 662 Observações sobre o sentimento dos cearenses para com os estrangeiros. [Fortaleza, jun. 1860]
I-28,8,52 n.º 1
- 663 Notas sobre a casa em que residia a Comissão Científica e o preço de gêneros alimentícios. [Fortaleza] 4 e 19 jun. 1860.
I-28,8,52 n.º 2
- 664 Informações sobre os Feitosas e Moirões prestadas por [João] Franklin de Lima e Manuel Bezerra. [Fortaleza] 24 set. e 3 out. 1860.
I-28,8,53
- 665 Notas meteorológicas. [Fortaleza] 13 set. — 9 out. [1860]
I-28,8,54
- 666 Notas sobre a chegada à localidade de Cacimba de Pedras. 24 e 25 [out. 1860]
I-28,8,55
- 667 Notas sobre a denominação do gado segundo a cor e a forma dos chifres. Cacimba de Pedras, 25 [out. 1860]
I-28,8,56
- 668 Informações sobre a localidade de Ipu prestadas por Antônio Pereira da Silva. Ipu, 23 out. 1860.
I-28,8,57

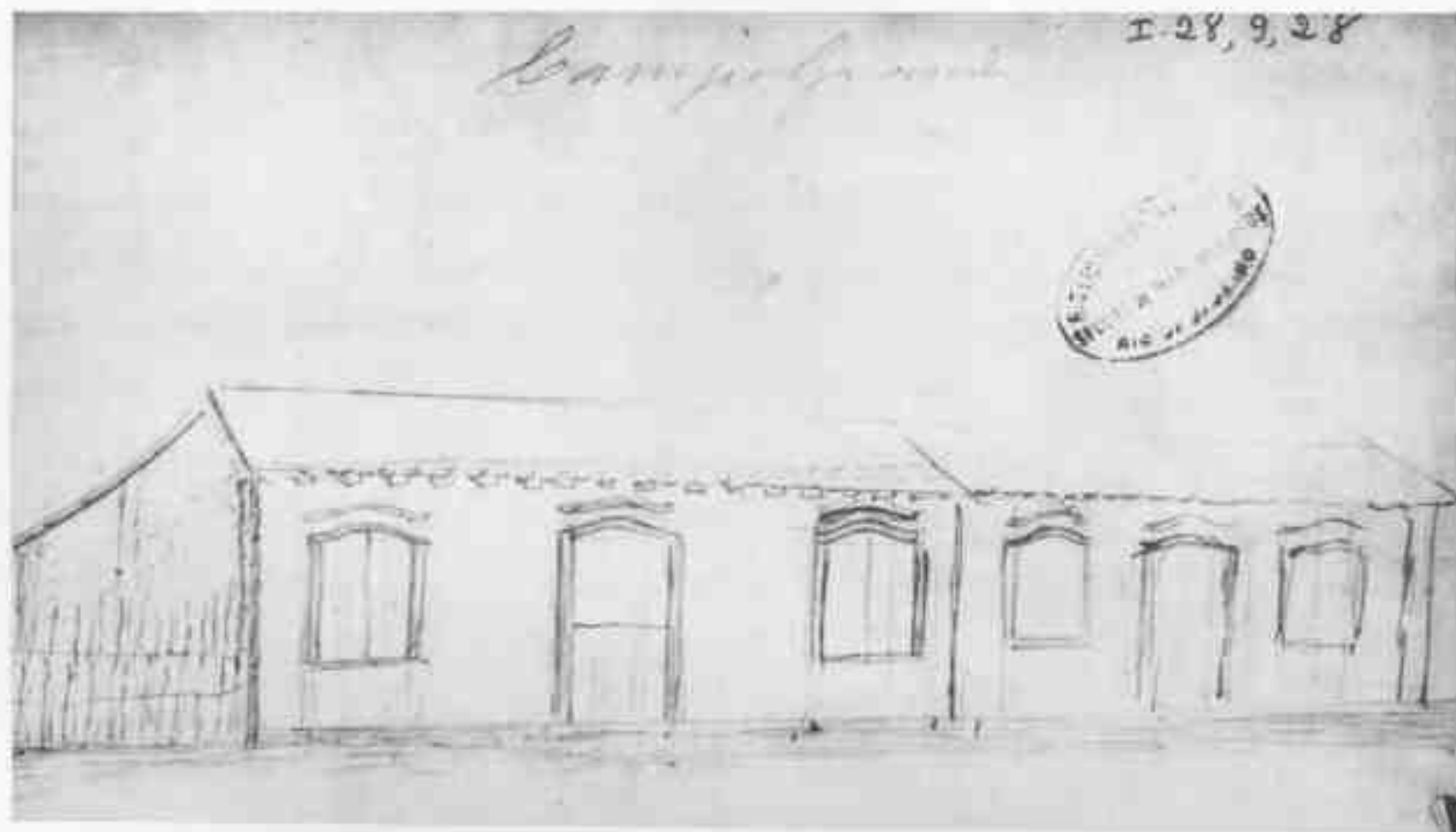
- 668 Notas sobre a localidade de Campo Grande e as lutas dos Chaves e Barbosas colhidas de conversas com Francisco Ferreira Passos e Maria Pereira do Nascimento. Campo Grande, nov. 1860.
I-28,8,58
- 670 "Excursão até as matas da Timbaúba, que ficam daqui pouco mais de uma légua". Serra Grande, Campo Grande, 5 nov. 1860.
I-28,8,59
- 671 Notas da viagem de Campo Grande a São Benedito. [São Benedito] 11 nov. 1860.
I-28,8,60
- 672 Informações sobre a localidade de São Benedito prestadas por Luis José de Miranda e plano da vila. São Benedito, nov. 1860.
I-28,8,61
- 673 "Lembrança das plantas que ontem vimos à beira do caminho vindo de S. Benedito". São Pedro, 28 nov. 1860.
I-28,8,62
- 674 "Diversos modos de suspender a rede no Ceará". [São Pedro, nov. 1860]
I-28,8,63
- 675 Notas sobre o povoamento de Vila Viçosa, com um esboço de planta da localidade e uma receita para o preparo do cauim. Vila Viçosa, 29 nov. 1860.
I-28,8,64
- 676 Notícia sobre a criação da vila de Quatiguaba dada por Aleixo Rodrigues da Costa. Quatiguaba [1 dez. 1860]
I-28,8,65
- 677 Lista das plantas colhidas no caminho entre o rancho Capêba e a vila de Quatiguaba. Quatiguaba, 1 dez. 1860.
I-28,8,66
- 678 Notas sobre a localidade de Vila Viçosa. [Dez. 1860]
I-28,8,67
- 679 Informações sobre antigos agrupamentos indígenas das redondezas de Vila Viçosa. Vila Viçosa, 8 e 9 dez. 1860.
I-28,8,68
- 680 Notas sobre a localidade de Meruoca. 7 jan. 1861.
I-28,8,69
- 681 Notas sobre a cidade de Sobral. 15 jan. 1861.
I-28,8,70
- 682 Notícias sobre a freguesia de Santo Antônio dadas por Antônio da Mota Pereira. Santo Antônio, 23 jan. 1861.
I-28,8,71
- 683 Descrição da vila do Canindé e informações prestadas por Antônio da Cunha Marreiros. Canindé, [3 fev. 1861]
I-28,8,72

- 684 Notícias sobre o povoamento e o desenvolvimento de Baturité. Baturité, [fev. 1861]
I-28,8,73
- 685 Informações sobre a região da Serra de Baturité prestadas por João Batista Alves de Lima, José Fortunato Brandão e Rita Maria da Conceição. Baturité, 8 e 17 fev. 1861.
I-28,8,74
- 686 Informação sobre a primeira cultura de café na Serra de Maranguape dada por Manuel Félix Araújo. Maranguape, 28 abr. 1861.
I-28,8,75
- 687 Nota sobre o precário estado do vapor em que a Comissão Científica deveria regressar ao Rio de Janeiro. [Fortaleza] 29 jun. 1861.
I-28,8,76
- 688 Observações a respeito do caráter de alguns membros da Comissão Científica. [Ceará, s. d.]
I-28,8,77
- 689 Notas vocabulares colhidas no Ceará. [s. d.]
I-28,8,78
- 690 Quadras populares recolhidas no Ceará. [s. d.]
I-28,8,79
- 691 "Cauim" [Rio de Janeiro, s. d.] (Descrição do modo de preparo de bebidas fermentadas, especialmente o cauim, pelos indígenas do Ceará)
I-28,8,80

3. NOTAS DOCUMENTAIS

- 692 Notas extraídas do antigo Livro da Câmara de Aracati. Aracati, 11 set. 1859.
I-28,9,1
- 693 Cópia de uma carta de João Brígido dos Santos a Pedro Théberge, em que se relatam fatos das lutas políticas do Ceará no ano de 1824. Crato, 19 dez. 1859. (Ocorrem informações complementares prestadas por Canuto José de Aguiar)
I-28,9,2
- 694 Descrição da chapada do Araripe, extraída do periódico *O Araripe*. Crato, 21 dez. 1859.
I-28,9,3
- 695 Notas sobre as lutas de família no Ceará transcritas d'*O Araripe*. [Crato] 25 dez. [1859]
I-28,9,4
- 696 Notas sobre os *penitentes* extraídas d'*O Araripe*. Crato, [dez. 1859]
I-28,9,5

- 697 Notas sobre óbitos, casamentos e batizados referentes a algumas localidades cearenses extraídas d'O *Araújo*. [Crato, dez. 1859] I-28,9,6
- 698 Notícias sobre a Comissão extraída do *Correio Mercantil*. Crato, 9 fev. 1860. I-28,9,7
- 699 "Apontamentos para a crônica da Província do Ceará" [I] (Transcrição d'O *Cearense*) [Crato, fev. 1860] I-28,9,8
- 700 "Apontamentos para a crônica da Província do Ceará" [II] (Transcrição d'O *Cearense*) Crato, 23 fev. 1860. I-28,9,9
- 701 Notas sobre a criação da vila do Crato extraídas do livro de inventário dos bens da Igreja da Missão de Jucá. Crato, 5 mar. 1860. I-28,9,10
- 702 Depoimentos sobre o povoamento da região do Cariri extraídos d'O *Araújo*. [Crato, mar. 1860] I-28,9,11
- 703 Notas extraídas dos livros da Câmara da vila do Ipu. Ipu, out. 1860. I-28,9,12 n.º 1-5
- 704 Notas históricas sobre a localidade de Vila Viçosa extraídas de livros da Câmara local. Vila Viçosa, 6 28 dez. 1860. I-28,9,13
- 705 Notas extraídas do Primeiro livro do assento dos batismos da aldeia de Ibiapaba dos Padres da Campanha. [Vila Viçosa, dez. 1860] I-28,9,14
- 706 Extratos do livro que contém o inventário dos bens pertencentes à capela de São Francisco das Chagas do Canindé. Canindé, 1 fev. 1861. I-28,9,15
- 707 Relação das meninas matriculadas na aula pública de 1.º grau, assinada por Viçência Ferreira Sousa de Jesus. Canindé, 1 fev. 1861. (Original) I-28,9,16
- 708 Relação dos alunos do sexo masculino matriculados na aula pública, assinada por Antônio Xavier Macambira. Vila do Canindé, 5 fev. 1861. (Original) I-28,9,17
- 709 Notas sobre a criação da vila de Monte-Mor Novo extraídas do livro de registro geral da Câmara. [Baturité, fev. 1861] I-28,9,18
- 710 Memorando da Companhia Brasileira de Paquetes a Vapor que determina a expedição de passagens em favor dos membros da Comissão Científica. Ceará, 12 jul. 1861. I-28,9,19



Campo Grande. Esboço de uma das mais antigas casas da localidade. Nov. 1860.

- 711 Notas e balanços de despesas feitas pela Comissão Científica. Ceará, [1859-61]

I-28,9,30

- 712 Relatório da Seção Botânica da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 4 dez. 1861. (Ocorre um rascunho fragmentado do mesmo documento)

I-28,9,31

4. DESENHOS

- 713 "Distribuição da casa do Comendador Machado, de 2 andares". Ceará, 6 fev. 1859. (Ocorrem no verso notas do linguajar local. Lápis)

I-28,9,22

- 714 "Vista de uma parte da cidade do Crato, e de Ataripé, tomada de uma janela lateral do sobrado, em que está a Comissão, na Rua do Fogo". [Crato] out. 1859. (Lápis)

I-20,9,23

- 715 Desenho do corte do Boquerão, na serra do mesmo nome, por onde corre o Rio Salgado. [Ipu, nov. 1859] (Lápis)

I-28,9,24 n.º 1

- 716 "Conta da viagem que fiz do Crato ao Fex, Jardim e Barbatha — de 30 de janeiro a 8 de fevereiro, andando mais de 40 léguas". Crato, 15 fev. 1860. (Nanquim)

I-28,9,25

- 717 "Picos". [Picos] 21 out. 1860. (Lápis)

I-28,9,26

- 718 "Vista da Serra Grande tomada da varanda da casa em que estou atracado". Marauás, 24 out. 1860. (Lápis)

I-28,9,27 n.º 1

- 719 Esboço de uma das mais antigas e mais nobres casas da localidade de Campo Grande. Campo Grande, [nov. 1860] (Com descrição. Lápis)

I-28,9,28

- 720 Esboço da povoação de São Pedro. São Pedro, 26 nov. 1860. (Lápis)

I-28,9,29

- 721 "Outra maneira de torcer cerca que vi ao chegar a Vila Viçosa em 1 de dezembro de 1860". (Lápis)

I-28,9,27 n.º 2

- 722 "Plano da Vila em 1860". Vila Viçosa, 27 dez. 1860. (Lápis)

I-28,9,30

- 723 Desenhos de cumeeiras, dobradiças e ferroelhos. Meruoca, 4 jan. [1861] (Lápis)

I-28,9,31

- 724 Portada da casa do Sr. Francisco José Pinto Júnior. João, 24 jan. [1861] (Lápis)

I-28,9,32 n.º 1

- 725 Desenhos de buroca e ferros de marcar gado. Boa Vista do Padre, 25 jan. 1861. (Lápis)
I-28,9,32 n.º 2
- 726 "Plano da cidade de Baturité". [Baturité] 16 fev. 1861. (Lápis)
I-28,9,33
- 727 Frontispício da matriz de Baturité, [Baturité] 21 fev. 1861. (Lápis)
I-28,9,34
- 728 Desenho da cidade de Salvador vista do Hotel Figueiredo. [Salvador] 21 jul. 1861. (Lápis)
I-28,9,35
- 729 Desenho da fazenda Santa Luzia, [s. l. n. d.] (Lápis)
I-28,9,36
- 730 Planta da região compreendida entre a Serra do Urubucrama e Vila Viçosa, [Ceará, 1861] (Nanquim)
I-28,9,24 n.º 2
- 731 Planta da região compreendida entre o litoral, a Serra dos Côcos e o Canindé, [Ceará, 1861] (Lápis)
I-28,9,24A

IX. NOTAS VÁRIAS E DOCUMENTOS INTERESSANTES

- 732 Tradução de um romance musical feita a pedido da marquesa de Jacaré-paguá. [Rio de Janeiro, 183-] I-28,9,37
- 733 Desenho da fachada de uma casa. [Rio de Janeiro] 1831. (Lápis) I-28,9,38
- 734 "Tabela demonstrativa das principais peças que compõem as construções navais; e das madeiras que devem ser empregadas em tais peças; e das que devem ser empregadas debaixo d'água, e fora d'água". (Aprovada por ato da Regência do Império de 7 jan. 1835. Trata-se de cópia, por letra de Freire Alencão, da matéria publicada no *Correio Oficial* de 12 jan. 1835. Segue-se a transcrição da polémica travada nas páginas da *Aurora* a respeito do mesmo documento) 5,4,30 n.º 156
- 735 "Relação da viagem feita do Rio a Nápoles pela Divisão Brasileira, em que veio S. M. a Imperatriz". Mar. — jun. 1818. (Com notas esparsas sobre Nápoles e Roma) I-28,9,41
- 736 Desenho do túmulo de Virgílio. [a. l., 1843] (Tinta) I-28,9,42
- 737 Desenho da casa do poeta Torquato Tasso. Sorrento. [1843] (Tinta) I-28,9,43
- 738 Levantamento dos óbitos ocorridos no Rio de Janeiro nos anos de 1844 e 1845. (Transcrito, provavelmente, do *Arch. Med. Brasil.*) I-28,9,44
- 739 Notas sobre etimologia indígena e medicina popular, colhidas em conversa com o Dr. Barros, e Faro. Petrópolis, 5 mar. 1844. I-28,9,45
- 740 Notas colhidas em conversa com o Dr. Azeredo no Paço da Boa Vista, em 28 jul. 1845. (Trata de Elias, o construtor do Paço, e do desembragador Dinis) I-28,9,47
- 741 "Caça que existiu, ou que ainda existe, nos matos virgens de Campo Grande, etc." [Campo Grande] 1845. I-28,9,48

742 Notas tomadas durante uma entrada em serviço no Paço de São Cristóvão. 18.25 abr. 1846. (Tratam de seu estado de saúde e de informações prestadas pela condessa de Belmonte)

I-28,9,40

743 Notas várias sobre urbanismo e arquitetura referentes à cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1846-53.

- I "Demolição do muro do Castelo e plano de um bairro modelo".
- II Plano do Passeio Público.
- III Desenhos (2) de fachadas de casas antigas.
- IV Planos (2) do primitivo ajardinamento do Largo da Aclamação.
- V Apontamentos sobre o solo.

I-28,9,50 n.º 1-5

744 Notas colhidas em conversa com Joaquim J. de Sequeira sobre a entrada clandestina, no Brasil, de obras proibidas e reuniões de conspiradores no tempo do conde de Resende, e com João Pedro da Veiga sobre a partida, de Portugal, da família real. São Cristóvão, 13 set. 1847 -- [Rio de Janeiro] 27 nov. 1848.

I-28,9,51

745 Notas sobre logradouros do Rio de Janeiro colhidas em conversa com o cartalista Sequeira. Paço Imperial, abr. 1848.

I-28,9,52

746 Parecer sobre a depreciação do chá na Província de São Paulo. [Rio de Janeiro, dez. 1848]

I-28,9,53

747 Notícias a respeito dos naturalistas Joaquim de Miranda e José Mariano da Conceição Velloso, colhidas de vários informantes. [s. l.] 1849.

I-28,9,54

748 Notas sobre o naturalista Manuel Arruda da Câmara. [s. l.] 1848-49.

I-28,9,55

749 "Notícias sobre o Padre Coito obtidas de minha tia Antônia". [Mendanha, 1849-53]

I-28,9,56

750 Notas sobre o botânico Frei Leandro do Sacramento. [s. l.] 1849-53.

I-28,9,57

751 Notas sobre o marquês de Maricá. Petrópolis, 23 jun. 1850.

I-28,9,58

752 Notas sobre o naturalista Antônio Correia de Lucena colhidas em conversa com José Joaquim Rodrigues Lopes. Engenho Velho, 1 jul. 1850.

I-28,9,59

753 Notas sobre criminosos que agiam na estrada do Rio de Janeiro para Minas Gerais, em fins do séc. XVIII. Notícias lhecidas pelo padre Nogueira. [s. l.] 16 out. 1850.

I-28,9,60

- 754** Discussão de etimologias indígenas (caá e guará). [s. l.] 22 maio 1851.
(Exposição apresentada à Sociedade Velosiana)
I-28,9,61
- 755** Notas sobre o mestre Valentim e antigos lugradouros do Rio de Janeiro.
[s. l.] 28 set. 1851.
I-28,9,62
- 756** Notas sobre o beneditino frei José Mariano da Conceição Veloso. Rio de Janeiro, 1851-53.
I-28,9,63
- 757** "Resposta a objecções e argumentos propostos por um estudante no ano de 1852". [Rio de Janeiro, 1852]
I-28,9,65
- 758** Notas sobre o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. [Rio de Janeiro] 12 maio 1853.
I-28,9,66
- 759** Relato da visita do Imperador a uma chácara do Andaraí a fim de examinar certa árvore. [Rio de Janeiro] 9 jun. 1853.
5,4,30 n.º 138
- 760** Notas de experiências a respeito dos fenómenos de sonambulismo. Engenho Velho, 29-30 jul. 1853.
5,4,32 n.º 21 e 22
- 761** Notas a respeito da etimologia de *anta*. [s. l. 1855]
5,4,30 n.º 164
- 762** Estudos (7) de arquitetura da casa do Mendanha. [Rio de Janeiro] 1854.
I-28,9,67
- 763** Desenhos de dobradiças e ferrolhos do palacete [imperial (?)] de Petrópolis. Petrópolis, 3 abr. 1855. (Tinta)
I-28,9,68
- 764** Notícias sobre a epidemia de cólera-morbo na freguesia de Campo Grande. [s. l.] dez. 1855.
I-28,9,69
- 765** Notas sobre derrubadas nas matas de Campo Grande. Mendanha. 17 jan. 1856.
I-28,9,70
- 766** Notas sobre Montevideu e Buenos Aires, tomadas em conversa com o Sr. Cândido Ferreira C. de Sousa. Petrópolis, 20 mar. 1856.
I-28,9,71
- 767** Parecer a respeito da criação de fazendas-modelo. [Fortaleza] 28 mar. 1861.
I-28,9,72
- 768** Itinerário a ser cumprido durante a pesquisa a respeito de moléstias dos caçazeiros da Província do Rio de Janeiro. [s. l., 1862]
I-28,9,73

- 769 Notas de uma pesquisa a respeito de moléstia dos cafés da Província do Rio de Janeiro. [s. l., 24 mar. 1862]
I-28,9,74
- 770 Descrição de duas casas de fazenda, uma delas a da Olaria. [Fazenda da Olaria, mar. 1862]
I-28,9,75
- 771 Desenhos (3) da fazenda Santa Mônica, da marquesa de Bacpendi, na Província do Rio de Janeiro. [Fazenda Santa Mônica] 14 e 15 maio 1862.
I-28,9,76
- 772 Notas diárias sobre um provável surto de bexigas entre familiares do Mendanha. [Mendanha] 1-28 jan. 1866.
I-28,9,77
- 773 "Viagem à Pedra [de Guaratiba] em 8 de março de 1869".
I-28,9,78
- 774 Notas sobre a obra de João Barbosa Rodrigues que trata das orquídeas. [s. l.] jul. 1870.
I-28,9,79
- 775 Discurso pronunciado na Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro, s. d.]
I-28,9,80
- 776 Artigo para jornal, tratando da construção, pela Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, de uma nova Casa de Correção. [s. l. n. d.]
I-28,9,81
- 777 "Considerações gerais sobre o clima do Rio de Janeiro". [s. l. n. d.]
I-28,10,1
- 778 "Itinerário de Cunha Mano do Padre Correia a Paraibuna". [s. l. n. d.]
I-28,10,2
- 779 Carta ao redator [da *Revista Médica*] replicando numa polémica com o Sr. E. Guimon, "sobre se os órgãos do homem e do orangotão são iguais". [s. l. n. d.]
I-28,10,3
- 780 Notas sobre madeiras de construção naval, segundo informações prestadas por Joaquim José de Sousa. [s. l. n. d.]
I-28,10,4
- 781 "Lugares nomeados por Veloso ou sítios das plantas". [s. l. n. d.]
I-28,10,5
- 782 Notas sobre naturalistas brasileiros. [s. l. n. d.]
I-28,10,6
- 783 "Extrato de uma carta de Martius ao Dr. Ladislau Netto". [s. l. n. d.]
I-28-10,7
- 784 Relação de palavras de origem africana. [s. l. n. d.]
I-28,10,8

- 765 "Planta descoberta e descrita (como género novo) pelo Cajuema". [s. l. n. d.]
I-28,10,9
- 766 Apontamentos sobre botânica. [s. l. n. d.]
I-28,10,10
- 767 "Termos de carpinteiro e pedreiro". [s. l. n. d.]
I-28,10,11
- 768 Notas sobre o Rio de Janeiro antigo. [s. l. n. d.]
5,534 n.º B
- 769 Notas sobre a revolução de 1842 em Minas Gerais, colhidas em conversa com o Sr. Joaquim Breves. [s. l. n. d.]
I-28,10,12
- 790 Notas sobre o botânico Manuel Arruda da Câmara e o padre João Ribeiro Montenegro colhidas de diversos informantes. [s. l. n. d.]
I-28,10,13
- 791 Notas sobre o revestimento vegetal de Minas Gerais extraídas de uma memória de Saint-Hilaire. [s. l. n. d.]
I-28,10,14
- 792 Bibliografia de História da América por autores portugueses. [s. l. n. d.]
I-28,10,15
- 793 Cópias de documentos de doação de terras na cidade do Rio de Janeiro. [s. l. n. d.]
I Certidão da sesmaria concedida ao Senado da Câmara pelo Capitão-mor Estácio de Sá para roçados e pastos no ano de 1565. Rio de Janeiro, 29 dez. 1812.
II Provisão e alvará de sesmaria por que D. Alvaro da Silveira de Albuquerque, governador do Rio de Janeiro, se faz mercê de dar a José de Sousa Barros os chãos e braças de terras que estão devolucas na Rua do Piocho e os da rua donde Pedro de Barros fez casas. Rio de Janeiro, 29 set. 1704.
I-28,10,16
- 794 Notas recolhidas em documentos notariaes referentes à zona rural do Rio de Janeiro. [s. l. n. d.]
I-28,10,17 n.º 1-4
- 795 Cópia das legendas da grande carta do Rio de Janeiro feita no tempo do vice-rei Conde da Cunha. [s. l. n. d.]
I-28,10,18

X. TRABALHOS DE AUTORIA ALHEIA

- 796** ALEMÃO, Manuel Freire. "Remédios amargos da matéria médica vegetal do Brasil". [Cerca 1858] (Autógrafo)
I-28,10,19 n.º 2
- 797** ALEMÃO, Manuel Freire. Caderneta de notas sobre botânica, Ceará, 1859-61. (Autógrafo)
I-28,10,20
- 798** ALEMÃO, Manuel Freire. Relatório das excursões feitas pela Seção Botânica da Comissão Científica nos meses de março e abril de 1860. [Ceará, s. d.] (Ocorrem duas versões. Cf. *Trab. Com. Cient. Explor., Introd.*, pp. XCVII-CI. Autógrafo)
I-28,10,21 n.ºs 1 e 2
- 799** ALEMÃO, Manuel Freire. Descrição da caaueubera. [1862 (?)] (Autógrafo)
I-28,10,22
- 800** ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sobre plantas medicinais da Exposição de 1861. [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,23
- 801** ALEMÃO, Manuel Freire. "Brevíssima notícia de algumas plantas medicinais do Brasil mal conhecidas". [s. d.] (Ocorrem duas versões. Autógrafo)
I-28,10,24 n.ºs 1 e 2
- 802** ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sobre a vegetação da Serra da Aratanha. [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,25
- 803** ALEMÃO, Manuel Freire. "Muleiras de construção [do Ceará]" [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,26
- 804** ALEMÃO, Manuel Freire. Nota sobre o cujeiro. [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,27
- 805** ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sobre leguminosas papilionáceas. [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,28

- 806 ALEMÃO, Manuel Freire. Anotações sobre matéria médica vegetal e medicina em geral. [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,29
- 807 ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sobre medicina e botânica. [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,30
- 808 ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sobre medicina [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,31
- 809 ALEMÃO, Manuel Freire. Apontamentos sobre botânica. [s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,32
- 810 ALVARES, Joaquim de Oliveira. "Plantas". (Trata-se de um levantamento de plantas do Brasil e de países sul-americanos. Ocorre uma nota de Freire Alemão, esclarecendo que o caderno lhe fôra oferecido pelo barão de Lajes em 3 set. 1852. Original)
I-28,10,33
- 811 ARÂNHA, "Soneto a Vila Nova de El-Rei". (Ocorre uma nota de Freire Alemão de que o doc., atribuído a um frade franciscano, lhe fôra oferecido por Cândido José de Carvalho. São Benedito, 11 nov. 1860)
I-28,9,82
- 812 ASENÇÃO, Antônio Marques da. "Relatório dos costumes, e algumas coisas mais notáveis que ainda existem entre os nossos indígenas do Termo de Vila Viçosa". [Pimenteiros de São Benedito, nov. 1860] (Ocorre uma nota de Freire Alemão de que a memória fôra escrita a seu pedido. Autógrafo)
I-28,10,34
- 813 BROWN, Robert. "Sobre a estrutura do óvulo, antes da impregnação nas plantas fanerógamas, e sobre a flor feminina das cicádeas e coníferas". (Extraído do "Apêndice botânico" da *Viagem à Nova Holanda*, feita pelo Capitão Kinge. Tradução. Por letra de Freire Alemão)
5, 4, 32 n.º 15
- 814 CASTRO, Agostinho Vitor de Borja. Observações meteorológicas feitas em Pacanha, no período de 27 de maio a 27 de junho de 1859. Fortaleza, 29 jul. 1859. (Autógrafo)
I-28,10,35
- 815 DIAS, Antônio Gonçalves. Informações sobre a cultura da mandioca e a introdução do café na região de Pacanha. [s. d.] (Cf. *Jornal do Comércio*, 11 jul. 1859. Por letra de Freire Alemão)
I-28,10,36
- 816 DUMAS, J. Lição proferida na Escola de Medicina de Paris, em 20 ago. 1841. (Sobre a estatística química dos seres organizados. Tradução. Por letra de Freire Alemão)
5,4,31 n.º 2
- 817 DUPUYTREN. Retrato a lápis. (Autoria de Freire Alemão?) [Paris, 1831] (Original)
I-28,10,37

- 818 GASPARI, Guilleme. "Observações sobre a estrutura do amilho". (Tradução. Por letra de Freire Alemão)
5,4,32 n.º 11
- 819 ENJO, João da Silva. "Coleção descritiva das plantas da Capitania do Ceará... por... Naturalista de Sua Majestade... Rio de Janeiro, 1818". (Cópia por letra de Freire Alemão)
10,1,12
- 820 HOOKER, Samuel. "Da árvore Guai-pereba, por Sir... Diretor dos jardins Botânicos Reais do Palácio de Kew, perto de Windsor". [1837] (Tradução. Por letra de Freire Alemão)
5,4,30 n.º 4
- 821 HUMBOLDT, A. de. "Observations sur quelques phénomènes peu connus qu'offre le goître sous les tropiques, dans les plaines, et sur les plateaux des Andes". (Cópia por letra de Freire Alemão)
1-28,10,38
- 822 "ÍNDICE ALFABÉTICO de algumas amostras de madeiras da Província das Alagoas". (Ocorre a seguinte nota de Freire Alemão: "Este índice acompanha uma coleção de madeiras das Alagoas, que possui o Dr. Lagos; que me confiou para copiar. Engenho Velho, 1 de maio de 1846")
5,4,33 n.º 4
- 823 LAGOS, Manuel Ferreira. Sugestões sobre a maneira mais conveniente de se publicarem os trabalhos da Comissão Científica. [s. l. n. d.] (Autógrafo)
1-28,10,39
- 824 LIMA, Antônio Manuel de. Notas sobre a medição de latitude e longitude pela posição das estrelas. Paço [de São Cristóvão] 3 ago. 1855. (Autógrafo)
1-28,10,40
- 825 LIMA, Antônio Manuel de. "Declinação da agulha magnética no Rio de Janeiro". Rio de Janeiro, 30 jul. 1862. (Autógrafo)
1-28,10,41
- 826 MENDES, Francisco Teles de, Padre. Apontamentos sobre botânica médica do Brasil. [s. d.] (Cópia extratada por letra de Manuel Freire Alemão)
1-28,10,19 n.º 1
- 827 MIRBEL, Charles. "Novas investigações sobre a estrutura e desenvolvimento do óvulo vegetal". 28 dez. 1828. (Por letra de Freire Alemão)
5,4,32 n.º 14
- 828 MONTÉGÚ, Emile. "Questão da escravidão, e vida dos escravos nos Estados Unidos". (Tradução extratada por Freire Alemão, em 17 out. 1856, do original publicado na *Revue des Deux Mondes* de 15 mar. 1856)
1-28,10,42
- 829 NETO, Ladislau. "Sobre a estrutura dos caules dos cipós". (Trad. e cópia por Freire Alemão)
5,4,32 n.º 17

- 830 PEREIRA, Adriano. Relação de madeiras de lei. [Rio de Janeiro, s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,43
- 831 PEREIRA, Floriano. Relação de madeiras de lei. [Rio de Janeiro, s. d.] (Autógrafo)
I-28,10,44
- 832 PORTER, —. "Memória sobre as Lecitídeas". (Por letra de Freire Alemão. Cf. *Mem. do Museu Nacional*, t. 13, 1825)
5,4,20 n.º 2
- 833 RANGEL, Maria Firmiana de Abreu. "Catálogo das madeiras das Cachoeiras de Macacu (Rio de Janeiro)". (Nota do ms., transcrita por Freire Alemão: "Este catálogo foi oferecido ao Ilmo. Sr. Frei Custódio Azevedo Serrão, por D. Maria Rangel Firmiana de Abreu, para ele fazer dele o uso que for mais conveniente aos interesses do Brasil". Aduz ainda Freire Alemão que o doc. foi oferecido à Sociedade Velosiana pelo Dr. Maia. Cópia feita no Engenho Velho em 12 set. 1851)
5,4,33 n.º 20
- 834 ROMAN, Henrique de Beaurepaire. "Madeiras de construção de que há notícia na Província de São Paulo" [São Paulo, 8 jun. 1849. (Ocorre uma nota de Freire Alemão esclarecendo que o ms. lhe foi dado pelo Dr. Esquivel Correia dos Santos Filho em outubro do mesmo ano. Autógrafo)
5,4,30 n.º 147
- 835 SACRAMENTO, Leandro do, Frei. Descrição do novo gênero *Archimedita*. (Com uma introdução por A. de Saint-Hilaire. Traduzido e anotado por Freire Alemão. Publ. original nos *Annales des Sciences Naturelles*, 2.ª série, t. 7, 1885)
I-28,10,45 n.º 1
- 836 SACRAMENTO, Leandro do, Frei. "Laticophilaceae". [Círculo 1822] (Ocorre uma nota de Freire Alemão a respeito da autenticidade e procedência do manuscrito. Autógrafo)
I-28,10,45 n.º 2
- 837 SILVA, Vicente Gomes da. "Descrição botânica e médica de alguns vegetais do Brasil úteis na medicina, para servir de ensaio da Matéria Médica, indígena do Brasil oferecida à Real Academia das Ciências de Lisboa por... médico no Rio de Janeiro". (Cópia por letra de Freire Alemão)
5,4,32 n.º 10

TRANSCRIÇÕES

CORRESPONDENCIA ATIVA

63 **Resposta à primeira carta do Senhor Brignoli**

Illustrissimo Senhor

A carta que me fizestes a honra de escrever (e que me foi entregue pessoalmente pelo Senhor Doutor Bompaire, vosso compatriota, cuja amizade me felicitarei de merecer e de cultivar) me deu grande prazer, por encetar relações scientificas com uma pessoa de tanto merecimento e illustração, qual sois vós, as quaes devem ser para mim da maior vantagem e aproveitamento: eu me pôs a'inda em grande obrigação para convosco, pela maneira lisonjeira com que me tratais, dandome uma consideração, que eu nem tenho, nem posso ter; mas fizci meus esforços para vos mostrar a minha boa vontade.

Muito desagradável me é não poder já satisfazer ao que exigis de mim: e antes de tudo é bom informar-vos do como as coisas são aqui; porque ordinariamente na Europa se tem a este respeito idéa pouco exata. Sabeis qual é a extensão do nosso país e a escassez de sua povoação: consequentemente são as communicações entre as provincias difficis: e as viagens longas e dispendiosas. A Provincia do Rio de Janeiro, uma das mais pequenas e de mais compacta povoação é o lugar do meu nascimento; e eu não tenho visto nem a vigésima parte do seu território.

As riquezas naturais do Brasil tem sido melhor examinadas e descritas pelos estrangeiros: ou porque os brasileiros em geral se dão pouco à cultura das ciências naturaes; ou porque os governos, que se succedem rapidamente e sempre agitados pelos movimentos políticos, não têm tido repouso bastante para fazer o inventário do rico legado com que a Natureza nos dotou: assim é também pelas obras dos viajantes estrangeiros, que nós conhecemos a maior parte dos productos, e tesouros da nossa terra.

O que se chama no Rio de Janeiro Jardim Botânico é quando muito Jardim de Aclimamentto, onde se cultivam plantas exóticas, principalmente das Indias Orientaes; mas sem distribuição alguma metódica, e não está de baixo da minha direção.

Atualmente que as circumstancias parecem favorecer-me tenho em mente visitar as provincias do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e São Paulo etc., e

para então me comprometo a fazer-vos remessas mais importantes. Todavia antes disso, e sempre não me desculparei de enviar-vos quanto julgue possa vos interessar. Neste momento nada tenho em bom estado para vos ser oferecido. Logo que me considerardes com direito a ser retribuído, receberei como obsequio e favor grande tudo quanto vier da vossa parte.

Dignai-vos, Senhor, receber as minhas respeitadas saudações e permitirme que me assine

10 de setembro de 1840

Vosso muito afetuoso servo
F. Freire Alemão

74

Resposta à carta * de Martius

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1844

Ilustríssimo Senhor

Há mais de três meses que tive a honra de receber a sua estimável carta de 8 de agosto de 1843, acompanhando um folheto, antes excelente livro, intitulado — *Sistema de matéria médica vegetal brasileira*. - Dias depois parti para o campo a fazer uma excursão botânica, de volta comecei a trabalhar na descrição e desenhos de algumas plantas que me parecem novas, para as ir dando à luz aqui no Rio de Janeiro; e demorei esta resposta à sua carta para a acompanhar com um exemplar da primeira publicação¹; mas como se tem demorado muito, ficará para outra ocasião a sua remessa, não devendo por mais tempo fazer esperar a minha resposta.

Quer Vossa Senhoria o meu juízo sobre essa sua obra, e observações sobre alguns pontos ainda duvidosos: em primeiro lugar agradeço muito a Vossa Senhoria tanta benevolência e atenção; mas não posso, nem devo aceitar o ser juiz, mas sim respeitoso admirador de suas obras: eu não passo, Ilustríssimo Senhor, (modéstia à parte) de um fraco aprendiz dos ilustres viajantes naturalistas, que percorrendo o Brasil, o tem feito conhecido na Europa pelos seus trabalhos, entre os quais têm os de Vossa Senhoria o primeiro lugar. Quanto porém posso asseverar a Vossa Senhoria é que o seu livro me tem servido de muito; aí achei muitas plantas, que não vindo em outras obras, que eu conheço, as tinha por novas no meu herário; nenhuma planta conheço de alguma virtude medicinal, que aí se não compreenda: é pois um excelente resumo das nossas plantas úteis; e a tabela comparativa que vem no fim, me parece de uma grande vantagem. Considerações sobre algumas

* Foi a primeira que ele me escreveu, abaindo comunicação científica comigo. Consta pelos jornais que Martius esteve em janeiro de 1844, com 74 anos de idade.

¹ Trautman, naturalmente, *Ca. Dreyeria brasiliensis*. Cf. *Mém. Brés.*, vol. II, n.º 24, 15 mar. 1844, p. 737 e *Ind. Est. Botán.*, s.v.

plantas que não são ainda bem estudadas eu as irei submetendo ao juízo de Vossa Senhoria à proporção que me forem ocorrendo: assim achará Vossa Senhoria algum interesse na minha correspondência; e eu serei socorrido com a sabedoria, e experiência de Vossa Senhoria, do que tenho tão grande necessidade.

Anualmente me tenho occupado mais com o exame das árvores das matas virgens (nas vizinhanças do Rio de Janeiro) aproveitando para isso as derrubadas: é aí que se deve encontrar maior número de plantas desconhecidas; e eu tenho no meu horto já bastantes que me parecem novas.

Por ora estou ajuntando materiais; no entanto as plantas cujo estudo estiver mais completo as irei publicando servindo-me de algum jornal do Rio de Janeiro, unicamente como ensaio e para sobre elas ouvir o parecer dos sábios europeus: à medida que as for publicando remetterei a Vossa Senhoria um exemplar acompanhado de uma amostra da planta.

Na ocasião não tenho mais exemplares da *Caesalpinia echinata* — que Vossa Senhoria pede; logo que os obtinha lhos remetterei. A respeito do *pau-pereira* — *Picramnia ciliata* — nada posso dizer porque o não conheço. O pau-pereira mais usado aqui no Rio de Janeiro é uma apocínea que pelas flores se aproxima da *Pallesia* de Ruis e Pav. mas pelo fruto avvicina-se à *Tabernaemontana*, por isso Veloso com alguma razão o chama *Tabernaemontana laevis* na sua *Flora*, onde Vossa Senhoria o pode ver; pelo exame porém que tenho feito está me parecendo ser um género novo; todavia, como me falta ainda verificar alguns pontos nada affirmo por ora.

A guararema, *Seguiera alliacea* (Mart.), *Crotalaria guararema* (Vel.) apresenta caracteres, que discrepam dos da descrição genérica de Endlicher: por exemplo: o cálix é herbáceo *quatro-partido*, cresce com o fruto, torna-se meio escarioso e forma como uma cápsula infructibiliforme na sua base (do fruto). Os estames são iguais, dispostos em duas séries, e sem disco aparente. As anteras são *extrorsas*, exceto a grande ala, que é semelhante à das *boninifloras*; o fruto é liso, ou apenas estriado nos lados. Não lhe vi estípulas, e menos espinhos.

Tenho-me achado em grandes embaraços sobre o género — *Caesalpinia* — elle é tão mal determinado, e nós temos tantas árvores que pertencem a este género, e seus vizinhos, que sem um bom carácter diagnóstico não é possível sair da incerteza. Em geral a família das leguminosas me deixa sempre duvidoso, apesar do *Prodromus* de De Candolle e do *Genera Plantarum* de Endlicher. As sapotáceas que abundam também nas florestas virgens me deixam muitas vezes em dúvida.

Tenho já sido bastante longo; paro aqui; em outra ocasião communicarei a Vossa Senhoria alguma coisa de mais interesse. Espero ansioso pela continuação dos trabalhos sobre as plantas do Brasil, com que Vossa Senhoria vai enriquecendo a ciência. Desejo assinar para um exemplar da sua *Flora Bra-*

sileiro, apesar do sacrificio que devo fazer em razão do seu alto preço: Vossa Senhoria terá a bondade de indicar-me a maneira de o fazer com mais cômodo e segurança.

Se Vossa Senhoria me pudesse mandar uma lista dos autores que têm escrito sobre Ciências Naturais do Brasil, principalmente brasileiros, era muito especial favor: assim como se tiver algumas obras desses autores e quiser desfazer-se delas, indicar-mas a ver aquelas, de que precisamos.

Desejo a Vossa Senhoria muitos annos de uma boa saúde para beneficio das ciências e da humanidade.

Seu com o mais profundo respeito e estima

De Vossa Senhoria
Criado muito venerador
Francisco Freire Alemão

P.S. — A respeito das árvores que dão tinta roxa, por ora nada posso manipular, nem informar a Vossa Senhoria com certeza.

86

Carta escrita ao Doutor Martius

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1845

Ilustríssimo Senhor Doutor Martius

Foi 3 de junho d'este anno recebi uma carta de Vossa Senhoria datada de 17 de dezembro do anno passado: como desejava acompanhar a minha resposta com alguns exemplares das plantas, que eu estou publicando aqui no Rio de Janeiro, por isso a tenho demorado até hoje²; e se não fôsse estar de viagem para fora da cidade, hoje mesmo, ainda a demorava por alguns dias, para lhe remeter a descrição do *gan-persia* de que se está acanhueamente imprimindo o texto³, mas para remediar essa falta acompanhará o desenho uma pequena nota: assim como faço a respeito do *maritico*, de uma planta de Arruda (Miguel Arruda [da] Câmara)⁴, e da *Seguiera allincoo* (guararema).

Minha tenção, publicando estas plantas (à custa de muito trabalho, e dinheiro) é consultar sobre elas o juizo dos sábios europeos, ao mesmo tempo que me vou exercitando, para depois fazer uma edição mais completa das

² Foram enviadas segunmente a *Dryopteris acrostichifera*, a *Ficus acuminata* (Gumajuba) e a *Andropogon floribunda* (Tapacubana), as três impressas até a data. Quanto à primeira, cf. n. 1; quanto à segunda, cf. Catál., n.º 348 e Ind. Est. Botán., IV, 37. Para a terceira, veja-se Catál., n.º 349 e Ind. Est. Botán., especialmente V, 49.

³ Cf. Catál., n.º 520 e Ind. Est. Botán., s.o.

⁴ *Acrodia perambucana*. Publicada por Freire Alemão no Arch. Med. Brasil., t. II, n.º 7, mar. 1846, p. 146 com nota púcula sobre a origem dos drachos de Arruda da Câmara que lhe haviam chegado às mãos. Cf. Catál. n.º 749.

que foram reconhecidas por novas; e nesse caso podendo recorrer à proteção de Sua Majestade o Imperador.

De todas elas o desenho é feito por mim à vista da planta fresca, assim como a descrição; e enfim as três estampas últimas, as do pau-perceira, do maririçó, e a da *Azorella* de Arruda, foram litografiadas por mim, porque para gravar cada desenho me levam 25 mil-réis. É pois necessário que todo este meu trabalho seja muito imperfeito, tanto na parte *artística*, como na *descritiva*; tudo deve ser considerado como um *ensaio*, ou *aprendizado*.

Pede-me Vossa Senhoria exemplares da *Caesalpinia echinata*, mas nenhum tenho agora em bom estado; elas floresceram em 1841, e até hoje, de então para cá, não houve mais floração. Vossa Senhoria sabe que das árvores das matas virgens passam algumas muitos anos sem dar flor; é este um estudo curioso (o do tempo da floração); mas que exige uma observação continuada muitos anos para se chegar a algum resultado; eu não perco ocasião de tomar notas a respeito. Falam aqui os mateiros em duas qualidades de pau-brasil, um roxo, que dá boa tinta, e outro vermelho que a dá pouco ou nenhuma; ainda porém eu não pude averiguar o que há de certo nisto, nem se são variedades, ou espécies distintas.

Pede-me Vossa Senhoria uma coleção das madeiras de lei; frutas em conserva; sementes de côco, etc., mas nada tenho por agora em estado de lhe ser enviado; não perderei ocasião porém de coligir tudo o que lhe possa servir; mas não posso comprometer-me a lhe fazer remessas regulares. Vossa Senhoria conhece melhor que ninguém, quanto essas coisas são difíceis por cá: eu não tenho quem me ajude; vou eu mesmo aos matos, colho as plantas; descrevo-as, e desenho-as logo que chego à casa, e isto em grande fadiga; seco-as; e enfim inspeciono a impressão, gravando eu mesmo os próprios desenhos; qualquer coleção que eu queira fazer, hei de a fazer por minhas próprias mãos; ajunte Vossa Senhoria a isto os inconvenientes do clima, e os embaraços de minhas ocupações, e verá se me é possível fazer muita coisa.

Remeto a Vossa Senhoria juntamente exemplares das plantas publicadas, que infelizmente não estão em muito bom estado; porque o meu *herbário* foi esmagado pelos insetos durante os seis meses da última viagem que fiz à Europa (a Nápoles). Vai também um exemplar da *Seguiera alliacea*.

Tenho a comunicar a Vossa Senhoria a agradável notícia de ter eu em meu poder atualmente uma boa porção de desenhos feitos por Arruda; grande parte é de animais, principalmente insetos, e mais de cem pertencem à botânica, e necessariamente faziam parte das suas *Centúrias Pernambucanas*; infelizmente a maior parte não traz nem nome vulgar; e só duas vem com descrição; e muitas estão ainda a tãpis, e destas ainda [algumas] não acabadas. Continuamos a fazer diligências para descobrir o resto, se é que ele ainda existe.

No entanto, possuidor deste precioso *despójo*, eu me considero na posição de um testamenteiro, para cumprir quanto em mim estiver a última vontade

do morto: procurarei pois averiguar e estudar as que puder, e irei dando-as à luz, para se não sumir de todo no esquecimento a obra do nosso illustre patriótico. Alacemto já um desenho, com uma pequena descrição feita toda por elle; e dedicado ao Bispo de Pernambuco, entre os anos de 1798 até 1803, que foi o tempo que este prelado serviu naquella diocese. É o *Cochlospermum* de Kunr, e provavelmente a espécie indígena de A. de Saint-Hilaire; eu copiei o desenho com a maior exactidão que pude: e o texto vai em manuscrito porque ainda não o imprimi.

Remeto-lhe também um desenho do *maritigó* ou capim-rei acompanhado de algumas notas manuscritas, por não estar também ainda impresso o texto: eu dei-lhe o nome específico de Veloso, *fluminense*, bem que elle me não parece muito próprio; porque a planta existe também em São Paulo, Minas Geraes, etc., segundo me affirmam: na minha muito humilde opinião, na familia das *Isides* deve-se antes reduzir os géneros do que aumentá-los; mas enquanto houver géneros formados por caracteres tão pouco importantes o *maritigó* não pode ser considerado espécie de nenhum d'elles; ao menos assim me parece: Vossa Senhoria resolverá sobre o negocio.

Do pau-perceira sinto muito não estar concluida a impressão do texto; vai o desenho acompanhado de algumas notas; e o texto irá para o mundo com os outros; também achei que devia formar um género novo.

Agradeço muito a Vossa Senhoria a bondade que teve em me mandar alguns folhetos do seu *herbarium* que muito me têm servido.

Achei aqui em casa do negociante Lammert um exemplar da sua *Flora*, que me apressei logo em assinala, e ansioso espero pela sua continuação.

A maneira lisonjeira por que Vossa Senhoria me tratao em sua carta, me tocou profundamente; eu vejo aí palavras cheias de indulgência e de bondade, com que Vossa Senhoria me quer dar animo; mas não que eu as mereça. Sou com o mais profundo respeito

De Vossa Senhoria o mais humilde criado
Francisco Freire Alemão

P.S. — Peço a Vossa Senhoria desculpar pela desordem em que vai esta correspondência; foi feita muito à pressa; porque eu não contava ir para fora tão depressa.

87 Carta dirigida ao Senhor Michele Tenore, de Nápoles

Rio de Janeiro, dezembro de 1845

Senhor

Concebi a experimentar minhas forças na publicação de plantas que me parecerem ser absolutamente novas: desejo ouvir sobre ellas a opinião dos bo-

tânicos europeus, que possuindo coleções de tôdas as plantas, e as obras, que foram escritas sobre as plantas do Brasil, podem dissipar minhas dúvidas, e corrigir meus erros.

Se essa tentativa lograr êxito, se fôr recebida com indulgência, eu me atreverei a caminhar com passo mais firme, e farei, talvez, alguma coisa de útil.

Envio-vos aquelas, que foram já publicadas*, e a continuação também vos será mandada, à medida que appareça. Encontrareis igualmente junto três exemplares, que encaminho ás três sociedades scientificas de Nápoles, que me concederam a honra de me receber em seu seio; isto é, a Academia de Ciências, a Sociedade Pontariana e o Instituto de Encourajamento. É a cumprimento de um dever; espero que elas o recebam com indulgência. (A propósito, não recebi ainda o Diploma da Academia de Ciências).

Os desenhos foram feitos por mim à vista da planta fresca; não dei portanto attenção ás incorrecções do desenho; em compensação, creio que âles mostrarão bem exactamente os caracteres botânicos, aos quaes entretanto não posso dar maior desenvolvimento de detalhes em virtude da limitação do espaço a que me devo sujeitar.

Se a vida e a saúde não me faltarem, pretendo refazer todo meu trabalho com mais cuidado; desde que na verdade, as plantas sejam sôto reconhecidas como novas, e minha série de estudos tenha merecido alguma attenção.

Recebei os sentimentos de elevada estima, e de profundo reconhecimento com que tenho a honra de ser

Vosso humilde servidor
Francisco Freire Almeida

Perdoai meu jargão; esqueço a cada dia o pouco de francez que aprendi.

89

Outra [ao Doutor Martius]

Rio de Janeiro, 22 de junho de 1846

Illustrissimo Senhor

O Excelentissimo Senhor Paulo Barbosa da Silva, que agora parte para a Europa com uma commissão diplomatica, quis ter a honrade de se encarregar desta carta, e papéis juntos, que tenho a honra de enviar a Vossa Senhoria. Vão agora as descrições das duas plantas, que tenho podido publicar, depois da minha ultima carta a Vossa Senhoria, e cujas estampas lhe remeti nessa occasião: a descripção do marizidô (cuja estampa também foi) ainda não saiu á luz, a meu pesar; mas brevemente lhe será remetida; no entanto devo já corrigir

* Cf. n. 2.

um êrro que se achá na estampa, assim como nas notas a respeito; porque me servi de desenhos, e descrições antigas, feitos com menos cuidado, que se achava nos meus livros. Com effeito tenho verificado depois que as *sépalas* e as *filéas* são adherentes conjuntamente pela base; esta adherência, que é visivel na flor aberta, é apenas perceptivel no botão; e é isso que me induziu em êrro; portanto podese dizer com rigor que as filéas são *monodelphas*; mas ainda assim a planta se aproxima mais do género *Monea*, que do *Sisyrinchium*. Também acho grande semelhança entre ella e o *Tris martinicensis* de Jacquin.

Estou fazendo coleção de madeiras de lei, das quaes mandarei a Vossa Senhoria um exemplar de cada um; o que não faço agora por não estarem ainda prontas; e porque também o Excellentissimo Senhor Paula Barbosa tem uma porção de amostras para ofertar a Vossa Senhoria, as quaes é necessário que eu examine, antes de serem enviadas; para só lhe mandar das minhas o que faltar nessas, e ajuntar-lhes algumas observações.

Nada mais tenho nesta ocasião para reaniciar a Vosso Senhoria. Vou continuando os meus trabalhos, assim Deus me ajude.

Junto lhe mando essa carta e jornais (*Arquivo Médico*) da parte do redactor, o Doutor Lapa.

Sou com toda a consideração

De Vossa Senhoria
Muito respeitador e criado
Francisco Freire Alemão

90 Cópia da carta que mandei ao Senhor Achille Richard acompanhando as descrições e estampas das 5 plantas que tenho publicado, a saber: Dryp[et]es, Vicentia, Anacardea, Geissospermum, e Azereda (de Arruda), levadas pelo Senhor Darcet [*]

Rio de Janeiro, 29 de junho de 1846

Senhor

Contando com vossa indulgência, atrevo-me a vos apresentar meus primeiros estudos em botânica; isto é tão somente o passo único de uma criança que quer andar; e espero que tereis a complacência de me ajudar com vossas

* O Sr. Achille Richard, tendo se demorado no Rio de Janeiro a fim de promover uma compra de grande importância, que era a estabelecer no Rio de Janeiro um grande laboratório de produtos químicos, a estada lá quase não concluído, porém interrompido por uma explosão de gaz, sendo tal a queimadura que apenas levou 6 ou 7 horas. Não sei portanto se esta carta, e mais papéis chegaram ao Doutor Richard. Este faustoso acontecimento teve lugar na noite de 17 para 18 de dezembro de 1846.

conselhos; porquanto só aproveitando os conselhos dos sábios europeus é que poderei um dia corrigir, e refazer todo meu trabalho. Eis aí o fim de minha ambição. Por agora, é apenas a vós, que fostes meu mestre (por vossas lições e por vossas obras), e ao Doutor Martius, bem como ao Doutor Michele Tenore, de Nápoles, que me honrais com vossa correspondência e vosso interesse, que me atrevo a submeter estas provas de minha aprendizagem.

O Senhor Darcey, que passou alguns meses no Rio de Janeiro, e que por seu caráter cheio de amabilidade, e de franqueza, soube cativar a esmola de todos aquêles, que tiveram a ventura de o conhecer, prestou-se a levar-vos esta carta e o pequeno embrulho aqui junto.

Aceitai os sentimentos de elevada estima com que tenho a honra de ser
Vosso humilde servidor
Francisco Freire Alemão

93 Cópia da carta que, em resposta, escrevi ao Senhor Doutor Fischer, Diretor do Jardim Botânico de São Petersburgo

Rio de Janeiro, 13 de maio de 1847

Senhor

Acabo de receber a honrosa carta de Vossa Excelência datada do mês de outubro de 1846, bem como a primeira tiragem da Obra Magnífica, que Vossa Excelência publica neste momento em São Petersburgo; obra digna da Alta Protecção de S. M. o Imperador da Rússia; e gloriosa para os sábios que se occupam de sua composição.

Agradeço vivamente a Vossa Excelência a consideração que mostrou para comigo, tão desconhecido e tão distante de a merecer; e que devo attribuir à extrema bondade de Vossa Excelência. Tomo a liberdade de oferecer a Vossa Excelência um exemplar de meus trabalhos botânicos. É isto apenas uma preparação, uma tentativa, e um meio de consultar a opinião dos sábios europeus. Começo a provar a malizível satisfação de me ver elogiado e estimulado por homens eminentes nas ciências, o que considero como o melhor prêmio de minhas fadigas, e que me impõe o dever de continuar com mais zelo e obstinação. No isolamento, em que me encontro, tendo necessidade de penetrar nas florestas virgens, de descrever, desenhá-las, dessecar as plantas, enfim, de tudo fazer, até litografar e cuidar da impressão, meu trabalho é penoso, e deve caminhar lentamente. Escolhi de preferência o estudo das árvores, porque foi o mais abandonado (necessariamente devido às dificuldades que apresenta) e é para nós da maior utilidade. Como diz Vossa Excelência, o conhecimento científico de nossas árvores de construção é ainda muito imperfeito. Encontro-me a todo instante embaraçado, pela incerteza dos nomes

indígenas, que variam segundo as localidades (às vezes é o mesmo nome que designa árvores bem diferentes; ou ao contrário, é a mesma árvore, que é chamada por nomes bem diversos), pela floração tardia de algumas árvores, que passam vários anos sem florir; algumas carregam-se de flôres, mas nenhum fruto chega a bom estado, são destruídos pelos insetos, ou pelas intempéries da estação. Ora, tudo isto deve acarretar muitas dificuldades, e lentidão ao estudo de tais árvores.

Sobre a árvore do verdadeiro *Brasileto* nada posso dizer com certeza. Existe grande confusão quanto às *descrições* que fornecem as madeiras de tinturas, e minhas pesquisas estão ainda muito incompletas a esse respeito. Quanto ao *jacarandá*, pertence sem nenhuma dúvida à família das Leguminosas: encontra-se na *Flora Fluminense* de Vellozo sob o nome de *Pterocarpus niger*. Tinham-no por um *Dalbergia*, mas fizemos dele um gênero novo, *Misrolo bium*. O verdadeiro nome indígena dessa árvore parece ser *cabiuna*. Os *jacarandás* (pelo menos no Rio de Janeiro) são todos *Nissolia*. Chama-se também *jacarandá* a certas *Sapotia* que são madeiras brancas, sem *aromem*. Pison fala de duas espécies de *jacarandá* — *alba* e *nigra*; a *alba* é simplesmente uma *Sapotia* e a *nigra* uma *Rigoumia* de que Jusseu formou o gênero *Jacarandá*. Vê-se aí a confusão dos nomes indígenas.

Ficaria contente se pudesse ser de alguma utilidade para Vossa Excelência, nas coisas que estejam ao meu alcance.

Recebei os protestos de alta estima e do mais profundo respeito com que sou

De Vossa Excelência
humilde servidor
[Francisco Freire Alemão]

Rogo a Vossa Excelência me permita continuar a lhe remeter meus ensaios de botânica à proporção que sejam impressos.

94 Cópia da carta escrita ao Doutor Martius, em 13 de maio de 1847

Ilustríssimo Senhor

Com prazer recebi a última carta de Vossa Senhoria datada de seis de dezembro do ano passado, e que eu esperava tão ansiosamente. As duas últimas cartas, que tive a honra de escrever a Vossa Senhoria, uma em 20 de dezembro de 1845, outra em 22 de junho de 1846, foram ambas acompanhadas de exemplares das plantas que até as datas delas eu havia publicado; assim como as amostras ou ramos secos das plantas (para que Vossa Senhoria melhor

as pudesse reconhecer, e verificar) que foram com a carta primeira; não sei se tudo chegou às mãos de Vossa Senhoria.

Tenho já algumas outras plantas, que vou tratar de dar ao público o mais breve que me for possível.

A respeito da *Andradea floribunda* diz Vossa Senhoria que encontrou dessas árvores em Macaé, e no Paraíba; provavelmente devem aí existir; mas pelos sinais, que Vossa Senhoria me dá, não parecem ser a mesma coisa. Com efeito a *Andradea* é árvore de madeira branca sem cerne; o nome de *butão*, com cerne violeta me parece indicar alguma espécie vizinha do *gonçolodendron*, a que chamam também *abetaú* ou *jibetaú*. Quanto à singularidade de uma grande árvore numa família cujos indivíduos são ordinariamente arbustivos, Vossa Senhoria deve seguramente conhecer algumas espécies nossas do género *Prionia*, que são arborescentes: e uma conheço eu que é uma grande árvore, a que eu chamei *Prionia airolina* (como verá na relação junta⁶) que é ainda mais corpulenta que a *Andradea*; e lhe chamam vulgarmente *tapetriba*.

Quanto ao maritiquê, direi que o descrito por mim é sem dúvida alguma o *Syriacanthus galaxioides* de Bernardino António Gomes. A família das Iridéas parece antes formar um grande género, de sorte que suas divisões assentam sobre caracteres de tão pequena importância que é muito difícil fixar-lhes o diagnóstico. Também não dei grande valor a esse trabalho, de que me occupei mais por satisfazer às exigências do redator do *Arquivo Médico*.

A respeito do pau-brasil, Vossa Senhoria achará na relação junta quanto lhe posso informar nessa matéria: não me descuido de continuar em averiguações sobre esse ponto, que é tão importante.

Quanto à *Sikkingia oxyroxylon* de Willdnow, nenhuma notícia tenho d'esse género; nem conheço rubiácea alguma com folhas denteadas. Também não conheço aqui pau chamado *virote*; sei que nas provincias do Norte há madeiras, a que dão o nome de pau-roxo; mas que eu não sei o que seja.

Remeto a Vossa Senhoria uma relação das árvores, e madeiras, sobre que tenho feito ou começado algum estudo: por aí verá Vossa Senhoria o estado de confusão, em que tudo jaz ainda: há cinco annos que encetei este trabalho, todavia estou muito longe de desembrulhar o caos em que se acha o estudo das madeiras mais preciosas, e mais triviaes. Tenho árvores marcadas, e designadas para o exame, e estudo, que as visito duas e três vezes no anno; e mesmo assim de algumas ainda não colhi flor nem fructo. Continuo nesse empenho sem descanso.

Ajunto também a declaração de alguns géneros, duvidosos da *Flora Fluminense* de Veloso, que tenho podido reconhecer; outros são ainda indecifráveis.

6 Cf. Catal., n.º 336.

7 Cf. Catal., n.º 338 e *Ind. Est. Botán.*, s. v.

Anuncia Vossa Senhoria que vai mandar-me o diploma de membro correspondente da Sociedade Real de Botânica de Ratisbona. É para mim muito honroso, e sumamente lisonjeiro um tal título, e recebo uma coleção das plantas que tenho publicado para ser oferecida a essa sábia associação, como Vossa Senhoria exige.

Sou com todo o respeito e veneração

Francisco Freire Alemão

95 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius, em 7 de dezembro de 1847

Ilustríssimo Senhor

Em 13 de maio d'este ano tive a honra de escrever a Vossa Senhoria, juntando à minha carta uma *relação* das madeiras de lei mais conhecidas aqui no Rio de Janeiro acompanhadas de todos os esclarecimentos, que sobre cada uma delas eu tenho podido colher até o presente. Esse trabalho, digo, esses esclarecimentos e averiguações, não tem sido continuado de então para cá, por ter tempo ocupado e não poder eu sair da cidade. Agora, que chegam as férias, vou para o campo a cortar as matas, e espero voltar com boa colheita de materiais, e de informações.

Tenho publicado a descrição de mais duas plantas⁵, que são árvores de lei (objeto de minha predileção) que tenho a honra de remeter a Vossa Senhoria acompanhadas de exemplares das ditas árvores com flor e fruta, para que me dê sobre isto os seus conselhos e opinião.

A respeito do *tapinhoã*, me parece não ser duvidoso formar dele o tipo de um gênero novo, visto não poder eu descobri-lhe afinidades com os gêneros conhecidos, descritos nas obras, que pude consultar. Todavia reconheço quanto é falível este modo de agir; e que somente pela comparação dos exemplares das espécies conhecidas, se pode chegar a um resultado definitivo.

Quanto ao *cabureiba*, fiquei ainda perplexo; tem com o gênero *Myrsoperyum* grande semelhança de caracteres, e talvez mesmo o *habitus*; mas tem particularidades tão notáveis, e de tamanho valor como o de outras, com que se caracterizam vários gêneros desta família, que me autorizam a propor um gênero novo. Tenho mais três árvores, cujo estudo está ainda incompleto, e que tem com esta grande analogia em seus caracteres, e que provavelmente devem pertencer a um novo gênero, e são: o *oleo-vermelho*, o *oleo-pardo* e outra sem nome vulgar. Concluído o exame desta, talvez se dissipem as minhas dúvidas.

⁵ *Alnus humilis* (Tapinhoã) e *Myrsoperyum fastigiatum* (Cabureiba). Cf. Catál., n.ºs 556 e 587 e Ind. Bot., 2.ª.

Recebi este ano o 6.^o fascículo da sua importantíssima *Flora Brasiliensis*; espero com impaciência a sua continuação.

Vão dois exemplares de cada planta descrita: é um para Vossa Senhoria e outro para a Sociedade Real de Botânica em Ratisbona.

Por ora nada mais tenho a oferecer à consideração de Vossa Senhoria, de quem me confesso ser com o mais profundo respeito e gratidão,

Muito venerador e criado
Francisco Freire Alemão

Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1847.

**96 Cópia duma carta escrita ao Senhor Doutor Fischer,
Diretor do Jardim Botânico de São Petersburgo, em 7
de dezembro de 1847**

Senhor

Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência a continuação de meus ensaios botânicos: é a descrição de duas árvores*, cuja madeira é muito estimada; e das que se chamam entre nós *madeiras de lei* — *arbores legales* —. As espécies são novas, estou certo; mas quanto aos gêneros, espero o julgamento dos sábios: e espero que Vossa Excelência me ajude com seus conselhos.

Sou com o mais profundo respeito

De Vossa Excelência
humilde servidor
Francisco Freire Alemão

**101 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius em 30 de
agosto de 1848**

Aproveito a ocasião da partida de uma pessoa, que vai para a Europa, e talvez para a Alemanha, para escrever a Vossa Senhoria. Recebi em 13 de abril do ano corrente, juntamente duas cartas suas. Uma escrita em latim, na qual, me dá o seu juízo a respeito das plantas por mim descritas e publicadas: este é um documento preciosíssimo, que conservarei sempre com veneração. As expressões, que aí encontro cheias de benevolência para comigo, eu as recebo como incentivos, para novas diligências, e com as quais eu poderei ir-me aproximando a merecê-las.

* Cf. n. 8

A respeito do que se contém em uma e outra carta, eis as reflexões, ou respostas, que posso actualmente fazer.

Do género *Drypetes* tenho mais duas espécies; uma, a que chamei *Drypetes caudata* (circio que está já mencionando na relação das madeiras); a outra ainda não dei nome específico. Ambas são das matas; porém estão ambas incompletas; da *caudata* tenho só o individuo feminino; e da outra só o masculino.

Andradea floribunda — Soube agora que é chamada vulgarmente — tapacitibacurula — para a distinguir da tapacitibabranca, que é a — *Pisonia scolima* (nob.). Segundo me informam, dá cinza muito forte para decouadas: é madeira branca, e leve; sem corne. Quanto às suas afinidades com as Nicotagíneas nenhuma dúvida me fica.

A estrutura do caule nesta família é sem dúvida alguma muito notável. Em alguns ramos da *Pisonia scolima* que examinei, não se apresentam as zonas, ou anéis concêntricos (como nas dicotiledôneas), mas nos ramos da *Andradea* — bem que a estrutura seja ainda muito homogênea, há todavia uma aparência sensível dos círculos concêntricos. Do que se pode concluir que o crescimento em grossura se faz aqui, como no geral das dicotiledôneas, por estrados, ou camadas sobrepostas; mas que sendo estas muito homogêneas em sua estrutura, se confundem em uma só massa. Os raios medulares são também quase imperceptíveis; e sobretudo o que achei de mais notável é a ausência do liber na casca de ambas as plantas.

Esta falta do liber, que se observa também em alguns cactos, ainda não achei autor, que dela fizesse menção. No entanto é um fato importante à teoria da evolução dos caules.

Quanto à estrutura do ovário, no que diz respeito ao aparelho de fecundação, não me foi possível ver essa espécie de *cone membranoso* de que Vossa Senhoria me fala: não digo porém que elle não existe; porque as minhas observações foram feitas com uma lente simples. Em alguns trabalhos, que tenho em organografia (informes ainda, e incompletos) achei que na *Nyctago hartsensis* o tecido condutor penetrava na câmara do ovário, e descia em frente da sutura ventral do carpelo (que me parece ser aqui única) até à base, e próximo ao micrópilo do óvulo campulatrógeo. Foi isto o que achei nos meus botrões; e não tive tempo de nova averiguação.

Todos estes objectos reclamam sérios exames; e muito particularmente a contextura dos caules volúveis — Sapindáceas, Bignoniáceas, etc. Eu creio que só fazendo germinar sementes destas plantas, e estudando todas as fases, ou formações orgânicas, desde a origem até completa evolução, é que se poderá chegar a alguma coisa de positivo a respeito destas tão variadas como admiráveis organizações.

Os trabalhos, que tenho visto do Senhor Gaudichaud, sobre a teoria dos meristemas, ou do seu *phylon*, não são bem desenvolvidos, para dar uma idéa

cabal dos fundamentos ou provas da sua doutrina: é ela enganosa e sedutora; mas acho-lhe um não sei quê de poético, ou fictício. Quanto a mim (frase juiz, é verdade) toda essa grande polémica se reduz a questão de nomes. Com efeito, quer na hipótese de Gaudichaud (antes de Dupetit Thouars, ou ainda antes de De La Harpe) quer na teoria do câmbio as fibras lenhosas, e o liber vêm sempre das folhas, ou extremidades dos ramos aos extremos das raízes: toda a diferença consiste, em que a teoria dos meristemas, quer que as fibras desçam já formadas; e a do câmbio quer que esta substância desça ainda fluida, e transforme-se depois em fibras. Ora, se é assim, e se eu tenho bem comprehendido as questões: se elas se podem reduzir a este estado de simplicidade, é claro, ao menos para mim, que a teoria do câmbio é mais razoável: ela se acomoda mais à sagacidade, e providência com que a natureza executa as suas obras. Todos os tecidos orgânicos começam no estado fluido; já alguém disse que o sangue era *primeiro fluido*, expressão pouco exata; porém com muita razão disse Mirbel que o câmbio era *tecido fluido*. Ora, considerando-se o câmbio descendo por *correntes*, e não diffusamente e *estas correntes* organizando-se, ou transformando-se em fibras e vasos, cuja direção deve necessariamente ser a do movimento do fluido, não será o resultado final o mesmo que se as fibras descessem já formadas? E é no resultado final que assentam as provas ordinárias dessas teorias, porque a organogenia está ainda em seu berço.

Demais eu creio que ainda é cedo para se formar uma teoria do crescimento e evolução do caule, que abranja todos os fenómenos que este órgão apresenta nas diversas plantas. Basta; peço perdão a Vossa Senhoria por entrar nestes detalhes, eu, cuja opinião nestas matérias deve ser de nenhum peso; mas é isto para conversar. Vamos ao nosso negócio.

Picea acuminata. — Sem dúvida tem esta planta as maiores analogias com o género *Terminália*, talvez ainda mais com o género *Chusquea*, porém estes dois géneros têm mui pouca diferença entre si; e a minha planta differenciando-se de ambos pelo número quaternário (carácter seguramente de pouco valor nesta família) dos seus verticilos; e particularmente da *Terminália* por não ser fruto cupéreo, e do *Chusquea* por ter no fruto três alas em lugar de cinco; aventurei-me a formar um género novo, provisoriamente; me pareceu que o género *Picea*, differia tanto dos géneros *Terminália*, e *Chusquea*, como o *Chusquea* do *Terminália*.

Bem sei que além dos caracteres que unem os livros, há outro talvez mais importante, que é a *habitu*, o *juízo* particular das plantas, que é o resultado da combinação e da harmonia de todos os caracteres: esse só um olho exercitado o descobre logo à primeira vista, reconhecendo as afinidades dos grupos: isto é o que distingue o botânico prático do principiante. Eu estou no último caso, e é por isso que recorro ao auxilio dos homens consumados na ciência, a cujo juízo submetto minhas fracas observações.

No mês passado colhi flores, pela primeira vez, de outra espécie de Compositacea, que é a madeira conhecida com o nome de jumilhã. Ainda não tenho o fruto, vejo o que apresenta de particular.

A respeito da guarajuba, não me consta, que dela usem para cinzas.

Oiti, ou guiti — Nada posso informar a Vossa Senhoria além do que mandei no catálogo das madeiras conhecidas aqui no Rio de Janeiro. Oiti que sob o nome de oiti, ou guiti são designadas plantas muy várias em diversas localidades do Brasil. O oiti que conheço aqui, me parece pelo *habitus* ser uma artocarpea: é planta leitosa, e nunca a vi com flor nem fruto.

A propriedade attribuída a guararema de perturbar a agulha magnética, me parece uma abusão popular. Entre o nosso povo corre que o alho tem essa propriedade, e, provavelmente, como a guararema tem um cheiro forte de alhos, se lhe attribui a mesma virtude. Eu porém, avisado por Vossa Senhoria, fiz algumas experiências, submetendo uma agulha assaz sensível, a ação dum pedaço de pau de guararema, cortado com casca, e fresco, com cheiro muy forte: fiz variar de todos os modos suas relações com a agulha, e esta nenhum movimento sensível produziu. Eu entanto disse sempre que talvez esse fenómeno só tenha lugar depois de uma ação prolongada da guararema sobre a agulha, e que se não manifesta instantaneamente. É pois negócio digno de maior averiguação.

Chrysophyllum glycyphloeum — Só tenho a segunda Década de Casaretto; porém vi a descrição da planta no *Prodromus* de De Candolle. É o nosso guaranhém, grande sapotacea, cuja casca me antes Lher tem um gosto adocicado a principio e depois adstringente, da qual se usa na medicina caseira contra várias moléstias, principalmente contra as hemoptises. É o *Chrysophyllum buranhem* de Riedel (*Sistema de Matéria Médica Brasileira* de Marauis). Por esta ocasião convém fazer um reparo sobre a palavra — Monésia — inventada por não sei que autor francês: quanto a mim há aqui nome estropeado. Temos aqui um sujeito curioso e indagador, que tem viajado muito pelos sertões do Brasil, e publicou parte das suas viagens, é António Maria (deve ser Monic) de Sousa, que já foi por mim citado na história botânico-temperática do pau-percira. Ele prepara um extrato da casca do guaranhém, que foi muyto empregado aqui no Rio de Janeiro nas moléstias de peito, e outras. Quis-se provavelmente designar a casa do guaranhém, e os preparados therapêuticos dela com o nome do seu introdutor: mas devia ser *Monizia*, e não *Monésia*.

Ainda não pude completar o estudo desta árvore; não lhe vi ainda a flor, e só tenho analysado o fructo, que quando está maduro é agradável ao paladar, mas tem pouca carne. Não sei porque razão A. de Candolle o confunde com o *Pometia lactescens* de Vellozo, que é um *Chrysophyllum*, mas espécie muyto distincta, que deve ficar com o nome específico de Vellozo; ainda que *lactescens* indique uma propriedade da família, e não privativa desta espécie, que seria

muito melhor designada por *Chrysophyllum castilloense*, por ter a fluorescência, e frutificação caulínica, como a jabuticaba. *Crescentia [sic]* etc. Espero cedo poder completar o estudo desta árvore interessante.

Quanto ao pau-brasil, nada por ora posso acrescentar: logo que tenha trabalho perfeito o comunicarei a Vossa Senhoria. Assim como lhe enviarei logo que o possa fazer alguns pedaços cortados transversalmente, como Vossa Senhoria exige para estudar o tempo em que se deposita a matéria corante. Tudo isto é necessário que eu faça por minhas mãos; eis a razão da demora.

O Guaraçá, *Molkenhaueria speciosa (nobis)* única espécie, que conheço d'este género, não tem afinidade com os brasis nem em seus caracteres, nem em suas propriedades. É madeira pouco estimada.

Cassia dispersa de Vellozo, que eu chamei provisoriamente *Cassalpinia dispersa*, me parece ser o *Peltophanum* de Vogel. Ainda não tenho o seu estudo concluído.

Jacarandás Não urlianto nada por ora nestas importantíssimas árvores: tenho colhido porém de mais algumas espécies, lentas, mas faltam-me flores. Como nunca me havia occupado particularmente com estas plantas, por isso que estava coligindo materiais, as ia arrumando como Nisólias, como geralmente se fazia.

No entanto o carácter *legumen articulatum* me parece bem importante para a subdivisão do género.

O *Miscotobium violaceum* de Vogel é o *Pterocarpus niger* de Vellozo. Por que razão não há de ser *Miscotobium nigrum*? O nome específico de Vellozo me parece que deve preferir: não só pela prioridade, mas porque é mais próprio: cabiúna tira mais para *preta*, do que para *violacea*: o mesmo nome brasileiro o indica; principalmente a cabiúna chamada preta.

Sobre madeiras de lei nada posso atualmente ajuntar ao que já mandei a Vossa Senhoria na relação das madeiras. A lista de madeiras de lei, que vem em nota nas *Tábuas fisiológicas*, tem sido por mim estudada, e considerada muitas vezes, mas nela Vossa Senhoria trata de madeiras de muitas Províncias do Brasil, principalmente das do Norte; e sendo os nomes vulgares, em geral, muito diferentes de provincia a provincia, essa relação, apesar de todo o seu merecimento pouco me tem servido, para a determinação das madeiras do Rio de Janeiro.

Este anno tenho feito novas colheitas de flores, e frutas de arvores de lei, mas ainda estou em longe da conclusão do meu empenho: vamos caminhando.

Floresceram este anno pela primeira vez depois de 1860 para cá os ubatãs, ou gongalo-alves, *Astron[?] fraxinifolium* de Schott. É muito notável a época, no periodo da fluorescência de certas árvores: com as circunstancias muito notáveis, como aconteceu agora com os ubatãs, de florescerem todas ao mesmo tempo, arvores das matas, dos campos, velhas, novas, grandes, pequenas; e todas passaram o mesmo periodo até nova fluorescência. As guara-

romas, que as vê florescer em 1844, não deram mais flor até este ano, em que quase todas floresceram de novo, com intervalo de quatro anos. As tuquaras, dizem, que florescem de sete em sete anos, e morrem todas depois, como as plantas anormais, ou monocarpíanas. Também foi este ano que pela primeira vez, como me informa Riedel, floresceram no Rio de Janeiro os bambus-da-Índia; quero dizer que foi a primeira vez que Riedel os viu em flor, e também eu. O óleo-vermelho, dizem os mateiros, que floresce de sete em sete anos (o número de sete é cabalístico entre o povo, por tanto não deve ser tomado com muita exatidão, mas como indicando um certo período). O certo é que desde 1840 para cá eles não têm florescido. Quais serão as causas deste fenómeno tão singular? Estará ele ligado a fenómenos meteoricos, que se repetem com períodos mais ou menos espaçados? Mas por que não manifesta sua acção em todos os vegetais? E por que cada espécie tem seu período particular?

O ano passado só pude publicar duas plantas, que foram: O tapinhoã, e o cabureiba, das que mandei logo a Vossa Senhoria exemplares dos desenhos e descrições, acompanhados de amostras, ou ramos secos de cada espécie.

Desejo que Vossa Senhoria me mande dizer se tem sempre recebido os exemplares, ou *escunthões* das plantas secas, que costumo a mandar com as descrições: para que as plantas possam ser estudadas e comparadas.

Este ano só tenho, por ora, publicado uma, que é a *Urucurana* (não as de Casarotto) que brevemente remetterei a Vossa Senhoria. E nessa ocasião trã também uma coleção dos meus trabalhos para o Senhor Endlicher.

Necessitamos para a biografia do nosso botânico Frei Leandro, de uma noticia dos trabalhos, que se publicaram na Europa, d'êlo, e a respeito d'êlo: e memórias, polémicas, etc. Aqui nada sabemos disso: os manuscritos, que necessariamente elle devia deixar, por sua morte, sumiram-se. Se Vossa Senhoria quizesse ter o incômodo de dar-me noticias a esse respeito; e, se com effeito aí existem êsses trabalhos do nosso patricio, dar-me alguns extratos, e um juizo sobre o seu merecimento, far-me-ia nisso um grandíssimo serviço.

Já que estamos a importuná-lo, vá mais uma exigênciazinha. Desejo saber a origem da palavra — *arillo* — adotada não sei se por Lineu; nenhum dicionário me satisfaz: assim também — *perilla* — que presumo ser derivado do verbo — *foveo*; mas não tenho certeza. Estas questões não são de mera curiosidade; são-me necessárias para a nomenclatura, quando tiver de compor um compêndio de Botânica para as nossas escolas.

Vossa Senhoria com suma bondade se offereceu para mandar-me alguns livros de que eu tenha necessidade; mas nós aqui temos muito pouco conhecimento das obras alemãs; por isso não me animo a designar nenhuma.

10 Cf. *Catál.*, n.º 553 e *Ind. Est. Botân.*, s.v.

Tenho abusado muito da paciência de Vossa Senhoria; para aqui, Espero ter cada ocasião de escrever de novo a Vossa Senhoria e então tratarei de mais alguns pontos.

Estava concluindo esta carta quando me chegou à casa o Senhor Schuch, trazendo-me o Diploma da Real Sociedade de Ratisbona, que eu devo aos officios de Vossa Senhoria. Não tenho agora tempo de responder e agradecer a essa illustre corporação, o que farei o mais breve possível.

Sou com toda a consideração e acatamento,

De Vossa Senhoria

Muito humilde e venerador criado

Francisco Freire Alemão

P.S. — Apresso-me em rectificar um erro, que cometi em latim. Não tenho nenhum uso de escrever o latim, no entanto não tenho remédio senão compor eu mesmo a *história, ou descrição latina das plantas*. Descrevendo as duas últimas plantas: Tapinboá e Cabureiba, para dar as dimensões do caule, servi-me da palavra latina — *palmus* — como se fosse equivalente do palmo em portuguez (oito polegadas). Parece que os latinos empregavam às vêzes *palmus*, e *spithama* indifferencemente; mas na ciência o valor dos termos deve ser bem determinado: *palmus* portanto ali deve-se entender a medida de oito polegadas.

Li-lhe ao secretario do Instituto Histórico sobre o atraso da revista trimestral, disse que ia dar providências para serem remediados.

102 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius em 21 de setembro de 1848

Ilustrissimo Senhor

A carta, que escrevi a Vossa Senhoria em 30 do mês passado, aqui ficou, por não haver tempo de a entregar à pessoa, que nessa ocasião partiu daqui; ela vai junto com esta. Por isso agora pouco tenho a dizer-lhe.

Remeto-lhe um exemplar de uma nova planta, publicada este anno, que é a *lanuana*. O nome, ou amostra da planta *sêca* irá em outra ocasião.

Vai também um exemplar da mesma para a Sociedade Real de Botânica de Ratisbona; assim como a resposta em agradecimento ao diploma de membro correspondente com que ella me quis honrar.

Ao Senhor Endlicher remeto uma coleção das minhas plantas, menos a primeira, da qual tendo tirado só 50 exemplares, já não tenho nenhum disponível.

Ando aqui com desejos de reunir os poucos, que se occupam de ciências naturaes para formar um núcleo, ou começo de uma Sociedade, a que tenho intenção de dar o título de *Sociedade Velasiana*, em obsequio ao autor da *Flora Fluminense*. O mais difficil da empresa é a publicação de um periódico cien-

ufficio, que me parece um elemento indispensável para a estabilidade dessa Sociedade: como deve ser acompanhado de estampas será muito dispendioso, e não podemos contar com assinantes em tal número, que cubram as despesas. Este jornal ou periódico será chamado o *Precurso*r, como o primeiro d'este gênero, que apparece no Brasil.

Isto são verdadeades: não sei quando e como se realizeão: mas quem communicadas para ficar comprometido, e como obrigado a sua execução.

A noticia, que me deu o Senhor Schuch de que Vossa Senhoria se verá obrigado a suspender o trabalho da sua *Flora*, me penalizou bastante.

Sou com toda a consideração

De Vossa Senhoria

Muito venerador e obrigado criado

Francisco Freire Alencão

110 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1849

Ilustrissimo Senhor

Em novembro do ano passado recebi a última carta, com que Vossa Senhoria me honrou, datada de oito de agosto do mesmo anno. Desejando eu fazer acompanhar a que agora escrevo com alguma coisa mais interessante fui obrigado a demorá-la até hoje, porque se interrompeu o periódico (*Arquivo Médico*) no qual eu fazia as minhas publicações. Prepara-se a publicação dum novo periódico literário, por meio do qual tenciono ir continuando a dar à luz o fruto de minhas investigações. Já noticiei a Vossa Senhoria do meu projeto, em ajuntar para trabalharmos em comum os caros, que aqui se occupam de ciências naturais; mas por ora não me foi ainda possível conseguillo, pela difficuldade de sustentarse no país um periódico dedicado unicamente a esse ramo de ciências, tão pouco conhecido, e ainda menos apreciado no nosso país, onde os interêsses commerciaes, e as questões de uma miserável politica absorve[m] toda a attenção e todas as faculdades do espirito. No entanto ainda não desisto d'esse intento.

Com esta remetto a Vossa Senhoria mais duas plantas publicadas depois da minha última carta, que são: *Myrcarpus frondosus*, Óleo-pardo — e *Oph. thalictroloides macrophyllum*, Santa-luzia". Vão acompanhadas de amostras, ou ramos secos de cada uma, entre os quaes vai também o da urucutana, cuja descripção já tive a honra de mandar a Vossa Senhoria.

A respeito do gênero *Myrcarpus* não me é possível decidir nada, porque na descripção do gênero *Diptychandra* que Vossa Senhoria teve a bondade de

11 Quanto à primeira, veja-se *Ind. Est. Botânica*, s.v., especialmente V. 69 quanto à segunda, cf. *Catal.*, n.º 561 e *Ind. Est. Botânica*, s.v.

transcrever, faltam os caracteres do fructo, que, (julgo eu) poderão só dissolver a dóvula. Quanto aos caracteres essenciais tirados da flor, estes me parecem idênticos. Agora com o novo exemplar, talvez possa Vossa Senhoria melhor julgar.

Não me tenho descuidado de estudar os nossos — brasis —; mas pouco tenho adiantado. Ainda há poucos dias fiz uma viagem a Maricá para examinar os brasis, que por toda essa costa de Taipi ao Cabo Frio, fazem a maior parte das arvores de suas matas, das quais felizmente ainda resta boa porção. São estes brasis muito noticados, e procurados com grande empenho desde os tempos do descobrimento do Brasil, como Vossa Senhoria sabe. Estive só dois dias em Maricá; não me foi possível entrar nas matas, que ficavam longe do lugar, onde estive; mandei mateleros, que me trouxeram ramos (que não tinham, contra o que eu esperava, nem flor, nem fructo) de duas qualidades, que se chamam — *brasil-amarelo*; e *brasil-vermelho*; examinando-os comparativamente entre si, e depois com os do meu herbario, que são de arvores daqui do ao redor da cidade, nem um carácter distinctivo de espécie pude reconhecer. Me parece pois (ao menos por ora) que há por aqui uma só espécie, que é a — *Caesalpinia echinata* — sendo a diversidade das cores na madeira, a vária quantidade de tinta, que fornecem, a differença de sua duração no terra, no tempo, etc., etc., devido tudo ás circumstancias do terreno, e outras. É este um objecto, que deve ser estudado; e eu continuo em diligências. Não pude ainda obter as toras de ramos que Vossa Senhoria exige porque para isso era necessário derrubar as arvores. Aproveitarei a occasião da primeira dentulhada em lugar onde houver brasis.

A respeito da *Picramnia ciliata* de que Vossa Senhoria já me falou há tempos, tenho a dizer-lhe, que tenho encontrado por três vezes uma planta dióica (e sempre o individuo masculino) a qual me tinha parecido do género *Comocladia* — e assim a tinha nos meus buroões. Lendo porém com mais attenção no seu *Herbarium florae brasiliensis* reconheci aí a minha planta; sómente não lhe achei — *folia ciliata* — talvez porque lhe dei pouca attenção quando a estudei. Nunca lhe ouvi dar o nome de pau-poreira, nem indicá-la para algum uso medicinal. Fizei a diligência por descobrir a fêmea, e para averiguar as outras circumstancias. Devo notar que no *Genera plantarum* do Senhor Endlicher se dão, no género *Picramnia*, *estames alternos*, e os desta minha planta são opostos, como também parece indicar a descripção de Vossa Senhoria na sua obra citada. Dê-me da minha planta alguns caracteres, como se acham nos meus manuscritos, porque não me seria fácil agora achar a planta no meu herbario; que ainda não está ordenado. Fillos:

Arbor medio eris parvis parvis; ramis longissimis, flexibilibus. Folia imparipinnata, foliolis numerosis, suboppositis, ovatis, acutis, petiolisculis, ciliatis (?). Flores minutissimi, masculi, subsepales, in racemos paniculatos dis-

positi. Calyx 3 fidus. Corollae petala 3, obcordiformia, concava. Stamina 3, opposita, petalis breviora, isidemque infra sub-adherentia. Discus Flobratus. Rudimentum pistilli nullum.

Em uma das minhas últimas cartas a Vossa Senhoria, tratando do *Platanus carpus niger* de Veloso, *Miscobolium violaceum* de Vogel, eu cometi um erro, que ainda que fútil, eu me apresso em rectificá-lo. Eu dizia então que a palavra — Níger — era preferível a *Violaceum* para designar a cor da madeira: mas reflectindo melhor me pareceu que o *Violaceum* se referia à cor da flor e não à da madeira. Dada no entanto satisfação do meu erro, eu persisto ainda na opinião de que deve ser preferida a de Veloso, como primeiro que descreveu a planta*. Vossa Senhoria desculpe-me de tomar-lhe o tempo com estas ninharias, que bem mostram que eu não passo de mero estudante de Botânica.

Estudo constantemente, como é do meu dever, a *Flora Fluminensis* de Veloso para reconhecer os géneros e espécies que já foram por elle descritas: mas tal é a imperteição de muitas de suas estampas, e tal a concisão das descrições que encontro, em muito casos, grandes dificuldades. Devo também dizer, que não tendo eu visitado muitos dos lugares, por onde andou Veloso, falta-me o conhecimento de várias plantas por elle descritas. No entanto alguma coisa tenho conseguido a respeito dos géneros novos propostos por elle, e que ainda se não puderam reconhecer, além do que já em outra ocasião mandei a Vossa Senhoria sobre este assunto: e eis aqui os que tenho reconhecido depois:

Pometia — é *Chrysophyllum*

Leredia — é *Villarsia*

Cynotoxicon — é *Omphalobium*

Bossa — é *Daphnopsis* (?)

Estas declarações, tomei a liberdade de fazê-las, porque acho nas livros mais modernos estes géneros de Veloso com os de outros autores debaixo do título do *Genera nondum descripta*.

Também julgo dever apontar a Vossa Senhoria alguns erros, que se cometeram no litografar as estampas da *Flora Fluminensis* em Paris, erros que os sábios europeus não os podem desconhecer; e são os seguintes:

Rigonia Sego, deve se ler — R. Rêgo. O nome trivial da planta é Cipó-rêgo.

Viola Mendança, [leia-se] *V. Mendanha*: é o nome da fazenda, ou engenho, onde Veloso encontrou esta planta; e onde eu também a tenho achado.

Viola Summa [leia-se] *V. Sáma*. O nome vulgar da planta é Cipó-cúma.

Mimosa Monjôlo [leia-se] *M. Monjôla*.

O nome vulgar é Monjôlo-vermelho; este erro não é da estampa, mas vem no seu *Herbarium Florae Brasiliensis*. Seguramente é erro tipográfico; mas que não convém deixá-lo propagar-se.

* Fui na intenção de ser a publicação das estampas em Paris anterior ao trabalho de Vogel.

Tenho do ano passado para cá conseguido colher flores, e frutas de muitas árvores importantes e pelas quais eu suspirava há muito tempo: Vossa Senhoria julgará pela relação junta¹² da seu merecimento.

Remeto também a Vossa Senhoria a porção do texto da *Flora Fluminensis*, que se acha impressa: o manuscrito existe aqui, e creio que o Governo se decidirá a mandar concluir a impressão, e nesse caso me comprometo a concluir a mandar-lhe à proporção que for publicando.

Seu com todo o acatamento e veneração

De Vossa Senhoria
O mais humilde criado
Francisco Freire Alemão

125 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius em 23 de novembro de 1851

Ilustríssimo Senhor

Faz já dois anos, que escrevi a Vossa Senhoria, acompanhando a minha carta a descrição e desenho de 2 plantas novas *, publicadas por mim; das quais mandei ao mesmo tempo ramos secos com flor e fruta; acompanhava também um volume, encadernado, da parte do texto da *Flora Fluminensis* de Veloso, que se acha impressa.

Até hoje não tive nenhuma resposta; nem ao menos sei se chegaram às mãos de Vossa Senhoria os objetos que lhe foram enviados. Quero crer que não chegaram ao seu destino, bem que foram os Senhores Laemmerts que se encarregaram da remessa. Rogo pois a Vossa Senhoria que me tire desta incerteza, para eu saber como me hei de regular de hoje em diante, para que as remessas sejam feitas com mais segurança.

Eu tinha assinado na casa Laemmert um exemplar da sua magnífica *Flora Brasiliensis*, cuidando então, que a sua publicação se concluisse no tempo do meu professorado; mas não acontecendo assim, e tendo eu de jubilar me no ano que vem, ficando com meus ordenados muito reduzidos, não me é possível continuar a ser subscritor de uma obra tão cara, isto com bastante pesar meu, e mesmo não sem alguma vergonha.

Seu com o mais profundo respeito

De Vossa Senhoria
Muito venerador e obrigado criado
Francisco Freire Alemão

¹² Cf. Cat. n.º 568.

* *Myrciaria frondosa*, e *Uphala-nodiflora macrophylla*.

Ilustríssimo Senhor

Tomo a liberdade de apresentar a Vossa Senhoria os meus ensaios botânicos. Ninguém melhor que Vossa Senhoria, pode ser meu juiz, e auxiliá-lo com seus conselhos; porque tendo visitado o Brasil, e percorrido tão grande extensão do seu território; suportado tantas fadigas, com tão nobre dedicação às ciências; estudado seus produtos e riquezas; o estado moral e industrial de sua povoação, e que com a imparcialidade e indulgência do verdadeiro sábio tem tudo exarado em uma serie tão variada como importante de obras sobre o Brasil; por isso, repito, avaliando as dificuldades, que me rodeiam, saberei desculpar as imperfeições do meu trabalho, e descobrir se não algum meritamente existe.

E se eu devo ser accusado de arrojarme a uma empresa tão superior ás minhas forças, não tenho por desculpas senão o desejo de ser de alguma maneira útil ao meu país.

Nossas florestas, timbre do solo brasileiro à admiração do estrangeiro, e uma das nossas mais preciosas riquezas, vão sendo destruidas pelo machado e fogo, com uma imprevidência pertinaz e estulta. Delas em pouco só restará a memória com tardio arrependimento. As árvores, que as constituem, e que fornecem tantos productos úteis, são em grande parte, ou inteiramente desconhecidas, ou imperfeitamente estudadas. Nem as podem estudar perfeitamente senão observadores sedentários. Na falta de outros, mais capazes, animei-me a tentar a empresa, quero dizer, a principiá-la, porque ela deve ser longa.

No entanto posso assegurar a Vossa Senhoria, que das árvores, verdadeiras de lei, que se encontram nas matas da Província do Rio de Janeiro, já poucas me faltam, para ser classificadas, e descritas. A maior parte, porém, da

¹³ Ocorre no mesmo códice outra cópia desta carta, datada de 10-12-1847, cujo derradeiro parágrafo tem redação diferente da desta e se acompanha de nota esclarecedora:

"Há seis annos que entrei a visitar as matas virgens, tenho árvores marcadas, que as vejo duas a três vezes ao anno, e nunca as vi com flor: por exemplo o *Glomacarpus*, madeira preciosíssima (que pelo habito julgo dever ser *Myrsoporum*), ou outro género próximo a este) algumas espécies de jacarandás (*Acrochlas*) etc, etc, vê-se por tanto quanto tempo e trabalho será necessário para se concluir o estudo das árvores florestaes.

No entanto não desfaleço, vou ajuntando materia, aproveitando as destruidas, que ao menos terão isto de útil: e quando as matas já não existirem ficará ao menos uma lembrança escrita."

Segue-se, como nota no pé-de página:

"Esta carta era dirigida ao Senhor Saint-Hilaire, a quem tencionava mandar plantas ebuliadas; mas desaei isso para só depois.

Resolvei me aturar a escrever a Saint-Hilaire e mandá-lhe os meus trabalhos em 23 de novembro de 1851."

meu trabalho está ainda em manuscrito: o que está impresso é o que agora tenho a honra de remeter a Vossa Senhoria [*] e se Vossa Senhoria se dignar lançar-lhe os olhos, e achar que não é uma obra inteiramente inútil, continuarei a submeter ao juízo de Vossa Senhoria o que fôr publicado para o diante.

Sou com todo o respeito

De Vossa Senhoria
Muito venerador e criado
Francisco Freire Alemão

135 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius, em 21 de julho de 1852, em resposta a outra sua datada de 19 de maio de 1852

Ilustríssimo Senhor

Recebi ontem vinte de julho a sua estimável, e mui desejada carta de 19 de maio d'este ano. Agradeço a Vossa Senhoria sumamente a maneira obsequiosa, com que me trata: e fico muito satisfeito com se dissiparem as minhas apreensões e suspeitas de que Vossa Senhoria tivesse alguma razão para suspender a sua correspondência comigo, quando eu não podia descobrir em minha consciência qual seria essa razão. Continuei conforme o meu costume a escrever-lhe ao menos uma vez por ano: e só a não fiz no de 1850 porque não havia ainda recebido resposta de Vossa Senhoria das minhas de 48 e 49; e em 51 crescendo a minha ansiedade pela falta de correspondência me resolvei a escrever-lhe aqueta, a que Vossa Senhoria faz-me hoje a honra de responder. Parece-me que as últimas cartas minhas, que Vossa Senhoria recebeu são: uma com data de 30 de agosto de 1848, que é mui longa, e sobre questões botânicas; e mais duas com data de 21 de setembro do mesmo ano, uma das quais acompanhava vários exemplares de descrições de plantas novas publicadas por mim, para Vossa Senhoria, para o Senhor Endlicher, e para a Sociedade Real de Ratisbona; e a outra se dirigia a essa Sociedade, e era a minha resposta e agradecimento, pela subida honra que ela me fiz em admitir-me no meio de seus sócios: tôdas estas cartas foram juntas, e pela mesma via. Agora translaçarei aqui, a que remeti em 30 de novembro de 1851, para que Vossa Se-

* (Nota bene: As plantas que agora mandei (descriitas e desenhadas) a Saint-Hilaire, e a Richard foram as publicadas antes da inauguração da Sociedade Velosiana; porque as publicadas depois, como trabalhos da Velosiana, eu as não tinha em casa, nem me fôz possível obtê-las)

Nesta mesma occasião, mandei uma coleção a Robert Brown em Londres e dei mais dois exemplares ao Silva 14, e três ao Varruigem, para distribuirem-nos como lhes parecesse.

14 É impossível saber-se a qual dos Silvas se a José Ribeiro, se a Paulo Barbosa. Ambos, como Varruigem, se encontravam então na Europa.

nhoria siga o fio de minhas investigações; e que acompanhava o catálogo das madeiras, que eu tinha melhor estudado, e determinado, depois do que lhe mandei em maio de 1817. Algumas correções, e acrescentamentos podia eu já fazer a esse catálogo, a respeito de alguns fatos, e opiniões emitidas por mim nessa e outras correspondências anteriores; mas julgo melhor mandar-lhe exatamente o que então lhe escrevi, deixando as correções para outra occasião[*].

Eis aqui quanto lhe communiquei em 30 de novembro de 1819 peltava por palavra. Esta escrevo com pressa, e para mostrar somente quanto eu aspirava por ver não interrompida a minha correspondência com Vossa Senhoria. Daqui a dois ou três meses lhe escrever[ei] devagar; teremos longamente que conversar: mandar-lhe-hei então um outro exemplar da *Flora Fluminense*; plantas secas; descrições de plantas novas, etc., etc. Repito ainda que sempre que lhe mandava as descrições de plantas, feitas, e publicadas por mim, eram elas acompanhadas de ramos secos das mesmas plantas: e via com pesar que Vossa Senhoria me não dava noticia de as receber. Tratarei agora com a casa dos Senhores Laemmerls sobre a remessa segura d'esses objetos, bem que a última minha carta que acompanhava o texto da *Flora Fluminense*, foi entregue nessa casa. Não recebi a importante carta de que Vossa Senhoria me fala, e estimarei muito que Vossa Senhoria a queira repetir. Na mais próxima occasião responderei à sua última de 19 de maio d'este anno, e satisfarei no quanto puder ao que Vossa Senhoria exige. Desejo a melhor saúde a Vossa Senhoria de quem sou respeitoso, e reverente criado.

Francisco Freire Almeida

Darei ao Capanema as recommendações de Vossa Senhoria.

142 Cópia de uma carta escrita ao Senhor Martius, em 22 de dezembro de 1852

Illustrissimo Senhor

Em 20 de julho d'este anno, tive o prazer de receber a sua carta com data de 19 de maio; e logo no dia seguinte me apressei a responder-lhe; não podendo por isso ser mais longo, e explicito do que fui. Agora conversaremos mais folgadoamente. Senti muito que ainda lhe não tivesse chegado ás mãos a parte do texto da *Flora Fluminense* de Veloso, que lhe remeti. Era um volume *in-fólio português*, encadernado. Tinha tenção de lhe mandar agora um outro exemplar; mas conversando com os Senhores Laemmerls, me aconselharam que o não fizesse ainda, porque era muito possível, que depois de

* (Segue-se o traslado da carta de 30 de novembro de 1817, e da relação das madeiras, que a acompanhava).

alguma demora Vossa Senhoria o viresse a receber ainda. Ficará portanto para daqui mais a alguns meses, se Vossa Senhoria me não acusar a sua recepção. A oferta que Vossa Senhoria tão benignamente me faz dum exemplar da sua *Flores Brasiliensis*, eu não posso senão aceitá-la cheio de gridão, porquanto eu muito sentia não poder possuí-la completa. Da minha subscrição recebi os 9 fascículos primeiros; assim querendo Vossa Senhoria ter a bondade de a continuar, o fará do fascículo 10.^o por diante. E quanto ao enderço, uma vez que venha escrito o meu nome, pode mandar o que vier para mim junto com o da Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, ou com o da Escola de Medicina.

Consegui fundar aqui, como já havia prevenido a Vossa Senhoria na minha carta de 21 de setembro de 1853, uma Associação de História Natural, a que dei o nome de Sociedade Velosiana em obsequio ao autor da *Flore Fluminense*, em fins de 1851¹⁵. Temos muito pouca gente, que se ocupe destas matérias, assim não é possível fazer muito, mas, aqui, o pouco vale muito. Ela marcha com lentidão, e através de muitos tropeços; veremos se com persistência se vence dar-lhe estabilidade. Por ora vai publicando seus fructos trabalhos no *Guaranhara*, periódico literário, que aqui se publica, até que possa ter um jornal seu; o que eu reputo essencial para a sua direção. De tudo o que se tem publicado remetto agora a Vossa Senhoria um exemplar. No meio disso achará Vossa Senhoria uma relação das árvores de construção das casas do Rio de Janeiro¹⁶, alguma coisa mais adiantada dos catálogos, que lhe tenho mandado, e por onde verá como eu vou marchando. Depois que li esse trabalho na Sociedade Velosiana, tenho ainda avançado mais no estudo das árvores; e já este ano li outra memória sobre o mesmo assunto, da qual, só extrai para aqui o que diz respeito ao *Vinhático-amarello*, ao *Oiti*, e ao *Iatu* que naquela relação não se acham ainda determinados¹⁷.

Vinhático-amarello — Forma o tipo dum novo género, que deve ser o *Echynoperrum* de Schott, do qual só tenho notícias senão de alguns caracteres do fructo; e parece que Schott não lhe viu a flor. Baltasar da Silva Lisboa já o tinha descrito na sua *Fisica dos Bosques*, e com bastante detalhe e como não sei se já lhe deram o nome específico, eu proponho o seguinte: *Echynoperrum Balthazari*.

Oiti — Veio a verificar-se a minha suspeita de ser esta árvore pertencente às *Antrodieaceae*; não é porém um *Brosimum*; e tendo caracteres muito particulares proponho-o para tipo dum género novo que dedico a Gabriel Soares; e será: *Soaresia Nirida*.

Vem também descrita, e desenhada na *Fisica dos Bosques* de Baltasar, com o nome de *Oiticica*; assim a chamam na Bahia, segundo etc.

¹⁵ Lapa do missivium. A Sociedade Velosiana foi criada em setembro de 1856.

¹⁶ Cf. *Catol.*, n.º 571.

¹⁷ Cf. *Catol.*, n.º 577.

Titu — Esta excelente árvore de construção pertence à família das Olacáceas e permitto-me dever formar um género novo proponho para elle o nome de: *Vazea indurata*, dedicando-o a Pedro Vaz de Caminha.

Peço a Vossa Senhoria queira desculpar a imperfeição dêsse trabalho (falta dessa relação, a que dei o título de *Apontamentos*: são por ora preparativos para uma obra definitiva, que se Deus me conservar vida e saúde, por sendo fazer; e que será intitulada — *Arboretum*, ou *Arboreum plantarum*; porque aí só me occuparei das árvores florestais, e de construção.

Vão descrições e desenhos de algumas árvores, que tenho publicado ultimamente; dessas algumas já lhe remetti; mas como podem ter-se perdido, remetto as de novo. Todas vão acompanhadas de seus ramos, com flor e fruta. Vai também um ramo da catajiba de que lhe falei em uma das minhas precedentes; para que me tire da dúvida, se é com efeito *Maclura*, como eu sou inclinado a crer. Vão também alguns ramos com flor, e fruta do Brasil. Quanto porém aos pedagos, ou toros, que pede e insta para que eu lhe mande, ainda o não faço porque não me tem sido possível nãõ los; é necessário que eu faça tudo; não me desviarei porém d'isso.

A respeito da madeira que na Europa se chama *Palissandre*, palavra que julgo ser corrupção de *palissandro*, ou *palosandro*; porque assim chamam, para o norte do Brasil, o jacarandá ou alguma de suas espécies; eu não sei a qual Vossa Senhoria se refere, pois sabe muito bem que por jacarandá se designam árvores muito diversas. O que aqui no Rio, e provavelmente na Europa chamam jacarandá é a *cabiana*, *Pterocarpus niger* Veloso, *Missolobium violaceum* de Vogel; será esta a de que Vossa Senhoria fala?

Não achei no meu herbário nem um ramo, ou planta de *ipocacuanha* em termos de lhe mandar; por isso farei a diligência por obter ramos frescos, e lhes enviarei o mais breve possível.

Do guaranhém ainda não pude obter a flor, e nunca a vi; dizem os matreiros que só floresce de sete em sete annos; não sei o que nisto há de verdadeiro; mas, se bem me lembra Pison, ou Marquarins dizem alguma coisa de semelhante.

Estou de viagem para o campo, onde vou passar as férias; mas não as passarei em ocio; e quando voltar em fins de fevereiro, lhe darei conta das minhas novas conquistas no Reino da Flora. Por agora nada mais se me occorre a dizer-lhe. Desejo no entanto a Vossa Senhoria a melhor saúde e prospera fortuna, como quem é

De Vossa Senhoria

Muito respeitador e obrigado criado
Francisco Freire Alemão

P.S. — Ouvi aqui a triste noticia de ter falecido o Senhor Endlicher; se isso arrebateu dou a Vossa Senhoria sinceros pêsames; e senão, o que Deus

permissão, espero de Vossa Senhoria a bondade de me comunicar para que eu lhe faça também retreza do meu pobre trabalho.

Ainda P.S. — Da urucuraba (*Hyeronima atchornoides*)¹⁸ já eu colhi flor masculina, e já apresentei a sua descrição e desenho na Sociedade Velosiana; mas ainda esse trabalho se não acha impresso. Pelo estudo da flor masculina ainda fiquei mais certo de ser esta planta a representante de um género novo.

147 Cópia da carta que escrevi, em resposta, ao Príncipe Maximiliano de [Wied]-Neuwied

Príncipe

O amor, que tenho pelo estudo dos vegetais (não como sábio botânico, como Vossa Alteza gosta de me chamar, mas na qualidade de simples aprendiz) cresce diariamente, não só porque me distrai, me deleita, e me ocupa; mas também porque me proporciona os louvores, e os estímulos dos botânicos célebres, a cujo parecer submeti meus pobres trabalhos, e agora, Príncipe, porque foi motivo de que meu nome fôsse conhecido de Vossa Alteza, e que Ella quizesse honrar-me com uma carta de sua mão, cujas frases são cheias de bondade e tão desvanecedora para mim. Eis aí, Príncipe, o prêmio que mais ambiciono em troca das fadigas, que apoio, e dos perigos a que me exponho, percorrendo as florestas vírgens, e sob a influência do clima quente e úmido do Rio de Janeiro, que Vossa Alteza conhece por experiência.

Estou sumamente contrariado de não ter nesse momento uma rica coleção de plantas das mais raras, e mais belas do Brasil, ou pelo menos das do Rio de Janeiro. Meu herbário achase por agora muito empobrecido, porque durante uma ausência de seis meses foi presa da voracidade dos vermes (flagelo de nossos livros, e de nossas coleções); corolas, estantes, e mesmo as folhas foram consumidas. Depois dessa desgraça, limitei-me a colher, e a conservar apenas exemplares de árvores florestais, a cujo estudo eu me tenho quase exclusivamente dedicado. Ora, as amostras das grandes árvores raramente são belas; já porque de modo geral tenham flores pequenas, e de pouca aparência, já porque não possam muitas vezes ser obtidas senão a tiro de luzil; são pequenas e não escolhidas; além disso, conseguem-se com dificuldade; não raro, após 10 ou 12 tiros, obtém-se apenas um ramo bem pequeno. As colheitas mais fáceis se fazem durante a derrubada das grandes matas; mas então sobrevém também o desperdício àqueles que desejam estudar as árvores: árvores preciosas, desconhecidas dos botânicos, encontram-se deitadas por terra, mas têm apenas botões; outras mostram flores fanadas, e frutos ainda não desenvolvidos; outras, finalmente, não apresentam flores nem frutos; testemunha-se desse modo uma grande devastação sem proveito para a ciência.

¹⁸ Cf. *Catal.*, n.º 589.

Tão longa importunação vem apenas como excusa do modesto pacote que tomo a liberdade de pôr diante de Vossa Alteza, e do tão pobre aspecto das amostras. Não me considero quite com Vossa Alteza, e se dispuser de um pouco mais de lazer, eu me encarregarei de organizar outra coleção, cujos espécimes sejam mais belos, e mais cuidados, que porci à disposição de Vossa Alteza.

Seu com o mais sincero reconhecimento, e o mais profundo respeito,

De Vossa Alteza

o mais humilde servidor

Francisco Freire Alemão

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1853

[N.B.] No dia 5 de dezembro, tendo recebido mais um número de um jornal publicado em Londres pelo Senhor Hooker, onde vem um artigo do Senhor Bentham sobre a Sociedade Velosiana, eu entreguei um maço de exemplares de plantas secas, ao Senhor João Miers, para seu pai em Londres, que foi quem me mandou aquêla folha, assim como outros, que recebi antes. Não escrevi ao Senhor John Miers de Londres, por entregar as plantas em própria mão de seu filho.

148 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius em 23 de novembro de 1853

Ilustríssimo Senhor

Faz quase um ano, que tive a honra de lhe dirigir uma carta por intermédio dos Senhores Lammerts, na qual dava conta a Vossa Senhoria do que eu havia feito nesse ano de 1852. Acompanhavam essa carta algumas memórias minhas impressas aqui no Rio de Janeiro, assim como alguns exemplares, ou ramos secos de plantas por mim determinadas, e descritas.

Até hoje porém não tenho recebido resposta de Vossa Senhoria, nem sei se essa carta, impressos, e plantas chegaram ao seu destino.

Este ano, que vai findar foi para meus exercícios botânicos de grande esterilidade, já pela quase nula florescência das árvores florestais, já por minha vida um pouco desatranjada, estando euilando na minha jubilação, e na minha mudança da cidade para o campo, ou para o mar. No entanto devo asseverar a Vossa Senhoria que não passei esse tempo sem fazer alguma coisa em adiantamento dos meus trabalhos, o que em tempo oportuno comunicarei a Vossa Senhoria.

Seu com o mais profundo respeito

De Vossa Senhoria

Venerador e obrigado criado

Francisco Freire Alemão

Dezembro de 1853

Ilustríssimo Senhor

Tenho a honra de remeter a Vossa Senhoria os papéis, que acompanham esta minha carta para que Vossa Senhoria tenha a bondade de os fazer chegar ao muito ilustre Senhor George Bentham. Nesses papéis se compreende tudo o que eu tenho publicado aqui dos meus trabalhos botânicos. E para mim muito honroso e lisonjeiro o acolhimento com que eles tem sido recebidos pelos mais distintos botânicos da Europa, entre os quais se contam os senhores seu pai, e George Bentham, a quem não tenho expressões com que lhes mostre todo o meu agradecimento. Nessa coleção há falta de alguma coisa: mas de pouca importância. Falta o texto da primeira planta que publiquei (*Drypetes Semiiflora*)¹⁹ na *Minerva Brasileira (sic)*, e da qual tirei para mim poucos exemplares do texto, que já tenho todos distribuídos; faltam também as páginas 77 a 84 da *Biblioteca Guarabarensis (Trabalhos da Sociedade Velosiana)*. Essas páginas estavam cheias somente com a questão das nevoeiros, ou o enfumaçamento da atmosfera do Rio de Janeiro, e não as tenho nas minhas coleções, e não tenho tempo agora de as ir procurar no Museu onde estão os papéis da Velosiana. Acha-se aí uma memória minha sobre a origem dos vasos no caule dos vegetais, etc.²⁰, questão que é de mais alta importância, e que eu julgo tê-la encarado de um modo novo. Como tenho adiantado mais trabalho a este respeito, que não estão ainda redigidos, e convindo quanto antes dar-lhe publicidade, se eles forem disso merecedores, como a liberdade de oferecer um extrato em manuscrito acompanhado de um desenho a lápis, para que Vossa Senhoria tenha a bondade de o submeter ao juízo do Senhor Bentham, ou do senhor seu pai; e se eles se dignarem lançar os olhos sobre ele, eu esticarei muito saber qual a sua opinião a respeito, qualquer que ela seja. Foi escrita muito à pressa, e por isso talvez me não faça sempre bem entendido; mas o desenho auxiliará a sua intelligência. Escrevo-a também em português porque vejo que os trabalhos da Sociedade Velosiana foram bem

* Essa carta não teve nenhuma resposta, nem sei mesmo se os papéis de que ali falô chegaram a seu destino. Confesso que esse silêncio, que não sei de que provém, me deixou descontente e mesmo envergonhado. Apesar disto entendo que devia copiar aqui o manuscrito dessa carta. Já lá vão mais de 9 annos.

¹⁹ Não há na sua impresso no espólio de Fidei Acuña. Cf. *Mm. Botaf.*, vol. II, n.º 24, 15 out. 1844, p. 757.

²⁰ Cf. *Cotaf.*, nos 369 e 370.

compreendidos, e porque talvez seria mais difficilmente entendido se eu me mettesse a escrevê-la em francês, ou latim, pela minha pouca habilidade em manejar essas duas linguas.

Son com muito respeito

De Vossa Senhoria
Venerador e criado
Francisco Freire Alemão

159 Cópia duma carta mandada ao Senhor Afonso de Candolle, em resposta

Rio de Janeiro, novembro de 1864

Senhor Professor

Vossa carta, datada de 7 de abril, e que recebi no fim do mês de maio, surpreendeu-me de certo modo agradavelmente no momento em que me acho retirado. Peço-vos perdão por não vos haver respondido antes: é que eu desejava que minha carta fosse acompanhada de uma coleção de minhas tentativas botânicas, e de algumas plantas secas. Mas obrigado a mudar meu domicílio para o campo, a oito léguas do Rio de Janeiro, e a construir uma cabana para ali me fixar, tenho todos os meus papéis e coleções em desordem; e não sabendo quando isso terminará, e me dará fazer, achei que não podia mais demorar a comunicação do recebimento de vossa carta, tão desvancadora e tão honrosa para mim, bem como o agradecimento pelas generosas ofertas, que me fazeis.

Apresentei vossa carta em nossa pequena Sociedade Velosiana, que lhe ouviu a leitura com bastante interesse. Essa sociedade, que tem poucos trabalhadores, não está ainda muito firme; e por isso não se atreve ainda a eleger Membros Honorários, segundo seu regulamento; mas tão logo se considere um pouco mais sólida, ela se apressará em se abrigar sob os nomes illustres da Ciência, e vós, Senhor, estareis entre os pulcristos, se vos dignais a conceder-nos tal favor.

De minha parte, logo que esteja estabelecido, e meus negócios postos em ordem, não me esquecerei de vos enviar meus ensaios botânicos (já que o exigis), assim como as memórias da Sociedade Velosiana. Meu herbário encontra-se atualmente bem empobrecido; mas, das amostras que se acham melhor conservadas, eu vos remeterei as que vos possam ser mais úteis. Se por alguma dessas coisas me achardes digno de qualquer recompensa, nada me poderá ser mais agradável e mais útil do que algum dos belos trabalhos de vossa pena, e da de vosso digno Pai, cujas obras clássicas não pode dispensar quem deseje dar um só passo em botânica: e das quais possuo as seguintes:

<i>Regn. Veget. Syst. natur.</i>	2 vols.
<i>Prodromus</i>	1. ^a vols.

<i>Theor. element.</i>	ed. de 1844
<i>Organographie</i>	2 vols.
<i>Physiologie</i>	3 vols.
<i>Mémoires</i>	1. ^o vol. contendo: <i>Melast.</i> , <i>Crass.</i> , <i>Onagr.</i> , <i>Parony.</i> , <i>Ombel.</i> , <i>Loranth.</i> , <i>valis.</i> , <i>Cort.</i> , <i>Compôs.</i>

E vossos *Éléments de Botanique*.

Receber, Senhor, a garantia da elevada estima, e do profundo respeito com que sou

Vosso muito humilde servidor,
Francisco Freire Alemão

181 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martins em 20 de fevereiro de 1855

Ilustríssimo Senhor

A estimável carta de Vossa Senhoria de primeiro de fevereiro do ano passado, me chegou às mãos nos últimos dias de maio. Recebi também da sua preciosa obra — *Flora Brasileira*, etc., o fascículo XII. Da minha subscrição em casa dos Senhores Laemmerts, eu tinha recebido até o fascículo 9.^o inclusivo; há pois uma falta de dois fascículos — 10.^o e 11.^o. Bem sei que uma obra desta natureza é distribuída por vários autores, e que nem sempre pode ser seguida em sua ordem: assim se esta minha lembrança vier a ser inútil, peço-lhe ao menos que a não tome como uma impertinência. Não tenho termos para lhe agradecer tão subido favor.

Muito julguei que meus ensaios botânicos anatômico-fisiológicos chamassem sobre si alguma atenção dos sábios da Europa: isso nos anima a progredir, e a fazer novos esforços, dos quais não aspiramos a outro prêmio.

A respeito da análise química do líquido contido nos pêlos urentes, comuniquei os seus desejos ao nosso amigo Capanema, que é mais próprio para esses trabalhos; e ele prometeu-me fazer alguma coisa. Ao mesmo tempo lhe dei as lembranças, e recados que Vossa Senhoria lhe mandava.

Muito agradeço a Vossa Senhoria as reflexões, que me faz sobre a *Hyeronima alchorneoides*. Quando estudei esta planta não deixei de fazer algum reparo quanto a seu hábito particular; mas uma certa parecença com as *Alchorneas* me induziu a considerá-la no número das euforbiáceas, mesmo depois de ter examinado a flor masculina, o que só pude fazer em novembro de 1850.

Agora advertido por Vossa Senhoria reconheço que é uma *Antidesmia*. Quanto a ser ou não o tipo de um gênero novo a planta por mim descrita, eu submeto ao julgo de Vossa Senhoria, para o que aqui remeto junto um tócco

esboço, extraído, em resumo, da memória que apresentei à Sociedade Velosiana em novembro de 1850 (que ainda não está impressa) e sem nada alterar do que então fiz. Também aí [junto] a exposição dos caracteres do fruto, e do embrião da *Machera Affinis*; que tirei dos meus borrões, e tomo a liberdade de lhos apresentar porque vejo que faltam os caracteres do embrião no género *Machera* da sua *Flora*.

Pede-me Vossa Senhoria alguma coisa sobre as famílias, de que vai agora tratar; infelizmente nada tenho a esse respeito digno de lhe ser oferecido. Sobre as Poligónicas algum trabalho tenho, mas ainda tão informe, e incompleto que para nada presta.

Quanto à araucária, no lugar em que me acho não as há; mas escrevi logo a um nosso engenheiro, Teodoro de Beaurepaire Rohan, moço distinto (filho de nobres franceses, que residiam no Rio de Janeiro) muito estudioso de História Natural, e que atualmente se acha na nova Província do Paraná, para me colher e remetter as amostras que Vossa Senhoria exige: espero que elle não me faltará; e logo que alguma coisa me chegar mandarei-lhe-ei.

A respeito de Veloso de Miranda tudo quanto sei se acha num parágrafo do meu relatório annual dos trabalhos da Sociedade Velosiana, que incluo no meu; e aproveito a occasião para lhe mandar uma pequena memória minha sobre a formação dos vasos no caule das plantas dicotiledóneas²¹. Não sei se haverá nela alguma coisa de novo, ou se minhas observações são justas. Passarei talvez por *abêlhuado*; mas não importa, eu irei sempre gastando tempo e paciência nestas coisas, com que matarei alguns momentos do aborrecimento.

No tomo 2.^o (1840) da *Revista Trimensal* do nosso Instituto Histórico e Geográfico achará Vossa Senhoria as biografias, de Alexandre Rodrigues Ferreira no 8.^o, e a de Veloso (autor da *Flora Fluminense*, da *Alografia*, e publicador do *Fazendeiro do Brasil*, e de outros trabalhos) no suplemento. Por aí pôde Vossa Senhoria colligir, até certo ponto, que lugares elles coneram, e investigaram.

A nova edição de suas viagens pelo Brasil, deve hoje oferecer ainda mais subido interêsse, pelas adições que lhe vai fazer; e porque o vale do Amazonas chama as atenções de todo o mundo, quer pelas suas riquezas naturais, quer pela avides com que lhe lançam os olhos nossos amáveis vizinhos do Norte. Infelizmente para mim que ignora o alemão, o prazer de sua leitura me será vedado.

Do texto da *Flora Fluminense* o que há impresso é o que mandei a Vossa Senhoria, o resto existe ainda por imprimir: tenho lembrado ao governo a necessidade de se concluir esse trabalho, e espero que isso se faça: e a proporção que fôr aparecendo ir-lhe-hei remettendo.

²¹ Cf. *Catál.*, n.^{os} 568 e 570.

Achando-me jubilado, mudei-me logo para a roça oito léguas longe da cidade, onde estou fazendo uma casinha. Isto me tem absorvido o tempo, e atenção, e impedido de trabalhar: e é por isso que nada tenho feito este ano. Nem mesmo pude ainda estudar, como ela merece, a parte da sua *Flora Brasiliensis*, com que me obsequiou. Espero tirar a desforra de tudo quando me achar estabelecido, e sossegado.

Reclamei ao Secretário do Instituto Histórico pelos números que lhe fallam da *Revista Trimestral*: e espero que Vossa Senhoria será satisfeito.

Esta minha resposta tenho-a demorado tanto, para a remeter por mão própria pelo nosso Capanga, que cuida em ir à Europa este ano.

Com esta remetto-lhe um pequeno toro de brasil tirado duma árvore muito nova, na qual há já bastante carne: e creio que seja sufficiente para o estudo que deseja fazer. Vai também outro toro de um ramo de tatajiba tirado da mesma árvore de que lhe mandei ramos floríferos.

Não achei no meu horto um só ramo com flor do brasil em estado de lhe ser apresentado: alguns que encontrei estavam com as flôres todas destruidas. Há bem tempos que não colho flôres desta árvore; das primeiras que colher não me esquecerei de mandar-lhe alguns exemplares.

Desejo a Vossa Senhoria a melhor saúde e muitas felicidades, pois sou

De Vossa Senhoria

Muito respeitador e obrigado criado

Francisco Freire Alemão

Rio de Janeiro, 4 de junho de 1855

Ilustríssimo Senhor

Esta minha carta escrita à pressa, só tem por fim comunicar a Vossa Senhoria que nesta occasião lhe vai uma remessa de amostras de ramos, madeiras, flôres, e frutas do nosso pinheiro que recebi do Paraná; tudo colhido pelo engenheiro Henrique (não Teodoro como por engano lhe escrevi) de Beaupaire Rohan com destino para Vossa Senhoria, porque assim foi que lhe pedi este obsequio. Infelizmente a pinha maior desfez-se quando a desembalhamos: mas alguns pinhões, que vão dela poderão dar idéa de sua grandeza.

De tudo se encarga o nosso Capanga, que vai à Europa.

De Vossa Senhoria

Muito repetidor e obrigado

F. F. Alemão

164 Cópia de uma carta ao Príncipe Maximiliano [de Wied-Neuwied]

Príncipe,

Um official de talento, brasileiro, que parte amanhã para a Europa, gentilmente deseja ser portador desta carta, que escrevo muito à pressa para aproveitar a boa occasião; e para não demorar mais a resposta que devo à carta, tão desvanescidora, que Vossa Alteza teve a bondade de me escrever; bem como para testemunhar meu reconhecimento pelo presente que me fez Vossa Alteza da magnífica obra das plantas raras do Príncipe de Salin. É uma obra realmente bella em todos os sentidos e da qual deverei me valer bastante.

Estou envergonhado de não ter neste momento algo digno de ser apresentado a Vossa Alteza. Há mais de um anno que não tenho tido occasião de percorrer as florestas, e organizar colleções. Mas tão logo possa lançar-me ao trabalho, será um de meus primeiros cuidados fazer um pacote de amostras escolhidas para homenagear Vossa Alteza.

Quanto ao pedido de Vossa Alteza, devo responder que no mercado do Rio de Janeiro encontram-se não só sementes de *Bertholletia* (a que chamamos aqui castanhas-do-maranhão), mas também as dos frutos de 2 ou 3 espécies de *Lecythis* que são conhecidas nos arredores do Rio de Janeiro e que têm o nome de *sapucaias*. Os caroços de *Bertholletia* são angulosos, com superficie áspera, e de uma cor escuro-terrosa; os das *sapucaias* (*Lecythis*) são irregularmente ovais, estriados, com superficie lisa e brilhante, cor de chocolate; têm um podospermo muito carnudo, de que se separam facilmente. Na primeira oportunidade remetterei a Vossa Alteza algumas sementes dessas diversas espécies.

Sou com o mais profundo respeito

De Vossa Alteza
Muito obediente servidor
Francisco Freire Alemão

10 de junho de 1855.

181 Carta ao Doutor Martius em 25 de janeiro de 1859

Ilustríssimo Senhor

Recebi quase ao mesmo tempo duas cartas de Vossa Senhoria, uma de maio de 1857, e outra de abril de 1856.

Na primeira Vossa Senhoria me increpa por ser remisso em escrever-lhe, e observa que os fascículos da *Flora* se devem considerar como cartas impresas; Vossa Senhoria tem razão; mas eu também a tenho; responder immediatamente a cada fascículo de sua grande *Flora* seria expor-me à maior censura,

porque não é com uma vista d'olhos que poderia sobre ela dizer alguma coisa; é-me necessário tempo e repouso para a estudar e então com conhecimento aprofundado falar sobre a matéria, exceto se me quisesse contentar em usar somente a recepção, e agradecer-lhe o favor. Como já disse a Vossa Senhoria jubilei-me na Escola de Medicina, e tratava de estabelecer-me fora da cidade; e agora de novo sou chamado a reger a cadeira de botânica da Escola Central Militar do Rio de Janeiro; não me valeram as desculpas: todo isto tem causado tais transtornos na minha vida que nada tenho podido fazer: assim pouco tenho colhido, pouco tenho trabalhado, e até a nossa Velosiana se tem ressentido disso. Ora é por não ter coisa importante a lhe comunicar, e a enviar que me tenho absteído de escrever-lhe mais a miúdo. Agora estava cuidando em ajuntar alguma coisa para lhe mandar por estar em véspera de uma grande viagem, quando recebi as suas duas, e muito estimáveis cartas. A viagem de que trato é de uma expedição científica que o governo manda a explorar algumas das províncias do Brasil. Sobre o resultado dessa expedição nada quero adiantar, é antes uma expedição de aprendizado, e de experiência para habilitar alguns moços a trabalhos ulteriores, e talvez mais importantes. São estes os desejos do Imperador e de todo o brasileiro. Parece que a primeira província a explorar-se será o Ceará. Espero e confio em Deus que voltaremos, e que Vossa Senhoria será logo informado do que se fizer bom ou mau, grande ou pequeno.

Por várias vezes falei ao Secretário do Instituto Histórico a respeito da Revista, e deixei-lhe mesmo a nota dos números que lhe faltavam em sua coleção; prometi-se, mas nada se fazia, porque diziam que não sabiam como enviá-las. Agora quando de novo instei, achei já o negócio resolvido, porque o Marquês de Abrantes se havia adiantado; e ele foi mais feliz do que eu. Parece que agora lhe serão remetidas as Revistas, que lhe faltam.

A respeito das plantas das restingas, que Vossa Senhoria deseja, e que supõe muito fácil obtê-las por meio de um moleque ladino, devo certificar-lhe que o negócio é mais difícil do que Vossa Senhoria pensa: as restingas estão a léguas de distância da minha habitação; só duas vezes as tenho visitado, e deixei nesses lugares pessoas bastante ladinas, a quem encarreguei de colherem, e que me prometeram mandar certas plantas, que lhes designei; mas até hoje não as tenho recebido. É necessário que eu faça tudo, e eu não posso tudo com bastante pesar meu.

Do geral das plantas e principalmente de arvores pouco tenho colhido de novo, além do que lhe tenho avisado; por isso agora nada tenho no meu herbario digno de lhe ser apresentado senão o pouco que lhe remeti com esta carta. Da *Hyeronima alchorneoides* não tenho mais, nem melhores exemplares do que os que lhe envio; vai também impressa a descrição e desenho do

indivíduo masculino =, mas não tenho exemplares d'êlé. A respeito da *Aracaria*, senti bastante que o fruto maior se deslizesse apesar de tôdas as nossas cautelas; e o prior é que não lhe podemos agora mandar outra, nem completar a sua coleção, por isso que o engenheiro Beaurepaire não está hoje no Paraná, e é presidente de uma provincia do Norte, e ali não tenho agora ninguém que se preste a fazer o que só êle o podia. Quanto à *Quina do Renégio* nada lhe posso informar porque a não há no Rio de Janeiro, e não sei a seu respeito. Recebi os fascículos 15, 16, 17 da *Flora*, que tratam das *Mirtáceas* da menção a mais ampla e completa: o que pela leitura rápida, que pude fazer notei é a grande multidão de géneros em que se dividiu a família; mas o meu voto é de fraco valor. Recebi também com a última carta o seu *syllabus*, assim como o importantíssimo catálogo da nomenclatura tupi das plantas brasileiras; por tudo lhe dou os mais sinceros agradecimentos.

Adieu meu caro Senhor. Tenho a honra etc., etc..

Francisco Freire Alemão

166, 20 de novembro de 1859

Minha gente

Aqui estamos, há 13 dias, nesta cidade do Içá, a 80 léguas da capital do Ceará, e a 50 do Aracati, outra cidade donde datamos as últimas cartas, que daqui escrevemos. Gastamos dali aqui 22 dias de viagem, fazendo por dia 2 e meia, 3, 4, e 5 léguas, pousando em cidades, vilas, povoações, e sítios; e por um terreno árido, e queimado; nem um riuzinho corrente passamos no espaço de 50 léguas! Era um grande prazer quando avistávamos uma lagoa, um poço, ou um charco; marchávamos sempre pelas ribeiras, ora direita, ora esquerda do famoso Jaguaribe, que atravessamos algumas vezes, e que é agora antes um vasto areal do que um rio. Representem na illúa uma faixa de areia com 20, 30, e mais braças de largura, serpenteando do Aracati até quase ás extremas da Provincia, tendo nos dois côrços inferiores de um lado e doutro vargens planas como um terreno de uma a duas léguas de largura, e cobertas quase sômente de florestas de carnaúbas, e que no tempo das águas ficam tôdas submergidas; isto é, quase com léguas quadradas! o que deve ser inoponente. Mas agora no leito do rio só apparecem poços mais ou menos extensos, que servem de bebedouros aos animais. A gente não bebe dessa água, mas do poquinho, que abrem no areia, e a que chamam cacimbas.

A transição d'este vale que chamam ribeiras do Jaguaribe, cuja vegetação de carnaúbas é sempre verde, assim como a das matas frescas dos tabuleiros,

22 CL. Catal. n.º 559.

que limitam o vale do rio, para o sertão propriamente dito, é insensível; mas quando nos achamos em pleno sertão, não pudemos deixar de ser singularmente impressionados tanto pelo aspecto particular do país, como pela surpresa, sendo inteiramente diverso da idéa que fazíamos por informações incompletas, inexatas ou exageradas. Eis o que eu cuidava que era: campinas rasas cobertas de graminhas, e com algumas árvores dispersas.

Eis agora o que vi — um país todo montuoso, tendo às vêzes lombadas de muitas milhas de extensão, deixando entre si estreitos vales, ou grotões; demasiadamente pedregosos, e raras vêzes mostrando uma vergem de certa extensão, ou uma meia laranja rasa e larga; com intervalos de léguas vê-se o leito arenoso e largo dum rio, antes torrente, pois só corre no tempo das chuvas. Esses montes, tabuleiros e vales são cobertos de catingas ou carrascos, isto é duma vegetação especial, e de árvores soltas, cujo porte é o de uma laranjeira ordinária, daí para baixo, e raramente mais alto. Tudo está sem folha, e como se por ali houvesse passado o fogo; por baixo dessas árvores o terreno é todo coberto de *farapico*, e *mirimbo*, que são os pastos succulentos de tôca a sorte de gado, e que também seco tem o aspecto loiro de uma vasta, e continua seara. Quando um homem se acha no alto dum desses oiticos, torrados, e que lança a vista ao longe observa no meio dessa aridez correrem cintas largas duma verdura admirável, que vão seguindo as voltas dos rios, e das grutas baixas; são pela maior parte magníficas oiticicas, que se parecem com gigantescas mangueiras, e que tanto mais virulentos são quanto maior é a secca, diz a gente do país.

Nem uma gota d'água por misericórdia, senão nas cacimbas dos leitos, ou vizinhanças dos rios. O que dá vida a esta natureza desolada é a imensidade, e variedade de pássaros, que a povoam. São os rebanhos de gado, digo de vacas, carneiros, cabritos, que pastam — são os vaqueiros vestidos pitorescamente de couro, e montados em ligeiros quatuas, que às vêzes cruzam essas solidões.

Mas à beira das estradas, se acha, sem falar nas vilas e povoados, a várias distâncias, algum pobre sítio do vaqueiro, ou de fazendeiro, onde nunca se nega *água, ração*, e ao menos uma *latada* para descanso. Seus habitantes são natíveis, curiosos, inteligentes, e faladores — as mulheres ainda mais.

Um céu de estanho cobre esta natureza, rara vez passa diante do sol uma nuvem rala, que apenas modifica o ardor de seus raios — se venta, o que é muito comum, e um dos alívios do viajante, não é sem inconveniente, levantando uma poeira fina e importuna, e que a mim irrita mais que o calor.

Há talvez dois meses, que o céu não deixa cair sobre nós uma gota d'água. Que contraste desta vida com a que tivemos na capital, e seus arredores: ali eram chuvas a aborrer, eram frutas, que apodreciam, andávamos fartos de leite, coalhadas, queijos, os presentes de papus de milho verde, de doces, de frutas, se sucediam sem interrupção — tudo era verde em torno de nós — e a

meigas cearenses faziam mais suportável as saudades do Rio. Agora andamos queimados, sedentos, esfomeados, sem nem um consólo! Mas *viva la virgen!* Estamos todos gordos! O sertão, nos diziam os homens da capital, no verão é um inferno, e um paraíso no inverno, mas tenho visto, que nem é inferno, nem paraíso. São lugares polícos, muito atassados, e os cômodos da vida desconhecidos, ou mal apreciados.

Estamos quase na força do verão, estamos no Icó, cidade central, estamos no lugar da criação: pois temos carne má e cara, nem uma pinga de leite, e por milagre, algum de cabra, não temos queijo, que é indústria da terra, senão velho e reicho, manteiga infame; não há verdura de qualidade alguma. a não ser algum jirimum, quiabos, e maxixes: por fortuna há muito melão, grande e solível — e sempre fazemos as onças com melão e vinho; aparecem caixas, enormes, mas inferiores aos nossos, a avaliarmos pelos que por ora temos comido; laranjas vêm dos Cariris, mas são pequenas, enfezadas, e querem ser mais azédas que limões. É verdade que temos perus, galinhas, ovos, com que nos podíamos vingar daquelas afrontas se houvesse um cozinheiro, mas temos sido a este respeito muito infelizes. Aqui no Icó pelo menos temos boa água, e esta é das cacimbas do Rio Salgado! Durante a viagem foi uma das nossas tormentas a má qualidade das águas, e andando sempre pelas margens do Jaguaribe: mas a água, que se tira das areias do rio, quente, e cheia de pó, precisa ser guardada dum dia para outro, então se faz pura e fresca. Quando chegávamos a uma casa se nos entregava o pote d'água, apurando na véspera, para a pequena família, e nós sequeiros, a consumíamos logo, e então era necessário nova quente, decentável: em alguns povoados era água leitosa, e para mim insupportável; felizmente por toda a parte havia *ceára* de que me eu servia exclusivamente e houve lugar onde eu bebia si e si garrafinhas por dia; a coisa me saía cara, mas que remédio! Por ora ainda não encontramos os jardins das Iouris, que nos prometiam; temos visto meninas interessantes; mas não grandes formosuras, nem essas *abeurnas e rubicundezas*: são porém um pouco esquivas; por ora, nem mesmo no Icó, temos achado aquela amabilidade, conversação, e comunicabilidade que tanto nos aprazia na capital. Talvez seja um bem! não desperdiçamos o nosso tempo em visitas inconvenientes. Querem saber quantos povos e cidades temos encontrado em nosso caminho? Ai vai a relação: Passagem, pouso — Jiqui, povoado — Catanga de Goiás, vila — São Bernardo das Russas, cidade! — Limoeiro, povoação — Tabuleiro de Arcia, vila — São João, povoação — Cabrito, — sítio — Caiçara, sítio — Defuntos, sítio — Ossos, sítio — Santa Rosa, povoação — Jaguaribemirim, vila — Boa Vista, povoação — Lobato, sítio — Icó, cidade. Em alguns destes lugares estivemos 2, 3, 4 dias, nos outros uma tarde e noite. Daqui a alguns dias seguiremos para o Crato, que é daqui a 32 léguas; dizem-nos que aí a água verte por toda a parte, há muita fruta, muita verdura, muita coisa, muita coisa; o que fôr soarál! Agora queremos que todos lá gozem a melhor

saúde, que vivam alegres, mas que se não esqueçam de quem anda por longas terras, e que sempre traz lá a alma e o coração. As minhas horas solitárias são sempre cheias de melancolia e de saudades, e suspiros, por que o tempo corra, e cedo nos vejamos, onde só gozamos. Desejo que esta carta seja lida em assembleia em casa de minha tia, do mano Manuel, do primo Augusto, etc. etc.

Muitas lembranças a minha tia — Joaquina — Policena — Luis — ao primo Joaquim e sua família — ao mano Manuel, à prima, Luiza, Maria, Idalina, Glória, Asários, ao primo Augusto e toda a sua família — ao Silva e sua família — à prima Luiza e sua família — aos senhores do engenho — ao Adriano e sua família — ao Garcia, ao Guedes — ao compadre Cardoso e sua família — a toda a nossa gente de casa — a todos quantos perguntarem por mim.

Primo Francisco Alves, você se encarregará de lembranças para sua cunhada e seus filhos — para o nosso vigário.

281

Carta ao Doutor Martius

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1858

Ilustríssimo Senhor

Estava na cidade do Crato, sertão do Ceará, quando recebi a sua estimável carta de 12 de março de 1857. Não respondi logo a ela, porque daquele lugar era difícil desembaralhar-se a minha carta; e depois que cheguei ao Rio de Janeiro, julguei melhor esperar algum tempo para acompanhar a minha resposta com a primeira publicação dos trabalhos da Seção de Botânica da Comissão Científica, que o Governo Imperial mandara a explorar aquela provincia, e da qual eu era membro, e presidente. Esta Comissão gastou dois anos e meio em seus trabalhos; mas foi muito contrariada, tanto pelas circunstancias do país, como porque somos ainda mui bisonhos nessas coisas; de sorte que o Governo a mandou retirar antes de concluídos todos os trabalhos; todavia a Seção Botânica tendo percorrido quase toda a provincia, fez uma boa colheita de plantas; mas ainda não pôde concluir o trabalho da revisão total e do arranjo metódico das plantas colhidas ali; de sorte que ainda não sei exatamente do que consta o herbário. Como é trabalho, que nos há de levar tempo, resolvi a começar já a publicação das plantas, que me forem parecendo novas, ou mal conhecidas; e submetê-las ao juizo dos sábios, para depois do seu assentimento, fazer-se a publicação final de toda a colheita.

Arrisco-me, é verdade, a não poder levar ao fim a publicação de todo o herbário; paciencial outros a concluem.

Só agora é que pude encetar essa publicação, de que tenho a honra de submeter ao juizo de Vossa Senhoria um exemplar; assim como outro à Ilustre Sociedade Real de Botânica de Ratisbona, da qual sou indiguo membro cor-

respondente. Espero que as receberão com bondade, e que me farão o favor de emendar os meus erros. Não me é possível mandar agora, como desejava, os exemplares secos das plantas descritas; mas o farei o mais breve que me fôr possível.

A respeito de Veloso de Miranda, só sei o que aqui transcrevo, copiando uma nota que publiquei no jornal *Guanabara*, que aqui se publicou, e que aqui transcrevo: "O Doutor Joaquim Veloso de Miranda, formado em filosofia pela Universidade de Coimbra, depois de ter regido algumas cadeiras na Faculdade de Ciências Naturais na mesma Universidade, veio residir em Minas Gerais, donde era filho, sendo encarregado pelo Governo de coligir objectos de História Natural para o Museu de Lisboa. Foi a este naturalista que o Doutor Vandelli consagrou o seu género *Velosia*, e não ao Padre Frei José Mariano da Conceição Veloso, autor da *Flora Fluminense*, como a maior parte da gente acredita. Veloso de Miranda morreu em Minas com mais de 80 anos de idade, em 1816, ou 17".

Quanto ao Padre Veloso, autor da *Flora Fluminense*, Vossa Senhoria pode ver a sua biografia no tomo 2.^o da *Revista Trimestral* do Instituto Histórico, do ano de 1840.

Das sapucaias, cujas, etc., nada tenho no meu herbário em estado de lhe ser mandado: o que farei logo que tenha descanso, e o possa conseguir.

A Sociedade Velosiana tem estado um ócio pela nossa ausência durante os trabalhos da Comissão; e agora porque alguns de seus membros têm falecido, e outros se acham ausentes. É necessário re[aj]ustá-la chamando para seu grémio mais trabalhadores.

Reconheço quanto é legítima a sua ansiedade por obter notícias e coisas botânicas da nossa terra, mas espero que desculpe o que notar em mim como negligência. Confesso-me pouco ativo; isto é manha cá nossa; e dizem que o calor é culpado disso. Não sei. Realmente não sou dos mais ativos; porém também espero alguma benevolência de pessoas razoáveis, como Vossa Senhoria, e que também está em circunstâncias de avaliar o como aqui correm as coisas. Eu tenho a minha vida bem atarefada; e não posso viver senão à custa dos meus ordenados, o que me ocupa grande parte do tempo, e tira-me o ânimo de fazer mais alguma coisa fora das minhas obrigações. Eis a minha desculpa.

Tenho em meus borrões muita coisa, que me parece nova, e digna de ser conhecida; mas falta-me tempo e ânimo para passá-las a limpo. Se Deus me conservar a vida ainda por algum tempo, talvez que eu faça alguma coisa; sempre porém com a minha habitual pachorra. Desejo a Vossa Senhoria a melhor saúde e longa vida, para que leve ao fim a sua grande empresa, e lhe sobre descanso.

De Vossa Senhoria
Muito venerador e obrigado criado
Francisco Freire Alemão

241 Carta escrita ao Doutor Martius, em 14 de janeiro de 1867

Ilustríssimo Senhor

A última carta, que recebi de Vossa Senhoria é datada de 30 de agosto de 1863. Já lá vão mais de 3 anos! É mais uma prova de nossa preguiça; mas sempre quero me desculpar. Pouco depois que recebi a sua carta entrei a trabalhar no 2.^o folheto, e logo depois no 3.^o, então julguei dever me guardar para os enviar juntos; mas, (coisas da nossa terra!) este último caderno esteve em casa do impressor mais de um ano, agora é que saiu!

Eu lhes remeti pelos meus compatriotas, que vão assistir, por ordem do governo a Exposição Internacional de Paris.

Recebi agradecido as reflexões, que Vossa Senhoria se dignou fazer sobre o 1.^o fascículo das plantas da Província do Ceará. No entanto Vossa Senhoria me permitirá que eu lhe submeta algumas considerações em desculpa.

Quanto à *Cordia Oncocalyx* eu disse aí o que então me pareceu razão para a considerar no gênero *Cordia*. Não tendo ainda visto o folheto da sua *Flora*, em que vem a Família das Coroláceas; e logo que o tive foi meu primeiro cuidado ver o gênero *Palagotula*, do qual infelizmente achei apenas fragmentos, e esses mesmos discordantes dos caracteres da minha planta. A vista do que me confirmei no que tinha lido. Todavia dócil me submeto ao juízo dos que sabem mais do que eu.

Quanto à *Aroeira* também fiz um gênero dubitativo. A flor, sem dúvida, é do gênero *Astronium*; mas o fruto é uma drupa; e por isso vouei propô-lo como tipo dum gênero.

Repito, são ousadias, que espero me perdoarão os Luminares da ciência.

Vossa Senhoria me adverte que seria melhor ter as amostras das plantas, para aí se conferirem, e se reconhecer se são, ou não inteiramente desconhecidas. Sem dúvida assim é; há muito tempo que me propus a mandar-lhe; mas tudo entre nós cá custa porque não temos quem nos ajude. Eu moro fora da cidade, e longe, estou velho de 70 anos, e cada vez, eu o confesso, mais preguiçoso; e é necessário que tudo eu faça. Agora mesmo desejava mandar-lhe exemplares do *Pau-branco*, e da *Aroeira*; mas moro fora da cidade, as plantas estão no Museu, e os meus amigos partem mais cedo do que eu cuidava, e não me dão tempo para acondicioná-las.

Vossa Senhoria porém tenha alguma paciência, que o mais cedo que eu puder lhe mandarei amostras secas das nossas plantas.

Eu devo aqui confessar-me penhorado do que Vossa Senhoria tem feito a meu respeito fazendo publicar na sua magnífica *Flora do Brasil*, em meu nome, quanto lhe tenho mandado em manuscrito.

Depois de publicada a minha *Jussiaea fluctuans* é que revendo o seu *Herbarium Brasiliense* aí achei a espécie *Jussiaea helminthorrhiza*, que tem muitos caracteres daquela; mas em alguns ela discrepa; assim lida a minha planta

não é inteiramente glabra — as raízes tûmidas são cónicas — as lóshas também me parece que diversificam, etc., etc. Senti não ter visto antes o seu trabalho, e talvez a minha planta não é senão uma variedade da sua. Vossa Senhoria melhor o reconhecerá.

Dê-se Vossa Senhoria, e com razão, de que em nossas Câmaras se levantassem vozes de alguns deputados, mais impressionados do mau estado das nossas finanças do que da excelência da sua obra monumental; também eu me dêo disso, e quase me envergonho; mas nem todos vêm os objetos pelos mesmos olhos, nem todos sentem de igual modo as impressões do grande e do bello. Faltei com S.M. o Imperador e elle se mostrou desajuso de que a sua *Flora* continuasse, e creio que continuará.

Agradeço a Vossa Senhoria o presente do Glossário das línguas indígenas, que muito me tem já servido, e que eu acho excellent, e rico se minha opinião vale; não aventuro juizo definitivo sobre elle porque não tenho conhecimentos sufficientes.

Agradeço ainda a Vossa Senhoria os pésames que me dá pelo falecimento do meu sobrinho: foi com effeito uma perda para o país, e para mim que esperava que fôsse meu continuador; mas a Providência julga de outro modo, submetamo-nos aos seus decretos com resignação.

Vão os dois cadernos em duplicata para Vossa Senhoria e para a Sociedade de Ratisbuna. Espero que Vossa Senhoria os julgará com rigor e autoridade de Mestre. Esteja Vossa Senhoria na certeza de que estimo as censuras dos sábios que me ensinam, e me honram. É prova de que se occupam com meus trabalhos, e os apreciam: e isto basta para mim.

Desço a Vossa Senhoria continuação de boa saúde, fôrças e vontade para a conclusão da sua imensa obra. Desço mais que me conserve a sua afeição e amizade que muito aprecio.

De Vossa Senhoria respeitador e criado
Francisco Freire Alemão

MONOGRAFIAS E COMUNICAÇÕES

555

[Madeiras do Brasil *]

Brasil — *Caesalpinia*.

Há certamente mais de uma espécie deste género, a que chamamos Brasil, e que fornecem mais ou menos tinta. Aires do Casal, na *Cronografia Brasileira*, diz: "Há 3 espécies de pau-brasil, *Brasil-mirim*, que é o melhor, *Brasil-açu*, ou rosado, e *Brasileiro*. O *Brasil-açu* tem o tronco mais alto, mais direito e menos grosso; sua tinta é de menor consistência, e mais rosada. O *Brasileiro* pouco difere do *Brasil-açu* na grandura e forma do tronco e copa, dá pouca tinta e essa desmaiada".

Aqui no Rio de Janeiro me informam os matiros que há duas qualidades de Brasil a que chamam vermelho, e roxo; o roxo dá mais tinta e melhor que o vermelho. Serão estes os *Brasil-açu*, e *Brasileiro*, de que fala Aires do Casal? E o que não me foi ainda possível averiguar; a espécie única que conheço por ora é a de que mandei a Vossa Senhoria²² um exemplar; que é do que aqui chamam vermelho, e é mais abundante nas matas, por onde tenho andado; é também possível que o roxo seja uma variedade da mesma espécie.

Quanto ao *Brasil-mirim*, está me parecendo que elle não existe senão em matas do Brasil. Eis aqui o que d'elle diz ainda Aires do Casal na mesma obra: "O *Brasil-mirim* tem o tronco mais grosso, a casca mais vermelha e mais delgada, os espinhos mais miúdos, e o corno mais arroxado. A folha é branca e muito miúda, etc." Se o que diz este autor é exato, deve ser esta uma espécie distinta.

Será este (*Brasil-mirim*) o *Ibirapitanga* de Pison "*ramuli (diz elle) multis exiguis floribus ornati... pulchra variegatis coloris flavescentes... siliquae... rubros splendidis exiguis fabas... continentes...*" etc.

* Brouão da relação que mandei ao Doutor Martins, em maio de 1847.

²² Cf. *Cosm.*, n.º 31.

Baltasar da Silva Lisboa, nos *Anais do Rio de Janeiro*, diz: "Conhecem-se 3 espécies da do Brasil; o doirado é o melhor". E qual é esse?

Brotero, nos seus *Elementos de Botânica*, chama o Brasileto, *Caesalpinia brasiliensis*.

Não é possível sair desta confusão sem ter conhecimento, e exame comparativo de todas as espécies ou variedades que tiverem frutos e são conhecidas com o nome de Brasil ou Brasileto. Nem sei se me será possível conseguir esse desideratum.

O que elles têm de comum além do fruto em maior ou menor quantidade, é que todas dão preciosas madeiras, de grande duração principalmente para baixo de água ou d'água onde parecem eternas. Os templos do Rio de Janeiro como Candelária etc., tendo seus fundamentos sobre areia infiltrada d'água do mar, éstes assentam sobre estacados e gradamentos de pau-brasil.

Sobopirana ou Sepipitana — *Caesalpinia fusca* (nobis).

É grande árvore de lenho pesado, denso, de côr parda, e grande duração e resistência.

Pau-ferro — *Caesalpinia ferrea*.

Grande árvore, lenho de fibra mui rija, de côr parda, denegrida, e por isso lhe chamam assim pau-ferro. Madeira de duração e resistência, mas pouco usada (por se prestar melhor ao trabalho) em razão de sua rijez.

Caesalpinia neglecta (nobis).

Tronco arbóreo, lenho branco, sem corno, e por isso desprezado. Não lhe achei nome vulgar.

Caesalpinia disperma (*Cassia disperma* de Vellozo).

Árvore de lenho branco sem corno.

Bacurubu — *Schislobium?* *Cassia puruhya* de Vellozo, *Caesalpinia monosperma* (nobis).

Árvore corpulenta. Lenho branco, mole, leve.

Reflexões *: Achei o género *Caesalpinia* muito mal circunscrito; nem sei como possa ser determinado o seu diagnóstico. A guiar-me pelas espécies que conheço, e que ficam referidas. Em todas vi a corola amarela (será exato ter o Brasil-mirim flor branca?), pétalas longamente unguiculadas na *Caesalpinia monosperma*, com unguículas curtas na *Caesalpinia fusca*, e *neglecta*: quase reunes na *Caesalpinia echinata*, e *disperma*, rentes, e apenas com o unguículo atenuado na *Caesalpinia ferrea*. São as pétalas parentes nas *Caesalpinia fusca*, *neglecta* e *disperma*; e erectas e quase convexas na *Caesalpinia mo-*

* As reflexões sobre o género suprimi na relação que mandei a Martins.

nosperma. Em tôdas a pétala superior (*portica*) é menor que as outras, e abtinada sôbre os órgãos sexuais, menos na *disperma*. Na *Caesalpinia monosperma* dá de particular que o unguículo desta pétala é sulcado, e o estame que lhe fica fronteiro é recebido, metido ou abraçado nesse sulco. Na *Caesalpinia neglecta*, e *fusca* é também o unguículo sulcado, aplicado sôbre o estame correspondente, sem o abraçar.

Os estames são todos livres, mais ou menos barbadus, e ascendentes, menos na *fusca* e *neglecta*, cujos [estames] são retos e dirigidos para baixo do fruto: espinho, sublongado, abrindo-se com elasticidade por contactos [?] das válvulas, na *Caesalpinia echinata*; liso plano, abrindo-se com dificuldade nas *Caesalpiniae fusca*, e *neglecta* indeiscentes na *disperma*; separando-se facilmente o epicarpo do endocarpo. O mesmo na *Caesalpinia monosperma*, com a diferença que nesta, a separação se faz por si, ou espontaneamente ficando a semente envolvida no endocarpo cartáceo indeiscente.

Sementes nutuciosas (6 a 5), na *fusca*, *neglecta* e *ferrug*; na *echinata* 3 a 1; na *disperma* 2 a 1; na *monosperma* 1; postas transversalmente na *echinata*, *fusca*, *neglecta*, *ferrug*; longitudinalmente nas *disperma* e *monosperma*. Em tôdas o embrião é reto, e envolvido se é endosperma (endopleura) mais ou menos crasso.

É este pois um gênero *polimorfo*, cujo caráter deve deduzir-se do *habitus* da planta e das modificações da corola. É a querer fazer da *Caesalpinia monosperma* um gênero distinto, não vejo razão por que a *disperma* não sirva o tipo a outro gênero. Peço perdão a Vossa Senhoria por toda esta desartazoad; é vontade de conversar.

Cataraúna ou braúna — *Melanoxylum braúna*.

Grande árvore, lenho dum pardo denegrido de grande densidade, resistência e duração. Há duas espécies ou variedades, parda e preta.

Reflexão: Schott, formulando o seu gênero disse: "*Semina arillo in alium producto*." Endlicher, *Genera plantarum*, diz: "*Endocarpio membranaceo cum seminibus transversim solutae*". Julgo dever desfazer o engano em que caíram ambos estes naturalistas, provavelmente por examinarem os frutos secos. Com efeito a substância celalosa, esponjosa e branca que cobre as sementes intuíramente, apresentando a forma duma câmara, ou antes da bagem de uma nissólia, nem é arillo, nem o endocarpo; é um tecido celular que envolve as sementes à maneira do que acontece nas cásias; somente aqui é de uma substância seca, esponjosa e que toma a configuração do alojamento, onde se formam. Quando a bagem se abre as sementes caem, trazendo (necessariamente) consigo essa produção acessória, que é mais um meio de que se serve a natureza para a dispersão das sementes. Posso assegurar que isto se passa assim porque examinei os frutos em diferentes épocas de seu crescimento.

Sepupira ou Sebepira

Ainda não pude colher flor nem fruta da árvore a que chamam por aqui Sepupira: pelos ramos sei que é uma leguminosa; e provavelmente o género Sebepira. É árvore de grande porte, sua madeira de grande resistência, a duração é muito estimada.

Cabiúna *Miscolobium (Pterocarpus niger)* Veloso.

Árvore corpulenta; lenho duríssimo (mas macio no contato), côcooso, de cor pouca escura com magníficos veios pretos. Madeira muito esmiada para mobília, e outros usos. Distinguem os marceneiros duas qualidades: uma parda e outra preta; provavelmente são variedades. Tenho ramos com flor e fruto, mas ainda não vi as árvores. Não se há por aqui, abundam nas florestas de Macaé e dos Campos de Goitacaés, e nas várzeas de Marapiçu e da Mata do Rei, vão sendo destruídas estupidamente, brutalmente.

Jacarandás —

Grande incerteza reina ainda a respeito destas árvores. Aqui no Rio de Janeiro os verdadeiros Jacarandás de corne de lei são do género *Nissolia*. Veloso traz três espécies: *Nissolia incorruptibilis*, *firma*, e *Nissolia legalis*; as estampas são tão imperfeitas, e as descrições tão incompletas, que ainda não pude reconhecer bem as árvores que lhe correspondem. Só de uma espécie tinha eu colhido flor, e fruto, que [é] a que chamam Jacarandá-roxo, das outras só tinha fruto. Eis aqui como as tinha designado provisoriamente:

Jacarandá-roxo — *Nissolia firma* Veloso.

Jacarandá-cabiúna — *Nissolia incorruptibilis* (id.).

Jacarandá — *Nissolia*-*id* (nobis).

Jacarandá ... — *Nissolia legalis* Veloso.

Suspeito haver outras espécies, segundo as amostras que possuo de madeiras, mas nada tenho ainda averiguado.

Não também o nome de Jacarandá à Cabiúna os marceneiros.

Jacarandá-banana, do-campo, etc.

Chamam também Jacarandá, algumas árvores pertencentes ao género *Swartzia*. Delas conheço eu três espécies:

Jacarandá-banana — *Swartzia flemingii*.

Jacarandá-banana — *Swartzia pulchra*.

Creio que as duas de Veloso; pertencem à mesma espécie.

Todas são árvores grandes, e de madeira branca, sem cor.

Reflexão: Pison refere duas espécies de Jacarandá: *alba*, e *nigra*. A primeira espécie, isto é, a *Jacarandá-alba*, não pelo mesmo desenho, mas pela descrição se reconhece uma *Swartzia*. O seguinte — *Jacarandá nigra* — sem descrição, se vê pela estampa ser uma bignoniácea. E foi isto que determinou a Jussieu a formação do género *Jacarandá*.

Confesso que nunca posso pronunciar este gênero sem uma espécie de hesitação ou repugnância. Quanto a mim houve engano da parte de Pison, mas isto se pode considerar ousadia da minha parte. Pison certamente foi induzido a erro, sendo mal informado. Ou então para o norte do Brasil chamam também Jacarandá o que nós aqui no sul chamamos Ipê-roxo? É um ponto que deve ser averiguado; o que eu pretendo fazer mandando me informar em Pernambuco.

Resta agora saber a razão por que deu a duas qualidades de árvores tão distintas, por seu porte, sua configuração, suas flôres, seus frutos, e enfim sua madeira (porque as que pertencem às *Nissolias*, são madeiras de corne estimada; as que pertencem às *Swartzia* são madeiras brancas, e de quase nenhum uso)²¹. Eis o como eu explico os verdadeiros Jacarandás, *Nissolia*: têm todos (os que tenho visto) na casca uma seiva (ou uma pórpura) rubra, resinosa; ora, a mesma coisa apresenta a *Swartzia pulchra*, e as outras provavelmente. É esta a única semelhança que observo nessas árvores. Provavelmente a palavra indica Jacarandá bem decifrada me conduzirá a alguma coisa de mais positivo.

Moçutaíba ou Maria-preta —

Assim chamam aqui no Rio de Janeiro, a uma árvore de que não pude ainda colher flor nem fruto; suas folhas são simples e ovais; as estipulas agudas, incurvadas; será leguminosa? Seu lenho ou corne é denso, de cor escura, rijo e de préstimo. Será talvez *moira-penima*, nome que o vulgo trocou pelo de Maria-preta; achando-lhes certa homofonia.

Angelim-rosa ou Copetiba — *Petalaea erythrinifolia* (nobis).

Grande árvore cujo lenho de um vermelho claro é de duração e estimado.

Angelim-amargoso — *Andira* (*Lumbricidia legalis* Veloso).

Ainda não tenho flor nem fruto desta árvore, é árvore corpulenta. Seu lenho, que é amarelo dum cheiro forte, e sabor muito amargoso, é muito estimado para várias obras.

Guaraçai — *Moldenkeera speciosa* (nobis).

É árvore de bom porte, vistosa quando está com flôres. Seu lenho ou corne é brando, dum pardo avermelhado, pouco estimado.

Copaíba — *Copaifera* ...

Aqui no Rio de Janeiro se conhece duas copaibeiras, uma de folha miúda, de corne pardo; outra de folha mais larga de corne mais avermelhado; ambas dão resina ou bálsamo de copaíba. São árvores corpulentas, seu tronco é alto e direito com um volume gigantesco; sua madeira é estimada. Ainda não pude determinar estas espécies, bem que tenha de ambas ramos em flor e fruto.

²¹ Frase truncada.

Óleo-vermelho — *Myrospermum?*

Ainda não colhi desta árvore flor nem fruto: mas pelo hábito me parece ser do gênero *Myrosperma*. É de grande porte, seu lenho ou madeira é muito estimada, densa, pesada, de cor avermelhada, de um cheiro suavíssimo.

Óleo-pardo — *Myrospermum?*

Ainda não lhe vi o fruto. Grande árvore. Lenho duro, aromático, de cor parda. Madeira estimada.

Cabureiba (a que chamam também óleo-pardo) — *Myrospermum*.

Tenho minhas dúvidas sobre a classificação desta árvore, de que já tenho flores e frutos. É árvore corpulenta, ramosa. Como a precedente, seu lenho é pardo, duro, aromático. Madeira de préstimo.

Jatá — *Hymenaea* . . .

Árvore das mais corpulentas: impregnada duma resina branca, que se condensa e endurece logo que sai da casca, e de cheiro suave. Sua madeira cheirosa de cor pardo-avermelhada é rija e de duração não estando ao tempo.

Guarabu — *Peltogyne? guarabu (nobis)*.

É árvore de grande porte; seu lenho é de cor roxa, sua fibra branca e clássica; muito estimada para obras de segeiros; assim no Rio de Janeiro os raios das rodas e os varais dos jogos das seges são de ordinário feitos desta madeira.

Guarabu-da-serra — *Peltogyne? macrolobium (nobis)*.

Árvore, que vegeta no alto dos montes, de altura mediana; seu lenho é de cor roxa, como o precedente, mas menos estimado. Estas árvores que pelas folhas e flores têm analogias com as *Hymenaeae*, têm por fruto uma bagem chata monosperma indeiscente; em *Peltogyne macrolobium* o epicarpo separa-se do endocarpo, que é cartáceo e fica cobrindo a semente, perfeitamente como o bacurabu ou *Caesalpinia monosperma*.

Vinháticos — *Acácia?*

Aqui no Rio nomeiam-se duas qualidades de vinhático, um chamado verdadeiro e outro de-espinho; de nenhum tenho flor nem fruto, e pelas folhas me parecem pertencer ao gênero *Acácia*, ou próximo. São árvores corpulentas, de madeira ou corne amarelado, brando no cortar, e muito estimadas. O chamado testa-de-boi, linda madeira para móveis, uma cor amarela com veias fincas, duma bello efeito, é raro aqui, veio da Bahia.

Cergeiro — *Acácia?*

Tenho ramo com bagem, me parece *Acácia*. Árvore volumosa, madeira estimada, tendo alguma semelhança com o vinhático (será o potomaju?).

Cabui — Acácia.

Grande número de árvores do género Acácia principalmente são assim chamados. Veloso traz delas grande número, mas tudo em grande confusão; eu ainda as tenho em borrões, e na maior parte incompletas, faltando a umas flor, a outras frutos, e a algumas uma e outra coisa.

Cabui-vinhático — Acácia?

Pelas folhas e ramos semelhante ao vinhático-de-espinho, que também os tem. Seu lenho é branco-amarelado, brando; supre o vinhático. Sem flor nem fruto.

Cabui-pitanga — Acácia?

Só tenho fruto. É grande árvore; lenho vermelho e duro, tem vários préstimos.

Cabui-de-curtir — Acácia.

Árvore de porte mediano, crescendo nos campos. Lenho vermelho, de pouco préstimo; casca adstringente; servindo para curtumes, pois tem as cascas vermelhas. E vários outros.

Monjolo — Acácia.

Bua madeira,

Ipiribá ou Araribá — *Centrolobium robustum* (*Nissolia robusta* Veloso).

Grande árvore, cuja madeira é muito estimada pela variedade de suas veias entre amarelo e vermelho.

Guarapiapinha — *Apuleia polygamica* (*nobis*).

Assim chamei por suas flores em cimeira, tricotomas; sendo as flores do meio hermafroditas e as dianteiras e as laterais masculinas e triandras. É grande árvore cuja madeira é estimada, e de construção naval.

Canafistula — Cássia.

Ainda não a determinei. É árvore de grande porte, corpulenta. Suas bagens chegam a côvulo de comprimento. Seu lenho é pardo e de grande duração, sua casca mui adstringente e excelente para construção; razão porque são estas árvores já mui raras aqui nas vizinhanças do Rio de Janeiro, porque a maior parte tem perecido por as terem brutalmente despojado da casca.

MELLÍCEAS

Cedro — *Cedrela brasiliensis*.

Há duas ou três qualidades de cedro. Veloso traz duas: *odorata*, e *fusilis*, mas eu só conheço por ora uma. É das árvores mais corpulentas; seu lenho aromático é estimadíssimo. É a madeira que pela cor e ondado mais se assemelha ao mogno. Os ornatos, tarjas dos nossos templos são de cedro.

Canjerana — *Calraba canjerana*,
Árvore de grande porte; lenho precioso.

Carapeta — *Guarea*.

Há duas ou três espécies aqui que ainda as não tenho bem estudadas. Todas são árvores [de grande porte (?)] e dão madeiras de construção.

APÓCINEAS

Peroba, ou paroba — *Aspidosperma? peroba* (nobis).

Não lhe vi ainda a flor; a fruta tem alguma coisa de particular; por isso deixo em dúvida. É grande árvore. Seu lenho, que é de cor pálida, ou rosada (tem duas qualidades, da branca e da rosa, que juugo serem variedades) é muito estimado para marcenaria, e construção naval.

Pequibá — *Aspidosperma* ...

Há aqui conhecidas duas qualidades, pequibá amarelo, e pequibá branco ou marfim; este último é mui estimado. São espécies distintas, que ainda não verifiquei. São árvores de porte mediano, chegando a três palmos de diâmetro. O marfim é madeira muito estimada.

Há mais algumas árvores dos géneros *Echites* e *Tabernaemontana* cujo lenho branco e mole, tem alguns usos. O pau-perceira tem o lenho branco e pardo.

RUTÁCEAS

Amari — *Metrodorea excelsa* (nobis).

É grande árvore cujo lenho é branco, amarelado, aromático, estaladiço, como são todas as rutáceas que conheço.

Arapoca — *Galipea* ...

Há duas espécies, que ainda não verifiquei, uma de lenho branco, outra de lenho amarelado; esta é mais estimada. São árvores de porte mediano.

Tinguiçaba — *Zanthoxylon*.

Ainda não procurei a espécie. Árvore mediana, aculeada; madeira branca, de alguns usos.

ETHEVULÁCEAS

Anda-açu — *Anda brasiliensis*.

Grande árvore, madeira branca, de alguns usos.

Sangue de Drago — *Croton*.

Ainda não indaguei a espécie. É árvore de grande porte. Da sua casca ressuma um sêmen rubro, cremoso, resinoso? e que tem alguns usos. Da sua madeira não conheço nem a qualidade, nem usos.

Urucurana²⁰ —

Uma árvore que dá boa madeira de cerne. É uma árvore de grande porte, cujo cerne é vermelho, e madeira estimada. Dela só tenho colhido por ora fruta, e por [isso] fiquei em dúvida se será ela do gênero *Alchornea*; pois que os frutos são verdadeiras drupas muy pequenas, de cerne amarelado, núcleo duro, monosperma por aborto, quando nas *alcórneas* que conheço, (a que também chamam urucutas) os frutos são cápsulas dispersas, o pericarpo bivalvo e as sementes cobertas de polpa encarnada (não azulada, como trazem os Autores). Quando houver colhido flores e conhecido os dois indivíduos se ela fôr dióica me certificarei.

— *Drypetes caudatifolia* (nobis).

É uma árvore cuja madeira branca não é usada, e vegeta nos altos dos montes. Só encontrei o indivíduo feminino, e pela particularidade de ter as pontas das folhas longas, com as margens enroladas, tornando como uma cauda lhe dei o nome acima.

Santa-luzia — *Ophthalmobolton macrophyllum* (nobis).

É uma árvore de porte mediano. Madeira branca, e não aproveitada. Esta árvore é imprugnada em sua casca, folhas etc., de abundante sêmen láteo, espesso, simultaneamente acre. Bastam ligeiros eflúvios para produzir intensa ophthalmia; por isso os derribadores a temem; de ordinário as deixam em pé nas derrubadas para serem destruídas pelo fogo, ou descascam o tronco com cuidado, ou o queimam, e depois o cortam; ainda assim a temem: por isso a chamam santa-luzia, por ser esta santa advogada, ou invocada nas moléstias dos olhos. Também daí formei o nome genérico. Seus caracteres genéricos são muy particulares.

Outras árvores há nesta família, mas à excepção das Urucuranas, e de outra que ainda não determinei, e que me parece constituir um novo gênero, nenhuma outra oferece madeira de lei, aqui no Rio de Janeiro.

NICTAGINEAS

Tapaciriba, ou Tapaquiriba — *Pisonia alculina* (nobis).

Grande árvore, cujo lenho branco, leve, mole, é abundante de álcalis; e por isso muito estimado para cinzas, como o pau-d'alho, ou guararema.

— *Andradea floribunda*.

Arbórea. Madeira branca, sem nome vulgar.

²⁰ O verbete foi riscado pelo A., que lhe juntou esta nota: "Foi este artigo muito diferente".

RUBIÁCEAS

Jenipapo — *Genipea brasiliensis*.

Arbórea. Madeira branca, pouco préstimo.

— *Chimarris racemosa (nobis)*.

Árvore de mediana altura; cresce nos altos das serras. Suas flores são brancas, dispostas em amplo racimos. Madeira branca, sem uso, sem nome vulgar.

Arariba-vermelha — *Arariba rubescens*.

Bela árvore, madeira de côr parda, e de algum préstimo. A seiva desta planta logo que é exposta à ação do ar atmosférico, se tinge do mais lindo encarnado. Afirmam que os indígenas se servem desta côr para tingir as palhas, com que fabricam cestinhas e outros utensílios. Ainda não tive ocasião de examinar esse ponto, o que farei quando se me proporcionar ocasião.

Algumas singularidades da família, e principalmente a estrutura do fruto me induzem a fazer um novo género. Conheço três espécies; mas só desta tenho o estudo completo; das outras duas tenho somente fruto; as quais designamos do modo seguinte:

Arariba-branca — *Arariba achromia*.

É também arbórea. Seu lenho branco, é menos estimado.

Arariba... — *Arariba obscura*.

Arbórea, sem nome vulgar, sem uso.

SAPOTÁCEAS

Maçaranduba —

Ainda não pude colher flor nem fruto desta árvore, que é de grande porte. Cerne arrochado, denso e resistente, de grande duração. Madeira muito estimada; de uso na construção naval.

Guaracica —

Falta-me também flor e fruto. É árvore de bom porte, cerne de côr amarelada, rachase com a maior facilidade, de modo a desfazer-se toda uma árvore em lascas ou tiras que servem de ripas.

Guaranhém — *Chrysophyllum buranhem*.

Árvore bem conhecida, madeira pouco estimada.

Guapébas —

Com este nome são conhecidas várias grandes árvores dos géneros *Jucuma*, *Ecclinusa*, etc. Não estão ainda bem estudadas. Todas são madeira pouco estimada.

Jaqué — *Lucuma?* gigantea.

É uma das árvores mais altas. Cerne denso, mas pouco usado.

Bacumizá — *Chrysophyllum?*

Árvore de grande altura; madeira pouco usada.

ARTOCÁRPEAS, CELTÍDEAS, ALÓRNEAS

Guiti — Artocárpea?

Ainda não vi flor, nem fruto da árvore, a que aqui no Rio chamam Guiti. É muito leitosa, e pelo hábito me parece artocárpea. Sua madeira tem alguma estimação.

Bainha-d'espada — *Olmedia?* ...

Ainda não vi o indivíduo masculino. É árvore leitosa, madeira de pouco uso.

Outras artocárpeas.

Dão os matizes aqui o nome de bainha-d'espada às árvores cujas folhas são sécas, sonoras, às vezes espinhosas. São lactescentes e pertencem a vários gêneros e famílias, que ainda não tenho bem averiguados. De ordinário são madeiras pouco estimadas.

Limoeiro-silvestre — *Mertensia utilis* (nobis).

Árvore espinhosa, cujo lenho branco-amarelado, e macio tem alguns usos; dá tabuados.

Figueiras — Gamelciras — *Ficus*...

Grandes árvores, madeira branca, branda.

ERYTHROXYLEA

Arco-de-pipa — *Erythroxylon*...

Ainda não procurei determinar a espécie. É árvore de bom porte. Seu lenho de cor fosca, denso, e durável é estimado.

BIGNONIÁCEAS

Ipê-irim — *Tecoma*, ou bignônia? — *Bignonia longiflora* Velloso.
Flor amarela.

Ipê-azul — *Tecoma* ou bignônia.
Flor branca.

Ipê-roxo — *Bignonia carialis* Velloso.
Flor roxa.

Ipê-do-campo — *Bignonia flavesceus* Veloso.

Flor amarela. É bem notável a confusão, em que se acha o estudo destas árvores; algumas das quais fornecem preciosas madeiras.

O ipê-roxo nunca o vi; é muito raro, por aqui; Veloso não dá onde o achou.

O ipê-açu, de flores brancas, conheço uma árvore, mas nunca a vi com flor nem fruto. É madeira branca sem cerne.

O ipê-do-campo, é comum nos lugares cultivados, veste-se todos os anos de lindas flores amarelas, antes das tôlhas. Não sei porque Veloso o chama frutífera, quando elle toma o porte duma árvore mediana; e seguramente nas matas virgens deve elevar-se à altura comum das árvores. Sua madeira é branca. Querem algumas pessoas que este Ipê seja o mesmo ipê-mirim, ao qual se não dá tempo de enar cerne. Não afirmo, nem nego.

Ipê-mirim --

É de todos o mais precioso. Sem elevar-se a grande altura, seu lenho ou cerne é côr de bronze, já mais amarello, já mais esverdeado (o que pode ser devido a variedades ou espécies distintas). É uma das madeiras de maior duração, sua fibra é rija, densa, pesada; as pessoas que cantam ou trabalham nesta madeira ficam cobertas duma poeira fina amarelada dum cheiro forte, chegando a produzir espirros. Não sei se é esta a *Bignonia longiflora* de Veloso.

Tabebuia — *Tabebuia uliginosa* (*Bignonia tabebuia* Veloso).

Cachêta -- *Leucoxylo* (*Bignonia leucoxylo* Veloso).

Estas duas árvores são de lenho branco, leve e de pouca duração. Tem todas alguma préstimo.

BORRACHINEAS

Louro — *Cordia frondosa*.

Árvore de grande porte, lenho leve, macio, cheiroso, de côr parda, estimado.

Louro-batata — *Cordia leucoxylo* (*nobilis*).

Grande árvore. Lenho branco, mole, por isso lhe chamam batata. Só tenho dela flores, e um pequeno ramo; me parece espécie não descrita ainda.

Louro-batata — *Cordia trichotoma* Veloso.

Pelo desenho me parece a *Cordia frondosa*; mas Veloso a dá [com] 6 estigmas, ou estiletes com 6 divisões, e com o nome de louro-batata, com o qual não corresponde a estampa, mas este tem 6 divisões ou estiletes; enfim é ponto que deve ser averiguado.

MEI ASTOMÁCEAS

Jacatirão — *Lasiantha calyptrata* (nobis).

Árvore medíocre, tronco alto direito, não excedendo a palmo de diâmetro, segundo as que tenho examinado. Chamam-na *Calyptrata*, porque a bráctea que cobre o botão é em forma de capacete ou barrêta; parece-me impossível que ela ainda não fôsse descrita; todavia não a achei em De Candolle. É formosa por possuir grandes flores, que mudam de cor, passando de roxas, a cor-de-rosa e brancas. Tem algum uso para calibros.

SIVANTÉREAS

Jacatirão — *Vernonia procera* (nobis).

É árvore de porte mediano. Seu tronco é alto, de pouca grossura, madeira de alguma estimação, para calibros e outros usos.

LAURÍNEAS

Tapinhoã — *Silva novaeitum* (nobis).

É árvore corpulenta; seu lenho, cor de ocre, cheiroso, forte, duradouro, é de grande estimação na construção naval, nas tancoarias, etc. Creio achar nesta planta caracteres suficientes para formar um novo género, que dediquei à memória do Dr. Baltazar da Silva Lisboa.

Canela-tapinhoã

Canela-preta — *Laurinia atra* Velloso.

Canela-sassaparilla —

Canela-batalha —

Muitas lauríneas de vários géneros, *Ocotea*, *Nectandra*, *Cryptocoria*, etc. etc., são designadas vulgarmente com o nome de canelas; seu estudo ainda está em grande confusão.

TEREBINTÁCEAS

Ubatã, jibatã ou gonçalo-alves — *Astronium fraxinifolium*.

Conheço muitas destas árvores; mas nunca as vi com flor ou fruto nestes cinco annos, em que tenho feito excursões botânicas. É árvore majestosa. Seu lenho, rubro ondado, é estimado para móveis, e dá tabuado precioso.

Soco-soco —

Ainda não vi flor, nem fruto desta árvore, que pelos ramos reconheci ser uma terebintácea. O seu lenho é vermelho, e estimado.

Bicniba — Mirística.

Conhece-se aqui nas matas do Rio de Janeiro duas espécies, uma da folha miúda lanceolada, outra da folha larga oval, ambas dão madeira; mas a última é a mais estimada. É árvore das mais corpulentas, seu lenho de cor cingevina escura, fácil de cortar; é muito estimado. Não determinei as espécies.

LECITHÉAS

Sapurias — *Lecythis*...

Veloso traz 3 espécies. Eu só conheço a *Lecythis Pisonis* - ([L.] *Ollaria* Vel.) Árvore corpulenta; sua madeira é usada.

Jiquitibá — *Couratari*?

Há aqui no Rio duas qualidades de jiquitibás, branco e vermelho. Ainda não tenho o estudo completo destas árvores. Pus *Couratari* com interrogação, porque nas flores de uma que tenho examinado, o andróforo é urceolado, obliquo, e não em *ligulam petaloideam, cucullatam...* in *stylum incurvulenter productus*. Isto não é mais que uma hesitação, até assentar o meu juízo com o estudo comparativo doutras espécies. Quanto às qualidades do branco e vermelho também não sei se são espécies distintas, ou variedades. O lenho destas árvores grandiosas é procurado, além de servir para caixões d'açúcar.

Embiraçu — *Couratari*.

São do mesmo gênero dos jequitibás, com os quais têm mais semelhanças de porte. São igualmente conhecidas duas espécies ou variedades: branco e vermelho. Estes têm a particularidade de fornecerem da casca grande quantidade de estôja, ou embira, donde lhe vem o nome. Sua madeira é menos estimada que a dos jequitibás.

ANONÁCEAS

Embiú-amarelo — *Guatteria*?

Embiú-branco —

Estas duas árvores, dão troncos muito altos, mas não de grande grossura, nem madeira, principalmente do amarelo. É resistente e duradoura, não estando exposta à ação atmosférica.

TRUTÉACEA

Cuticâm ou Cutucanhé — *Royalá legalis* — *Dichecheria legalis* Veloso.

Grande árvore, madeira dalguma estimação.

CÓMBRETÁCEAS

Merendiba — *Terminalia merendiba* (nobis).

Grande árvore, cujo lenho de cor amarelada, resistente e duradouro, tem vários usos.

Guarajuba — *Vicentia acuminata*.

Grande árvore, lenho estopento, de cor esbranquiçada, é de duração segura se exposto ao tempo.

Jundiá —

Não tenho flor, nem fruto desta árvore, mas pelo hábito me parece do género *Vicentia*. Grande árvore, sua madeira tem usos como a da Merendiba.

558 Descrição botânica da planta chamada vulgarmente
Gôco em português; e na língua indígena Gigoga

Nymphoea alba, — *viridis* Saint-Hilaire.

Esta planta aquática, herbácea, vivaz, cresce nas águas correntes, ou de pouca correnteza, nas margens dos rios, ou em alagadiços, com fundo de lodo a um, a dois pés abaixo d'água. A espécie que descrevemos parece que se dá melhor nas águas salobras, e nas margens dos rios do litoral onde chegam as marés.

Tem por caule uma espécie de rizoma revólto, irregular, formado inteiramente de uma substância parenquimatosa, densa, no meio da qual se vêem fibras flexuosas, que se vão distribuir nas folhas e raízes. Os que tivemos ocasião de observar tinham de polegada e meia até duas de altura; com uma pouco mais ou menos de diâmetro. Na parte superior dá nascimento a grande número de folhas (6 a 20) muito unidas entre si formando como um feixe, e da parte inferior, e mesmo dentro as folhas mais antigas parte grande número de raízes, que se dirigem para baixo formando uma cabeleira.

As folhas têm pecíolos muito longos; mas cujo comprimento varia segundo a idade: assim as mais novas, que saem do meio das outras, ganham logo a superfície d'água, onde estendem o limbo, e têm o seu pecíolo pouco mais ou menos em largura correspondente à altura das águas. A proporção porém que novas folhas vão surgindo, as mais antigas vão cedendo lugar afastando-se para fora, o que se faz pelo alongamento do pecíolo, que chega a adquirir 5 e 6 palmos de comprimento; até que enfim a folha morre, tornando-se antes amarela, e indo apodrecer no fundo d'água. Resulta disso que um pé só desta planta pode abarcar na superfície das águas um espaço circular, com 12 palmos de diâmetro; que é occupado pelas folhas abertas, e flutuantes em número de 16 a 20; e do meio das quais se vêem no tempo da florescência de 1 a 4 flores.

Tornando aos pecíolos, são elles cilíndricos, lisos, glabros, de cor purpúrea turva; com duas linhas de diâmetro, em toda a extensão; que é como já vimos de 2 ate 6 palmos. Sua consistência é herbácea; e por dentro lacunosos: tendo no centro duas lacunas maiores, e outras menores em roda: estas lacunas se estendem por todo o pecíolo, sem se dividirem, nem communicarem

entre si. Na base são os pecíolos munidos de uma teta delgada, e frágil, à semelhança do que se vê nas folhas das palmeiras: esta teta abraça o gomo das novas folhas; rompe-se enfim; e nas folhas velhas só se encontra uma margem membranosa de cada lado da base do pecíolo.

Brota as folhas com as margens enroladas para dentro (profoliação involutiva), e vêm abrir-se à flor d'água, estendendo exactamente o seu limbo, que fica flutuante, banhando toda a superfície interior. Tem o *limbo* uma figura circular, ligeiramente oval; e cordiforme na base: o *cume* é redondo, e ligeiramente emarginado em frente da nervura mediana; na base os dois lobos, que ahi forma, são divididos até a inserção do pecíolo; e suas margens são contíguas, e não sobrepostas, até mais do meio; são depois divergentes, e arredondam os lobos: a orla do *limbo* é inteira, no meio e na extensão de $1/3$ da circunferência; e daí até os lobos é irregularmente *sinuella*, *repandida*, ou *crenelada*. Sua consistência é branda, carnosa. O tecido celular da página inferior é mui lacunoso; achando-se dentro das lacunas pêlos estrelados. A página superior é de uma bela cor verde; perfeitamente glabra, lisa, lustrosa: a interior tem uma cor de púrpura escura, e turva; esta cor é mais intensa na margem e se enfraquece para o centro. As nervuras, quase imperceptíveis na face, são mui prominentes no dorso; as primárias são digitadas ou radiadas em número de 15 mui constante; a mediana chega à margem da folha dando ramos laterais; as outras se bifurcam, de todos os ramos subdividindo-se, e anastomosando-se formam uma elegante rede no dorso da folha.

As dimensões ordinárias do limbo são: no diâmetro longitudinal, da ponta dos lobos até o cume da folha 3 a 6 polegadas, e no transversal 4 a 5.

No tempo da florescência, que é em novembro, a planta brota grande número de flores, sucessivamente, de modo que se pode achar no mesmo indivíduo simultaneamente frutos maduros, flores abertas (cujo número varia de 1 até 4, segundo o que vi) e botões em diversos graus de evolução.

São as flores vistosas, chegando a 3 polegadas de diâmetro, quando perfeitamente abertas: exalam um cheiro agradável, que só se sente chegando-as ao nariz. De ordinário são sustentadas a uma altura fora d'água pelo pedúnculo, que é, com os pecíolos, cilíndrico, glabro, liso, e prostrado: nasce no meio das folhas, nunca chega ao comprimento dos pecíolos, e é mais grosso que êles; tem no centro cinco ou seis lacunas semelhantes às dos pecíolos, e como êles contém pêlos estrelados.

O botão ou gomo floral é de forma cônica; todas as peças do perianto são dispostas em verticilos quaternários, alternando entre si, e imbricados (estivação imbricativa).

O cálix é representado pelas quatro peças exteriores do perianto, que no botão cobrem todas as outras; e são verdes por fora, e por dentro brancas, um pouco carmeas; de forma oblongo-lanceolada; agudas; côncavas.

A corola é representada ordinariamente por 16 peças, ou quatro verticilios; e são sensivelmente menores de fora para dentro. São todas essas peças lanceoladas agudas, subcartosas, brancas ligeiramente amareladas.

As pétalas se transformam pouco a pouco em estames; assim depois das 16 pétalas; se acham mais oito ainda com a mesma aparência, porém mais estreitas, e tendo um cuine pela parte interna, anteras mais ou menos perfeitas, isto é, as quatro primeiras como rudimentares, e abortivas, as quatro mais internas perfeitas, e poliníferas, são já para tantos verdadeiros estames.

Os estames são inúmeros, de ordinário mais de 40, não contando os oito primeiros mencionados, nem os últimos de dentro, que são abortivos.

Os filamentos são achatados, e petalóides, tanto mais quanto são mais exteriores; de cor branca, com anteras conadunadas pela parte interna, e superior da lâmina do filamento, cujo ápice excede a antera, cujas células são duas lineares, paralelas, mas separadas; abrem-se por uma fenda; e o interior de cada célula, é dividido em dois repartimentos por um septo longitudinal, que corresponde à sutura ou fenda da célula.

O pólen é formado de vesículas diáfanas, lisas, tenuíssimas; e cai aglutinado em massas filiformes toda a porção de cada repartimento das células; isto é, cada célula da antera fornece duas mássulas que caem sobre o estigma.

Os estames vão insensivelmente diminuindo de tamanho de fora para dentro, e na última série os filamentos não têm anteras, se tornam redondos, e grossos nas pontas e modo de clava; estes são em número igual ao dos raios do estigma aos quais ficam exatamente opostos. Os estames são todos *inflexos*, ou encurvados sobre o estigma, e tanto mais quanto mais interiores.

Todos estes órgãos, cálix, corola e estames têm a sua inserção aos lados do ovário; isto é, sobre o *toro*, que cobre todos os carpelos desde a parte interna até os estigmas.

Pistilo formado de muitos carpelos, cujo número varia; achei de 11 a 14. Estes carpelos estão dispostos em torno dum columelo central, cujo ápice forma um tubérculo no centro do estigma.

560 Tentativa duma história das florestas da Província do Rio de Janeiro

A excepтуarmos as várzeas á baixa-mar e nas vizinhanças das fozes de grandes rios, como o Paraíba, o Guandu etc., cujo chão é naturalmente formado de aluviões, e que foram sempre cobertas de grammas, e que se chamam campos naturais ou nativos — Campos de Goitacases, Campos de Santa Cruz, etc., — a excepтуarmos os lugares baixos alagadiços de baixa-mar, que são cobertos de uma vegetação particular — mangues — etc., todo o mais solo da Província devia ser coberto da mais bela, e vigorosa vegetação; como o mostra ainda o que dela resta no estado virgem.

Em todos os Autores, que temos lido, e que vamos lendo, que escreveram sobre o Brasil em seu primitivo, nada temos achado de suas matas senão idéias vagas: noções incompletas, êxtases de admiração, etc., etc.

O que hoje se possui de mais regular, e exato, de verdadeiramente científico deve-se a viajantes estrangeiros; tais como Saint-Hilaire, Martius, Pohl, etc. — mas elles lançam agradáveis traços, á geografia botânica; e não descem positivamente aos detalhes (nem o podiam fazer) que sós podem fornecer os elementos para uma história de nossas matas.

Eu empreenderei este trabalho. Não tenho esperança de o dar perfeito; mas deixarei um esboço: e darei o impulso, para que outros continuem, e acabem. O que não deve ser deferido. O machado devastador bem cedo aniquilará todos os materiais para ella.

Eis aqui de que modo entendo que se deve fazer o estudo das matas.

1.^o O estudo do terreno. Vargens ao nível dos mares — secas, ou afagadiças. Montes, sua altura aproximada (não se tendo a medida), sua exposição ou relações com os pontos cardiaes da terra; direcção das serras — secas, ou regadas. Natureza dos terrenos.

Como as montanhas da Província não se elevam a demasiada altura, basta-nos distinguir 3 estações (regiões): 1.^a — das vargens e faldas dos montes; 2.^a — chapada ou al os cumes de mais de 1.000 pés de altura; 3.^a — a zona média.

Passando à vegetação. Determinar a estação de cada espécie — primeiro as espécies características de cada estação ou regra, isto é, indicar as árvores (mais plantas) que só vêm espontaneamente em tal ou tal estação — e aquelas que naturalmente crescem em mais de uma, ou em todas.

Determinar o predomínio das famílias, dos gêneros, e espécies em cada estação; e proporção que guardam entre si — sua associação.

Determinar a altura média das árvores em cada região; e em cada localidade, descrevendo particularmente as árvores mais notáveis em suas proporções, e grandezas: e mesmo recolhendo o que consta das tradições.

Determinar a época da desfolhação das árvores (quando isto tem lugar); assim como da florescência, e frutificação. Tendo muito cuidado em velar sobre as árvores que não florescem todos os anos e determinar o período de repouso. Algumas espécies florescem unânime[mente] todos os anos. Em outras há flores todos os anos; mas em diversos indivíduos descansando uns, enquanto outros frutificam.

Outras espécies parecem ter um certo período de repouso de 2, 4, 6 e quem sabe até quantos anos; florescendo todos os indivíduos ao mesmo tempo. Neste caso porém ainda há uma observação a fazer-se; e é [que] alguns indivíduos florescem como perdidos, e desvastrados, florescência a que eu tenho chamado *esporádica*. Isto porém não deve destruir a regra geral, que é a florescência comum de toda a espécie.

O ano passado de 1848 vi pela primeira vez (depois de 1820) a florescência geral do Ubatã ou Gonçalves (*Asplenium*) mas alguns indivíduos não floresceram; com a singularidade de largarem as folhas muito depois da florescência geral.

Parece também que as árvores que estão em descampados florescem mais comumente que as das matas, da mesma espécie. Parece igualmente que as matas novas ou as muito velhas, e que estão ameaçadas de morte florescem mais que as outras: talvez isto explique a florescência esporádica. Sobre tudo isto não tenho ainda dados suficientes.

Determinar a proporção das madeiras de lei em cada localidade — assim como as qualidades das madeiras, isto é, a diversidade da tinteira do cerne na mesma espécie — sua dureza e resistência, sua duração.

Enfim cada sorte de madeira a que construção é mais particularmente aproximada.

Quais as árvores que fornecem balsamos, e resinas, quais as que dão princípios corantes, etc.

E quando puder ser, em que tempo começa a formação do cerne; e se esse tempo varia segundo as localidades — que traz consigo o tempo de depósito da matéria corante, nas árvores que a têm.

Mendonça, 19 de fevereiro de 1849.

562 Apointamentos [sôbre a conservação e corte das madeiras de construção naval] ²⁶

Escolhidas as matas que devem ser reservadas ou cortadas, se procederá immediatamente a sua demarcação, fazendo-se tombo, e mapa delas.

E sendo de ordinário as nossas matas formadas de árvores altas e direitas, de modo que só dos galhos, ou raízes se podem tirar peças curvas tão necessárias nos artefactos navais, bem será na escolha das matas procurar algumas, cujo terreno, por sua especial natureza produza maior número de árvores tortas.

Logo depois a Administração das Florestas fará uma inspecção geral em tôdas elas, formando um inventário ou rol de tôdas as madeiras, de construção, e das chegadas a corte, mais particularmente, com designação especial, e por seus nomes, das diversas castas, ou qualidades de paus de lei.

Para isso se farão primeiro picadas, ou trilhos, por onde se possa andar a cavallo; e que se deverão conservar sempre transitáveis, sendo delineados de modo que afinal venham a constituir um sistema de vias florestais, que cruzando-se e estendendo-se por toda a mata facilite a sua inspecção e vigia.

Logo que se começar o corte das madeiras, escolher-se-ão d'esses trilhos os mais adaptados para o cómodo transporte dos paus, de dentro das matas aos pontos de depósito, e de embarque, os quais se irão, à proporção que for necessário, alargando, e aprontando para servirem aos arrastos das madeiras. O que uma vez feito se conservará para formar também afinal um outro sistema de vias de carroço.

À vista das relações do estado de tôdas as madeiras, a Administração Central dos Arsenais determinará a quantidade, e a qualidade das madeiras, que devem ser cortadas; e regulará o contingente de cada mata, segundo a maior comodidade e economia, mas muito principalmente segundo a abundância dos paus chegados a corte, de modo a conservar um certo equilíbrio, e dar tempo ao perfeito desenvolvimento das árvores.

A administração particular de cada floresta, que deve ter um exato conhecimento do estado de suas árvores, fará a designação das que devem ser cortadas, até preencher o pedido, tendo em vista o seguinte:

²⁶ Veja-se no fim a nota do Autor.

Marcar o lugar da mata, onde se acham os paus pedidos, em esboço circunscrito, de modo a facilitar o trabalho do corte, e da condução da madeira.

Designar as árvores, que comecem a dar sinais de decrepitude, para serem cortadas antes das outras, sempre que elas possam fornecer as peças exigidas.

Não consentirá porém, que jamais se cortem duas árvores próximas uma a outra, o que produz clareiras muy nocivas à conservação das florestas.

Não consentirá fazerem-se dois cortes seguidos no mesmo lugar: antes os regulará de modo que dentro dum período mais ou menos longo, segundo a grandeza da mata, toda ela tenha sido aproveitada. A exceção desta regra será só quando em qualquer ponto da mata uma ou mais árvores ameacem ruína ou por idade, ou por acidente, as quais devem então ser immediatamente cortadas e aproveitadas, ainda [que] não sendo das requeridas pela Administração Central.

Como pode, e deve necessariamente acontecer que haja ou abundem nas matas madeiras, que não sendo necessárias, ou que sendo excedentes às exigências dos Arsenais, sejam todavia úteis nas fábricas civis, estas devem [ser] cortadas e levadas a mercados públicos para se venderem aos particulares; tudo feito com autorização, e deliberação das vistas da Administração Central.

O tempo do corte da madeira relativo ao seu maior rendimento, é em regra geral quando a árvore tem chegado às suas ordinárias proporções de altura e grossura. Esta regra porém entre nós, e ainda por muito tempo no meu entender, fica dependente da prática, e experiência dos nossos madeiros. Por quanto os sinais mesmo de decrepitude das árvores, que dão alguns de nossos homens práticos, especialmente o Dr. Baltasar da Silva Lisboa, acho-os insuficientes, porque eles deviam servir para indicar quando as árvores vão entrar no período de decrepitude, e não quando elas se acham já arruinadas, e não prestam mais, os que elles apontam só me parecem infalíveis neste último caso. No entanto alguma coisa diremos adiante sobre este ponto.

Como as matas reservadas têm por fim mais especial a construção naval, onde de ordinário não têm emprego os paus de desmarcada grandeza, e como é sabido que o crescimento das árvores em altura, e grossura não é sempre progressivo, mas antes, que tendo elas chegado a uma certa grandeza (o que nas nossas [condições] é ainda desconhecido cientificamente) as formações anuais, partindo das de maior vigor vão progressivamente diminuindo, convém que logo que as árvores tenham chegado ao ponto de dar, depois do talquejo, e em boa madeira, as peças requeridas, sejam cortadas: pois nenhuma economia há em deixar a árvore tomar dimensões supérfluas, e exposta a ser accidentalmente destruída.

Faz exceção a árvore, que poder fornecer mais de uma peça: assim como as de tabuado, como são: *Purumujus*, *vinháticos*, *louras*, *cedrus*, etc. A estas se deve dar tempo a tomar todo o seu desenvolvimento possível, enquanto se

não recem a sua ruína por acidente, ou velhice. Para o que submetemos ao contraste da experiência o seguinte:

É indício de sofrimento da árvore, o cobri-se a sua casca de parasitas, de um modo extraordinário, como são líquenes, curvatás, imbês, e figueiras.

É indício de deficiência de seiva, se as extremidades dos ramos, ou renóvos da sua caga se tornam mais curtos, e mais nodosos; se as folhas se tornam mais pequenas, mais raras, e mais decoradas; se a florescência se torna mais ou menos parcial, isto é, se nas épocas da flor florescem uns ramos, e outros não; se os frutos são em menor número, infértillos, etc.

Uma das lesões mais comuns das árvores é a ocura, a que os mateiros chamam: *vento geral*. As árvores antigas são sempre mais ou menos ócas; conviria pois reconhecer-se quando elas são ameaçadas deste mal. Nenhum meio sei que nos descubra este estado.

Dando no tronco pancadas com o machado, o som, para quem tem alguma experiência, fará distinguir a árvore sã da que tem vão; mas esta já então está fendida, ou pouco se aproveita.

Quando pelo vento ou por outro qualquer acidente fôr quebrado um ramo, ou galho grande de uma árvore, esta deve ser cortada quanto antes.

Também aquella que mostre fraquear pela raiz à força dos ventos deve ser derrubada.

O tempo do corte das árvores relativo às estações é também em regra geral depois que elas têm consumido toda a seiva elaborada e antes de absorverem nova seiva. Estas duas funções se reconhecem pelas aparências da folhagem; porquanto as folhas, que têm servido para a formação de uma seiva, caem, e com a nova seiva brotam novas folhas que a devem elaborar.

Deve-se pois ter em vista o seguinte:

1.^o Que muitas de nossas árvores nunca se despem inteiramente de suas folhas, como são as maçarandubas, os tapinhoás, etc., donde se vê que nestas nascem umas folhas antes de terem caído as outras, ou que os dois periodos da elaboração de uma seiva, e a absorção de outra se traspassam e confundem. Neste caso servirá de regra para o corte a maturação do fruto e sua queda.

2.^o Que outras largam completamente a sua folhagem (talo particularmente das matas do Rio de Janeiro) *verbi gratia* os cedros, ubatás, ipês, socopiras, etc.

Nestas a regra será não esperar a queda total das folhas, mas quando tiver caído a maior parte, estando as outras amarelas, vermelhas.

Como tudo isto se passa na Província do Rio de Janeiro entre os meses de março, e de julho, é este intervalo, geralmente falando, a época do corte das madeiras nesta Província.

Mas em toda a extensão do Brasil, do equador até além do trópico cada latitude tem sua época de florescência, a respeito do que nenhum conhecimento positivo tenho.

Determinada a época do corte têm ainda os nossos derrubadores seu tempo de escola, que é segundo as fases da lua; sendo o minguante para eles o tempo próprio. Este conceito popular, é filho da observação prática: não convém ir contra ele por meras considerações teóricas, ou só pelo medo de passar-se por crédulo, enquanto a experiência científica o não desvanecer; se é que ela não é conforme aos fenômenos naturais.

No modo de cortar as árvores não é ainda possível adaptarem-se entre nós todos os meios de economia, que se empregam em outros países, onde a madeira é de grande preço, e a mão de obra comparativamente barata. Os lucros aqui não compensariam o tempo, e a despesa. No entanto alguma coisa se pode ir fazendo; assim:

Algumas árvores, que fôrtem de mediana grossura, podem ser cortadas a serra no derrubar, no torar o tronco, e no cortar os galhos; enfim sempre que a serra fór applicável será preferida ao machado.

Em muitos casos convirá cortar-se a árvore (no derrubar) não pelo tronco, mas pelas raízes; no que se poderá obter certas vantagens, que compensarão o excesso do trabalho. A 1.^a, e a mais importante é que assim fica a árvore menos sujeita a estalar, ou arcar-se no cair. A 2.^a é que dos ramos radicais se podem tirar peças curvas, com muito mais facilidade e proveito, do que deixando-as no cepo. A experiência mostrará as precauções que se devem tomar neste modo para dirigir a queda da árvore, e prevenir acidentes, visto que as nossas árvores são quase todas destituidas de raiz mestra ou nabo.

Não é possível sempre, ou será muy difícil cortar os galhos às grandes árvores antes de as derrubar; no entanto esta prática é importante e deve-se empregar sempre que fôr admissível; e então cortar-se-ão a serra, ou machado (como melhor convier) somente os galhos maiores e horizontais, ficando alguns no alto, que terão por fim amortecer a queda do tronco, principalmente se a árvore conserva sua folhagem. Deste modo se aproveitam melhor os galhos, que pela maior parte se quehram caindo com a árvore e causando ao mesmo tempo avarias no tronco e aumentando a violência da sua queda quando a árvore está sem fôlhas.

Não é indifferente a escolha da cama, ou chão em que deve cair a árvore. De ordinário os cortadores lançam a árvore para onde elas têm pendor natural; e nas ladeiras é sempre de cima para baixo. Ilá nesta prática grandes inconvenientes, que deve-se evitar quanto fôr possível; assim:

Se a árvore pende para onde não convém derrubá-la, ou por inclinação do tronco, ou por causa dos ramos mais pesados de um lado, em certos casos se poderá dar remédio a isto, ou cortando antes os galhos pesados, ou segurando a árvore, por meio de cabros presos a outras árvores.

Esta prática que é trabalhosa só deve ter lugar com árvores raras, de valor.

Derrubando-se em ladeiras far-se-á cair a árvore para cima, sempre que fôr possível: em segundo lugar para os lados, e nunca para baixo, senão em

caso irremediável. Sobra aos olhos que quanto mais ingreme for a ladeira, tanto mais violenta será a queda da árvore, e mais prejudicial.

Derubando-se em plano há ainda a escolher-se o chão mais igual para que o tronco se não quebre, ou fenda, nem mesmo sofra distensões em suas fibras, o que diminuir sua força de resistência, e elasticidade delas.

Cortadas as árvores não serão falquejadas, nem descascadas, senão passado algum tempo, que será um mês, mais ou menos, segundo correr a estação seca ou úmida.

Para o falquejo, e desmembramento das árvores dará o Arsenal instruções.

Falquejadas e desmembradas as madeiras serão logo conduzidas aos depósitos; onde abrigados das inclemências do tempo, estarão expostos às correntes de ar, até que se achem perfeitamente secos.

O tempo para a séra das madeiras, que deve variar segundo suas qualidades, e grossura das peças será também regulado pela Administração dos Arsenais. Para isso convém marcar em cada uma o tempo em que foi cortada.

REPRODUÇÃO DAS ÁRVORES

Tendo nós ainda boa porção de matas nativas, não deve o Governo curar de fazer matas artificiais; este cuidado fica já aos particulares, que tão imprevidentemente têm destruído as suas, e que melhor calculando os seus interesses nutirão sem dúvida mais cedo ou mais tarde do plantio de arvoredo.

A Administração Pública não tem por ora mais que a velar na conservação das florestas nacionais, na sua reprodução, quer natural, quer artificial; assim como do plantio das que forem faltando, ou de exóticas, que forem preferíveis às nossas.

Na conservação das florestas é regra fundamental ter o solo, ou chão sempre coberto de uma boa camada de terra vegetal e de folhas secas. Porquanto esta, pela sua propriedade absorvente higroscópica, entretém sempre a superfície do solo fresca e úmida, condição essencialíssima para a boa vegetação; ao mesmo tempo que por sua decomposição lenta, e continua fornece alimentos às árvores; enfim é uma necessidade para a germinação das sementes lançadas naturalmente sobre a terra. Assim é uma lei providencial, que as árvores, largadas primeiro as sementes, deixam cair logo as folhas (parcial, ou totalmente) com que as cobrem, antes de nascerem.

Ora a existência desta camada de *lâmus* e folhas secas depende immediatamente, da proximidade das árvores entre si, de modo que suas copas se toquem; porque então a luz e o calor não ferem o solo directamente, nem os ventos penetram com violência no fundo [das] matas.

Com efeito, pratique-se uma abertura, ou clareira no meio de uma floresta, o vento descerá caindo com violência até o chão, secará e varrerá a folhagem.

A luz, e o calor dos raios solares, caindo directa sobre o húmus o seco e faz perder uma sua essencial condição para a vegetação. De tudo resulta já a morte das sementes que germinam descobertas, já a de novas plantas que serão abafadas por uma multidão de ervas, de vegetação nova que com prodigiosa prestreza, tomam conta do terreno; enfim a aridez do solo prejudicará a vegetação das árvores.

Convém portanto evitar quanto fôr possível o destruir a sombra benéfica das florestas; por isso se fugirá sempre de cortar uma árvore próxima a outra, e mesmo duas juntas. Ainda mesmo quando se tratar da limpeza das matas, isto é, de tirar as árvores inúteis, para substituí-las pelas de utilidade, nunca se tirará uma árvore cuja copa venha a fazer falta.

Para a reprodução natural conservar-se-á nas matas, e em distâncias que se julgar conveniente, um certo número de árvores de cada espécie de boa madeira de que se compõe a mata. Estas árvores-mães ou de semente devem ser escolhidas em todo o seu vigor, e nunca serão cortadas, senão quando outra da mesma espécie a possa substituir para a reprodução.

Logo que as árvores estiverem em flor haverá cuidado de se preparar o chão para receber as sementes, tirando o mato baixo, e inútil, para que as sementes cheguem todas ao chão, e germinem desafrentadas. Estes cuidados são tanto mais importantes quanto forem as sementes mais ligeiras, e facéis de ser levadas pelo vento, como são as dos ubaúns, dos cedros, dos louros, dos ipês, etc., porquanto destas poucas caem ao pé da árvore; sendo a maior parte dispersa para longe e quase sempre perdidas, e das poucas que vem abaixo ainda muitas são perdidas, ficando suspensas pela folhagem do mato rasteiro. Ainda mais, muitas de nossas árvores tem um período de repouso mais ou menos longo (e que para nenhuma delas, que me consta, se acha determinado), isto é, passam certo número de annos sem florescer. Com estas deve pois haver ainda maior cuidado em aproveitar as sementes quando elas derem.

Germinadas as sementes se deixarão crescer as plantas, até que adquiram bastante vigor para serem transplantadas. Deixar-se-ão algumas no lugar em que nasceram, e as outras serão com todos os cuidados que requer esta operação mudadas para lugares convenientes, dispersando-as, mas nunca tirando-as das condições em que ellas prosperam naturalmente. O que feizo se visitarão de tempo em tempo as novas plantas até que se achem em vigoroso crescimento.

Com este modo de plantação das árvores, e ainda mais particularme[n]te com a de novas espécies, que ou foram extintas, ou que se de[s]c[er]iam introduzir de novo deve-se ter em vista que cada espécie de árvore requer certas condições de clima, e de local para crescerem com vigor e prontidão. Por exemplo aqui nas matas do Rio de Janeiro os tapinheões só prosperam no alto das montanhas; os brasis nas fraldas, nas vargens, ou em pequenos morros, os jetaís, e compaítas se encontram por toda a parte, etc. Há árvores de lugares secos, e pedregosos, outras de chão argiloso, arenoso, úmido, etc. Ainda é mais im-

portante a consideração das latitudes; assim os tapinobás, se sou bem informado, não existem para o norte da Bahia, nem para o sul do Rio de Janeiro; certas árvores do Pará e Maranhão seguramente não podem prosperar em *provincias mais ao sul; e vice-versa*.

Podem-se sem dúvida, e devem-se cultivar tôdas elas em jardins botânicos; mas não para ser aproveitadas para a construção.

Há ainda outra consideração, que lembramos aqui unicamente para excitar a curiosidade de observar-se, e é que as árvores têm entre si certas relações de simpatias, que convém conhecer-se. Chama-se sociais as árvores que se dão juntas, e antipáticas as que se lesam mutuamente. Sobre isto nada sabemos a respeito das nossas; a regra pois será, a que se deduziu da apreciação natural das florestas, fazendo replantar nelas mais particularmente as espécies existentes, ou as que se extinguíram *.

Outro modo de reprodução, e mais vantajoso é o do renôvo das cepas. Cortadas as árvores deve-se igualar a superfície do cepo, e cobrir tôda a ferida com um emplastro (bem conhecido). Não tardam a apparecer grande número de renôvos — deixar-se-ão crescer até que tenham certo vigor, então se destruirão d'elles a maior parte, deixando conforme o vigor e tamanho do tronco, alguns que não devem passar de quatro. Na escolha dos renôvos, deve-se ter em vista não só os mais vigorosos, porém os mais inferiores e ainda mesmo providos de raízes grossas (mesmo das árvores cortadas pela raiz), que são os que melhor se seguram e dão melhores troncos. Quando todos tiverem chegado ao tamanho e grossura de darem paus aproveitáveis se cortarão todos, menos um e mais escolhido ao qual se dará tempo de chegar ao seu pleno crescimento.

Com os renôvos deve-se ter o mesmo cuidado que com as plantas, tendo aquêles a vantagem de fornecer madeiras muito mais cedo que estas.

A Administração de cada floresta registrará com todo o cuidado:

— O tempo do plantio das árvores, para se contar a sua idade.

— A época da primeira florescência de cada espécie — notando se florescem todos os anos: e se não, qual é o intervalo, ou período de repouso de cada uma; e se esse período é regular. (N. B.: Esta observação começará logo que a Administração entre em exercício para com as árvores atuais.)

A época em que começa a apparecer o ocreo, nas árvores novas.

— Escolher algumas árvores de cada espécie, para melhor observar qual o seu crescimento annual em grossura, e mesmo em altura.

— O tempo da florescência de cada espécie.

* Quando se tratar, e deve-se fazer quanto antes, de naturalizar em nossas matas as árvores preciezas de outras partes do mundo, muitas das quaes têm usos muito particulares e são de reconhecida superioridade, serão as sementes distribuídas pelas provincias cujo clima for mais analogo áquelle que produz a árvore; assim o pinho europeu nas provincias do sul; o mogano, a uca, o sândalo, o ébano nas do norte.

-- A Época da queda das folhas de cada espécie, com a circunstância das que se despenam inteiramente da sua folhagem; das que a perdem pela maior parte; e das que conservam suas folhas com pouco diferença.

— Qual o terreno, em que cada espécie se dá melhor.

— Quais os sinais do seu maior vigor, e quais os de sua velhice, ou deterioração.

— Quais as que fornecem tintas, e de que qualidade.

— Quais as que dão bálsamos, e resinas, e suas qualidades.

— Quais as que dão sucos leitosos; se brancos, vermelhos, amarelos, e suas propriedades.

Entfim averiguar os nomes indígenas de cada árvore, e sua significação.

Engenho Velho, 4 de outubro de 1849.

[Nota:] Sendo Ministro da Guerra o Senhor Manuel Felizardo de Sousa e Melo, foi por elle nomeada uma Comissão para apresentar um relatório e projecto de lei para a conservação e corte das madeiras de construcção naval. Foi a Comissão formada pelos Senhores Carvalho Moreira, um official de Marinha, e eu. Repartiu-se o trabalho, entre mim e o Senhor Carvalho Moreira, o official foi occupado em estudos. A minha parte é a que se acha aqui em bombo.

563 Relação de algumas árvores que floresceram de 1848 a 1849
(Mandada ao Dr. Martius)

Maçaranduba — *Mimusops elata* (nobis).

Ainda não obtive o fruto; mas os caracteres da flor me parecem suficientes para a determinação do género. É ótima madeira de construção civil e naval.

Guaracica — *Lucuma fissilis* (nobis).

É grande árvore; e sua estimação consiste principalmente em fundir-se muito facilmente, de sorte que o tronco se desfaz todo em lascas, ou hastilhas delgadas, e longas de todo o comprimento da árvore, de que se fazem ripas, etc.

Mocitaba — *Zollernia mocitabyba* (nobis).

Ainda não tenho o fruto; mas nenhuma dúvida me resta de que pertence a este género pelos caracteres da flor. É madeira que tem alguma analogia com a dos Jacarandás.

Óleo-vermelho * — *Myrspermum erythroxillum* (nobis).

Ainda não tenho o fruto; mas a flor é sem dúvida alguma de um *myrspermum*. É madeira de estimação. Há muitos anos que não florescia.

Vinhático — *Acacia macleodensis* (nobis).

Ainda me falta o fruto; mas a flor é de Acacia. Suas flores ao longe têm cheiro que não desagrada; mas cheiradas com força e de perto, têm o cheiro das do *Sterculia foetida*; a madeira enquanto nova tem o mesmo cheiro. É este o Vinhático comum de serra-abaixo na Província do Rio de Janeiro; não tem o preço, nem a estimação do Vinhático do Rio de São Francisco, chamado Testa, ou Olho-de-hol, do qual já se encontram alguns nas matas do Paraíba, e de Campos dos Goitacases para o norte.

Oiti — *Brosimum* (?)

A árvore, que aqui no Rio chamam Oiti, e que dá madeira de construção, é, como eu presumia, uma *artocápea*. Floresceu este ano uma que tínhamos

— —

* Esqueci-me dos óleos-pardos, aqui.

debaixo das vistas; mas infelizmente perdeu-se a flor, tendo apenas examinado algumas muito novas; pelas quais me pareceram ser do gênero *Brosimum*. É indubitavelmente masculino. Esperemos até que de novo floresça.

Jacarandá — *Machaerium*.

Tenho obtido até agora a flor de algumas espécies; mas falta-me de outras, para completar o estudo destas preciosas árvores. Eis aqui o que temos conseguido:

1.^a Jacarandatã — *Machaerium scleroxylum* (nobis).

É este dos mais estimados: dele se fazem os dentes das rodas, e das moendas nas nossas grandes máquinas de madeira; e que hoje se vai substituindo pelo ferro.

2.^a Jacarandá-roxo — *Machaerium firmum* — *Nissolia firma*, Veloso.

Substitui o precedente.

3.^a Jacarandá-péto — *Machaerium incorruptibile* — *Nissolia incorruptibilis*, Veloso.

Este também é muito comum, nem tão usado como os dois precedentes, aqui pelos lugares que tenho visitado. Dele só tenho o fruto; ainda não pude obter as flores.

4.^a Jacarandá... — *Machaerium legale* — *Nissolia legalis*, Veloso.

Esta espécie ainda não tenho bem averiguado; parece-me ser uma que nasce hoje muito pelos campos, e matos secundários, onde não a deixam tomar grande crescimento. Dêste só tenho por ora fruto.

5.^a Jacarandá... — *Machaerium dubium* (nobis).

Esta árvore tem em seu aspecto, e na sua madeira muita semelhança com o jacarandatã; mas sem dúvida alguma é espécie distinta. Dele só tenho por ora fruto.

6.^a Jacarandá-de-espinho — *Machaerium jungens* (nobis).

É outra qualidade de jacarandá, cujos ramos são armados de duros e aguçadíssimos espinhos. Seu lenho é roxado, com veias pretas. Arbei-o mais comum nas matas de Maricá, que nas do outro lado da cidade.

Aqui ficam referidas seis espécies de Jacarandás, todas madeiras de lei, e reconhecidamente distintas por seus caracteres botânicos; mas tenho razões para suspeitar que ainda outras existem aqui mesmo nas florestas do Rio de Janeiro.

Angelim — *Machaerium heteropterum* (nobis).

É uma bela árvore, a que chamam aqui Angelim pela semelhança de sua madeira, que é amarela, com a do Angelim-amargoso. Por todos os seus caracte-

cores principais é do género *Machaerium*, mas tem um *habitus* mui particular. Veste-se de flores roxas, estando despiu de tôdas as suas fôlhas; seu fruto tem de particular, e diverso das espécies de *Machaerium* que eu conheço, as veias da ala quase perpendiculares à nervura dorsal, pouco mais ou menos como represento aqui:



caráter que me parece aproveitável para a espécie. Em tôdas as outras espécies que tenho visto são as veias da ala reticuladas e dirigidas no sentido do comprimento.

Scopáhu — *Ferreira spectabilis* (nobis).

Floresceram estas árvores pela primeira vez o anno passado, de antes de 1840 para cá. Têm em suas flôres os caracteres essenciaes do género *Borodichia*; mas o fruto é de uma estrutura perfeitamente semelhante à do *Machaerium* supra, como se vê no desenho, que aqui faço:



pelo que o considero como tipo de um género novo; e o dediquei ao nosso célebre naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. É árvore das mais corpulentas: sua madeira é de estimação. Floresce estando inteiramente nua de fôlhas; as flôres são miúdas, dum amarello desmaiado, e dispostas em raios fasciculados.

Ipê — *Tecoma*.

Também nestes dois annos de 1848 a 1849 floresceu grande número destas árvores: o que me offereceu occasião de estudar e discernir melhor as suas espécies; e dissipar até certo ponto a obscuridade que reinava sobre estas árvores.

1.º Ipê-nirim — *Tecoma valida* (?) (nobis).

Aqui no Rio de Janeiro é esta espécie mais procurada, em razão da firmeza, e duração da sua madeira. A nenhuma das espécies descritas no *Prô-*

abundans de De Candolle, achei couvir esta planta, por isso a supponho espécie ainda não conhecida; mas como me restam ainda algumas dúvidas, não o afirmo, com toda a certeza.

2.^o Ipê-acu — *Tecoma insignis* (?) (*nobilis*).

[*Tecoma*] *Speciosa* (?) De Candolle.

Bignonia brachiflora (?) Veloso.

Parce-me espécie nova; mas não ousei affirmá-lo definitivamente.

3.^o Ipê-do-campo — *Tecoma flavescens* — *Bignonia flavescens* Veloso.

Só tenho por ora visto esta árvore pelos campos, e capoeiras; mas segundo muitos se acham nas matas virgens. A sua madeira ou cerne tem uma cor amarelada de ganga da Índia; e é pouco estimada. Algumas outras espécies, creio eu, crescem pelos campos, juntas com a precedente, e que não estão bem determinadas; nem eu pude ainda investigar este ponto.

4.^o Ipê-hatata — *Tecoma leucantha* (*nobilis*).

Esta espécie me parece inteiramente nova; vi-a com flor o ano passado pela primeira vez. As flores são brancas; as folhas trifoliadas, digitadas; o fruto glabro; não dá certo; mas de sua madeira se fez tabuado, de algum préstimo.

5.^o Ipê-roxo — *Tecoma curialis* (Veloso).

Esta espécie é rara, ou mesmo não existe nos arredores do Rio de Janeiro: é comum para a serra-amina, segundo me informam. Obtive o ano passado a flor, que é roxa, e com os caracteres do género *Tecoma*; mas não tenho fruto, nem mesmo folhas, que segundo o desenho e a descrição de Veloso é pinada (deve haver imperfeição, ou engano em Veloso).

É madeira de cerne, e estimada.

Destas cinco espécies de *Tecoma* posso afirmar que são distintas. O que ainda não pude foi determinar com segurança, quais as que se acham já descritas nos Autores. É uma das principais dificuldades com que tenho lutado é a inconstância nos caracteres específicos. Assim o número dos folíolos em cada folha varia até no mesmo indivíduo, de 5 a 7. A orla das folhas pode ser inteira, ou mais ou menos *denticulada* em indivíduos da mesma espécie, e até no mesmo indivíduo: enfim o tomento formado de pêlos estrelados pode ser mais ou menos basto, e mesmo faltar inteiramente. Será preciso pois um estudo comparativo amanho, não só entre as espécies, mas entre os indivíduos da mesma espécie, para se chegar a alguma coisa de positivo.

Louro. . . — *Cordia alliodorissima* (*nobilis*).

Bela árvore, cujas flores vi pela primeira vez este ano; infelizmente perdeu-se o fruto: o seu lenho ou cerne é branda, leve, e de suavíssimo cheiro.

Pequiá-marfim — *Aspidosperma eburneum (nobis)*.

Madeira fina, e suscetível de grande brunido; imita o marfim; e é muito estimada.

Pequiá-amarelo — *Aspidosperma sessiliflorum (nobis)*.

Faz-se desta árvore bom tabuado; mas o seu lenho não é de uma textura tão fina, como o do precedente.

Nota: Ainda não tenho certeza do nome específico trivial — mas, e é o maior número, lhe chamam *amarelo*; outros dão este nome ao Pequiá-marfim. Alguns lhe dão o nome de Pequiá-açu.

Jandiaíba — *Terminalia*.

Colhi o ano passado flores desta árvore; mas perdi o fruto: no entanto não tenho dúvida que pertença ao género *Terminalia*. O fruto, pelo que pude ver, deve ter cinco alas. Ainda não determinei a espécie.

Bicuiba-da-folha-miúda — *Myristica officinalis*.

Esta árvore não dá corno, ao menos ainda não pude ver, por isso não tem esuminação alguma a sua madeira; aproveita-se o fruto, de que se extrai o óleo chamado de bicuiba.

Bicuiba-da-folha-larga — ou Bicuibuca — *Myristica grandis (nobis)*.

Árvore das mais corpulentas, sua madeira, ou corno é de um vermelho escuro, e muito estimada para obras várias.

Jiquitibás *
Iubiraquas } *Coccoloba*.

As várias espécies desse género reclamam um estudo particular. Este ano colhi as flores de algumas; faltam-me os frutos.

Tatagiba — *Maclura*.

Pela primeira vez colhi esse ano flor e fruto do individuo feminino; ainda não pude ver o macho. O lenho é de um belo amarelo, e dá muita tinta. Com observação acho pertencer ao género *Maclura*, e não ao *Broussonetia*.

Nota. Creio, como Vossa Senhoria²¹, que há várias espécies a que dão o nome de Tatagiba. A árvore que vi este ano pela primeira vez em flor e fruto, é somente o individuo feminino: tem mais os caracteres do género *Maclura* que do *Broussonetia*. Não posso afirmar se é alguma das duas de Velloso — *Maclura bicolor* e *Maclura tatagiba* (que podem ser individuos da mesma espécie) nem também se é alguma das que vêm no seu *Herbarium*, páginas 249 a 250.

* Na relação que enviei foi a Tatagiba antes dos Jiquitibás.

²¹ Cf. Cat. n.º 110.

Os caracteres mais notáveis da mesma planta são: "*Arbor, cortice lactescenti, ligno vivide luteo; trunco, inferne spinis horridis armatur. Spinæ ramulis alternis plus minusve elongatis, provenientes, ramosæ, scilicet summo pediculis, 3 vel 4 stellatim dispositæ. Folia disticha, ovata, basi oblique et obsoleta cordata, apice acuminata, ambitu serrata, utrinque pilles (...) pilulis compersa stipulæ acutæ, caducæ.*

Flores foemineæ in amentum globosum, axillare parce pedunculatæ, dispositi.

Fructus globosus, akenis carnosis, arcte conjunctis cum bracteolis interpositis, coarctatus; indurque stilibus sine stigmatibus piliformibus, per lentem pinnae longissimæ, dispersis tenuibus, spæcie cooperitis. Semina hirsutaria, crassata. Embryo intra album perem inclusus radicle longa armata."

N. B. — Sem dúvida ainda não se acham aqui todos os caracteres para bem descrever esta planta; mas a ausência do *Gymnophyllum bacutum* e *longo exsertum*, etc., me parece bastante para a não considerar como um *Broussonetia*. (Esta N. B. foi também na relação).

(Esta nota, e a precedente, foram em folha à parte, na relação que mandei ao Martius; porque foram observação que me ocorreu depois.)

Muitas outras plantas colhi, mas de menos importância; por isso paro aqui. Vossa Senhoria comparando esta relação com a que lhe mandei antes, reconhecerá que não tenho estado ocioso; antes alguma coisa tenho feito em proveito da Ciência, pelo menos os meus esforços são dirigidos nesse fim.

Nomina trivialia

Mocitaiba, vel

Mogutaiba

Jacarandá-mogutaiba

Miris-preta

Arbor excelsa: cortice trunci crasso, scabro, non rimoso, fusco-nigrescenti, lichentibus variis maculato: materie dura, ponderosa, odore, atro-purpureo, operibus diversis apta, et quae sibi: ramis novellis teretibus, lenticibus, glabris: rima dense foliata.

Folia simplicia, alterna, breviter petiolata, elliptica, vel obovata, basi acuta, vel cuneata, apice acuminata, margine integra; coriacea, glabra, lucida, facie viridius viridia, quam dorso; rachide, vasis, venisque reticulatis non modo infra, sed etiam supra prominens. Stipulae foliaceae falcatae, acutae, aliquantulum permanentes.

Flores racemosae, mix odorati. Pedunculus argutus pilis subtilibus, raris, ferrugineis inspersus; ad divisuras bracteolis munitus: pedicelli breves bracteolis duabus subcanidis instructi. Calyx, in alatus ramis acuminatus, integer, clausus, puberulus; sub antheri irregulariter ruptus, cito decidens. Corollae aestivatio papilionacea, petala quinque inaequalia, posticum magis, subrotundum, albomaculatum, post anthesin parentia, fugacia. Stamina decem, circa ovarium commixta, peralis breviora, aliquantulum ascendente, quinque alterna parum longiora; filamenta breviora, subulata, glabra: anthaetae basifixae, erectae, basi emarginatae, apice acuminatae, bilobulares, loriculis oppositis, rima dehiscentibus. Pistillum erectum, falcatum, stamina parum superans: Ovario basi attenuato, apice in stylum brevem curvum, continuato, extus fusco-pubescenti, multiloculato: ovulis anatropis, transversis: stigma punctiformi.

Fructum perfectum non vidi.

Habitat sylvis primariis: octobri florebat.

Rio de Janeiro, 11 de junio de 1848.

Francisco Freire Alemão

ICONIS EXPLICATIO

- Fig. 1.^a *Ramus floriferus* — magnitudinis naturalis: (a) *Stipula*.
 " 2.^a *Perula*, *clausa*.
 " 3.^a *Perula*, *aperiri incipiens*.
 " 4.^a *Flos*, *nuper apertus*.
 " 5.^a *Diagramma*.
 " 6.^a *Flos apertus*, *desuper visus*.
 " 7.^a *Petalum*.
 " 8.^a *Flos apertus a latere visus*.
 " 9.^a *Stamen*.
 " 10.^a *Idem facie visus*.
 " 11.^a *Pistillum*.
 " 12.^a *Idem paritum*, *ovula ostendens*.
 " 13.^a *Fructus valde juvenis*.
 " 14.^a *Idem paritum*, *semen unum, et ovula plura sterilia ostendens*.
 " 15.^a *Semen*.

Pelo que mostra o fructo parece indeiscente; dos óvulos grande parte as mais das vêzes aborta: semente antrópica; epispermo membranoso; embrião sem endosperma.

Esta grande árvore fornece excelente madeira, que assemelhando a das jacarandás lhe tem merecido o nome de Jacarandá-muçutuniba²⁶.

²⁶ Nota de época posterior.

Por minha morte deve este livro entrar para a
Biblioteca do Arquivo Nacional.

1875. João Alencar



Am. 1875. 40

Zollernia mucilaginosa

O Sr. Henrique Almeida foi presente desta
semente, acutilada, e a semente de pimenta
sua de sementes.

Zollernia mucilaginosa. O desenho desmembrou-se do texto e pertence hoje ao Museu Nacional. Reproduz-se do Bot. do Mus. Nac., n.º 22, artigo do Dr. Luís Emílio de Melo Filho sobre a denominação da espécie.

PAPÉIS DA EXPEDIÇÃO AO GEARÁ

607

[Notas sobre Fortaleza e Pacatuba]

16-II-[1859]

Conversa com o Senhor fazendeiro...* situado nas abas da Serra de Aratuba (diz ele que ali na água doce há uma qualidade de camarão pequeno com uma das pernas muito maior que a outra, que se chama aratanha).

Conversou muito, disse muita coisa de que pouco me lembro agora. Diz que o sítio onde está hoje a cidade de Fortaleza era uma mata, não há muitos anos, pois que ele veio aqui estudar latim, quando as matas ainda abundantes.

Pau-ferro — São árvores pequenas dos lugares marítimos e só servem para estacas ou coisa semelhante; que o não há nas grandes matas.

O Angico — Bela madeira de móveis; e mostrou na sala um sofá de angico, que eu achava ser de mogano.

Conção-de-negro é a madeira a mais dura, e resistente daqui, diz que tem semelhança com a arceira. Cedros há muitos. Gonçalves-alves há nessas matas. Brasil não há na Província. Vinháticos também não (amarelos).

Diz que a cultura do algodão tem destruído grandes porções de mata. Hoje com a cultura do café, estão também se descobrindo os montantes que antes se conservavam nas matas.

Em alguns lugares se estrumam as terras.

Os cajueiros fertilizam as terras.

Alguns cultivadores de mandioca metem nas covas (mutamboê) porção de lóãs secas de cajueiro, com que vem a mandioca muito bem.

* Era o Senhor José da Costa e Silva que mora em meio pouco mais ou menos da terra, e seu sítio se chama Bon Vista, onde temos estado várias vezes (23 de julho).

Nos arredores da cidade, ou antes em uma faixa de profundo areal, e de largura de dois a três quartos de légua da borda do mar, há a vegetação chamada *carrasqueinha* ou de *caboleiro*?; são matos cerrados, ou moitas de arbustos e pequenas árvores * cujas famílias predominantes são: solanáceas, euforbiáceas, principalmente *croton*s, mirtáceas — uvaia, gabirobas, etc., etc.: melastomáceas só há a chamada manapuça, fruto excelente e saboroso, espécie mui abundante em neçiezes. Várias leguminosas, dentre estas o paratição, cujas árvores aí são pequenas e enfezadas, e minúsculas como a *jurema* etc., etc. Poliganáceas há várias espécies de *coccoloba*; a *Cadaçu* — cujo fuste é cerne, o *carrasco*, etc., etc.: uma *dilleníacea* tetrámera: cipó-de-fogo; algumas passifloras: o maracujá-de-catalo, o de-cabuleiro, cuja flor é soberba. Malpighiáceas; o *murici* mui abundante, e o café-do-mato, e outras *bisnonímicas* arborescentes; poucas malpighiáceas trepadeiras, assim como poucas sapindáceas: uma *caecáipina* comum. Catingueira — pau ordinariamente seco, dá muito boa lenha, serve de bica etc. Sabiá — uma *mbuossácea* abundante que serve para lenha. O pau-de-lacre *Plumia* é abundante; uma espécie de *chiocara* de flor amarela mui abundante — trepadeira — alguns tetramérios mui lindos e cheirosos. A rubiácea chamada Angélica, pequena árvore do género. . . Reginônias há algumas e bonitas, e entre elas o pau-d'arco; uma *apuleia* que chamam pau-de-ferro — árvore mediana. O juazeiro, o cajuciro e cajazeira nascem por toda a parte, e dão grandíssimas árvores, assim como a *ateira*. Das plantas rasteiras há muitas e lindas *portulacáceas* e *turneráceas*. O camará legítimo, *lantana*, cujos cones variam do amarelo ao amarelo doirado, ao alaranjado e vermelho. Há outro camará, que chamam *amarelo*, que é uma *Synanthrea Borrchii*, de belas flores — arbusto que achando enodato sobe à altura de três a quatro varas. Tatajubas, guajirus, muitas solanáceas, principalmente dos géneros *Croton* e *Solanum*, *Crisobalanas*, etc.

Saindo dos areais e onde começa a aparecer terreno mais barrento, vi numa baixada úmida em Tauape alguns pés de cássia de grandes folhas que se cultivam nos jardins do Rio (vide o desenho que fiz na Clacura de João Vêloso).

No Carnaubal, lugar alagadiço, e com lagoa vi nos brejos a cana de Nar amarela: aí pela primeira vez ouvi cantar a rôla, chamada (Ingo-pagou?).

²⁰ Ouvi a cana: "Ito podesa relaxar-se".

* Entre Cocó e Mucuripe há excelentes matas, que não sendo como as das serras, e usadas em toda illas, têm grandes árvores de construção. Vide viagem a Cocó (11 de Junho de 1859).

Em Tapiri onde há uma lagoa, que agora está ainda sem água, ou com pouca, vimos a única *Oxalis*; d'este lugar em diante o terreno já mais barrento tem vegetação mais vigorosa: algumas mimosáceas arbóreas que representam aqui os nossos *cabuis*.

Ao chegar ao rio Ginipabu, começam a aparecer as maniôbas (barracha) e o pau-branco, e logo d'este rio em diante abundam essas árvores, até chegar-se à terra da Munguba (Aratuba), onde há grandes árvores da *Bombax Mangaba*.

Nos arredores da terra da Aratuba, Maranguape, etc. e ainda pelas vargens, ou antes terras baixas há uma vegetação vigorosa, com grandes árvores de construção: aqui achamos a *Coutarea Speciosa* em flor, e o soldado que me acompanhava a denominou quinaquina.

6-IV-1859

Ontem, 5 de abril, encontramos na estrada de Baturité um fato de ovelhas e cabras misturadas, que vinham de sessenta léguas (Riacho do Sangue, no sertão) diz o condutor; era tudo pequeno, magro, de má aparência, e podia por cada peça quatro mil (e comprado tudo \$500).

Uma rês para o apugue aqui em Pacatuba, diz o Senhor Justa, custa de 40 a 80 mil-réis; assim também na cidade, onde ao menos se tira mais lucro. Diz elle que o gado que se demora aqui ou que volta da cidade adoece com a *passarinha inchada* (seguramente pela água, e alimentos diversos dos do sertão onde se criam).

A carne de vaca em Pacatuba custa 200 réis a libra; na cidade a 200 e 240.

A de porco a 240; o toucinho fresco a 320, na cidade 640.

A carne seca a 240.

A galinha 640, 800 e 1000; ovos a 20 réis em Pacatuba e na cidade a 40.

Açúcar grosso na cidade 200; aqui 240.

Refinado na cidade 240; aqui 400.

Bacalhão aqui e na cidade 200 a libra.

Farinha a 300 réis a quarta na cidade; a 640 e a 800 aqui. O preço varia.

O arroz de casca 180 a quarta em Pacatuba, arroz de casca na cidade a 160 a libra.

Milho a 640 a quarta (320 a terça, que é meia quarta).

Café socado aqui 160 a 170, na cidade 200.

É bem claro que estes preços são os de agora. Mas elles variam segundo a carestia ou abundância dos gêneros — e segundo a localidade: ainda em 52 eram mui baixos, e o preço dum alugado era 160 réis.

[CONSTRUÇÕES]

Os edificios e casas da cidade são construídos com tijolos e a argamassa é somente duma especie de superficie, a que juntam alguma areia mais, e sem cal; creio porém que nos edificios maiores — igrejas, etc., se lhe junta alguma cal. A cal aqui é de pedra que abunda em alguns lugares; é porém bastante cara. Pode também ser que essa terra, ou superficie que empregam com argamassa tenha já de si alguma cal. Os tijolos de ladrilho, ou são os mesmos de alvenaria ou os mandam vir d'Inglaterra e são hexagonais: os taje-dos dos passeios são de pedra lavrada inglesa, mas pela maior parte são de ladrilhos com arte dispostos, seguros com uma bordadura de tijolos em pé.

As telhas são como as nossas, exceto algumas que tenho visto que são angulosas em vez de curvas; conserva-se os telhados sempre, ou por muito tempo limpos e vermelhos; não usam tomar as telhas senão nas cumieiras. O madeiramento do telhado é de bicas de carnaúba sobre as quais assentam os canos dos telhados: hoje porém nos melhores edificios não usam da carnaúba, mas de pernas de terra, para esbros, e de tábuas ou serratos para ripas (a casa que habitamos em Pacatuba, que é de telha-vã, como mui geralmente se usa, tem o madeiramento do tecto mui bem feito, e as telhas colocadas de forma que se não vêem as suas juntas, que ficarão sobre o enripado que é de serratos; não se vê um caco, é tudo telha escolhida, e muito igual). A maneira mais usada na construção das casas é tabuado de cedro, para tudo, até para soalho, e sobre o chão; os barrotes são de arueira, e de pau-branco, as portadas de pau-branco. As portas ou são feitas de tabuinhas estreitas, ou fingindo-as, postas no mesmo plano, com trabalhos, que têm em todo o comprimento a mesma grossura.

As bandeiras, ou são de vidro, ou de madeira rendeadas, o que fazem de várias formas e bonitas.

Usam pouco de casas de esteios: mas as casas antigas e fábricas antigas são de esteio. O melhor esteio (diz o Senhor Costa, do Rio Formoso) é o coração-de-negro. O mais madeiramento é principalmente de pau-d'arco.

[ENGENHOS DE AÇÚCAR]

São fábricas muito boncas mas quase todos que tenho visto têm moendas de ferro. Dos engenhos que tenho visto é o do Tenente-Coronel Franklin de Lima o mais bem construido. Alguns têm as moendas, mesmo de ferro, expostas ao tempo, ou apenas com uma coberta de palha; só a casa de cozinhar é que é fechada, com laçguês, fumaças e alambiques de tijolos; mas tudo sempre em proporções mesquinhas comparados com os do Rio. A lama e porcaria entra por toda a parte. As moendas são de ordinário puxadas por

bois. Anteanão (8 de abril) passamos o dia na Fazenda do Senhor Costa, no Rio Formoso, onde vimos pela primeira vez um açude (é que está arrombado). Estava o engenho moendo. As moendas são horizontais e de ferro, movidas por umas dez almanjarras puxadas por dois vaguetas bois que se alternam, ou mudam quando se mostram cansados. Um molequinho de oito a dez anos agarrado à almanjarra como um macaco tocava os bois; um preto velho, sentado metia a cana e dois negrinhos, para menos de 12 anos vestidos só de uma camisola, tiravam para fora o bagaço.

Nos tachos trabalhavam um pardo, e uma preta com escumadeiras feitas de cabaço grande; era um meio cabaço, com furos no fundo, e suatido por um longo cabo de pau. Parecia-me ao que nos nossos engenhos chamam poraba. Com este instrumento escumavam, passando o caldo dum para outro tacho, batiam-no, etc.

Um único engenho que pude ver em Pernambuco era peor que este.

Para exportação só fazem açúcar mascavo; algum branco para consumo; e muitas fábricas, ou engenhocas só fazem rapaduras que consome o povo e que transportam para o sertão.

Como disse, passamos o dia com o Senhor Costa, dia de inverno, com grandes chuveiros de tempo em tempo. Tratou-nos ele e sua senhora o melhor que podíamos desejar; mesa farta e variada, leite *coilhado*, requeijão, queijos mui bons feitos no seu sítio de criar, arroz de leite excelente. Tivemos cuscus ao almoço, excelente café com leite, vaca, carneiro, galinhas, etc. A senhora, que é ainda moçetona e formosa, agradável, desembaraçada não se sentava onde estava o marido — dois filhos pequenos (macho e fêmea) e nós os hóspedes, que éramos da Comissão quatro, o Capitão Justo, e um seu primo, que nos acompanharam e são parentes, e mais um pardo vizinho, primo, ou irmão bastardo do Sr. Costa — estava de fora servindo a todos, conversando, etc.

O Senhor Costa, homem de 54 anos, grande, gordo, comilão, falador, hení que sem instrução, é todavia inteligente, curioso, e conhecedor do seu país. É coisa que aqui tenho reparado, os homens quase todos com quem tenho conversado conhecem mais ou menos a sua província, e às vezes dão noticia das vizinhas; todos têm visitado esta ou aquela parte longínqua dos sertões. Falam dum lugar, pergunta-se-lhes a que distância está: 60-100 léguas e mais. São ainda mui curiosos, e o que não viam sabem por noticias. Isto é coisa rara lá no Rio, cada um sabe apenas da sua freguesia. Para esta mobilidade dos habitantes talvez concorra a facilidade dos caminhos por terras sempre planas, e a vida erradia do pastoreamento do gado.

Deste Senhor Costa (como do irmão José da Costa, que mora aqui na Aratanha) obtive muitas noticias, de várias coisas e de plantas e madeiras; disse-me também que as matas baixas, cerradas, de beira-mar se chamam matas de beira-mar; que chamam-se *tabuleiros* as planícies arenosas cobertas de moitas de mato baixo e carrasquenho, onde predomina o murici, o manapuça, o gua-

jeru? (*Plumeria brasiliensis*) e o caiaçó, etc., que os matos aqui juntos às serras, semelhantes às catingas do sertão se chamam simplesmente matos, e seus habitantes *matutos*. Os sertões são de natureza muito especial, na qualidade das terras e nas vegetações que é de campos, e capões de catinga (que é uma mata alta) e seus habitantes, criadores, se chamam *sertanejos*. Ele já teve fazendas de criação; atormentado pelas secas, moléstias, e roubos de gado, desgostou-se, e veio estabelecer-se aqui, com fábrica de açúcar. O nome de Senhor de Engenho não é aqui usado, nem distintivo como entre nós do Sul. Há oito anos que aqui têm o seu engenho do Rio Formoso; era então ainda o lugar inculto, e de mata virgem.

Não tive a curiosidade de lhe perguntar qual era o rendimento do seu engenho; mas acredito que não será grande coisa visto a importância e aspecto do estabelecimento. É muito desleixo, o mato entra quase por casa, não vi campo limpo; e o açude ao pé do engenho forma aí uma grande lagoa, e charco para baixo, que não podiam ser saudáveis. Há nesse açude e nos arredores muitos pássaros, marreiros, pombo, tumbas de várias espécies. Parece ter poucos escravos, e de necessidade aluga trabalhadores.

TRABALHADORES

Anualmente um trabalhador de enxada custa \$20, mas querem já 400, o de foico, 640, o de machado 1000, dando-se a comida. A comida consiste em feijão (atmôço) ou carne com pirão (jantar), e de noite inhame, ou coisa semelhante.

Apanham café, por 1000 ao alqueire, (que é 8 quartos nossos), dando-se comida.

A gente livre aqui, que constitui o povo é toda mestiça, mamelucos, cabras, etc. Trabalham pouco para si fazendo pequenas roças, gostam mais de se alugar, porque assim estão certos de passar melhor e comer carne diariamente (o bacalhau hoje está sendo grande alimento pela carestia da carne), usam pouco de verduras, o jerumum, a banana, o inhame, pouca batata, é um bom sustento — mas plantam pouco.

Há grande número de frutos silvestres que eles comem, como é o caju e do qual fazem o *Mocorodó* espécie de bebida intoxicante. Comem também o jenipapo. O nari, ou fruto da marizeira é admirável, cai no chão de maduro, colhem-no e o cozinham; abre-se por si, e então tiram o lavo que serve de farinha; é uma sorte de fruta-de-pão: mas ninguém o planta, esperam que a natureza o dê. O côco-da-baía, que aqui chamam côco-da-praia é uma árvore admirável nestes lugares; está continuamente carregado de numerosos e grossos côcos; quando um cacho está maduro, outro de vez, outro verde, outro nascendo, etc. Dizem (Dona Irasilina) que cada coqueiro dá 24 cachos por ano; e isto anos continuados. Dizem que duram mais de século (têm um ini-

migo numa espécie de bidio que lhe dá no ânago). O côco da cannaubeira serve para o gado, e também o come a gente, assim como o do Catolé. Aqui por baixo só tenho visto estas três palmeiras. Na serra há uma, senão mais, a que chamam palma, que serve para cobrir as choças, como a cannaubeira.

A habitação do povo, logo em redor da Capital, e por toda a parte, que aqui tenho visto, é a coisa mais miserável, que se pode imaginar. Há, conforme o seu tamanho, um certo número de forquilha tóscas, sobre que se atravessam uns varais também toscos, em cubro e em ripa do mesmo mato, e cobrem com palha de palmeiras as paredes, que são as quatro exteriores, das quais nem sempre são completas, e uma interior que divide a palhoça em duas partes — a alcôva e a sala, que também é cozinha. Essas paredes são também tecidas de palhas de palmeiras. Às vezes são totalmente paus apicados e berrados. Em alguns casos tudo serve para paredes; ao pé do matadouro, na cidade, são os chifres do gado; ao pé dos engenhos é o bagaço da cana, com que formam paredes, e até telhado. Vêem-se também disparates curiosos; por exemplo, a choça coberta de telhas e as paredes de palma, ou bagaço de cana. Em roda da Capital algumas têm paredes de tijolo, rebocadas e mesmo cai-ladas, cobertas com palmeira, etc., etc. As portas das choças são de ordinário formadas também de palhas, e as melhores, com tecidos de esteira. O pavimento é o chão raso, e às vezes mui úmido, os móveis são de ordinário cepos, as camas rédes (a este respeito lembrarei que antecorrem estivemos numa casa das [mais] ricas aqui de fora, de Senhor de Engenho, e depois do almoço se armaram nas salas 9 rédes mui limpas e bonitas; nelas todos nós, donos e hóspedes, nos reclinamos para conversar, isto entre um farto almoço, e tão bom jantar. Santa vida!

As casas estão cheias por todas as partes, onde se pode estender uma réde de ganchos de ferro chamados — *armadores* —; por exemplo, numa sala, ou alcôva quadrada com quatro se estendem 5 rédes; pelos corredores, por toda a parte. As cordas por onde se prendem as rédes se chamam — *pinhas* — e as rendas ou bahados que pendem dos lados se chamam — *varandas*.

CONSTRUÇÃO DAS CASAS

As portas são feitas de tábuas estreitas, e quando não, as fazem imitando. As travessas são de grossura igual até os extremos, o que é feio; mas serve bem para um caso particular; em portas de duas metades e interiores (como na casa em que moramos em Pacatuba), as meias portas se fecham pela mínima pressão, ou apêto, e ficam tão fechadas que de dentro é mui difícil abri-las, se — e não têm fecho de qualidade alguma. Também isso só tenho visto aqui.

Há uma forma de posigo também particular; isto tanto na cidade, como por fora: em portas singelas, da parte da fechadura serra-se pelo meio, até largura conveniente, e a parte serrada fica servindo como de janela, com dobradiças e fechadura.

Usa-se muito de banheiros de tábuas arredadas de diversos modos; provavelmente com o fim de refrescar as casas, mas nas casas modernas e nobres põem vidraças.

Usam de rólulas nas casas côrreas da cidade. Nas casas de fora e mesmo nas [da] cidade costuma deixar alguns apartamentos sem fóro; e os diversos repartimentos communicados entre si pelos vãos superiores; chegando as paredes só até a altura dos frechosais — isto com o fim evidente de arejar e refrescar as casas. Para mim não sei se se consegue o que se intenta aqui em Paratuba o meu quarto é d'esses, mas de dia há muito calor.

As paredes de pau-a-pique chamam — encaicadas — e aos paus-a-pique chamam — enxameamento.

11-IV-1859

Mão-da-chuva, chamam aos nimbos. Hoje (11 de abril em Paratuba) andando herborizando acompanhado por um pequeno, que terá seis annos, cabrinha, lindo rapaz inteligente, olhando elle para um lado donde vinham nuvens escuras, que ameaçavam chuva, me apontou dizendo: olhe a mão-da-chuva, aí vem chuva. Falando elle em jenipapeiro perguntei-lhe se comia, respondeu por esta exclamação — enñol! — moi comum entre elles e que pronunciam com a primeira sílaba rápida e a segunda demorada e com acento particular. Quando respondem pela negativa dizem — não — com rapidez e certo arranco particular. O sim tem também um acento particular. Todas as palavras são pronunciadas com um sotaque ou acento particular, que é agradável nas crianças e senhoras, abríndo e demorando certas sílabas, por exemplo: Canasna, Caamará, assobiio, passuarinho, Maaria, malaatinha. .

Pabudagem — gavolice, Loufarronada.

Ter vexame*, estar vexado — é ter qualquer desgosto, ou dor, ou incômodo físico ou moral.

Qualquer — empregam sempre dum modo particular; assim dizem: qualquer um homem, qualquer uma coisa, um qualquer homem, etc.

16-IV-1859. Paratuba

Hoje depois do meio-dia fomos banhar-nos (eu e Manuel) à cachoeira do Senhor Antero... moço que estudou no Rio, e foi guarda-marinha. Em

* Ontem (23 de maio à noite) uma das filhas do Senhor Valente, contando que estando alguns moços banhando-se no rio Aracati de noite, três d'elles mais afeitos se meteram pelo rio dentro e caíram num penau, entrando a girar pela Senhora do Remédio. Não havendo quem os acudisse e calando-se elles, entenderam que estavam brincando. Ella que estava na praia com outra, despiram-se e atiraram-se ao rio; acharam os moços já sem fôlego, tendo bebido muita água, e os arrastaram pelos cabelos... Depois de contar esta peça exclamou ella: Foi uma noite de vexame! Nós duramos uma noite bem triste! (24-V-1859).

caminho vimos uma árvore de grandes fôlhas e mui copada, que desconheçamos; soubemos depois ser a *piticica*, comum e semelhante nos sertões. Em frente da casa achamos um famoso pé de urumbeba (*cactus rosa*) plantado, muito mais desenvolvido e com mais flôres que as do Rio. O Senhor [Antero] cuida que veio do Pará, e aqui lhe dão o nome de *Rosa-de-cariacó*. Havia também um pé de tucujuba novo.

O Senhor Antero nos recolheu em uma casa que é antiga, grande, tijolada, com varanda aberta, com acento de tijolo junto à parede de dentro, janelas e portas pintadas de vermelho. A casa é de esteios de arceira, que ainda estão bons: ela tem mais de 50 anos, foi uma das primeiras feitas neste lugar. Aqui notei o frechal da varanda assentado com cumieira sobre cortes em boca de lobo — é telha-vã. Estando aí caiu uma forte pancada de chuva; durante a qual vieram dois senhores, um mano e outro parente d'êlo, correndo do banho onde os surpreendeu a chuva. Entraram todos molhados e rindo-se do lôgro. Passada a chuva nos dirigimos também para o banho. O rio corre aqui por entre penhascos amontoados, e só se chega ao lugar do banho andando sobre êles. O banheiro é excelente, sombreado por grandes gamelleiras, e a água cai de uma bica na altura dum homem, com grande força e sobre uma pedra redonda que lhe fica em baixo e que serve de assento a quem quer receber a queda d'água. Manuel despiu-se e se meteu em baixo da bica; eu estando muito suado apenas entrei na banheira e banhei-me até a cintura. O Senhor [Antero] nos havia mandado um prato travesso com facas e com boas laranjas, atas e mangas para comermos no banho; eu comi uma laranja. Saídos do banho, fizemos uma colheita de plantinhas pelo caminho. Este sítio está já na fralda da serra da Aratanha. O terreno é dum barro denegrido, úmido, pedregoso e o seu mato raseiro tem muita analogia com o do Rio de Janeiro, predominando algumas espécies que são também lá comuns:

Cordão-de-frade, Pipi (com oito estames), *Rochmeria*, *Andactra*, uma *oxalida*, que talvez a tenhamos lá também, uma *piperácea*, mui semelhante a nossa *pariparoba*.

Outra arbustiva que aqui chamam pimenta-longa, e que parece servir a sua fruta como a pimenta-da-índia, desta havia um grande pé por baixo da gamelleira que fica sobre a banheira.

Uma erva curiosa.

Algumas embaibeiras de espécie diversa da nossa.

26-IV-1859. Fortaleza

EXCURSÃO BOTÂNICA AO OUTEIRO, EM BOTA DA GACIMBA, ACOMPANHADO
PELO NOSSO ORDENANÇA

Está com flor uma espécie de malvácea, com flôres amarelas cor de ganga, de que há muita em Pacatuba; é uma das vassouras de fôlhas peludas que lá

estudei. O Camapu está também com flor e fruto verde; diz o ordenança que a fruta se come. A Guaxima (*Tirena lobata*) está com flor; grande quantidade de brotos, e de arbúsculos de pau-fento não tem flor nem fruta. Está muito florida a convolvulácea de belas e grandes flôres roxas; uma rubiácea (*Spermacoce*, ou *diocleá*) muito comum de florinhas brancas — florida. Uma *Richardsonia* rósea? a esponjeira (*Scacia pharasiensis*) que aqui chamam *Coronha* está com flor e fruto verde; diz o ordenança que com o suco da fruta vende-se fechoem cutas, em falta d'obreia; e com o oximento dela madura se faz tinta de escrever. Um *Hypsis* de flor azul, e muito peludo, com flor; a escrofularínea está com flor e fruto verde. A malpighiácea de folhas glaucas florida. Uma espécie de Camará de flôres lilas e cujas folhas tem um cheiro forte e diverso do da flor amarela, florida. Em roda da Cacimba um manacá de florinhas azuis, uma bignoniácea de flôres dum roxo claro (côr-de-rosa) a que o ordenança dá o nome de Mufumô, que elle tem no sercão; as flôres são com effeito dum cheiro forte perfumado. Meladinha, malvácea, que nasce nas areias, alastra seus ramos delgados de côr roxa escura, do lado superior, verde por baixo, ramificado, de comprimento de seis a mais palmos, estendidos sobre a areia, e radicandose forma um como tapete de dez e mais palmos de diâmetro, com suas belas flôres erectas, amarelo côr de carne e sangüinea no centro. Uma escrofularínea de flôres azuis, e folhas verticilladas, cujo caule ramoso também se estende pela areia, sem radicar-se. Uma...³⁰ de caule delgado ramoso, toda glutinosa. Uma sinanthera de flôres amarelas, e que pertence ao mesmo género da que no Rio de Janeiro abunda, e a que o Riedel chamou *Melanosperma*, e que eu achei ser melanthera. Os frutos desta planta são úmidos, sempre verdes, e têm entre o epicarpo, e o endocarpo uma substância mucilagínosa, doce agradável, é uma verdadeira drupa. Disse-me o ordenança, que me acompanhava, que no sercão há muita desta planta; e que o fruto ahi se come.

28-IV-1850. Fortaleza

CAVALOS; MESTAS, ETC.

Os cavalos são pequenos, de boas proporções, bonitos e muito valentes.

Os de carga se chamam, não sei por que razão, *quartus* — são capões, e são os refúgios dos animais de montaria. Os que andam aqui pela cidade e arredores são magros, verdadeiros esqueletos, fritos, miseráveis, mas sempre (dizem) valentes.

Não andam ferrados, mesmo os mais estimados.

³⁰ Reticado no ms.

O andar destes animais é o que chamam *esquipado*, ou *baralhado* — é uma andadura mui apressada, e cômoda para o cavalleiro. O *esquipado* é quanto o cavallo pode dar sem tomar o galope: é o andar usado, e estranham qualquer outro, mesmo dentro da cidade. Por mim não me agrada semelhante andar; não o acho próprio para passear: e querendosse pressa achu o nosso pequeno galope mais nobre, e mais bonito. Faz-se com este andar viagens cômodas, e rápidas, e os cavalos a agüentam bem.

A alimentação é a dos pastos naturais; mas aqui na cidade, e nos arredores, plantam o *capim-d'angola*; dão pouco milho, arroz, e mesmo leiteão, e garapa.

Alguns que aqui nos vinham oferecer eram quase sempre alçados de ovas.

Há poucas mulas; mas atualmente começam a criá-las nos sertões, mandando vir da Europa bons jumentos.

Estão hoje muito caros — 100, 150, 200, e 300 mil-réis é o preço de cavalos escolhidos. O Presidente querendo comprar quarteaus para a bagagem da Comissão comprou-os a 112, ou 115 mil-réis; as bêtas são ainda mais caras. Nos sertões porém se acham quarteaus sofríveis a 80 e 90 mil-réis.

As cangalhas que usam são como as nossas de pau; mas mais tôcas, e mais, isto é, armação de pau, e enchimentos ou suadouras de palha e mais nada; quase sempre albardas. Os condutores destes animais, qualquer que seja o modo da carga andam sempre encarpicados em cima da cangalha; ainda carregando taboado.

As brucacas são chamadas malas, e são mais bem feitas que as nossas, e são ou de forma cilíndrica como as nossas, mas a tampa é justa, e tem rebordo, como uma tampa de caixa, outras são quadradas, e armadas com madeira dentro e têm a forma de verdadeira caixa, ou mala: onde não entra água.

CARRO

Os bois são pequenos, mas formosos.

Os que andam aqui na cidade, e pelos arredores, e fazendas puxando os carros são de muito má aparência e de ordinário mui negros.

Os carros levam 5, 6, 8 juncas.

Os carrua são toscos, grandes, e mui pesados: as rodas têm altura despropositada, dizem que para facilitar o movimento, não são chapeadas, e são mui maciças.

Hoje porém que se estão calçando as ruas da cidade, esses carros sendo prohibidos entrarem nas ruas calçadas, têm-se admitido carros maneiros com rodas tôdas de ferro — talvez, vindos dos Estados Unidos. Têm o aro largo, e os raios de simples varões de ferro roliços, em grande número e fixados no cubo em duas ordens alternadamente com espaço de um palmo mais ou menos.

Há aqui na cidade dois ou três carrinhos ou caleças muito ligeiros e elegantes, à maneira americana.

Há ainda algumas liteiras carregadas por duas mulheres, mas todo o mundo anda a pé. Dizem que antigamente tudo andava a cavalo, mesmo nas viagens mais curtas, e de visitas.

Para o mar são as jangadas, os botes de que usam, e mesmo ninguém sai ao mar sem pescador. A Alândega tem uma lancha ou saveiro para desembarque das mercadorias, que vêm a sua ponte. Na praia o rôlo do mar não permite o uso de botes ou escaletes.

Usam também de bois de carga, com cangalha como as dos cavalos, e os condutores em cima. Não reparei ainda nos cabrestos de que usam neste caso.

A raça dos carneiros e das cabras é pequena, e as que tenho visto são de má aparência.

Cria-se também pouco porco — o tocinho é de má qualidade e fresco.

Encho visto galinhas e capões de um tamanho enorme.

A criação de patos e seu uso é mais comum que a dos perus.

Vejo poucos cães. Agora (28 de abril) têm aparecido alguns danados.

Têm-se morto alguns cães pela cidade.

PEIAS

Usam-se peias em toda a casta de animais — cavalos, bois, e até galinhas. Têm por fim evitar que se extraiam, em lugares onde não há cercados. Um carro que descansa na viagem solta os bois peials, o mesmo se faz com cavalos.

Já disse que o gado de carga é pequeno, magro, coberto de feridas, etc. Os carros são puxados por 5, 6 e mais juntas de bois. Disse-me o Lago que viu um carro puxando madeiras em que haviam 18 juntas de bois.

[3-V-1859]

Ontem (2 de maio) vi a primeira canoa aqui, no Rio Ceará: era pequena, lousa e feita de *timbeuba*, madeira leve, e que tem um corno avermelhado. Disse-me o preto canoeiro que lá dessas árvores aqui mesmo, e que algumas dão canoas de 4 palmos de boca.

Hoje estando à noite em casa do Senhor Franklin de Lima, entre conversas me disse elle que o primeiro músico que veio ao Ceará (Fortaleza) foi contratado por elle e mais 5 pais de família que lhe fizeram uma annuidade de 600\$000 por anno; a elle se deve o desenvolvimento do canto e piano nesta cidade. Não só ensinou as filhas d'elles, mas a muitas outras famílias. Diz elle que antes disso (foi em 1833, ou 34) era tudo bisonho nesta terra. Foi elle também um dos primeiros criadores do teatro aqui. Diz mais que a cidade era insignificante, sem estabelecimento, mas que na administração do senador

Alencar tudo prosperou muito, principalmente com o estabelecimento *de um banco provincial*; que antes d'êle não havia dinheiro, era tudo miséria; que com a criação do banco appareceram edificios e muito prosperou a cidade. Foi Alencar que deu impulso à cultura da cana e fabrico do açúcar, etc.) (3 de maio de 1859, às 10 horas da noite.)

[5-V-1859.] Fortaleza

Hoje 5 de maio fomos de manhã assistir ao officio divino que se fêz na matriz pela alma do falecido Ferreira. Havia na igreja uma oça, coberta por um baldaquino, ou cúpula, simples e elegante. Officiaram sete sacerdotes. Havia no còro musica, suportável aqui. Assistia grande número de pessoas amigas do defuncto. As pessoas mais grãos da cidade, começando pelo Presidente, e seu secretário. Havia-se collocado junto às grades em toda a extensão do corpo da igreja grande número de cadeiras de palhinha, onde todos se sentaram; umas duas ou três familias assistiram das tribunas.

Depois do officio, missa e encomendação, que tudo durou mais de três horas, uma pessoa que não conheço subiu à tribuna do lado esquerdo, daí recitou um elogio necrológico, acabando com uma poesia a respeito do falecido.

Depois do jantar fomos eu, o Dias e Gabaglia ao sítio onde está o Coitinho, uma meia légua distante da cidade e junto ao Rio Jacarécanua, e de lá voltamos com noite, vindo conosco o Senhor Justa, e o Galvão, que lá estavam.

O proprietário do sítio disse-me que a sua cultura era de capim plantado, e que as terras as estrumava com sementes de algodão, que comprava em Maranhuape; e com elas dava ração ao gado, que vimos no terreiro comendo-as.

6-V-[1859]

Amambétem chovendo; mas quando acabamos de almoçar fazia bom tempo; o céu porém estava carregado em alguns lugares. Havíamos ajustado uma viagem eu e o Gonçalves Dias para Soure, eu desejava ver o lugar, e examinar pelo caminho a vegetação. Com effeito montamos a cavallo seriam 10 horas mais ou menos; e caminhávamos quase sempre a galope, ou esquiçando por uma estrada larga, chamada Estrada Nova, mas uma areia clara e sôita deixava penetrar os pés dos cavalos a mais de palmo. Logo que deixamos os arrabaldes de palhoças da capital entramos a ver por estas paragens mais cultura do que pelo lado de Aratanha, digo, pelo caminho que leva a Aratanha, etc. Sítios dom cento ar de asseio, casas de telhas e de tijolo caudlos, com varandas de pilastras. Engenhocas, com moendas de ferro, cultura de cana, de macaxera, de milho, etc. Certos sítios eram quase sempre contíguos ou próximos. No lugar chamado Alagadiço havia melhores plantações; e também daí em diante o terreno mudaria desaparecendo as areias, e sucediam

certos para mais compactos e barrentos; a vegetação ia também mudando. Começamos já a ver a árvore sabiá, os catingueiros, a mutumbá, etc. Adiante dêsse lugar caiu-nos uma grossa pancada de chuva. Havia já algum tempo que nos acompanhava um chuveiro, mas aí apertando a chuva embarafustou-nos por uma porteira para um engenho e entramos nêle depois de falarmos com uma mulher que aí estava. O engenho era nôvo, bem feito, as moendas horizontais e de ferro puxadas por cavalos, ou bois. Estava-se cortando cana aí perto, e um moleque a carregava em um cavalo, em ganchos atados às can-galhas — era cana caiona. Passado a chuva seguimos nosso caminho; havíamos já andado umas duas léguas quando nos surpreendeu um rio *, que estava cheio e corria com fôrça, e tinha no lugar mais apertado cinco ou seis braços de largo. Não havia ninguém nesses lugares; o Gonçalves Dias quis tentar a passagem mas o dissadi disso. Voltamos, e tendo andado um quarto de légua fomos à primeira casa que achamos e perguntou-se se o rio dava passagem; um rapaz saiu, mostrou-nos um atalho e nos levou a outra estrada que estava mais por baixo e asseverou-nos que aí o rio espralhando-se dava passagem; fomos por essa estrada; e encontrando logo umas mulheres com crianças e perguntando se iam passar o rio disseram que sim e isso nos animou e fomos seguindo, mas chegados ao rio êle nos assustou espralhando por mais de 10 braços. Corria com fôrça em dois lugares, mal divisamos o caminho, e um preto velho que aí estava nos disse que podíamos passar, mas que no [meio] do rio a água chegaria às abas dos selins; e mesmo que não sendo do país não era prudente arriscar-nos. Achamos conveniente voltar: o céu estava coberto, andamos quase sempre devagar e chegamos à cidade depois das duas horas. Durante a viagem fiz colheita de algumas plantas. As plantas à proporção que nos avizinávamos do rio tomavam mais fôrça, e se compunham de árvores da Pacatuba: muito sabiá, muita catingueira, e bastantes árvores do pau-branco, carregadas de fruto. Nos lugares úmidos a *Coccoloba* chamada cipó-da-rio.

[10-V-1859]

VIAGEM DA CIDADE PARA PACATUBA

No dia 3.^a feira 10 de maio saímos da cidade entre 7 e 8 horas, eu, Lagos e Carvalho. Chegamos a Arronches seriam nove e meia, e nos apenamos em casa do Maricas, que dá hospedagem: mandamos fazer ovos e café, e saímos a ver a povoação, que já foi vila, de que conservam a cadeia, tendo por cima a Casa da Câmara. Na cadeia hoje está a aula de primeiras letras -- tudo é pequeno, e insignificante. A igreja, obra dos jesuítas, estava aberta, e a fomos ver, é sufi-

* Matonguapuntio.

ciente para a povoação, mas tua e pobríssima: os altares e retábulo, são pintados por curiosos; os altares cheios de registos e quadros muito ordinários, castiçais de lata com velinhas de carnaúba da grossura do dedo mínimo. Todo o corpo da igreja está cheio de sepulturas. Em frente da igreja há uma praça coberta de mata, ao lado esquerdo uma fila de casebres, que limita a praça desse lado, e do lado oposto, ficando primeiro a cadeia e depois de um interregno, segue-se outra fila de casinhas, que segue ao lado da igreja até além dela, formando com ela uma rua tósca. Ai, quase no fim está a casa em que nos agasalhamos. O Carvalho tirou uma vista desta povoação. Fomos almoçar, conversou-se e galhofou-se com o Maricas, e montamos a cavalo antes das 11 horas. Seguimos para Maranguapé; caminho suave. Passamos por duas grandes lagoas a de Arronches, e a de...⁸¹ perto de Maranguapé, e várias pontes, sendo a mais notável e importante a do Rio Maranguapé, dentro já da povoação. Chegamos a Maranguapé depois de duas horas queimados e suadíssimos; passamos pela povoação e fomos hospedar-nos em um engenho, chamado da Alegria, dos Senhores Vianas, excelentes moços, um deles casado, e outro solteiro. Vivem com a Senhora sua mãe, e uma tia — ambas velhas. Fomos agasalhados mui cordialmente e muito bem: instaram para que dormíssemos aí para vermos a povoação. Jantamos tarde e o tempo ameaçava. Estando a chover na serra da Aratuba, que nos ficava ao lado, resolvemos a ficar e tendo tomado café, e visto o engenho, cujas moendas são de ferro, e o edificio bom, montamos a cavalo um dos Senhores Viana, o solteiro, o Lagos, o Carvalho, e eu, e fomos ver a povoação. Fomos primeiro à casa de umas senhoras, mãe velha e três filhas moçetonas, desambaraçadas, conversadeiras, e das quais duas trabalhavam admiravelmente em obra de goma (polvilho) indo nos a uma casa vizinha onde estavam, e os produtos do seu labor encomendados já pelo Lagos. Só miramos a perfeição do trabalho, a habilidade e paciência das moças. Conversamos depois, tendo voltado para a casa; daí saímos, e foi-se visitar um sujeito cujo nome não me lembro agora. Fomos depois a outra casa onde havia várias senhoras, e uma delas é uma moçetona, que estava bem trajada; aí conversamos por algum tempo. Eram já quase 6 horas da noite e nos retiramos. Ceamos e nos deitamos em nossas redes. De manhã pelas 7 horas tendo tomado café, montamos a cavalo, e nos acompanhou ainda o Senhor Viana. Tivemos de passar o Rio Maranguapé, bastante cheio, e como os cavalos iam tocando nado, o Senhor Viana foi buscar um sujeito, e o trouxe de galupa; este nos levou mais abaixo, e meteu-se no rio tendo água pelas lombas e nós o seguimos. Continuamos sempre de galope até a Munguba, por mais caminhos. Eram quase 8 horas quando aí chegamos. A Senhora D. Brásilina estava já de pé, as moças ainda recolhidas. Eu que ia muito incomodado, com roupas de 24 horas, sempre suando, instei para me ir sem almoçar, mas mandou vir café, e bolachinhas, depois veio leite, enfim apareceram as moças, as duas

⁸¹ Lacuna no ms.

filhas Maroca, e Liberalina, com uma prima bonitinha. Estávamos ainda na mesa; o Lago contando pêsas, e gracinjando demorou-nos por bastante tempo; levantei-me enfim, e montamos a cavalo nós três para Pacatuba, e o Senhor Vianna para sua fazenda. Chegamos a Pacatuba, estavam os nossos e o Senhor Capitão Justa almoçando, e comemos também alguma coisa e nos instalamos de novo. Seria meio-dia quando caiu uma grande chuva. De tarde, e de noite ainda choveu bastante. De noite aqui esteve o Juvenal.

13 V 1859. Pacatuba

GENTE DO CEARÁ [I]

A gente acaboclada, ou o povo.

Pondo de parte alguns poucos pretos, e por conseqüência também alguns poucos mulatos, todo o povo do Ceará é de raça cabocla; mais ou menos mesclada de branco, e também de preto; mas em geral se conserva ainda bem o tipo americano.

A cor baça, trigueira tem um tom particular de cobrado escuro; como a dos chins, ou dos nossos cabras. O cabelo preto, curtidio; o corpo esbelto e proporcionado; pernas bem feitas; ombros largos, pescoço curto, olhos um pouco obliquos, dentes aguçados artificialmente. Ainda não vi nessa gente uma mulher, nem um homem demasiadamente gordos. São todos mui inteligentes, desembaraçados, e falam bem (com o *mutaque* que é também comum aos brancos de abrirem e demorarem um pouco mais em algumas sílabas, e apressarem outras) e com rétrios e frases, às vêzes pittorescas; a sua pronúncia é antes descansada que apressada, correndo em umas e descansando em outras sílabas. Os homens são em geral imprevidentes, indolentes, e pouco amigos do trabalho; pelo contrário as mulheres estão sempre ocupadas (enquanto elles se balançam nas réles) fazem obras mui minutas de rendas, de crivos, e de tecidos, etc. As mulheres são mui prolíficas (o que também acontece a respeito dos brancos); vê-se uma choupana sempre cheia de crianças; e o falecido Ferreira nos dizia que o termo médio dos filhos era de 10; outros só dão 8. Não é rara a mulher que tem 20, e 30 filhos; e quase todos vingados.

Os meninos são em geral fortes, bem feitos, e quando há mistura de raça branca são claros, e de cabelos *louros e anelados* ... o que muito me admirava. Aqui em Pacatuba é um gosto ver-se quando chove (como ainda hoje acontece) e mesmo na força da chuva saírem as crianças de casa nus a se atirarem nas poças das ruas e brincarem uns com outros. Então se me representa ao espírito uma aldeia de selvagens, as cabeças largas, pescoço curtíssimo, espaldas amplas, pernas bem catrucladas e bem feitas, e às vêzes com os cabelos corridos, tudo nos dá o verdadeiro tipo americano.

As crianças machos e fêmeas até a idade de 5 e 6 anos andam quase sempre nus, retouçando-se pela areia e pelo chão aqui como na cidade. As vezes faz pena ver uma criancinha de ano ou menos inteiramente nua largada no chão frio e úmido. Os homens andam sempre com a camisa solta por cima das calças ou ceroulas, e sem jaqueta, ou colêto; temos tido alguns criados que lhes cusca largar esse costume. As mulheres vestem saias, e com vestidos deixam sair o corpo, e os atam pela cintura. As camisas são mais ou menos rendadas, e quase sempre têm lenço ao pescoço. Quando se vestem trazem por cima da cabeça o lenço, que é uma toalha com babados ou rendas nos três lados; isto na cidade e aqui. Nas igrejas, e nas procissões vão todas assim — o que é curioso: e tem um ar de asseio, que agrada, e é muito próprio para o país. É notável que as pretas não usam tanto dos lençóis.

Os sertanejos, ou vaqueiros vestem-se de couro; chapéu, guarda-peitos, perneiras e jaquetas. Chegam a idades muito avançadas, principalmente as mulheres, pois tenho visto muitas velhas.

O natural desta gente é bom; são dóceis, pucatos, mas bulhentos em estando bêbados; e vingativos, principalmente por ciúmes. As mulheres dizem que são fáceis e devassas. A prostituição é aqui muitas vezes filha da necessidade.

É gente, como já disse, imprevidente, capazes de sofrer a fome, e de se sustentar com pouco; mas em havendo abundância não têm medidas nem em comer nem em beber.

O seu sustento ordinário é um pouco de carne com farinha ou farofa; sustentam-se muitas vezes só com frutas silvestres. Quase nenhuma plantação fazem, além de uma roça de mandioca em roda da habitação, roça que quase sempre lhes não chega para o sustento do ano. Não se vê em toda das palhoças dessa pobre gente senão uma miserável rocinha de mandioca; algum milho, e arroz e isso é já muito. Vivem, quando se lhe acaba o mantimento, de caça, de pesca, e de frutas silvestres, ou então de roubos. Alguns procuram trabalho; mas são pouco constantes nêle. É fácil prever quanto pode ser desastrosa uma irregularidade de estação!

É notável nesta gente (é a observação já feita por estrangeiros) o desenvolvimento da intelligência. As crianças são vivas, prontas em respostas, atiladas, desembaraçadas, perguntadeiras. As mulheres mui tratáveis, prestam-se da melhor vontade, sem constrangimento algum a dar informações, que se lhe podem, fazendo sempre reflexões, e questões que indicam certa perspicácia. Nos homens se dá também viveza, loquacidade e astúcia. Dizem que para o sertão é isso ainda melhor. O certo é que há grande diferença entre estes e os nossos matutos. Tanto mulheres (e estas mais) como homens são capazes de grande desenvolvimento industrial.

Com efeito há aqui muito mais indústrias nacionais do que no Rio de Janeiro. Faz-se muito bom quijo, e abundante. Vi obras de chifre, imitando

a tartaruga (de Aracati). No sertão curte-se muito bem; e fazem roupas de couro curtido. Faz-se velas de carnaúba.

As mulheres tem muitas indústrias, fazem filós e outras obras mui delicadas de pano, de polvilho (goma) etc. Tecem panos grosseiros. Tecem rdeas admiravelmente; bordam-as de branco, e de cores. Fazem muita renda, em almofadas de colo, que são uns travessieiros grossos e curtos, às vèzes cheios de palha. Fazem crivos que chamam labarintos, perfeitamente executados e custosos. Fazem obras de goma de polvilho mui delicadas, etc.

Há aqui officiaes de carpinteiro (que chamam carapinas) que trabalham muito bem; e admirei-me de os ver trabalhar com excellente e moderna ferramenta.

Não trabalham mal de sapateiros, e exportam obra feita.

GENTE DO CEARÁ [1]

A gente branca.

Parece ser mais ou menos mesclada da raça americana.

Nos homens não tenho achado esse tipo que no Sul se reputa próprio da gente do Norte, nem lhes tenho achado alguma particularidade que seja comum. Não tenho observado esse achatamento da cabeça senão em alguns casos. Alguns são bem apessoados, principalmente os filhos do sertão. Há no oval do rosto alguma differença, aqui é mais curto, e no Sul mais longo.

Nas mulheres, môças, há alguma coisa no oval do rosto que lhes dá certa fisionomia própria; sem serem formosas são em geral bonitas e gentis; os olhos são belos, e às vèzes mui belos, os dentes em geral mui bons; os cabelos pretos, corridos, bastos; os bustos aúrosos, o porte elegante. Algumas são claras e mesmo coradas, muitas são morenas; vestem-se e penteiam-se por si mesmas e com bastante elegância; andam mui desembaraçadas, são espirituosas, conversadeiras, muito mais que as nossas do Sul. Costam muito da música, e têm para ella propensões; muitas tocam piano e cantam mas quase sempre sem ensino, porque lhes falta mesura. Asacveram que todos estes dotes são ainda mais perfeitos nas sertanejas. Apresentam-se bem nas salas; e sustentam perfeitamente a conversação; mas faltando-lhes cultura, a conversa torna-se às vèzes fresca demais*, mesmo em presença dos pais (isto não é observação minha, algumas tenho visto bastante recatadas). Com essa liberdade de conversação, e um pouco de relaxar dos costumes, parece que não respeitam muito

* As môças em ouzindo a conversa sobre casamento tomam nella grande interesse, e discorrem largamente sobre os meios, vantagens, inconvenientes, e quanto respeita a esse estado, com grande liberdade e fôrça em presença de seus pais, que parecem até recatarem-se a não fôrça.

o sentimento da honestidade nem a fidelidade conjugal (deve sem dúvida haver a este respeito honrosas excepções *). São industriosas, e trabalham bem em labores de costura, etc. Em geral sabem ler — algumas têm sua tintura do francês, e do desenho.

As meninas de colégio andam bem vestidinhas (na cidade, e não aqui em Pacatuba, dando-se o desconto) e desembaraçadas.

Nos homens, parece que em geral, não respeitam muito os meios honestos de ganhar dinheiro, só a vida de ganho os faz um pouco ciganos. Os ólios políticos, bem que já bastante arrefecidos, ainda os dominam muito.

Em geral todos têm grandes queixas da centralização do governo; há prejuízos arrojados, muitos apreciam o falso das coisas, e uma certa tendência pueril para o que chamam liberdade. Deixam mesmo entrever o desejo de independência, e os sonhos da república. Isto o temos notado mesmo no sexo feminino. Há sobretudo um sentimento de inveja para com o Rio de Janeiro, que se manifesta a seu pesar.

São inimigos dos portuguezes, a quem tratam de *marinheiros*. Todavia há aqui, bem que poucos, alguns portuguezes distintos e ricos, como são o Comendador Machado, o Gouveia, que é Cônsul do seu país, etc.

São também elles que tendo mais alguma instrução, se ingêrem nos partidos políticos, e se fazem seus chefes — política toda pessoal, odienta, e interesseira.

Em geral são hospitaleiros; e nós os membros da Comissão o temos experimentado. É fácil termos entrada nas casas de famílias, e se é muito bem recebido. Diz-se porém que em negócios não são os homens muito sinceros, e que não perdem ocasião dum *bom negócio*. São muito obsequiaes e presentes; nós temos constantemente provas disso. As senhoras particularmente nos confundem com presentes. Instam connosco para vermos seus sitios, e estarmos aí o tempo que nos parecer.

É sem dúvida gente muito amável.

As senhoras saem pouco, e nas roças andam a cavallo e de carro. Sempre as tenho visto bem vestidas e asseadas.

Na cidade é costume de se sentarem os homens, de tarde e até alta noite junto à porta nos largos e excellentes passeios das ruas; as senhoras se ajuntam em famílias. Conversa-se, toca-se, canta-se e toma-se chá. Há um costume, a que nunca assisti, de se passear na praia, e de tomar-se banho no mar de noite; e mesmo de se ir ceiar peixe af numa casa conhecida nas belas noites. Este uso vai-se perdendo.

Agora temos visto mui de perto, e numa sociedade um pouco mais distinta (a família do Senhor Valente, em Pacatuba), o costume de terem os me-

* Era o mesmo há 50 annos no Rio de Janeiro: e sem dúvida não são das as únicas culpadas se commetterem faltas contra o honesto e devoto. Aqui estão os sacerdotes que vivem escandalosamente, e sem o menor sentimento de pudor.

ninhos nus. No meio da sala se apresentam crianças de ambos os sexos, já creanças, inteiramente nus, mais ou menos limpos, às vezes bem sujinhos, e com o maior desembaraço saltam e sobem pelas cadeiras, atiram-se ao colo das senhoras, que gostam e riem-se. É um quadro curioso para nós. Já tínhamos visto isso pelas ruas, até mesmo na capital; já tínhamos visto na Manguba os molequinhos; mas aí os não consentiam as senhoras e os faziam retirar logo; mas aqui o painel é natural, indifferente para a gente do país.

A Senhora do Senhor Franklin me disse uma vez que logo que ela chegou do sertão (onde é filha) estranhou muito a vida do cêrro (cidade) e que uma das coisas que mais estranhava era ver meninas quase nuças andarem nus. É isto evidentemente ainda resto dos costumes indígenas.

Agora disse que alguns dos netos do Senhor Valente são tão bonitos e tão médios, que quando apareciam limpos, eu gostava de os ver assim.

Reflexão. A beleza das formas desta gente, e que em meninos, são alguns tão claros como ingleses, e que fazem contraste com os da nossa gente de lá do Rio, tal conformação e docútil em geral, pode ser devida em parte a influencia do clima, em geral saudável e ameno; mas creio tem grande parte nisso a mistura com o sangue americano, quando no Rio predomina a mistura do sangue africano.

A esta mescla americana será também devida a clareza de intelligência, a viveza, e desembaraço que mostra o povo, e que os assemelham um pouco com os da raça espanhola do sul da América? Aqui em Pacatuba tenho visto meninos servindo de coxeiros tão vivos e lesteos como os portuguezitos que chegam ao Rio. Na casa do Valente, é um seu filho de 8 para 9 anos.

O talento para a música, as propensões para objectos de indústrias e artes, que mostram as meninas, nos causam um grande pesar de os não ver aproveitados: e elas são as primeiras a lamentarem isso.

Ontem à noite voltando da casa do Valente presenciámos uma dança (a baiana) entre rapazes, ao som da viola, em uma palhoça (eram só homens) e que achamos inteiramente semelhante ao nosso fado. Dançava só um, ou dois, fazendo passos diffíceis e ligeiros, com attitudes mais ou menos engraçadas, ou grótescas, acompanhado de canto.

[CHUVAS]

Ontem e hoje tem chovido grossas pancadas de chuva de tarde e ao anoitecer, fuzilando a sueste. É curioso que no começo dos invernos são as chuvas de manhã; sómente depois vão sendo mais tarde, e ultimamente são mais de tarde, e de noite, havendo algumas noites em que chove quase constantemente. Dizem que no sertão as chuvas são sempre de tarde. As trovoadas aqui em beira-mar são raras, e quase sempre fracas; algumas que vi mais eminentes foram aqui em Pacatuba na vizinhança das serras, mas eram insignificantes.

Ainda não vi aqui ventos violentos, mas há quase constantemente uma aragem de leste, mais ou menos. As chuvas, aqui em Pacatuba vêm quase sempre do lado do leste. Na capital são quase sempre tocadas por suestes. Fuzila quase constantemente pelo horizonte de sueste até sudoeste. A umidade se tem tornado excessiva, tudo molha, aqui como na cidade. A temperatura na cidade tem andado entre 26 e 28 centígrados. Os dias são quentes, fazendo-se exercício, ou expondo-se a gente ao sol, mas dentro de casa e em repouso sente-se pouco calor; mas há uma copiosa e constante transpiração; ao menos isso me acontece; não posso estar sentado 5 minutos escrevendo, ou desenhando sem cobrir-me de suor, e é-me necessário pôr-me na rede e balançar-me para refrescar. Isto é um grande benefício da rede. É-me [necessário] ter sempre 3 e 4 camisas de meia em uso, alternando-as.

O céu é bello, o ar da noite sereno e limpo, as estrelas brilhantes, e a lua muitas vezes forma halos, e arco-íris, ou antes halos irrisados.

Agora estão os rios, ou antes as grandes torrentes, cheios e negando passagem, como já me tem acontecido. É este o único embaraço para se viajar no fim dos invernos, porque estes têm chuvas de grossas e copiosas pancadas, apressando logo o bom tempo, não sendo também pequena inconveniência ser-se surpreendido no tempo mais bello por uma copiosa chuva, como também já me tem acontecido.

INSELOS INCOMODOS

Durante o inverno, (quero dizer, o verão) não sentimos pulgas; agora (maio) vão aparecendo. No entanto a rede, tendo-se cuidado, é um bom preservativo.

Percevejos dizem que aqui os não há; todavia o Lagos já teve ocasião de ver um.

Mosquitos, pernilongos, que aqui chamam mariçocas, são raros, ao menos temos sido pouco ou nada incomodados por elles tanto na cidade como aqui em Pacatuba, e outros lugares, apesar de encharcados.

Borrachudos ainda os não vi; existem na serra da Aratanha.

Meruins — também os não vi ainda; há muitos na serra, diz o Senhor Costa.

Varejas — hoje vi algumas, andando a cavallo. Mósas há bastantes. Baratas inúmeras e de várias castas.

Alacraes são mui frequentes e perigosos — dentro de casa.

Bichos dos pés são também frequentes.

Formigas... Cupins... Maribondos...

SERPENTES

São mui variadas, mui grandes, e mui numerosas; frequentemente se encontram dentro das casas.

Jibóias, cascavéis, jararacas, surucucus, etc.

Ratos (quabirus) não os tenho visto em grande quantidade.

Camundongos, ou ratinhos. Ainda não os vi — nem no fôrro da casa da cidade, nem nos telhados da casa em que moramos em Pacatuba, nem nos valos de despejo tenho visto ratos. Mas diz o Senhor J. da Costa que na serra (a de Aracônia) há muitos que destroem os cafés, os milhos e até a mandioca. Há também os macós, preás, e jumarés que fazem estragos nas plantações.

Morcegos ha bastantes...

19.V-1859. Pacatuba

ALIMENTAÇÃO DA GENTE DO CEARÁ

Ainda não tenho bastantes observações, para um conhecimento exato do modo de se alimentar esta gente. Direi só o que tenho presenciado.

Na mesa do Presidente, onde algumas vezes tenho jantado, e tomado chá, em grande companhia é tudo como no Rio: comida, massas, doces, etc.

Nas casas particulares, e de pessoas que estão na primeira plana, temos observado grande prolusão, como é costume nosso: mas muitas carnes, alguns pastéis, ou massas, muito pouca, ou nem uma verdura. A vaca cozida ajuntam abóboras, e um pouco de man toicinho do Ceará, que é como o mussô fresco. Assim ainda não pude saborear a boa carne do Ceará, nem assim, nem em assados. Como a boa daqui tenho-a visto lá, e melhor. Dizem que com efeito este [ano] não tem havido carne boa; a carne de vento, também não lhe tenho achado êsses primores; veremos quando estivermos no sertão. Galinhas de carne dura, e patos usam aqui muito, o porco e carneiro, pouco. A sopa é sempre desenhada, pela ausência de temperos, de que são muito escassos. O seu adubo é o molho de pimenta que o fazem muito bom. Vem sempre a farofa que é farinha molhada apenas com um bocadinho de sal, com que se come quase tudo, ou também com arroz. As carnes assadas são as mais usadas. Há dias assistimos a um banquete de batizado, no engenho do Senhor Sabóia, e tanto no almoço como no jantar uma longa mesa estava coberta de assados: exceto a sopa, o arroz, e uma frigideira, era vaca, porco, carneiro, galinha, peru etc., tudo assado.

Usam muito do leite e a tóda a hora em *coalhadas*, em requições, e em garapas. Os queijos os fazem em abundância, alguns grandes de 8 e 16 libras, quadrados, ou em forma de barris. Têm para mim o defeito de serem pouco salgados, e sempre um pouco correntes. As coalhadas são boas; mas um pouco indigestas para quem não está habituado a elas.

Abundam as frutas na mesa, principalmente neste tempo — são laranjas mui grandes, e assaz boas; bananas de várias qualidades e boas; atas, abacaxis, jacas, e outras menos usuais.

Gostam muito de limonadas, a que chamam garapas e as fazem de várias frutas: de maracujás, de cajás, de caju, de jenipapo, de cacau, etc. muitas vezes com leite, como é a do jenipapo.

Tomam muito da água do côco, como refresco, e com ela fazem também alguns pratos.

Usam também muito da garapa de caldo de cana, um pouco picado.

Enfim fazem muito bons doces, tanto de calda como de massas.

Para o café e chá, além do pão, bolachas, etc., usam de vários biscoitos, de trigo, de araruta, e de tapioca (a que chamam goma), usam de beijos de massas e de tapioca, de rosas,...

Em algumas fazendas, onde temos sido hospedados, toma-se café simples de manhã; almoça-se de garfo das 10 ao meio-dia, e janta-se das 4 às 5; toma-se chá depois das 10. Nos intervalos comem-se frutas. bebe-se garapas, leite de côco, ou cerveja.

Na cidade e portos de mar há bom peixe: mas no interior é raro achá-lo. Há muito pouco camarão. O sustento geral do povo é carne e farinha, rapadura, outra qualquer coisa é por brincadeira (diz o Senhor Juvenal). Hoje porém que a carne vai encarecendo muitos usam do bacalhau.

O povo, o trabalhador, o pobre contentam-se com carne de vento ou bacalhau e farofa, ou arroz, ou angu de mólho; e felizes quando isso acham. Regalam-se, e muitos matam a fome, com frutas silvestres e com caju, que já hoje é raro. Os pobres sofrem fome, e misérias, às vezes dão graças a Deus se têm um pouco de farinha de mandioca pura.

Aos trabalhadores se dá por alimento carne assada ou bacalhau, duas vezes ao dia, com farofa, ou com angu de milho, ou arroz. A ceia é munguzá, ou milho cozido, ou curi, batata, etc.

A macaxeira, ou aipim é também estimada mas plantam pouco porque é muito roubada.

Há atualmente grande carestia de tudo; e admira como vive esta gente pobre.

FABRICA DA FARINHA

São sempre casas abertas, quer a do pobre, quer a do rico. A mandioca é rapada, como lá no Rio se faz (será lavada?). A máquina de cevar é sempre composta duma roda grande movida por dois homens, a qual por meio duma corda ou laço move um rodete, ou um cilindro, assentado baixo de sorte que a cevadeira pode estar em pé, mas também se senta sobre a mesa onde se põe a mandioca, e sempre de frente para a roda. Alguns têm este engenho todo de ferro, como o do Senhor Franklin. É uma roda de 4 a 5 palmos de diâmetro dentado, e que move o rodete preso ao cilindro. Tudo assenta em mesa de ferro *.

* Estas fábricas são as mesmas para o grande proprietário, ou para o pequeno lavrador, com excepção do tamanho, e posição.

A massa é espremida em prensas, estas são apertadas por uma enorme alavanca movida por um parafuso (como a da casa do Azarias).

O forno de farinha é de tijolo, mui grande, com 10 e mais palmos de diâmetro, e a massa é mexida com um rãdo de cabo comprido. O Senhor Franklin comprou um forno de ferro fundido, mas não se deram com ele, e o abandonaram. Na fazenda do Senhor Gouveia, em Vila Velha, o forno é de cobre e com as dimensões ordinárias.

A farinha é sempre cheia de caroços de todos os tamanhos, até o de um grão de milho.

29 V 1859. Pacatuba

HABITAÇÕES

As casas na cidade são inteiramente semelhantes às do Rio — terreas, e sobrados, com as diferenças exigidas pelas circunstâncias de cada país. Nos sobrados há a mesma mania de côres e ornatos sem gosto, e sem arte. No exterior, a mesma ausência de regras arquitetônicas: regula o capricho do mestre-de-obras; mas têm todos um aspecto que agrada pelo asseio. O interior é ornado e mobiliado do mesmo modo que lá; só notei que aqui há sempre nas salas uma ou duas cadeiras de balanço.

Pelo interior se acha por toda a parte, na sala de visitas, e até nos corredores, ferros de pendurar rêdes, que chamam armadores. Em uma sala ou alcova quadrada, com 4 armadores se suspendem 5 rêdes. Na rêde se dorme, se lê, se conversa, etc. Em algumas casas há um leito, ou cama de parada, para um hóspede*. Porém de ordinário é esse um traste escusado, e não existe. Nas rêdes há grande luxo de crivos, de rendas, de bordados brancos ou de côres. Com a rêde, um lençol, ou colchão, está a cama feita; usam também de umas pequenas almofadinhas, muito historiadas; mas eu nunca me ajeitei com elas, e as dispensei bem.

Não se deita na rêde a fim comprido, mas diagonalmente (e mesmo atravessado) e é assim que ela oferece melhor cômodo, ficando o corpo direito, e não curvo, e por isso são as rêdes mui largas. Hoje já me acho habituado com elas, e têm uma grande vantagem para o país, e é que balançando, refresca e não se sente calor. E enfim livra das pulgas. Outra vantagem é que dispensa alcovas; qualquer sala, mesmo a de jantar, se transforma em quarto de dormir, que toma de manhã seu uso ordinário. Nas casas pobres dispensa também cadeiras e sofás.

Nas fazendas, que aqui chamam sítios, há algumas casas nobres, como a que está fazendo no seu engenho o Senhor Tenente-Coronel J. Franklin de

* Em algumas casas (no Crato, em Pacatuba, aqui na Capital) as casas têm uma cama, para ocasião dos parcos.

Lima; mas de ordinário são comuns com as fábricas. A do Senhor José António da Costa tem fábrica de açúcar e aguardente, máquina de despolpar café e de socar no mesmo edifício; e pela maior parte são térreas como a antiga do Senhor Franklin, a do Senhor Domingos da Costa e a em que está o Senhor Sabóia. A casa de fazer farinha a tenho visto quase sempre separada. São estas casas de fazendas ladrilhadas e de telha-vã. O ladrilho comum é de tijolos longos, semelhantes aos de alvenaria, porém menores, e mais bem feitos; e são bem assentados, e de várias formas.

As casas mesmo das cidades como Crato, Ioiá, etc., não só são de telha-vã, mas as paredes interiores não chegam aos tellados, ficando tudo aberto, e se comunicando por cima.

Casas do povo, ou caboclos. São palhoças feitas com forquilha, e madeiramento todo bruto, e leve; as paredes e as portas são de palha de palmeira da serra, ou de carnaúba. Têm de ordinário dois repartimentos: um é alcova, e outro sala e cozinha; este último é muitas vezes aberto de um ou mais lados; como também no Rio fazemos.

Algumas vezes os tetos, e paredes são trançados com arte, e elegância; as portas são trançadas com esteiras. Estas casas se acham já nos arredores da Capital, formam seus arrabaldes, são arruadas, têm igrejas, etc. Vê-se nestas casas acumuladas famílias numerosas, pois são de uma fecundidade espantosa, e vê-se dentro raparigas, e mulheres ocupadas, já na cozinha, já cozendo, fazendo rendas, ou crivos, e outras indústrias e em frente da casa muitas crianças nuas relouçando-se nas profundas areias que rodeiam as casas e formam as ruas.

O melão de-são-caetano que cresce aqui por toda a parte, sobe e alastra sobre essas palhoças, cobrindo as paredes e tetos de modo a parecer feitas dessa erva, o que não deixa de ser elegante: nas cercas faz êle o mesmo cobrindo-as inteiramente. Estas miseráveis habitações custam aqui na cidade 100\$000 e se alugam por 2\$000 por mês. Algumas têm as paredes de pau a pique e barrreadas; outras são cobertas de relhas com paredes de palha. Algumas são caiadas, com suas portas de madeira, e pintadas; outras com paredes de paus enjos vãos se enche com tudo o que acham à mão. Assim ao pé do mactadoiro servem-se dos chifres, digo, do miolo dêles; perto dos engenhos servem-se do bagaço de cana, etc.

É tudo o que pode ter de mais miserável. É só num país onde grande parte do ano é seco, se pode viver em tais casabres. No entanto há aí felicidade no seu género! Aí se ouve o riso e o canto!

O canto, disse eu, mas é raro. Tenho notado que o povo aqui não é tão amigo do canto como o nosso, raro se ouve nas palhoças cantar; raro no serviço da roça ou outro. Disse-me porém o Capitão Justa (Henrique) que quando estão na apanha do café cantam muito. Ainda não pudemos ver aqui um fado, que elles chamam *samba*, onde se dançam várias danças; mas como quase sempre

Há bebedeira os delegados de policia com difficuldades os consentem. O subdelegado aqui de Pacatuba já nos disse que permitiria um para o vermos, mas ainda não houve occasião. É o Lago o mais empenhado nisso.

CONSTRUÇÃO DAS CASAS

Na cidade são as casas feitas de tijolo, e de ordinário serve de argamassa uma terra arenosa, semelhante à nossa superficie. Ajuntam-lhe alguma areia que é preciso e mais nada; mas nos edificios públicos, e quando se quer obra mais segura se lhe ajunta um pouco de cal. Só nos alicerces é que usam de pedra — é rara — e as calçadas da cidade se fazem com um grés ferruginoso de Mucuripe.

As portadas são fingidas, com o mesmo tijolo; o rebóco é porém muy bom porque a cal que aqui usam é de pedras de que há aqui grande porção e é um ramo de indústria. É depois tudo branco e muy alvo. Hoje estão fazendo como no Rio os cantos arredondados — platibandas, cunilhas pintadas, etc. São de ordinário as casas térreas ladrilhadas; e o ladrilho é de tijolos como o de alvenaria (melhor que o nosso) e muito bem assentado com várias formas, principalmente em zigzague, como também são os passeios das ruas. Em algumas casas tenho visto ladrilho largo; e nas outras o ladrilho francês hexagonal. As telhas são boas, mais pequenas que as nossas, e bem feitas. Não se vê no telhado por dentro, tanto caco calçando as telhas, nem por fora muita telha quebrada. São tomadas só as telhas da cumieita, e espigões, e as bocas. No entanto há aqui ventanias fortes. Na casa em que estamos, na Pacatuba, as telhas são postas com tal regularidade que se não vêem os lugares onde se emendou, porque sendo os caibros e ripas de pernas serradas, e duas ripas alcançando o comprimento da telha, são todas postas em filas certas, e ajuntadas por cima da ripa, de modo a se esconderem as emendas. Isto é para casa de telha-vô.

Há na cidade bastantes casas de um andar. A em que assistimos na cidade, do Comendador Machado, é de dois andares e outras que ficam por detrás têm sobreloja, sobrado e sócio rasgado; é o maior prédio particular que aqui há.

No que esta pequena cidade leva vantagem ao monstruoso Rio de Janeiro, é que seus estabelecimentos públicos, que não são poucos, são grandiosos relativamente, têm uma arquitetura simples e elegante, e mais que tudo são feitos de propósito, e acomodados ao seu destino. Tais são quartéis para tropas e para policia, Tesouraria, Liceu, casa de educandos (que se está construindo) cadeia, cemitério, etc.

A Matriz é um belo templo, novo, grande, com três naves, sustentadas por grossas e baixas columnas, ao modo egipcio (porque os materiais não oferecem grande resistência). Há mais umas três ou quatro igrejas, umas velhas outras não acabadas, e mais algumas principiadas. É a única que tenho visto no Ceará com o corpo da igreja furtado no teto.

O Palácio do Governo é vasto e singelo, com sobrado pela frente e fundos térreos. Encerra a Secretaria do Governo. Mas como acontece muito no Rio de Janeiro, como as ruas não quadram com a praça, as duas faces, a direita e a da praça ajuntam por ângulo obtuso, ficando a sala do canto sem esquadilha.

MADIEIRAS EMPREGADAS NAS CASAS

Toda ou quase toda o madeiramento do ar é de pau d'arco (ipê). As pentadas são de pau-branco, barrotes de arocira, e portas, revestimentos, lótro, e aoitão tudo é de cedro.

Para fora da cidade, em casas melhores ainda é o tijolo que serve de pilares, e paredes. Em algumas casas antigas e do tempo em que as malás eram vizinhas há esteios, e são de coração-de-negro (os melhores) arocira, jucá, etc.

Nas palhoças dos pobres é quase sómente o pau chamado sabiá que é empregado, porque abunda por toda a parte, isto é, fora dos tabuleiros arenosos.

Falta-me falar da Carnaúba, elegantes palmeiras, de que grande parte da Província é coberta. Dela tudo se aproveita — a raiz supõe a salsa parilha, alguns a preferem mesmo, mas outros usam das duas coisas misturadas, e dizem que o efeito é prodigioso. Da folha se tira a cera que é hoje objecto de industria no país. As velas, de que ordinariamente se usam são desta cera. Quando aqui chegamos a Parauha custava um vintém uma velinha dessas, passaram a 30 réis e hoje nos disse o José do G que estão a 2 vinténs, isto no espaço de 2 meses. Tem cor trigueira; mas não exalam mau cheiro, como as que vi no Rio, e uma velinha destas dura como uma das de sebo de 10 nossas. Com as folhas fazem mil coisas, tiram corda delas, fazem enchimentos, ou suadores para as cangalhas, tecem esteiras, chapéus, abanos, cobrem casas, e do nó fazem bicas, e outras coisas; porém o seu uso mais importante é de madeiramento para casas. Há casas feitas só com carnaubeiras desde os esteios — porém estes não duram muito. Mas [para] madeiras do ar é ela excelente. Na cidade mesmo há casas cujos frechais, travessas e cumieiras são de carnaúbas. Inda há poucos dias estivemos no engenho em que está o Senhor Sabóia; o corpo do engenho, que é um casarão todo aberto pelos lados, aí são os esteios de boa madeira, mas toscos, e até comasca cortados no cimo em boca de lábio; e todo o madeiramento de cima, a saber, cumieiras, frechais, travessas, côrças, rezouras, caibros — tudo era de carnaúba. O uso das ripas de carnaúba é particular, ainda agora está se edificando na praça da cidade um prédio cujos caibros são de carnaúba — são carnaúbas rachadas e feitas em bicas, postas ao comprido, e aproximadas; sobre essas bicas se assentam as telhas de cano, de sorte que dispensam ripas; é madeiramento pesado, e feio. Hoje, e sempre, nos edificios nobres, e casas melhores se fazem caibros de pau-d'arco, e ripas de sarrafos de cedro, ou duma taquarinha chamada taboca. No engenho do Senhor Franklin, e na casa que era

reservada para moradia são as ripas de tabua e dobradas. Do miolo tiram fôcula, que não é clara, e muito boa para ruínas.

Fazem aqui uma telha angular ou dobrada em ângulo, talvez para assentar melhor sobre as bicas de carnaúba.

22-V-1859

Aqui esteve hoje o Senhor Juvenal e nos disse que o (ufão de ontem den com muita força em alguns lugares da serra, assolou algumas plantações e derribou uma casa nova num sítio da serra, que ainda não estava habitada, e havia gastado o dono com ela mais de dois contos de réis.

Alguns aqui de Pacatuba disseram que nunca aqui tinham visto vento tão forte. Hoje tem estado o dia sempre mais ou menos carregado, e quente; mas a noite foi bem fresca.

De noite fomos passar o serão na casa do Senhor Valente, negociante e proprietário que tem uma grande família, 8 moças, 3 casacas, e 5 solteiras. Esta família veio de Aracati há 3 anos e aqui se estabeleceu. O Senhor Valente está quase cego; tem 60 anos mais ou menos; sua mulher está bem disposta, já tem muitos netos e lindos. (Das moças quatro cantaram modinhas).

Tomou-se chá, com muitos biscoitinhos e doces vários — depois jogamos o víspera (eram 6 homens e 2 senhoras) até quase meia-noite; eu jogava de sociedade com um dos senhores e ganhámos muito.

Às 10 horas pouco mais ou menos entrou a chover; quando fez uma pequena parada saímos, e viemos para casa com chuva, lama, água, etc. Um menino que vinha com um castiçal e vela acesa não nos pôde acompanhar, porque o vento lhe apagou a vela. Eramos eu, o Vila-Real, o Estêvão, o Capitão Henrique da Justa, um seu primo José Luís. O Estêvão não quis entrar; os dois entraram e tomaram café conosco; comemos de um prato de bananas-da-terra feitas com manteiga e açúcar, que nos tinha mandado da serra a senhora D. Maria Trófia; conversámos depois muito porque não tínhamos sono: seria mais de 1 hora quando os dois se despediram, e nos deitámos.

[23-V-1859]

Segunda-feira 25. Estando acabando de jantar nos chegou uma bandeija com um magnifico prato de papas de milho (canjica), rodeado de laranjas — guardei o papel picado que cobria o prato, por ser uma amostra da habilidade das meninas.

De tardinha fui lá ver os olhos do Valente, e à noite voltei para o víspera; lá tomamos chá com docinhos, queijo picado, bolachas, etc., e às 10 horas nos retirámos e viemos ainda tomar o nosso café, comer papas, etc., e conversar até quase 11 horas. Eram companheiros o Capitão Justa, e José Luís, rapazes patuscos. É uma boa distração que aqui temos.

30-V-1859 [Fortaleza]

Sexta-feira. Trepanteontem vim com o Lago de Pacatuba; e notando a vegetação vi poucas flores, à exceção de algumas Convolvuláceas, Leguminosas (mimosáceas e cassias) e Malváceas. Frutos quase todos verdes, como o da Cauaçu, e essa poucos; a do Manapuá e algumas Mirtáceas. Vi alguns pêsinhos de Jacobá; notei uma rubiácea de bagas rubras, e que provando uma lhe achei o gosto da polpa da semente do café; seria curioso fazer-se alguma experiência com ela. Os rios e lagos têm alguma água, mas não demasiada.

Ontem depois do almoço (não se tendo verificado a viagem do Coco, por não estar lá o Machado) fui fazer uma excursão pelo caminho que conduz a Soure, levando comigo meu criado. Em passando o Jacaréanga, até onde chegam as habitações, e sítios dos arredores da cidade, vagueamos um pouco pelo meio dos tabuleiros, expostos a um sol bastante forte. Antes porém tínhamos já colhido ramos com fruto do pau leão, de uma arvoreta, que está em frente da igreja; depois junto a uma palhoça e à beira da estrada está uma árvore baixa e copada, que me disse uma cabocla que se chama *Timbuiba*; é uma leguminosa mimosácea, de que já na barra do Ceará vi uma canoinha; citamos um ramo.

Pelos tabuleiros está florescendo a *cocofoaba*, que me deram com o nome de Carrasco. Os barbatimões estão com brotos novos e com frutos verdes, e alguns com flor; colhi ramos destes. As Janagubas estão com as folhinhas abertas e sem sementes, com dificuldade achei um folículo ainda verde, que colhi.

Estão algumas rubiáceas arbustivas em flor; uma delas, de folhas verticiladas (talvez *Hemelia*) tinha flores, e frutinhas verdes; colhi exemplares. Uma Gônfiá que é aí comum tinha raras frutinhas verdes; algumas mirtáceas tinham, umas, flores, e outras frutos verdes. Malpighiáceas com frutos, muricis (ainda não vi o verdadeiro, digo a fruta). Guajerus, e *Erythroxilons* sem flor nem fruto. Ternácea com frutos. Uma passiflora com flor.

31-V-1859

Hoje 31 de maio, pelas 11 horas da manhã montei a cavalo, e acompanhado pelo meu criado me dirigi para o lado de Mucuripe. Estando no Oiteiro, e tendo passado pelo Colégio dos Educandos (creio que assim se chama o elegante e vasto edificio que aí se está concluindo) me aventurei pelo labirinto de caminhos que aí há, e depois de muitas voltas, e perguntas fui sair errado à praia junto à frente da Allandega. Não querendo voltar, tive de subir e descer vastos combros de areia fina, onde o cavalo se metia até os joelhos, e assim seguindo os areais andei por eles mais de meia légua, ora me aproximando do mar, ora encostando-me aos matos. Em [alguns] lugares fica o mar de 300 a 400 braças de distância, ficando de ordinário junto às matas (carrascos) os com-

bros e montes de areia, e entre estes e o mar grandes depressões de terreno, onde se junta água, formando lagoas rasas e largas. Em tôdas elas havia grupos de lavadeiras, e crianças brincando-se. A água é doce, com ela lavam, e dela bebem, e é perfeitamente transparente. Das lavadeiras, que são caboclas, mestiças, e algumas pretas, várias estavam nuas, e se agacharam quando eu passava, dando as outras grande risadas. (É este o costume dessa gente: quando vai ao rio lavar roupa, em algum lugar mais retirado, se põem tôdas nuas; disto já tivemos notícia em Pacatuba).

A primeira vez que passei por estes lugares notei uns cajueiros muito rasteiros, lançando raiz mui longe, fenómeno que se attribui aos ventos.

Hoje tive occasião de estudar melhor este negocio, e vi que me tinha enganado. Eis aqui o que é:

Por tôda a costa do Rio Grande, Ceará, costa que é vasta e arenosa, os montes, ou combros de areias estão sempre mudando-se pela ação continua dos ventos; ou essa areia seja lançada à praia pelo mar, ou seja trazida pelo correr da costa quando ella toma a direção dos ventos gerais, enquanto não acham obstáculo, as areias marcham sempre conforme o movimento dos ventos, mas logo que acham um obstáculo, tornam a accumular-se, e vêm a formar montes mais ou menos vastos de modo a formar pela linha da costa uma sorte de muro.

Se encontram uma árvore forma-se logo junto a ella um montículo: se são muitas árvores em fileira forma-se um cordão de areia encostado a ellas. Ora, nas matas que bordam aqui a praia há grande número de cajueiros, enormes e copados, até o chão; se os areias encontram um certo número destas árvores, vão se accumulando junto a ellas, que impedem a passagem da areia e formam um atêrro do lado do mar, ou antes do vento, soterrando a árvore até as grimpas: quando são muitas árvores juntas é uma mortalha, que submerge só metade das árvores, e então é muito curioso ver-se metade da árvore descoberta, e a outra tôda enterrada na areia, por onde se chega até o cume da árvore, que não tem senão as extremidades dos ramos de fora, e tem-se um precipício do lado oposto. Se a árvore é isolada o effeito é mais curioso: forma-se o monte de areia por baixo da árvore que fica tôda soterrada, menos as pontas dos ramos que parecem pequenas árvores plantadas sobre o monte de areia. Isto é o que me iludia. Não é só com o cajueiro que isto acontece.

Mas é mais curioso porque a sua forma se presta para isso.

Com os muricis, que são arbustos copados e rasteiros da praia, acontece o mesmo — vê-se a cada passo montes de areias cobertos de murici: os troncos estão submergidos e as plantas vendo-se abafadas alongam constantemente seus ramos, e a areia continua a accumular-se.

Outro fenómeno curioso produzido pelos ventos é a inclinação das árvores, e a maneira por que lhes corram os galhos secos de modo que a árvore parece aparada a tisoua, entrando pela superficie da copa arredondada os ramos

secos e despidos de folhas. Isto aconteceu a muitas árvores dos tabuleiros vizinhos ao mar, cajueiros, e juazeiros principalmente.

Cheguei até o lugar onde encontrar *Conocarpus*, que colhi e voltei. Os juazeiros estão alguns com frutas maduras; os muricis estão com flor, e fruta verde; duas lindas bignonáceas estão com flor; duas espécies de passiflora estão com flor. Uma cassia arbórea que tinha apenas uma flor, pela qual fiz o desenho, algumas convolvuláceas, solanáceas (jurupêbas) algumas rubiáceas. A *Richardsônia* cresce sobre grande parte dos campos; a Meladinha (Malvacea), outra malvacea - tudo com flor. Cheguei à cidade depois de uma hora com forte solheira, e tracei logo de fazer o desenho das flores.

A respeito dos cajueiros soterrados, o que eu tomei por longas raízes eram galhos da árvore soterrados, mortos.

O convolvulo *pes-capra*, que aqui chamam salsa, abunda pelos combros e pela praia, assim por todo o tabuleiro, e mesmo pelo interior ou perto das serras; está constantemente com flor.

A outra convolvulácea de flores muito grandes, roxas, abundante também por toda a parte por onde tenho andado, a tenho visto sempre com flor desde o principio de fevereiro até hoje. Agora estão com fruta, mas ainda verdes.

Mais umas duas espécies de convolvuláceas vi hoje com flor.

Amanhã vamos a Curitiba; aqui esteve o Presidente agora e ficamos juntos. É lugar de muito bom peixe, e há na terra o ditado seguinte:

Açúcar de Jatazeiranga
Tatinha de Cocó
Cunhã de Porangaba
E farinha de Tipiú.

2-VI-1859

PASSO AO COCÓ

Ontem (1 de junho) acordamos estando chovendo, o que nos desconsolou, porque tínhamos a viagem justa; mas a chuva cessou logo, e nos pareceu que teríamos bom passeio. As 7 horas eu e o Lago montamos a cavalo, chegamos a palácio, esperamos um pouco pelo Presidente, que se aprontava; chegou logo depois o guarda-mor da Alfândega, Vitoriano. Tomamos segunda vez café; e esperamos por mais alguns que se tinham comprometido a virem. Havendo demora o Presidente mandou o ordenança saber se vinham ou não, voltou o ordenança com o recado de que iriam mais tarde; o cunhado do Presidente também não appareceu; montamos pois os quatro, seguidos do ordenança, e pusemos-nos a caminho. fomos muito bem quando em meio à viagem entra a cair um ligeiro chovisco; fomos sempre equipando ou a galope. A chuva ia sempre a mais, e quando chegamos ao sítio (como aqui chamam) do Comen-

dador Machado já chovia menos mal, e estávamos já bem molhados. O caminho, que é de légua e meia talvez, é excelente, e passa, no espaço duma légua por uma espessa mata, que lhe forma um bônco, e é todo plano e arenoso; me fez lembrar duma porção igual de caminho que tínhamos na Água Branca em Campo Grande — a semelhança era perfeita. O sítio do Senhor Machado ou a casa está assentada à margem, e a pouca distância do Rio Coró, e em lugar elevado; é uma casa antiga, mas vasta, de paredes grossas de tijolo, com cimbalha. O lado por onde se chega é mui largo, tendo três portas, e sete janelas, com intervalos de cinco a seis palmos. O pé direito não é muito alto, mas a casa é rodeada de um passeio de tijolo (a modo do Ceará) bastante largo, e alto 3 a 4 palmos do chão. O lado do pitão tem 3 janelas; onde está a sala de entrada, ou de visita; mas entra-se pelo lado de dentro, sobre uma área tijolada. São aqui os tijolos quadrados e grandes, e oscuros; e uma coisa notável é que as portas e janelas são postas por dentro, mas de lado, e na frente em meia parede, que como já disse é bastante grossa. Toda a casa é de solha-vã, telhado de carnaúba; e as paredes interiores, exceto a que divide a sala de entrada, chegam só às travessas, como é uso no Ceará. Para o interior e por detrás há grandes laços de casa, e cômodos para cozinha, engenho d'açúcar, seguramente de farinha, e outros cômodos de grande fazenda: seguindo currais, grande pomar, etc. O rio aqui não corre entre margens determinadas, derrama-se, formando muitas ilhas, e coroa, em grande largura (não pudemos lá ir, por causa do tempo). A barra fica a duas léguas, a barlavento de Mucuripe. A maré entra por elle e chega muito acima do sítio em que estávamos. Estava já muito vazio, mas a sua vista forma uma graciosa paisagem por entre numerosos coqueiros do sítio e coroa de mangues alienosos, no rio: quando elle está cheio, e que chega mais perto da casa apresenta a vista dum braço de mar. Tem o Senhor Machado esta possessão há mais ou menos 30 anos, vai até o mar, e se estende pela terra dentro talvez mais duma légua quadrada; e está quase todo o terreno coberto de matas primitivas; que se parecem com os nossos capoeirões. Tem muito boas madeiras de construção — pau-d'arco, pau-ferro (vi no interior da casa um estio que elle me asseverou ser de pau-ferro, cujo ceiro era negro como o do jucá); há o que aqui chamam perobas, etc.

Estas matas porém estão já bastante devastadas. Diz o Senhor Machado que as arcias para o lado de Mucuripe já lhe têm sucerrado muita légua de matas; não indaguei em que sentido contava a meia légua. Logo que chegamos fomos servidos de café simples, biscoitos, licores, etc. As 11 horas, já então havia chegado o conchado do Presidente (engenheiro da Província); fomos apresentados á familia, e servidos dum farto e delicado almoço: serviço de mesa prata, porcelana, cristais, etc. Depois da do Presidente, é a mesa mais decente que tenho visto (já em Minanguapé, engenho da viúva Viana, viros alguma coisa que se aproximava). Tivemos *farafotas* (paratis) do Cocó, tortas de camarão, grande profusão de carnes, doces, massas, excellent café, chá, etc., tudo muito bem feito. As 3 horas chegaram mais da cidade 3 cavaleiros, depois mais

dois empregados públicos, negociantes, magistrados, etc., todos com mais ou menos chuva, porque (o que é raro no Ceará) choveu até as 5 horas. Andou-se caçando (ou antes errando tiros) pelo pomar, e arredores. Eram atiradores o Presidente, e o Lago, que nada mataram e um filho do dono da casa que matou um periquito, e um touro branco, tendo dado 10, ou 12 tiros, com muitas galinhas. As 5 horas fomos servidos dum farto banquete; éramos os convivas 16 — 9 hóspedes e 7 de casa (3 homens e 4 senhoras). Acabando o jantar viemos todos para a sala (era já de noite) homens e senhoras, tomou-se café, conversou-se, e fez-se chistadas. O tempo havia consentado; eram mais de 8 horas quando montamos a cavalo, 10 cavaleiros com a ordenança, que por cautela jessou para diante. Passamos a mata, com cuidado por causa de uns grossos galhos de cajueiro, [que] obrigam a abaixar a cabeça. Dentro da mata era grande o escuro, nada se via. Chegamos felizmente à cidade depois das 9 horas. Passamos um dia cheio, bom que a chuva nos aguasse o prazer. Nada colhi — vi em caminho jatobás com fruta, e algumas árvores com flor, que traciono ir colher.

9-VI-1859. Pacatuba

Espancar: O Capitão Justa contando-me o que se passou nas suas fazendas de criação, disse-me que em uma delas há uma cacimba feita por seu avô; que numa seca diz-lhe que cavando por ela se encontrou uma terra dura — selão — impermeável, e que continuando a cavar com picaretas, rompeu-se o selão, e deu-se com areia donde surgiu água abundante, e que nunca falta. Disse que os vaqueiros cercam a cacimba com varas para que o gado a não destrua, deixando só uma entrada bem *espanada* por onde entra o gado, quer dizer, em rampa.

Abalar: O gado, digo as vacas parem ordinariamente pelo inverno. Se os verões são longos e há seca, elas deixam de parir; ou parem pouco, e os bezerros morrem muito.

Em geral durante um bom inverno o gado engorda muito, fica roliço, mas no fim das secas está com a pele sobre os ossos. As vacas paridas se recolhem de tarde e os vaqueiros têm um modo de as chamar, com um canto, ou grito alto, que se ouve a 1/4 de légua, a que elas acodem e chamam a isto *abalar*.

Ser sujeita: É ser cativa. É fôrta, ou cativa? Perguntei a uma escrava de J. da Costa. *Sou sujeita*, me respondeu ela. E seu marido? Também é *sujeito*.

Enfadoado, por cansado; cheguei da cidade muito *enfadoado*.

Ontem vindo da cidade notei no carnaubal bastantes árvores de Jatobá; mas nem uma tinha fruto. Parece ser a mesma espécie que temos no Rio. Existem também ali muitos angelins, que me parecem ser de uma das espécies do Rio (da que existe no Campo do Retiro). Não tinha flor nem fruto. Estavam

muitos ipês de flor encarnada floridos. Estão mimosáceas e cassias com flor ou botão.

Do pau branco ainda vi alguns com flor. Da catiguera estão muitas e grandes árvores ainda com flor.

14 VI 1859

Estamos a 14 de junho, e o dia foi quente, o céu mais ou menos annuviado, e das 4 às 6 da tarde choveu bastante. Anteontem estávamos em casa da família Valente, saímos de lá apressados porque entrara a chover, e logo que chegamos a casa caiu bastante chover ainda 9 horas da noite. Ontem e hoje nos preparamos para ir à Manguba visitar D. Brasília, e o não pudemos pela chuva.

20-VI-1859

Anteontem 18 de junho vindo de Pacatuba, notei no Carnaubal vários angelicos (*Andira*) que só aí tenho visto, e que estão agora principiando a florescer; muitos pés da caroba de folhudas miúdas, frutos grandes e ondulados na margem; estão com alguns frutos maduros. Ambas estas árvores têm o porte da nossa *Andira stipularia* no Rio. Há também aí muitos jacobás, também de pequeno porte, ou ainda não bem criados, e nos pântanos a cana, ou pacavira de flores amarelas. As carnaubeiras estão em flor.

Ontem aqui na capital (19 de junho) foi o dia bastante quente, e o céu indicando tormenta; hoje amanheceu chovendo, e fazendo frio como ainda não senti aqui. Tem continuado a cair chuvinhos, até 11 ou mais.

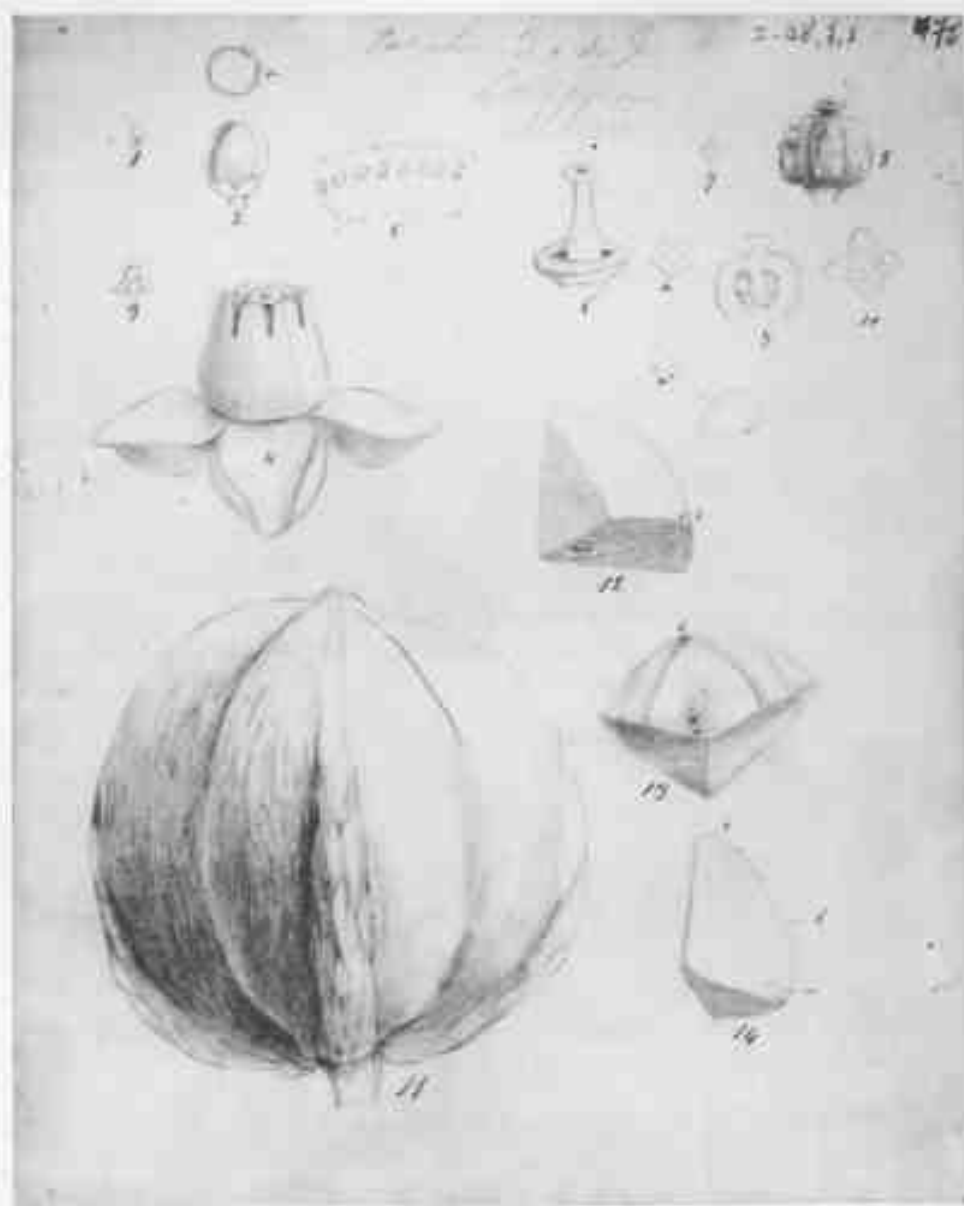
23-VI-1859. Pacatuba

Ontem vim da cidade de Fortaleza, em companhia do Capitão Henrique Gonçalves da Justa. Saímos da cidade às 3 horas e 10 minutos e chegamos alguns minutos antes das 8. Tivemos em caminho algumas demoras: os riachos e os rios haviam tomado alguma água, com a chuva da madrugada de ontem, que durou por mais de duas horas, e foi acompanhada de alguns trovões. Os dias precedentes haviam sido bastante quentes.

VEGETAÇÃO

Estão florescendo os angelins no Carnaubal; as carnaúbas estão também em flor.

O pau-parafba está também florescendo. Há muitas destas árvores nos tabuleiras.



Carapa. Descrição e desenho feitos em Fortaleza. 30 jun. 1859.

Os cipó-de-togo, a saber, uma *Davilla*, as tetríceras, que também chamam cipó-de-togo, e mufumo, estão com fruto.

Os cauçus, estão também dando alguma flor.

O lere (*Ficus*) está com muita flor.

Humiri, arbustos muito comuns nos tabuleiros, estão floridos.

As *dioscoreas* de lindas flores, e centrosemos.

Algumas malpighiáceas.

Cássias de grandes flores amarelas.

Mimosáceas de espigas de flores brancas.

Hoje de tardinha fui fazer a minha visita à família do Senhor M. C. Valente, com o Capitão Justa; saindo de lá seriam 8 horas, o Justa me convidou para ir assistir a um samba de negros na casa do Senhor Crisanto, cunhado do Senhor Antero. prontamente acedi, cuidando ir assistir a uma dança de negros em alguma palhoça ou sanzala; mas fui surpreendido quando chegando a casa do Crisanto, logo lá fora achei muita gente da principal de Pacatuba sentados em cadeiras fora da porta como aqui se costuma. Entre outros eram o Subdelegado de Polícia Dr. Vitoriano, o Antero, Juvenal, dois deputados provinciais filhos do Barão de Leão, que acabavam de chegar do sertão naquele momento, e muito mais outros senhores, e a sala dentro estava cheia de senhoras; eram as famílias do Senhor J. da Costa, a saber, D. Maria C. Teófilo, D. Joana, sua filha, e o Senhor Juvenal; era a família do Dr. Vitoriano, era a família do Antero, do Crisanto, e outros mais parentes. Depois de conversarmos um pouco fomos, entramos para a sala, e pouco depois nos conduziram ao quintal passando pela casa de jantar, onde estava a mesa coberta de pratos, de papas (canjica), de arroz de leite, azeitra, vários bolos, e muitos outros doces secos e de calda, vinhos, cerveja, etc.

No quintal achamos uma grande roda de negros e negras, calculo em mais de 100, escravos dessas famílias, e das mais de Pacatuba. Os instrumentos eram tambores, e caquinhos com que acompanhavam os cantos, e ainda mais com cantos, algazarras e vivas. As senhoras chegavam muitas vezes para a roda, assim como os homens e assistiam com prazer as danças líblicas das pretas, e os saltos grotescos dos negros, que também fizeram jogo de pau, etc. Saindo dessa roda vinham para a sala a tirar sortes, ou para a casa de jantar a comer e beber. D. Maria Teófilo era interessante, e tomou grande interesse fazendo dançar os seus pretos, e designando-nos pelos nomes, e esteve por muito tempo com uma vela na mão para alumiar melhor a cena. O Antero também tomava grande interesse na coisa. Ai estivemos, mais por comprazer a D. Maria, até mais de meia-noite, e nos retiramos.

[29-VI-1859]

Dia 29 (S. Pedro). Havíamos sido na véspera convidados para jantar em casa do Valente. Tendo trabalhado toda a manhã até as 3 horas da tarde, nos

vestimos então (éramos eu, Manuel, os dois Vila-Reis) e para lá fomos, isto é, para a casa do Castro, genro do Valente. Só havia gente da família, e éramos 15 ou 16 pessoas de mesa. Depois de conversarmos, fomos para o jantar às 5 horas. Havia abundância de carnes, e a mesa e os pratos estavam cobertos de flores; entre as quais notei *mimos-de-vénus* e *cravos-de-defunto*, isto por cima mesmo dos assados. Vieram depois, canjica, arroz de leite, aletria, e doces secos e de conpoteira. Foi o jantar alegre, e adubado com conversas, em que as moças tomavam grande parte, e versava quase sempre em negócios de casamento, em que mostravam bastante espírito (o pai estava calado; mas a mãe também metia a sua colher). Depois do café, como eu estava suado, fui para a casa, despi-me e deitei-me na rede, até refrescar bem; depois, seriam 7 horas e meia, vesti-me de novo e voltei para lá: foi então comigo o Estêvão, proprietário daqui. Lá estivemos até perto das 10 horas ouvindo cantar as moças, ao acompanhamento do violão. Chegando a casa mandamos fazer café, e depois escrevi esta lembrança.

2[4]-VII-1859. Pacatuba

Há alguns dias, que fazia sempre de noite. Ontem estêve o céu anuviado, tuzilou de noite; hoje tem sido o dia mais ou menos chuvoso. Agora, 5 horas, da tarde está chovendo, e promete continuar.

3 de julho. Choveu de manhã algumas pancadas boas; ao meio-dia melhorou, e fui, com o Capitão Justa ao sítio do Senhor J. da Costa, no Aratanha, fazer-lhe uma visita de despedida. Estando lá, e à mesa, deu uma pancada de chuva e depois, digo, antes disso, tinham caído chuvinhas parciais, pela vargem e pela serra; acabamos de jantar depois das 5 horas, tomamos café, e montamos logo a cavalo. Chegamos a Pacatuba ao anoitecer, tendo descido a serra com muito cuidado e susto. Estava em casa do Senhor Costa o outro Senhor Justa, casado com uma sua filha, a qual cantou ao piano algumas molinhas e uma *ária* italiana. Tem muito boa voz e gosto. A outra irmã solteira só appareceu ao jantar.

4 de julho. Tem havido ainda hoje chuvinhas repetidos, e faz algum calor.

5 de julho. Desde meio-dia às 3 horas duas grandes pancadas de chuva, uma das quais apanhamos.

6 de julho. Dia mais ou menos chuvoso. Às 2 horas grande pancada d'água.

[10-17-VII-1859]

Ontem, 9 de julho, deixei Pacatuba e vim para a cidade com Manuel, para nos aprontarmos para a marcha do sertão.

Vimos com bastante soalheira, saindo de Pacatuba às 8 horas e chegando aqui às 3 da tarde.

Colhemos em caminho algumas plantas — o fruto da alamanda, bagens do juçá, e de uma mimosácea, talvez adenantera e ramos floridos da andira, que vegeta no Carnaubal.

Hoje 10 de julho, amanheceu chovendo.

[1.º-VII-1859. Fortaleza]

Ontem 12 de julho, eu e o Dr. Borja Castro partimos às 11 horas da cidade para irmos a Soure, onde chegamos, quase às 2 horas indo devagar. Era o sol assaz forte mas por vézes se encobria, e passando o Rio Maranguape começou a chover por pancadas, das quais nos abrigávamos metendo nos por por baixo das árvores. O caminho é em linha reta de um ponto ao outro, dão-lhe 3 ou 4 léguas, e passa por 3 rios, o Jacaréanga, o Maranguape, e o Ceará; além duma aguada corrente agora, e que se chama Alagadiço. Todos estes rios têm aqui pouca água, e secam no verão. Sobre o Rio Ceará há uma boa passagem, que chamam ponte, mas é um longo aterrado, entre duas muralhas, com 8 a 10 palmos de altura sobre uma porção de mangue, por onde corre o rio, repartindo-se; terá este atêrro talvez 300 braças. Gastamos passando na nossa marcha 8 minutos; e tem duas pontes de madeira bem feitas, uma sobre um braço e outra sobre o rio. Há mangues de grande altura, mas não como o da barra do rio, ou Vila Velha.

Soure é uma povoação em ruína, já foi vila, e antes aldeia de índios, conservando a cadeia, que tem sobrado (*sala livre*, ou *Casa da Câmara*). A igreja está ameaçando cair; a parede do fundo está com várias e largas rachaduras, e em verdadeiro abandono; há na frente grande praça, mas coberta de mato. As duas linhas de casa são de verdadeiros casabres, apenas ao pé da igreja há um ou dois casabres melhores. Além dessas duas filas de casinhas, há outra ao lado esquerdo que flanqueia a estrada que por aí passa, fazendo com os fundos das casas a frente uma rua. Fomos procurar um couhalo do Bezerra que aí mora, mas não o pudemos ver; e fomos á bolandeira ou engenho de desmançar o algodão, que estava trabalhando. A casa é nova e boa; o engenho era tocado por dois bois, e trabalhavam quatro jogos de cilindros de ferro. Tem também roda para cevar mandioca. Diz o Bezerra, que esta fábrica é de meia com êle e seu couhalo. Em caminho vi um molinete para espremer canas formado de dois toros de carnaúba. Pousamos numa casinha de negócio miúdo, tomamos cidra; e mandamos dar jerumum aos cavalos. Tendo descansado um pouco e conversado com o dono da loja, que tem viajado por todo o sertão, montamos a cavalo, corremos a povoação, e seguimos para a cidade, onde chegamos às 3 horas e meia, assaz aquecidos.

A vegetação por este lado é a mesma que para Batotité, seus vales ou vargens ao lado dos dois rios, Maranguape e Ceará, são cobertos de vastíssimos carnaubais, de que se faz cêra.

Estavam em flor e fruto poucas plantas — alguns angelins, dos quais colhemos vindos de Pacatuba no Carnaubal. Estavam carregados de flores, outros não. Estavam uma linda espécie de Mucunã, uma *Hirtella* de flor roxa, uma Turneracea de flor branca, o murti-picanga. Colhi em um marizinho caído sobre o Rio Maranguape um lindo *Oncidium*, etc.

Notei que a *Vismia*, o angelim, e o pau-pinho, existem particularmente onde os tabuleiros se confundem com as matas, isto é, onde as areias se confundem com terras barrentas. Colhi, além dessas, flores de carnaúba, da caninana, etc.

[16-17-VII-1859]

Hoje 16 de julho amanheceu caindo uma pequena chuva, que durou pouco; o resto do dia foi bom. Ao anoitecer fez algum calor.

17. Ao romper do dia caiu uma boa chuva; cessou depois; mas ficou sempre o céu mais ou menos carregado, e durante o dia caíram alguns chuvinhos. Ao anoitecer o céu se tornou mais carregado, o vento era leste; pouco mais ou menos às 7 horas entrou a chover (faz calor, e todo o dia foi um pouco quente).

21-VII-1859. Fortaleza

Depois do almoço, saí com o meu criado e fui fazer uma excursão pelo Oliteiro; passei pela cacimba do povo, que tem muita má água, mas abundante, e é o que me diz o guarda, que numa falta, é tirada por uma bomba. Seguimos depois até a outra grande cacimba, ou grande escavação onde a gente pobre tira água, muito má também. Já não encontrei um só pé de acantácea de brácteas rubras, de que queria sementes; também o mulumo (bigoniácea) não tinha um só fruto. Estão floridas as *Davillas*; as *tetráreos* já não vi com fruto (ambas plantas características dos tabuleiros).

Estava com flor uma bigoniácea de flores amarelas, que já tinha desenhado. A convolvulácea de flores grandes, rosas, que tirei para desenhá-la, está com flor desde que aqui chegamos. Outra convolvulácea de flor pequena e branca, também com flor, a meladinha, algumas vassouras, um *Hyptis* de flor azul, a angelica (rubiácea). A *hirsutissima* de folhas glaucas, uma lantana de flor lilás, das que vi cultivadas em Nápoles está toda em flor. Os jenipapos estão carregados de frutos. Observei uns coqueiros (dos que chamamos da-bahia) muy altos, talvez com cem palmos de fuste, e com pouco mais de palmo de diâmetro, uns direitos e outros tortos, com pequeno tope de folhas, e carregados de cocos, que deviam pesar para mais de 4 arrobas, e que vergavam com o vento, e se sustentavam maravilhosamente. Estes coqueiros estão constantemente carrega-

dos de fentos, e duram ou podem durar séculos. Disse-me hoje o Ajudante...⁸² que no Rio Grande do Norte viu coqueiros com mais de cem anos e dando ainda uns coquinhos pequenos. Ouvi hoje também que a palmeira vem também em terras baixas; e que o Catolé dá excelente azeite para luzes.

21 VII 1839. Fortaleza

Tendo sido convidados pelo Senhor Bezerra (Manuel) para assistirmos à experiência do fabrico de açúcar*, que éle pretende ter inventado, não pudemos aceitar outro convite para jantar em casa do P.^o Pompeu, a saber, eu e o Lagos; os outros foram a esse jantar; e depois de haverem jantado em casa, nós ceddo, fomos para Palácio, para irmos juntos com o Presidente que assim havia combinado. Eram 3 e meia mas o achamos em principio do jantar, e aí jantavam, além da família, o secretário, que também era de partida. Enquanto jantavam chegaram ainda o Major Viana, e o Ajudante...⁸³ Depois do café montamos a cavallo, eram 4 horas; e eram seis pessoas, e um ordenança do Presidente (o Presidente, o Secretário, o Major Viana, o Tenente-Coronel Lucas, Assistente do Ajudante-General, o Lagos e eu). Puseam os cavalos em *esquípado* e saímos da cidade com o sol pela frente, e fervente, e por uma estrada (a nova de Soure) que é de arcia solta, e fina, de atolar até meia perna dos cavalos; eu li no cavallinho do Manuel, e o Lagos no do Reis (porque havíamos emprestado os nossos para irem as filhas do Bezerra), e eu os acompanhava a meio galope. O engenho onde se fazia a experiência era no Alagadiço, quase uma légua distante da cidade; alguns querem que seja mais de légua; e fizemos esse caminho em menos de meia hora. Entim chegamos ao engenho, ou casa do Senhor José de Góis. Estava a casa cheia de moços e meninas, e vários homens; e o nosso pobre Bezerra estava no engenho trabalhando na experiência, desde muito tempo; pouco tempo depois que chegamos nos appareceu éle, dizendo que a primeira tachada não estava boa porque o melado se havia queimado mas que já estava preparando outra; mas que no entanto aquéle mesmo queimado podia servir para a experiência. Com effeito pouco tempo depois fomos chamadas para ver o açúcar e achamos uma gamela, onde se batia uma porção de açúcar mascavo, que havia algum tempo que se batia, e dentro da casa do engenho, ou dos tachos, estava um tacho com caldo a ferver. Era a segunda experiência. Em que consiste pois o processo? Em apurar o caldo, e levá-lo ao ponto de *bata* — e bater até açucarar! Qual a vantagem em ter açúcar preparado dentro de duas horas? É de não se perder o mel, que fica incorporado no açúcar! Ajuntou-se gente em toda da gamela, o Presidente, etc., e se discutiu

⁸² Lacuna no ms.

* Experiência que já havia feito no Rio de Janeiro, em 57 ou 58.

⁸³ Lacuna no ms.

sôbre o negócio, e mais nada. Da outra tachada, que não daria senão a mesma coisa, não se tratou mais; apenas se começou a beber, etc melado e mais nada. Daí fomos todos para uma mesa que estava no pátio da casa cheia de doces, de balas, de massas, etc. etc: vinhos de várias qualidades e queijos, etc. Ao anoitecer montou a cavalo tôda a caravana e chegou-se à cidade antes das 8 horas. Eramos 16 a 18 cavaleiros, incluídas 4 senhoras, uma das quais caiu do cavalo — e acabou-se a história.

Segunda-feira 28 de fevereiro nos aprontamos às 5 horas para partirmos às 6. Pouco depois das cinco chegou à casa em que residimos o Senhor Franklin, e enquanto tomávamos café, entrou a chover, e parecia que a chuva, que deu com bastante força, continuasse até tarde; e nos propúnhamos a sair depois de almoçar, mas só durou uma meia hora, e saímos logo pouco depois das 7 horas. Apenas tínhamos a areia molhada, todos bem montados. Éramos eu, o Inago, o Coitinho, Manuel, o Vito-Real, e o Senhor Franklin. Andávamos com interrupções, por isso que iam observando as plantas, e matando passarinhos, e chegamos à Fazenda pouco depois das 11 horas (diz-se que são 5 léguas). Em caminho, até uma, ou duas léguas fora da cidade vimos muitas plantas em flor, nos matos carrasquentes dos tabuleiros; mas para a vizinhança da Fazenda a florescência ia diminuindo, e as matas eram mais altas.

Fomos recebidos pela família do Senhor Franklin, sua Senhora D. Brasi-lina e duas filhas, D. Maria e D. Liberalina, de maneira a mais amável; e logo servidos de um mui farto e excelente almoço. Depois de almoçarmos, e descansar-mos saímos todos a fazermos pequenas excursões, e tomamos conhecimento do lugar em redor. Havia muito pássaro, e mui diverso em grande parte do que eu conheço no Rio: pombos de vários tamanhos e cores, diferentes dos nossos, algumas juritis, que só vi sentados ou voando, muitos tiribas e piri-quitos, de várias cores, muitas corrupeções, e cardiais, algum sabiá, picapáus, etc., semelhantes aos nossos, apus, curruíados, sanhaços e hem-te-via ou sibiriri, caboré; não vi cães, nem saís, e nem uma beija-flor; na cidade já vi um.

Das plantas muitas eram as mesmas dos arredores da cidade, e a mais abundante aqui era a árvore da borracha, que aqui chamam Manicoba ** e que foi em grande parte destruída pelos cahoris, quando entraram a tirar borracha; porque esfolavam inteiramente as árvores, e misturando a goma com a terra (para a enxugar depressa) e não fazendo por isso os mercadores diferença no preço, depreciou-se completamente. Há perto e dentro da Fazenda grandis-

* Eugênio de São João da Munguba, do Tenente-Colonel João Franklin de Lima.

** Confunde a manicoba, e o pinhão-bravo.

simas mungubeiras, que lhe dão o nome; abundam também nesse lugares o chamado pau-branco, excelente madeira de cerno; é uma cordiácea, está com flor e fruto; outra que chamam sabiá, madeira também boa, e dá boa lenha. Há mais nesses matos outras madeiras, que não vi, nem tinham flor. Vi em toda algumas plantinhas novas: vassourá (espécie distinta), mitoré, erythostáto, mata-pasto, e tedegoso. Vimos pela primeira vez em caminho um lugar úmido, com muitas carnaubeiras, que são lindas palmeiras.

As 4 horas jantamos, e depois foram cadeiras para campo perto da casa nova que está fazendo o proprietário, excelente prédio, de alvarado, e mesmo bem feito. O Senhor Franklin é o próprio arquiteto. Ai sentados, memos a Senhora Franklin (que se acha doente), e a filha mais velha, conversamos até ao anoitecer, tocando a menina mais moça um instrumento que vi pela primeira vez — concertina — e que ela toca com muito gosto. Entramos para casa, conversamos até o chá, que foi às 10 horas, e fomos para nossas redes.

Terça-feira, 1.^a de março — Este dia o empregamos cada um em sua seção a fazer coleções e a prepará-las.

Quarta-feira, 2.ª — Tentáramos subir a Serra da Munguba, mas o aspecto da montanha, cuja vegetação não mostrava fôtes, a falta de um trilho, e o calor excessivo, me desanimaram. O Coitinho porém e o Manuel tinha ido antes fazer uma excursão ao alto da Serra do Aratanha, e dormiram por lá em casa dum genro do nosso hóspede que veio com eles neste dia, o Neutel. Eu andei passeando, e observando pelos arredores do Engenho; andei caçando, matei seis lindos pássaros, que abundavam no pomar, cujas goiabeiras estavam com fruta; eram pombos, corupções, cardiais, periquitos, tirihas, e vários outros. O serão passamos fazendo jogos de cartas, adivinhações, etc.

Quinta-feira — Depois do almoço, Manuel partiu para a cidade, o Coitinho foi visitar o monte chamado Taitinga onde se conta que há grutas, visões, encantamentos, etc., mas nada achou. Eu, o Lagos, Villa-Real, e o Tenente-Coronel Franklin fomos fazer uma visita ao José da Costa, cujo sítio, chamado Boa Vista, está em meio da Serra da Aratanha, e por ele passa um pequeno rio de nome Paratuba, e que o dá à bonita povoação que fica logo embaixo da Serra. Este Senhor Costa, foi o primeiro que veio aqui estabelecer-se derrubando as matas virgens, e foi o primeiro que lançou café nesses lugares, isto há 29 anos. Era lugar deserto; e com ele começou a povoar-se o lugar, que hoje é um povoado, e de algum comércio. O Senhor Costa, que apenas teve os primeiros elementos de instrução é mui curioso, fala sobre tudo, até em astronomia, deu-nos muitas boas informações a mim sobre madeiras, ao Lagos em Zoologia, e admirei o seu espirito observador, e o seu modo de falar, usando palavras próprias, expressivas, e com grande facilidade. Tem moendas de açúcar, cujo engenho mói com dois bois (estava moendo para aguardente), tendo passado o engenho de açúcar para mais alto da montanha; tem maquinismos para despolpar e secar o café, etc. Todas essas obras, porém, são tóscas, e se acham

decuriadas; Ele nos repetiu sempre: fiz isto quando não podia fazer mais, hoje estou velho (tem mais de 60 anos, disse nos o Senhor Franklin), os filhos que melhorarem. Tem um ranque de banho, onde o toma todos os dias, e quando chegamos a casa ele estava no banho. Tratou-nos mui bizarramente, e com grande sem-cerimônia; a senhora não estava lá. Mostrou-nos tãda a sua casa, correu conosco seu pomar e parte de suas roças, mostrando-nos plantas cultivadas e silvestres. Vi milho colhido em casa, eram as espigas de quase palmo e meio, mas não grossas em proporção, e bem granadas; a côr é entre branco e vermelho. Aqui como lá o milho não se conserva, é logo atacado pelo gorgulho. Vimos no pomar algumas laranjeiras-cravos, que dão aqui com muita dificuldade; na cidade se as há são mui raras (já em Pernambuco nos disse o Senhor Augusto de Oliveira que tãdas as suas diligências para as transplantar têm sido inúteis). Vimos também alguns enxertos, mas nos disse o Senhor Costa, que difficilmente pegam, e levam muito tempo a brotar. Vimos uma quantidade de araçás magníficos; os pés são mui grandes e a fruta é do tamanho e da forma duma laranja pequena (2 polegadas de diâmetro); são amareladas e mui saborosas. Vimos jurebeiros enormes (não tinham fruto); muitas acieiras; os pés, aqui, como nos arredores da cidade são mui grandes, chegam a ter no pé palmo e meio de diâmetro; mas cegalham-se logo, e formam grande copa. Frutas de pão, (jáas vimos na cidade grandes e saborosas) goiabeiras, silvestres, grandes, da branca, e que dão em grande quantidade. *Maraçujás-perobas* são na forma e no gosto como os nossos mirins, mas a côr é dura amarelado desmaiado, o tamanho é duma tangerina; deles fazem excelente limonada, com que nos obsequiou o Senhor Costa, assim como a do *caju-matido*, que aqui segundo parece pela fôlha, é espécie diversa da nossa; uvas moscardis, mandou colher alguns cachos, que nos apresentou; não estavam porém bem sazonadas; ofereceram-nos vinho de caju feito por ele. Ajunta-lhe aguardente, e disse que nos deu parecia ter aguardente demais. As laranjeiras não duram aqui, atacadas pelo bicho.

Plantas silvestres, achamos o *pipi*, que chama *tipi*, *ankango*, *peixirica*, (que não lhe deu nome), a *erva-grassa*, que chamam aqui *língua-de-vaca*; mostrou-nos um pequeno pé de árvore a que dão o nome de *Jurá*; pelas fôlhas me pareceu uma *Cassipouia*, e é com effeito.

Depois dum farto almoço, ao meio-dia, de bebermos limonadas, ou garapa, e descansarmos um pouco nos retiramos, ficando justos para aí voltar, e subir até o cume da serra, onde há ainda matas virgens, que para láixu têm sido descuradas para plantações de cafés (não pudemos ir aos coffeeais; mas em roda da casa os vi, sem indústria alguma plantados, como geralmente no Rio). Eu e o Senhor Franklin descemos a serra a pé, por mais dum quarto de légua; havíamos subido a cavallo, mas taes são os passos íngremes, pedregosos e precipitados, que não nos animamos a descer montados. Chegamos assim até quase a povoação de Pacatuba, e alagadíssimos de suor. Aqui em Pacatuba, nos

apeamos em casa dum Senhor F. Justa. (Estas pessoas já as conhecemos visto, e visitado na cidade). Subimos para o sobrado, enquanto o Senhor Franklin ajustava uma casa para virmos nos estabelecer aí por algum tempo, para visitarmos os lugares vizinhos. Seguimos depois a nossa viagem, tendo eu aí em Paratuba colhido ramos floridos da árvore de lei, chamada *pau-branco*. Chegamos a casa das ave-marias. Chegou pouco depois o Coitinho. Passamos o serão jogando o burro.

Sexta-feira, 4 -- Antes do almoço fomos ver a fábrica de açúcar do Senhor Franklin. As moendas são de ferro, horizontais, e puxadas por 6 animais (êste está tratando de pôr uma roda em marcha, em que com dois animais dentro, mova o engenho, isto logo que se passe para a casa que está fazendo, porque agora mova em parte do edificio do Engenho). Todo o mais serviço da fábrica é com pouca differença dos nossos engenhos, mas distribuição diversa.

A caldeira e tachos são postos em casa aberta em razão do calor. Na casa do resfio há alguma novidade para mim, quanto à disposição do aparelho. O engenho é feito de tijolo, com pilares, e hem e hem trabalhando madieiramento; é todo por dentro rebocado. Em caminho vimos um engenho, cujas moendas são de ferro, e horizontais, mas o corpo do engenho é como as palhoças ordinárias, com esteios, que são verdadeiras estacas, e o teto de palha de palmeira; mas a casa do cozimento e o resto do engenho é de tijolo, e coberto de telha. Também do Senhor Franklin vi a sua fábrica de farinha, vi outra de um seu inquilino, que estava trabalhando, e vi outras em caminho. As rodas são uma grande, com manivela dos dois lados e movida por dois homens; esta por meio duma corda toca um cilindro ou rodete pequeno; a prensa é apertada por uma enorme alavanca, com parafuso, como a do Azarias. porém o que mais me impressionou foram os fornos: êstes são de ladrilhos de talvez 8 palmos; mexem a farinha com um rêdo. O Senhor Franklin comprou um forno de ferro, que lá me mostrou, assentou-o, mas ninguém ponde trabalhar com êle. queimava a farinha.

Depois de almoçarmos nos despedimos desta estimável família, com saudades, e chegamos à cidade depois das 3 horas da tarde.

O Lagos, o Carvalho, Vila Real, etc., foram logo cedo, depois de parada a chuva, para Mucuripe, casa, ou palhoça do Serafim, para assistirem a uma pescaria. Eu e Manuel fomos para lá depois do almoço. Seriam 10 horas; fomos pelo caminho do *Outeiro*, todo entre mato, e sombreado. As matas (carrasqueiras) estão quase todas floridas. Várias *Malpighiáceas* (*Murici*) uma *Chiococca* de flor amarela, muito abundante, *Camarás* (*Lantana*) e *Sinaniara* (*Camará-de-frecha*). Muitas *Mirtáceas*, *Coccolobas* (*Carrasco*), *Manapuá* (*Melastomácea*), etc. Chegamos à praia com sol muito forte. Uma coisa que observei logo foram alguns cajueiros, nos cantões d'areia expostos ao vento, com esgalhados ao rés do chão, fazendo grande ramalhada; e as raízes se estendiam pela areia a muitas braças de distância, e em grande quantidade. Alguns cardeiros, duma só espécie, corpulentos, lançando galhos, os ramos altos de 10 quinças, e em grande número, de modo a formar uma vasta copa; seus frutos grossos, purpúreos se comiam. Havíamos visto, logo que chegamos ao Ceará, algumas de suas flores, mas não as estudamos. Em uma espécie de pequeno alagadiço, pouco distante do mar, na praia, continha grande quantidade de mangue, mas só de *Conocarpus*. As nossas boas-noites (*Pitca*) nascem em quantidade pelas praias, principalmente a variedade de flor branca. Aqui vimos também na praia pela primeira vez o nosso pinhão (*Cavaca*) que tem aqui o mesmo nome. Uma outra *Euforbiácea*, que me pareceu a *Maniçoba* (*Borrachá*), mas me asseguraram que não era, e chamam-na pinhão-do-mar. O ricino também nasce, ou o plantam por aqui. Grande quantidade de *Mirtáceas*, e muitos arbustos, que não tendo flor, nem fruta, não sabemos o que eram.

Chegados à palhoça do tal Serafim, que nos recebeu alegre, nos disse que os outros estavam na ponta do farol; para lá nos dirigimos. Cheguei ao farol, e subi até a lanterna; é pequenino, e muito mal associado. O empregado não estava, sua mulher doente estava purgada, nos disseram as filhas; estas (2 ou 3) e outros pequenos mal vestidos, com ar adoeitado, e pés estalvados dos bichos nos seguraram o cavalo, etc. Ai na ponta do farol há à flor d'areia uma

* Em 9 de março de 1859.

sorte de pedra ignea, não sei se grés ferruginoso, que é tirada para as calçadas da cidade. Vi aí a chamada salsa-da-praia (*Convólculo, pes caprae*) estendendo suas varas por cima d'areia por distâncias de muitas varas, enlaçadas umas com as outras.

Voltamos dali com sol ardentíssimo, chegamos à casa do bom Serafim; é sujeito ativo, esperto, tem 61 anos, é casado, tem a mulher e filhos ricos em Pernambuco, vive de pescador, e tem por amásia uma rapariga mőça, forte, e bela. Diz que teve de sua mulher, e naturais 40 filhos! A amásia parece que está pejada. Ai nos entretivemos, galhofando, bebendo cerveja, e leite de côco; e como não se fazia pescaria voltamos para a cidade, eram talvez duas horas, sol ardentíssimo. De volta pela praia eu, o Manuel fomos colhendo algumas plantas. Vi uma *Rigonícea* arbustiva, de flôres roxas, a que chamam *peroba* (?).

Vi uns pés de *Juá*, com frutas ainda não bem maduras; é uma arvoreta ramalhuda, armada de grandes e duros espinhos, de coriagem densa, copada; chega ao tamanho d'uma boa laranjeira. Vi um pé de *Tatagiba*, estava com frutos verdes, ou umas flôres. Junto à praia grande quantidade dum arbusto rasteiro, das *Crisobalôcas* e ao entrar na cidade um pequeno *Jenipapeiro* com flôres. Junto à praia e expostos ao vento, são as árvores, e arbustos, todos inclinados ou doitados para oeste. Chegamos quase às 4 horas.

625 [Cêrcas, culturas e madeiras da região de Pacatuba]

CONVERSA COM O SENHOR HENRIQUE GONÇALVES DA JUSTA

5-IV-1859 [Pacatuba]

Cêrcas. São feitas (aqui) principalmente do sabiá; e duram 10 e mais annos e são pelos modos seguintes.

Cêrcas de caçaria. Varas grossas (às vêzes canaúbeiras) deitadas primeiro sobre forquilhas baixas; e sustentadas com vigas, depois com trejeitos, em uma, ou duas ordens.

Cêrcas de outra forma. São moirões, ou estacas dobradas e varões, e ramos enchendo. São também de caçaria.

Cêrcas de pausa-a-pique. Forquilhas de distância em distância, bem fincadas e nos intervallos uma ordem de estacas, encerradas um palmo mais ou menos; Estes são os paus-a-pique que se sustentam com duas travessas ou varas, uma de cada lado, metidas nos ramos da forquilha.

Cêrcas de varões. São de moirões ou estacas, e 2 a 3 varas amarradas (como as nossas).

Cêrcas de moirões. No sertão os currais são feitos de moirões fincados todos, e unidos; alguns são todos de arceira. Não há aqui cêrcas vivas.

Vimos hoje em passeio que demos com o Sr. Justa, plantações de milho e arroz, nos altos dos lombos da terra do Sr. Justa, que é arroz múdo.

O aspecto das roças não é formoso; há muita desigualdade; vêem-se pés, ou cachos de milho dum crescimento e vigor admiráveis, e ao pé porções enfezadas e amareladas. O mesmo a respeito do arroz. Diz o Sr. Justa que a planta vigorosa é dos lugares onde a terra queimou bem, e a enfezada e amarela se chama brejada. — *Esta brejada*; o mesmo se diz da mandioca quando apodrece nos grandes invernos; se diz estar *brejada*.

Os terrenos que se seguem aos tabuleiros, e que são acidentados, com altos (tomilheiros) e baixos se chamam *sartecos*, e os lugares baixos e húmidos *lpus*.

Nas serras a parte exposta aos ventos de leste tem uma vegetação acanhada, e as plantações aí de café, e outras não prosperam, arrostadas e queimadas pelos

ventos; usam deixar cordões de matas, de espaço a espaço, para proteger as plantações, e os chamam guarda-ventos. Do lado oposto porém, isto é, ao poente, a vegetação é vigorosa, as plantas prosperam bem, florescem mais cedo, e dão mais fruto, crescem mais, têm melhor folhagem. (Creio que a exposição ao sol da tarde deve influir também para esse efeito).

As plantações que tenho visto aqui por baixo são agora de arroz e milho junto; muito pouco feijão e milho (o feijão é ou branco ou...³⁴; não há feijão preto, nem o usam), pouca mandioca, e alguma planta de algodão. Vi aqui em Pacatuba uma pequena plantação de fumo, que está muito bonita. As roças têm uma má aparência; feitos os roçados nos carrascos ficam muito cheios de cevas, e o terreno não é igualado pela enxada, que apenas cava por cima: cresce o mato com muita força, a planta vem muito desigual, em lugares com grande viço, em outros mui mesquinha e amarela. As plantações de mandioca chamam roças, e as covas são muito grandes; tôdas as roças são cercadas e de ordinário pequenas.

6-IV-1859]

Pouca gente tem pomares, e hortas, assim como jardins: assim há uma grande falta de verduras e temperos. As várzeas, dizem, não dão café, que só prospera nas serras, onde também se planta cana.

As plantas aqui comuns ao Rio de Janeiro, tanto silvestres (como) cultivadas, têm um porte mais elevado, e os frutos são maiores.

As bananas são mui grandes.

As laranjas, que não são tão boas como as do Rio, são mui grandes.

As goiabas são também enormes, e mui redondas.

Araças os há aqui do tamanho de uma laranja-da-china e mui redondos.

As atas, ou pinhas, são enormes, mui boas, mui comuns, nascendo por tôda a parte; os pés são tão grandes como uma grande laranjeira, mas mais esparramados. Os cajueiros e as cajazeiras são enormes, formam uma imensa copa, e o pé de 3 a 4 palmos de diâmetro. Nos tabuleiros, onde há muita mangaba, os cajueiros vêm por tôda a parte.

Há aqui várias qualidades de maracujás, que é comum, mas não é o nosso maracujá-do-grande. Há um chamado maracujá-peroba, que cresce só nas serras e sobe sobre grandes árvores. A sua fruta, que é redonda, e dentro inteiramente semelhante ao nosso mirim na aparência e no gosto, toma o volume de uma boa tangerina-boceta. Fazem dêlé excelentes limonadas ou garapa. Ainda não vi dos outros.

³⁴ Laranja no ms.

6-IV-1859]

Bacupari: fruta do mato virgem.

Racumixá: fruta leitosa, redonda.

Gamaleira-prêta (figueira): gosta de trepar nas árvores; das raízes se fazem boas gamelas com 2 a 3 palmas de boca.

Cipó-escada: racham-no e tiram os lados lançando fora a parte média chamada espinhago, isto quando o cipó não tem mais de um dedo de largura; se é grosso tiram lascas por fora, e botam fora o pau.

O ripóimbé é o mais estimado, é da casca que se seivem para amarrar; o miolo é fino, e tocam com elle cratinhos, tingindo-o de várias cores.

O jenipapo dá árvore grande; da madeira se fazem tamancos, o fruto maduro se come, com ou sem açúcar; é amarellico e saboroso; fazem com leite jenipapada.

Gajá com leite.

Murici com leite.

Água de mandioca chamam manípucera; o vinho feito d'elle caum; o vinho do mulho alui.

Visgo para apanhar pássaros fazem do leite da jaca, ou também do das mangabas.

Os laços para pássaros são o alcapão (de gaiola) e a arapuca de armar; para caça são fogos. Com alcapão (para mocós) ou têm uma sorte de mundéu com pedras; as gaiolas se fazem do talo da fôlha de carnaúba, com ponteciras de tabuca.

NOTÍCIAS DADAS PELO SENHOR CAPITÃO HENRIQUE GONÇALVES DA JUSTA

6-IV-1859

O pau-catingueiro (*caesalpinia*), que deve esse nome a fazer parte das catingas (observação de Manuel) quase sempre seco, é procurado nos serrões pelos papagaios e abelhas, para sua habitação; assim os que buscam mel e filhos de papagaios os procuram de preferéncia. A madeira dá boa lenha, e elle já viu alguma obra de tórno dela, que é de cor escura (o Sr. Franklin diz que das árvores óras se tiram bicas).

O pau-selviá serve para cercas, para forquilhas das pilhoças, porque resiste bem ao tempo, e dura na terra; dá excellentes caibros descascados, onde não dá bicho; serve para lenha e dá carvão para ferrarias.

O caxagu, dá hastes de mais de 30 palmas; macha muito bem e é mui flexível; faz-se d'elle varelas de espingarda, e cabos de vassoura. Disse-me um carpinteiro, que elle dá bons cabos de ferramenta.

O cipó-imbé há na serra, e da embira da casca se servem para amarrar os caibros do telhado (querem dizer talvez as varas).

Chamam tabuleiros às planícies arenosas; às vações barrentas, que têm vegetação mais alta, chamam catingas, ou também sertões — mas:

Sertão é o país coberto de capim, onde se vêem árvores soltas, como Pau-branco (talvez tradução de caatinga, por ser elle um dos seus característicos, ou talvez que elle dê o nome às catingas, tirado de sua flor branca, reflexão minha), ou reboleiros de matos, e que chamam catingas.

Pombas de bando. Há delas quantidade imensa, e delas fazem salgas. No lugar em que põem vão limpando o chão e depositando os ovos sobre a terra, e isto por uma grande extensão e promiscuamente e assim se vêem nesses lugares grande quantidade de pombinhos, uns mais crescidos, outros mais novos, outros saindo e, ao mesmo tempo, grande quantidade de ovos; aí se faz grande estrago nêles, apunhando ovos, fillos, e matando-os.

Não conhecem aqui o berne nos animais. Há bastante carrapato.

Os mosquitos pernalongos; muriçoca (meruçoca, piaçua, etc.) há muitos nas serras, nos baixos poucos; os borrachudos há muitos na serra; mutocas há bastantes, e vários.

Os animais são muy sujeitos ao piolho.

As lagartas (em fevereiro principalmente) destroem a primeira, e às vêzes a segunda planta se depois da chuva vêm alguns dias de sol, aparecendo em grande quantidade.

Os pássaros, principalmente os vira-lostas (grábas) comem o grão semendo, principalmente o arroz; também o milho, se o tempo é seco.

16-IV-1859. Pacatuba

Conversação fora da porta, ao luar. O ex-subdelegado, José Luis, Antero, outro sujeito, eu, Manuel, etc.

Vários casos de desfloramentos; desfloradores recrutados; etc. etc. Parece que é coisa assaz comum.

Falta de moedas de cobre. O Senhor José Luis attribui essa falta, havendo antes muito cobre, a ser a moeda fundida, visto que com duas patacas em cobre, que pesam uma libra, se fazia quatro patacas, que é o preço duma libra de cobre no comércio.

Há lugares no interior onde pesa-se uma libra, com dez tostões em cobre. Os pesos e medidas variam muito em diversas comarcas dentro da Província. Um alqueire daqui equivale a 2 no Rio de Janeiro, e a quarta parte dum quarto, como da canada, se chama *térço*.

[APANHA DO CAFÉ]

Há muito poucos escravos, e a diária dos trabalhadores, dando-se almoço, jantar, e ceia (que é sempre uma comida leve, milho cozido ou assado, aipim, carás, etc.) é de uma pataca, 14 e 12 vinténs. O ex-subdelegado affirmou que nunca dá mais de 12 vinténs; mas que como lhes dá comida abundante, nunca lhes faltam trabalhadores; e na apanha do café reúne 30 e mais.

O café se paga pelo que apanham, isto é, 1000 por alqueire (8 quartos) a seco. Alguns dão 500, e comida, o que é sempre mau.

Aqui quase todos os lavradores de café têm despolpadores e a maior parte do café é despolpado; e o vendem em casquinha, dando 40 réis por arrôba, e pelo mesmo preço, que o café socado. Não sei bem a razão disto; parece, segundo ouvi, que o café de casquinha vai todo para o Pará, ou Maranhão e o socado para o estrangeiro; não sei se é assim, nem sei qual a razão da igualdade do preço. Quanto aos lavradores elles acham vantagem no despolpar, pela razão de secar mais depressa; mais fácil de transportar, e os livra do *seque*, que

talvez seja caro com gente livre; o trabalho da escolha, etc. etc., e enfim por não ocupar muito lugar em se conservar.

O café aqui passa por muito bom; ainda não sei em que consiste essa bondade: é talvez devido ao processo da lavagem.

Inda agora recebi um presente de um saquinho de café socado que me mandou o Sr. José da Costa, de seu sítio da serra.

As ruínas são muito devastadas pelos ladrões. Cucas, bananas, milho, carás etc., etc., tudo se furta; principalmente aqui por perto da povoação. No tempo da apauha dos cafés os trabalhadores não deixam nada, devastam tudo — frutas, raízes, tudo. É necessário fechar os olhos para os não desgostar.

17-IV-[1859]

Óleo de café. Diz o Sr. Capitão Justa que é uma preparação de café que se faz para viagens no sertão e consiste em fazer passar o café pela carapuça várias vezes até tirar a parte solúvel, do pó, ficando em um líquido grosso, e mui oleoso, que se guarda em garrafa. Com esse óleo, lançando certa porção em água fervente, ou em leite, se faz excelente café, e se guarda por muito tempo.

[INFORMAÇÕES SOBRE O POVOAMENTO DE PACATUBA]

Conversação com o Sr. Juvenal, filho do lavrador José Antônio da Costa e Silva, na noite de quarta-feira 11 de maio, em Pacatuba.

Esta povoação de Pacatuba começou em 1845, e foram os sertanejos que acoissados pela grande seca dêsse ano aqui chegaram, tendo morrido muitos durante a viagem, e procurando lugares frescos se estabeleceram aqui em grande número e em palhoças, sendo estas terras pertencentes ao patrimônio dos índios.

Os habitantes daqui, como no geral, plantam muito pouco, e vivem mais do que ganham alugando-se; é principalmente para a apauha do café que eles se prestam: o que tem trazido muita gente para a vizinhança destas serras.

Os lavradores os alugam, pagando por cada alqueire (8 quartas) de café cinco tostões, dando-lhes de comer, ou 1000 réis, comendo eles à sua custa, mas então lhes entregam o sítio, e eles colhem tudo quanto ali há, devorando, estragando tudo, bananas, laranjas, cucas, enfim tudo; e não se lhes pode dizer nada porque desgostam-se e abandonam o serviço.

Seu avô foi dos primeiros lavradores dêsse lugar, foi possuidor de toda a Serra da Aratunha, que se dividiu por sua morte pelos seus 8 herdeiros; dêstes existem hoje só dois, o Sr. José Antônio da Costa e Silva, que mora aqui na Serra, sítio Boa Vista, e o Sr. Domingos da Costa e Silva, que mora no seu engenho do Rio Formoso.

O velho tinha sua habitação perto de Arronches, e a este sítio da Ara-tanha vinha poucas vezes (no entanto me disse o Sr. Domingos Costa que elle nasceu aqui). Era homem respeitável e muito religioso; tinha sempre por hóspedes, pobres, e frades, que o dissuadiam de mandar educar seus filhos, por isso [que] se tornariam libertinos. A cruz que inda hoje se achá na estrada de Baurité, e na encruzilhada de Arronches foi mandada levantar por elle; tem mais de 60 anos e ainda se conserva em pé. É de aroeira.

O Sr. Domingos Costa, em 1824, entrou na revolução que se preparava nesta provincia para se estabelecer a república. Tinha elle então pouco mais de 20 anos e era muito exaltado. O ponto de uma das reuniões dos rebeldes era em Baurité. Conduzia-se para ali dois carros carregados de pólvora; surpreendidos por uma força do Governo no lugar chamado Pavuna foram por esta tomados. O Sr. Costa reuniu gente, logo que soube disso e retomou os carros e os conduziu com a sua gente até Baurité. O Governador mandando-os prender só conseguiu apoderar-se de um irmão, hoje morto, João da Costa e Silva, ameaçando-o de o mandar matar se não fizesse com que o irmão se rendesse e entregasse a pólvora. Este apesar disso, e de muitas cartas e fogos de parentes resistiu; mas como entanto outros chefes haviam sido presos, ou haviam abandonado a idéa de revolução, desanimou e debandou a sua gente, metendo elle pelas matas da setra da Aratânia, onde um preito lhe levava a comida, depositando-a sempre em lugares diversos em cada dia. Estêve assim homiziado por alguns meses até que esquecido o negócio começou a apparecer.

Disse-me o Sr. José Costa que em 1822 ou 23 (foi em 1825, segundo o Correia) houve uma grande seca que assolou a Provincia, e elle afirma que entre mortos de fome, da peste da bexiga, que então se desenvolveu, e a gente [que] emigrou para outras provincias, o que foi favorecido pelo governo, a provincia perdeu a terça parte do seu povo. Há sem duvida nisto grande exaggeração; um décimo que perdesse seria enorme. Em 24 appareceu a Revolução da Republica do Equador, que agitou toda a Provincia * e em 25 mandou o governo fazer um grande recrutamento, o que tudo concorreu para grande atraso d'esta paiz.

Em 1815 houve outra grande seca, em que os sertões ficaram despovoados: foi quando ajuntando-se alguns sertanejos, aqui em Paracutuba, começou a povoar-se este lugar; e em 1850 começou a tomar a forma que tem hoje edificando alguns prédios.

* Há uma boa collecção dum jornal (O Cearáense), que possui o seu redactor o Padre Sautipira, que traz muitos documentos relativos a esta revolução, tanto mais importante quanto é sabido que um Padre (Amural) comprometido na revolução queimou todos os papéis da Secretaria do Governo pertencentes a essa época.

Nesta de 45 os desastres não foram tão grandes, porque se acudiu mandando vir farinha de fora e distribuiu-se pela gente, distribuição feita dentro da Matriz, que então não tinha senão paredes e tecto (cenas contadas pelo velho Correia, que também foi buscar farinha; abusos que se cometeram, etc., etc.)²⁵.

²⁵ O parêntese evidencia a natureza destes escritos de Freire Alencão: apontamentos prévios cuja redacção não chegou a se dar. Daí o prolixismo e as repetições do texto.

Em 2 de maio de 1859, depois do almoço, eu, o Dias, o Gabaglia, e o Reis montamos a cavalo, e nos acompanhou um dos nossos trabalhadores com uma lata, e papel, para acondicionar as plantas, que colhíamos.

Eram mais ou menos 10 horas, o céu não estava muito seguro, havia nuvens, ventava sul, e chovia em alguns lugares; mas fomos bem com sol mais ou menos coberto até Vila Velha, onde é a fazenda ou sítio do Senhor Gouveia, rico proprietário português, que aqui reside, e que é atualmente cônsul português. Ai nos apeamos, deixamos os cavalos presos, e com capim que mandou botar o Senhor Gouveia, filho, que aqui se acha. Pelo caminho, que é todo um arcial com vegetação carasquenha, ou de cabuleiro, Manga-beiras muitas, algumas vi do porte duma goiabeira das nossas; estavam com algumas frutas temporãs, e ainda não maduras. A propósito das Guaiabeiras as vi à beira do Rio Jacurêanga (onde se bebe a melhor água na cidade, e que fica distante obra dum quarto de légua) e do caminho, dentro dum sítio; vimos guaiabeiras que me admiraram pelo seu tamanho, tinham pé ao rés do chão, de quase 2 palmos de diâmetro, e a sua copa era porém menor que a de uma mangueira; mas não tão fechada. No sítio do Senhor Gouveia, na Vila Velha há também algumas mui grandes, mas menos que aquelas e estavam com fruta, que também é grande; o Senhor Gabaglia tirou algumas. Os Manapuças estavam com fruta verde, e com flor; são aqui abundantes, e mui grandes, alguns vi cujo tronco tinha mais de palmo de diâmetro; copa grande e mui basta. Diz o Senhor Dias que os há também no Maranhão, onde os chamam João-puçá, provavelmente corrupção de *Juapuçá*. Com efeito o fruto tem muita semelhança com o do Juazeiro. Cajueiros, há aqui bastantes, mas provavelmente por efeito dos ventos, não se elevam muito; têm por vizes o tronco grosso, e galhos também mui grossos, mas tortos e deilados, de modo a formar uma copa que chega até ao chão, com aspecto particular, e *alormentado*. Jamagaba há também bastantes, estão com alguma flor e frutas sécas do ano passado; não são muito altos, e são tortuosos como os Cajueiros, com os quais se parecem. Cauaçu há também bastantes, não muito altos; e estão com fruto verde. Angélica (*Rubiacea*) está ainda com algumas flores; mas

com muita frutinha madura, que é uma bagem branca. Guajeru, há bastante desta planta — algumas vi em arvoretas copadas; Murici há alguma, estão com fruto verde, etc., etc. De plantas rasteiras vi em grande quantidade uma cásia rasteira com flores amarelas, uma iridela, que a primeira vista me parece *Majiricô*, uma mimosaícea com grandes bordas de flor de cores entre encarnado-branco, e não sei se também azulão. Vi também alguma *Camará de frecha* (*Suauteira*), mas não tão vigorosa, com os da Munguba²⁶.

Na chácara, ou sítio do Senhor Couveia (lugar da Vila Velha) vi um pé de araticum cujos frutos, que estavam verdes, tinham o seu maior diâmetro de quase dois palmos e com a superfície coberta de tubérculos (graviolã?).

O lugar do sítio é elevado e plano; dizem que nesta planície houve fortalezas, e edifícios antigos, mas nada nos indicou isso. Descendo-se lá-se logo numa vagem arenosa, úmida, e mesmo alagadiça em parte; por ela passamos com algumas dificuldade, e tomamos uma espécie de aterrodo, mais elevado, e que chega até o rio. Parece que foi obra artificial atribuída aos holandeses, e que servia entre a povoação antiga, ou mais seguramente a moderna, e o Rio Ceará. Por ele seguimos tendo capim até a cintura, muito carrapicho, alguma guaxima, que aqui chamam *Malva-de-embira*, e cujas flores têm dois tantos da que há no Rio; mas creio que é a mesma espécie. Isto nos era tanto mais incômoda, que entrou logo a cair uma chuva, não fina, e que durou todo o tempo da nossa excursão ao rio. Havia mais por entre esse capim a *turnerácea* chamada *Chanana*, várias *papilionáceas* e entre elas uma soberba *clitonia*, que o Reis desenhou, com flores grandes, e é dum belo roxo purpúreo; e também a rubiácea (*Spermacoceae*) que é por estes lugares (tabuleiros) muito comum. Chegamos enfim ao Rio Ceará, que nesse lugar, 80 a 90 braças, a maré vasava. A barra fica daí talvez 1/8 de légua. Do lado direito do rio está um alagadiço, que chega daí ao pé do morro da Vila Velha, e se estende até as faldas do monte, onde é provável, que existiu a fortaleza, e povoação portuguesa que foi tomada pelos holandeses. Uma boa parte desse alagadiço, à beira do rio, está coberta de mangue. Foi para mim de grande admiração e surpresa a vista desses mangues; e custou-me a acreditar que estas enormes árvores eram os mesmíssimos nossos mangues. Figuro-se uma floresta de árvores de 80 pés de altura, um pouco tortuosas, grossas em proporção, e com as numerosas e gigantescas arcadas de suas raízes, emaranhadas de modo a [tornar] difícil [a] passagem a um cão e tal era o espetáculo que se me oferecia. As *Rizóforas* eram as mais corpulentas, estavam carregadas de frutos (estes me parecem menores que os das nossas) e de lá de cima de seus ramos mandavam raízes aéreas, que estavam pendentes. A madeira desta árvore é fuzca e dura

²⁶ Referência à Fazenda da Munguba. Cf. n.º 623.

(não lhe vi branca); o seu cerne, que aqui chamam *miolo* ou coração, serve para muitas obras; mas disse-me o Sr. Gouveia filho que na terra pouco dura. Depois eram as *Avicênias*; uma delas vi que tinha 3 palmos talvez de diâmetro: o seu seu cerne é *pardo*, e *duro*. Enfim as *Laguncularis* que vi tinham o porte duma boa guarabeira nossa. Não achei aqui o *Conocarpus*, que vi em Mucuripe pela primeira vez. Ai nos demoramos um pouco observando o rio e o seu bosque, de que o Carvalho começou a tirar-me vistas, mas a chuva o embarçou e nos obrigou a retirarmo-nos. Chegamos à casa em sítio do Senhor Gouveia já sem chuva. Ai moi suados e molhados, e emporalhados, bebemos aguardente e água de côco; arranjei em papel as plantas que tinha colhido, e o Senhor Carvalho desenhou a flor da bela Clitória, de que já falei. Saímos com o Senhor Gouveia, que me foi mostrar a chapada do seu sítio, onde se diz que houve a povoação, mas nem um vestígio me certifica disso. Foi ele depois mostrar-nos oengenho, que move com água, e tem moendas de ferro horizontais. Oengenho é de telha, paredes e pilares de tijolo, rebocados e caiados. Havia na vargem um canavial de canas-caíenas. Vimos a sua fábrica de farinha: as rodas (roda e rodizio) e banco é tudo de ferro, e pela primeira vez vimos torno de cobre, mas muito grande, tinha de 8 a 10 palmos de diâmetro. A prensa com a enorme viga, e parafuso, como são aqui rodas.

Montamos a cavalo, era 1 hora e o Senhor Gouveia nos quis acompanhar para mostrar-nos as ruínas da antiga fortaleza e a barra do Ceará; montou o cavalo como escava, em mangas de camisa e só trocou os tamancos por uns sapatos. É filho do fazendeiro, dizem, o mais rico do Ceará, e asseguram que tem mais de 200 escravos! distribuídos por várias fazendas (de criat) e sítios (engenhos). Vive em um lugar da cidade quase subúrbio, chamado Garrote, e faz parte do Oitreiro. Sua casa é térrea, e baixa, a sala ladrilhada, e o teto forrado de lona; tem uma grande chácara, a que chama sítio, é homem que deve ter perto de 70 anos, tem 8 filhas, e um filho; das filhas vi só uma, que não é feia. Dizem que as não quer casar senão com português ou inglês.

Acompanhados pelo Senhor Gouveia Filho, como dizia, seguimos uma veda por dentro do arvoredo (carrasco) e chegamos a um lugar onde ele diz que se tem achado pedras calças, etc. e que é tradição ser resto da fortaleza. Eu não me apeei nem os ouros, para vermos isso melhor porque para sabermos alguma coisa com certeza é necessário estudos mais custosos. Costreamos o monte, muito mais alto, do que o lugar onde está a casa e sítio; fica-lhe por baixo um alagadiço, que é tradição ser aqui a antiga barra do rio (eu cuido que aqui havia havia, onde se recolhiam os navios de pequeno calado que chegavam a este porto), e é pelo lado do mar interceptado por um grande e largo cômodo de areia; rodeamos e andamos pelos montes de areias até chegarmos à barra do rio, que estava nesta baixo, por ter vasado a maré. Tendo observado a barra, e voltando, o Senhor Gouveia despediu-se de nós, e nós seguimos pela praia

e rebentação do mar até a cidade. É uma praia como a da Restinga de Marambaia, larga e rasa onde se quebram os rolos do mar continuamente, e vai insensivelmente subindo para as lombros de areia que bordam toda a costa do Ceará. A distância da barra do rio à cidade é de 2 léguas; mas o sol estava meio tolhado e assim fizemos esta viagem agradabilissimamente caminhando sempre pela areia molhada. Chegamos à cidade depois das 3 horas; e a maior parte do caminho pela praia foi de galope, e de esquipado.

3-V-1859. Fortaleza

É em outubro que começam as chuvas; estas são parciais, em chuviscos, e principalmente pelas serras, e ordinariamente escasas, e muitas vezes falham, com grande prejuizo da lavoura. Chamam chuvas-de-caju, porque com ellas amadurecem os cajus. Continuam os chuviscos raros por novembro e dezembro. Estas chuvas se podem chamar as precursoras do inverno.

Antigamente (segundo a tradição) e hoje mui rara vez, entrava o inverno do ano em janeiro; mais comumente entra em fevereiro (como este ano em que começou no dia 4 de fevereiro), outras vezes é só em março que começa, e é, já, um mau inverno. Até 19 de março (dia de São José) esperam pelas chuvas; se por esse tempo não chove (no equinócio) há seca, ou faltam as chuvas do ano. Rara vez chove em toda a Província ao mesmo tempo, mas alternadamente, ora aqui ora acolá. As vezes em certos lugares deixa inteiramente de chover, e se chama *inverno malhado*. Várias vezes começam as chuvas pelo litoral (e creio que será o mais comum), outras vezes pelo sertão; e então para junto ao mar se vêem enchentes às vezes devastadoras, estando se a sofrer seca. As chuvas aqui são em chuviscos ou pancadas, que raras vezes duram mais de meia hora, mas com tal fôrça, que tudo se alaga logo. Estes chuviscos [são] de madrugada, ao romper do dia, ou entre 9, e 11 horas, raras vezes depois do meio-dia, e poucas vezes se vê chover por todo o dia. Ordinariamente há 1, 2, u 4 chuviscos, mais ou menos fênicos e abundantes, tocados aqui sempre com vento sul, e sueste; em fevereiro e março são mais ordinárias as chuvas durante a manhã. Em abril, que é a fôrça do inverno, já chove também de tarde, mas mui rara vez chove de noite. São as noites sempre, ou quase sempre belas.

Isso aqui na cidade, dizem; parece que para o sertão é o inverso, que as chuvas são sempre ou quase sempre de tarde.

Não vi aqui sobre a cidade uma trovoadá; bem que às vezes isso acontece, e mesmo havendo desastre causados pelo raio. Poucas vezes trovejou aqui forte, mas continuamente fuzila de tardinha, ou de noite ao horizonte, de sudoeste a sueste; mais constantes ao sul, sem ouvirem rancos; às vezes elles se aproximam

e dão trovões fortes. Enquanto estivemos em Pacatuba tínhamos sempre as trovoadas mais perto, e mais altas; às vezes com raios fortes e tormenta d'água.

Há por aqui muitos lugares baixos, chamados ipus, e bacias de lagoas, que no verão estão secas, mas com as chuvas vão tomando água, e se o inverno é bom formam grandes depósitos d'água. Para perto das serras forma-se uma grande quantidade de rios inúteis e de ribeiras, que tornam os caminhos mais e às vezes com atoleiros.

Em maio, vão diminuindo as chuvas; em junho já pouco chove; em julho começa o verão que vai até setembro; em agosto é a força do calor. Pelo sertão as árvores estão nesse tempo inteiramente despidas, exceto algumas poucas como a *Oiticica* e outras, que sempre estão com folhas.

Dizem os humens do país que com três mezes de inverno regular há fartura na Província.

MORTANDADE DO GADO

Quando as chuvas são escassas, ou quando faltam no mesmo ano, ou quando não foram suficientes no ano precedente, não tanto a falta d'água como a falta de pastos, que perere o gado; assim neste ano em que o inverno não é mau, a escassez do ano passado fez morrerem muitas mil reses pelo sertão. Quando isto acontece o gado é afetado do mal triste (mortinha), que parece grassar como um contágio, fazendo essa mortandade.

O Senhor Gouveia, que tem fazendas de gado, nos asseverou que não é nem a falta d'água, nem a dos pastos que mata o gado, mas o mal triste. A res morre desta moléstia, cujo coiro se aproveita, apresenta a passarinha e o fígado mui volumosos. É pois uma sorte de *episocia*, uma febre pestilenta que mata o gado. É, quanto a mim, devido a comerem más ervas, e a beberem águas corrompidas, e isto no tempo dos grandes calores. Este mal triste acomete também o gado que vem do sertão para o litoral, provavelmente pelas mesmas causas *.

Esta Província, pela benignidade de seu clima, pela abundância maravilhosa de seu solo, angustiado pela temperatura e umidade quase constantes, se não fôsse sujeita a esse flagelo das secas, seria uma das mais preciosas do Brasil.

É tradição que em tempos antigos as secas não eram tão frequentes e tão devastadoras. É portanto digno de ser averiguado. Em outros tempos havia menos povoação, havia proporção mais de pastos, em relação à criação, e por isso o mal se não fazia sentir com tanta força. É conjectura minha. Também os invernos invariavelmente longos e abundantes são prejudiciais.

Para atenuar o mesmo e remediar até certo ponto os efeitos da seca, era necessário fazer reservas tanto de águas (por meio de açudes) como de forragem,

* Tenho agora sido informado de que quase sempre as moléstias e mortandade do gado são precocias da praga do carrapato, que amolima muito o gado.

secando a erva e guardando-a em paillis, e em proporção conveniente, e como também de sementes alimentícias, como milho, arroz, feijão, e também farinha preparada, a não se poderem conservar os mandiocaes. Tantos capitais que se aniquilam com uma seca bastavam talvez para preparar os meios e os modos de se fazerem tais reservas.

Em geral a água que se bebe é má, em grande parte tirada de cisternas ou poços brutamente feitos na terra. A do Rio Jacaréanga passa pela melhor daqui da cidade. E em alguns lugares tenho bebido água da chuva excelente.

(Estas notícias são principalmente pelo que respeita às vizinhanças desta capital).

30-V-1859

O que fica escrito foi, como se vê no principio de maio; mas pelo mês em diante a coisa foi diferente. Todo esse mês o tempo passado, com algumas interrupções, em Pacatuba. Até além de meado o mês de tarde fuzilava sempre sobre o horizonte de sudoeste até sueste: algumas trovoadas chegaram a Pacatuba (na cidade caiu no dia 15 ou 16 uma fortíssima trovada, pela meia-noite, sobre a cidade, com muita chuva e vento, que assustou a povoação). Em Pacatuba não a ouvimos ou foi muito fraca; mas lá deu por esse tempo, entre duas ou quatro horas da tarde um fortíssimo tufão de sudoeste, que fez muitos estragos pela lavoura, derrubou casas, e muitas árvores. As chuvas neste mês não têm tido hora certa mas as grossas chuvas têm sido mais de tarde; e algumas noites têm sido muito chuvosas; é por quase toda a noite isto, principalmente agora para o fim do mês. E então o céu tem estado sempre mais ou menos coberto; e o ar muito quente, e muito úmido. Todavia em Pacatuba as noites têm já sido bem frescas.

Ontem (29 de maio) lá pelas 10 horas da noite caiu sobre a cidade um forte vento; o céu escureceu muito, mas a chuva foi fraca; e às 11 horas tinha tudo passado.

Domingo, 8 de maio

Convidados para assistir ao batizado de um filho do Senhor Manuel Carlos Frederico de Sabóia, todos os membros da Comissão, e faltando Manuel e Vila-Real que estão em Pacatuba, e os Senhores Soares e Gabaglia por incomodados, saímos depois do almoço a que também assistiu o Dr. Padre Pompeu, que era quem havia de batizar o menino. Eramos dez cavaleiros; e por um belo dia caminhamos pela estrada de Mocajana, que é mui boa, e chegamos ao sítio depois das 17 horas e fomos recebidos pelo dono da casa admiravelmente. Arha vem-se aí várias famílias, suas parentas; eram oito mães, três senhoras e o Dr. José Lourenço (a dona da casa estava incomodada) além de algumas meninas. Fomos servidos dum farto almoço; depois conversou-se, bebeu-se cerveja, água de côco, comeu-se frutas — atas, laranjas, etc. Seriam 3 horas quando se fez o batizado; e depois das 4 pôs-se o jantar, consistindo de sopa, vários assados, um frigideiro, frutas como abacaxis, atas, graviola, jaca, bananas, queijo, vários doces de massa e calda, vinhos, cidra. Saúde vai, saúde vem, gastamos mais duma hora na mesa. Tudo isto se fazia na casa do engenho, e ao pé das moendas de ferro. A casa é toda aberta, todo o madeiramento é de carnaúba, coberto de telhas; os esteios são paus toscos e com casca. Assim conhamos ao vento, e também ao sol. Depois do café fizemos um passeio em giro pelas roças de mandioca, acompanhados por todas as mães; todas estas senhoras (menos uma) sem ser formosas, são bonitas, bem vestidas, bem penteadas, elegantes, desembaraçadas, espirituosas; e como quase todas as cearenses, de belos olhos, e lindos dentes. Pouco antes do anoitecer montamos a cavalo; eram 12 cavaleiros — 9 da Comissão, o Padre Pompeu, o Dr. José Lourenço, um militar, que aqui está em serviço. No caminho vi algumas plantas que ainda não havia visto: um jatobá com fruta; e *abrochocaria*, trepadeira de flores umbeladas que temos na Menduaia. As senhoras quase todas foram ao passeio e me trouxeram cada uma um [ramo] de flores, mas triviais, como de jambuís etc. Guaribas com fruto,

* Sítio do Senhor Sabóia.

etc. O Senhor Sabóia me disse que escurunava seus canaviaes com bosta que colhia, ou comprava dos currais, e que o estrume de semente de algodão faz produzir a cana muita folha (mas não amadurece bem); disse mais que do pau-paraíba só se servem da folha para agasalhar bananas e amadurecê-las. Diz que a manicoba é uma despena de farinha, que dura na terra até 16 anos sempre boa, mas é necessário todos os anos limpá-la, queimar (e plantar milho) que então brota de novo; que a farinha é mais alva, mui gomosa, mesmo tirando-se a tapioca, e mui boa; o trabalho é de tirá-la da terra.

18-V-1859. Pacatuba

Segunda-feira 16 de maio, depois das 4 horas da tarde eu e o Lago, acompanhados de nossos criados, montamos a cavalo, e subimos a Serra da Aratanha até o sítio do Senhor José Antônio da Costa e Silva, onde chegamos depois das 8 horas, estando a família ainda à mesa. Esta subida, bem que em pequenos zigzags, é quase a pique, e seguindo o vale, ou grotta, por onde corre o riacho Pacatuba, é áspera, e com passos temíveis ou despenhadeiros. Há lugares em que se sobe por uma escada de pedras barrentas, e isto com cavalos desferrados.

O Senhor Costa, e sua senhora, a Senhora Dona Maria Teófila nos tem sempre recebido da maneira a mais franca e a mais obsequiosa, instando sempre para que vamos passar o tempo que quisermos em sua casa; e de mais somos sempre presenteados com doces, queijos, brijus, frutas, etc., etc., enquanto temos estado em Pacatuba. O Senhor Costa tem-nos ainda sido de muita utilidade com noticias que nos dá de coisas do país, de que tem largo conhecimento. É lavrador de cana, e hoje mais particularmente de café, tendo sido um dos primeiros que tentou esta cultura. O seu café é todo despulpado, porque tem despulpador em casa, e despulpador portátil que o assenta nas roças onde o café apanhado é logo despulpado. O seu engenho de moer cana é na própria casa, por detrás da cozinha; é um grande molinete puxado por bois. É homem curioso, e tem muitas plantas exóticas cultivadas, mas tudo isto tudo tóscio, e sem ordem. A sua casa edificada sobre rochedos, tem uma entrada das mais ignóbeis; mas subindo-se tem primeiro uma antessala aberta dos dois lados, com parapeitos que se fecham de noite, ou com a chuva, levantando-se grandes abas, que chegam ao frechal. Assim é também a sua casa de jantar, do lado oposto e immediata à cozinha; é uma espécie de grande varanda, mas que toda se fecha pelo modo que disse. Entre estas duas partes há duas salas muito decentes, teto forrado, janelas envidraçadas; e tudo pintado. Na primeira está um bonito piano, sofá, e cadeiras de palhinha, cadeiras de balanço, muito usadas aqui, mesmo em palácio, botetes com mangas e jarras; castiçais de cristais no fundo de uma alcova, com cama armada de cortinados, colchas, etc., rodapés vendados,

etc. E bem associada. Aqui estava amavelmente seu filho, o Senhor Juvenal Galeno da Costa, moço que tem alguma educação, e que é meio poeta - estuda no Rio de Janeiro. A outra sala que se segue é no mesmo gosto, mas não tão bem mobiliada; por cima destas duas salas há um sobrado onde mora uma filha solteira, que agora está com outra casada; pelos fundos há cozinhas, engenhos, etc., e repartições que eu não vi. Por baixo há umas lojas que servem para armazém, moradia dos escravos, etc. e para o lado esquerdo fica uma roda d'água com que despolpa café, soca, etc. Aí fica também a caldeira e tachos para o açúcar e o alambique para aguardiente. Por cima destas fábricas corre um largo tabuleiro com peitoris, que serve de varanda à casa, e onde soca o café; há outro mais baixo; mais outro corre do mesmo lado na extensão do terreiro que está em frente da casa. na altura do primeiro sobrado, e serve também de varanda e de socar café e mantimentos. Com esta comunica a sala de jantar, e aí se toma café depois do jantar, havendo por baixo e sobre a rocha um mato de flores, jasmims, rosas, mimos-de-vênus, que aqui chamam *grava*.

Em roda da casa, que como já disse está sobre rochas altas, há despenhadeiros e por detrás pedras altas, que escurecem a cozinha. Foi buscar água do riacho Pacatuba; com [ela] move o seu engenho d'água; metem água em casa, e fêz um excelente banheiro.

Como dizia, chegamos aí estavam acabando de jantar, e viram logo receber-nos. Escrevemos na antessala sentados em rédes, e aí conversamos até a hora do chá, que foi servido com muita variedade de biscoitos, bolinhos, além do pão, queijo, etc. Conversamos depois até além das 10 horas, em que nos foram armadas na sala de visita duas belas e mui assejadas rédes, com almofadinhas cheias de crivos e rendas, lençóis, etc. De manhã logo que nos levantamos veio-nos bom café; conversamos, e passeiamos pelo pomar em roda da casa de banho, onde o Senhor Costa se banhava; aí colhemos algumas plantas; e vimos uma boa plantação de Ubas, que aqui chamam *Cana-brava*; estava com frecha. Depois de um farto e delicioso almoço, era mais de 11 horas, nos preparamos para a subida da serra. O Senhor Costa nos quis acompanhar; emm eu, ôê, e o Lagos (o Juvenal ficou tomando conta da casa) um preto velho manceiro, e nossos dois criados. A ascensão foi a cavalo; e o caminho mais íngreme, mais horrível que o da subida para a casa. E eu ia tremendo, e em alguns lugares me apeava. Chegamos enfim ao alto da serra, e entramos-nos já em matos virgens; dobramos o primeiro cabeço da serra, e demos no vale, profundo, onde corre o Pacatuba, ou antes onde tem origem, e são mui profundos tremedais, por uma longa garganta, e coberta de mato baixo, vendo-se algures água. Adiante correndo o mesmo vale, e já havendo bastante água, fêz o Senhor Costa um açude entre os montes, que representando a água forma uma vasta e profunda lagoa, o que produz um movimento de surpresa naquella altura. Andávamos costicando esses vales e por meio de caséais e de matas virgens, quase sempre

roçadas, ou *brocadas* como aqui dizem, quando o tempo escurece, venta sobre as cimos ou cabeços da serra e começa a chover. Foi para nós um grande desapontamento; e procuramos agasalhar-nos em um rancho de pindobas; mas quando aí chegamos, estávamos já bem molhados, tanto pela chuva, como pelo orvalho do mato, e dos cafésais. Demos pois a nossa excursão por concluída, e nos fizemos de volta, que para mim foi bem penível, pois a fiz toda a pé; e chegamos à casa em estado deplorável. Mas tínhamos levado roupa; e nos asseiamos para apresentar-nos ao jantar, que foi pelas 4 horas da tarde: jantar excelente e farto. Acabado êle e tomado o café, nos preparamos para descer; eram avoanarias, e eu não tive remédio senão em descer a cavallo com o credo na boca, e suando como se descesse a pé. Chegamos a Pacauba já bem noite, e livres de perigo.

VEGETAÇÃO

Do sítio (Boa Vista) até o alto da serra a vegetação tem muita semelhança com a do Rio de Janeiro nas vargens; muitas plantas são da mesma espécie, mas é notável, que quase todas (assim é também a respeito das cultivadas) têm maior vigor, maior porte, maiores flores e frutos.

Por detrás da casa vimos: Erva-grossa (que chamam aqui língua-de-vaca), Alfavaca; Oficial-da-sala (que chamam...?) Guaxima, de flores mui grandes (malva-de-embiras; há porém uma triunfeta, de varas mui longas e que dá embira mui forte e não dura, esta é, segundo o Senhor Costa, a verdadeira Malva-de-embira, que até os ingléscos a compram); *Ankanga pucherica*, Pariparoba (que chamam Caapeba, mas outra piperácea que à primeira vista se confunde com a Paribaroba, é a verdadeira Caapeba medicinal: tem folhas menores, mais delgadas e mais lisas; e os amentos solitários), Picão (que chamam carripicho) e um *Bidens*, que me parece ser o mesmo de lá. A Piperácea chamada *Pertarnão*, ou espécie mui semelhante; Pedregoso-bravo, ou espécie mui próxima: Guaiabeiras.

No alto da serra, Oficial-da-sala, muito abundante; Guaxima de flores mui grandes; Tabica (rutácea). Uma anomácea de folha cheirosa com frutas côr-de-laranja (Imberil?); *Samambuaia pteris*; barba-de-velho (diz Manuel que é outra espécie diversa da nossa); Figueira-branca, *Sophum azecparium* (que chamam aqui barra-de-leite).

Árvores silvestres: Ipê de flor amarela (que chamam pau-d'arco-amarelo, exclusivo, ou mais abundante nas serras; nos baixos domina o roxo). Gargaúba. Coriácea que dá a melhor embira daqui; Maçaranduba vimos algumas grandes, e o meu rupeiz apanhou no chão a fruta madura de uma. Tinguacilha (que chamam Limãozinho; estava com fruto). Mamalucas são grandes árvores de folhas miúdas, casca lisa e avermelhada, corne...?; é uma Mirtácea. Algumas

27. LECTURA DE MS.

de que se quis tirar amostras estavam ócas; attribuem isso às ventanias da serra. Arapoca (rutáceo) que chamam Amarelinho; Urucurana (que o Senhor Costa chama Sangue-de-boi — estavam com flor e fruto verde alguns indivíduos femininos. Piruá — grandes árvores, cuja madeira é branca; não sei nem a que família pertencem; Catucanhém (que chamam...³⁶), tiramos folhas de duas espécies; Carrapicira (que chamam Jitô); Lacre (Vismia); vimos em um lugar uma mata secundária no alto da serra, que quase exclusivamente era formada desta planta, e tem aqui aspecto duma árvore — semelhante às nossas aroeiras no tamanho.

Achamos um *Cybianthus* mui florido: era pequena árvore. *Parax* ou *Actynophyllum*, vimos uma árvore com botões; Jaracatis, vi muitas e grandes árvores; me davam aparência de paineiras; Embaibeiras grandes de espécie diversa das nossas. Vimos no alto um pé de pau-paíba, que o Senhor Costa me assegurou ser o mesmo dos tabuleiros; é madeira branca, e leve: diz que dá paus grandes, talvez para canoas.

A mata no alto da serra não tem a majestade das nossas do Rio; assemelha-se um pouco com as de Petrópolis: um grande número de árvores me parecem estranhas; e não havia flor nem fruto; era muito pouca.

Nem um animal avistamos, nem um mosquito; de peixes só conhecemos algumas arapongas trearem os matos, sem as vermos, e alguns lotes de tiribas passaram.

Cultivadas: Laranjas, Jambos, Araçás, Arvore-do-pão, Jacas, Mamões (nativos), Jenipapos (nativos), patreira, Urucu, Uba, Abiu (*Solanum*) do Pará e de que nememos doce, Cajus, Andirobas (*Meliácea*, Açaí, *Mimusops disserta*, Bacurupari (silvestre?).

O alto da Serra da Aratunha é um grupo de grandes cabeços, ou montes separados por vales mais ou menos profundos. Tudo está já devastado, e com plantações, principalmente de café, mas essas roças, são entremeadas de porções de matas virgens, ou porque os terrenos são ásperos ou impróprios para cultura, ou muito agitados pelos ventos de agôsto, ou enfim são também deixados para proteger as plantações, e se chamam guanchi-ventos; isto não só no alto da serra, mas pelas encostas se observa essa rede de matas, que dá à serra um aspecto de mosaico irregular, parecendo as roças uma turo por entre as matas. O vento reina quase sempre no alto dessas montanhas e às vèzes violento, e se precipita pelas encostas, e grotas, assolando tudo.

36. Lacerda no ms.

Ontem 15 de junho de 1859, partimos pelas 10 horas da manhã de Pacatuba, eu, Manuel, e o Capitão Henrique Gonçalves da Justa; levaram nossa bagagem e comida o meu criado e do Manuel, e ia mais o mateiro José Manuel. Chegamos a Guaiúba pelas 11 horas pouco mais ou menos; desviamos-nos da estrada para ver a povoação, que é insignificante — uma pobre igreja sem aparência de templo, numa meia laranja, com praça em frente, guarnecida pelos dois lados, e mais baixo que a igreja, por casas térreas e pobres. Chegamos ao largo, e depois paramos, sem nos apêarmos, em casa de uma família conhecida do Justa. Daí seguimos e passamos o rio Guaiúba, que corre junto à povoação. Iamos muito devagar, vendo e colhendo plantas, e só às duas horas é que chegamos ao Rio Baú, que passamos, fomos pousar numa pobre casa dum sujeito chamado João Francisco, conhecido também do Justa.

Calcula-se ser de Pacatuba a Guaiúba uma légua e daí ao Baú duas léguas. Todo esse terreno é muito pouco cultivado, e é todo coberto de matos, ora altos, ora carrasquentos. Da Guaiúba até o Baú, disse-nos o Senhor Justa que tudo é virgem, quer carrascos, quer matas altas. O caminho que é a estrada de Baturité é bastante reto, mas com subidas e descidas, de fortes ladeiras, porque o terreno é de altos e baixos; nos altos há de ordinário chapadas mais ou menos extensas e planas, e nas baixas há também algumas vargens planas úmidas ou menos extensas e planas, e nas baixas há também algumas vargens planas úmidas, onde a mata se torna alta, e viçosa; mas nos altos, onde o terreno é árido, se torna ela carrasquenha, conservando todavia muitas das mesmas árvores. A vargem onde corre o Baú, onde a estrada o atravessa será 500 a 600 braças, de largo; é o vale do rio plano, barrento (barro negro viscoso); há aí alguns atoleiros. O rio não corre bem pelo meio, porém mais para o lado de Baturité. Este vale é limitado por duas elevações, que formam chapadas nos dois lados, com altura mais ou menos de 20 varas, e com ladeira fácil; a chapada que fica para o lado do Guaiúba é duma grande extensão e plana; a outra não fomos, porque a casa onde nos arranchamos é à beira do rio. Este vale nas grandes enchentes do rio fica em parte alagado. Os rios Guaiúba e Baú são de força quase igual, com ribeiras altas e largas e fundo arenoso; agora tinham água tanta como o Rio Guandu na margem do Men-

danha, quando está nem cheio, nem vazio. O Guaiúba oferece uma pequena cascata ruja quota será de 6 a 8 palmos de altura, porque uma grossa vela de pedra *gneisso* o atravessa; forma-se em cima dessa muralha uma larga bacia, e em baixo outra muito mais funda. Os engenheiros dirigiram a estrada de modo a passar por cima da pedra, onde tentavam fazer a ponte, fazendo um grande arco por cima da rasana. Ambos estes rios se tornam temíveis no tempo das chuvas, mas nos verões diminuem muito e mesmo nas grandes sécas se correm.

VEGETAÇÃO

Logo que saímos de Pacatuba fomos achando o caminho bordado de flores. Eram principalmente convolvuláceas de lindas e grandes flores, que cobriam as moitas e arvoredos, e mesmo alisuravam o chão. Contamos 5 ou 7 espécies entre todas. *Campanula*; Lanternas de flores douradas, e pela primeira vez as vinhas de flores brancas; e à margem do Baú uma variedade de flores cor d'ouro, e rubis; pelo chão, à beira do caminho eram as lindas flores, e quase semelhantes no tamanho, forma e cores, que facilmente se confundem, da Meladilha e da Chanana, e mais algumas *Centrosemas* de flores grandes e vistosas; e enfim outras mais abundantes. Das árvores, raríssimas estavam em flor, e poucas com frutos. O Vale do Baú é um todo coberto duma mata virgem de grandes árvores, bem que não iguala as nossas do Rio de Janeiro; as árvores, que aí notamos passando pela estrada somente são:

Pau-branco, de cerne ruxo (dizem haver outro de cerne loiro) em grande quantidade. *Angicos*, grandes árvores com o porte, aparência dos nossos cabuás. Estas árvores tomam grandes proporções, o seu cerne vermelho-sangüíneo com veios escuros é excellente madeira de construção, e de marcenaria. Na capital são os móveis desta madeira, e simula o mogno. Estavam com bagena, que colheamos a tiro, mas não bem maduras. *Pau-d'arco-roxo* (isto é, de flor roxa) há muitas, tanto destes como do Angico, mas não muito grossos, porque se têm tirado daí, e à beira dos caminhos toda a grossa madeira. É notável que estas árvores estão com folha e sem flores, quando as que vi vindo da cidade do Rio Jenipahú, até os arredores de Pacatuba, estão pelo maior parte muito floridas (é provável que venham a florescer de outubro a dezembro, e essa é a opinião do *mateiro* e do Capitão Justa, sendo a floração de agora antes esporádica que verdadeira, se é que elas não *floram* duas vezes no ano, no princípio e fim do inverno). *Couto* e *Arueira*, apenas d'elles se viram uma ou duas árvores; afirma o Capitão Justa e o *mateiro*, que eram aqui abundantes, mas que se têm cortado. *Marizeiros* algumas e bastante grandes; *Juazeiros* alguns; *Mauicobas* muitas e muito altas; estão com fruto; *Carnaúbas* há bastantes no meio da mata e muí altas, excedendo os Angicos. Nos canaúbas não as vi dessa altura (tronco de mais de 100 palmos, delgados, quase

direitos, e com mui pequena copa). *Catoís* (coqueiros) há também bastantes; *Purga-de-Leite* (*Euforbiácea*) pequena árvore, há bastantes, estão com fruto; *Jucás* há alguns; *Catingueiros*, bastantes, e grandes; muitos destes estão com flor e fruto; *Jurema-amarela* há bastantes; e uma *mimosócea* cuja madeira é mui semelhante ao que no Rio chamam Cubul-vinhático. Vinhático, ou Vinhático-de-espinho. Estas são as árvores que observamos. Há aqui *Imburana*-de-cheiro ou *Cumaru*, e *pau-violeta*; mas não nos foi possível vê-los. Na grande chapeada vindo do Baú para o Guaiúba há mata densa, carrasquenha, e virgem segundo afirmou o Senhor Capitão Justo. Este carrasco assemelha as nossas pequenas capoeiras, cujo porte se regula pelo das Goiabeiras, e Arceiras: mas é aqui mui baixo o mato, formado de grande quantidade de plantas multicaules e de hastes longas e direitas, e de outras árvores mais corpulentas mas de tronco mui tortuoso e atamento de todos os modos. No meio dessa mata densa levantam-se aqui e acolá algumas árvores mais altas, como são *manicobas*, *cedros*, *aroeiras*, e algumas coqueiros. Dominam muitos carrascos a *Imburana*, o *Catingueiro* a *Jurema*, o *Mororó* o *Pequiá*, o *Peteiro* e grande quantidade dos *Crótons* a que chamam Matameleiros. Ai tiramos fruto da *Manicoba*, derrubando uma pequena árvore, fruto de *Cedro*, tirado a tiro, e uma tora de *Aroeira*.

A casa em que nos hospedamos e passamos a noite é um miserável rancho, coberto de telha, mas sem paredes, à exceção de um quartinho puxado para um lado, onde mora um casal da família, talvez um filho casado. Tem uma varandinha aberta, uma espécie de salão cujas paredes são feitas com paus juntos, e postos a-pique; mas estes mesmos desiguais, tortos, etc.* Havia aí uma

* Continuação da casa de João Francisco. Dessa sala meio aberta se entra para outra separada desta por uma tapagem de tábuas transversais até a altura do tecto; por detrás estava a ralla d'água, e quando as raparigas unavam espiavam pelas frestas das tábuas. Esta saleta tem ao lado uma alcova cujas paredes são de filhas de palmeira. Aí parece que dormia a dona da casa, e as raparigas, e parece que é a despensa, porquanto cando em uma garrafa com resto de vinho. A dona casa, eja entrou para esse lugar a guardá-la. Segue-se um lance para trás de paus a pique, e talvez é a cozinha; lá mais ao lado esquerdo um quartinho de telhas, e de paredes barreadas; suplenho que é do filho. É tudo tão rústico, que nem o terreno foi nivelado. Por esta habitação se faz idéa do que é o resto das casas desta gente, pois que este João Francisco não se pode chamar pobre; pois que tem 2 caixas e juntas de bois para ambos; e cada cartada costuma ser puxada por 7 ou 8 juntas.

Ele estava em casa em camisa, por cima da camisa; mas a mulher estava vestida com camisa rodada, saia de chita, buxoas de ouro, e mdo fúmpo. As raparigas estavam vestidinhas com vestidos e lençóis, e as crianças não estavam nem sequer as muito pequenas. Aqui chegaram de Quixeramobim 3 serramejos, ou vaqueiros, vestidos de pelta, coiro, conduzindo um resto de boiada, que deixaram no curral do João Francisco e a vieram lavar no dia seguinte de manhã. Um d'elles era um homem bem asseado, robusto, umido e conversando bem; levando os bois, dila d'elles iam chovendo, isto é, cantando à moda dos boiadeiros; não deixava de ser isto alguma coisa pitoresca.

mesa, um banco para duas pessoas, e um tripeça. Havia dum lado muitas coisas no chão (são de cobrir os carros).

O negócio do dono deste casebre é conduzir gêneros, café, algodão, de Baturité para a cidade; tem dois carros, grosseiros, como são todos os da terra, e estavam no terceiro carregados com fardos de algodão; estavam a meia carga, por causa do mau estado dos caminhos. A carga inteira é de 14 fardos, cujo péso é de 70 a 80 arrobas, e o frete, nos disse o Senhor Justo, é 45, a 50\$ a carrada, e ele gasta na viagem redonda 20 dias. Hoje, antes de nós sairmos, saiu ele com mais um sujeito, que não sei se da família, e um netinho, pelas 7 horas da manhã a ajuntar o gado, que andava pastando daí a meia légua, por trazer os carros para a cidade esta tarde. Disse-me ele que tem 66 anos feitos, que é filho de porto das Russas, no Jaguaribe, e que veio para aqui em 1848. Tem a mulher, e um só filho (porque disse ele que a mulher desmameou da mãe) mas tem em casa netos, nora, e afilhados que criou. Na casa vi 3 ou 4 moças além da mulher, que é velha, e uns poucos de rapazes e crianças. Dormimos na sala aberta, onde ele nos estendeu, logo que chegamos, rédes, uma para mim, e outra para o Justo; Manuel levou a sua. Deitei-me em mangas de camisa sem cobertura, e de madrugada senti frio, e cobri-me com o paletó. Tínhamos levado matulutagem mas como mandamos cozinhar uma galinha para fazer sopa, e jantamos bem, não me faltou nem vinho, nem doce, nem quicijo, e café, que todo levamos. Dei-lhe pela galinha e pelo agasalho, quatro mil-réis, e uma receita para os olhos dos dois netinhos, 400 réis por uma cesta de milho, colhido na roça, e 1000 réis a um vizinho que nos sustentou os cavalos com capim.

Contou-nos o Senhor João Francisco que o Manacá, planta muito abundante naqueles lugares é excelente remédio para febres. O chá das flores, com aguardente dado na ocasião do acesso, cura milagrosamente; se não tem flores, a casca da raiz coinhada e bebida com aguardente faz muito efeito. A bucha (bucha-de-paulista) é outra planta milagrosa; sua mulher prepara desta sorte; lança numa panela grande quantidade de ramos desta planta, cozinha e depois a engrossa até consistência de xarope, deixa-lhe açúcar, e depois juntando-lhe polvilho faz umas balas, que são excelentes purgantes. Há ainda a batata-de-purga, que dá uma grande cabeça na raiz, que raspada e lavada dá uma tapioca, ou goma, que assenta. Esta goma tomada na quantidade de 2 a 3 colheres é excelente purgativo. Acabou dizendo: Nós aqui com o manacá, a bucha, e a batata, não precisamos de botica, cujos remédios são quase sempre sem efeito.

Despedimo-nos desta boa gente, e partimos entre 9 e 10 horas: caminhamos muito devagar vendo as matas, tirando ramos, e frutos, e amostras, de modo que eu e o Capitão Justo chegamos a Guaiúba depois de uma hora. Nos apeamos na casa da família de que ele é compadre, bebemos água não muito clara, e muito fresca do rio Guaiúba, eu repeti o copo duas vezes (a água do Baú é má, grossa, pesada, meio salobra e morna); a Senhora insistiu muito conosco para

que jantássemos, mas eu estava suado e porco, só tinha vontade é de me ver em casa, onde chegamos depois das 2 horas. Manuel ficou atrasado, ocupado em colher plantas, e vinha com os criados e nateiro; chegou quase às 4 horas, e fomos logo jantar, estando presente, por convite, o nosso excelente companheiro de viagem o Senhor Justa, com o qual já ajustamos a viagem a Batmité, agora em vindo da cidade.

(Pacatuba, 16 de junho às 8 horas da noite. Notas feitas muito à pressa).

5-VII-1859. Pacatuba

Partiram mais cedo o criado de Manuel, com résto, e o prático da picada da serra, e o mateiro José Manuel que nos acompanhou. Veio almoçar conosco o Capitão Henrique da Justa; e depois montamos a cavalo e seguimos para a serra. Em caminho encontramos o José Manuel. A distância de Pacatuba à serra é de boa légua e meia, por terreno acidentado; com alguns riachos, e aguados, e a lagoa do...³⁹ junto da qual passamos. Quase todo o caminho é coberto, e cerrado de arvoredos, que se parece com as nossas capoeiras do Rio de Janeiro, formado de sabiá, pau branco, angicos, jucás, ratingueiras, cajá-cí-ras, aroeiras, paus-d'arco-roxo, maniçobas, mororós, marfins, etc. e a mata baixa de marmeleiros, e camarás de duas qualidades e muitas outras plantas. Viu-se também dois jacobás, um carregado de fruto, assim como um camuri com bagens. Chegamos ao pé da serra, Manuel se adiantou, deixou o cavalo em um sitio, e acompanhado pelo prático e o seu criado foi até o cume da serra. Eu, o Capitão Justa a cavalo, e o José Manuel iamos atrás. Fomos subindo a montanha até um quarto de altura mais ou menos; porém aí nos apeamos e atamos os cavalos; por ser a subida íngreme, e cheio de raízes e cepos da picada. O Capitão seguiu a pé e foi encontrar o Manuel no alto da serra, eu fiquei com o José Manuel. Enquanto considerávamos a mata, e a muita bagem de angico do ano passado, o José Manuel viu por detrás dum pau-d'arco-roxo uma árvore florida, que lhe pareceu ser frei-jorge; com efeito foi a ela e reconheceu que o era. Deu um tiro e como não tirasse nada, e a árvore era fina mandei que a derrubasse; tinha um gêmeo de diâmetro e já cerne de duas polegadas; a altura era talvez de 60 palmas, estava carregadíssima de flores: de que fizemos uma boa colheita. Algumas estava já secas, e havia ainda botões; as flores apenas cheiraram. Parece-me ser o nosso louro-pardo, ou espécie muito próxima. Manuel achou no alto da serra uma bombácea com flor, e sem folhas, e a que chamam

³⁹ Lagoa do mjs.

Imbiratuba; e uma *Rumex*. Da vegetação desta serra, que tem um terço da altura da Aratuba, direi por ora que consta em grande parte de angicos, alguns paus-d'arco-roxo; vimos um pé de freijorge, não encontramos jatobás, mas havendo-os na vargem e tendo a montanha o nome de Jatobá, deve existir aí se não muitas algumas destas árvores (também não é impossível que daqui se tenha tirado as melhores madeiras); existem cedros, arceiras, que foram vistos por Mamuel, e alguns pequiás. A vegetação menor é de camarás, malváceas, acnúcneas, etc.

Descemos, até o sítio onde Manuel deixou o cavallo e aí no terreiro vimos uma árvore de cuman, com bagens; o Capitão deu um tiro e caiu um pequeno ramo com fruto. Fomos depois a ver se tirávamos bagens de uns grandes angicos que aí estavam perto à beira do caminho: com um tiro caiu uma bagena e por ela vimos que está ainda verde. Seguimos até outro sítio que tem ao pé da casa um jatobá que estava carregado de fruto; fomos a êle com o dono da casa, um filho dêste, e mais um sujeito, creio que carpinteiro que aí estava preparando esteios de pau-branco para puxar uma varanda na casa, que é de telha, e de paus-a-pique barreados. O Capitão Henrique deu dois tiros, mas caíram frutos quebrados; então o rapaz atirou-se à árvore e subiu por ella admiravelmente; a árvore até o primeiro galho teria 50 palmos, com mais de palmo e meio de diâmetro. Chegado aos ramos, com a faca que levava derrubou um galho carregado de fruto. Quando voltávamos com a nossa presa viuha uma nuvem escura de parte do Jatobá, e o dono da casa mandou logo recolher os animais, o que apenas feito desabou uma grossa pancada d'água, que durou um quarto de hora e deixou tudo alagado. Demoramo-nos ainda algum tempo, enquanto caia o maior orvalho, e durante êsse espaço gestamos de ouvir conversar o dono da casa, que é rapaz de 35 anos, casado, e com um filho de 18 que foi o que trepou na árvore; me parece excelente moço, quase branco, de boa fisionomia e bem apessoado. A mãe estava da parte de dentro e tomava parte na conversa com muito desembaraço; foi assar alguns caroços de jatobá que dizia eram bons de comer, estavam porém muito duros por não estar ainda o fruto maduro, mas a massa de fora já se podia comer. É adocicada, mas muito sêca.

Contou o dono da casa várias histórias, conversou sobre os sinais de chuva e falou muito contra a preguiça dos seus compatriotas do Ceará, e disse muitas vezes: O trabalho não mata o homem, o que o mata é a tolice. Com effeito me parece uma família feliz.

Chovia ainda sobre a Serra do Pacaruba, mas sobre nós estava o céu limpo, e supúnhamos que a chuva seguia, e nos não viria mais incomodar. Montamos pois a cavallo; e andando por muita água no caminho e por baixo dos ramos pesados de orvalho, quando já nos faltava 1/4 de légua, vem sobre nós uma grossíssima tormenta d'água, de grossas gotas, que nos acompanhou

até chegarmos, pondo-nos em miserável estado. Apenas nos apeamos cessa e daí a pouco abriu o sol.

Achamos em casa um grande prato travesso cheio de papas de milho, e uma tortina com doce de bananas e ovos, tudo excelente, e presente da Senhora Dona Maria Teófila. O Capitão Justo jantou conosco; e o convidei para o chá, a fim de acompanhar e concluir o prato de papas.

Noje 25 de agosto, um sujeito daqui, estando ajustada viagem se apresentou de manhã logo cedo para nos conduzir ao sitio denominado Cumbe (Cômoro) daqui a duas léguas seguramente. Mandou-se preparar peixe e carne para lá almoçarmos. Havia ser 7 horas quando montamos a cavallo, eu, o Lagoa, Mamei, o Reis, Bontalo, caçador, os dois ordenanças, um criado, e o nosso guia. Dirigimos para o lado do mar (nordeste) pela campina desabrida e seca do vale do Jaguaribe, no meio da qual está situada a cidade de Aracati. Este vale plano, raso, apenas elevado sobre o nivel do mar, cujas marés o cobrem em parte, tem daqui a aparência circular, com um diâmetro de légua e meia a duas léguas, é limitado pelo lado da terra por uma barreira da altura de algumas braças, em alguns lugares cortado abruptamente; por isso que esse vale é mais baixo que os tabuleiros que o circundam, e que se estendem a perder de vista fazendo um horizonte infinito, apenas interrompido por um, ou outro serrote, como o do Araré, que levanta aqui um arolá, e é todo coberto de matos. Pelo lado do mar aquê vale é limitado pelo cordão de combros de areia, que borda o mar, e cuja largura é em lugares de mais de légua, e é uma successão de montes de areia em todo o sentido, coberto em parte duma vegetação de moitas, ou de árvores dispersas, ou de um carrasco de espinhos. A barra do rio fica a duas léguas; em parte do vale que avizinha o cordão de piléiros de areia entra o mar formando valões, ou rios, que não dão vau, e que se chamam Camboas. No tempo das águas toda esta vasta bacia fica submersa, e o vale se transforma em um mar. Há enchentes desastrosas em que o rio sobe a ponto de invadir a cidade e chegar água a grande altura dentro das casas térreas ou armazéns e se diz de andarem lanchões pelas ruas da cidade. Em 59 houve grande cheia e em 42 ainda maior (excedeu três palmos a primeira). É uma verdadeira calamidade, e que não permite o engrandecimento desta povoação. Atravessando essa imensa planície passamos por uma Camboa seca e enpoçada. A alguma distancia, e quando nos encostávamos ao rio havia moitas de *Juazeiros* copados, e de *Marizeiros*, cujos troncos cheios de gomas parecem antes um feixe de varas, e têm a casca preta e gretada. Chegamos enfim á grande Camboa, que bem que estivesse a maré vazia apre-

sentava um rio de umas 20, a 30 braças de largo e com bastante fundo; passamo-la em uma pequena canoa levando os cavalos a nado, passagem difícil e aborrecida com a maré varia por causa das lamas atoladiças que ficam descobertas. Passada a Gamboa continuamos o caminho, por terrenos já cobertos de matos e carnaubais, e por sítios com plantações de cumas de mandioca. Tamo-nos chegando aos montes da costa. Seriam talvez 10 horas quando nos apeamos em um Engenho, antes Engenhoca, que estava moendo; tem moendas de ferro e eram puxadas por duas juntas de bois reunidas. É engenho só de aguardente. Está ele situado bem na falha do morro redondo (Cumbe), que é um grande e vistoso monte de areia fina, e clara sem nenhuma vegetação. Este morro é o que dá ao lugar o nome de *Cumbe*; nêle se passa um fenómeno singular, e é que dá, em certos dias às vêzes entre 2 e 3 horas, outras vêzes de noite, estronilos pequenos, sonoros e seguidos por algum tempo, e quando estronda a areia estremece e corre pelo dorso do monte, e seguindo-se em linhas successivas; no alto do morro não ha nada, é uma chapada de areia. Enquanto lá estivemos nada houve; mas disse um menino que ali estava que no dia antecedente tinha ouvido os sons. Há dali a uma meia légua outro morro de areia, que de tempos em tempos dá grandes estrondos, abrindo-se a areia e aparecendo em cima terra barrenta; e afinal que na superfície se acha caparrosa, e às vêzes porções de enxofre. A ser isto exato há sem dúvida crateras antigas cheias de areias nestes lugares. Estava o sol tão desabrido que não tivemos animo de ir ver este morro; e combinamos em ir ali dormir, outro dia, a ver se se ouvem os sons do morro, e ir de manhã cedo ver o outro morro dos estueros. Almoçamos dentro do Engenho do que levamos e eu bebi alguns tragos de aguardente que nos ofereceram e dois copos de caldo frio que aqui chamam garapa. Era talvez meio-dia quando montamos a cavallo para voltar para a cidade, e para evitar a passagem da Gamboa, caminhamos pelos morros de areia até alcançar o lugar em que a Gamboa tem ponte; mas que penosa viagem! Andamos por espaço de muito mais de 2 léguas rodeando a vargem, o vale e por cima, digo subindo e descendo montanhas de areia fina e solta, onde os animais se enterravam, e tão clara que o reflexo do sol deslumbrava a vista e causava dores nos olhos e na cabeça; em muitas vêzes dava direção ao cavallo e caminhava com os olhos fechados. Um vento forte que a cada momento ameaçava de tirar-nos o chapéu dava algum refrigério á intensidade do calor. Em certa altura porém o espectáculo era bonito. Chegados a um lugar onde os montes de areia eram mais rasos avistávamos á nossa esquerda o mar, o que nos suscitava saudades, e á direita se via a cidade no meio da imensa vargem. Quando chegamos á borda do vale e descemos foi encôo a viagem mais incômoda. O vento havia cessado, o chão e o sol queimavam, passando pelo meio de salinas, e tínhamos a cidade a uma légua de distância, com os cavalos cansados, e nós queimados. Eu havia ainda ao passar por carrascos de juazeiros e outras árvores de espinhos, rasgado uma perna da calça, e de tal modo que o pedaço caindo des-

colheu todo o ramo da botina: felizmente a entrada para nossa casa era pelo fundo e não chufamos de passar pela rua. Chegamos às 2 horas, todos vermelhos como um camarão torrado.

Podê-se dizer que foi um sacrifício inútil; apenas colhemos duas plantas novas, um espécie do género *Peltogyne?* e outra dum género próximo a *Caccolpétia*.

Quando íamo-nos aproximando da cidade, talvez a 1/4 de légua de distância, se nos offereceu o fenómeno da miragem — as tórres de duas igrejas que avistamos nos davam imagens dobradas, a verdadeira e outra invertida, parecendo-nos reflectidas por um lago; fiz notar isto a Manuel que vinha conmigo.

Ontem depois das quatro horas da tarde, montamos a cavalo, eu, Lagos, Carvalho e o Senhor Bento Colares, acompanhados pelos dois ordenanças, tendo mandado adiante dois criados com comida, para irmos dormir no Cumbe, e de manhã cedo, hoje, visitarmos a salina redonda. Eram mais de 6 horas quando chegamos à passagem da grande Gamboa; estava em seu porto a passadeira (barqueira, ou canocira). A nossa passagem não se pôde fazer com menos de quatro viagens, e quando começou anoitecer. À entrada na canoa a cavalo, assim como a suíça, um lado, onde os animais se afundavam até a barriga; a canoa pequena, fazendo água, passando ao mesmo tempo gente e cavalos, tudo fazia muito. Tudo era emporcalhado e gastamos nessa luta bem uma hora; mas levávamos o negócio de feição. Continuamos nossa viagem por terra pelo meio dum extenso carnaubal, até chegar à casa do Senhor F. de Castro, quase às 8 horas. Ele nos não esperava, tinha já ceado, e estava ali só, por incômodo de saúde, tendo a família na cidade. Assentamos em deixar a nossa comida para o almoço do dia seguinte, mas serviram-se dela os ordenanças e os criados, e ele nos mandou preparar carne seca com farofa, e uma ligeira água de café, de mais a mais morna; estendeu na sala 3 rédes onde nós e ele dormimos. De manhã acordamos ouvindo gritos de quem tocava bois; era o engenho que movia. A casa do Senhor Castro é uma verdadeira *seuade*, o corpo da casa coberto de telha, e todas as paredes do fora, e do dentro eram de palha sustentada por paus-a-pique de carnaúba; o chão de terra, e uma varanda ou copiar (latada) da frente coberta de palha. O dono nos deu muitas satisfações dizendo que tencionava ou tencionava fazer melhor casa. O Engenho consiste em uma máquina ou aparelho de moendas de ferro inglesas, como são todas as que tenho visto aqui, exposta ao tempo e só coberta por um teto de palhas assentada sobre as aspas, e que se move com as almanjuras e apenas cobre as moendas. Dois bois puxam o engenho e um mulatinho metia canas, e há muito tempo tocava os bois. A cana é amontoada no chão ao pé das moendas; o caldo vai por uma bira, ou antes tubo de carnaúba para a casa da aguardente, que é pequena, tósca e suja. Os alambiques têm as copelas de barro; bicos de carnaúba distribuem o caldo (garape) para cuculos, pipas, alambiques, etc. Uma

bomba que tira água dum poço, ao pé da casa do destilo, é toda feita de carnaúba — esteios, travessos e bomba. O corpo da bomba, o êmbolo e válvulas tudo é de pau e tócco; mas serve. O que aqui achei de curioso é que a bomba é tocada por um moinho de vento. Também estes moinhos toscos, de carnaúba, servem aqui para aguar as plantações de cana feitas em terras secas. Hoje quando voltávamos de tarde, em um canavial trabalhavam 7 ou 8 bombas destas tocadas pelos moinhos. Admira que esta indústria não esteja mais vulgarizada na Provincia, onde os ventos são quase constantes, principalmente os gerais. Os Engenhos, ou antes estas raras engenhocas, onde só há de bom as moendas de ferro, espalhadas por quase todos os lugares que temos visto são aqui, digo, pela beira dos morros de areia, tão multiplicados, que uns distam dos outros às vêzes 100 ou 200 braças. São todos de aguardente. Estes terrenos que ficam juntos aos combros de areia, em redor da vasta vargem de Aracati, são mui férteis, pela umidade constante, às vêzes demasiada que vestem as bases d'esses morros. Toda a vegetação é de grande vigor; vi canaviaes magníficos; e são mui rendosos. E o fabrico, como acabamos de ver, é tócco, deixa perder muito mas é muito simples.

Levantamo-nos hoje cedo, e andamos vendo o engenho e obras que se estão fazendo. Tomamos uma xícara d'água de café, e logo montamos a cavallo, acompanhando-nos o Senhor Castro, para irmos à salina redonda, e de caminho fomos ver uma fábrica de sabão, velas e licores que há aqui, e fomos muito bem recebidos pelo Senhor Sampaio e seu genro, que é um moço espanhol, muito amável e obsequioso. Este nos quis também acompanhar. Seguimos; eramos já sete cavaleiros e os dois ordenanças. Não passamos dum estreito atêrro, onde se tinha desmanchado uma pontezinha de carnaúbas, e feita no meio dum brejo atoladiço. Tivemos grandes dificuldades e mesmo riscos para os que se animavam a passar a cavallo, e resolvemos mandar passar os animais pelo meio do brejo, e nós passamos a pé, arranjando-se como se pôde os paus de carnaúba. Nesta passagem do brejo, um dos ordenanças, o do Lagos, que levava o meu cavallo, se viu em grandes dificuldades para passar, mas o meu ordenança, o o excellent Anastácio, que ia num desgraçado cavaliño logo na entrada atolou-se de tal maneira que o cavallo deitou-se, o lançou no aqua lodoso, e ficou em miserável estado: mandamo-lo que voltasse. Fomos indo e logo depois tivemos de passar uma pequena gamboa, ou vale que a maré tinha enchido; passaram os cavalos proxados e nós (alguns passaram a cavallo) procuramos lugar mais estreito, e lançados alguns paus passamos não sem algum risco. Então chegamos à peor passagem, à do morro a-pique. É um grande monte de areia mui íngreme, e de areia solta, que circunda um grande seio ou volta da grande gamboa, que é aqui mui larga, 40 a 50 braças, e que na volta que faz é pelo lado da montanha um profundo perau, não ficando entre a água (a maré estava cheia) e a base do monte mais de 2 palmos em quase toda a redondeza, que não tem menos de 200 braças. Faça-se ideia andando à beira

dum rio mui fundo de água escura, fazendo maréas e encostado a uma montanha de areia movediça, como a coisa é temerosa.

O perar nos fica dentro d'água a 3 ou 4 palmos.

famos, eu com muito recio e cuidado, porque o meu cavalo tem grande medo d'água, e mais d'água agitada, e tínhamos já andado um pedaço quando ele se assustou e volta-se para o monte atolando-se na areia, que corria para dentro do rio. Fiv e um grande susto; mas maior foi o do Lago, cujo cavalo assustou-se também e quer subir pelo monte de areia. Ele grita e mal pode conter o cavalo, à beira do precipício; houve um momento de confusão, mas os cavalos pararam bufando, e eu me pude apeiar; então o Senhor Colares me ofereceu a sua égua, que aqui chamam bêsta, e montou em meu cavalo. Seguimos, mas eu, hem que com confiança na égua, não ia de todo tranqüilo. Finalmente demos num lugar aberto, cujo terreno em grande parte tinha sido subvertido, apresentando uma vasta porção coberta duma terra escura, fendida em todos os sentidos, e de superfície mui desigual elevada sobre a praia antiga 2 ou 3 braças. Oferecia o aspecto duma vasto lamaçal que se tinha evolucionado. A história d'êste lugar, é que o monte de areia que corresponde a esta varçem (chamada *Salina Redonda* porque provavelmente houve antigamente aqui salinas, e habitações) dá às vêzes grandes estrondos, e que haverá 3 ou 4 anos estoiroou com muita força em uma tarde, e quando lá se foi achou-se em vez da vargem aquella enorme quantidade de terra negra de mangue de grande espessura cobrindo-a, ficando uma grande abertura no terreno (provavelmente do lado da montanha) a qual foi sendo entulhada e coberta pelas areias que desciam dos montes sobranceiros. Hoje está êste terreno já com as fendas tapadas e as arestas destruídas pelas águas e pelos animais e passageiros. Nesse terreno negro (lado de mangues) já mui duro, há umas veias amareladas, que o povo tem considerado uma caparrosa e lança um cheiro sulfuroso, mas que me parece ser o cheiro próprio do lado dos mangues. Evidentemente esta porção ou grande aba de terreno da grossura de 3 e 4 braças foi levantada e lançada de costas sobre a vargem, ocupando-a em lugares tãda a sua largura, e parte tendo caído mesmo dentro da Gamboa, por uma força vinda de baixo: isto é, por gases. Haveria pois aqui algum fenómeno vulcânico?

Acha-se nessa serra muitos pedaços de madeira, e de raízes de mangues, grandes canoas de conchas, algumas Tubiculárias, e porções de carvão; mas êste carvão, assim como porções de mangues queimados, são seguramente produtos do homem, pois que neste lugar houve habitantes e sitios antigos. Explorado êste fenómeno, deu-nos vontade de subir pelas encostas dos grandes montes de areia; o Lago foi o primeiro, eu e outros o seguimos a pé; alguns foram a cavalo, outros não conseguiram fazê-lo porque os animais caíam envolvidos na areia. De cima desses enormes montes avistamos o mar, e grande parte da costa, ficando-nos incumbida a foz do Jaguaribe. O panorama era magnifico, o mar tranqüilo estava de uma côr azul intensa.

Descemos, o lago colheu sementes, e montamos a cavalo, O sol estava ardentíssimo, eram já 11 horas, começava o vento do mar que nos dava relíngido. Estando já a maré bastante baixa passamos as primeiras dificuldades sem inconveniente algum, e ao meio-dia estávamos na fábrica de sabão onde o Senhor Sampaio nos esperava com alimôço e muitos côcos-da-bata para bebermos a água. Apenas acabávamos de almoçar um sujeito que tinha sido mandado para o Cumbe, a ver quando começara a tocar, nos mandou avisar que a montanha já tocava; levantamo-nos com grande alvoroço; todo o mundo nos acompanhou, até o Senhor Sampaio, que aqui mora há 2 ou 3 anos e ainda não tinha observado o toque do Cumbe. Fomos todos a pé; o monte era distante uns 300, ou 400 passos. Eis aqui o que se conta d'esse monte. Havia um monte grande de areia, e por diante d'elle para o lado da vagem outro monte muito menor coberto de arvoredo; um dia, não poderam me dizer quando isso aconteceu, a grande montanha debruçou-se sobre a menor e a cobriu inteiramente. (Provavelmente não foi isso tão instantâneo, e a montanha de areia foi lançada sobre a outra por ventos fortes e constantes do mar; e todos estes medões de areia chamados morros, que bordam as praias por todo o litoral da Província, estão constantemente em marcha sobre as terras, e vão occupando lugares que já foram habitados, e os que o estão). Diziam mais que esse monte do Cumbe apresentava o fenómeno curioso de rufar caixa de guerra, e diziam á montanha: — Toca, que esse som apparecia. Não era phenomeno constante; só nos fortes dias de verão, e de ordinário do meio-dia ás 3 horas, e de noite. Várias pessoas lá tinham ido e nada observaram, e o Senhor Sampaio nos affirmou que uma vez, em que subiu ao alto do Cumbe presenciara uma coisa curiosa e era uma linha traçada como a cordel, sobre a areia, e do lado do mar a areia seca, e do lado da terra a areia úmida, divididas por essa linha. Não se lembra se foi isso no inverno, ou no verão; é provável que fôsse no inverno, e que a areia umedecida pela chuva, ou fazendo chegar a água á superficie por effeito da capillaridade era da parte do mar secada pelo vento constante que aí sopra do mar; e que a linha divisória era determinada pela linha, ou onda de areia formada pelo vento sobre a crista, ou antes linha tangencial da corrente de ar. Muitas pessoas que querem passar por espíritas negam o phenomeno do toque.

Logo que nos fomos aproximando do monte sentimos um sussurro, como de tambor tocado ao longe: isto era mais de uma hora, ventava do mar, e o sol era ardentíssimo: em nossa tenção subirmos ao cume do monte mas bem depressa nos convencemos que isso nos era, senão impossível, de uma grande dificuldade, porque a areia é tão fina, e tão solta, e o monte tão íngreme, que um passo que dávamos nos metíamos na areia até meia perna, e descíamos mais do que havíamos ganhado em subida; caíamos a cada movimento e andávamos de gatinhas; enfim com grandes esforços, sem respirar e abafados de calor pudemos ganhar a altura de um grande cajueiro a 5 ou 6 braças de altura, que já está quase soterrado, tendo de fora só os galhos do alto da copa, mas esse mui folhudos e viçosos; nos recolhemos em baixo d'esses ramos esba-

foridos, com grande ansiedade e dor na caixa torácica (isto digo de mim, os outros deviam sentir o mesmo). Metidos debaixo da sombra e sentados sobre os extremos ramos do enorme cajueiro, repousamos um pouco para podêr dar atenção ao fenómeno. Era realmente curioso o som que dava a montanha, ora mais brando, ou quase nullo, ora mais intenso, e perceptível, assemelhava-se ao som do rambor dos pretos no seu camdombe, ouvido a uma certa distância; e quando o som se tornava mais intenso, a areia corria pelos flancos da montanha e sentia-se um estremecimento na areia, no monte, e nas árvores sobre que estávamos deitados ou sentados. Estivemos por algum tempo observando o phenomeno, sobre que cada um dava sua explicação o Lagos assentou a agulha de marcar, que levava, sobre a areia a ver se notava algum movimento extraordinário; mas a agulha se mostrava inteiramente indifferente.

Descemos enfim e fomos para a fábrica. Agora eis aqui a minha explicação. Antes de ter lá estado, e pelo que me contavam, e pela vizinhança (meia légua) da outra montanha dos estronhos da Salina Redonda, eu entendia que tudo eram effeitos de crateras antigas que estavam cobertas pelos montes de areia; agora porém o meu juizo é diverso.

A montanha formada de areia pura mihi fôta e movediça não produz o phenomeno senão quando aquecida pelos sóis; e então o ar confido mesmo nos intersticios da areia até uma certa profundidade, aquecendo-a e dilatando-a torna ainda a areia mais fôta e movediça, dando assim uma certa elasticidade a todo o monte, que sacudido pelo vento do mar, e agitado pelas correntes ascendentes do seu cumie e ilharbas, estremece de vez em quando. Esse estremecimento, sendo a encosta da montanha do lado da terra assaz apique, permeia as aretas, por parcelas e imitando chuvas: eis a causa do phenomeno. Agora sobre o que não tenho explicação completa é sobre o som produzido pelo movimento das areias; mas eis aqui o que observou-se. Quando fomos subindo, a areia em que nos enterrávamos e que corria produzia um som particular semelhante ao do bordão ou grossa corda dum rabevão; quando estivemos em baixo dos cajueiros um moço que foi conosco metia as mãos profundamente na areia e fazia correr uma boa porção dela; o phenomeno sonoro era ainda mais distincto, parecia que o monte era ôco, e que ressoava. Ora, o toque da montanha não é outro senão uma successão mais ou menos rápida d'esses sons. Esse som é pois produzido pelo atrito dos grãos de areia secas e quentes. Aqui está pois o phenomeno explicado senão verdadeiramente ao menos o mais plausivelmente.

Não quiseram os donos da fábrica que voltássemos logo para a cidade, e instaram para que jantássemos. No entanto os copos de água de côco se succediam quase sem interrupção, apenas interrompidos por marrasquino, uma aguardente de cana, e uma sorte de vinho que o espanhol prepara com a garapa da cana, e que nos instando para que lhe desse algum nome Lagos lembrou o nome de Vinho do Cumbe, e elle prometeu mandar algumas garrafas para se mostrarem no Rio, assim como amostras dos diversos sabões que elle faz. Deu

ao Lagos todas as informações que elle pediu, e nos separamos destas excellentes pessoas, ás 5 horas da tarde.

Demorados ainda na curiosa, e porca passagem da Gamboa, chegamos, ás 7 horas da noite. O Reis tomou algumas vistas.

[ANEXOS]

Conversando aqui com o Doutor Thérberg a respeito da Salina Redonda, disse elle que a tinha visitado, estando ainda fresco o terreno que foi revirado, fenómeno que elle explica de modo seguinte: Aquêles terrenos à margem das Gambas são formados de uma lama mole, e a vegetação de mangues por cima lhes dá pelo entrelaçamento das raizes uma certa resistência. As areias ou morros de areias marchando sempre se vão accumulando e formando montes sobre terrenos que eram antes mangues; ao seu peso sobre a tona superficial opõe resistência o tapume das raizes, até que não podendo mais resistir rompe-se. A porção que fica embaixo do monte de areia se abate, comprime a lama inferior, que levanta a outra porção que está fora da pressão e atira com ella longe, revirando-a. Esta explicação é pelo menos plausivel, e engenhosa. (Id., 14 de outubro de 1859).

2-X-1859. Jaguaribemirim

Subindo pelo vale, vargem, ou ribeiras do Jaguaribe, que apresenta largura variada, às vèzes de muitas léguas, encostando-se muitas vèzes à serra do Apodi, e do lado esquerdo, aos tabuleiros, e é bem caracterizado, antes de se chegar ao sertão, pela sua planície e pelas catingueiras, que foram florestas imensas, tendo por baixo pastos; chegando ao sertão o vale é mais estreito, mais irregular, menos plano, e começa a ser pedregoso o leito do rio. O aspecto do país é montuoso (contrário do que eu pensava) e todo coberto de matas, que chamam catingas, e tem pastos por baixo, de panasco, ou mimoso. Os montes são de ordinário de formas arredondadas, ora mui longos, formando lombadas direitas, ou curvas, ora em meia laranja, com ladeiras ora suaves, às vèzes quase horizontais, ou íngremes e abruptas. Em grande parte é o terreno pedregoso, ora de pedras miúdas, ou seixos rolados, ora de granito quistoso, em planos inclinados, ou em blocos graníticos, etc. A côr da terra é mais ou menos vermelha.

Vegetação. É tudo coberto de árvores de pequeno porte, principalmente *Sabias*, *Jurumas*, *Pereiros*, *Angicos*, *Aroeiras*, etc. etc. e nos baixios, ou vales dos rios, frescos, são grandes *Oiticicas*, *Marizeiros*, *Jeramataias*, etc. etc., éstes verdes e folhudos; e aquêles todos sem fôlhas e como queimados; mas os *Pereiros* estão agora florescendo, e revestindo-se de fôlhas dum lindo verde, e as flôres mui dichrossas e brancas; o que faz um belo contraste com a vista do panasco, que cobre a terra, e que está sêco de côr loira.

Pássaros. São abundantes no deserto, principalmente de pombas, rãs, juritis, e sobretudo das de-bando, que são de costas escuras, peito caboclo, e do tamanho da nossa juriti pequena. São éstes pombos em quantidade prodigiosa: voam em nuvens, e assentando nos descampados formam uma mancha escura movediça. Voando cobrem as árvores a se matarem 20, e 30 dum tiro; são mansos, e em roda das casas mariscando no terreiro, chegam quase às portas; ninguém faz caso delas, poucos as matam. É curioso ver como de tarde procuram as ribeiras frescas do Jaguaribe, onde vão beber e dormir nas árvores e moitas, onde se matam muitas e se apauham vivas com facho. De manhã

voltam para os lugares de pasto. Esta passagem de bandinha e de manilhã cedo é curiosa, levam tempos esquecidos a passarem os bandos e cada um de centenas de pombas; às vezes formam um cordão, ou faixa contínua. O modo de sua reprodução é também curioso, segundo me informei: não fazem ninhos, vão largando os ovos no chão, que fica alastrado deles; e são destruídos em grande parte por gente que os colhe aos centos, e por toda a sorte de animais. Abandonam os ovos e não choram, nem sustentam os filhos, que são também devorados em grande parte, mas ainda ficam muitos.

Jandeiros, Maracanãs. Estes andam em lotes, e assestam-se no chão, entre as pombas, mesmo nos terreiros das casas a comerem semente de capim, *Vira-bostas* (grainas) mais abundantes nos carnaubais, mas ainda aqui no sertão há muitas, às vezes formam manchas negras movediças. *Candários* há muitos; *corrupções e cardiais, quenquém* etc. etc.; pássaros ribeirinhos muitos e variados.

Habitações. Fazendas de criar, disseminadas, casas mui côcas, quase todas deterioradas, com poucos cômodos, não há uma vidraça e o vento incomoda muito. O vento constante aqui é o que chamam *Aracati* e que chega das 7 às 8 horas da noite e dura até de madrugada. Do meio-dia em diante até a chegada do vento o calor é muito forte e se venta o ar é quente como se saísse duma fôrnilha; as madrugadas são frescas.

A gente toda que tenho visto, os homens são, ou foram vaqueiros; quase todos trazem o chapéu e gibão de couro, outros em vestimenta completa. São afáveis, obséquiosos, francos, e me parecem de boa índole. Curiosos, falam bem, e têm uma fraseologia pitoresca. Os meninos são bonitos, e espertos, quase todos têm a cor morena, e vermelha, bons dentes, bonitos olhos; alguns são claros, loiros.

As mulheres apparecem pouco: as crianças andam quase sempre nus.

Em geral são indolentes, imprevidentes, não conhecem os cômodos da vida: vive-se à primitiva. O alimento é carne e farinha e rapadura. A vida porém do vaqueiro é aventureira e cheia de fortes emoções, e se presta a um belo episódio de um romance: o boi bravo, o cavalo eosinado, e o homem animoso e destre, tudo correndo e precipitando-se por muitas curvaduras, por montes pedregosos, até alcançar o boi e o derrubar. Quantas peripécias, quantos perigos vão aqui: a velocidade, e bravura do boi, o ardor e sagacidade do cavalo, a destreza e destemida do homem etc., tudo causa emoções, e inspira aos rapazes o desejo de se distinguirem nesta vida, onde muitos encontram a morte.

A cena do derrubamento dum boi é animada e pitoresca.

Os homens, meninos, e mulheres trazem ao pescoço um rosário de continhas de vidro branco, com uma verônica ou outra qualquer coisa suspensa. Hoje (2 de outubro) a missa vimos na maçaneta do portão de dentro da escada do pulpito muitas destes rosários suspensos, e perguntando o que significavam, me disse um rapazinho que eram rosários dos defuntos.

[13-X-1359]

Pica-paus: vimos vários e lindos. Anas pretos e poeços. Brancos vimos alguns bandos. Quenquém: há bastantes. Canários: grandes lotes, ou sós, ou juntos com outros pascariños. Vira-hostas (gratinas): nos carnaubais há muitos e no sertão vimos grandes bandos nos campos. Jaracajás (tírihas) bastantes. Maracanãs: muitos pastando pelos córregos como as pombas, até nos terçeiros. Papagaios, apenas ouvi o canto de alguns. Araras nem uma, nem periquitos, nem maitacas. Fimas, há bandos, mas não as encontrei. Scricmas vi passarem três. Pombas rolinhas-rasavéia há bastantes.

Pombas-de-bando são em quantidade espantosa. Cobrem os campos, os terreiros, e as árvores. De manhã passam das ribeiras do Jaguaribe para o lado das serras do Percino e Camará bandos infinitos, e voltam de tarde a beber e a anoiataram-se á borda do rio, ou dos poços. O que se conta de seu modo de reprodução é notável. Não fazem ninho, vão largando os ovos pelo chão e sempre caminhando de modo a ficar a terra alastrada de ovos em uma grande extensão, e inteiramente desamparados, nem cuidam dos fillos quando saem. Estes ovos e os fillos são em grande parte destruidos pela gente, que ajuntam grandes cargas e pelos outros animais, e tudo que escapa é immenso. São estes pombos do tamanho da nossa juriti pequena. Quando estão nas moitas apanham-se a mão levando-se um facho accso, que as incendia, como aqui dizem. A gente do país pouco caso faz d'elles, só em algumas povoações (como vimos em Jaguaribemim) é que alguns rapazes as caçam de tarde a espingarda.

Há aqui uns gaviões grandes e bonitos, a que chamam Ctacrar, e que é muito diverso do nosso Caracará: fazem os ninhos em árvores baixas á beira do caminho.

Insetos são raríssimos, ao menos na estação em que estamos; não vi uma borboleta.

Ontem (12 de outubro), estando aqui o Doutor Théberge disse-nos que há aqui num lugar cujo nome agora me não ocorre, grande quantidade de Jitiranabóia; que estes insectos se sustentam, ou gostam muito da folha do Ja-

tobá. Os ovos são depositados ao pé dessas árvores, e as lagartas logo que saem sobem pelo tronco acima, e em tão grande quantidade que quase o cobrem; chegando acima devoram as folhas da árvore, e aí passam à última transformação.

[ADENDA]

Não há para cima diminuíram muito ou desapareceram os pássaros. Assim, poucas pombas-de-bando, poucos pássaros de bico redondo. Algumas rôlas-cas-cavéis, ou fogo-pagou; e ontem vindo de Juazeiro para o Crato vi um gaturamo que o meu ordenança disse chamar-se *patativa*. (Crato, 9 de dezembro).

25-X-1859. Icó

Icó, cidade central, situada à margem direita do Salgado e sobre uma vargem, que a leste e sul vai morrer ao pé dos montes, ou serrotes, que são os antemuros da Serra do Camará e Pereiro; ao ponente e norte por serrotes que parecem pertencer ao sistema da Serra dos Orós. Nas grandes enchentes como a de 42, grande parte desta vargem fica submergida, mas nunca a água entrou nas ruas da cidade. As casas são quase todas térreas, e a rua que tem mais sobrados é a do Comércio, rua larga, e quase direita, e onde há as melhores casas de negócio. Não é calçada mas as casas são bordadas de passeios largos e altos, de tijolo, ou de pedras irregulares. Esta é a rua principal da cidade.

Há casas (como a que acaba de fazer o Vigário) que têm um bonito aspecto, mas por dentro são simples salas, e alcovas de telha-vã. Quase todo o madeiramento do telhado, barrotes de soalhos etc., é de carnaúba. São pouco adornadas de trastes, que são sempre muito singelos. (em algumas casas, da melhor gente, vi cômodas, ou papeleiras de mogono, ou de outra madeira, na sala de visitas assim como cadeiras de balanço). Os balcões das janelas, ou portas dos sobrados são de grades de ferro. Há poucas vidraças; as portas muitas não são pintadas, as casas térreas têm rótulas, e são ladrilhadas, geralmente com tijolos hexagonais.

Há quatro igrejas, com uma só torre a um lado, e muito baixa; por fora estão limpas, mas no interior mui desornadas, o corpo da igreja é sempre de telha-vã, o pavimento ladrilhado — ladrilhos hexagonais, pela maior parte, feitos aqui. Não há tantos morcegos, como em outros templos que vi vindo do Aracati.

Teatro, ainda não está concluído, e tem sido feito por subscrições e à diligência do Dr. Théberge. Tem uma bonita frontaria com colunas, feitas de tijolo.

Mercado: tem portas para duas ruas; dentro, dois lados são de arcadas, e dois de quartos, ou lojas, que se alugam; é espaçoso. Aqui foram massacrados muitos dos homens de Pinto Madeira.

Por toda a parte ouvíamos que o calor no Icó era insuportável, que o ar era como se saísse da boca dum forno etc. Tudo isto era muito exagerado, ou então temos sido muito felizes em ter sido este ano a estação mais fresca; e porque não estamos ainda na força do verão. Acredito que há de haver dias abafados e minimamente calmosos, e mesmo já temos tido tardes e noites bastante quentes; mas ainda estão longe dos calores do Rio de Janeiro. Nas noites de 20 a 21, e de 21 a 22 tivemos bastante chuva. São as *chuvas-de-rama*, *chuvas-de-café*, e aqui dizem *chuvas-de-outubro*. As tardes e noites antes que começasse a chover foram quentes, mas os dias depois eram frescos. O vento chamado Aracati, é aqui incerto, e chega quase sempre tarde, às vezes às 9 e 10 da noite, quase sempre forte. Costuma durante os calores do dia, principalmente entre 10 e 2 horas a formarem rodameinhos, que são às vezes muy fortes, levantam uma columna de poeira correndo as ruas, batendo as portas e metendo dentre das casas uma enorme massa de poeira. Estes turbilhões, segundo me parece, são formados pelo encontro de duas correntes de ar; isto quando o vento do mar vem substituir o vento da terra.

Com estas chuvas várias pessoas soírem, constipando-se, apparecendo dofluxos e anginas. Em nossa casa alguns domésticos e dos nossos o Vila-Real e eu estivemos alguma coisa incomodados; mas passageiramente. Segundo informações do Dr. Théberge a cidade é bastante saudável.

Hoje reparei como, não só os campos, mas até os montes, cujas árvores estavam secas, estão já bastante verdes, isto em consequência das chuvas de 21 e 22. Hoje são 27: assim bastaram 5 dias para as árvores brotarem fôlhas. Eu sempre pensei que o desfolhamento das árvores nos sertões não era só devido aos calores: sem dúvida a secura determina a queda das fôlhas mais cedo, e mais completamente; mas as árvores do sertão (ao menos as daqui do Ceará) são próprias a largar as fôlhas no verão, digo no inverno. São Juremas, Angicos, Pereiros, Paus-brancos, Sabiás, Paus-d'arco, Aroeiras, Conçalo-alves, etc. etc. Nos lugares frescos conservam por mais tempo as fôlhas, como acontece principalmente com as Marizeiras; mas se se acham em lugares altos e secos largam-nas mais depressa. Demais estamos em pleno inverno, isto é, na estação mais seca; e os Pereiros estão se vestindo de fôlhas; e os Angicos, Aroeiras etc. não tardarão a tomá-las.

Flôres: tenho visto aqui algumas flôres, andam vendendo-as pelas ruas, são rosas, jasmims, etc. Os Loendros ou espirradeiras crescem muito e dão magníficas flôres. Domingo de tarde andando nós passeando a cavallo, vimos em umas chácaras muitos e formosos péas.

Frutas: há grande abundância de melões, e destes há muitos grandes, mas todos os que tenho provado são inferiores aos bons do Rio. Cajuas há também e muito grandes, também inferiores, ou não melhores que os nossos. Há bananas, que ainda as não provei, e nada mais tenho visto agora.

Temperos e hortaliças, pouco, além de abóboras, quiabos, maxixes, nada mais tenho visto.

Leite não há ou há muito pouco de vaca; de cabra há algum. Manteiga, e vinho muito ordinários. O pão não é mau. A carne está muito longe do que nos parecia que era. Há galinhas, perus, galinha-d'angola, ovos.

A farinha não é má; há bastante milho; arroz tem quase sempre uma castiça que se assemelha à da Bahia; feijão o que abunda é um feijão pardo, talvez o nosso mulatinho.

As medidas aqui destes gêneros são enormes, o que aqui chamam alqueire, tem seguramente três alqueires dos nossos.

GENTE *

Aqui como em Aracati há mais escravos que indígenas; assim o povo é composto de brancos, pretos, mulatos — cabras — e poucos indígenas e mamaluços. O tipo já não é tão formoso como o que existe na Capital, e seus arredores. Vinhamos prevenidos de que acharíamos aqui gente bela — alva, corada — mas por ora é tudo ao contrário: os homens são em geral feios, e as mulheres também em geral não são bonitas. Durante a viagem do Aracati a Icó tivemos ocasião de ver uma ou outra menina graciosa; mas não rigorosamente bonitas; o que não quer dizer que as não haja. Aqui em Icó ainda não vimos uma menina formosa; há aqui na vizinhança ou antes paredes-meias dos dois lados com a casa eu que estamos duas famílias com môças bonitinhas, mas nenhuma delas é formosa. Em geral são polidas, e trigueiras. Entre as pardas apenas temos visto três ou quatro que não são feias. Inda agora me recollo de estar em uma casa de família, onde há 3 ou 4 meninas e destas só uma me pareceu bonitinha (a sala estava mal iluminada). E podemos julgar das formosuras da terra por uma menina, filha do Sr. F. Gorgel, e que são do Aracati; esta menina passa pela môça mais formosa do Icó; no entanto não passa de bonitinha.

Quanto aos homens há também aqui o Sr. C. Pinto Nogueira que se reputa o mais belo homem do Icó; não passa de um môço, que não é feio; é casado. Vive esta gente pouco comunicável, sem todavia haver as desavenças, e separações do Aracati. Como eu terra pequena, há murmurações, e falatórios da vida alheia.

Quando se entra em uma sala, as môças aparecem mas sentam-se à parte e alfastadas; não tomam parte na conversação (é verdade que a nosso respeito se dão algumas razões; fomos precedidos de má fama, e somos estranhos). As meninas frequentam colégios, ou casas de ensino; algumas môças tocam, ou aprendem a tocar piano. contam as nossas vizinhas filhas do Tei-

* Neste artigo há muito que mudar; eu tinha visto pouco.

xinha. Há na terra quatro pianos; e parece que se deve a sua introdução à família Théberge, cuja mulher e filha (francesas) tocam; e a mulher dá lições.

Como em toda a parte, onde há ainda pouca civilização, o belo sexo vive muito reatado. Há neste encerramento das famílias pelo menos uma aparência de modéstia e de recato; mas a falta de educação, e por consequência, dos verdadeiros sentimentos de modéstia e de pudor, lhe mistura uma quase hipocrisia ou um falso exterior de virtude e no seio das famílias, mesmo entre pais e filhos há certa licença, que às vezes tomam arca de inocência. Aqui não se conhece o galanteio honesto e permitido. não se pode fazer a corte, ou render finezas a uma moça bonita, com o único fim de a lisonjear. Um cumprimento grato a uma menina se considera como um princípio de casamento. Um namoro sem esse fim pode ter por prêmio um tiro. As moças mesmo assim o entendem logo. Daqui resultam sem dúvida as relações frias, timidas, e ranciosas entre os sexos. Daqui resultam malquerenças entre as famílias. Daqui resultam casamentos precipitados, e em mui tenra idade. Daqui em fim podem resultar relações ocultas, e desonestas. Um fenómeno singular se nota, creio que em toda a Província, mas que chega ao seu auge aqui no Centro: é o roubo das moças. É uma coisa mui trivial, e se tem tornado de tal maneira que parece que o roubo da noiva dá um sinete particular ao casamento. É um certo gostinho que tem esta gente em roubar a noiva com que se quer casar!

Este fenómeno tem sua explicação natural, quanto a mim. A principio a rudeza dos costumes, uma certa aristocracia selvagem, era sem dúvida um obstáculo aos casamentos; não era fácil a um pai achar casamentos convenientes, ou julgados tais, para suas filhas, e o expediente contra isto era o roubo das meninas que se prestavam facilmente a isso, para se subtrahirem ao jugo e violência paterna. Demais as inimizades de família eram mais outra dificuldade, inimizade que podia não passar dos pais aos filhos. Destas seduçõs e roubos se devia abusar muitas vezes, iludindo as meninas, que uma vez perdidas não podiam mais voltar para a casa paterna, e caíam em desgraça. Destas seduçõs e roubos resultam inimizades, ódios e mortes entre as famílias.

Hoje porém ou se dão os mesmos motivos, que em outros tempos, ou se tem tornado como um costume. Faz-se garbo disso, e nem faz já grande impressão no público. Pouco depois de estarmos no Ceará, e dizendo-se muita coisa a nosso respeito entre a população, dizia uma mulher: "Dizem que estes homens são maus, mas ainda nenhum furtou uma moça". (O nosso vizinho Teixeira, o nosso vizinho da direita, em frente de nós etc. etc.).

Poucos dias depois que chegamos a Icó (e nesses poucos dias consta que houve aqui roubos de raparigas) um sujeito casado, e parece que de maus costumes, roubou uma sobrinha, moça, e sem pais. Os parentes tomaram a peito o negócio e mandaram dar-lhe um tiro, de que elle escapou, mas está

preso, creio eu, e o matador [sic] condenado já a galé. Na vila da Telha houve também outro caso de tiro; um advogado daqui de Icó (José Tomás), homem bonquisto, indo ali a um julgamento de uma questão de terras, voltando para casa levou um tiro, de que também escapou, recebendo algumas hagas de chumbo. Isto aconteceu também 3 ou 4 dias depois da nossa chegada, circunstância que deu mais desgosto a esta gente. Estão presos já uns poucos de sujeitos por suspeita; presume-se que a parte que perdeu a demanda é que mandou dar o tiro.

É também coisa muito comum por estes sertões, por qualquer desavença, ou ofensa, verdadeira ou não, mandar-se dar um tiro. É isto devido a muitas causas mas a principal é haver instrumentos fáceis para isto.

Quase nunca é o ofendido, ou que se julgue tal, o matador, há muita gente que se pressa para isso. Meu sobrinho Manuel, gracejando com um dos nossos comboieiros, mulato, e moço, lhe perguntou se elle se prestaria a fazer uma morte, a que o sujeito respondeu sem hesitação: Se meu amo mandar, e me livrar, sim senhor. Mas você tem ânimo de matar a uma pessoa que não lhe fez mal? Isso não é contigo, respondeu, quem manda é que sabe disso. E quanto quereria você para fazer essa morte? Como meu amo é rico há de dar 600 mil-réis. — Isto é horrroso, e basta para explicar a frequência d'estes atentados. O mandatário, cuja alma está desde pequeno familiarizada com estas cenas, julgando-se por pouco que seja agravado, acha instrumentos fáceis para sua vingança, e uma vingança deve ser o extermínio do ofensor, senão a luta não tem fim. As vèzes é uma ofensa à honra da família, outras vèzes é o crime, outras vèzes uma afronta pessoal; e não estando o duelo em nossos costumes, recorre-se ao assassinato; e porque a ação da justiça é tardia, difficil, e incerta. Estes sicários, que vendem o seu braço, ou se subtraem à justiça fugindo, ou se acoitam à sombra dos potentados. Há desalmados d'esses que contam muitas mortes, e disso fazem ostentação. Hoje com o aumento da povoação, e com a illustração que vai penetrando nos sertões vai isso diminuindo, tanto porque esses potentados celerados vão perdendo a sua brutalidade e prestigio, como porque os desalmados instrumentos vão tendo mais medo da justiça. Aqui mesmo no Icó se deu conosco uma coisa, que serve para caracterizar os costumes. É encarregado aqui do Correio um miserável, que tem uma pequena taberna, a qual é também a casa do Correio. Este sujeito estava muito prevenido contra nós, e quando chegamos mandamos lá um ordenança saber se havia officios e cartas para nós. E o que havia de responder o homem do Correio? Não tenho aqui officios nem cartas, para essa gente tenho balas!

Para se fazer uma idéia da pouca decência que há no interior das famílias contarei o que ontem presenciei, e numa das principais casas do Icó. A senhora da casa (é filha do visconde de Icó, casada com José Frutuoso Dias) que me informava de seus achaques, à vista do marido, dum sobrinho, de um

sujeito vizinho, e de quatro filhas, me explicava sem o menor reboço dizendo, por exemplo: há dias em que não *obra*, outros em que *obra* quatro e cinco *vêzes*; eu sou bem *menstruada*; quando me vem a *minha* barriga (o seu *mês*) *sobra* isso, aquilo etc.; não posso tomar *ajudas* etc. foi tudo neste estilo.

É muito comum, isto mesmo na capital, conversarem as meninas à vista dos pais em namoros e casamentos, sobre o que discorrem mui filosoficamente e com desembaraço.

Os homens *vestem-se* bem; as moças também se vestem com certa elegância. Ainda não tive ocasião de as ver bem; porque as famílias vão à missa pela maior parte de madrugada, e poucas assistem à missa conventual. De noite às novenas do Rosário só vi gente de meia-tijela, excepto hoje, véspera de Todos os Santos, e de Festa, em que vi grande número de famílias concorrerem à igreja, mas eu, não tendo a barba feita, e estando o calor grande não fui lá, e vi a festa da janela. Agora que são mais de 10 horas, enquanto escrevo isto estou ouvindo cantar ao piano, o mestre de latim, de música, e não sei de mais quê [que] mora em um sobrado quase defronte. A voz não é má, mas o estilo é que não me agrada muito. Ele mette-se mesmo a compositor, e já na capital eu tinha ouvido cantar a filha do Coeta (do Aratanha) uma composição dêle.

Tornando ao traje das senhoras e mulheres, não há aqui muitos lençóis; usam porém de chales de filé pôso pela cabeça, e o que é curioso, tenho visto algumas mulheres cobertas com um pano ou lençol azul, pôso pela cabeça e tomado pelos braços, e chega quase aos calcanhares. Parece uma vestimenta de freira. Em casa andam muito *singelas* (excepto as nossas vizinhas, que estão sempre *vestidinhas*, e quase sempre na janela, o que aqui não é comum).

Andam molequinhos e mulatinhos nus pela rua, até 7 ou 8 anos de idade.

Na fala não se nota a pronúncia das vogais, tão acentuas como na capital; há porém um sotaque na pronúncia, como na gente do Aracati; mas aqui menos, de sorte que não estralhamos a conversa. O que aqui ainda se deixa observar é o som fanhoso, na fala, e no canto, e que é mais comum na capital, principalmente nas crianças.

Os homens de fora e mesmo alguns da cidade andam vestidos com roupas de vaqueiro. Na igreja matriz o vigário principal ou o coadjutor não consente que assistam a missa com estas roupas. E isto é coisa nova, pois que agora é que começa essa proibição e com pena de excomunhão!

Em dia de Todos os Santos, a casa fronteira à nossa, que quando aqui chegamos tinha duas meninas, que não eram feias, e que depois ficou despoventada mostrou nesse dia duas moças bonitas: uma principalmente que ainda aí está e que agora mesmo (7 horas da noite) enquanto isto escrevo está à janela, se pode chamar formosa, belo busto, alva de cor e corada, porém sem sardas. Me diz o Lagos que a viu de perto, lindos olhos, perfil correto, bonitas mãos; das que tenho visto é a melhor moça do Jeó.

Um costume, que têm os homens é o de passearem de tarde a cavallo pela cidade em bons cavalos esquipando o quanto dá o animal, andando emparelhados 2 e 3 cavaleiros; passam pela Rua do Comércio rodeando 3, 4, e mais vêzes. É o gosto da terra; no qual eu não acho graça: passa-se rapidamente pela rua levantando poeira -- eis o passeio!

Vi já aqui algumas famílias passarem de noite e se visitarem. O Sr. Gurgel tem sempre reuniões em sua casa, e às quais vãos às vêzes; em outras há também reuniões.

Nas novenas do Rosário vi um modo particular de fazer foguetes: faz-se uma covinha no chão, e nela se metem algumas achas, que formam como um funil, que se enche de rama secca, ou lenha miúda; acendendo tem a aparência duma pira.

Nossa recepção em Icó

Vários rumores, cada um mais desarrazado, nos precediam, e que foram confirmados, pelo que de nós aqui espalhou uma pessoa da capital, empregado publico, e que pela sua posição, e por ter estado conosco na capital não podia deixar de ser acreditada, e que ou por um mau gracejo, ou por nos ter má vontade (sem que eu saiba pelo quê) ou enfim porque teve a ingenuidade de acreditar alguns boatos falsos que se espalharam pela capital, desabonou-nos quanto poudo: é verdade que elle especificava três membros da Comissão (Lagos, Dias e Capanema) como os mais perigosos.

Assim o povo inteiro temia-nos e via em nós estrangeiros, ou ingleses, que vinham armados de força para os escravizar, para os recrutar, enfim para lhes tomar o país. A gente mais grada temia-nos como homens audazes, perturbadores e desorganizadores das familias etc. E quando entramos na cidade notamos certa reserva, certos olhares, e um acolhimento frio. Um miserável que aqui é taberneiro e empregado do Correio, indo lá o Lagos e o Reis procurarem cartas e officios, tratou-os mal, e uma carta que tinha acriou com ela em cima do balcão, e quando dias depois mandamos lá a ordenança perguntar se tinhamos cartas, responderam: Cá não tenho nada, e para essa gente tenho balas!

Mas têm-se ido desenganando e hoje parece mesmo que estão arrependidos do modo por que nos receberam, e visitam nos e nos mandam presentes.

A gente baixa é de boa índole; quem os perverte são os que se acham de cima, quer por sua posição, quer por sua riqueza, quer por sua audácia, e depravação: isso porém hoje vai sendo melhor.

Há aqui famílias distintas, que se tratam bem, e que dão à terra um ar aristocrático.

Não há aqui sege: o Dr. Thérberge, creio que foi o primeiro que aqui introduziu um carrinho ou *tilbury**, que foi espectáculo para o povo.

Aqui estão agora uns músicos ambulantes, que já os vimos na capital; são duas harpas e uma clarineta, e tocam pelas casas algumas peças agradáveis. Foi pela primeira vez que aqui se viu harpa.

Pianos: parece que foram introduzidos pelo Thérberge. Disse-me também ele que quando aqui chegou todos os homens andavam na rua de *timão* (*robe-de-chambre*) e alguns ricos de veludo, e que ele acabou com isso fazendo-lhes inferneira. Hoje ainda se vê um ou outro pela rua de *chambre* comprido, e de camisa sóta sobre a ceroula, a bengala na mão. De noite saem mais.

Sobre medidas é ainda curioso: uma canada tem 8 garratas; um alqueire são seguramente 3 dos do Rio.

Os trocos são aqui fideis; há algum ouro, prata, e muito cobre. Os bilhetes correm e se trocam bem; todavia há aqui uma casa que faz e emite bilhetinhos ou cédulas de 100, 500 etc., como em Pacatuba, em Aracati etc.

* O Dr. Thérberge diz que o *foi* é o lugar acoustático do *scotio*. Aqui se fazem visitas de cerimônia, bailes e reuniões brilhantes e agradáveis. Os homens que vêm de fora vestem-se antes de entrar na Cidade.

649 Visita ao Engenho Formoso. O Corte do Boqueirão

Sábado, 19 de novembro. Duas horas da tarde partimos de Icó. Nos acompanhou o Doutor Théberge, os dois irmãos S. e R., o Teixeira e o padreiro.

Chegamos às ave-marias no Engenho onde o Doutor Théberge tencionava aposentar-nos.

Casa grande com boa frente, situada no alto dum morro, com grande terraço ludilhado e com parapeito.

Não estando em casa os donos, e ficando-nos o Engenho do Firmino a 1 hora e 1/2 de distância nós resolvemos seguir. O Teixeira se despediu e voltou; os mais nos acompanharam. Chegamos ao Engenho eram mais de 7 horas, e o Major Firmino não nos esperava mais senão no dia seguinte, tendo estado a esperar desde 1.ª-feira, em que lhe prometemos sair do Icó. Ai achamos já o Padre Vicente, e mais várias pessoas. Conversou-se, e depois de 11 horas é que fomos para a mesa (ceia de peixe de açude, chá, café etc.).

Deitamos depois de 1 hora nós os 5 da Comissão, em um quarto ao lado da varanda do Engenho, fronteiro a outra onde mora (provisoriamente) o proprietário, que ainda não fez casa. Na varanda dormiu o Doutor Théberge e mais outros; o Padre e outros dormiram numa casa separada do Engenho e no alto. É um armazém, onde vimos a talha de farinha.

Domingo de manhã, alguns se levantaram e foram ao banho, eu não. Tomou-se café.

O almoço foi depois das 10 horas. Houve missa, para a qual se arrou altar no quarto em que dormimos, e para a qual veio o Padre Vicente, com o fim de fazer um casamento. Os ornamentos, cálice, crucifixo, chegaram depois do meio-dia. Dita a missa, celebrou-se o casamento. A senhora do Major, que está com o ventre mui crescido, appareceu à missa com a noiva e outra mulher idosa, e a nossa Rita, a criada, ou cativa, mulatinha bem feita, de cara razoável, alegre e ligeira, servil, jeitosa, fagueira e de mui fácil accessão. (Demos-lhe 4 mil-réis na saída; elle nos mostrou, eram 2 bilhetes novos. Me disse: deram-me isto, para quê? Disse-lhe eu: isto é pelo muito trabalho que lhe demos. E quanto é isto? mostrando o bilhete. 2\$000, lhe respondi).

A noiva, parda, estava de barriga, bem cheia, e o noivo, pardo, ou cabra, figura esquisita. Ella é uma meretriz, por quem este rapaz se apaixonou.

O Padre almoçou à 1 hora e desapareceu; às 3 horas veio, e divertiu-nos muito. É muito muito engraçado, e arremeda a quem quer. Contou muitas anedotas, do tempo de estudante em Olinda, a revolta dos estudantes em 44, sendo Presidente o Chibhurro da Cama, e sempre arremedando o Bispo de Pernambuco, o Reitor, etc.

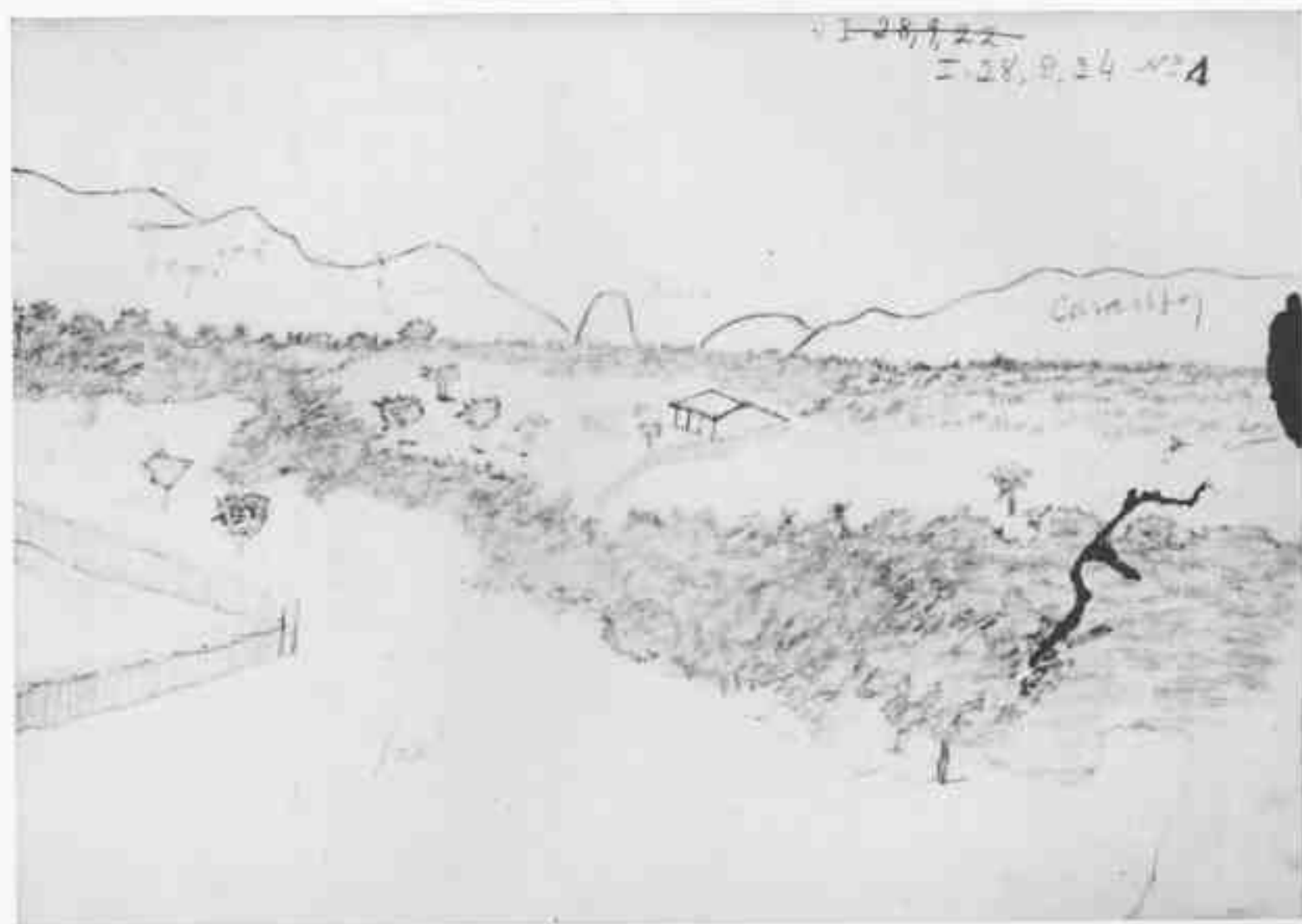
Contou muitas e várias anedotas do Padre Verdeicha, hoje vigário de Jurujaíba (anedotas que fazem rir e põem bem o caráter singular deste homem). Contou anedotas de muitos padres durante exames, apresentando-se no Júri, etc.

Entreteve-nos até as 5 horas, em que se pôs o jantar na mesa, fazendo voltar do caminho o Major Firmino, Lagos, e não sei mais quem que iam ver os açudes. Acalhou-se o jantar às 7 horas, já noite; jantar farto, de peixe e carne (estava presente também um irmão do Major, que mora no Pereiro, mas já em território do Rio Grande, e muitas outras pessoas, creio que inquilinos ou moradores nas terras da fazenda; eram mais de 30 pessoas: comeram em duas mesas ou três, só de homens). Havia muito e muito bom vinho de Lisboa, e do Porto, fizeram-se muitas saúdes. e o Padre e os dois irmãos Montezuma, cantaram por vêres canções báquicas. Entim, foi um bom pagode, e às 10 horas indo se tomar chá. No decurso do dia se bebeu cidra, cerveja, etc. Dormimos.

Hoje, segunda-feira, acordamos cedo e nos preparamos para a viagem.

O Doutor Théberge e os Montezuma partiram para o Iró; o padreiro ainda nos deu acompanhamento. Como o nosso excelente hóspede nos quis também acompanhar, e demorando-se a vir o seu animal, mandou fazer café. A boa Rita e a cozinheira se puseram em movimento e num instante appareceu uma bandeja com café, biscoitos, bolachas, queijo, manueira, de modo que quase almoçamos, e quando montou-se a cavallo já o sol estava alto. A uma légua de distância se separou de nós o nosso Major, depois de nos ter contado várias anedotas, e casos curiosos. Nós seguimos; Lagos, Vila-Real, Manuel, Reis e o padreiro que servia de guia, e o ordenança do Lago adiantaram-se; eu, segundo o meu costume, fui indo a meu cômodo. Passamos pelo Boqueirão, que é um grande corte, ou abertura dum serrate, pelo qual passa o Rio Salgado. Em toda a extensão da fenda há muita água, ou um grande poço, estando o leito do rio seco. Este boqueirão é dum belo effeito. A fenda no lugar mais estreito terá 5 a 6 braças, e é, aqui onde a rocha xistosa é mais alta, talvez 20 braças. O poço é muy fundo, só tem uma coroa pelo meio por onde se passa, mas duas vêzes se atravessou a vau do rio, e nessas quase dá na sela.

Esperava achar ali os companheiros, mas qual! haviam passado. O meu ordenança quis meter o cavallo, parecendo-lhe ser raso o rio; eu não consenti, e o fic voltar, indo procurar um guia nos sitios vizinhos. Pouco tempo depois de ele partir, estando eu apeado na beira da rocha, vi chegar do lado oposto um cavalleiro, vestido de vaqueiro, acompanhado por dois meninos; e eu fui notando por onde elle passava. Os meninos ficaram brincando ali perto sobre as pedras. Eu enquanto esperava fiz minhas necessidades, colhi um punha-



Id. Corte do Boqueirão, na serra do mesmo nome, por onde passa o Rio Salgado. Nov. 1859.

dinho de capim para o meu cavalo, e com o lápis fiz um desenho tóssco do Boqueirão. Chegou o Anastácio sem ninguém porque [fora] a uma casa onde uma mulher lhe ensinou a passagem, mas não tinha quem a viesse mostrar, porque os filhos não estavam em casa; eram os tais que estavam ali brincando, e que depois soube que foram os guias dos que vieram adiante. Chamamos-lhos e eles que estavam em fraldas, metem-se n'água, que em lugar lhes chegava ao sovaco, e nós os fomos acompanhando. Demos-lhes os cobres, que tinhamos na algibeira, talvez um cruzado.

Depois que saímos do Boqueirão, nos achamos em um país de aspecto inteiramente novo para mim: era um terreno, ligeiramente acidentado, ou colinas mais elevadas, porém em campo coberto de capim seco, e já quase de todo destruído, com arvoredo, ou moças de arvoredo, ou matinho pequeno, mas muitos saltos, de modo a assemelhar-se com os nossos campos. Chama-se, disse o Anastácio, Campestre. Daí a pouco avistamos a vila de Lavras, onde chegamos entre 11 e meio-dia. Achamos os companheiros já instalados numa boa casa, a qual estava cheia de boqueos, rapazes e vários curiosos.

Aí, o Senhor...⁴⁰ nos havia mandado preparar almoço, e estavam a me esperar. Era chá, bolacha, e queijo, e manteiga. Água boa. Mandou logo vir 4 rédeas e se armaram.

ENGENHO FORMOSO

Propriedade do Senhor Firmino, Major da Guarda Nacional. Principiou a fundar este estabelecimento em 1844, sendo então aquêle lugar um deserto. As terras pela maior parte a mulher trouxe de dote, as quais elle tem antecediado comprando algumas porções contiguas, e hoje possui, segundo elle avalia, 16 léguas quadradas, terminando por um lado no Rio Salgado. Todo este terreno é um sertão, de superficie mais ou menos monstruosa, coberto de *catinga* e *carrascos*; em alguns lugares são *tabuleiros* com boas pastagens; conserva boas matas onde há muita madeira, como *Aroeiras*, *Paus-d'arco*, *Brazilas*, *Pereiro*, etc.

Tem estabelecidos em suas terras 360 moradores, que não pagam arrendamento; mas diz elle que quando precisa de trabalhadores elles se prestam de graça, dando-lhe só alimentos, e que ás vêzes reúne 200 ou 300 homens. Em occasião de eleições dá elle uma carga de 400 votantes no Icó. É do partido Caranguejo.

Este homem intelligente (é elle o mestre de sôcas obras) industrioso, perseverante, tem afrontado os dictérios, as zombarias, e as censuras dos seus próprios amigos, e mais dos seus desactos covardes, e invejosos, e gastado com este estabelecimento para cima de 90 contos, sendo 60 para as obras do açude, e da fábrica de açúcar.

⁴⁰ Lacuna no ms.

que se estende por entre morros e de tal grandeza que com a moagem dum ano, e com outros usos só baixou 3 palmos. O seu grande fundo, quando cheio é de 70 palmos; hoje apenas tem 30 porque o esgotou para assentar uma nova porta d'água de bronze que mandou fundir em Pernambuco, por medida feita por elle. Cria este uma grande quantidade de peixes, e peixes muito grandes; uma pescaria, quando as águas são baixas lhe pode dar 200 a 300 mil-reis. São os peixes principais: curimatás, trairas, bagre, branquinhos, etc. Fomos sempre servidos na mesa com fartura de peixe.

Além desta grande represa estão elles fazendo outras, de modo que esperam ter mais de légua de terras regadas para lavoura, pelas vargens por entre os montes.

É admirável ver-se no meio dum país cuja vegetação está toda tomada, vargens cobertas de plantas cultivadas, ou espontâneas, de verde o mais vivo, do mais portentoso vigor.

Elle nos apresentou umas canas plantadas no inverno d'esse anno, e que ainda não estão bem maduras, com 10 e 12 palmos, e grossura proporcional.

A plantação principal é de cana, mas planta também mandioca, feijão, arroz, milho, etc., frutas e alguma hortaliça.

Atualmente, sendo ainda o fundo d'esses vales desigual, a planta não vem com igualdade porque não é regada com a mesma quantidade d'água, e eu lhe lembrei o igualar o terreno por meio da charra, o que elle prometeu.

O balde, ou parede, que sustenta o açude, tem de comprimento 500 palmos, de fundo 70 palmos; de largura em cima, por onde é o caminho, 50. É a base mais larga, não me lembrando da medida que elle me deu, tendo começado o atêrro puxando a terra, em coiros, à maneira do país, e consumindo 500 d'estes, mandou fazer uns carros apropriados, para condução e despejo da terra, e com elles trabalha hoje.

BOQUERÃO

É uma abertura, na serra do mesmo nome, pelo qual se acaba o Rio Salgado. Parece obra artificial; do que melhor se ajuizará, pelo desenho que al mesmo tirei. Essa fenda na parte mais estreita terá 8 a 10 braças, e a altura das rochas não há de ser de menos de 40, a 50 braças. Forma-se nessa passagem um grande poço, do que hoje me informei, e me disseram que nunca seca. Agora se passa pelo meio, descrevendose um zigzague, por um banco de areia que tem para os lados peraus, e quando se atravessa a madre do rio a água banha as abas dos selins. Não deixa de inspirar certo terror esta passagem.

Passado o Boquerão logo adiante entrei num país dum aspecto inteiramente novo para mim; mas que se aproxima mais da idéia que eu fazia dos

sertões. São colinas mais ou menos altas, às vêzes uma ligeira ondulação sómente, de modo a parecer à primeira vista uma planície. Este terreno é coberto de pasto que agora está seco, e tapado, semeado de arvoretas, e de pequenas moitas, ou de matinho; e às vêzes apparece uma ou outra árvore maior, que de ordinário é *Aroeira*. Disse-me o Anastácio que isto se chama *Campestre*.

Na vegetação d'este lugar, observei não sem alguma surpresa, plantas dos sabuleiros de areia do litoral, das quaes não tinha visto um pé de *Aracati* em diante.

Estas plantas são: o cajuciro-bravo, ou *Sambatba* (com flor); o *Pau-paraiha* (nada); *Larrapicho-de-cavalo*; ou *Krameria* (sem flor). Havia mais; *Carvoeiras* (*Calisene*; com flor); *Pereiros* (nada); *Pereiro-branco* (em flor); *Pequiá* (?) (em flor); *Bráguas* (com frutos); *Mulamba* (com flor); *Jamacurus*; *Xique-Xique*; *Coroa-de-frade* (*Melocactus*), que vi pela primeira vez.

Em Missão Velha colhi no meio da praça um fruto da madeira nova ou *arocira-brava*, que tem carne quase tão bom como o da *aroeira*.

Em Ossos, sítio do Senhor Bernardes, vimos uma árvore que elle nos mostrou perto de sua casa com o nome de *Coração-de-negro*; tiramos alguns ramos, e nos parece ser a *Rabugem* (*Plectymiscium*).

26-XI-1859. Lavras

Notícias dadas pelo Sr. Manuel Antônio de Moraes, lavrador, com engenhoca de aguardente, denominada Fundação.

Tem esta Freguesia 30 léguas de oeste a leste, e 14 em sentido transversal, e conta 14 mil almas. É gente ativa e laboriosa; há nêllos poucos escravos.

O Rio Salgado a divide bem pelo meio. A porção a leste do rio é mais de criação; e a do oeste, é mais agrícola.

Do gado sai termo médio duas mil cabeças por ano para a feira de Pernambuco.

Há também grande criação de porcos, os quais se cevam com milho e garapa. Fazem tocinho, lingüiça etc.

Criam-se também algumas ovelhas, de que nem leite, nem lá aproveitam; apenas comem a carne, e curtem os couros.

Cria-se também cabras, galinhas, perus etc. etc.

AGRICULTURA

Antigamente se fazia alguma represa d'água insignificante; há porém quatro anos que se começou a fazer açodes, de que se contam atualmente 58, e talvez outros tantos se estão fazendo.

Cultura da cana-de-açúcar. É cultivada a cana-crúma, da crioula só se planta alguma para chupar-se. A maior cultura de cana é a oeste do Salgado. A sua plantação é no fim do inverno.

No princípio do século corrente já se plantava cana e havia um ou dois engenhos, mas a sua cultura decaiu até 1853, em que começou de novo essa cultura e vai sempre prosperando.

Há atualmente mais de 50 engenhocas, das quais quatro são de moendas de ferro: o seu produto é principalmente de rapadura, algum açúcar bruto, e aguardente. A rapadura anda por 5 a 6 mil arrobas por ano, e aguardente mais de 4.000 canedais.

Carro e meio de cana (uma tarefa) plantados dão de ordinário 50 arrôbas de açúcar, ou 100 de rapadura.

Cultura de algodão. É das mais antigas da freguesia e se faz também para oeste do Salgado. O seu producto annual médio é de 1.600 arrôbas.

Cultura do fumo. Principalmente no vale do riacho do Borari e também no do Salgado.

Colhe-se mais de 8.000 arrôbas; cultura antiga, e que vai prosperando.

Cultura da mandioca. Por toda a parte, mas principalmente nas chapadas das serras. Nos lugares baixos e beiras dos rios se cultiva a manípeba, e pelas serras a satinga; dá esta de seis meses nos lugares *acumantados*; mas fora disso é de ano e alguns meses, e manípeba com mais de 2 annos.

Cultura do arroz. É grande, e exporta-se em grande quantidade. Nos baixios de toda a freguesia. Há seis qualidades de arroz, e uma que dá de 2 meses e meio.

Cultura do milho. Em toda a freguesia.

Cultura do feijão. Em toda a freguesia. O de arrancar, nas serras, e de corda nos baixios.

Jirumuns e melancias no inverno; e nas sêcas, nas vasantas.

O melão é só nas vasantas.

Bananas nos baixios (a comprida; a maranhão); banana curta (S. Tomé) de todo o anno; a prata (maçã) etc..

Cana planta-se no fim do inverno. Fumo idem. Mandioca nas vasantas, idem, Arroz nas primeiras águas. Milho e feijão no principio do anno. Mandioca também.

14-XII-1859

Depois do almoço, quase às 10 horas, eu, Lagoa, e o coletor Barreto montamos a cavalo, e 20 minutos antes do meio-dia estávamos no alto da serra, caminho de duas léguas mais ou menos. A subida, começando num espigão, terá meia légua, corre obliquamente, mas tem lugares tão íngremes, que mais não pode ser; é o terreno da montanha estratificado e formado, a julgar pelo que vi na subida, duma turfa ou grés avermelhado chamado psamito — rocha mole, e em que o casco do animal faz moesa e deixa sinal. No entanto sobem por elle até o alto carros vários e descem carregados provavelmente de lenha, para os engenhos. A vagem desde a cidade até o pé da serra não é plana, antes são bacias ou depressões, separadas por lombadas ou montes, ou melhor por espigões que procedem da falda da serra, e se estendem mais ou menos longe. Enfim o terreno ondulado. É todo cultivado principalmente de cana, para cujo beneficio é todo semeado de engenhos, por muitos dos quais passamos. Todas essas plantações são regadas por meio de levadas trazidas das vertentes das abas da serra, que são numerosas e permanentes. Alguns engenhos me parecem movidos por água e é tudo muito povoado. O sol era ardente, a água borbulhava, e corria por toda a parte, ora por levadas, ou regos artificiais, ora por correntes naturais. Com ella fertilizam, e regam as terras, movem engenhos etc. etc. Uma vegetação sempre verde. Tudo dá a este país um aspecto bem distinto do sertão. É uma sorte de oásis, situado no centro, e confrontação de várias Províncias, e rodeado por toda a parte de sertões. Aqui, como no litoral, se diz: ir ou vir do sertão.

Na parte baixa e acidentada eram as matas compostas, além das plantas que não conhecemos, ou que não vimos, de Jatobás (em grande número estão com flor, e com fruto), de Jatobais, Angicos, Gonçalo-alves, Mame-de-rachorro (*Putex*), Fungos, Capeta, Sabonete (*Sapindus*) *Ingá*, *Ingai*, Jitó, Coração-de-negro (*Machaerium*), Catanduba, Pau-d'arco, Mororó, Pequi, Visgueiro, Freijorge etc. etc.

Na subida da serra: Murici (do Rio), *Vismia*, Camará (*Lantana*). No alto: *Callistene* de flor roxa, *Vachysia*, Visgueiro, *Micônia*, *Erythroxylum* etc. etc.

No alto da serra, que é plano, coberto duma vegetação rasteira folhada (tabuleiro) semeado de grandes árvores do Visgueiro, e outras, é o ar bastante fresco: e daí se goza de belos lanços de vista, sobre os Cairiris. Achamos ali em um rancho aberto, duas mulheres e um rapazinho. Perguntando-lhes o que faziam ali responderam que estavam apanhando marangabas (espécie de aruçá) que ainda não estão bem maduras, e frutos de jatobá para comerem. Uma delas nos disse que ainda não havia amoqueado. Há por aqui grande miséria; mas em grande parte filha da imprevidência e da indolência. Estas mulheres haviam já gastado meio dia, e gastariam o resto, para colher frutos silvestres que as não podem faltar; e esse tempo empregado no trabalho da lavoura lhes dava para comer uma semana seguramente. Damos alguns curos ao pequeno e o Lago disse-lhes que apartassem na nossa casa para lhes dar alguma coisa. Demoramo-nos pouco colhendo algumas plantas, e descansamos: nos lugares demasiado fregemes, eu desci a pé puxando o cavalo. Descida a serra andamos a maior parte do tempo devagar, parando para colher plantas, ou para conversar, pedir água e beber cerveja nas casas situadas à beira do caminho, que são muitas, e cheias de gente. Chegamos à cidade depois das 2 horas, bastante suados e empoeirados.

O Ataripe não é verdadeiramente uma serra, mas sim um chapadão, cuja elevação sobre as serras vizinhas não excede de 1.000 pés, se lá chegar (3.000 palmos sobre o nível do mar, [segundo] Chapanema). Em cima é inteiramente raso, tendo muitas léguas em vários sentidos e o seu âmbito é muito irregular, enviando braços ou prolongamentos em todos os sentidos, e por toda a parte é uma ladeira abrupta, quase a pique, e cortada de algares*. Tem na sua chapada e pelo interior matas extensíssimas.

O seu chão é tão absorvente que nas grandes chuvas as águas não duram sobre o terreno, tudo se some, para se escoar em numerosas nascentes pela fralda, e redondeza de toda a montanha**, o que faz a fertilidade das terras em roda numa zona de 1 a 2 léguas de largura, acompanhando as sinuosidades da serra.

Quando houver indústria e capitão, que estabelecimentos agrícolas se não podem fazer em cima desta chapada, fértil e dum clima delicioso! Basta que façam cisternas nas casas, e caximbas impermeáveis para bebedeiro do gado, banhos, lavagens etc.

* Para o Piauí a descida é em plano inclinado de queda quase insensível.

** Mas as correntes são em maior número e mais abundantes, d'aque tudo do Cariri, do que para o do Exu.

O Crato é uma pequena cidade á qual convinha o título de vila: antiga povoação começada com o aldeamento dos índios Cariris (?), e estabelecimento de Missões. O lugar onde se fundou a primeira Missão é onde hoje há muitas fábricas de tijolo, para as edificações da cidade. Chamou-se esse lugar — Missão Velha — porém a Missão se passou para mais alto, e se assentou no lugar em que está a Matriz actual; e se chamou Missão Nova. Necessariamente se dava o nome de Missão a uma igreja tóda rodeada de palhoças dos índios. No lugar em que está a matriz houve primeiro, digo, antes uma capela tóca de tijolo que se arruinou; e conta o Sr. Scucpira que, não sei em que anno, era no tempo de sua avó e tias, em a primeira oitava do Espirito Santo, depois da missa, mas estando muita gente ainda na igreja, esta desabara com grande estrondo e matara algumas pessoas.

A cidade está assentada em terreno baixo, mas em meia laranja rasa, de modo que dá escoamento para todos os lados. Passa por um lado o rio, que nasce no Grangeiro*, das abas do Araripe; e toma o nome de Crato, e corre aquil na cidade. Actualmente, que o tempo vai secco, com tanta água com quanta corre o Guandu na Fazenda do Mendanha, em tempos secos. A água é boa na nascente; mas corre por meio de sítios, onde a furtam para levados; e a emporcalham com lavagem de corpos e de roupas.

Este plano da cidade é rodeado por três lados de grandes oitucos: O Barro Vermelho ao nascente quase; o Alto da Miséria ou da Batateira a noroeste; e o Alto do Grangeiro a sudoeste, formando assim quase um grande triângulo; ao poente fica o Araripe na distância de mais de légua.

Tem a cidade algumas ruas paralelas directas, e largas que são a Rua Grande, a Rua do Fogo, a Rua da Vala, a Rua da Boa Vista, a Rua das Laranjeiras etc. etc., mais algumas travessas e becos. A Praça da Matriz é um grande quadrilátero; algumas ruas são compridas mas são mal povoadas. Logo na Rua da Vala, e das Laranjeiras, assim como nos extremos das outras, as casas são ou tódas ou em grande parte de palha. O geral das casas é de

* Nome dum riojão que passou, ou abriu foz sítio.



Crato. Vista de uma parte da cidade, tomada da Rua do Fogo. Dez. 1859.

tijolo; são térreas, baixas, ladrilhadas e de telha-vã. Há alguns sobrados; mas destes o único que vi bem acabado e decente, mas telha-vã, vidraças (não ha muitas casas com elas) é do Tenente-Coronel Antônio Luis Álvares Pequeno, um dos proprietários mais abastados da terra. Há vários sobrados principiados. O em que estamos, não está concluido, estão as janelas sem balcões. O Bilhar, negociante, e que quer passar por um dos que tem fortuna (dono do sobrado em que estamos) está fazendo uma casa, fora mas perto da cidade, em uma grande chácara, e pelo risco que lhe deu o Dr. Thérberge. Com certeza, se a acabar, e a tratar com asscio será o melhor prédio daqui.

Um modo de construção que é comum no Ceará, e provavelmente em outras províncias do Norte, é que as paredes divisorias do interior das casas térreas ou de sobrado (há muitas excepções, principalmente na Capital, no Aracati e no Icó, e aqui mesmo) não chegam ao tecto, que é de telha-vã, de modo a ficarem os quartos e salas abertos por cima.

Tectos nos tetos são raros; as mesmas igrejas só têm forrado os tetos da capella-mor; o corpo da igreja é sempre de telha-vã, mesmo na grande matriz da Capital. E porém o madeiramento e o telhado executado com certo esmero, sendo nas casas de uma construção de certa decência, todo o madeiramento lavrado, e as juntas das telhas encobertas pelas ripas, e não se vê aí um calço. Esta construção se diz feita para tornar as casas frescas: não sei até onde isto é exaeto. As paredes, como já disse, são de tijolo geralmente (as paredes de pau-a-pique chamam de tupa), os umbrais de portas e janelas são fingidos, os tijolos unidos com barro, mesmo nas paredes das igrejas (por isso quase todas as tem rachadas). A cal de pedra abunda em quase toda a província. O que é notável é a forma dos tijolos; por toda a parte há tijolos hexagonais, e bem assentados, e outros de outras formas; e é muito geral o ladrilho com tijolos semelhantes aos de alvenaria.

As madeiras são muito boas — o pau-d'arco, a aroeira, etc. etc. — e o taboão de cedro, ou de comaru, de que fazem portas, janelas, soalhos etc.

Em todas as divisões das casas, mesmo na sala de visita e de jantar há armadores para rês, desde uma até 5 e 6 (com excepção de algumas casas modernas na capital etc.).

Os telhados não são tomados, excepto as cumeeiras que são algumas tomadas, isto até na capital; no entanto têm aqui grandes ventanias; mas as telhas são mais pequenas que as nossas e mais pesadas. As casas térreas antigas são todas mui baixas e pequenas, as edificações modernas são melhores. A cal da terra é má e escura, a boa mandam-na vir de outros lugares.

As casas de comércio são pequenas, e se vende tudo promiscuamente. Há um bom mercado, que foi feito pelo Tenente-Coronel Antônio Luis, para o entregar no fim de 40 anos; e me dizem que rende-lhe mais de conto por ano. A industria é pouca. As palhoças se espalham pelas montes, em roda da cidade.

As casas são muito pobremente trastejadas (excepto uma ou outra como a do Tenente-Coronel António Luís), algumas não têm na sala mais que uma ou duas rédes. Em geral há pouco cuidado, e asseio nas casas.

CRIAÇÃO

Temos visto poucos pássaros, nos passeios que temos feito a alguns sítios e ao alto do Araripe.

Vemos poucos cães nas ruas.

Há criação de porcos, perus, galinhas, capotes; mas não tenho visto patos, nem marrecos. Consta-me que criam patos.

Os bois servem aqui de bêrra de carga, talvez em maior número que os cavalos; são governados pelo septo nasal. Servem também de montaria. Bêrras muars são muito raras aqui.

Tenho visto poucas cabras e carneiros; mas consta que há criação d'elles.

FRUTAS CULTIVADAS

A serra é abundante de certas frutas, como são: Mangas, que há em quantidade, de superior qualidade. Ananases são suaveis; não há abacaxi. Bananas de várias qualidades e boas. Uvas, figos, romãs, melancias, melões, jerimums, goiabas (são pequenas), côcos-da-praia, atas, mamões, araçás.

Arvores de espinho, já houve muita e muita laranja, limas, limões, etc., mas deu-lhes o mofa (um insecto) e destruiu tudo. Vi muitas laranjeiras atacadas da moléstia.

PLANTAS SILVESTRES

Macaúbas, bunitis, catolés.

Pequi (de que não gostei): conserva-se algado, tirando a casca. É fruta muito estimada pela gente da terra, e é um grande recurso para a pobreza. Dá bom azeite; excellente tempero para atroz, dizem.

Mangaba, marangaba (espécie de araçá da serra), mangaraba (ainda não vi), araticum (cagão, opé, e puma; este último é dos alagados), maracujás-sui-piro (e outros), pitomba (uiti, ou guiti), ingá, ingal, araçá (araçá-de-pedra), marmelada, puçá (ajuda não vi), jenipapo (dêle fazem vinho, garapa, jenipapada), murici, bacumixá, bacupari.

HORTALIÇA

Cultiva-se muito pouca hortaliça, e temperos, por incógnia, e falta de gosto. A terra deve dar tudo e bom.

A grande cultura é a da cana, de que se faz, em muitas e pobres engenhocas de pau (consta-me que há alguns engenhos sofríveis) rapadura, pouco açúcar e aguardente. Depois o arroz, de que há várias qualidades e se colhe bastante, milho, feijão, mandioca etc. Cultiva-se muito pouco café, e o que eu tenho [visto] aqui não é de boa aparência.

GENTE

A pobreza, por indolência vive miseravelmente, porque a terra é muito produtiva.

A gente branca é pouca; mas o que chamam cabras são em grande número e me parece gente de boa índole; no entanto as rixas são comuns e facadas e matricas. Dá-se por estes sentões pouco apreço à vida alheia. As cadeias estão cheias de assassinos e facinorosos; diz-se porém que isso tem melhorado muito; em outros tempos mesmo dentro da vila se cometiam descaradamente assassinatos*. A gente é de bom trato, são amáveis e obsequiosos. Fomos recebidos aqui melhor que no João, achamos aqui mais sem-cerimônia, mais cordialidade.

O Crato é país úmido; logo que começam as chuvas a umidade atmosférica aumenta muito; é doentio.

Moléstias de olhos, são endêmicas e de todas as formas; rara é a pessoa que não sofra ou sem sofrido dos olhos. Há casas onde há 2 ou 3 pessoas cegas. Dizer que hoje está ainda assim muito melhor do que foi em outro tempo! Parece que o desmazelo, e a porcaria concorrem muito para isso. Não há asseio nos doces, e andando juntos sem nenhum resguardo, lavando-se nas mesmas bacias, etc., tudo concorre a transmitir a moléstia. Dizem também que um certo tempo apparece uma grande quantidade de mosquitinhos que assentam nos olhos; esses podem transmitir a moléstia. Enfim a falta de médicos hábeis concorre também para agravar esse mal.

As opilações são comuns. As hepatites; as moléstias orgânicas de coração. A tísica não é rara; as hemoptises; o reumatismo. Mas a que também faz grandes estragos, é o tumor bobático e sífilítico. A levasidão é grande, vemos aqui meninos afetados de gonorréias, e de bubões, tratando-se sem cerimônia na sua família.

* De viagem os fiquões, ou os que querem passar por tais, andavam sempre com certo número de homens, arrados, chamados cangaceiros.

26 I 1860. Crato

Esta noite estive à porta do Secupara *, onde se conversou sobre animais prejudiciais à lavoura.

Cultiva-se aqui várias sortes de arroz: o quinoa, o meruim, o macapá.

O primeiro tem o inconveniente de vir muito desigual.

O segundo é muito perseguido pelos pássaros, principalmente pela patativa, e periquitinhos; mas há outros muitos pássaros que estragam o arroz: o cabeça-vermelha, o azulão, o papo-vermelho (pássaros), a galinha d'água etc. etc. Uns comem o arroz semeado, outros o arroz em leite, outros o grão maduro.

Além dos pássaros há o rato, que é uma espécie de proca de rabo, que aparece principalmente em setembro e outubro, no arroz e na cana; e há anos, felizmente raros, em que estes animais aparecem em tamanha quantidade que é uma verdadeira calamidade; destroem roças inteiras, arrozais e canaviais. Fazem-se cercos batendo as roças ou lançando-lhes fogo, e se matam aos centos. O povo os chama seu gado, e são muito saborosos.

Este arroz meruim tem a vantagem de crescer muito na panela.

O terceiro ou macapá, parece ser o mais estimado. A *espiga* de arroz chamam aqui *carão*.

Nos canaviais já vimos que os ratos fazem nêles grandes estragos. Tem havido anos de se perderem as safras. Dá também a lagarta na cana, mas se a cana está madura não lhe faz mal, antes a limpa.

Na mandioca dá algumas vezes a lagarta, mas não lhe faz grande mal.

Têm aparecido algumas vezes nuvens de gafanhotos, dos de ventre vermelho, que vimos no Boqueirão, e de outros, que fazem estragos nas plantas, principalmente nas bananeiras.

* O Secupira morreu de cólera morbo em 1860 no Crato.

Costuma às vezes dar uma moléstia no arroz, que o Secupira julga ser um bicho, mas que é provável que seja o *sclerotia*; fica o arroz que se não pode comer de amargoso.

Aqui há pouca indústria. Fazem algum pano de algodão grosso; fazem rédes brancas, ou de xadrez azul, pouca renda e labirinto. Alguns meninos fazem flores artificiais. Em doces se faz alguma coisa, da goiaba fazem goiabada e uma excelente geléia; do huriti, da banana, da manga, de tudo fazem doce.

Trabalham muito bem em açúcar, ou alfinies, de que fazem flores, animais, castelos etc., para enfeite duma mesa.

11 II 1860. Crato

Nos anos regulares, as primeiras chuvas caem em outubro e novembro, de sorte que no Natal se tem já legumes: feijão, milho etc.

Este ano passado porém, assim como alguns outros anteriores, foi privado dessas chuvas, e por isso a demora do inverno d'este ano causou ou ia causando bastante mal à lavoura, e muito principalmente à criação, tendo já murrido bastante gado.

O mês de janeiro porém, segundo o Senhor Secupira, foi em todos os tempos mais ou menos seco e o inverno propriamente do ano começa, e começou sempre no princípio de fevereiro.

Isto no Cariri, nos sertões chega sempre mais tarde.

Ordinariamente, senão sempre, as primeiras chuvas são acompanhadas de trovoadas, às vèzes muy fortes.

Quase sempre, ao menos as chuvas duradouras vêm do nascente. Diz o Sr. Secupira que o sinal de começar o inverno, segun, é uma barra escura ao nascente, com relâmpagos muy rasteiros.

No Exu nos disse o Sr. Gualter que as chuvas abundantes, e prometteras de bom inverno eram precedidas ali duma grande ventania, que vinha por cima do Araripe (provavelmente do quadrante do Levante) onde fazia grande arruido, e as vèzes estrago das matas, e caía embaixo com grande força causando muitas vèzes prejuizos; e não se fazem sentir senão a certa distância da serra.

No entanto enquanto eu estive no Exu, caiu ali a primeira chuva do inverno sem que tivesse apparecido esse vento.

As chuvas que têm aqui caído durante a nossa estada de 8 de dezembro até agora, têm acontecido sempre de noite, e principalmente depois da meia-noite; mas a de hoje começou pouco depois de uma hora da tarde, tendo estado o dia sempre prometendo, e veio sem trovoadas. Anteontem pela madrugada deu uma forte trovoadas, com alguma chuva que durou até as 8 horas da manhã de ontem.

Quando chega o tempo das chuvas o céu apresenta sempre grupos de nuvens elétricas, com trovoadas parciais, e pequenos chuveiros, até que começam as chuvas regulares; então estas se tornam quase diárias. Não há muitos anos que houve um bom inverno, chovendo somente de noite e quase sem falha, segundo o que me informaram.

Enquanto estive no Exu, deu uma grande chuva. No dia 1.^o de fevereiro seriam 1 horas e meia da tarde deu aí uma forte trovada, vindo de cima da serra do Araripe, e me parece que vinha do quadrante do Norte; deu bastante chuva, mas às 5 horas tinha cessado. Seriam 7 horas da noite quando entrou a cair uma pequena chuva, que foi aumentando e durou por toda a noite até o dia seguinte (2 de fevereiro), continuando e diminuindo até mais de 11 horas.

Foi a entrada do inverno.

De pessoas vindas de vários lugares tivemos notícia que ao menos até um raio de 40 léguas para parte de Pernambuco chegou a chuva, e com a mesma intensidade; depois no Crato souhamos, que aí choveu da mesma maneira como no Jardim, e na Barbalha, e pessoas vinda de baixo disseram que no Itó choveu da mesma maneira, isto é daqui a 50 léguas. Esta chuva abrange pois uma área de terreno pelo menos de 80 léguas de diâmetro, compreendendo quase duas mil léguas quadradas.

3-V-1850. Fortaleza

Saímos da capital em agosto.

Ainda apanhamos algumas chuvas em Cascavel, e em Cajazeiras; ali do norte a manhã, aqui de madrugada; depois disso tivemos chuvas no Icó em...⁴¹ de outubro de noite; e ultimamente no Crato, onde chegamos a 8 de dezembro. Ali achamos queixas pela falta das chuvas de outubro e novembro (não sei se faltaram completamente ou se não foram suficientes). Em dezembro e creio que mesmo em janeiro caíram algumas chuvas, mas foi em princípio de fevereiro que começou o inverno, e não ia mal até 8 de março em que de lá parti (mas constou-me que de oito até 20 não havia chovido). Em Missão Velha quando aí passamos choveu, assim como em Tropas. No Icó houve grande trovoadas e chuva a 19 de março; aí já o verão era demais e sentia-se seca. Pelo sertão havia chovido pouco, e havia grande receio de seca forte; para o norte da Província até já se tratava de soltar o gado. Em alguns lugares o gado sofria, e mesmo morria do mal triste. Saindo de Icó, descendo pela ribeira do Jaguaribe, só apanhei chuva em...⁴² O Jaguaribe, o Banaboin tinham porém água; o Riacho do Sangue estava curto, e outros vários riachos ainda não havia corrido. O Amarapé e o Chôro tinham sua água. O Baú, o Guaiúba, e outros tinham pouca.

Beira-mar, isto é, da Capital ao grupo de montanhas Aratanha, Baturité, etc., havia chovido bastante; mas quando aí cheguei (3 de maio) já se queixavam da falta d'água; bem que sempre caíam alguns chuveiros. Enquanto estive em Pacatuba, de 3 a 20 de abril, choveu pouco, mas sempre fazia luar de noite; as vezes raras trovoadas e quando chovia era principalmente de noite.

Depois que cheguei à Capital de novo as chuvas; mas foi principalmente nos primeiros dias de maio, que elas se tornaram mais copiosas, havendo mesmo uma grande enchente. Fuzila sempre de noite entre sul e sudoeste. As chuvas

⁴¹ Lacuna no ms.

⁴² Lacuna no ms.

principiam de noite sempre com relâmpagos, e às vèzes com trovões, continuam pela noite; seguem durante a manhã (como agora que são 10 horas, é de maio, e chove copiosamente), por pancadas mais ou menos fortes, e vão às vèzes até tarde.

Pelo que eu tenho observado, o tempo das maiores chuvas (excepções à parte) é de fins de abril a meiado maio; Depois do equinócio de setembro (outubro a novembro), depois que o sol tem passado por cima do Ceará, cessa as chuvas-de-caju. Quando se aproxima o equinócio de março ou quando o sol passa de novo sobre o Ceará, fevereiro, começa o inverno, que dura, aumentando sempre mais ou menos regularmente até que elle transponha o Equador e chegue aos 10 ou 15 graus além, seguindo depois o estio.

Aqui, beira-mar, na Capital, pelo que tenho observado, as primeiras chuvas de inverno são de manhã, vão depois passando para a tarde e parte da noite; e enlêm de noite e de manhã.

No sertão são quase sempre de noite; ou ao menos principio de noite. No Crato, disseram-me, há ocasiões em que chove dias inteiros; às vèzes dias seguidos.

As chuvas no Ceará são quase sempre, sertão sempre, precedidas de trovoadas ou rumores de relâmpagos.

No sertão há trovoadas fortes e freqüentes; aqui na Capital, são mais raras; às vèzes fortíssimas. Estes dias atrás, de 1 a 4 de maio, as chuvas de manhã têm sido acompanhadas de trovões.

6-V-1860

Não tenho bastante observação própria; mas por informações tenho alcançado o seguinte: as chuvas podem começar ou pelo litoral ou pelo centro, isto é, pela Serra Grande, etc.

Pelo litoral começam de Aracati ao Ceará e se estendem até o grupo de montanhas de Baturité, etc.

Pela serra ao sul, isto é, no Jardim, Crato, etc. as chuvas vêm sempre de leste até ganharem a Serra do Araripe; ao norte começa pela Serra Grande vindo de Piauí.

A faixa de sertão que fica entre as serras do litoral e a Serra, é sempre a que recebe menos chuvas, mais tarde (excepto uma outra vez), e mais irregularmente distribuída; e parece que o sertão do norte é de ordinário o mais sujeito à seca; me diz o Bezerra que ali chove como nas outras partes, e que o sertão mais seco é o da Inhannas, mais central, e mais alto, e menos coberto de árvores. Esse sertão é montuoso e pedregoso, e o ar mais fresco.

Tem agora havido grossas enchentes dos rios aqui vizinhos, como são: Maranguapinho e principalmente o Côco, cujos afluentes vêm da Aratãha; os caminhos estão intransitáveis, a ponte do Côco arruinada, e por cima dela dá água pelos peitos dum homem (creio que nisto há exageração). As lagoas de Arronches, Mecejana, Porangabuçu, etc., estão cheias. Há muitos anos que não se vê enchente tão forte nestes lugares.

Os açudes do Mundéu, da Munguba e outros [...⁴³].

⁴³ O ms. encontra-se arruinado neste ponto.

659 Conceitos populares a respeito de tesouros e riquezas do país

5-V-1860

O povo do Ceará, e talvez de mais outras províncias, tem idéias muito falsas a respeito do Brasil: para elles Brasil é Ceará, e tudo o que não [é] cearense é estrangeiro. Tão elles para si que o Ceará é superior a tudo o mais, e só conhecem superioridade em outros povos pelos artefactos que elles admiram, e não concebem como se fazem. O seu país (Ceará) está todo minado de metais preciosos: e cheio de tesouros escondidos pelos Frangengos, Jesuitas etc. etc. O país está cheio de tradições, em que acreditam religiosamente; e certificam com contos de fenómenos naturais, que já hoje se não vêem, ou que apenas ainda vislumbram em certos lugares e tempos, como, por exemplo, escuros nas montanhas, fumo, e luz ou incêndios sobre ellas; porções de rochas arrojadas do cima das montes etc. etc. São ainda *pregos, cadeias de ferro* achados nas árvores pelas matas; são porções de minerais luminosos, ou lustrosos, em que sempre vêem ou ouro e prata, ou indícios disso. Enfin, são contos e tradições antigas, que têm a mesma origem, mas que impressionam mais por saírem da noite dos tempos revestidos de circunstâncias fantásticas, e exageradas.

Por toda a provincia éramos questionados, não só pelo povo rude mas por gente de gravata lavada sobre as ruínas que havíamos descoberto; e mostravam-se incrédulos quando lhes affirmávamos que nada se havia achado, estando prevenidos de que só vínhamos buscar minas e riquezas, e que de tudo fazíamos segredo. Este preconceito pairava sobre nós, e nos fazia suspeitos para com esta boa gente.

Mas o que são esses estrondos, fogos, e fumos, e rochedos lançados pelas montanhas?

Os estrondos são seguramente eito de acrólios, que rebentando no ar, e não sabendo o povo donde lhe venha, ou sendo repetido pelo eco das montanhas, muy naturalmente cada um os attribui ao monte que lhe fica mais perto, ou donde lhe parece que venha o estrondo; e cada estrondo destes fica na memória do povo, que o vai passando aos vindouros, sempre com a idéa de que elles indicam a presença de minerais preciosos.

De março a setembro de 1859 tivemos ocasião de ouvir dois estoiros meteoricos; um na Capital, e outro em Russas. Na Capital era de manhã, estávamos almoçando e pensamos que era sinal de chegada do vapor do Rio; o outro foi de noite e várias pessoas viram o meteorro luminoso.

Os montes jallamados podem ser por fosforescência de madeiras podres, depois de umedecidas pelas chuvas, ou fenômenos elétricos, depois das tormentas; os fumos, devem ser produzidos por nevoeiros úmidos ou secos.

Os pedaços de pedra lançados, são sem dúvida, fragmentos de rochas esculados pelo calor etc.

660 Sentimento da gente do Ceará a respeito da Comissão

15-V-1860

Entre muitos preconceitos, como é o considerarmos estrangeiros, e que viemos tomar suas terras, seus mitos, seus tesouros, e escravizá-los etc., etc., há entre a gente mesmo de gravata lavada, não sei se um sentimento de inveja; ou antes estão persuadidos que as rendas gerais procedem do Ceará, e assim não podem tolerar, ou antes clamam contra os ordenados dos membros da Comissão, que todos exageram muito e contra as despesas que a Comissão acurra. Não fazem senão lastimarem-se fazendo comparações, dizendo: gasta-se tanto dinheiro (bem entendido, o Governo geral) sem grande necessidade e nós sofrendo tantas necessidades. Um nos dizia em Morada Nova: Se o Governo nos desse oito contos de réis sómente faríamos aqui muita coisa de que temos necessidade. Eu lia no seu pensamento: Se o Governo geral, que gasta tanto dinheiro sem grande necessidade, *ex. gr.* com a Comissão, com a viagem do Imperador, nos mandasse esse dinheiro! Outros querem dinheiro para animar a lavoura; bem entendido, se o Governo lhes desse dinheiro dado ou emprestado (que era o mesmo) para elles montarem seus estabelecimentos, saldarem suas contas! Outros clamam por caminhos e queriam que o Governo (geral) lhes mandasse fazer. Enfim todos não fazem senão lastimar o dinheiro que se gasta no Rio com teatros, quando elles têm cá tantas necessidades.

23 V 1860. Fortaleza

Ontem à noite em casa do Sr. Franklin de Lima, caíndo a conversa sobre índios, disse o Sr. Franklin que o resto da tribo (cujo nome não sabe) que hoje reduzida a uns 50 ou 60 existe ali por Milagres, pertencem a uma nação que habitava por Piancó, Brejo Verde e Pajá de Flores, onde ainda em 1816 existia inteira; e foi nessa ocasião alçada pelo Padre Frei Ângelo, que ali fez uma grande casa quadrada com pátio dentro, onde elle os doutrinava; morto o missionário cessou esse ensino.

Esses índios, que faziam grandes estragos nas fazendas matando-lhes os gados, mudaram-se, provavelmente perseguidos e obrigados pela séca de 1815 (Gonçalves Dias) para Piauí, sendo aí também perseguidos, delapidados e mortos muitos; o restante retirou-se para o lugar onde existe hoje.

A Sra. D., cunhada do Sr. Franklin, disse que seu avô foi capitão de bandeira d'esses índios; que os tratava com humanidade; e por sua parte os índios agradecidos respeitavam o gado que trazia a sua manra, fazendo porém estragos nos gados das fazendas vizinhas. A fazenda do avô, era denominada Mary (em Pernambuco?). Os índios vinham muitas vezes a sua casa e pediam para o festejar com suas danças, cantos e música, e diz a Senhora que não deixava de ser coisa engraçada. Andavam todos nus, trazendo apenas uma tanga; lançavam de si uma catíngu insuportável, *catínga d'arara*, diz ella. As meninas eram as que se consentia vir à casa e apresentar-se à família, pela indecência com que os homens se mostravam. Entre ellas havia algumas bonitinhas, andavam nuas, mas compostas com uma tanga tecida de fios de cruá, tintos de varias cores, e curiosamente tecidos. Traziam mais pelos braços e outras partes laços de fitas tiradas também da casca fina do cruá, e tintos de cores. Traziam o corpo também curiosamente pincado; os cabelos longos até as curvas caíam de redor da cabeça sobre os ombros, pelas costas e peitos, abrindo se adiante e deixando ver o rosto bonitinho enquadado pelos cabelos negros corredios, e grossos, os quais com o movimento da cabeça faziam um som particular, como xi-xi. Sentavam-se acocoradas de um modo particular e não deixar ver nada que as envergonhasse; e porque uma vez, um filho do seu avô gracejando com uma a quisesse tirar

daquella posição, a índia deu um salto, e sumiu-se, como se fosse uma onça. Passados alguns dias vieram os índios armados a pedir uma satisfação, e com dificuldade se acomodaram; mas ficando sempre inimigos d'esse moço, e o ameaçavam por toda a parte de o fazer dar a *embigada no mandacaru*.

Isto [é] muito significante e mostra quanto os índios eram ciãos, e respeitavam a inocência, e pudor das môças.

Diz a Sra. D. que as índias apareciam muitas vêzes em casa, e que era admirável a sutileza com que o faziam; sem serem percebidas mostravam-se de repente entre elas acocoradas; e também quando se retiravam, porque desapareciam instantaneamente. As vêzes era ao som dum assobio ou apito trêmulo e apenas perceptível pela gente da casa, e vindo de fora, que as índias desapareciam immediatamente.

Tiveram duas destas indiazinhas em casa; uma criou-se muito gordinha, era muito intelligente, e servia muito bem, e fugiu de casa aqui na Fortaleza, quando para aqui vieram, provavelmente aconselhada; a outra logo que chegou à casa começou a cobrir-se de um *fuá* (caspa) e a emagrecer até que morreu, o que foi attribuído a mudança de alimentação. Com effeito diz a senhora que quando cobriam as comidas temperadas eram logo afetadas de diarreia; que comiam com muita dificuldade a comida temperada; arrox entravam a quebrar os caroços, ractiam nos dentes e lançavam fora. Quando em casa se fazia matulagem (se matava rês) as índias se vinham pôr em roda esperando ansiosas que lhes dessem um pedacinho, e quando o recebiam kun as duazinhas muito satisfeitas conversando em sua língua, para a cozinha, lançavam a carne sobre as brasas, e apenas sapecadas, e sem sal a devoravam sôfregas. Comiam toda a qualidade de bicho; era para elas quando apanhavam um calangro (lagarinho) uma festa; lançavam-no no fogo inteiro com tripas, e o devoravam. Etc.

662 Sentimento dos cearenses para com os estrangeiros

Tem a gente do Ceará grande aversão para estrangeiros, principalmente para portugueses, a que chamam *Marinheiros*. Tinha há poucos dias em casa do Franklin de Lima, estando ele e a mulher, conversarmos sobre várias coisas, e entre elas me perguntou o Franklin se uma corrente de ferro que se diz existir fechando a barra do Rio de Janeiro não era obra de holandeses, porque, dizia, portugueses não acreditam que fossem rapazes de a fazer! Tudo o que existe no Ceará mais antigo querem que fosse obra de holandeses; assim a antiga fortaleza do Rio Ceará; o porto de desembarque, com o seu atterrado são obras holandesas. Mesmo a respeito do Brasil elles tem idéa tão exagerada da sua provincia que se persuadem ser o Ceará superior a todas em tudo; e enfim para elles Brasil é Ceará. Dêem-nos dois meses de chuva somente em cada anno que o Ceará não precisa de mais nada!

Devemos porém confessar que isto é preconceito popular, que se vai desvanecendo com a illustração; mas parece que a proporção que isso acontece cresce o sentimento de inveja para com as provincias maiores, e principalmente para com o Rio de Janeiro, que elles (os que se têm por mais civilizados) reputam como um país de servilismo, e de corrupção, e que engorda à custa do resto do Brasil.

As idéas republicanas têm muita aceitação entre estes sábios de meia tigela; a familia Franklin, que é dos Alencares, tem idéas muito exageradas a este respeito, até as senhoras não podem ouvir falar em rei, rainha, nem em Papa, porque é rei de Roma! Entendem que ninguém se chega a um rei, que é para esta gente sinónimo de déspota, de dominadores cruéis, e injustos, que não seja abjecto, e servil. É curioso vê-los indignados contra um ato de reverência, ou de simples atenção para com um monarca; mas é também curioso ver o desprêzo com que falam e tratam dos cabras. Um dia estávamos na Munguba à mesa do chá; o Lagos falava com soltura, e indiscrição dos ministros e gente da Corte. Franklin muito contente olha para as senhoras e diz: Este é dos nossos; depois dirigindo-se para mim pergunta muito se eu não era monarchista! Um sentimento de indignação se apoderou de mim, e mal me pude conter, mas

não lhe respondi como devia; apenas lhe disse que eu não me occupava com essas questões, e que se particularmente era amante do Imperador é porque não podia deixar de o ser sem ser ingrato.

Todavia pelo que tenho observado, se separarmos o povo baixo que não tem idéa nem uma do que é liberdade e dos seus direitos, e que só se leva por adesões pessoais, a gente boa ou de gravata lavada da Província é na maioria amiga da ordem e do sistema constitucional.

**670 Excursão até as matas da Timbúba, que ficam daqui
pouco mais de uma légua**

5-XI-1860. Serra Grande, Campo Grande

Em caminho fomos vendo uma vegetação secundária muito semelhante à do Crato, e dos tabuleiros do litoral. Muitos mulungus florados: são árvores, cujo tronco aculeado não se eleva muito mas tem grande grossura.

Paus-d'óleo: reduzidos a pequenas arvoretas; com fruto aberto. Jacobás, jatobás, muitos com fruto, e alguns com botões. Almécegas bastantes, com frutinhas verdes. Mirindibas (mossa jundiaba) muitas com fruta. Pau-bosta (*Forchysia* do Aratipo, e talvez do Rio) com flor.

Clusiáceas: Mangues: muitos, já de duas espécies, ou mesmo gêneros. Uma principalmente é muito abundante, e de flor rubra sangüinea. Árvore ramalhuda, formando grandes copas até o chão. A outra de folhas menores etc., é mais rara. Angelim (andira): vimos algumas árvores com frutas verdes. Murici, arvoreta, como o nosso do Rio.

Ternstroemiácea (mangue): vimos algumas árvores com frutos não maduros.

Euforbiácea (farinha-fresca?): há bastantes destas árvores com flores.

Hirtella, convexifolia, ou *tomentosa*: arvoretas, com flor e fruto, e muito abundantes (sobreiro?).

Janaguba, algumas. Lacté (*Vismia*), muitas com flor e fruto. Visgueiro (aqui Faveira), muitas com frutas verdes. Faveira (sergeiro no Rio) algumas com fruto. Faveira (outra leguminosa), com fruto. Nharé, vimos uma com fruto. Carúbas — algumas com flor. Pau-d'arco-amarelo, vimos um com flor. Tápia, vimos grandes árvores, a saber, tronco curto e grosso com flor. Rabugem, vimos algumas arvoretas novas. Manta-de-cachorra, há muitas, estão com flor. Pequi vimos alguns, com botões. Coração-de-negra, vimos dois pés, não grandes: estavam nus de folhas, e com fruto seco. Marímu, vimos alguns com botões de flores. Crauatá-açu (pica, no Rio), há aqui no alto da serra muita e espontânea. Bigônia-bela: vi com prazer esta linda trepadeira com flores. Mulungu bravo (*Oreocaulis*): Tintos, no Rio, Putumaju, no Crato: com fruto. Pau-pombo, muitos em botões.

Norântica, ou coisa próxima, arvoreta de longos ramos (chamam-lhe Cipó e Papo-de-peru) de lindas e compridas espigas de flores encarnadas; muito abundante.

Sapê: em uma baixada vimos grande quantidade de sapê, de mistura com outras plantas do Rio de Janeiro.

A mata, que é sobre um alto, seco, está muito destruída; mas algumas madeiras mostram que haviam de ser grandes e belas.

Os pans que aí notamos são os seguintes:

Pau-d'óleo; muitas e grandes árvores, com frutos abrindo-se. Uma vimos de 3 palmos de diâmetro (e há mesmo maiores) que estava com dois entalhes para se colher o óleo; mas não é agora o tempo próprio. Cedros: houve muitos, hoje são raros; vimos duas árvores pequenas, e um cedro cortado de 3 palmos de diâmetro. Jatobás, muitos. São grandes árvores, e d'elles se servem para obras de engenhos, moinhas, etc. Maçaranduba: vimos uma nova, com palmo e meio de diâmetro. Estava com botões, e tirámos uns raminhos a tiro. Jacarandás (*Swartzia*): Banha-de-galinha, no Cariri. Há bastantes novas; são árvores preciosas, mas não engrossam muito e têm muito pouco miolo, que é duro e bombo. Frei-jorge (Louro, no Rio) vimos uma pequena árvore; mas parece que tornam abundantes. Louro (panelleiras) vimos fora da mata uma pequena árvore, com fruto verde. bubalbas (*paule-toréu*) há bastante na mata.

Na chapada: vegetação muito semelhante à dos tabuleiros do litoral.

Cajuciro, mas do pequeno (Cajirím), abunda por todo este alto da serra. Está com flor e frutinho verde. Jatobaim. Mangabas. Janagabas. Açaita-cavalo (Crisobalânea), com flor e fruta. Canção (de flor branca, e semelhante a da Favila).

A mucunã-ferro tem a hagem cheia de rugas ou pregas transversais, e as sementes são denegridas. Pertence ao género *Mucunã*. A outra, mucunã-vermelha, tem a hagem geralmente lisa, com sementes avermelhadas; e é do género...⁴⁴ Ambas abundam aqui em cima da serra.

O Padre Carvalho me disse que há aqui Putumuju (diz Manuel que é Pitimuju), árvore que dá linda madeira para marcenaria, amarela com listas avermelhadas; Cundurú (?); diz mais que há aqui em alguns lugares uma madeira vermelha, sem listas, dura e pesada, de que não sabe o nome.

Urucu: nasce espontânea pelas quebradas.

Sapucaias há muito no Piauí.

Putumuju, ou Pitimuju, ou Pitimujuba: mandei hoje (6 de novembro) o Barreto a um sítio aqui a uma légua buscar amostras desta árvore; só me trouxe um cavaco de pau antigo, e por ele conheci, que é o nosso Iriribá.

⁴⁴ Lacuna no ms.

Vochysia: árvore de folhas opostas, racimos florais terminais, amarelos. Chamam aqui *Pau-bosta*, e dá tabuado bom para poetas, jaquetas etc; é o mesmo do Araripe, e creio que também temos no Rio.

Maria-prêta chamam aqui a um *Diospyros* muito semelhante ao nosso do Rio e dá fruto ouriçado. Não serve senão para lenha; o fruto quando está maduro é bem amarelo e glabro, por lhe terem caído os pelos. É fruto dos meninos, e de macacos.

A fruta da Merendiba comem os veados, as cutias, e os jacus; gente não a come.

673 Lembrança das plantas que ontem vimos à beira do caminho de S. Benedito

23-XI-1860. S. Pedro

Além das palmeiras, que cobrem grande porção de terrenos aqui de cima da serra, vimos mais o *Desmonchus* (nosso), dois pés de Bacaba, e uma palmeira espinhosa que o Senhor Marques chamou Marajuba.

Muracójis, o suspiro, deffor-encarnada, e o de capoeira, de linda flor azul; há mais aqui o peroba.

Malpighiácea; abunda por toda a parte a de flor amarela.

Serjânia (mata-fome-bravo); muito abundante.

Salsa-da-praia (*Convolvulus*); por toda a parte.

Gouffena(?); por toda a parte à beira do caminho, muito semelhante àoura do Rio de Janeiro.

Borreria; abunda pelos campos, como no Rio. *Trixis*; espécie diversa da do Rio.

Murici; arbóreo, em flor, muito abundante; o fruto se come. É o mesmo do Rio, nas vargens de Coqueiros e Vigas.

Cartapetas (Jicó); o nosso, com flor e fruta.

Torém (imbaibciras) me pareceu distinguir duas espécies; uma é da mais comum no Rio.

Pau-pombo; muito abundante (é o nosso). Taquarim (capulo-de-gaiola); há muito (é o nosso). Oitituruba; (árvore com flor; há muito aqui. Angelim; vi algumas árvores (é um dos nossos). Merendibas; das duas espécies; abundantes.

Jatobá, muitos. Pau-d'óleo, vi alguns. Corindiba (periquiteira); é a nossa.

Maria-preta (*Diospyros*) (é a nossa?) muito abundante; dá paus linheiros. O mastro que se levantou em S. Benedito com 44 palmos é dela.

Gonçalo-alves; vi um pé.

Tauna (*Eupatorium*) vi um arvorecido; 30 palmos? Com esta planta tingem de azul as taquaras, com que fazem cestinhas, os caboclos. (A tinta encarnada é feita com as folhas da Tapiranga).

Goitrana: saporícea venenosa, há muito. Mutamba — há muitas. Jangaleira (*Gordia*): vi algumas. Canafistula: de uma espécie que colhemos no Crato. Bacutupati: vimos alguns pés (o nosso). João-mole (*Pisonia*): árvore, vi uma. Tatajuba, algumas (e a nossa). Jacarandá (*Swartzia*): há bastantes. Putumaju: vimos alguns pés novos. Jaracatiá: vimos um pé (o nosso).

Fruta da Tirilua (*Urucurana bianca*): é a nossa. Camusé (*mimosoidea*): são muito semelhantes aos nossos cabulá, que os índios dizem caobé, segundo o Sr. Beaupre. Camusé não será corrupção de Caobé?

Hirtella tomentosa (rubia): arbórea; há bastantes. Piquaio (*Siphocampylus*): é o nosso. Saão (*Kalanchoe*): espontâneo; é o nosso. Cumariú (*jambou*): espontânea; é a nossa. Parreira (*Abuta*): uma espécie com líbrea.

Pau-bosta (*Vochysia*): é uma das nossas espécies e dá aqui grandes árvores; o seu tabuado tem uso. Marmeleiro (*Croton*): abunda. Vassomilho (*Scorparia*): é a nossa. Solano (*Jurubeba*): muito comum. Chisácoca (caneleiras): já não são para aqui tão abundantes, como em Campo Grande e S. Benedito.

Há mais uma infinidade de plantas, de que não posso me recordar.

LEMBRANÇA DAS PLANTAS QUE VIMOS NA VIAGEM A UBAJARRA

Logo que chegamos á crista da serra, ou antes, onde acaba o talhado, nos achamos rodeados de uma vegetação toda do Rio de Janeiro. Vimos:

Uma corpolenta Guaratema; algumas grandes Carapeteiras, Coturilhos, Iugás (da-bagem-redonda), Mariana, Pertarnão, Imbatia, Imburé, etc.

Começando a descer pelas lombadas entramos na zona vegetativa do sertão. Eram já catingas. Apareceu o Mufumbo, a Sabiá, o Tinguin-capeta, o Amarelo, ou acende-candeia, o Gonçalo-alves, a Ancoira, etc. etc.

No lugar onde dormimos (*Araticum*) até a Gruta reaparece a mata fresca. Eram corpolentas Cajazeiras, Araticuns, Caneleiras, etc.

Na bôca da Gruta, vimos muitos paus de Bálsamo com fruta.

Amargoso: achamos uma arvoreta destas na lombada da serra, com fôlhas novas, nem flor, nem fruto. É a mesma que colhemos no Crato, também sem flor nem fruto, e levamos dela amostra da madeira. Parece que é o melhor Angelim daqui.

674 **Diversos modos de suspender a rede no Ceará**

Os ganchos, ou outra qualquer coisa, em que se amarram as cordas, ou cordões das redes, se chamam *armadores* e se diz *armar* a rede.

Na simples cabana, ou palhoça do pobre tudo serve de armador, os caibros, os frechos, as travessas, os pau-a-pique, e os esteios; em qualquer coisa destas, sabem atar com prontidão e segurança a sua rede; têm mesmo para isso um amarração ou laço próprio.

Nas casas de paredes de pau-a-pique batreadas, que aqui chamam de *taipa*, e os paus encastram-se, o mais simples é escolher o lugar conveniente para amarrar-se a rede, e nesse lugar, quando se batreia, e se reboca a casa, deixa-se uma porção dum pau-a-pique escolhido, entre as varas descoberto, de modo que se possa passar por detrás a laçada. Mas melhor, para esses lugares [é] escolher um pau torto, que forme um cotovelo, saído além do nível da parede de sorte que batreada, e rebocada, fica esse cotovelo fora. Também mais facilmente se faz deixando no pau um gancho, cujo ramo sai fora da parede.

Em S. Benedito, na casa em que estivemos vi um modo particular. Eram duas vigas, ou travessas, de boa madeira, redondos, embebidos nas paredes, que eram de adobe, em altura conveniente, e próximas às duas paredes fronteiras. Nesses travessas se podem armar 5 ou 6 redes.

Nas boas casas os armadores são de ferro; ganchos de várias formas, inteiros, ou articulados, e móveis, que se fixam nos esteios, e nas portadas; mas nas casas de paredes de tijolo ou de pedras, ou mesmo quando não há esteio ou portada a jeito, são fixados em buchas de boa madeira, que se embehem nas paredes, na ocasião em que se fazem.

Vi em Santa Cruz na casa em que pousamos um cabide singular: eram dois paus lavrados, da altura dum homem, fincados no chão, com esteios, com 3 ou 4 travessas, imitando um poleiro.

Para suspender a roupa usam muito de cordas, ou também de estacas nas paredes, que aqui chamam *tornos*. Estes tornos servem para tudo, para pendurar arreios, armas, roupas, chapéu, etc.

Em S. Benedito e aqui em S. Pedro, onde o comum das casas é coberto de folhas de palmeira (as palhoças do pobre caboclo, e mesmo de gente branca,

têm até as paredes fechadas com folhas de palmeira, artisticamente arranjadas; até as portas se fazem dessas folhas. Em Campo Grande vi uma porta feita com talos de pita, enfiados por varas, como ponteiros de gaiola). Como dizia, são muito sujeitas a incêndio. Então as casas melhoras, as lojas, onde há coisa que perder previnem os efeitos fazendo um tórro de paus juntos à maneira de jirau, e barreiam por cima. Assim se o teto de palha arde, ou salva-se a casa, ou ao menos há tempo de salvarem os trastes, e outros objetos.

677 Plantas colhidas no caminho entre o Rancho Capêba e a Vila de Quatiguaba

1-XII-1860. Quatiguaba

Chegamos aqui há pouco, tendo saído do rancho *Capêba* às 6 horas. Em todo este trajeto passando por tabuleiros, carzascos e agreste, vimos, ou colhemos as plantas seguintes:

Casca-grossa: arvoreta, canelêira (canela-preta do Rio?) de carne roxa, tão dura no chão, como ou quase a aroeira.

Urucurana: assim chamou o Senhor Marques o grão-de-galo pela semelhança remota dos frutos.

Guaiabeira: vi uma silvestre, e diz o Senhor Marques que é mais rara.

Araçá: há muito e é da espécie mais comum no Rio. Ataçá-de-pedra: informo-me que também o há. Ingá-de-cipó: é o nosso ingá do Rio, de bagens alindadas, compridas, estiradas.

Trigonia villosa. Jacarandá (*Sesartzia*): há muito. Bignoniácea de grandes flores brancas de lance amarela, trepadora, há muito.

Cunduru: assim denomina o Senhor Marques, uma arvoreta que não dá carne, mas é excelente para caibros. Estava principiando a florar, e outras tinham muito fruto, que são drupas ovais, roxas, de sabor ligeiramente doce; é uma *Guatteria*, e uma sorte de Imbuê. A madeira é branca-amarelada, pesada.

Merendiba: de drupa maior, de carne ácida, adstringente; estava sem folhas; e não dá boa madeira.

Marfim, Angelim: de várias espécies (vimos muitas, de que colhemos, em grandes panículos de flores, e quase sem folhas).

Timbaúba, ou Tambovil.

Palmeiras: grande quantidade. Ficeiras. Clusiáceas: o que chamam gamoleiras.

No agreste:

Pequi: há bastantes florados, tendo a parte exterior do cálice rubro, e outros verdes.

Cajuim: está com flor, e com fruto, amarelo, e rubro; é a primeira vez que o provei; são doces, e ligeiramente adstringentes, em estado bem maduros são gostosos, e quase sem *cica* alguma.

Jatobaim: com fruto e botões. Jatobá: com fruto e botões. Pau-d'óleo: está florescendo. Visgueiros: com fruto. Faveira: com flor. Janaguba: com flor.

Carvoeira. Pacoré. Tingui-capeta: com flor. Carnaúba: com flor. Pau-d'arco amarelo. Paraíba: com flor. *Linha*: com flor. Cajueiro-bravo: com flor. *Cybiatax*: com flor. Barbatimão: com flor.

Murici. Murici-da-praia: com flor. Laere: com flor e fruto. Amarelo (acende-candeia): com flor. Coração-de-negro. Norôntica: com flores. Mangaba. Muria: com fruto.

Está situada em uma assentada, ou espécie de socalco, quase no alto da serra. Essa assentada está em meio dum solo montanhoso que são como degraus porque a serra desce até o sertão; até a escarpa pétrica, em talhado alcantilado, são sómente ladeiras de montanhas de terra avermelhada, em cujas quebradas nascem olhos de boa água, e cujas encostas foram revestidas de belas florestas, hoje destruídas. Na grande quebrada da serra por onde passamos, Quanguaba, são as ladeiras como as do Araripe, e o fundo do vale é idêntico em tudo ao sertão. Solo árido, pedregoso, matas de catingas, calor intensíssimo, gente curada, saúde, fazendas de criar.

A Ibiapuba montuosa, coberta de matas, abundantes em fontes, é uma sorte de Caririá. Sua formação parece ser devida a um desmoronamento da serra por lhe faltar o muro de pedra que a sustém nos outros lugares.

O clima é agradável, mais quente que Campo Grande e mesmo S. Benedito e S. Pedro; sujeito a ventanias de leste, e a grandes nevoadas de manhã; ao menos agora. Todavia não é tão saudável como o sertão.

A vila, que não há muitos anos era quase toda de palhoças e habitada por Caboclos, é hoje toda de casas de telha e habitadas por gente branca; os caboclos habitam nos arredores em palhoças. Sua área é espaçosa, o quadro grande, e tem mais duas praças boas; mas ainda não de todo guarnecidas de casas; as ruas são alinhadas e largas, mas ainda com poucas casas, que são todas térreas, pequenas, de telha-vã, e ladrilhadas, tendo na frente pela maior parte, calçadas, de tijolo ou pedra. São ruelas caiadas com tabatinga, as paredes de taipa, excepto duas ou três que as têm de tijolo; há uma casinha de sobrado, e de bom aspecto (janelas do sobrado envidraçadas) que pertence ao vigário, Padre Bevilacqua. Algumas casas têm as portas pintadas, como a em que está o juiz-de-direito. Nós estamos aposentados num casarão, que já serviu de Câmara Municipal.

Ao pé da igreja se vê a área, e ainda os alicerces do Colégio dos Jesuítas, que serviu depois de residência aos vigários, e enfim por desmazelo o deixaram arruicar-se; e o abandonaram à rapacidade. Quem queria ir lá buscar materiais para suas obras.

A igreja é um bom edificio; do tempo dos Jesuitas só resta a Capela-mor, com retábulo, e o tecto pintado, e imagens antigas; existe mais a torre, que é sólidamente edificada, a porta, e portada de pedra da frente.

O corpo da igreja ameaçando ruir foi atreado o tecto, e provisoriamente coberto de palhas de palmeira, e por ocasião duma festa, incendiado por um foguete, escapando a capela-mor, pela rapidez do incêndio.

Levantou-se nova igreja, conservando a capela-mor e a torre dos Jesuitas; a nova casa é bem construída, e ampla, com duas ordens de arcos maiores. A sacristia é também do tempo dos Padres da Companhia.

Parece que o templo era assalhado; hoje está todo lhedilhado. Pedí ao padre vigário que conservasse quanto pudesse as reliquias dos Padres Jesuitas.

O chão da vila não é bem horizontal, tem declive suave, da frente da igreja para o sul, e a praça é desigual e cheia de buracos, cavados pelas chuvas.

Os viveres ainda que não muito abundantes são cômodos. Não há verduras pela negligência do povo. Ontem comemos aqui pela primeira vez couves que nos mandou o Tenente Coronel Magalhães. A fruta abundante é a banana de várias qualidades. Há bastantes laranjeiras mui frondeas, carregadas de fruto, mas é pequeno e azêdo; asseveram-nos porém que depois das primeiras águas se fazem doces. Há ananases, caju, etc. Ontem vimos algumas plantações de café, de má aparência, mas estavam mui floridos.

No tempo da aldeia era a cultura principal o algodão, que fiam e teciam. Os novelos de fio, ou nimbó, e os rolos de pano eram a moeda corrente, até para furar levavam para Piauí novelos de fio, e traziam gado. Quando se erigiu a aldeia em vila deram fiança para poderem exercer o seu officio 17 tecelões; em 1759, e 60. Atualmente ainda ha alguns teares, que tecem o algodão ordinário para o povo; mas cultiva-se já pouco algodão. Plantam também cana, e café; cria-se pouco; o gado nos tempos antigos vinha todo do Piauí; hoje vem ainda em grande parte, como para Campo Grande, S. Benedito e S. Pedro, mas sobe também alguma do sertão. Exportam também couros.

Além dos tecelões deram fiança mais sapateiros, ferreiros, etc. Havia nesse tempo (1759) um ourives, que era um francês chamado João Fontenille, que aqui se estabeleceu, e casou duas vezes, teve vários filhos, e existe hoje sua descendência, e foi dos homens brancos respeitados aqui, e o que é mais curioso, chegou a ter patente de capitão *. Havia officiaes de pedreiro e carapinas, mas não capazes de fazer obras de alguma importância, porque para essas se mandava vir de fora. Mandou-se vir oleiro de Pernambuco para fazer telhas para a igreja e obras públicas. Até então a telha e tijolo, e até o tabuado vinham de Pernambuco pelo porto do Camuci. É tradição que os Padres da Companhia mandavam conduzir sal do porto para aqui carregado por indios; e daqui ia para Piauí, donde vinha gado em retorno. Aos indios trabalhadores não paga-

* Morreu com 80 annos em 8 de dezembro de 1819.

vam em dinheiro mas em pano, e alimentos, que os davam com fartura: achamos escrito que se deu até 8 libras de carne fresca, não já em tempo dos Jesuítas.

Não pudemos alcançar noticias do modo por que os Jesuítas governavam esta aldeia: os índios, neios, e hisnetos dos que foram dirigidos pelos Padres, não conservam mais tradição alguma; o único facto que alcancei é que elles índios não conhecem, nem conheciam o nome de Jesuítas; tratavam os Missionários por Padres da Companhia. Pelo que coligimos de depoimentos das testemunhas com que se justficou o património da igreja desta vila só davam alimentos aos índios, que empregavam em serviços, e aos doentes e necessitados. Castigavam nos pelos seus distúrbios, e crimes, com prisão, palmatoadas e talvez com outros castigos. Dizeram-me aqui alguns índios que as raparigas, que falavam à escola eram castigadas com bolos, ao pé do pelourinho; no que há verdadeiro engano, pois elles não tinham pelourinho.

Parece que o regime dos Padres consistia principalmente em arrebanhá-los, obrigando-os a viver em certa comunidade, fabricando suas casas ou cabanas, a ensinar-lhes a doutrina, obrigando-os a assistirem às orações, à Missa, e a se confessarem, a baptizarem os filhos, a casarem à face da Igreja, etc., ensinando-lhes certos officios dos mais necessários, como de tecelões, sapateiros, pedreiros, etc., obrigando-os ao trabalho da lavoura, na plantação principal da mandioca e secundária, como a do milho, feijão, batatas, bananas e a industria da plantação, lição, e de torcer o algodão com que se vestiam; com que faziam permutas, e com que provavelmente pagavam dizimo ou tributo aos Padres. Elles para manutenção do culto, e para sua sustentação tinham boas fazendas de criação no sertão.

Exerciam nas aldeias o poder espiritual e temporal, donde se seguiram os abusos, que causaram a sua queda.

Atualmente há nesta vila proporcionalmente menos descendentes dos índios, do que em S. Pedro e S. Benedito; provavelmente pela maior affluência de brancos para aqui, e retirada dos índios, que não suportam de bom grado a concorrência dos brancos.

Temos sido aqui, como em toda a parte, muito bem recebidos, e muito obsequiados, de frutas e doces; temos sempre a mesa farta. O nosso vizinho Tenente Torres nos manda todos os dias para almoço leite de cabra, talhadas de cuscus, o que nos faz grande arranjo, porque não achamos aqui leite, nem pão; o vigário, D. Mariana, o Juiz-de-Direito, o Tenente-Coronel Magalhães, e outros muitos nos têm apresentado.

Dizem-me que há por aqui bastante intriga, como costuma em terra pequena: mas ainda não tivemos occasião de presenciá-la.

Há por aqui algumas carinhas bonitas, mas em geral não são as mulheres aqui formosas; atualmente é D. Mariana Bevilacqua a cara mais bonitinha daqui, mas essa é do Ceará.

Na escola onde vimos juntos uns 70 meninos, nenhum d'elles era próprio a acreditar a sua terra como produtora duma boa raça.

Agora têm concorrido para as Naveas e Festas da Padroeira, que é no dia de Ano Bom, muitas famílias, dos sítios da serra, e das fazendas do sertão; e tem apparecido por isso maior número de moças bonitas; a filha do Sr. João Severiano, D. Maria, é bem galantinha.

O ar começa a tornar-se húmido com o apparecimento das chuvas, e isso tem influido um pouco na saúde do povo — há seus defluxos, e ligeiras anginas; eu e Manuel já não estamos passando bem; já vamos perdendo a côr e a nutrição que havíamos ganhado no sertão e em cima da serra até uns 8 dias atrás.

Há grande negligência, como por toda a parte a respeito de água de beber, podia-se aqui tê-la sempre excelente, mas não acontece isso, em nossa casa nem sempre temos boa água. Também a carne nem sempre é boa; não há pão; chá muito ruim; faltam verduras, que podiam ser abundantes.

No entanto já nos temos afeito a tudo; temos as melhores relações da terra, gente obsequiosa, e amável; e mais a circunstância de alcançarmos uma época de festa, e de divertimentos, ajuntando-se as famílias comumente. Já vamos sentindo as saudades da separação.

Agora tive occasião de conversar com o Tenente-Coronel Magalhães sobre o incêndio da igreja, e sobre a reconstrução do corpo dela. Estava a igreja muito arruinada; tinha-se-lhe já pôsto teto de palha, pela ruína do madeiramento do telhado, cuja telha se arrou. Ameaçava ruir e o Padre Vigário parecia indifferente a isso; a sua excusa era não haver dinheiro (e a este respeito me referiu o Sr. Magalhães misérias). Nem ao menos procurava excitar a piedade dos freguezes, para acudirem à ruína do templo; o Sr. Magalhães foi quem tomou a peito, o fazer a obra que era já atrasar a obra antiga e reconstruir. Quantas objecções lhe foi preciso destruir da parte do Pastor! e que objecções! Solvidas umas appareciam outras. Da parte do vigário só inércia, nem um auxilio; não há dinheiro! era grande difficuldade; no instante o patrimônio da igreja é uma excellente fazenda de criação; e nem ao menos forneciam bois para conduzir materiais; era preciso que o Sr. Magalhães andasse de porta em porta pedindo a quem tinha gado, ou servindo-se dos seus. Não há cal! dizia o vigário. Como, Sr. Vigário! eu vou fazer cal. E a lã, e para achar quem o auxiliasse na condução dela saía com a Imagem da Senhora em procissão acompanhando os condutores! O vigário espreguiçava-se em sua rede, ou se entregava à ... ⁴⁶. Quanto é isto mortificante! E quanto me custam estas reflexões! Pois elle é obsequioso, e nos tem tratado muito bem. Enfim chegou a obra até acima dos arcos, e parou; mandou-lhe pôr teto de palha, que foi incendiado em novembro de 1860 por um foguete; foi necessário nova cam-

⁴⁶ Lucerna no mr.

panha, para se vencer a inércia do padre. Todo o mundo estava pronto a prestar-se a doar serviços e dinheiros, mas nem assim! Correu uma loteria também em favor da obra; estava o dinheiro na capital, e não havia quem o fosse buscar; lá foi o Tenente-Coronel e trouxe o dinheirinho! Sai todos os dias de manhã do seu sítio e vem ver o serviço; pede, e roga a todo o mundo auxílio, e o vigário inerte, resistindo! Foi arrasado o antigo templo há 6 para 7 anos, foi queimado o teto de palha do vigário há 8 anos; o corpo da igreja está roído; agora falta revesti-lo e decorá-lo, o Vigário quer cair a pintura antiga, porque diz elle que escurece o templo! Pedi-lhe que não fizesse tal, não sei o que fará.

7 I-1865]

Povoação pobre, de aspecto triste, e miserável; situada numa baixa úmida, rodeada de montes altos, passam pelo meio dela dois regatos, que nas grandes secas faltam. Consta a povoação de uma praça pequena irregular, e de duas ruas; a principal torta, e mal povoada de casas, quase todas de palha; contamos em toda a povoação 18 casas telhadas, caiadas, ladrilhadas — pequenas, térreas. Ainda não há vidraças, nem teto forrado. São pela maior parte úmidas, umas arruinadas, e outras maltratadas; em quase todas chove dentro, na ocasião das grossas chuvas, por mal cobertas, e por telhas quebradas, ou caídas. Há 70 anos já havia 4 ou 5 casas de telha, segundo a informação da velha Cosma, e grande número de palhoças. Não pude obter notícias sobre a origem e successos antigos desta povoação, além do que me deu essa velha Cosma Damiana, que deve ter hoje seus 75 a 76 anos, pois me disse ella que quando por aqui passou o Governador João Carlos ella devia ter pelo menos 20 annos e isso foi em 1805. João Carlos passou em liteira, parou um pouco no largo; mas não saiu da liteira, vinha acompanhado de muita gente rica, disse ella; foi uma verdadeira festa para esta povoação. Lembra-se apenas de quando veio aqui pela primeira vez a fazer Missão Frei Vidal. Tinha ella então 5 a 6 annos; mas lembra-se perfeitamente d'elle quando veio pela segunda vez. Tinha medo d'elle de dia; mas de noite na igreja gostava de o ver; as suas práticas eram muy altas, gritando, e exortando á penitência, e fazia procissões acompanhadas de penitentes. Diz ella que elle ralhou muito contra o administrador das obras da igreja, que achou muito atazadas; e parece que nessa ocasião passou a administração para outro, mais zeloso. Quando ella se entendeu existia somente a capella-mor antiga; e as paredes do corpo da igreja actual chegavam a 1/5 da altura que tem, e estava coberta de folhas de palmeira; foi depois, com a censura de Frei Vidal e mudança da administração para o velho Miguel Alves de Lima, empreendeu-se a continuação da obra, até chegar ao estado em que está; e parou pela morte do velho, que era incansável, e fazia que todo o mundo concorresse como pudesse para a obra, com esmolas, de dinheiro, matulatagens, mantimentos, e trabalho; ella

mesmo, a velha Cosma, diz que carregou muito barro, tijolo, e pedras. No dia em que faltavam trabalhadores o velho Lima chorava. Em 1848 ou nos seguintes até 51, achando-se arruinada a antiga capela-mor, e sacristia, foi arreada, e levantada a que existe atualmente, mais alta que a primeira. O cruzeiro levantado no tempo de Frei Vidal também se arruinou, e foi arreitado, e levantado o que existe pelo capelão atual, o Padre Melo. A igreja faz vergonha e atesta o pouco sentimento religioso, cristão, a que [levou a] pobreza deste povo. As paredes conservam ainda os buracos dos andaimas. A frente da igreja, que não seria má acabada, está com os mesmos buracos, sem remate, com grande parte do rebóco caindo. Uma das paredes do corpo está rachada de alto a baixo. O interior é de perfeita nudez; o côro tem só os barrotes, assim como o pólvoro; tudo é pobre; o altar, o retábulo e o trono, é tudo ridículo; coberto de papel, de chita, ou pintado por curiosos, ou antes por caçadores. Missal, paramentos, tudo velho.

Diz-me o Padre-Capelão João José Mendes de Melo, moço de 37 anos, filho do Sobral, que quando esteve aqui pela primeira vez em 1846 esta povoação estava em grande abandono, a praça e ruas estavam cobertas de mato e que ela entrou em movimento de prosperidade de 45 em diante. Ele está construindo uma casa de telha de boa capacidade; por ora mora em uma casinha de telha, pela qual paga 34 mil annaes de aluguel.

Diz a velha Cosma, que na sua mocidade era isto tudo coberto de matos, e que havia muita caça, veados, porcos, jacas, macacos, guaribas etc. etc. Ela e outras mulheres que estavam presentes me contaram horrores da sêca de 1825 (?) que dizem elas durou 3 annos; tudo secou, secaram os córregos, e só se obtinha água aprofundando muito as cacimbas. As bananas, as laranjeiras e tudo o mais secou e morreu; não havia farinha, e os pobres morriam de miséria, e de fome; famílias inteiras pereceram de fome. Diz a velha Cosma que não sabe como escapou: andava pelos matos colhendo ...⁴⁶ Essa era a nutrição do povo, e as capenhas das palmas, que se acobardam então. No fim da sêca appareceu a peste da diarrêa, que matou também muita gente, e elas perderam dela uma sobrinha já mocinha. Logo que appareceu a fartura, diz uma das mulheres, toda a gente engordou muito, estando antes com a pele sobre os ossos.

Em 45 também a sêca causou muitos males; mas então não morreu ninguém.

REFLEXÃO

As sêcas em tempos mais antigos causaram horrores nestas Províncias, e na do Ceará principalmente pela indolência do povo, que quase nada plan-

⁴⁶ Essa parte do ms. encontra-se arruinada.

tando e vivendo do que a natureza produz espontânea, apenas faltam as chuvas, e por conseguinte essa alimentação, ficam sem recurso e chegam a perecer. Tenho ouvido a alguns que a sêca de 45 foi maior que a de 25; mas esgarmentados por aquela, esta os não achou tão desprevenidos.

Diz a velha Cosma que quando se entendeu o que se plantava aqui era mandioca, algodão e cana, de que havia algumas engenhocas, que faziam rapadura e aguardente, principalmente uma aqui no povoado de um preto Capitão de Ordenança Francisco, que fazia bastante rapadura e cachaça.

A cultura principal hoje é da mandioca, e da variedade chamada cravela, e o lugar da serra onde há maior cultura é daqui para o lado de Sobral: planta-se também cana, algodão, e principiam a plantar o café, que deve dar muito bem e além dos legumes milho, arroz, feijão, etc. Há muita fruta, bananas, laranjas, limas, mangas, etc., ananases, marão. A gente é boa, e a que mora na ...⁴⁷ é sadia, ...⁴⁸ bem parecida.

Há criação miúda.

⁴⁷ Esta parte do m. encontra-se arborizada.

⁴⁸ Jacu.

683 Camindé, vila, na ribeira do riacho Camindé

Consta principalmente duma boa praça, onde se está fazendo uma boa casa de sobrado; e de uma longa rua, que se chamou Rua do Baixo, e agora lhe dão o nome de Rua do Comercio. Tem mais duas casas com sobradinhos, a em que mora o vigário e a em que mora o Dr. Paula Pessoa, que me parece a melhor da vila. A matriz é das melhores que temos visto no sertão, excepto a de Sobral, que ainda não está concluída. Está toda rebocada de novo, tem uma prospectiva agradável, bom que sem proporções artisticas, e decorada de espécies de arabescos de mau gosto. O corpo da igreja é forrado, e a capela-mor com bonito retábulo, revestido de elegante tarja, que [é] toda dourada, sendo o fundo branco. As paredes são forradas de papel pintado, as columnas canceladas; o nicho de S. Francisco das Chagas, o trono, que se sustenta em sacristia, tudo é elegante, e de bom effecto.

Tem um bom cemitério, murado, com frontaria alta, capela no fundo, etc., tudo caído.

Passa pelo meio da vila um riacho, que chamam da Bosta porque vão a elle os fundos das casas; que agora está seco, menos no baixo, onde conserva água estagnada, em razão de barreiros, que aí cavam imprudentemente, e que deve ser nociva à povoação; e que nas grandes chuvas torna-se opulento e invade as casas.

As casas são todas de telhas caídas, algumas de boa aparência; as salas bem mobiliadas, com portadas pintadas, etc.

Chamou-se este lugar primeiramente S. Gonzalo, provavelmente nome de alguma fazenda, que aqui houve.

Feita a igreja povoa-se o lugar, e teve o nome de S. Francisco das Chagas da Ribeira do Camindé, simplesmente S. Francisco do Camindé, e actualmente vila do Camindé.

A capela era filial do Aquinás; e passou a ser freguesia em 1818, sendo seu primeiro pároco o Padre Francisco de Paula Ramos, que serviu até 38. com interrupções, em que a igreja era servida por outros sacerdotes, como pelo Padre João Crisóstomo de Oliveira Freire, que está hoje em S. Benedito. Em 1834

entrou o Padre Vigário Manuel Tomás de Rodrigues Campelo, que faleceu o ano passado. Hoje é vigário e Reverendo Padre...⁴⁰

Antes de ser freguesia foram capelães primeiro o Padre João José Vieira, que era também administrador dos bens da igreja, desde 1802 a 1812, em que morreu.

INSPEÇÃO

Esta vila do Canindé, dizem os moradores que no verão fica quase deserta; a maior parte dos moradores têm sítios na serra, e lá vão passar o verão, que é muito quente aqui; os proletários vão alugar-se para trabalho. Então, não só a moradia aqui é triste, mas faltam os poucos ricos que se acham durante o inverno.

Agora mesmo há grande dificuldade para se comprar uma galinha, capote, ovos, etc.; o que se acha na terra é a carne fresca no dia em que se mata, farinha, milho, feijão, arroz, rapadura, ou açúcar grosso, aguardente, vinho sofrível, cerveja, e pouca fruta; nada de verdura. A água é má, e no verão é pior.

É quente o lugar; há agora muita mosca, e bastantes munições.

A gente é boa, amável, simples; mas em geral de má cor — o que não abona a salubridade do lugar e o que é devido em grande parte à má construção das casas, que são sempre mais ou menos úmidas. Na rua chamada do Comércio, ou Rua do Baixo, muitas casinhas antigas estão abaixo do nível da calçada. Há pouco asseio nas casas de gente pobre; e o mau passadio pode e deve também concorrer para o mau estado de saúde do povo.

Fevereiro de 1861

Informações dadas pelo Sr. Antônio da Cunha Marreiros, nascido em 1785, na ribeira do Canindé.

Sendo este lugar denominado então S. Gonçalo sem que ele tenha lembrança de ter havido aqui fazenda alguma*.

Não sendo compreendida uma porção de terras na margem do Canindé ao lado esquerdo, foi esta aproveitada para se fazer o templo de S. Francisco das Chagas. Uns sujeitos de Jaguaribe, chamados se bem se lembra Pais Calças**, puseram demanda querendo fazer-se senhores destas terras; mas por morte d'elles cessou essa questão***.

⁴⁰ LACUNA no MS.

* O Senhor Cruz Saldanha, disse-me que ali algumas... perto de sua casa, na vila, existe um rão de fogueira de madeira, que se diz é da casa da fazenda de S. Gonçalo.

** Talvez Colação.

*** Eles tinham terras aqui confinantes ao Reguengo.

Em 1780 e tantos, de que tem lembrança o nosso informante, não havia neste lugar uma habitação.

Francisco Xavier de Medeiros, português, morador em Pirangi, foi quem teve a iniciativa de se fazer aqui uma igreja, com esmolas, e auxílios dos moradores *.

Principiou-se a fazer a igreja em 1789. Foi seu primeiro capellão o Padre João José Vieira; não sabe quando se disse a primeira missa.

Durante a séca de 1892 houve uma parada nas obras, que continuaram depois.

A primeira festa de S. Francisco das Chagas foi em 4 de outubro de 1806.

Os primeiros habitantes mais notáveis d'este lugar, e de que ficou lembrança, foram Cipriano Rodrigues Tavares, e Matias Lopes de Azevedo, avô do nosso informante.

Veio depois a família Barbosa Cordeiro, descendente de Simão Barbosa Cordeiro, vindo de Pernambuco.

* Conta que morando na Ribeira do Curu um sujeito, pessoa notável ali, e sendo levado o corpo a enterrar-se em Trás, chegou lá pobre, e foi isso que deu lugar, a se fazer aqui o templo. O mesmo Francisco Xavier de Medeiros foi quem fez a Igreja de Baurité, e a de Trás. Diz o Sr. Matucinos que com o Senhor Francisco Xavier andava Frei José de tal, frade franciscano, que lhe parece teve também intervenção na feitura da igreja; e que elle viu aqui muitas vêzes dizendo missa, confessando, etc.

684 Notícias sobre o povoamento e o desenvolvimento de Baturité

Houve em tempos remotos uma aldeia de índios dirigida por missionários (seculares?) na Serra de Baturité, e no lugar que hoje se denomina — Comum — e de que nem vestígios restam.

Não pude saber de que nação eram os índios, donde vieram, nem quando, nem que tempo se demoraram ali.

Sómente o Reverendo Padre Raimundo, atual vigário de Baturité, me disse que existe na matriz uma imagem da Senhora da Palma, que os índios trouxeram de Quixeramobim.

A aldeia desteu, não sei quando, da primeira localidade, que se ficou chamando *Aldeia Velha*, e agora se denomina *Comum*, para onde existe a atual cidade, e que se chamava *Palacu*, depois Vila de Monte-Moro-Novo, e hoje cidade de Baturité.

Parece que a aldeia ou missão de *Palacu* não era muito povoada: pois que para se erigir em vila foi necessário ajuntar-lhe a missão da Velha, exigindo o Dilettório para isso 50 casais, se estou bem lembrado. Havia sido em algum tempo missionário desta povoação o Padre José Ferreira da Costa; mas no tempo em que se fez vila parece que era vigário o Padre Teodósio de Azeite e Abreu.

A velha índia Rita Maria da Conceição disse-me que quando veio para aqui (provavelmente em 1810) a maior parte do povo era cabulo, que ela chama tapuias.

Depois da extinção da Companhia de Jesus, sendo todas as aldeias, tanto as dirigidas por aquêles padres, como por quaisquer outros, erectas em vilas, e consta de documentos que foram mais de cem, foi também nesta criada uma vila.

Consta dos papéis da criação da vila que nesse lugar existiam então 3 casais, em uma das quais residia o vigário, outra ficou para Casa da Câmara interinamente, e a terceira para escola. Foram estas casas compreendidas, ou ficaram fora do alinhamento da nova vila? (E é provável que as palhoças que serviam de habitações aos índios fôsem dispostas e mais aproximadas do rio).

Também consta dos termos de alforamento que passou a nova Câmara aos lavradores, que estavam situados na ribeira do Aracauaba, e mesmo do Potiú, que já estes lugares se iam povoando. Contamos 11 destes sítios, que foram compreendidos na légua quadrada de terras (de 1800 braças) que se mediu para patrimônio da vila. E em muitos desses termos vem a declaração de que os donos eram homens brancos.

Estas notícias que pude obter da tradição e dos documentos que existem, são muito incompletas, ou inteiramente falhas, no que diz respeito ao estado da aldeia, antes de ser criada vila.

Foi a aldeia dos índios de Nossa Senhora da Palma da Serra de Baturité ereta em vila, no dia 14 de abril de 1764 pelo Dr. Ouvidor Geral Vitorino Soares Barbosa, com a denominação de Vila Real de Monte-Mor-o-Novo-da-América, sendo seu orago N. S.^a da Palma, e seu Padroeiro S. João Nepomuceno.

Foi-lhe assignada uma légua quadrada de terras para seu patrimônio, sendo nela comprehendido o lugar da Missão Velha.

Assim também lhe foi traçado o plano para a edificação da nova vila, marcando-se lugar, e dando-se as dimensões com que se devia edificar um novo templo, que só pelo zelo de um devoto e esmolos e auxilio dos moradores se levantou em 1809.

Como o Directorio exige pelo menos 50 casais de índios aldeados, para se formarem vilas, e como na Missão de Baturité não havia esse número, se lhe ajuntou a Missão da Feixa, sita no Quixelom.

Parece que esta vila não teve uma existência muito próspera, porque do que pude obter por tradição da gente mais antiga com que pude conversar, até 1810 ella não apresentava grande prosperidade; havia então pouca gente branca na vila, e os índios viviam vida miserável, sustentando-se principalmente da pesca, e da caça (que faziam com arco e flecha). Não havia ainda igreja decente, nem casa alguma cômoda, não haviam seguido exactamente o plano dado para as construções, de sorte que o quadro não ficou bem regular; muitos dos casabres eram de telha ruas de triste aspecto.

A governança da vila se compunha de gente branca e de índios; que eram particularmente governados pelos seus capitães.

Em 1825 a grande sêca, privando-os dos recursos da pesca e da caça, e de outros gêneros alimentícios, causou grande dispersão, e mortandade nos índios e dos que escaparam então, um grande número foi devorado por uma peste de bexigas horrível; a qual me não souberam dizer em que ano aconteceu; mas que foi pouco depois da sêca *. Com a destruição dos índios foi a vila, e lugares adjacentes se povoando de maior número de brancos, que hoje constituem a maioria dos habitantes do lugar.

* Foi logo em 1826, quando eu ainda mais apanhada (José da Costa)

Esta vila foi pouco a pouco perdendo seu primitivo nome de Monte-Mor, e se foi chamando *Baturité*, provavelmente pela importância que começou a ter a Serra de Baturité, e em 184... foi elevada à categoria de cidade, com o nome de Cidade de Baturité.

Está esta cidade assentada sobre uma pequena elevação, que com uma pequena quebrada se ajunta à serra, formando dela um mínimo espigão, ao lado esquerdo do qual corre o Rio Aracauaba, que desce da serra, e cujas águas são perenes (há memória de ele se cortar em 1825 e 1845 somente); ao lado direito corre outra elevação do terreno, mais alta, e separada da primeira por uma grota funda, e além da qual corre o Rio Putió, que logo adiante se ajunta ao Aracauaba. Vários serrotes, ou montes destacados da serra flanqueiam a cidade, formando-lhe um saco; mas ficando a certo distância dela, e não sendo de grande altura, a deixam desalagada, e em abertura para o nascente; é portanto o assento da cidade alegre e arejado. Além da matriz, que é grande em proporção ao lugar, e época em que foi feita, há mais uma igreja pequena dedicada a N. S.^a do Rosário, erecta em 1851, e que não foi concluída em suas decorações; (não a vi interiormente). Também à matriz faltam ainda as tórres. Uma coisa há a notar-se nesta igreja. O altar-mor, e sua banqueta; o trono, e o retábulo, credências, etc., tudo é feito de tijolo coberto de reboque. Tem colunas, nichos, decorações de tarja, etc., tudo feito do mesmo reboque, e que não deixa de ser feito com alguma elegância. (Já tive ocasião de ver em outras igrejas do sertão, altares maripos de tijolo; assim como em casas de negócio, principalmente em Canindé são os balcões feitos de tijolo). A cidade vai crescendo em edificações, as ruas novas vão sendo bem alinhadas, as casas feitas de tijolo, cobertas de telhas ladrihadas, variadas, etc., e algumas com salas forradas de lona. Têm salas amplas, comunicando de ordinário, por uma porta lateral com as lojas, quando são casas de negócio antes; algumas têm as salas bem mobilhadas, e já há dois belos pianos, um na sala do Comandante Superior, o Senhor Manuel Antônio de Oliveira, outro na do Senhor José Raimundo, cuja senhora toca e canta sofredamente.

Têm uma feira, que não está ainda concluída; mas que já serve; tem uma pequena cadeia, com sobrado, e uma outra em ponto maior foi começada e parece abandonada. Há já duas casas de sobrado.

Havia agora o padre vigário, Raimundo Francisco Ribeiro, o padre José Jacinto Bezerra, e mais dois que não conheci. Há uma aula de latim com 8 discípulos matriculados, e cujo professor é o Senhor João do Rêgo Falcão, pernambucano. Há uma escola de primeiras letras para meninos, e um colégio para meninas. É comandante superior da Guarda Nacional o Senhor Manuel Antônio de Oliveira, e subdelegado de polícia o Senhor Marçal Gomes da Silveira; o Secretário da Câmara Municipal é o Sr. Simeão Teles de Sousa, e o arquivo possui alguns livros antigos de interesse. São atualmente

Juiz de Direito o Dr. Luis de Cerqueira Lima, Promotor o Dr. Leandro da Silva Freire, e Juiz Municipal o Dr. Antonio Benício Saraiva Leão Castelo Branco.

Há um médico, que é o Dr. Joaquim Barbosa Cordeiro (formado nos Estados Unidos) e Botica.

O clima é quente, mas a vizinhança da serra o refresca, e faz suportável (o termômetro, pôsto na sala de telha-vã, agora no mês de fevereiro marcava de manhã ordinariamente 18 a 19 e uma vez desceu a 17 1/2 e das 2 às 9 horas variava de 23 a 24). Os ventos reinantes são sempre do quadrante de leste, que lavam bem a cidade. Tem este lugar condições para ser saudável; mas não é assim; as famílias se queixam de ter sempre doentes em casa. Agora reinava ali a *febre-amarela*, a que davam o nome de *ictericia*, e havia já feito algumas vítimas. A gente pela maior parte tem cor pálida; dizem que este lugar foi infestado de hôbas, em outro tempo, as quais faziam aí grandes estragos. Eu penso que grande parte têm, na insalubridade do lugar, o desleixo e o desaseio de habitantes, e a má alimentação da gente pobre. As mulheres sem serem formosuras, há entre elas algumas carinhas bonitas e miúdas. As meninas nas melhores casas trajam bem, e estão em casa vestidas decentemente.

Rebem água do rio Aracauaba, que no tempo das chuvas é muitas vezes coldada, e nos lotes velhos dizem que se faz assalobrada. Hoje (25 de fevereiro) me disse o Sr. Domingos da Costa que o Aracauaba inchoou-se também na seca de 1825. Havia pão, e sempre carne, bem que não muito boa; galinhas, ovos, e qualquer outra criação é mui rara, assim como leite! Verduras raríssimas: havia laranjas sofríveis, e ananases.

São aqui durante o inverno as moscas em grande quantidade; e ainda mais em cima da serra, são um tormento para a gente, e pior para os animais, que os põem em desespero: emagrecem e mesmo dizem que chegam a morrer.

Ouvi calcular-se em 1500, a 2000 o número de habitantes da vila de Baturité; são em grande parte brancos ou mamelucos; geralmente pobres; há porém já bastantes sujeitos, que possuem uma fortuna boa para este lugar; mas acumulada principalmente à custa dos lavradores, a quem emprestam dinheiro com juros, e condições pesadíssimas. Este estado é sem dúvida devido, da parte do que dá, à pouca confiança, que lhe inspira o que toma; e da deste, à sua ignorância, e imprevidência. Tem a gente de Baturité adquirido má fama: foram sempre considerados como homens trapolinas, de má fé, maus pagadores, e jogadores; mas, junta-se, não são matadores. Não sei o que há nisso de verdadeiro; mas a usura dos comerciantes é devido como já disse à besteza dos lavradores. O vício do jogo, que com effeito existe, é vício comum do sertão, como o é entre os gaúchos do Sul. A vida pastoril ou do criador tem sempre grande parte do ano desocupada, e na falta de distrações, o entretenimento que naturalmente se offerece é o do jogo, que se torna depois

em hábito, e em modo de vida. O que sei é que achamos a gente do Baturité boa, amável, hospitaleira, como no resto do Ceará.

A Serra do Baturité, que tem de altura seguramente 1500, a 2000 pés, e cuja chapada, se assim se pode chamar, tem, segundo o vigário de Baturité, 9 léguas de comprimento e 3 de largo, e é toda montuosa, à semelhança da nossa serra de Petrópolis, excepto os grandes rochedos, que não tem, é fresca, toda coberta de grandes matas, e regada de rios perenes, que nascem todos do tope mais alto da serra, que é o do Poente, para onde as ladeiras são mui íngremes, e cujos rios são metas torrentes, bem que passando durante as chuvas, e correm para o nascente, para onde a serra desce por grandes quebrados, e são o Putid, o Aracauaba, o Candela, e o Acarapá. Esta serra, digo, é mui própria para o café: dá mui bem a cana, todos os legumes, excepto arroz.

8-11-1861

Parece que só em 1804 é que a Serra de Baturité começou a ser cultivada. Era então um grande sertão ou deserto, todo coberto de grandes matas, semelhantes às nossas do Rio, como se vê pelo que ainda existe; muito úmido e muito frio, para junto do Ceará foram as secas, que obrigaram os homens a se refugiarem para estes lugares. Assim foi depois de uma seca que em 1809 o sr. Miguel José de Queirós, tio do Sr. João Batista Alves de Lima, que nos dá estas informações, comprou o Riacho das Cameloiras, que fazia parte do sítio Macapá, e não se veio estabelecer pondo-lhe o nome de Conceição; mas correndo melhores tempos para as fazendas de criação, ele voltou de novo para essa indústria, vendendo estas terras a um Francisco Félix, que falto de meios para a fazer prosperar, e indviduado, entregou-as a seu credor Vitoriano Correia Vieira, morador nas Russas; foi deste que elas passaram a ser possuídas pelo seu actual dono, o Sr. Francisco Pinto Brandão, morador em Sobral, e irmão do Sr. José Fortunato Brandão. Este empregou aqui grandes capitais, empregando ao mesmo tempo as duas culturas, a da cana, para que fêz esta grande fábrica para a qual havia mandado vir moendas de ferro, e a do café. Não achando porém conveniência no fabrico da cana, a vai abandonando para se entregar somente à do café. Foi em 1856 que ele principiou o seu estabelecimento. Hoje se acha no Sobral, onde foi por morte do pai; mas não tardará a vir com a família para aqui: e casado com uma irmã do Sr. Márcio.

O Sr. João Batista Alves de Lima, filho de Quixeramobim, assim como sua senhora, comprou em 1853 o sítio em que hoje mora, no riacho de Gramiranga, tendo meia légua de maior largura, e quase todo coberto de matas virgens, pelo preço de 200\$000 réis. Cultiva principalmente café; de que já tem colhido 1200, e 1800 arrébas, e conta agora com uma safra de 2000 arrébas; confina, e está aqui a alguns passos de Conceição. Diz que quando para aqui veio em 1858 estava isto deserto, havendo apenas ruínas e taperas dos sítios antigos. Actualmente a povoação tem umas 50 casas, pela maior parte de telha, e foi o Sr. Batista quem primeiro fêz telha aqui em 1854, vindo antes disso de muito

longe. Começam já a se alinharem as casas; e tem uma igreja que não é mais que um barracão coberto de telha, com paredes de pau-a-pique; e barreadas sômente; e assim mesmo mais decente que algumas que tenho visto em outros lugares do Ceará. Haviam começado antes uma em cima do monte, que foi abandonada e onde é hoje o cemitério. Parcou que foi o Sr. Pinto que fez a atual provisoriamente, com intenção, ou antes enquanto se não faz uma melhor. Tem atualmente capela.

A Serra de Baturité é uma vasta extensão de terreno montuoso, com correntes perenes, todo coberto de grandes matas, na altura de 1500, a 2000 pés sobre o nível do mar, de clima saudável, e de solo produtivo.

A planta que aqui se tem dado melhor é a do café.

A cana, se tôda é como a que se está aqui moendo à nossa vista, é má, de nós juntos, e precisa de ano e meio a dois anos para amadurecer.

A mandioca não dura mais de um ano a ano e meio na terra.

O milho nem sempre dá bem. O feijão, da mesma sorte. O arroz não dá, ou dá mal. A fruta não é da melhor; a laranja não é boa nem a banana. (Informação do Sr. José Fortunato, que não gosta da serra, e está arrependido de ter vindo para aqui, e se acha muito desanimado. O Sr. Batista porém, mais corajoso, está mais contente, e fala melhor da terra).

O clima é bom e saudável; nem faz demasiado frio, nem grandes calores; os ventos leste de manhã são sempre frescos e frios. Águas boas.

Quando começaram a abrir sítios aqui, era para fazer roças de mandioca, e legumes; depois começaram a plantar cana, e se fizeram muitas engenhocas, que estão hoje caindo em ruína porque agora trata-se mais de café.

No entanto não são os cultivadores de café os que têm feito fortuna; são antes os negociantes da Vila de Baturité os que se têm enriquecido à custa dos plantadores, com prêmios exorbitantes, e tôda a carga de vexações.

São tôdas as coisas escassas e caras aqui em cima da Serra, na Conceição, e provavelmente nos outros lugares.

Hoje (9) aqui estêve o Sr. José Fortunato e nos deu as informações seguintes:

As terras pagam aqui de foro (ou arrendamento) na povoação à razão de 20 réis ao palmo, com 25 ditos de fundo, por ano.

Terras de cultura, ou sítio pagam a 10 réis o palmo, com 25 de fundo.

O jornal dum trabalhador, é de 400 réis, e alimento; o dum carapina é de 24000 réis, e alimento.

Ao Capelão que atualmente diz aqui missa se dá 500\$000 por 6 meses.

Carne de gado custa 160 réis a libra (sem osso a 200).

" de covado " 280 réis a libra.

Toicinho " 320 réis a libra.

Uma galinha	"	1000, e 800 réis (rara).
Um pato	"	1000, e 1280 réis.
Um peru	"	2000, e 2280 réis (raro)
Um ovo	"	20 réis
Leite	"	160 réis a garrafa (na seca sòmente).
Farinha	"	240 réis a tёрça * ($\frac{1}{2}$ tijelas, ou 5 garrafas).
Feijão	"	1000 réis a tёрça (raro).
Arroz	vem de fora.	
Milho	custa	320, e 240 a tёрça.
Uma garrafa de vinho, 1280.		

As terras nesta Serra, diz o Sr. Batista, não foram tomadas por sesmaria, mas por possess: e a sua divisão é por riachos: no sertão se foram estabelecendo as fazendas pelas ribeiras dos rios e riachos. Assim se diz: Minha fazenda é na ribeira tal. tal ribeira é de muitos bons pastos; situei-me na ribeira tal, etc.

* Nas vendas compra-se a 160 e 120 em primeira mão.

686 Introdução do café na Serra de Maranguape

28-IV-1861. Maranguape

Foi Joaquim Lopes de Abreu Lage, português morador em Jararã ao pé da serra de Maranguape (onde há boas laranjeiras) o que primeiro plantou café nesta serra, cujas sementes, se conta, que as obteve de um caboclo, que, andando à caça no alto, ou linha da serra de Maranguape, coberto então de mata virgem, descobriu no meio do mato um pé desta planta, que ele desconhecia, carregado de fruto, e apresenta a Joaquim Lopes, estando presente também um sobrinho d'este, Jerônimo Ferrelita Braga, os quais conferencião ser a fruta do cabereiro, se decidiu Jerônimo a ir no dia seguinte com o caboclo, a ver a planta. Com efeito lá foram, mas não foi então possível ao caboclo achá-la. Enfadado, Jerônimo, e outros que também o acompanharam se retirou, ficando o caboclo só na diligência, até que enfim o encontrou; e marcando bem o lugar voltou para casa. Voltaram depois lá e acharam com efeito um pé de café carregado de fruto, tendo já em roda grande número de fillos.

À vista disso Joaquim Lopes foi abrir um sítio naquele lugar aproveitando o dito pé de café, e fazendo maior plantação com as mudas que havia em redor. Este sítio ainda existe, com plantação de café. Joaquim Lopes, que tinha grande número de escravos fez ali uma grande lavoura de café.

Este homem morreu haverá 3 annos; e já bastante velho.

O Padre Araújo, que conta isto de ouvido, diz que veio para aqui em 1825, e então era ainda a cultura pequena de Joaquim Lopes, só para seu gasto, e para dar semente a alguns amigos. O que se bebia nesse tempo vinha de Pernambuco e vendia-se no Ceará a 400, e 420 a libra. Na Aratunga ainda se não cultivava café nesse tempo.

Existem ainda nos arredores de S. Benedito alguns amadores da cerveja tapuia, a qual é preparada segundo os preceitos tradicionais dos tempos passados; éles observam-se com tal rigor que o mesmo rei Círvino se entusiasmaria se assistisse ao processo; e algum filósofo faria por certo uma longa dissertação sobre o instinto do homem, e o caso não é para menos: ver gente bruta praticar aquilo que a ciência só descobriu após profunda peleja tendo por campeões os Berzedins, os Liebig, os Wöhler, e muitos outros que tais.

As usanças dos Pitignates de Filipe Camarão vão se perdendo no meio de outro embrutecimento maior, a que uma administração cega quer dar o nome de civilização.

Vamos consignar os restos dessas usanças, fragmentos dispersos, que só muito superficialmente podemos colhêr atenta a rapidez com que viajamos; sirvam de apontamentos que possam ser completados mais tarde por quem não for obrigado a fugir perante o tal fantasma — Orçamento — que nos trazia de corrida⁵¹.

Começamos pelo cauim: é esta uma heberagem fermentada, que embriaga como a garapa azeda, a cerveja, o vinho, a aguardente, etc. Os selvagens a fabricam para seus dias festivos, para as locubrações e mistificações dos Pajés, os mais refinados charlatães, e finalmente para beberem durante o serviço das roças.

A matéria de que se faz por aqui o cauim é a mandioca, mesmo desta não usam qualquer variedade indistintamente: a mais apreciada é a lagessima, que se culciva especialmente para esse fim. Dizem as índias velhas que ela se distingue das outras pela propriedade particular de curar leucorréias.

Arrancam num dia a mandioca, e só a empregam no seguinte quando ela começar a *fabar*; o cauim obtido de lá neste estado é amarelento, e afirmam que mais saboroso do que o branco, que resulta da raiz fresca.

50. Cf. *Cucl.*, n.º 512 e *O Progr. Médico*, 1876, [1.º vol.], p. 494; neste último, encontram-se pontos de contacto com o presente texto.

51. Este parágrafo evidencia que o texto foi escrito após haver a Comissão Científica regressado do Ceará.

Logo que querem dar começo à fabricação, raspam as raízes e lavam-nas bem, e cortam pequenas rodellas que levam a cozinhar em um grande caldeirão ou pote, no fundo do qual botam uma porção de palha solta, ou trançada a fim de que se não queime a mandioca; é porém de supor que o motivo dessa prática seja outro; para que a ebulição se faça tranqüila, e não por saltos; assim procedem os químicos quando querem destillar ácido sulfúrico, por exemplo, em que não usam de palha mas de aparas de platina.

Mantém-se a fervura até que a mandioca amoleça, o que às vêzes dura 24 horas. Quando ela porém *ensuado*, isto é, aguada, como se dá durante o inverno, por mais que se cozinhe sempre se conserva dura; neste caso depois de sufficientemente cozidas levam os pedaços ao pilão, onde são pisados, depois tornam a ser misturados com a água, em que ferveram. Se porém a mandioca estava enxuta, e amoleceu bem, deixam-na simplesmente esfriar.

Arrefecida que esteja aquella sopa, despeja-se em grandes coches: aí agora começa um processo, que o ignóbil ignorante vulgo chama de *aquecimento* e nojento e que os descendentes dos adeptos, e dos alquimistas admira[m] e aplaude[m]. Sentam-se à roda dos coches as mulheres; dizem por esse mundo que só as velhas é que têm esse privilégio; podemos asseverar que isso é para calúnia; pois a primeira condição para ter assento em roda do coche são bons dentes, a segunda bôca limpa; o suor do cachimbo é prejudicial ao fabrico do caim. Já se vê por essas exigências que as tais matronas remoçam consideravelmente.

Vai ao processo que tanto horror infunde: cada mulher tira do fundo do coche pequena porção de massa, e mastiga-a bem, não para subdividi-la, mas para misturá-la com saliva o mais que possível; depois bota-a na mão e a desfaz inteiramente no caldo do coche; continuará neste processo até que não haja mais porção sólida: então lançam dentro água quente em quantidade sufficiente para enraquecer até o ponto conveniente o mingau do coche; daí vão logo para as espécies de dornas, grandes potes, ou cubaças realmente colossais com 6 palmos de altura, às vêzes mais.

Esses depósitos se acham collocados em um quarto especial; começa com pouco a fermentação, que é demorada se as vasilhas são novas, e de espantosa rapidez se estão bem avinhadas, isto é, quando já serviram mais vêzes. Mastiga-se a massa de manhã, pelo meio-dia vai a vinhaça para os depósitos, e na madrugada seguinte bebe-se; se porém os depósitos estão avinhados já de tarde se pode beber-lo.

Logo que o caim está em estado de ser bebido dão-lhe consumo dentro das 12 horas, quando não, *frecha*, isto é, passa a álcool e vinagre.

Antes de passar adiante escuramos um pouco o químico, que justifica uma rotina de gente bárbara, e a que os historiadores, e etnógrafos de perfumeado solão, para incubrir a própria ignorância, vilipendiam com os epítetos de nojenta, inunda, repugnante, etc. etc. Viremos adiante que outros processos verdadeiramente repugnantes eles admitem, talvez unicamente porque não são praticados por povos a quem se faz uma guerra injusta e sistemática.

A mandioca, assim como a batata, o cará, o inhame, o milho, o arroz, e todos os mais cereais, que servem de alimento ao homem contém uma grande porção de *amilo**, que é principalmente o seu principio nutritivo. O amilo, ou a goma, o polvilho, como lhe chama o povo é composto de pequenos grãos, formados de uma massa encerrada em membranas muito tênues acamadas concêntricamente em torno de um núcleo: a água fria não altera esses grãos-zinhos; por isso lava-se a tapioca, a goma, o polvilho de aramita, batata, arroz, etc., mas pela ação do calor estoura a membrana e o seu conteúdo se mistura com água em todas as proporções, formando desde grude consistente até um liquido ralo, viscoso: para esse fim cozinham os indios a raiz da tapioca: alcançariam seu duvida com maior economia o mesmo resultado se previamente ralassem a mandioca, porém para o processo subsequente é mais vantajoso deixá-la em fragmentos maiores.

O amilo na sua composição química contém exatamente os mesmos elementos que o açúcar, e que os químicos chamam em sua linguagem *isômeros*; mas a sua forma o abriga contra todas alterações e decomposições a que este está sujeito; portanto se quisermos decompô-lo e fazer d'ele alcohol necessariamente devemos destruir essa forma: processo fácil, pois basta a ação dos ácidos diluidos, ou a torrefação; e por esse meio, um corpo refractário é agora atacado com grande impeto.

A economia animal consome debaixo da forma de pão, farinha, arroz, etc. enorme quantidade de amilo, mas não é tal como ela o recebe que o gasta; é preciso que seja primeiro transformada em açúcar; e para isso a providente natureza dotou o homem com os meios necessários. A química a força de destilar, cozinhar, torrar, e precipitar veio a descobrir que a saliva é um poderoso agente para essa transformação. É por isso que se diz com carradas de razão que o pão é de mais fácil digestão, do que a farinha, que pesa no estômago: aquêle é mastigado e intimamente misturado com a saliva, enquanto esta engulida quase no estado em que se come, espera no estômago, que pela deglutição lhe seja fornecida a saliva, que deixou de tomar na passagem: já se vê que os fumistas, que muito cospem, e comem farinha devem sofrer más digestões, e realmente se queixam. Será também por isso que o habitante do Ceará faz a sua farinha cheia de caroços tão grandes e duros, que o obriga a mastigá-la? Para que a transformação do amilo debaixo da influência da saliva seja fácil e rápida é preciso que a temperatura não seja muito baixa, 30° a 10° cent., justamente a que dá o corpo humano.

Vejamus agora o que faz o instinto do tapuia: pelo cozinhar desmancha o amilo a fim de que se misture intimamente com a água; deixa a mandioca em

* Conservamos o termo derivado do grego e do latim *amylum*, tanto mais que o seu adjetivo primitivo é *Amilaceo*; mas com isto não queremos forçar as gúliaras de profusão a rejeitar o uso do seu *amido*.

pedaços para ser forçado a mastigá-la e saturá-la com o agente sacarificador, e por fim dilui a massa com água quente para obter a temperatura de 35° a 40°!

Muito homem de burla e capela, diante a ponto de exaurir sabença por todos os poros, e que à força de erudição escarnece de tudo quanto não entra na esfera de seus conhecimentos e inteligência, considera a química como *arte de fazer emplastros* e dogmatizando declara que o corpo humano não é retorta. Coitado! Justamente aí é que as leis da química são respeitadas e cumpridas com um rigor sem exemplo. O caboclo, que nada tem de erudição, prepara o seu açúcar do modo mais simples como a natureza primitivamente o faria: se quisessem extrair o amido e torrá-lo seria isso muito mais longo.

Alguns indígenas do sul fazem o seu cauíu do milho; é o processo o mesmo: com o grão poderiam seguir outro indicado pela natureza igualmente, e usado desde tempos imemoriais pelos povos da Ásia, e Europa. No ato da germinação do milho, do arroz, do trigo, da cevada, etc. todo o amido é transformado em açúcar pela diástase; é essa a primeira manipulação para fábricas de cerveja e aguardente dos cereais.

INDICES

INVOICE DU CATALOGO

- Abrares, Marques de, 158, 304, 444.
Agassiz, Luis, 468.
Aguilar, Carlos José de, 593.
Aguilar, José Carmín de, 43.
Alagoin: madeiras, 829.
Almeida, Antônio Freire, 47, 167, 168, 200, 320, 323, 338, 339, 341, 345, 351, 352, 355, 357, 477, 517.
Almeida, Prudêncio Freire: biografia, 38, 38; jubilação, 35, 36; nomenclaturas, 336; nomenclatura, 6, 12, 13, 41, 42, 46, 50-52; notas de viagem, 795; obras, 62; nome, 7.
Almeida, João Freire, 8.
Alonso, Manuel Freire, 228, 322, 363, 397, 401, 472, 478, 479, 516, 517, 539; autor, 798-800; nome, 79; obra, 62.
Almeida, Maria Cristina Freire, 534.
Alvarites *melanosoma*, 370.
Alvarites *triloba*, 509.
Alvares, Joaquim de Oliveira, 810.
Alves, Francisco, 191, 273, 304.
Alves Júnior, Francisco Teixeira de Sousa, 53.
Andrade, Antônio José de Paiva Guedes de, 17.
Andradæa *floribunda*, 9, 101.
Angelim, 504.
Aula (etim.), 761.
Aracati, 682.
Arari, 612.
Auaripe (Chapada), 694.
Araripe (Serra), 682.
Auramba (Serra); excursão, 681; vegetação, 802.
Auraja *brutæa*, 602.
Aurajo, Francisco Xavier Lopes de, 229.
Aurajo, Silvério Fernandes de, 259.
Aurimondia, 835.
Avena, Pedro José, 815, 816.
Arijho, 816.
Aroeira, 530.
Arvore florestal, 23, 35, 377.
Asclepias *gigantea*, 481.
Assunção, Antônio Marques de, 812.
Astronomia, 824.
Azeiteira, Joaquim Maria Nascença de, 244.
Azeiteira, José Bonifácio Nascença de, 424, 440.
Azevedo, Carlos Frederico dos Santos Xavier, de, 438.
Azevedo, Francisco Balsa de, 200.
Azevedo, Francisco João de, 427.
Baependi, Conde de, 318, 519.
Baependi, Marquesa de, 771.
Bailhou, Ernest-Henri, 250, 282, 287.
Bainha-de-cupada, 587.
Barbalha, 603.
Barbosa, Joaquim da Cunha, 66.
Barbosa, 638.
Barreto, Fabiano Pereira, 321.
Barros, A. Ferreira, 294.
Barros, Lucas Antônio Moreira de, 318.
Barista, Antônio Joaquim, 430.
Barricada, 684, 720.
Baturité (granja marítima), 727.
Baturité (Serra), 685.
Batu (Rio), 683.
Belmonte, Condessa de, 742.
Belo, Luís Álvares Leite de Oliveira, 223, 224, 520-529.
Benthani, George, 352.
Bexigas, 772.
Bezerra, Antônio, 480.
Bibliografia, 732.
Bivar, Luís Garcia Soares de, 459.
Blanc, K. L., 149.
Bom Refugio, Serra de, 467.
Boqueirão (Serra), 715.
Botânica *médica* (v. *Plantas medicinais*).
Brasão, Francisco de Sousa, 427.
Brasil, Tomás Pompeu de Sousa, 209, 421, 499.
Brevet, Joaquim José de Sousa, 550, 591, 739.
Brigaldi (v. *Brumhoff*, Giovanni da - *ali*).
Brito, Francisco de Paula, 129.
Brito, Joaquim Marcelino de, 25.
Brown, Robert, 813.
Bruno, José Feliciano de Menezes, 534.
Brumhoff, Giovanni di Brigaldi di, 63, 64.
Buenos Aires, 786.
Bueran, Edmundo, 248.
Bucaramáqui, Carlos, 468.
Burlamaqui, Frederico Leopoldo César, 210, 334, 426.
Café (etim.), 754.

- Camumbeco, 799.
Camujá, 592.
Cabeceira, 95, 577.
Cachoeiras de Macacu: nascentes, 635.
Cachimbo de Pedras, 660.
Café, 817; praga, 216, 219-221, 760.
Calceolera, 584.
Cajaité, 604.
Cajuru, Lúcio de Queirós Coutinho Mado-
so, 28, 215.
Camaia, Francisco Foulão Soares da, 365.
Camara, Manoel Arminda da, 748, 759.
Camargos-de-linha, 550.
Camargos-do-mar, 550.
Canga Grande, 660; planície de origem, 175.
Cana-de-açúcar, 638.
Candolle, Alphonse de, 10, 159, 185, 213, 239,
242.
Caniúda, 589, 731.
Candeia-amargosa, 580.
Capangema, Guilherme Schuch de, 123, 162,
242, 285, 343, 372, 388, 392, 402, 435, 444,
425, 435, 407, 471, 498-499, 765.
Cariacá: povoamento, 762.
Carpologia, 664.
Carrirenta, 601.
Cavallho, Cândido José de, 311.
Cavallho, José dos Reis, 159.
Castanha-do-paraná, 164.
Castillo, José Feliciano de, 236, 281, 400.
Castro, Agostinho Vitor de Souza, 814.
Caturin, 675, 691.
Ceará: barinzeira, 607; casas de viagens, 716,
759, 781; casamentera, 607; casas do sertão,
615; caxias, 724; caxias, 629, 658; casamentera
do açúcar, 644; costumes religiosos, 696; cul-
tura do café, 627, 686; cunheiras, 723; dila-
tos de viagens, 607-624; excursões, 625, 650,
670, 698, 641, 670; flora, 606; folclore, 620;
pau, 645, 667, 723; história, 635, 650-709;
impulsões, 136, 191, indígenas, 461, 679, 884.
812; instrução, 707, 708; insetos, 629, 656;
lugarismo, 686; terras de família, 537, 604, 2
609, 635, 695; modelos de construção, 605;
moneologia, 635, 814; minas, 609; paisagem,
547; planície, 675, 677, 819; rios, 674; so-
gração, 664; viagens, 610, 671.
Ceará (Rio): viagem à barra da —, 628.
Cecropia peltata, 579.
Cerevill, 68.
Chi, 176, 136, 232, 234, 565, 745.
Chico Florinda Natana Paula de S., 119-121,
196, 141, 292.
Chrysophylus Cymetri, 589.
Chrysophylus gyniphetus, 586.
Chrysophylus tomentosa, 600.
Chuva, 576.
Citrus decussata, 580.
Córca (Serra), 751.
Cnelho, Jerônimo Francisco, 42.
Coffea arabica, 584.
Cotilha, Anália Gutierrez de Oliveira,
224.
Cotru-morbo, 240, 769.
Comissão Científica de Exploração, 41, 44,
190, 187-183, 193, 195, 196, 199, 204, 205,
208, 209, 211, 222, 225, 226, 236, 238,
251, 250, 254, 257, 249, 245, 244, 246-249,
254, 256, 259, 262, 267, 268, 271-273, 279,
289, 296, 287-290, 292, 295, 298, 299, 411,
416, 420, 421, 423, 424, 425, 436-438, 440,
441, 447, 452, 456, 465, 478, 492, 483, 485,
510-515, 517, 523, 529, 560, 687, 688, 696,
710, 711, 625; Seção Astronômica e Geogra-
fica, 336, 381, 410-412, 419; Seção Botânica,
144, 202, 203, 212, 712, 798; Seção Etnogra-
fica, 185, 294; Seção Geografia, 185; Seção
Mineralógica, 224; Seção Zoológica, 245.
Corc'a, José de Sousa, 300.
Corre Real, Isidoro Pamplona, 323.
Costa, Antônio José da, 1 de, 151.
Coudinho, João da Silva Martins, 309.
Custo: cultivo de arroz, 650; descrição, 654;
história, 761.
Cruz das Almas, 612.
Cumarú, 592.
Cunha, Fernando Maculense da, 378.
Cunha, Francisco Carlos Linsense, 256.
Cunha, J. J. da, 255.

Deafilha das Arvores, 581.
Diários de viagens (V. Ceará: diários de via-
gens).
Dias, Antônio Gonçalves, 185, 195, 206, 204,
229, 440, 514, 813.
Dorville, 552.
Douras, J., 816.
Dúca, H., 823.

Embailheira, 579.
Engasga-vaca, 597.
Enqueto, 600.
"Folhas Botânicas", 605.
Etimologias africanas, 594.
Etimologias indígenas, 759, 764, 766.
Euforbia, 587, 601.

Panempanico, 582.
Pau-de- — Oliveira, 174.
Fazenda da Olaria, 770.
Fazenda Santa Luzia, 792.
Fazenda Santa Mônica, 751.
Fazenda-modulo, 767.
Folha-amarela, 291, 280.
Feijó, João da Silva, 147, 519.
Ferreira, Angelo Maria da Silva, 500.
Ferreira Alexandre Rodrigues, 759.
Ferreira Vicente Alves, 581.
Ferreira recriabilis, 567.
Figueiredo, Manoel de, 531.
Figueiras, Cícero Alves de Sousa, 377.
Fischer, F. H. L., 93, 96.
"Flora Catarinense", 606.
Flora, Catarinense, 256, 259.
Flora Catarinense, 218, 232.
Yllozocoria das Arvores, 531, 463.

- Fenecca, Antônio do Oiro da, Po., 749.
 Fenecca, Lu's Carlos da, 205, 306, 540.
 Freire, Antônia Pereira, 287.
 Freire, Francisco Gabriel da Rocha, 404.
 Freire, Inês, 321.
 Freire, Maria, 490, 535.
 Freire, Poliana, 188, 329.
 Freitas, Luis Jacinto de Carvalho, 155, 289.
 Gabaglia, Giacomo Kaya, 190, 229, 250, 361, 388, 378, 381, 394, 395, 409, 410, 412, 419, 420, 430, 457, 459, 482, 530.
 Galoso, Cactano de Brito de Sousa, 346.
 Gama, Bento Luis da, 417, 418.
 Gama, Miguel Luis da, 197.
 Gama, Nicolau Nogueira da, 118.
 Gaudin, Francisco Luis, 385.
 Garrida, Benedito da Silva, 550.
 Gattiga, Antônio José Fausto, 442, 443, 446, 449.
 Gasparini, Guilherme, 213.
 Gelsomperiana, Velloso, 250.
 Gigaga, 536.
 Gineu Brasileiro, 30.
 Giffin, 558.
 Gonçalves, Antônio Marcelino Nunes, 491.
 Goncal, Jean, 237, 240, 243.
 Guanabara (a), 118, 120.
 Guanabara (etim.), 764.
 Guazajuba, 548.
 Guaranhara, 508.
 Guaya, 580.
 Guayimiba, 676.
 Guimarães, Antônio M. Nunes, 416.
 Guimarães, Vargolino da Costa, 590.
 Guimão, Domingos Machado Humero de, 218, 429.
 Guay-percha, 420.
 Hambury, Daniel, 247.
 Hernandez Jova, 387.
 Harker, Samuel, 320.
 Humboldt, Alexandre, 321.
Hyacinthia alchoneoides, 509.
 Ibiapaba, 705.
 Iô, 650, 643.
 Inflorescência, 589.
 Inhemiriba, Barão de, 1.
 Insetos, 543.
 Invenção do Ceará, 629, 638.
 Ipu, 608, 703.
 Itapui, Barão de, 523.
 Itaubuê, Marques de, 12.
 Itinerários, 640, 651, 657.
 Jacarandá-miquatalla, 588.
 Jaciel, 636.
 Jacarepaguá, Marques de, 732.
 Jardim, 853.
 Jatoia (Monte), 635.
Jatropha curcas, 554, 568, 570.
 Jobim, José Martins da Cruz, 271, 301, 312, 313, 402.
 Lacerda, Antônio Cordeiro de, 752.
 Lagos, Manuel Pereira, 278, 309, 440, 453, 452, 456, 497, 509, 513, 523.
 Lajes, Barão de, 810.
 Lapa, Ludgero da Rocha Ferreira, 132, 133.
Lathropilaeum, 836.
 Lavras, 830.
 Leal, Sinto Taiten, 335.
 Leontóidas, 832.
 Leguminosas papilionáceas, 805.
 Lima, Agostinho José de Sousa, 461.
 Lima, Antônio Ferreira, 483.
 Lima, João Franklin de, 189, 207, 343, 404, 423, 432.
 Lima, Joaquim Antônio Gacelino, 339.
 Limpe, Timóteo Alberto de Campo, 322.
 Lins, Possidônio José, 269.
 Lisboa, Beltrão da Silva, 299.
 Lisboa, Pedro de Alcântara, 296.
 Lopes, Domingos, 158.
 Lopes, José Joaquim, 752.
 Loureiro, 289.
 Lucas, Ferdinando de, G., 72, 73.
Lucuma montana, 557.
 Macaranduba, 586, 596, 606.
Macaranduba dimorpha, 596.
 Macedo, Sérgio Teixeira de, 537, 510.
Macaranduba heterophylla, 594.
 Maciel, Marquês de, 114.
 Maciel, Marquês de, 170, 474.
 Machado, Luis Tauratungo da Gama, 407, 413.
 Madeira, 118, 144, 822, 831.
 Madeiras de construção, 142, 805, 854.
 Madeiras de construção naval, 862, 734, 790.
 Madeiras de lei, 89, 126, 364, 828, 829.
 Madeiras do Brasil, 565.
 Magnerismo, 425.
 Maia, Eudlio Joaquim da Silva, 116, 150, 176, 282.
 Maia, A. M., 470, 474.
 Maiz, Iracão José, 367.
 Mancini, 77.
 Maniçoba, 814.
 Mangaba (Sera), 686.
 Marapiau, 171.
 Marechal, Leão, 249.
 Maria-preta, 398.
 Mariz, Marquês de, 751.
 Marinho, 94, 553.
 Marques, Francisco Antônio, 156, 157, 305.
 Marques, José Clemente, 293, 453, 454.
 Martins, Francisco, 297.
 Martins, Karl Friedrich Philipp von, 74, 88, 89, 94, 95, 107, 102, 110, 125, 155, 142, 146, 181, 163, 181, 231, 241, 555, 563.
 Medicina, 806-808.
 Medicina popular, 789.
 Meireles, Lourenço Vieira de Sousa, 105, 286.
 Melo, Antônio Manuel de, 217, 394, 495.
 Melo, Manuel Felizardo de Sousa e, 218.

- "Memórias Botânicas": 1.ª, 565; 2.ª, 568; 3.ª, 569, 570; 4.ª, 572; 5.ª, 579; 6.ª, 580; 8.ª, 592; 9.ª, 586.
- Mendanha, 562.
- Mendonça, A. Pinco de, 393, 405.
- Menezes, Francisco Tules de, Po., 526.
- Mesquita, 600.
- Miles, John, 152, 330, 346.
- Milha, 586, 530.
- Minuscula sicla*, 595, 596.
- Minuscula trilepis*, 596.
- Minas Gerais: revestimento vegetal, 791. Re-
volução de 1949, 789.
- Miranda, Joaquim de, 747.
- Miranda, Sival O. de, 411, 514.
- Morbi, Charles, 827.
- Motralha, 586.
- Montalivet, Coude de, 3.
- Mourão, Emilio, 828.
- Monte-Mor Novo, 709.
- Montenegro, João Ribeiro, 500.
- Montevideo, 764.
- Monticelli, 79.
- Murais, Alexandre de Melo, 202.
- Morris, João Barbosa de, 507.
- Mota, Ilácio José, 493.
- Moura, Amadeu, 254.
- Muritiba, 625.
- Mutamba, 254.
- Myracrodon urundeuva*, 600.
- Myrsine fastigiata*, 557.
- Naderio, Amônio, 82, 85.
- Namã, René, 60, 80, 81.
- Naturalistas, 722.
- Nesbitt, Oatle de, 296.
- Neta, Ladislav, 403, 735, 824.
- Nitrogênio, 572.
- Nogueira, Antônio Paulino, 107, 109.
- Nunes, Aurélio Marcelino, 373, 391, 513.
- Oril, 373.
- Oficina, 575.
- Oleopardo, 567.
- Oleuda, Marques de, 223-226, 433, 436, 436, 437, 439-441.
- Oliveira, Alexandrina Christiana de, 384.
- Oliveira, Antônio Joaquim de, 201, 346, 348, 349, 354, 362, 374, 383, 385, 387, 390, 390, 398, 399, 402, 447, 533, 539.
- Oliveira, Cândido Barata de, 381.
- Ophiomastix mactrophylla*, 561.
- Ordem de Cristo, Ilário de, 17, 18.
- Orquidaceas, 575, 574.
- Parahyba: café (spanha), 627; café (introdução), 815; cêrca, 625; criação doméstica, 539; cultura da mandioca, 815; lavouragem, 626, 632; madeiras, 625; meteorologia, 814; moradores, 634; povoamento, 627.
- Pacheco, J. V., 342.
- Padre Gregório, 778.
- Pagano, 70.
- Paião, Francisco Teixeira, 330.
- Palen, Joaquim Pinto de, 531, 532.
- Palavra Científica, 509.
- Papeira, 547, 821.
- Parahyba, 778.
- Paraná, Visconde de, 26.
- Parahyba, 64, 875.
- Pau de macho, 504.
- Pau-de-pombo, 580.
- Pau-forgulha, 550.
- Pau-pereira, 550.
- Pedra de Guaratiba, 773.
- Peçoto, Doudugos Rôcio dos Guimarães, 273, 509, 503.
- Pereira, Adriano, 832.
- Pereira, Flayno, 831.
- Pereira Filho, João de Almeida, 44, 492, 103, 202, 204, 367.
- Pesanha, José Francisco dos Santos, 532.
- Pessoa, Vicente Alves de P., 565.
- Petropolis: Prêço Imperial, 763.
- Pinhões, 554.
- Pinto, Antônio Leão, 810.
- Pinto, João Soares, 403.
- Pindamon, Joaquim Cacauo Fernandes, 157, 160.
- Pirapora, Barão de, 169.
- Pitua, 591.
- Piscaria, 580.
- Plantas aclimação, 583-585; fecundação, 604; ovulação, 813, 827; pólen, 508; sistema vascular, 590, 582.
- Plantas da América do Sul, 810.
- Plantas do Brasil, 810.
- Plantas medicinais, 796, 800, 801, 806, 826, 837.
- Platanus humilis*, 553.
- Ponteira, 532.
- Pôrto Alegre, Manuel de Araújo, 251, 255, 256, 323.
- Pterygia brasiliensis*, 591.
- Queiroz, Joaquim Marinho de, 525.
- Quina, 108.
- Ramos, José Herculano de Sousa, 211, 429.
- Rangel, Maria Firmina de Abreu, 533.
- Rafelina, Leandro N. M., 360, 500.
- Recurvas, André Pinto, 43.
- Rebouças, Antônio Pereira, 13.
- Resende, Coude de, 744.
- Revista Medica, 263.
- Ribeira lobophylla*, 584.
- Ribeira calva*, 584.
- Ribeira copulata*, 594.
- Ribeira olivacea*, 594.
- Richard Achille, 90, 127.
- Rio Claro, Barão de, 526.
- Rio de Janeiro: antrópicas, 788; arquitetura, 753, 743; árvores florestais, 871, 573, 575, 377; caça, 741; clima, 777; conspirações, 741; criminosos, 753; derrubadas, 595; desfolha e floradência das árvores, 551; dosação de terras, 793; epidemias, 130, 764; excursões, 773; Expositão Nacional de 1861,

600; febre-amarela, 179; flora, 608; florestas, 503; geografia histórica, 761; lagoadouras, 743, 745, 788; madeiras de lei, 853, 851; me-
lhoramentos, 146, 302; Mostro do Capelo, 743; obitos, 989; Paço da Boa Vista, 740; Passeio Público, 743; penitenciárias, 776, 780, 743; urbanismo, 743; zona rural, 794.
Rio de Janeiro (Instit.): Academia das Belas-Artes, 37, 308; Academia Filomática, 28; Biblioteca Nacional, 536; Hospital dos La-
zarus, 502; Instituto Fluminense de Agri-
cultura, 445; Instituto Histórico e Geográ-
fico Brasileiro, 52, 267, 274; Jardim Botá-
nico, 64; Museu Nacional, 245, 247; Sociedade
de Auxiliadora da Indústria Nacional, 153,
247, 282; Santa Casa da Misericórdia, 269;
Sociedade Casino Militar, 223; Sociedade
Colombiana, 368, 309; Sociedade Defensora
da Liberdade e Independência Nacional, 5,
268, 270, 276; Sociedade de Medicina, 4; So-
ciedade Filomática Fluminense, 10; Sociedade
de Velocidade, 123, 133, 139, 140, 150, 176,
497, 498, 571, 775, 833.
Rio Tomsos, Justino, 628.
Rios, Filipe, 76.
Roche, José Camêlo, da, 43.
Roche, José Fernandes, 274.
Rodrigues, João Barbosa, 774.
Rodrigues, Manoel José da Silva, 512.
Rohan, Henrique de Brastepaire, 144, 366,
394.
Sã, Nuno P. Lóio, 427.
Sarcocoe affinis, 563.
Sarcocoe, Leandro do, 750, 835, 836.
Sant-Hilano, Augustin do, 126, 791, 830.
Savador, 728.
Savastini, 84.
Savastini, 561.
Santo Anbulo, 682.
Santos, João Búlio dos, 698.
Santos, Thomas Gomes dos, 449.
Santos Júnior, A. A., 415.
São Benedito, 472.
São Francisco das Chagas do Camindé (Igreja),
706.
São José, 642.
São Paulo: madeiras de construção, 834.
São Paulo (Instit.): Sociedade Auxiliadora da
Agricultura, Comércio e Artes, 54.
São Pedro, 720.
São Salvador de Campos, Visconde de, 176.
Sapnates, 154, 573.
Sara, 579.
Savastini, 71, 83.
Sera, Pedro Pereira Lourenço do, 106.
Serebina, Visconde de, 106.
Serebina, Viscondessa de, 106, 519.
Serebina, Joaquim J. do, 744, 746.
Serebina, Custódio Alves, Frei, 138.
Serebina, Francisco Rodrigues, 368.
Sigaud, José Francisco, 288.
Silva, João Azeite de Cazeira e, 111.

Silva, José Alves da, 290, 291.
Silva, José Antônio da Costa e, 422.
Silva, José Benício de Andrade e, 140.
Silva, José Francisco da, 524.
Silva, José Maria Sella da, 475.
Silva, José Maria Velho da, 280, 286.
Silva, José Roberto da, 100, 103, 115, 114, 128,
132, 140, 290, 295, 302.
Silva, Luis Antônio Marques da, 494.
Silva, Manoel do Nascimento Castro e, 266,
270.
Silva, Paulo Barbosa da, 88, 92, 98, 106, 109,
115, 120, 136, 138, 295.
Silva, João Manuel Pereira da, 132.
Silva, Roberto Correia de Almeida e, 327.
Silva, Vicente Gomes da, 337.
Silva, Vicente José de Castro e, 317.
Silva Júnior, Miguel Antônio, 188, 375.
Silveira, M. J. da, 274.
Silveira, 384.
Sinambu, João Luiz Vieira Cantanção de, 545.
Sipipira-Santana, 567.
Soares, Caetano Alberto, 106, 284.
Soares, Francisco José, 528.
Soares, Gabriel, 374.
Soares, 573.
Solari, 581.
Solari, Manoel Roberto, 490.
Sobrinho, Lopes G., 311.
Solo, 743.
Sonambulismo, 760.
Sousa, A. A. Santos, 484, 485.
Sousa, Cândido Ferreira da, 756.
Sousa, Edizinda Joaquim de, 530.
Sousa, Gregório de Castro Moura e, 169.
Sousa, João Silveira de, 190, 511.
Sousa, Manoel Antônio Duarte de, 400.
Sousa, Antônio Alves dos Santos, 411.
Stellati, Vincenzo, 73.
Sucupira, Antônio T., 370.
Susano, Fortunata Maria, 327.
Susano, José Antônio Pereira, 314.
Tais, L., 177.
Tapacuba, 549.
Tapacuba-amarela, 101.
Tapacuba, 36, 560.
Tapacuba, 565.
Tasso, Torquato, 757.
Tato, 577.
Tavara, Miguel José, 303.
Telhada, José Antônio, 194, 382.
Telhada, João, Manuel, 522.
Terra, Michele, 87, 97, 238.
Teratologia vegetal, 566.
Teca viridis, 585.
Théberge, Pedro, 693.
Tipuana auriculata, 530.
Tolentino, Antônio Nicolau, 329.
Torres, José Carlos Pereira de Almeida, 564.
Torres, José Joaquim Fernandes, 245.

- Torreão, Basílio, 505.
 Torres Homem, Vicente, 325.
Torreia carolinensis, 502.
- Urbanismo, 748.
Urtica nuda (Vol.), 505.
 Uruga-braba, 505.
 Uruburetama (Serra), 730.
 Uscuruna, 539.
 Uzeda, Américo de, 114.
- Valdeavero, Francisco Crispiniano, 149.
 Valente, Lourenço C., 187.
 Valentim, Mestre, 535.
 Vendell, Domenico, 143.
 Varnhagen, Francisco Adolfo de, 299, 574.
 Vasconcelos, Bernardo Pereira de, 502, 503, 540.
 Vasconcelos, Mar a Fichte de, 62, 536.
 Vasconcelos, Nicolau Tolentino de, 384, 417, 419.
 Veiga, João Pedro da, 744.
 Velasco, Violante M. Ximenes de Bivar e, 331.
- Veloso, José Mariano da Conceição, Irui, 154, 747, 768, 781.
 Verbenas, 581.
Viagem a Nova Holanda, 813.
 Viana, Brás Fernandes Carneiro, 539.
 Viana, Cândido José de Araújo, 15, 18.
 Viana, Joaquim Francisco, 154.
Vicentia acuminata, 101, 542.
 Vila Nova Gel-Rei, 811.
 Vila Velha, 823.
 Vila Viçosa, 678, 678, 704, 722, 730.
 Vinhático aureolus, 577.
 Virgílio, 736.
 Vocabulários, 787.
- Wied-Neuwied, Maximiliano de, 147, 104.
 Xavier, Justino Francisco, 374.
- Zea mays*, 566, 569.
Zufierria novobilba, 586.

ÍNDICE DOS "ESTUDOS BOTÂNICOS"

- Abobora, III, 36 VIII, 119, IX A, 3; X, 280.
 Abutilo, II, 5; IV, 3.
 Acácia, VI, 3, 52, 62; X, 202.
 Acácia-leucocéfala, I, 219.
 Açúcar, X, 155.
 Acutifolius, II, 33, 47; IX B, 53; X, 273; XII, 21.
 Açá-peixe IX A, 36.
 Achras, II, 104; V, 32.
 Acheiropia spatulata, II, 92.
 Açucena, IX A, 60; XI, 42b; XII, 3, 30.
 Adelia minutiflora, III, 73; IV, 23.
 Adenanthera arulosa, VIII, 57.
 Adenanthera baronina, II, 32.
 Adenanthera pontandrea, IV, 50.
 Adenanthos, I, 138; V, 70; IX B, 24; X, 95.
 Adenanthos, XI, 7, 7a.
 Aegiphila, II, 129, 139; IX B, 55.
 Aegiphila pentacera, III, 73a.
 Afelandra, I, 201, XII, 10.
 Aguti, X, 133.
 Agave, XI, 40.
 Agave laetida, I, 190.
 Aguapé, X, 263.
 Aguará, VII, 100.
 Alchornea, I, 166, 126, 203; II, 52; X, 177, 267; XI, 45a.
 Alchornea leucocarpa, I, 213.
 Alecrim, V, 17, VI, 25.
 Alecrim-do-campo, I, 154.
 Aletris molucana, VII, 4; X, 73, 174.
 Aletris triloba, VII, 4; IX B, 79.
 Alga, II, 155.
 Algodão, XI, 25a.
 Almeida rubra, VI, 103.
 Alô vulgaris, X, 242.
 Alscis, II, 131; VI, 89; VIII, 118.
 Alodora, I, 113.
 Alodora phylliphoa, I, 39.
 Aluocaria, VII, 99.
 Aluocaria, XI, 13, 38a.
 Amaranthaceae, X, 123.
 Amarelo, I, 108, II, 94; V, 1, 2, X, 130, 239; XI, 26.
 Amariacea, XI, 72.
 Amarilla, IX A, 60; IX B, 61; XII, 3, 30.
 Ambora, IV, 57; VII, 59.
 Amica, XI, 36.
 Ameixa-da-índia, XI, 36.
 Amomum, I, 77, 132; III, 19.
 Amomo, II, 141.
 Amoro-albescens, II, 39.
 Amuro, X, 147.
 Anagride, I, 38.
 Anaxagora, IV, 54.
 Anil aqu. IV, 115; X, 191; XI, 39.
 Andaca-luzes, I, 42.
 Andira leucifolia, V, 30; XII, 121.
 Andira stipularis, II, 67.
 Andiroba, XII, 156.
 Andiroba steribunda, V, 42; IX A, 50, IX B, 89.
 Angelim, II, 67, 139; VI, 33; VII, 83, 110; X, 57, 69, 250, 291.
 Angelim amargoso, V, 90; VII, 83, 110; XII, 19, 63, 121.
 Angelim-rosa, I, 196; V, 45, 66.
 Anguria, I, 87, II, 123; III, 71; XI, 122.
 Anil, IX A, 15; X, 126.
 Annonacea, I, 139; II, 96; IV, 17; V, 71, 72; XII, 54, 37.
 Antólia, I, 152; IV, 49, 61; VII, 8a; IX B, 18a; X, 17.
 Antúrio, II, 38; XI, 90a.
 Apocinea, I, 62, 136; II, 26; IV, 32; V, 60; IX A, 55, 59; X, 270; XII, 143.
 Apocinea polyacra, V, 47, 59; VIII, 38.
 Aquilartoa, X, 147.
 Araçá, I, 206.
 Arachis testuosa, VII, 59; X, 241.
 Aralícea, X, 217.
 Arapoca, II, 118; IV, 42; VI, 111; X, 161.
 Arapoca-da-serra, V, 99.
 Arapoca montana, II, 96; V, 39.
 Arariba achroma, VI, 94.

- Araúca-branca*, IV, 107; V, 15.
Araúca-escuro, VIII, 17; X, 36; XI, 13.
Araúca-vermelha, V, 35; VI, 64.
Arco-da-pipa, IV, 27.
Artisãra, IV, 30.
Aristolochia dichromita, II, 104.
Aristolochia gandichandii, II, 162.
Aristolochia macrura, I, 5.
Aristobolus, II, 120; X, 144.
Arcton, VIII, 116.
Aróides, II, 160, 134; IX A, 19.
Aróides, III, 43.
Arrocôças, I, 170 a; U, 90; IV, 7, 9, V, 19; 86; VII, 9, 10.
Arrocarpe, V, 19; X, 49, 50.
Árvore-do-caveiro, I, 219; III, 241.
Árvore-do-pão, X, 47.
Asclepiáceas, II, 23, 149; VII, 49, 49.
Aspidosperma pereba, V, 81.
Aspidosperma sessiliflorum, III, 25; IV, 102.
Aspidosperma, II, 26; VI, 7, 54, 82; VIII, 9, XII, 89.
Astrônia, IV, 22; VIII, 712, 73.
Atroxonium, VIII, 79.
Atrichia, I, 45, 46; VII, 62b; X, 107.
Azeitona-do-campo, VII, 62.
Azeitona-do-mar, I, 716.

Babosa, X, 242.
Baccharis, I, 154.
Baccharis, II, 84, 84a, 89; VII, 49a; VIII, 59, X, 61.
Bacupari-do-grande, IV, 48.
Bacupari-do-miúdo, IV, 33.
Bacupari-do-pequeno, VII, 14.
Bacuruba, II, 154; X, 3.
Baldica-de-espica, II, 87, 97; IV, 14; VII, 9, 10; VIII, 71; X, 220.
Balanoforea, II, 132.
Bananeira, IX B, 36a, 32.
Bauanica-da-terra, X, 173.
Banhiúva, X, 48.
Bauhinia, V, 48, 72; X, 45, 228.
Bauhinia auriculata, I, 41.
Bauhinia ciliata, I, 43.
Baqueruba, II, 154, X, 3.
Batala-inglesa, III, 561.
Bauhinia tomentosa, I, 20.
Bauhinia, XI, 48.
Begônia, IX B, 87; X, 181.
Belongera, IV, 71, VII, 107.
Bonjamina alata, III, 25.
Borholia, IV, 107; IX B, 14.
Bucula, IV, 8; V, 23; VII, 56, 56 79; VIII, 13; X, 19.
Buganvillea, I, 12; III, 20, 41, 58; VI, 22, 92a; VII, 59, 73, 79a; X 56; XI, 69a.
Bignonia, X, 218.
Bignonia elegans, II, 75.

Bignonia jacobinella, III, 68a.
Bignonia leucanthus, XI, 69.
Bignonia scandens, XI, 4.
Bignonia trifoliata, XI, 7a.
Bignonia unguis, I 1:2 II, 119.
Bilbergia, XII, 36.
Bisnua, IV, 78.
Bistia, XII, 31.
Boehmeria, X, 41.
Bombardia procumbens, X, 46.
Bogarin, III, 56a.
Bomarea spectabilis, XVI, 10.
Bombaria, XI, 89.
Bombax pentaphyllum, IV, 74.
Borreria, X, 279.
Borreria, I, 7, 73.
Brasil, II, 152, 153; VI, 40, 41, VIII, 106a; IX D, 28.
Brasília, IV, 87.
Brilhante, I, 28, 82, 83; II, 14.
Brilho, III, 48; VII, 8.
Bromélias, I, 98, 103; II, 19, 158.
Bromélias, I, 92, 170 a; IV, 7.
Bromélias, IV, 81; VII, 112.
Bromélias, I, 67.
Buganvillea, IX, 38a.
Bursera, III, 34.
Bursera, II, 136; X, 136.

Caapiá, VI, 8, 9, 16, 16, 26; X, 230, 230, XII, 11.
Calceolaria, III, 124; IX A, 47; X, 141; XI, 69a; XII, 11.
Calceolaria, XI, 16a.
Calceolaria, IX B, 30.
Calceolaria, I, 161, 194; V, 17, 36; VI, 62, 63; VIII, 23; IX A, 56; X, 235; XI, 14a; XII, 103.
Calceolaria, III, 24.
Calceolaria, VI, 119; VII, 54; X, 21, 266; XI, 21.
Calceolaria, V, 70.
Calceolaria, XII, 48, 101.
Calceolaria, V, 9.
Calceolaria, I, 175; V, 87; VII, 7, 11, 34-39; VIII, 33-39, 60, 104; IX A, 4, 24.
Cactus, IX B, 3.
Cactus flogeliformis, VII, 97.
Cactus, IX B, 27a.
Cactus, X, 199, 200, 277.
Cactopatia, I, 181; VII, 105.
Cactopatia, I, 41.
Cactopatia, II, 152, 153; VI, 40, 41.
Cactopatia, IV, 53.
Café, IV, 48; IX A, 19; X, 243, 243; XI, 14a, 32a, 42a.
Café, XII, 53.
Café, IV, 123.
Café, I, 191.
Cajá, XI, 49.
Cajá-mirim, VII, 58.

- Cajucito, I, 8; XI, 31.
 Calêdia, I, 95.
Calidiam scandens, II, 8.
 Calhambola, VI, 77.
Calyptanthus, I, 81; II, 123; IV, 59; V, 65; VI, 24, 73.
 Cambuá, II, 45, 101, 59; IX B, 56; X, 155-194.
 Cambuçá, VIII, 412; X, 229.
 Cana-co-brejo, I, 77.
 Canhaula, VII, 114; VIII, 45a; X, 247.
 Canhaula-da-branca, X, 26.
Canavalia rosea, II, 69.
 Canela, VI, 60; VII, 90; X, 255, 259.
 Canela-batalha, IV, 101; XII, 53.
 Canela-de-vento, I, 118.
 Canela-prêta, IV, 18.
 Canela-sapinho, IV, 50; VI, 71.
 Caneleira, II, 110, IV, 23, 96; VII, 22; VIII, 15, 56, 58, 60-61, 66-70; X, 185, 281.
 Caneleira-da-folha-larga, III, 68.
 Caneleira-da-folha-mole, III, 67; IV, 124.
 Caneleira-do-campo, III, 67; X, 234.
 Candeioira, IV, 112.
 Canjerana, V, 24; VI, 160; VII, 112; IX B, 7; X, 34.
 Canot índico, XI, 57.
 Capandocas, I, 52; IV, 100; VII, 19; X, 37.
 Capeta, I, 193; II, 164, 155.
 Caporetto, I, 197.
Capparis flexuosa, I, 67a.
Capparis humilis, X, 244.
Capparis neriifolia, VI, 95.
 Cará do-mato, IX A, 30.
 Carajuru, IX A, 30.
 Carapeta, XI, 55.
 Carapeta-da-grande, XII, 78.
 Carapiteira-da-grande, IX B, 10.
 Carapiá, I, 105; IX B, 59.
 Cardamomo, VII, 3; IX A, 29.
 Cardamomo-comato, II, 141.
 Cardo, VII, 161.
Cardus pappus, IX B, 48; X, 195, 140; XI, 46; XII, 144.
Cariniana pauciflora, IV, 70, 109, 161.
 Carlot-lôra, X, 101.
 Caroba, I, 130; II, 61, 73, 142; VI, 51; VII, 45, 58, 79a; X, 274.
 Carapateira, VII, 5, 6, 18; X, 113; XI, 46a.
 Caravel, I, 114.
Casaria, I, 149; IV, 72; V, 60; VII, 42.
 Casas, I, 22, 159; VI, 104; IX B, 20; X, 128, 132, 184, 196, 192, 194; XII, 24, 27.
Cassia alata, XI, 70; XVI, 8.
Cassia flammea, VIII, 49.
Cassia maculifera, X, 199.
Cassia marianthifolia, XII, 91, 92, 99.
Cassia paraguayensis, V, 33.
 Castanha do pará, IV, 107; IX B, 14.
 Castanha do-maranhão, IV, 107.
Castilleja, I, 166.
 Catigui, II, 121.
 Catonga-do-porro, I, 38; II, 145; XIII, 6.
 Catujá, II, 100, 121, 124; V, 54; VII, 17; IX B, 4, 9; XIII, 7.
Caucanthon, IV, 132; IX B, 34.
 Cavale, X, 2, 80.
Cecropia, I, 184; IX B, 45, 49; XIII, 3, 12.
Cecropia palmata, III, 52.
Cecropia peltata, IX A, 46.
Cedrela brasiliensis, IV, 15.
 Cedro, IV, 13; VII, 167; XI, 12, 24.
 Cedro das-capoeiras, VIII, 129.
 Celastroides, VI, 198; VII, 80; VIII, 12, 21.
 Celastro, III, 60; V, 75; VI, 4; XI, 60.
 Celósia, I, 158; III, 15, 57a.
 Celuides, IV, 43, 82; VI, 20, 23; VII, 115a; VIII, 2; IX B, 18 b; XII, 59.
Centrobasis, IV, 125; V, 47 a; VIII, 135.
Cephaelis, I, 169; II, 3, 111.
Cestrum, IV, 69; VIII, 13, 19, 76; IX B, 31; X, 24, 208, 209.
 Cestro, I, 23, 50; VII, 68.
 Chichá, III, 45, 46; X, 196.
Chimaphila racemosa, II, 93; V, 39.
 Chinguba, VIII, 23a.
 Chiriquia, III, 32; XI, 3.
Chrysophyllum Castañeda, XVI, 3, 3a.
Chrysophyllum tomentosum, XVI, 4, 5.
 Chucho, IX B, 96.
 Cica, IV, 38, 131; VIII, 46, 117a; X, 72, 209.
 Cinchona, VI, 31.
 Cipó, IX A, 28; X, 262.
 Cipó-cabelo, I, 193, 199.
 Cipó-carijó, I, 199.
 Cipó-eravo, III, 78.
 Cipó-de-carijó, I, 199.
 Cipó-de-leite, VII, 80.
 Cipó-imbé, I, 93.
 Cissas, I, 75; II, 116, 127.
 Citrêca, IV, 58.
 Clavija, IX B, 42.
 Clavija ornata, IV, 5; VII, 98.
 Cleomátida, I, 100.
Clidemia, I, 190; II, 48, 50.
 Clitória, I, 36.
 Clusiáceas, III, 44a; V, 25.
 Clusia, I, 71a.
Clusia scandens, III, 14.
Commypsalis, II, 71.
 Comoloto, II, 82; IV, 7.
 Coccolus, I, 147; II, 61; IV, 85; VII, 29a; VIII, 95; XI, 51.
Coccolus cincinnatus, VIII, 67; X, 230.
 Coelospemicea, III, 50.
Cocos nucifera, III, 4.
 Cogumelo, II, 157.

- Coffea*, I, 33, IV, 122, 123; VII, 12a, 13.
Coffea-de-café, IX A, 40; XII 96.
Coffea-picta, V, 48b.
Colubrina, XI, 123, 128.
Combretaceas, IV, 37; XII, 76.
Convolvulaceas, I, 216; IX A, 11.
Convolvulá, VII, 74.
Congonha, III, 8a.
Convolvuláceas, I, 21, 51, 53; 101, 10, VIII, 43.
Copaíba, IV, 90; V, 40a, X, 242.
Copaíba-da-branca, IX B, 29.
Copaíba-branca-da-filha-midde, V, 10.
Copaíba-vermelha, V, 36a, 37; VI, 94; X, 111, 115.
Copaifera parvifolia, V, 10.
Copaifera striatula, IV, 90.
Copéila, V, 45.
Coral, I, 209; X, 171.
Cordiáceas, I, 529; 14, 55; V, 40; VII, 91; VIII, 11; X, 224.
Coronilla ardens, XII, 48.
Cortus, IX A, 14.
Cortus spinosa, I, 7c.
Couassou, V, 81.
Couassou, V, 40b.
Coutarea speciosa, I, 3.
Crotonella, I, 134; X, 141.
Crotonella fucata, IX A, 47; XIII, 41.
Crua, XII, 133, 135.
Cuplocass, I, 158; IV, 12, 101; VII, 20; VIII, 82; X, 64.
Cusobalândia, VII, 32.
Cristófilo, II, 89, 92, 117; IV, 11; V, 18, 68 X, 223, XI, 27a.
Crocalinas, I, 18; X, 119.
Croton, I, 9; V, 2a; X, 130, 210.
Croton ardens, II, 17.
Cucurbitáceas, I, 20; III, 71, 77; X, 142; XII, 13.
Cumarutana-de-cheiro, IV, 175a.
Cupania, II, 25, 27; III, 39; VI, 102; IX B, 56; X, 60, 294.
Cuphea lutea, XII 66.
Curatá, IV, 104-106; VI, 68, 100; VII, 90; IX B, 13.
Cuscuta, II, 122.
Cuscutácea, VII, 46; VIII, 27.
Cyrtax antiochensis, III, 41.
Cynanchum, II, 30.
Cyrtocaulon aculeatum, IV, 10a.
Cyrtopodium, II, 140.
Dactyloctenium, X, 86.
Dalbergia, I, 101, 103; III, 29, VI, 33; X, 39, 51; XI, 5a.
Dactyloctenium parvifolium, I, 186.
Damara-de-india, I, 53.
Daphnopsis, VI, 2.
Dioscorea, I, 193.
Dermodendron arundinaceum, X, 147.
Dichroanthus, I, 117, 119.
Dicrananthus, V, 30.
Dicrananthus, V, 74.
Dictyonema, XII, 97.
Dimerophandrus exaltata, XII, 146.
Dicrananthus, I, 60, VIII, 57, 85, 96.
Dioscorea, V, 64, VI 100; IX B, 6; X, 52; XII, 50a.
Dipterocarpus, II, 61.
Ditaxis, IV, 18.
Ditaxis aculeata, XII, 38.
Dolichos, IX B, 10; X, 262.
Dolichos aculeatus, I, 148.
Dolichocarpus, II, 112, 133.
Dolichocarpus sessiliflorus, I, 160.
Drosera, VI, 8, 9, 16, 13, 29; X, 235, 236; XII, 11.
Drosera, III, 1, 2.
Dryopteris caudata, VII, 51.
Dryopteris sessiliflora, IV, 18; V, 31; VII 174a.
Duguetia, VI 5, VII, 76.
Dulacia, I, 60; X, 238; XI, 35.
Ecastophyllum, V, 40.
Echinos, I, 185, 190; II, 115; V, 12, 43a; X, 12; XI, 1.
Echinos, VII 57, VIII, 8; X, 78.
Echinos hirtus, IV, 70, 108, 104.
Echinos amarelo, VI, 107, 112.
Echinos-branco, XII, 66, 70, 71.
Epidendrum, I, 64, 66; IV, 4.
Epidendrum, II 9; V 89; VII, 102; X, 187, 246; XI, 54.
Epidendrum, I 102, 157; IV, 22; VI, 113; VIII, 99.
Erythrina, IX A, 57.
Erythrina de-passalho, IX A, 8; IX B, 89.
Erythrina-de-são-jão, IX A, 58.
Erythrina-dulce, IX A, 57.
Erythrina, X, 46.
Erythrina citra galii, III, 12.
Erythrina lupulina, I, 206.
Erythrina spathulata, III, 6, 7.
Eurythraeus, II, 13; IV, 26.
Fabiana, I, 159, 187; II, 58, 186; IV, 90; VIII, 65.
Fabiana, II, 7.
Fabiana de marici, X, 125.
Espiradoura, IX B, 35.
Eurythraeus, III, 33, 34, 45, 46; V, 14; X, 198; XI, 10.
Eurythraeus splendens, XII, 92.
Estiraccea, I, 60.
Eurythraeus, II, 40, 97, 99, 103, III, 5, 10; IV, 10, 14, 23a, 29, 40, 52; V, 56; VI, 24, 32, 112; VII, 30, 34a, 64, 82; VIII, 68; IX B,

27, 93; X, 75, 86, 170, 172, 174, 178, 179, 180, 211, 234, 259; XI, 30a, 53; XII, 3, 19, 17a, 20, 74.

Eugenia, II, 53, 113; III, 13; IV, 76, 130; V, 5; VI, 1, 26; IX A, 26; XI, 77a; XII, 32. *Eupatorium*, IX A, 30.

Facanha, I, 141, 179, 180; II, 69.

Fascolo, IV, 120a; X, 146, 269.

Fava de santo-inácio, I, 84.

Feijão, XI, 45b.

Feijão-preto, XIII, 29.

Feijão-do-campo, VIII, 36, 108a, 120, 121; XII, 61.

Ferreira *spectabilis*, VI, 13, 53, 99.

Festuca, I, 85; II, 6; XI, 59.

Figueira, IX B, 62.

Figueira-branca, VII, 16.

Filodendro, I, 93, 96; XII, 6.

Filodiceas, I, 61; II, 57.

Foumora rupea, VIII, 75.

Fortuna, III, 43.

Foucraya gigantea, I, 190; IX A, 34; X, 143.

Fra de cachaça, I, 71a; X, 124.

Fuchsa, XII, 39.

Fungo, II, 12.

Galipea diantema, VI, 131.

Galipea fontenestiana, I, 143.

Galipea macrophylla, I, 123.

Galipêta, I, 99; II, 112; IV, 42; X, 161.

Galpêta, X, 233.

Gardênia, I, 54, 73, 74; II, 15, 77, 107, 108; IV, 90; IX B, 40.

Garça, III, 38; XII, 7.

Geleasôrias, I, 201; IV, 48; XII, 25, 26.

Geissospermum Felschii, IV, 61.

Graphila, I, 130.

Gerândia, IV, 36; VIII, 102.

Gugelmu, I, 3.

Guanerizosa, XII, 146.

Gigega, XI, 52.

Goiabeira, V, 5; XIII, 39.

Gôla, I, 211, 213; X, 263, 272.

Gôlia, I, 107; X, 196; XI, 15.

Grana, XIII, 16.

Grão-de-galo, I, 43.

Gulúia, XI, 74.

Gummarim, II, 2.

Guapeba, IV, 67; V, 27, 28, 43; VII, 21, 24, 53, 56; VIII, 16; X, 89, 93, 95, 216; XI, 28a.

Guapêta, XII, 68.

Guatambu, V, 21, 57, 73; VII, 22; X, 133, 208.

Guayraf, V, 80; X, 24; XI, 63; XII, 75.

Guazacoma, XI, 42a.

Guatânica-da-venudinha, VII, 106, 119.

Guazatid, VI, 80; VIII, 8a.

Guatajuba, IV, 37; V, 43; X, 99.

Guaranã-nua, VI, 37a.

Guaranbêta, II, 92, 117; IV, 21; VII, 29, 72; VIII, 44; XI, 134, 141.

Guarapipunha, V, 47, 53; IX B, 16.

Guararera, IV, 87; X, 53, 232.

Guaratimbo, X, 91; XII, 191.

Guaratimbo-de-flor-branca, X, 91.

Guarúia, VI, 42; X, 189, 261; XII, 90.

Guerra, I, 10; X, 156, 251, 256.

Guaruma, X, 33, 232.

Guatuma, I, 63.

Guatuma, I, 135; II, 90; IV, 41; VIII, 14, 52.

Guaxima, X, 25, 167.

Guaxirá, V, 14; XII, 72.

Gutiri, II, 99, 101.

Guta-pocha, XII, 8.

Habanaria, I, 95, 142; XII, 116, 120.

Haciosa, II, 144.

Habsteria, X, 102.

Hesperia coriacea, XII, 55.

Hicubia, I, 93.

Heliocorys, V, 63.

Hesbertia lanigera, XII, 121.

Heterophylla, X, 54a.

Heterostema, I, 121.

Hexadenia, II, 99.

Hibisco, I, 20; II, 16.

Hieronyma alchoracoides, V, 62; VII, 71; X, 97.

Higólla (phara), IX B, 94.

Hipocinto, II, 45.

Hipocrateas, IV, 29, 49.

Hirleia, IV, 98; V, 53; XI, 61a.

Horta spumosa, IV, 5.

Horrela-da-colônia, XI, 9a.

Humirãoca, XII, 84.

Hypophyllum alampifolia, III, 86.

Hypocistis, V, 22.

Idea, III, 72; V, 44, 64a; VI, 65; X, 112; XII, 89, 117.

Ideôlo, I, 23.

Imbulla, I, 184; III, 97; VII, 117; IX B, 22, 25, 26; XI, 28a, 57a; XIII, 4, 5.

Imbê, I, 91, 96; IX B, 63; XII, 6.

Imbê-aucardo, II, 90; IV, 41.

Imbêu-preto, X, 10.

Imbricaria, I, 56, 57.

Imperador, I, 68; XI, 6.

Inga, I, 183, III, 24a; IV, 45, V, 91, 89, VI, 11a, 12; VII, 43, 86, 88, 103; VIII, 54, 100.

Inga-amargosa, VII, 192a; X, 131; XII, 68.

Inga-feijão, VII, 87; X, 131a, 167, XII, 55a.

Inga-grande, X, 131.

Inga-ou-ôdo, V, 70; X, 131a.

Inga-purpura, III, 3.

Inhamo, IX B, 91.

Ipê, VII, 109, 113; IX B, 3; XII, 59.

Ipê-açu, VI, 91, 91a, 108; X, 70; XII, 14.

Ipê-batata, VI, 92, 96, 118; XI 77; XII, 67; XVI, 1, 1a.
 Ipê-do-campo, III, 39a, 40, 42; VI, 93; VIII, 48; IX B, 11.
 Ipê-mirim, IV, 12a; VI, 97; IX B, 32; XII, 12.
 Ipê-roxa, XII, 49.
 Ipê-roxo, XII, 51, 151.
 Ipomêia, II, 20.
 Ipeibá, IV, 12a; V, 47a; VI, 121; VIII, 104, 106a; IX B, 29.
 Ipeia, VIII, 107.
 Ipea, XII, 19.
 Jacarandá, I, 139; II, 61, 78; III, 52; V, 76, 70; XI, 76; XII, 64, 102.
 Jacarandá-baiana, X, 115.
 Jacarandá-cubiana, XI, 168.
 Jacarandá-de-espinho, IX A, 65.
 Jacarandá-de-verão, X, 114.
 Jacarandá-do-campo, II, 51; VIII, 62; X, 82, 115.
 Jacarandá-feijão, X, 53.
 Jacarandá-roxo, IV, 77; XI, 20; XII, 100.
 Jacaré, V, 84.
 Jacuapê, IX B, 10.
 Jacundá, I, 11.
 Jambu, I, 206.
 Jaquê, X, 19, 229, 240.
 Jaracutia, II, 72; XII, 144.
 Jarinhá, I, 8.
 Japim-da-índia, III, 57a.
 Jasmim-de-espinha, III, 57a.
 Jasmim grandiflorus, III, 57a.
 Jasmim Samboe, III, 56a.
 Jazula, VIII, 109; IX A, 37; XI, 22; XIII, 85.
 Jatropha curcas, IX A, 12, 13.
 Jequiripá, I, 172, 210.
 Jequiriti, VI, 94, 95; X, 267.
 Jequitibá-do-branco, IV, 127; VIII, 56a.
 Jequitibá-vermelho, IV, 112.
 Jerô, V, 22; VI, 52; IX B, 33; X, 88, 106, 202; XI, 16.
 Jijicoba, XII, 156.
 Jiló-vermelha, III, 57, 61.
 Jirê, III, 70.
 Juculilha, VI, 78.
 Jucumbêa, VII, 7, 11.
 Justicia, I, 153, 178; II, 33, 17.
 Labiária, IV, 67; V, 28.
 Lagetta, VIII, 112; XII, 18.
 Lagerfluvia ruzemae, I, 37.
 Laitana, I, 122.
 Lantana aculeata, I, 17.
 Lantana, II, 13; VIII, 117; IX B, 49.
 Lantana-de-molho, VII, 29.
 Lantânea-de-mato, VI, 122; X, 71; XII, 9.
 Lasiantra, X, 7.
 Laurinus, II, 60, 76, 97; III, 23, 60; IV, 12, 23, 53, 69, 83, 124; V, 6, 82.
 Laurinus tomentosa, I, 29.
 Leandra, II, 48.

Leclithea, IV, 105; VI, 38, 50; IX B, 15.
 Leguminosa, III, 24a, 29, 73; IV 19, 50, 119, 126; V, 64; VII, 26, 32; VIII, 2, 11, 42, 45, 67a, 69, 115; IX B, 21, 25; X, 168, 237; XII, 65.
 Lemnaceas, IX A, 80.
 Leonturus cordatus, XI, 42d.
 Leptoglosses, X, 81, 208, 263a.
 Liliacea, III, 23; VII, 106a.
 Liliacea, I, 189.
 Limão, IX A, 49.
 Limão, XIII, 57.
 Limoeiro, VI, 20.
 Limônia, I, 45.
 Língua-de-vaca, IX A, 41.
 Limnorchas, I, 202.
 Lilo-do-pitangos, XII, 132.
 Lobeliacea, I, 204.
 Lobélito, XI, 23.
 Lophanthus, X, 222.
 Loranthaceas, IX A, 6; IX B, 88; X, 44, 68; XI, 69; XII, 130.
 Lotus (horizontis), IV, 126.
 Lotus maritima, IV, 126a.
 Loura, I, 120.
 Louro-batata, V, 46.
 Loure-branco, V, 46.
 Loura, I, 106; II, 88; IV, 70; VI, 81, 82a.
 Luffa, II, 64.
 Lúcia, II, 114; 180; V, 96; X, 42, XI, 8.
 Lumbáquia antiochens, II, 67.
 Lythrum alfoensis, V, 49; X, 49.
 Mahoe, VI, 30.
 Mapanibá, XI, 50.
 Macaçaiba, VI, 27.
 Macarandata, IV, 34; VI, 49, 50; VIII, 3, 39; XII, 50.
 Macdonia penille, X, 193.
 Melchior, VI, 117.
 Magnoliaceas, II, 147; IV, 75.
 Malpighiaceas, VII, 115; X, 59b.
 Malvaceas, II, 5; IV, 3.
 Mamão, X, 136, 136.
 Mamoeiro-do-mato, V, 14.
 Mamona, VII, 5, 6; X, 112.
 Manacá, VI, 89a.
 Mandioca, IX B, 36, 97; XI, 59a.
 Mangalô, V, 45.
 Mangue, I, 73; VII, 14a; X, 20.
 Mangue-do-campo, I, 61, 150; X, 212.
 Mangueira, VII, 98; X, 203.
 Manihot uliginosa, X, 151, 168.
 Maquião, III, 28; IV, 77; V, 79, 80; VI, 36, 87, 47, 48, 70, 86, 87, 90; VIII, 6; X, 87; XI, 74b; XII, 56, 69, 90.
 Maracujá-grande, XI, 31a.
 Maracujá-mirim, X, 205.
 Maranta, I, 121, 192; III, 19.
 Maravilha, I, 115; IX B, 58; X, 200.
 Maregravaceas, III, 44.
 Marilva, II, 20; IV, 31-35, 61.
 Mariana, IX B, 54.
 Maria-preta, IV, 16; VI, 83; VII, 55; XII, 45.

Maricó, I, 774; X, 16, 104; XI, 59a.
 Maydenia, XII, 137.
 Maysimato, VIII, 84.
 Mata-pasto, X, 120.
 Mato, III, 9.
 Matucú, *marina*, V, 14.
 Maxico, III, 64.
 Mayra *brasiliana*, II, 127.
 Melaoólo, IV, 87.
 Melão-de-são-carlão, IX B, 3, 87.
 Melastomáceas, II, 85; IX A, 58; X, 6; XI, 41a; XII, 85; XIII, 19.
 Meléceas, I, 135; IV, 86; VII, 18; VIII, 18; IX B, 7; X, 109, 182, 215.
 Melothria *pendula*, I, 170.
 Mendubi, VII, 99; X, 261.
 Menéndez, X, 206.
 Metraciba, V, 83; X, 221; XI, 72a; XII, 76.
 Metusia, I, 44; VI, 20.
 Mespilodaphne, VIII, 61.
 Mesquite *japonica*, XI, 80, 80b.
 Metrodorea, I, 108; II, 94; V, 1, 2.
 Metternichia *primifolia*, X, 28.
 Microrachis, I, 50.
 Milho, IX A, 18; X, 3, 79, 80; XII, 160, 161; XIII, 10-25, 28, 31.
 Milho *africano*, XI, 56.
 Milho *moído*, VII, 109a.
 Milho-d'angola, IX A, 81, 82.
 Miras, III, 3; X, 125, 273.
 Mimosáceas, IV, 46; V, 98, 99.
 Mimosa *palmeri*, V, 78.
 Mimosops, IX B, 44.
 Mimosops *elata*, IV, 84; VI, 49, 50; VIII, 3, 59.
 Mimosops *caribaea*, I, 57.
 Miricica, IV, 8; V, 28; VI, 35, 56, 79; VIII, 13; X, 16.
 Mirisperma, VIII, 22; XII, 41.
 Mirólo, XII, 40.
 Mirslia, I, 197; IV, 2, 6.
 Miráceas, III, 13; IV, 30, 53, 61, 76; VI, 1a, 39, 75; VII, 27, 72; X, 190, 281, 283; XI, 90a, 72a.
 Mirróca, I, 61.
 Moxitoba, II, 24, 29; IV, 18; VI, 83; VII, 58; VIII, 101; XI, 45, 47.
 Mogíphora, I, 26; II, 38.
 Moldenhaueria *floribunda*, V, 80.
 Moldenhaueria *speciosa*, V, 90.
 Mongeia, IV, 76, 61.
 Monbalaria, IV, 57; IX B, 36.
 Monjolo, V 35, 64, 84; VI, 68; X, 292.
 Monjolo-de-mato, X, 109.
 Morquillo *pleurostoma*, III, 30.
 Mutama, I, 148; II, 24; X, 90, 148, 154, 159, 217.
 Mulhu, II, 143.
 Mulungu, II, 143, 146; X, 183.
 Muziri, VII, 47.
 Muzirio, I, 36.
 Muzo, X, 173.

Musgo, IX A, 52.
 Myrsia, I, 96; II, 109, 123; IV, 96; XI, 43c.
 Myrsina *Bienertia*, V, 23.
 Myrsina *justigialis*, V, 2; VI, 13, 69, 70.
 Myrsina *prostrata*, V, 50; VI, 13, 69, 70.
 Myrsina, I, 83; II, 145; V, 78; XIII, 6.
 Myrsinolum, I, 177.
 Myrsinolum *atropurpureum*, II, 22.
 Nectandrea, I, 150; II, 73, 110; III, 66, 67, 68; VIII, 95.
 Nematanthum, XVI, 7.
 Nectan *oleander*, IX B, 35.
 Neorocro, XIII, 25.
 Nhambú, III, 513.
 Nhambúba, I, 84, 85.
 Nioniana, XI, 39.
 Nictagiana, IV, 79; V, 42, 43; IX A, 43; IX B, 70; X, 51a.
 Nicta, I, 19, 21a, 21b; VII, 65, 66a; X, 269, 272; XI, 49, 50, 52.
 Nicta, IV, 77; V, 47a; VI, 77; X, 54; XI, 27.
 Niquira, IX B, 48; XI, 422.
 Noroeste, II, 44.
 Nymphaea *Rudigera*, X, 209.
 Ocaia, I, 111; II, 73; IV, 12, 53, 80.
 Ocaia, VII, 35, 109a, 120; XII, 81.
 Ocaia *campestris*, VII, 124.
 Oca, IV, 81; VIII, 20; IX A, 5; XII, 108, 109, 110.
 Ocaia, III, 68.
 Ocaia, I, 111; II, 36; IV, 99; V, 26; X, 10, 254; XI, 72a; XII, 95.
 Oca-pardo, V, 8, 50; VI, 13, 69, 70.
 Oca-vermelha, VIII, 22; IX B, 56b; XII, 41.
 Olmeda, IV, 9; V, 19; X, 75.
 Ombraibium, II, 4; VII, 15, 15a; X, 124.
 Ombra, II, 34, 70; IV, 4; VIII, 98; XII, 30.
 Ombra, I, 171; II, 91.
 Ombraibium *macrophyllum*, I, 211; V, 20, 52; VI, 19, 19a, 98; VIII, 7; XI, 74.
 Opuntia, VII, 28, 46, 50; IX B, 65; XI, 42.
 Opa-porobis, IX A, 24, 25; IX B, 67, 77; X, 282; XII, 139.
 Opaia, I, 98; XI, 23.
 Orquideas, I, 127, 149; II, 34, 35, 70, 74; III, 23, 58, 76; IV, 4; VII, 77, 78; IX A, 8, 9, 22, 28; X, 1, 39; XI, 6a, 11, 57, 57, 73b; XII, 29, 33, 35, 115-116, 139.
 Oshia, I, 150; II, 112, 136; X, 127.
 Pachira, IV, 74.
 Palangira, III, 32; XI, 3.
 Palangira, IV, 75; V, 78a.
 Palio, VII, 41.
 Panchatana, VIII, 116a.
 Papia, X, 149.
 Papilionáceas, X, 186.
 Passaia, I, 105; II, 109, 122, 134, 144; III, 18; XI, 65, 66; XII, 5, 22, 23.
 Passalora, I, 120a; II, 80; IV, 60; X, 80, 105, 122, 201.
 Pau d'água, VIII, 50, 61; XII, 128.

- Pau-de-canudo, II, 84, 84a, 147; IV, 73; V, 9, 11; VI, 21.
 Pau-de-colher, V, 43a.
 Pau-leiro, V, 41; X, 299.
 Paulinia, I, 144.
Pavonia arborea, VI, 37a.
 Pau-pereira, X, 36; XI, 14, 45.
 Pau-vintém, II, 154; X, 3.
 Pavônia, I, 148; IV, 62.
 Pavão, III, 10; X, 173.
Peleteria, X, 193.
Peleteria maculata, XII, 15b.
Peltogyne guianensis, V, 73.
Peltogyne macrocarpa, V, 57.
Peltogyne macrolobata, V, 21.
Peltogyne venosa, VIII, 121; XI, 22b.
 Perjúia, II, 28, 47. *See* VIII, 90.
 Pequim-amarelo, III, 25; IV, 102.
 Pequi-mirim, VI, 82.
 Pera, X, 183, 238.
Pera Fluminense, I, 191.
Pera Teodora, I, 191.
 Perafra, v, 45, 60.
Perallia paniculata, I, 106.
 Perdia, I, 191; VII, 2; X, 185, 271, 288; XI, 23a, 61.
 Perôia, v, 81; XII, 95, 97.
 Persequira, VII, 27; X, 204, 261.
Persea nycagiflora, III, 39.
 Pileolô, IX B, 55.
 Pilocampo, III, 53, 54a.
Pilocarpus spiratus, II, 2.
 Pimenta, I, 126.
 Pimenta-cunã, III, 63.
 Pimenta-de-cheiro-da-vermelha, IX A, 18a.
 Pinhão, IX A, 7, 12, 13, 15; IX B, 81; XI, 29, 29b, 32, 41, 42, 42a, XII, 84, 86.
 Piperáceas, I, 113, 114, 217.
 Pipi, VII, 12.
 Piracuru, III, 48.
 Piçônia, I, 14; II, 44; III, 27; IV, 63; VIII, 32, 64, 146; IX B, 69, 71, 73, 74, 75; X, 77; XI, 50a; XII, 111.
Placida alabastrina, IV, 14; V, 43.
 Pinda, VI, 16; XI, 20.
 Piraíra, IX A, 54; X, 143.
 Platiníscia, VII, 104.
Platyphorum elegans, III, 52.
 Plectrante, XI, 9.
 Plombago, XI, 80a.
Plumbago scandens, I, 60.
 Po-de-mico, X, 130.
Poinsettia pulcherrima, III, 5.
 Polidiana, II, 154a.
 Poligala, XI, 44.
 Poligalina, VII, 108.
 Poligonea, X, 3, 298.
 Polipódea, IX A, 33; IX B, 37.
Polygonia trifloris, VIII, 72.
 Pontederácea, XI, 2.
Portulaca grandiflora, XII, 112.
 Potulacária, I, 15.
 Potugúia, V, 8.
 Poucarna, VIII, 38, 53.
 Pratia, IV, 1; XI, 61c.
 Psidalia, I, 35.
 Pácio, I, 206; X, 27.
Pterocarpus, V, 57.
Pterocarpus batus, X, 269.
Pterocarpus nager, XI, 73.
Pterocarpus guianensis, VII, 41, 67a, 68; X, 103, 227.
Quaba gottschiana, VIII, 60, 64; XII, 138.
 Quetopódio, III, 17.
 Quina, VI, 31.
 Rarnaridées, I, 48, 140; IV, 44.
 Rândia, I, 156; II, 15, 20; XI, 13.
Reichenbachia umifera, III, 21.
 Rhipidolô, II, 144.
 Ricino, IX A, 51; X, 153; XI, 36.
 Rônia, II, 37.
 Rivônia, VII, 61, 63.
 Roffia, XII, 107.
 Roucou, IX B, 2.
 Rueta, II, 82.
 Rubiáceas, I, 104, 141, 179; II, 82, 107, 131; III, 38; IV, 30, 63; V, 15, 30, 78a, VII, 92, 113a; VIII, 17, 73, 107, 118; X, 207; XI, 13, 62; XII, 142.
Ruellia, I, 132; II, 50.
Ruellia priscotica, IV, 43.
Ruellia rotunda, II, 64.
Ruellia spicata, I, 201.
 Ruticoca, I, 108; II, 94; III, 53; IV, 56; V, 1, 2.
 Sabicea, VI, 103.
Sabicea ciliata, I, 104.
 Salvia, I, 23.
 Santa-lúcia, I, 39, 168; II, 36.
 Santa-lúzia, I, 172, 210; V, 20, 52; VI, 19, 19a, 98; VIII, 7; XI, 74.
 São-cristão, II, 9.
 Sapindáceas, I, 3, 100; II, 27, 126; IV, 120; VII, 1, 110; X, 118.
Sapirus, II, 57, 106; VII, 10; X, 258.
 Sapota, V, 10.
Sapotocora, I, 170, 199; II, 64, 88, 92, 93, 104, 117, 135; III, 51; IV, 11, 16, 67, 78, 84; V, 15, 18, 27-29, 34, 59, 68; VI, 51; VII, 23, 40a, 72, 106; VIII, 7, 38, 80, 91, 100, 114; X, 253; XII, 126.
 Sapucá, VI, 120; VIII, 53; X, 51; XII, 127.
 Sapurita-an-grande, XII, 112.
 Sapurita-depurá, III, 51a.
 Sapurita-médm, VIII, 26.
 Sapuca-am-ôde, XII, 94.
 Sarumá, I, 78.
 Sassafrás, V, 6; VIII, 58.
Sauraueria erecta, XII, 79.
 Schizolobium, X, 2, 30.
Schmidelia, I, 207.
Schmidelia tristis, II, 45, 65.

- Echopfia*, I, 112.
Echopfia americana, I, 59.
Schwenkia, I, 104; X, 152.
Sebastiania, I, 24.
Sebastiania dentata, XI, 5.
Sépio, I, 208.
Securidaca, I, 110.
Seguiera, VII, 74; X, 9.
Segetia, VIII, 41; XII, 146.
Serjania, I, 39, 34; XIV, 16.
Sesamum orientale, I, 6.
Sida, II, 5; IV, 2.
Sida carpinifolia, XIII, 15, 16, 17.
Sideroxylon, VIII, 39, 80.
Silene, I, 204; XI, 56b.
Silva, VI, 57.
Silene amabilis, IV, 69.
Silene, I, 142.
Silphium, VI, 42, 54, 99.
Sipidifolia, V, 8a, 4; VIII, 2; XII, 69.
Solanum, XII, 106, 110.
Solanum, IV, 22; VIII, 70, 94; XII, 62.
Solera, I, 42; X, 169.
Solanum caribaeum, I, 75.
Solanum, III, 70; VII, 21a, 41; IX, 3, 54; XI, 42a.
Solano, I, 70; IV, 34, 97; 121, 123; IX, 3, 54; XI, 46.
Solanum caribaeum, III, 70.
Solanum argenteum, XI, 25a.
Solanum, IV, 34a.
Solanum hexandrum, X, 15.
Solanum, III, 61.
Solanum tuberosum, III, 56b.
Solanum, X, 28.
Solidago, I, 27.
Sophronitis, III, 70.
Sorbus, II, 87; IV, 14; V, 7; VII, 10; X, 214; XII, 43.
Sporocarpium, XI, 69.
Sporocarpium, I, 7.
Sphaerolobium, I, 161; III, 29; X, 22.
Sphaerolobium, III, 51a.
Sphaerolobium, X, 149.
Sphaerolobium, IV, 36.
Sphaerolobium, XI, 20.
Sphaerolobium, VIII, 97.
Sphaerolobium, X, 167.
Sphaerolobium, X, 49.
Sphaerolobium, IV, 52; V, 55.
Sphaerolobium, II, 106; VIII, 123.
Sphaerolobium, II, 97.
Sphaerolobium, II, 86.
Sphaerolobium, I, 145; II, 148.
Sphaerolobium, X, 122.
Sphaerolobium, I, 71d, 125; II, 51; V, 32; X, 116.
Sphaerolobium, V, 75.
Sphaerolobium, V, 17; VI, 25.
Tachina, I, 157; IV, 110, 111; VII, 35; X, 60.
Tachina, I, 16; IV, 81; XI, 10.
Tachina, II, 11.
Tachina, IX, 41, 91.
Tachina, IX, 32; X, 53.
Tachina, I, 28; II, 54.
Tachina, IX, 12.
Tachina, III, 49.
Tachina, X, 32.
Tachina, X, 2, 29, 30.
Tachina, V, 42, 43; IX, 3, 29, 40-75; XII, 111.
Tachina, IX, 4, 56.
Tachina, VIII, 34, 52.
Tachina, X, 64.
Tachina, VI, 57; VII, 31; X, 281, 248.
Tachina, IV, 69.
Tachina, V, 32; VII, 95; X, 285; XII, 106.
Tachina, III, 43, 46.
Tachina, VI, 147; VII, 37; IX, 3, 23, 50, 57, 58; XII, 17, 119.
Tachina, V, 28; VI, 52a; X, 254; XII, 95.
Tachina, VI, 99, 90, 97, 103.
Tachina, IV, 124.
Tachina, I, 97; IV, 5.
Tachina, I, 98; XI, 23.
Tachina, II, 42; IV, 22; VII, 128; VIII, 20; X, 165; XII, 125.
Tachina, V, 95; VIII, 10.
Tachina, XI, 48a.
Tachina, I, 150; X, 212.
Tachina, I, 102, 200.
Tachina, I, 39; IV, 66; VII, 53, 100.
Tachina, I, 52, 90, 109, 129.
Tachina, II, 11.
Tachina, II, 129; III, 18; XII, 31; XIII, 14, 27.
Tachina, II, 58; IV, 1.
Tachina, I, 141.
Tachina, II, 9.
Tachina, VII, 111; XI, 17a; XII, 42.
Tachina, VIII, 23a; X, 25, 155.
Tachina, I, 192; II, 27; X, 60.
Tachina, IV, 56; V, 13; XI, 17.
Tachina, X, 97.
Tachina, I, 72, 73.
Tachina, IV, 29; X, 26.
Tachina, XII, 59.
Tachina, IX, 4, 16; XIII, 9.
Tachina, I, 124.
Tachina, X, 53.
Tachina, XIII, 38.
Tachina, II, 105, 121, 124; IV, 68; VI, 2; VII, 17; VIII, 75; IX, 8, 9; X, 110, 114; XI, 9; XII, 7.
Tachina, IV, 119, 111.
Tachina, XI, 58.
Tachina, I, 123; IV, 11.
Tachina, I, 51; II, 18.
Tachina, VI, 67, 84.
Tachina, IV, 118, 115a.
Tachina, I, 170a; V, 7; VII, 9; VIII, 66; X, 167a; XII, 118.
Tachina, IX, 4, 42, 45; X, 132; XI, 36.
Tachina, X, 92, XI, 42g.
Tachina, V, 82; VII, 30; X, 226.
Tachina, I, 203.
Tachina, IX, 48; IX, 66, 78.
Tachina, I, 33.
Tachina, VIII, 57.

- Vagrona*, III, 52; IX B, 17; X, 46.
Vaccaria, XI, 64.
Vassoucinha, V, 26.
Vassourinha, XI, 5.
Velloteia candida, II, 1.
Verbascu, I, 67.
Veronmia, II, 52.
Veronica fluminensis, II, 56.
Veslia, III, 25; X, 260.
Picentia acuminata, IV, 97.
Villarsia, VII, 85; 120; X, 286.
Villosia, I, 508.
Vinático, VI, 20, VIII, 5, 85, 47; IX B, 81; X, 275.
Vinhático-de-espinho, VI, 46.
Vinático-tosa-de-bot, VIII, 24.
Viola diffusa, VI, 11.
Viola mendonae, I, 164.
Vielarimena, I, 30, 101, 120, 164, 173, 183; IX B, 42; XII, 79.
Viania, VIII, 106.
Vitex, I, 71b; II, 11; VII, 62.
Vogelsia, III, 51; VI, 113; X, 83.
Xântio, II, 31.
Xandaleo, IV, 22.
Xilópia, I, 137; IV, 96.
Zanthoxylum dyetolowae, III, 25.
Zanthoxylum spinosum, IV, 56; V, 13.
Zizyphus arborea, V, 34.
Zizyphus rufus, V, 34.
Zolernaia, II, 26, 29.
Zolernaia maculosa, IV, 16; VIII, 4; XII, 47.
Zolernaia oblongifolia, VIII, 131.
Zoologia, II, 158; VI, 19, 21, (X) 11, 60, 82, 89.

INDICE DA "FLORA CEARENSE"

Abrejo-do-pará, IX, 17, 18.
 Acácia-juvencu, I, 10.
 Açaf, VIII, 5, 6.
 Acácia, I, 11.
 Acácia, II, 81; VII, 26; VIII, 46, 55.
 Alamandra, I, 42, 48; III, 46.
 Algodão-de-tapua, V, 42, 43.
 Alisma, III, 66.
 Almocega, I, 38; V, 27a; VI, 60.
 Almoceguera, V, 54.
 Alsea, I, 46a.
 Amaranthaceae, VIII, 9, 10.
 Amará, VI, 2c.
 Amarelhinha, II, 19.
 Amarello, III, 86; VI, 62.
 Amargoso, IV, 48.
 Amarillo, VI, 53, 90.
 Amazonia junicu, V, 16-18.
 Amicia, III, 98, 99; IV, 26; VI, 81.
 Anabá, VIII, 28.
 Andaca, I, 41.
 Andira, IV, 48; VI, 47.
 Andiroba, II, 75; VI, 89.
 Angelica, IV, 48; VI, 42, 43, 47.
 Angelonia bifida, III, 71.
 Angico, II, 62; III, 51.
 Anil aqu, IV, 43.
 Anil-do-mato, I, 7.
 Aninga, VII, 16-19; IX, 14.
 Annonaceae, III, 5, 28; V, 49; VI, 10, 72a, 72b, 80; VII, 24.
 Apetha, IV, 2.
 Apocináceas, I, 12, 42, 43; VI, 39, 49.
 Apulcia, I, 13; VII, 45.
 Araçazinho, V, 24; VIII, 40.
 Aroliaca, II, 21.
 Asapiaca, VI, 2a; 68.
 Arapoca, II, 19, 28, 24.
 Arctium, V, 11, VI, 89; VII, 24.
 Arceira, III, 65; IV, 8.
 Arceira-brava, IV, 23.
 Aróide, VII, 16-19; VIII, 59, 60.
 Artocarpus, IV, 44-46.
 Arvore-brava, IV, 11.
 Arvore-de-sebo, VI, 29.
 Arvore-do-turo, VI, 28.
 Asclepiadáceas, I, 33, 34; VIII, 11, 21, 49; IX, 37.

Asplodesperma, II, 64; III, 61, 74.
 Ata-brava, V, 8.
 Bacunirá, III, 20.
 Bacupari, II, 30; VI, 50.
 Bacuri, II, 32; IX, 19.
 Bahamulora, IX, 7.
 Balsamo, VI, 64.
 Barão-de-galinha, V, 5.
 Bepunácea, VII, 51; VIII, 45.
 Bignonáceas, I, 15, 26, 32; II, 41; III, 68; VI, 25, 68a; IX, 21, 41.
 Biltos, VI, 2c.
 Bixoca, VII, 25.
 Borão-de-velho, III, 92, 93.
 Brundão, II, 67.
 Bruma, III, 84.
 Bruma-do-sol, IV, 21.
 Burmannia semilapida (F. A.), VIII, 66.
 Butta-de-leite, VIII, 28.
 Butta-lenteira, VII, 6.
 Bucarácea, VII, 5.
 Butiroviaca, I, 52.

Caculphina ponderosa, I, 27.
 Café-do-mato, I, 56.
 Cajazeira, III, 78.
 Cajazeira-brava, VII, 13.
 Cajueiro-bravo, II, 22; V, 33.
 Calisthene, III, 85.
 Camará, I, 84.
 Camari, III, 5.
 Cana, IV, 20.
 Caná, IV, 20.
 Canafistula, I, 81, 102; IV, 39; VI, 51.
 Canela-de-vento, III, 48; IV, 22.
 Canelera, I, 68.
 Canunha, I, 4; I, 5.
 Canudo-bravo, VI, 24.
 Canudo-de-lagoa, III, 42-44.
 Capalides, I, 56; IV, 32.
 Capote, V, 32.
 Capriola, VII, 23.
 Carapa, II, 76.
 Caratua, III, 52; VI, 25.
 Caratua pementosa, VI, 25.
 Cardozo, I, 29; III, 50.
 Catuá, I, 68a; III, 14.

Caroba, I, 66; II, 54, 55; III, 72a; V, 35, 39; VII, 10; IX, 44.
 Carrasco, I, 32.
 Carrapicho de cavalo, IX, 54, 55.
 Carvosa, III, 65, 70, 85.
 Cascudo, VI, 77.
 Cacha, I, 58, 76; II, 11, 18; III, 10, 12, 18, 37; IV, 58; VIII, 7.
 Caxilha, II, 70.
 Castanheira, III, 64.
 Catanduba, II, 44-47.
 Catão (Pe. F. F.), I, 29; III, 50.
 Cattinga-de-porca, IX, 40.
 Cattingueira, IX, 40.
 Catolé, I, 69a; II, 49.
 Cauçú, I, 72, 73.
 Cauçu-de-mata, III, 54.
 Caulobretus (K. A.), VI, 69.
 Caxim, VIII, 28.
 Cedro, II, 62.
 Celastrea, VII, 34.
 Celastrea, I, 37; III, 58; IV, 12; V, 31.
 Chá, VII, 28.
 Chá-de-caiana, VII, 28.
 Chama, I, 40.
 Chioceira, I, 65; VII, 39.
 Chrysophyllum aeneum, VIII, 27, 68.
 Chrysophyllum obtusatum, IV, 58.
 Chrysophyllum perfoliatum, VI, 30a.
 Cica, VIII, 22.
 Ciperacea, VII, 40.
 Cipó-de-maua, VI, 69.
 Cipó-de-fogo, I, 6; II, 89, 71.
 Cipó-do-rio, I, 53.
 Cipura, IX, 13.
 Citar, VII, 38.
 Clavina, IV, 41.
 Clusiaceas, V, 40, 41; VI, 6, 31, 53, 50; VII, 30; IX, 17, 18.
 Coccoloba latifolia, I, 72, 73.
 Coco, I, 69.
 Cão-da-bata, I, 88a.
 Convolvulaceas, I, 24; VIII, 16.
 Condura, IV, 44-46; VI, 65, 72a, 72b.
 Connarus, VII, 7.
 Contra-crua, I, 54.
 Convolvulaceas, I, 77; II, 9, 58, 59, 60; III, 4, 18, 43, 45, 44; V, 6; VII, 49; VIII, 29, 61; IX, 29.
 Copalho, III, 33; IV, 10, 31.
 Copalheras, III, 38.
 Coação-de-negro, III, 91; VII, 32; VIII, 12-15.
 Coração-negro, VII, 32.
 Corda, IV, 5.
 Crisobalanças, II, 4; III, 22; VI, 5.
 Crista-de-galo, I, 12.
 Croton urticaria, I, 21.
 Cucurbitácea, II, 10.
 Cuipema, V, 27.
 Cumari, V, 51.
 Cupéira, III, 104; VI, 13, 14, 29.
 Cupéira, I, 56; VI, 30.
 Daubóidea, VII, 29.
 Dália, I, 88a.

Devilla, II, 71.
 Dilettaceas, I, 6; II, 71.
 Diuêla, I, 46; VI, 57.
 Diocoridacea, VIII, 1.
 Dióspira, IV, 14.
 Dorelândia, I, 54.
 Drásera, III, 47.
 Drusenica, IX, 1.
 Eclericeas, VI, 50; VIII, 40.
 Echites, I, 47.
 Echinopsaceas, III, 24; VI, 62.
 Embira, VII, 29.
 Embirataca, III, 7; IV, 33.
 Enabrylba, IX, 28.
 Engaga-vaca, VII, 21.
 Eusério, VI, 23.
 Epandura, II, 56; VII, 27.
 Avicoução, IX, 5, II, 12.
 Erva-de-passarinho, VI, 23.
 Erva-de-são, III, 9.
 Erva-tostão, V, 33.
 Erythrina, IV, 52.
 Escudulariaceas, IV, 25; VI, 38, 86; VII, 8, 18.
 Espinho, I, 67.
 Espinho-de-judeu, III, 39.
 Euforbiaceas, II, 14, 15, 67; III, 2; VI, 34, 70, 72, 82, 83; VII, 11, 34; VIII, 22, 23.
 Euphorbia obtusata, V, 35.
 Euzepe, VIII, 5, 6.
 Evulvus, V, 4; IX, 13.
 Faramea, IX, 33, 43.
 Fazele (V. Phaeolus).
 Faveira, III, 103; IV, 6.
 Faveira, VI, 87.
 Faveira, VI, 87.
 Feijó, II, 8.
 Figueira, I, 49; II, 57.
 Figueira-prêta, II, 26a.
 Filanto, V, 33.
 Geniãna, VII, 9.
 Gentiana, VIII, 64; IX, 10.
 Geoffroya superba, II, 12.
 Gesneriáceas, VII, 15; VIII, 33, 42.
 Girandola, VII, 31.
 Gongolo-alva, III, 62.
 Gorda, VII, 43.
 Guajira, I, 28.
 Guajira-vermelha, IX, 22.
 Guatimbo, VII, 14.
 Guayana-do-ocidente, IV, 21.
 Guatteria, VI, 65.
 Guaxima, I, 50.
 Guaxima, VI, 50a.
 Guiririnha, IX, 24.
 Guirigui, V, 28.
 Guiririnha, V, 12, 47, 48; VI, 2h.
 Guiririnha brasileira, V, 48.
 Guiririnha brasileira, VII, 31.
 Helicóides difusa, IX, 30.
 Herpestes, VIII, 8.
 Hidroclética, III, 59a.

- Hierácea, VI, 59.
 Hipocistáceas, VII, 56, 57.
 Hirtella, I, 9.
 Hirtella tomentosa, VI, 3, 4.
 Hucariácea, I, 59.
 Hyeterosma aratistana, II, 14, 15.
 Hypha, I, 35; VIII, 34.
 Hyssopacea, III, 88.

 Ilex, I, 33; VI, 69.
 Icó (fruto de), VI, 50, 52.
 Icó-branco, IV, 37.
 Illicina, VI, 35.
 Imburana, I, 64a; III, 82.
 Imburana-de-cheiro, V, 51.
 Ingá, III, 59, 60.
 Ingá-bravo, IV, 54; VII, 14.
 Ingá-feijão, VII, 50.
 Ingá, III, 101.
 Ingá-prata, IV, 54.
 Inimá, III, 73.
 Ipê, II, 69.
 Irídea, IX, 15, 16.

 Jacarandá, II, 54, 55; III, 91; IV, 19, 56; VI, 17a; VII, 19.
 Jacaré, II, 8.
 Janaguba, (V. Juncuba).
 Janduba, I, 23.
 Japuaranduba, V, 48.
 Jascaliá, I, 20.
 Jararaca, I, 2.
 Jarchá, III, 89; IV, 15; VI, 17.
 Jatrofa, I, 14.
 Jenipapo, IX, 31.
 Jenipapo (flor de), I, 27.
 Jeniparana, V, 48.
 Jeremata, III, 53.
 Jeruf, VII, 45.
 Jiquití, VI, 24.
 João-da-puça, II, 5.
 Jorandim, VIII, 72.
 Jureiro, I, 31.
 Juci, I, 57.
 Jucena, I, 10.
 Jucosa-branca, III, 69, 77; VI, 2a, 48.
 Jurema-prata, IV, 56; V, 45.
 Jurepeba, I, 25.
 Jurimupeúba, V, 31.
 Jussiea fluctuans, III, 67.

 Lactea, III, 50.
 Lanthus, I, 46; II, 70; VI, 31; VII, 9.
 Leguminosae, III, 13, 22, 25, 96, v. 7; VII, 14; VIII, 67.
 Litopódio, IX, 3.
 Litorea, VIII, 48.
 Loranthaceae, VI, 9, 16; VII, 31.
 Loranta, VIII, 5.
 Louro, III, 35; VII, 12.
 Louro-de-cristão, I, 63.
 Lucuma merracana, VII, 4.
 Lucuma montana, VII, 21.
 Lucuma peruviana, IX, 23, 25.
 Lucuma rivica, VI, 54, 55; IX, 24.
 Lucuma rivocord (V. — rivica).

 Macambira, III, 45.
 Macaranduba, II, 34-36; III, 20, 21; V, 30; VI, 12.
 Macaranduba-da-serra, V, 33.
 Madela-nova, IV, 11, 29.
 Magonia, III, 16a; VI, 61.
 Maíacaea, IX, 27, 38.
 Malpighiaceae, I, 9, 95; II, 25, 28; III, 41; VII, 44.
 Malvaceae, I, 85, 86; II, 32; VIII, 35.
 Manac-de-cachorra, VI, 15.
 Manac, I, 79; VI, 36.
 Marapuá, II, 5-8.
 Mandioca, V, 23.
 Mangue, II, 1, 42; IV, 25; VII, 20.
 Maricunga, I, 23; II, 66; IV, 42; V, 9; VI, 3.
 Maricunga, v. 32; VII, 46.
 Maritima guianensis, VI, 32, 33.
 Maracujá, VI, 73.
 Maracujá-de-cheiro, VI, 73.
 Maracujá-de-cobra, VI, 21a.
 Maracujá-de-cornuja, VI, 21a.
 Maracujá-de-estalo, VI, 73.
 Maracujá-peludo, VI, 73.
 Maracujá-peroba, IV, 57.
 Maregraviceae, VI, 74.
 Martim, V, 35.
 Mari, II, 12.
 Mela-prata, V, 44.
 Marizela, II, 12, 13.
 Marmelada, IV, 14; VI, 1.
 Macalpinum, V, 3.
 Mata-cabra (Pc. Teles), III, 42-44.
 Mata-fome, IV, 9.
 Melastomaceae, I, 78; II, 5-8, v. 1, 28; VIII, 17.
 Melastoma, I, 85.
 Merendiba, V, 35; VI, 7, 26, 32.
 Miliacea, IX, 47.
 Mimosa, I, 67; II, 44-47; III, 24, 39; IV, 35.
 Mimososa, II, 34-36; VI, 12.
 Mimososa trifida, III, 20, 21.
 Mimososa, VI, 64.
 Mirandea, VI, 11.
 Mirandea, I, 18; V, 3, 12, 24, 27; VII, 46, 50; IX, 2, 39.
 Miúna-de-sangue, VII, 33.
 Moimbo, I, 63, 82; II, 39, 74.
 Morombea formosa, VI, 31.
 Moron, II, 31; III, 8, 49.
 Mucuna, III, 13; IV, 17.
 Mucuna-branca, VIII, 52.
 Mucunipietá, IV, 24; VI, 66, 67.
 Mufuro (V. Mufuro).
 Mulungu, II, 30a; III, 54, 56; V, 50.
 Mutungu-bravo, VI, 23.
 Munguba, II, 18; III, 19; V, 22.
 Murici, II, 46; V, 13a.
 Murici-pitanga, I, 2a, 74; VII, 44.
 Murra, V, 21; VI, 63b.

- Muera-dos-tabeleros, V, 13.
Myracrodium urundeuha, IV, 8.
Myrsine Pandellii, IX, 27, 28.
 Nectandrea, I, 60.
 Neurocarpos, VIII, 20; IX, 38.
 Nhacé (V. Juchard).
 Ninféia, VIII, 63, 64.
 Noronho, VI, 74.
 Oiti, VI, 47; V, 30.
 Oiti-bravo, VI, 73.
 Oiticica, III, 22, 57.
 Oititubá, VI, 54-55.
 Olachacas, VI, 81; VII, 48.
Oncidium, II, 63; III, 89.
 Orelha-de-ouça, IV, 51.
Oryzoides, I, 80; II, 27, 50; III, 11; V, 48;
 VII, 27, 28; VIII, 52.
 Pacarás, V, 53.
 Pacol, V, 42, 43.
 Pajá, III, 26.
 Palicoque, VII, 20.
 Palmeira, I, 60a; VI, 84, 85; VIII, 5, 6.
 Panax, II, 21.
 Papacutus, VIII, 7a.
 Papagaio, VI, 5.
 Papilionáceas, II, 29; VIII, 25.
 Papo-de-peru, IV, 49, 50.
 Paraíba-branca, VI, 76.
 Paraíba-brava, VI, 75.
 Passiça, II, 70; VI, 10.
 Paricari, VIII, 62; IX, 6.
 Parísa, III, 30.
 Passiflora, VI, 21; VIII, 36-38.
 Pati, VI, 84, 85.
 Pau-branco, VII, 12.
 Pau-d'arco, II, 53; III, 34; IV, 18.
 Pau-d'arco-de-chefre, III, 91.
 Pau-d'arco-roxo, II, 50.
 Pau-de-jangals, IV, 4.
 Pau-de-sourandiba, V, 85.
 Pau-de-moró, III, 59a, 52.
 Pau-d'óleo, IV, 10.
 Pau-de-sorote, III, 72.
 Pau-ferro, VIII, 7.
 Pau-peraíba, III, 27; IX, 46.
 Pau-pombo, I, 30.
 Peandá, III, 70.
 Pequidá, I, 75.
 Pezixil, III, 40.
 Peúba, IV, 2.
Phaseolus, II, 30; III, 80; VIII, 24.
 Pinhão bravo, II, 17.
 Pirauá, II, 51, 52; V, 23.
 Piriquiti, V, 14.
 Plantas não classificadas, I, 80, 81; II, 69;
 III, 10, 100; IV, 3, 15, 53, 58; V, 10, 15,
 19-21; VI, 43-46; VII, 35.
Plumaria, I, 23.
 Pouteriária, VIII, 44.
 Portulácea, I, 2.
 Purga-de-quatro-palacas, I, 42, 43.
 Ranolfo, I, 43.
Ricliadromia rosea, IX, 42.
 Rubiáceas, I, 45; IX, 42, 43.
 Sabá-da-terra, V, 35.
 Salverbia, VI, 70.
 Sangue-de-boi, II, 14, 15.
 Santa-luzia, V, 33.
 Securidaca, V, 53.
 Seguraria, VII, 52.
 Simaba, VII, 2.
 Sinaruba, II, 72; III, 27.
 Sinanfria, VIII, 56.
Stachytarpha angustifolia, VIII, 47.
Stemodia, III, 90; IV, 23.
Stillingia, II, 48; VII, 6.
Strychnos, IX, 26.
Strychnos, III, 87.
Sylvestranthea, I, 70.
 Symplocos, VII, 22.
Tachigala minutiflora (E. A.), VI, 71.
Tachigala sericea (E. A.) (V - *minutiflora*).
 Tália, III, 58.
 Tecoma, IV, 19.
 Terebintácea, I, 39.
 Ternstroemiáceas, V, 42, 43.
 Tetrácea, II, 39.
Tetranthea, VIII, 82; IX, 6.
 Ticooca, I, 44a.
 Tifândia, VIII, 41.
 Tiliácea, VIII, 35.
 Timbopeba, III, 16a.
 Tingri-capeta, III, 10a.
 Tradescância, VIII, 50.
 Triquiá, IV, 34; VI, 52.
 Turnerácea, I, 40.
 Umariboles, II, 12.
 Ureucrana, II, 14, 15.
 Urupéba, III, 50.
 Uruba braba, V, 24a.
 Uvaia-de-cachorro, V, 24a.
 Viola(nes), VI, 40, 41.
 Violeta, III, 87, 91.
Vitex, IV, 40; VI, 15, 37; VII, 13.
Vitex peruviana, III, 53.
 Voquiáceas, III, 28; VI, 79.
Waltheria, III, 75.
 Ximena, III, 28, 29; VI, 81.

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA
GRÁFICA OLÍMPICA EDITORA, LTDA.
RIO DE JANEIRO - BRASIL